

se conueniunt no esten millois.



Rodrigo Simões Ferreira Gomes

A Escrita da Guerra na Antiguidade e em Bizâncio: O *De Re Strategica* de Siriano *Magistros* (sécs. IX/X)

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Doutor João Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A Escrita da Guerra na Antiguidade e em Bizâncio: O *De Re Strategica* de Siriano *Magistros* (sécs. IX/X)

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A Escrita da Guerra na Antiguidade e em Bizâncio: O <i>De Re Strategica</i> de Siriano <i>Magistros</i> (sécs. IX/X)
Autor/a	Rodrigo Simões Ferreira Gomes
Orientador/a	Professor João Manuel Filipe Gouveia Monteiro
Júri	Presidente: Doutora Maria Alegria Fernandes Marques Vogais: 1. Doutora Carmen Isabel Leal Soares 2. Doutor João Manuel Filipe Gouveia Monteiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	História Militar
Data da defesa	19-02-2018
Classificação	18 valores



Resumo

A polemografia do mundo Antigo e Bizantino (herdeiro do primeiro) constitui uma das vertentes das culturas clássica e medievais que mais interesse tem vindo a despertar na historiografia internacional mais recente. O seu estudo é fundamental para a compreensão do *modus operandi* da arte bélica nos seus vários contextos, assim como para a sistematização das várias perceções que as elites culturais, sociais, políticas e militares possuíam sobre este assunto. Deste modo, procuramos, sobretudo, apresentar as linhas gerais de continuidade e ruptura entre o conteúdo destas obras greco-romanas e bizantinas, sistematizando, o mais sinteticamente possível, os quatro períodos de maior proliferação deste tipo de trabalhos: o seu aparecimento no mundo grego clássico (especialmente no séc. IV a.C.); uma nova etapa (sécs. I a.C. a IV/V), possivelmente a de maior produção, que acompanha os finais da República e do Império Romano do Ocidente; a produção dos primeiros tratados medievais bizantinos, durante a Antiguidade Tardia (sécs. V a VII); um último momento (sécs. IX a XI) no qual são produzidos trabalhos mais originais, mas que nunca descuram os conteúdos da tratadística mais antiga.

O *De Re Strategica*, tratado militar produzido, muito possivelmente, em meados do período médio-bizantino (sécs. IX/X) por um oficial da administração bizantina (Siriano *Magistros*), representa uma das obras medievais que melhor exemplifica esta simbiose entre a cultura militar escrita da Antiguidade e os opúsculos elaborados pelos tratadistas bizantinos. Assim sendo, a análise pormenorizada dos aspetos formais e do conteúdo deste escrito, assim como a reconstituição, o mais rigorosa possível, da evolução da tratadística militar antiga e bizantina constituem os principais objetivos desta dissertação. Só através da apresentação das características gerais deste estilo literário é que conseguimos descortinar a natureza do *De Re Strategica* que procura, sobretudo, recuperar alguns dos *topoi* da literatura militar antiga, em vez de somente reproduzir aspetos concretos da guerra bizantina da Plena Idade Média.

Palavras-Chave: História Militar; Antiguidade Clássica; Império Bizantino; Tratadística Militar; Siriano *Magistros*; *De Re Strategica*.

Abstract

The polemography of the Ancient and Byzantine world (the last being the heir of the first) constitutes one of the main branches of classical and medieval cultures which led to an increase of its interest by the most recent international historiography. Its study is of the utmost importance for the comprehension of the military arts' *modus operandi*, regarding its various contexts as well as for the systematization of the different cultural, social, political and military perceptions held by the elites, regarding this very same matter. As such, our goal is to present said graeco-roman and byzantine works main guidelines of continuity and/or breaking points, systematizing, in a somewhat synthetic way, the principal four periods of its proliferation: the beginning in the Classical World (4th Century B.C.); a new phase (1st Century B.C. to 4th/5th Century A.D.), possibly the one with the most works written, that spans from the ending of the Roman Republic to the ending of the Western Roman Empire; the writing of the first medieval byzantine military treaties, during Late Antiquity (5th to 6th Century A.D.), and a last moment (9th to 11th Centuries), where the most original works were produced without, however, forgetting the contents of former classical-shaped works.

The *De Re Strategica*, a military treaty written, possibly, during the mid-middle byzantine period (9th/10th centuries) by a byzantine administrative officer (Syrianus *Magistros*), represents one of the best examples of medieval writings regarding the symbiosis between ancient military written culture and the works of byzantine military writers. As such, the detailed analysis of the formal aspects and contents of said treaty, as well as the reconstitution, as far rigorous as possible, of ancient and byzantine military writing of war's evolution constitute the main goals of this thesis. It is only by explaining this literary genre's characteristics that we are able to acknowledge the *De re Strategica*'s nature which, above everything else, aims to uncover ancient military literature's *topoi*, instead of replicating several and specific aspects of Early Middle Age's byzantine warfare.

Key-Words: Military History; Classical Antiquity; Byzantine Empire; Military Treatises; Syrianus *Magistros*; *De Re Strategica*.

*Para os meus avós paternos,
por todo o carinho e dedicação
que sempre depositaram em mim.*

Agradecimentos

A escrita de um texto com esta natureza não deixa de constituir um processo árduo e exigente, mas, ao mesmo tempo, prazeroso e concretizador. Deste modo, apesar de por vezes, durante a redação desta dissertação, optar por um certo isolamento, não posso deixar de agradecer a um conjunto de pessoas cujo incentivo e apoio foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor João Gouveia Monteiro. As suas aulas e ensinamentos foram os principais responsáveis pelo interesse e gosto pela História Militar, especialmente a do Mundo Antigo e Medieval, que fui desenvolvendo logo nos primeiros anos da licenciatura em História. Há pouco mais de três anos, este interesse pessoal adquiriu um novo alento quando me foi dada a conhecer, pelo Professor João Gouveia Monteiro, a possibilidade de conciliar o estudo militar de ambos os períodos cronológicos, através da análise da História Militar do Império Bizantino. Durante estes últimos anos, para além do enorme apoio que me deu, não me deixou fraquejar, acreditando sempre na conclusão do presente trabalho. Por todos os ensinamentos, dedicação, paciência e amizade que demonstrou ter para comigo, ficarei eternamente agradecido. É, certamente, graças a ele que descobri o enorme interesse e prazer em estudar a História de Bizâncio.

Para a realização de um trabalho com um tema tão “descorado” pela historiografia portuguesa, foi necessária a consulta de fontes e estudos que, infelizmente, não existem nas bibliotecas e arquivos nacionais. Deste modo, senti a necessidade de estabelecer contacto com o Professor Salvatore Cosentino (Universidade de Bolonha) que, tão amável e prontamente me recebeu no seu gabinete, em Ravena. Neste sentido, agradeço-lhe por todas as observações preciosas relativas à estrutura deste texto, assim como por me ter facultado alguns dos artigos que utilizei, essenciais para a organização do conteúdo da presente dissertação.

Sem grandes particularidades, agradeço aos funcionários dos institutos e biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por toda a sua dedicação, paciência e amabilidade que tiveram em procurar e encontrar muitas das obras que lhes fui pedindo.

Agradeço ao Gustavo Gonçalves, João Nisa e João Paiva, com os quais iniciei este percurso pelo mundo bizantino por toda a sua disponibilidade em partilhar ideias construtivas, assim como bibliografia. Agradeço de igual modo a ajuda na revisão de diversas partes da dissertação e, sobretudo, pela enorme amizade e boa disposição que introduziram às inúmeras sessões de trabalho.

Um especial agradecimento aos meus colegas e queridos amigos Laura Oliveira, Joana Costa e Luís Barbosa pela enorme dedicação com que me foram revendo o trabalho, todos os conselhos construtivos que me foram dando e toda a compreensão que foram tendo comigo durante este processo.

Ao João Rainho, Márcia Costa, Joel Perpétuo, Robson Almeida, Cátia Mendes e tantos outros colegas e amigos, gostava de agradecer a enorme amizade e palavras de incentivo que tanto me foram marcando não só nestes últimos dois anos de dissertação, mas durante toda a minha vida.

Não existem palavras suficientes para exprimir toda a gratidão que tenho para com a minha família. Ao meu pai gostava de agradecer todo o apoio durante este processo. À minha tia gostava de agradecer todo o incentivo, palavras de apoio e carinho que me foi dando. Por fim, aos meus avós, agradeço o enorme esforço que têm feito em me ajudarem durante estes últimos 4 anos mais turbulentos da minha vida, sem vocês eu nunca teria conseguido ser o que sou hoje.

Lista de abreviaturas e siglas das obras e autores citados

Os escritores e obras da cultura grega são referenciados de acordo com as siglas e abreviaturas de LIDDELL, Henry George & SCOTT, Robert – *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon Press, 1996 (reimpr.).

Os da Antiguidade Latina são mencionados segundo as indicações de GLARE, P. G. W. – *Oxford Latin Dictionary*, Oxford: Clarendon Press, 1968.

Por fim, as abreviaturas utilizadas para citar os escritos bizantinos seguem o modelo apresentado em SOPHOCLES, E. A. – *Greek Lexicon of the Roman and Byzantine Periods (From B.C. 146 to A.D. 1100)*, Cambridge: Harvard University Press, 1914.

Ael. Tact. ***Disposições Militares dos Gregos de Eliano*** [MATTHEW, Christopher – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012.].

Aen. Tact. ***Comentários de Poliorcética de Eneias*** [HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948.].

Amm. Marc. ***Histórias de Amiano Marcelino*** [ROLFE, John C. – *Ammianus Marcellinus in Three Volumes*, Vols. I-III, Loeb Classical Library, Nº. 300, 315 e 331, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1939-1950.].

Anon. Reb. Bel. ***Sobre Assuntos Militares de autor anónimo*** [GIARDINA, Andrea – *Anonimo, Le Cose Della Guerra*, Scrittori Greci e Latini, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1989.].

- Apollod. Poliorc.** *Poliorcética de Apolodoro de Damasco* [WHITEHEAD, D. – *Apollodorus Mechanicus: siege matters (Πολιορκητικά)*, Historia Einzelschriften, N°. 216, Estugarda: Franz Steiner, 2010.].
- Arr. Alan.** *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos de Arriano* [GILLIVER, C. M. – *The Roman Art of War*, Gloucestershire: Tempus Publishing, 1999, pp. 178-180.].
- An.** *Expedição de Arriano* [ROBSON, E. Iliff – *Arrian in Two Volumes*, Vols. I e II, Loeb Classical Library, N°. 236 e 269, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1966-67.].
- Tact.** *Ciência Teórica de Arriano* [HYLAND, Ann – *Training the Roman Cavalry: From Arrian's Ars Tactica*, Londres: Grange Books, 1993, pp. 69-88.].
- Ascl. Tact.** *Teoria Tática de Asclepiódoto* [HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, N°. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948.].
- Ath. Mech.** *Sobre Máquinas de Cerco de Ateneu “o Mecânico”* [WHITEHEAD, D. & BLYTH, P. H. – *Athenaeus Mechanicus: On Machines translated with introduction and commentary*, Historia Einzelschriften, N°. 182, Estugarda: Franz Steiner, 2004.].
- Bitó.** *Construção de Armas de Cerco e Artilharia de Bítón* [MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971.].
- Cae. Civ.** *Guerra Civil de Júlio César* [PESKETT, A. G. – *Caesar: The Civil War*, Loeb Classical Library, N°. 39, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1928.].

- Gal.** *Guerra da Gália de Júlio César* [EDWARDS, H. J. – *Caesar: The Gallic War*, Loeb Classical Library, N°. 72, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1958.].
- Cic. Off.** *Sobre os Deveres de Cícero* [MILLER, Walter – *Cicero: De Officiis*, Loeb Classical Library, N°. 30, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1913.].
- Const.** *Discursos Militares de Constantino VII* [HALDON, John – *Constantine Porphyrogenitus, Three Treatises on Imperial Military Expeditions*, Corpus Fontium Historiae Byzantinae, Vol. XXVIII, Viena: Academia austríaca de Ciência, 1990 & MCGEER, Eric – “Two Military Orations of Constantine VII” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 111-135.].
- D.C.** *História Romana de Dião Cássio* [CARY, Earnest – *Dio’s Roman History in Nine Volumes*, Vols. I-IX, Loeb Classical Library, N°. 32, 37, 53, 66, 82-83 e 175-177, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1914-1927.].
- D.H.** *História Antiga de Roma de Dionísio de Halicarnasso* [CARY, Earnest – *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus in Seven Volumes*, Vols. I-VII, Loeb Classical Library, N°. 319, 347, 357, 364, 372, 378 e 388, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1937-1950.].
- D.S.** *Biblioteca Histórica de Diodoro Sículo* [OLDFATHER, C. H. – *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes*, Vols. I-XII, Loeb Classical Library, N°. 279, 303, 340, 375, 377, 384, 389-390, 399, 409 e 422-423, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1933-1967.].

- Foc. Mil.** *Organização de uma Campanha de Nicéforo II Focas* [DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.].
- Prae.** *Instruções de Guerra de Nicéforo II Focas* [MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008, pp. 12-78.].
- Vel.** *Guerrilha de Nicéforo II Focas* [DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.].
- Fron. Str.** *Estratagemas de Frontino* [BENNETT, Charles E. – *Frontinus: The Stratagems and the Aqueducts of Rome*, The Loeb Classical Library, N°. 174, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1925, pp. 3-330.].
- Hdt.** *Histórias de Heródoto* [GODLEY, A. D. – *Herodotus in Four Volumes*, Vols. I-IV, Loeb Classical Library, N°. 117-120. Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1920-1925.].
- Hero.** *Introdução à Poliorcética de Pseudo-Héron* [SULLIVAN, Denis – *Siegecraft: Two Tenth-Century Instructional Manual By "Heron of Byzantium"*, Dumbarton Oaks Studies, N°. XXXVI, Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 2000.].
- Hero. Bel.** *Manual de Artilharia de Héron* [MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971.].
- Cheir.** *Sobre Catapultas de Héron* [MARSDEN, E. W. - *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971.].

- Hom. Il.** *Ilíada de Homero* [LOURENÇO, Frederico – *Homero: Ilíada*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005.].
- Hyg.** *Sobre as Fortificações de um Acampamento de Pseudo-Higino* [LENOIR, M. Maurice – *Pseudo-Hygin: Des Fortifications Du Camp*, Paris: Les Belles Lettres, 1979.].
- Leo. Tactica.** *Tática de Leão VI* [DENNIS, George – *The Taktika of Leo VI: Text, Translation, and Commentary, Dumbarton Oaks Texts*, Nº. 12, Washington: Harvard University Press, 2010.].
- Liv.** *História de Roma desde a Fundação da Cidade de Tito Lívio* [VILLAR VIDAL, José Antonio – *Tito Livio: História de Roma Desde su Fundación*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 144-145, 148, 176-177, 183, 187 e 192, Madrid: Editorial Gredos, 1990-2008.].
- Mauric. Strat.** *O Stratēgikón do Imperador Maurício* [DENNIS, George T. – *Maurice's Strategikon: Handbook of Byzantine Military Strategy*, EUA: University of Pennsylvania Press, 1984.].
- Obs. Tol.** *Como Resistir a um Cerco de Anónimo* [SULLIVAN, Denis – “A Byzantine Instructional Manual on Siege Defense: The *De Obsidione Toleranda*” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 139-266.].
- Onos.** *O General de Onasandro* [HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948.].
- Our. Tact.** *Tática de Nicéforo Ouranos* [MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sheridan Books, 2008 & JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H.

– *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006.].

Ph. **Bel.** ***Construção de Artilharia (Sintaxe Mecânica) de Filo de Bizâncio***
[MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*,
Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 105-185.].

Pol. ***Poliorcética (Sintaxe Mecânica) de Filo de Bizâncio*** [GARLAN,
Yvon (trad.) – *Recherches De Poliorcétique Grecque*, Paris: Ecole
Française d'Athènes, 1974.].

Phot. ***Biblioteca de Fócio*** [HENRY, René – *Photius Bibliothèque*, Tomos I-
IX, Collection Byzantine de l'Association Guillaume Budé, Paris: Les
Belles Lettres, 1959-1991.].

Plb. ***Histórias de Políbio*** [PATON, W. R. – *Polybius: The Histories in Six
Volumes*, Vols. I-VI, Loeb Classical Library, N.º. 128, 137-138 e 159-
161, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William
Heinemann Ltd., 2010-2012.].

Plin. ***Historia Natural de Plínio ‘o Velho’*** [RACKHAM, H. – *Pliny:
Natural History in Ten Volumes*, Vol. I-X, Loeb Classical Library, N.º.
330, 352-353, 370-371, 392-394, 418-419, Cambridge: Harvard
University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1938-1962.].

Plu. ***Aem.*** ***Vidas Paralelas (Paulo Emílio) de Plutarco*** [PERRIN, Bernadotte –
Plutarch's Lives in Eleven Volumes, Vol. VI: “Dion and Brutus,
Timoleon and Aemilius Paulus”, Loeb Classical Library, N.º. 98,
Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann
Ltd., 1961.].

Brut. ***Vidas Paralelas (Brutos) de Plutarco*** [PERRIN, Bernadotte –
Plutarch's Lives in Eleven Volumes, Vol. VI: “Dion and Brutus,
Timoleon and Aemilius Paulus”, Loeb Classical Library, N.º. 98,

Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1961.].

Cat. Ma. *Vidas Paralelas (Catão “o Velho”) de Plutarco* [PERRIN, Bernadotte – *Plutarch’s Lives in Eleven Volumes*, Vol. II: “Themistocles and Camillus, Aristides and Cato Major, Cimon and Lucullus”, Loeb Classical Library, N.º. 47, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1968.].

Cleom. *Vidas Paralelas (Cleomenes) de Plutarco* [PERRIN, Bernadotte – *Plutarch’s Lives in Eleven Volumes*, Vol. X: “Agis and Cleomenes, And Tiberius and Caius Gracchus Philopoemen and Flamininus”, Loeb Classical Library, N.º. 102, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1959.].

Pel. *Vidas Paralelas (Pelópidas) de Plutarco* [PERRIN, Bernadotte – *Plutarch’s Lives in Eleven Volumes*, Vol. V: “Agesilaus and Pompey, Pelopidas and Marcellus”, Loeb Classical Library, N.º. 87, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1955.].

Phil. *Vidas Paralelas (Filopémen) de Plutarco* [PERRIN, Bernadotte – *Plutarch’s Lives in Eleven Volumes*, Vol. X: “Agis and Cleomenes, And Tiberius and Caius Gracchus Philopoemen and Flamininus”, Loeb Classical Library, N.º. 102, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1959.].

TG. *Vidas Paralelas (Tibério Graco) de Plutarco* [PERRIN, Bernadotte – *Plutarch’s Lives in Eleven Volumes*, Vol. X: “Agis and Cleomenes, And Tiberius and Caius Gracchus Philopoemen and Flamininus”, Loeb Classical Library, N.º. 102, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1959.].

Polyaen. *Estratagemas de Polieno* [MARTÍN GARCÍA, Francisco & VELA TEJADA, José – *Eneas el Tático: Poliorcética, Polieno:*

Estratagemas, Biblioteca Clásica Gredos, N.º. 157, Madrid: Editorial Gredos, 1991.].

- Procop.** *Goth.* ***História das Guerras: Guerra Gótica de Procópio*** [DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vols. III-V, Loeb Classical Library, N.º 107, 173 e 217, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons., 1919-1928.]
- Pers.* ***História das Guerras: Guerra Pérsica de Procópio*** [DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. I: “History of the Wars, Books I and II”, Loeb Classical Library, N.º 48, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914.]
- Vand.* ***História das Guerras: Guerra Vândala de Procópio*** [DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. II: “History of the Wars, Books III and IV”, Loeb Classical Library, N.º 81, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1916.]
- Aed.* ***Os Edifícios de Procópio*** [DEWING, H. B. – *Procopius in Seven Volumes*, Vol. VII: “Buildings, General Index to Procopius”, Loeb Classical Library, N.º. 343, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1971.].
- QN.* ***Questões Naturais de Séneca*** [HINE, Harry M. – *Lucius Annaeus Seneca: Natural Questions*, The Complete Works of Lucius Annaeus Seneca, Londres: The University of Chicago Press, 2010.].
- Sir.** *Strat.* ***Sobre Estratégia de Siriano Magistros*** [DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.].

- Nau.** *Naumaquia de Siriano Magistros* [JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006.].
- Ret.** *Retórica Militar de Siriano Magistros* [ERAMO, Immacolata – *Siriano: Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010.].
- Tac. Ann.** *Anais de Tácito* [WOODMAN, A. J. – *Tacitus: The Annals*, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.].
- Th.** *História da Guerra do Peloponeso de Tucídides* [SMITH, Charles Forster – *Thucydides in Four Volumes*, Vols. I-IV, Loeb Classical Library, N.º. 108-110 e 169, Cambridge: Harvard University Press, 1919-1923.].
- Theoph. Sim.** *História de Teófilo Simocata* [WHITBY, Michael & WHITBY, Mary – *The History of Theophylact Simocatta*, Oxford: Oxford University Press, 1986.].
- Urb. Epit.** *A Invenção de Urbício* [GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – “Urbicius’ Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, vol. 98, 2005, pp. 35-74.].
- Veg.** *Compêndio de Arte Militar de Vegécio* [MONTEIRO, João Gouveia & BRAGA, José Eduardo – *Vegécio: Compêndio de Arte Militar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.].
- Vitr.** *Tratado de Arquitetura de Vitruvius* [GRANGER, Frank – *Vitruvius: On Architecture in Two Volumes*, Vols. I-II, Loeb Classical Library, N.º. 251 e 280, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1931-1934.].

- X.** **An.** **Anabasis de Xenofonte** [BROWNSON, Carleton L. – Xenophon in Seven Volumes, Vol. III, Loeb Classical Library, N.º. 90, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1998.].
- Eq. Mag.** **O Comandante de Cavalaria de Xenofonte** [MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, N.º. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946.].
- Cyn.** **Tratado da Caça de Xenofonte** [MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, N.º. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946.].
- HG.** **Hellenica de Xenofonte** [BROWNSON, Carleton L. – *Xenophon – Hellenica*, Vol. I-II, Loeb Classical Library, N.º. 88-89, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1918-1921.].
- Mem.** **Memórias de Xenofonte** [MARCHANT, E. C. & TODD, O. J. – *Xenophon - Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*, Loeb Classical Library, N.º. 168, Cambridge: Harvard University Press, 1997.].

Índice

Resumo	i
Abstract.....	iii
Agradecimentos	v
Lista de abreviaturas e siglas das obras e autores citados	vii
Introdução.....	3
I. – Um legado da cultura clássica - a tratadística militar bizantina.....	10
I.I. – A génese da literatura militar - de Homero a Vegécio.....	11
I.II. – A escrita da guerra em Bizâncio – tradições e originalidades	39
II. – O Compêndio Militar de Siriano <i>Magistros</i> - considerações prévias.....	58
III. – O <i>De Re Strategica</i> e as reminiscências da cultura militar clássica	74
III.I. – Os princípios de defesa do <i>Sobre Estratégia</i> (caps. 6-13).....	76
III.II. – Eliano e a secção táctica do <i>De Re Strategica</i> (caps. 16-32)	80
III.III. – Expressões máximas da originalidade do <i>De Re Strategica</i> (caps. 33-47).....	96
Conclusão	109
Bibliografia.....	114
Fontes.....	114
Estudos.....	119
Anexo I – Lista de Traduções dos Tratados de Siriano <i>Magistros</i>	I
Anexo II – Glossário	III
Anexo III – Mapas, Esquemas e Imagens	VIII
Mapa 1 – Origem dos polemógrafos da 1ª fase de literatura militar clássica	VIII
Mapa 2 – Nascimento dos escritores militares da 2ª fase de polemografia clássica.....	IX
Mapa 3 – Origem dos filósofos militares bizantinos	X
Mapa 4 – Cidades da Grécia Antiga	XI
Mapa 5 – Império Romano durante os sécs. I e II	XII
Mapa 6 – Império Bizantino ao tempo de Justiniano I	XIII

Esquema 1 – Componentes de uma falange	XIV
Esquema 2 – Composição de um Sintagma.....	XV
Esquema 3 – <i>Volte-Face</i> (<i>μεταβολή</i>).....	XVI
Esquema 4 – Tripla rotação (<i>περιστροφή</i>)	XVII
Esquema 5 – Regresso à posição original do soldado (rotação quadrupla).....	XVIII
Esquema 6 – Contramarcha Macedónica (por coluna).....	XIX
Esquema 7 – Contramarcha Lacónica (por coluna).....	XX
Esquema 8 – Contramarcha Córica/Cretense/Persa (por coluna)	XXI
Esquema 9 – Progressão (<i>προσταζίς</i>) de ambos os flancos da falange.....	XXII
Esquema 10 – Colocação de infantaria ligeira nos espaços entre as colunas das falanges	XXIII
Esquema 11 – Introdução de tropas ligeiras na retaguarda da falange	XXIV
Esquema 12 – Apresentação de soldados ligeiros nos flancos das subunidades da falange	XXV
Esquema 13 – Progressão dos guerreiros mais recuados para os espaços vazios entre colunas (<i>παρεμβολή</i>)	XXVI
Esquema 14 – Unidade de duas frentes verticais (<i>αντίστομος</i>).....	XXVII
Esquema 15 – Unidade de duas frentes horizontais (<i>ἀνφίστομος</i>).....	XXVIII
Anexo IV – Tabelas.....	XXIX
Tabela 1 - Tratados greco-romanos e bizantinos distribuídos pelos manuscritos principais	XXIX
Tabela 2 – Remissões para o <i>Stratēgikón</i> , a <i>Taktiká</i> e a <i>De Re Strategica</i>	XXXIII
Anexo V - Cronologia político-militar e cultural do Mundo Antigo	CXLII

Introdução

Verdadeiro herdeiro da erudição militar clássica na medievalidade, o império bizantino conservou, ao longo dos seus mais de mil anos de existência (330 – 1453)¹, um conjunto de preceitos militares retirados dos escritos greco-romanos, que influenciaram, decisivamente, o modo com que os generais e, sobretudo, os governantes bizantinos problematizavam a guerra. As próprias mutações que o paradigma militar romano sofreu durante a Antiguidade Tardia (sobretudo a transição da proeminência da infantaria pesada para uma maior utilização de cavalaria) não conseguiram quebrar estes moldes tradicionais de perceber a arte bélica, estabelecidos pelos primeiros filósofos militares gregos (do séc. IV a.C.) e enriquecidos por uma série de escritores do período imperial romano e do universo cultural bizantino. Ora, as obras destes eruditos teriam, primordialmente, propósitos propedêuticos, servindo essencialmente para educar os seus leitores nas artes de treinar, de organizar e de comandar um corpo armado.

Por outro lado, são várias as situações em que estes géneros de textos eram encomendados pelas próprias entidades governativas (ou por familiares próximos destas) a comandantes que se tinham destacado numa determinada campanha de especial relevância, o que, por sua vez, demonstrava que a produção destes opúsculos obedecia frequentemente a interesses político-propagandísticos. Para além disso, a ausência de academias militares que pudessem formar os oficiais necessários para cumprir as exigências hierárquicas dos exércitos antigos e medievais criaria uma dependência dos comandantes em relação à experiência que fossem adquirindo empiricamente, mas também os obrigaria a procurar este género de trabalhos, que continham os preceitos teóricos essenciais para um bom entendimento da arte militar do seu tempo. Deste modo, apesar de ser discutível a utilidade de alguns dos conteúdos deste género de escritos para um general que se encontrasse em campanha, a sua própria proliferação denota uma necessidade clara, por parte dos estratos mais cultos da sociedade antiga e do mundo bizantino, de manifestar a sua sabedoria militar.

A presente dissertação pretende, portanto, analisar, o mais detalhadamente possível, as várias linhas de pensamento militar antigas, no que à guerra terrestre (*πεζομαχία*) diz respeito, assim como as suas repercussões na tratadística bizantina da Antiguidade Tardia e do renascimento cultural dos sécs. IX a XI. Com este fim, foi selecionado o tratado militar bizantino que, possivelmente, melhor exemplifica esta simbiose entre os preceitos culturais

¹ Claro está que estamos a adotar os marcos cronológicos mais convencionais e latos para o aparecimento e fim do Império Romano do Oriente.

antigos relativos à guerra terrestre e à literatura bizantina: trata-se do *Sobre Estratégia (De Re Strategica)*, um pequeno texto militar produzido por uma personagem incógnita, referenciada convencionalmente por Siriano *Magistros* (possivelmente um oficial bizantino), cuja datação se mantém discutível (as propostas mais viáveis apontam para o séc. VI ou para os sécs. IX-X). Este escrito tem vindo a ser considerado como inserido num manual militar de maiores dimensões (que também incluiria uma secção dedicada à naumaquia e outra centrada na retórica militar), cuja completude é somente ultrapassada pela abrangência do *Stratēgikón* do imperador Maurício (composto entre o séc. VI e VII) e do *Taktiká* de Leão VI (elaborado na 1ª metade do séc. X). Contudo, a natureza da informação contida no *De Re Strategica*, muita dela selecionada e copiada da literatura militar greco-romana, assim como a utilização de *exempla* (isto é, de histórias ilustrativas com uma forte componente axiológica) retirados de outros tratados mais antigos, levou-nos a escolher este escrito, em detrimento de outros tratados mais exemplificativos do paradigma militar bizantino da Antiguidade Tardia (caso do *Stratēgikón*) ou do período médio (*Taktiká*).

Contrariamente à historiografia internacional que, especialmente nas últimas décadas, tem vindo a atualizar as traduções mais antigas deste tipo de escritos (impondo novas perspetivas de análise e alterando as interpretações mais tradicionais)², os historiadores portugueses têm, até bastante recentemente, olvidado este género de trabalhos, sendo certo que os raros estudos que existem partem de iniciativas isoladas e que, apesar de serem proficientes e profícuas, ainda não nos permitem estabelecer a amplitude e influência que estes trabalhos terão tido na cultura militar europeia e, por conseguinte, em Portugal. Deste modo, dos escassos exemplos que poderão ser dados desta espécie de trabalhos, destacamos: a primeira tradução rigorosa para português da *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio, elaborada por João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, numa obra denominada *Vegécio: Compêndio da Arte Militar*, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 2009; a interpretação que João Rafael Gorgulho Nisa efetuou do *De Velitatione Bellica* (um tratado bizantino escrito no séc. X e centrado na guerra de guerrilha), na sua tese de mestrado intitulada *A Arte Militar Bizantina: o Tratado De Velitatione Bellica (Séc. X)*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2016; e a tese de doutoramento do historiador Rui Bebianco, designada *A pena de marte: escrita da guerra em Portugal e na*

² São várias as associações que se dedicam a este tipo de estudos: destaque-se o projeto da *Association Internationale des Études Byzantines* (AIEB), denominado *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, que tem vindo a compilar, traduzir e analisar as várias cópias manuscritas dos tratados militares (muitos destes trabalhos representam as traduções mais viáveis destas fontes); assim como o projeto com um âmbito semelhante, realizado pela *Australian Association for Byzantine Studies*, designado *Byzantina Australiensia*.

*Europa (sécs. XVI-XVIII)*³, editada em 2000 pela Livraria Minerva e que, explorando diversas temáticas da tratadística da Época Moderna, não deixa de tecer alguns comentários sobre vários tratadistas clássicos que influenciaram estes escritos posteriores. Por sua vez, a historiografia portuguesa só muito recentemente é que tem começado a contemplar a história do Império Bizantino, tendo sido dados os primeiros passos nesse sentido com a publicação da obra *O Sangue de Bizâncio: Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente* (2017), coordenada por João Gouveia Monteiro, que constitui o terceiro volume de uma *História de Roma Antiga* coordenada por José Luís Brandão e Francisco de Oliveira e publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra⁴; isto para além da tese de mestrado de João Rafael Gorgulho Nisa, acima mencionada.

Deste modo, a pesquisa de uma dissertação com esta natureza centrou-se, essencialmente, em estudos em língua estrangeira, devendo ser realçadas as introduções e comentários das traduções dos tratados antigos (dando-se preferência às edições bilingues), as monografias sobre aspetos da teoria militar, os artigos relativos a assuntos mais específicos, os pequenos manuais que biografam certos autores e, ainda, algumas entradas de enciclopédias. Relativamente às fontes, optámos, na maioria dos casos, por analisar as traduções inseridas na coleção *Loeb Classical Library* (fundada pelo filantropo alemão James Loeb, em 1911); apesar de muitas delas já serem antigas, mantêm-se como uma referência incontornável para quem queira enveredar pela área dos Estudos Clássicos. Noutras situações, foram adotadas as traduções espanholas da *Biblioteca Clásica Gredos* (criada em 1977, pela editorial Gredos) que, possuindo o inconveniente de não serem bilingues, apresentam introduções e notas mais desenvolvidas e atualizadas do que os estudos da *Loeb*⁵. No que respeita aos tratados militares bizantinos, demos especial atenção aos tratamentos coligidos no *Corpus Fontium Historiae Byzantinae* (a maioria deles da autoria do padre jesuíta George Dennis) e aos comentários do *Taktiká* de Leão VI feitos pelo bizantinista John Haldon, o qual, apesar de se apoiar na tradução de Dennis, realizou um trabalho exaustivo mas precioso, graças às inúmeras referências e comparações que faz dos diversos tratados bizantinos.

No que concerne as inúmeras monografias consultadas para a realização desta dissertação, parece-nos pertinente realçar as seguintes: o estudo de Giovanni Amatuccio denominado *Peri Toxeias. L'arco da guerra nel mondo bizantino e tardo antico*,

³ BEBIANO, Rui – A Pena de Marte – *Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII, Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2000, pp. 355-366.* (sobre esta tratadística antiga)

⁴ MONTEIRO, João Gouveia (dir.) – *O Sangue de Bizâncio: Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2017.

⁵ No entanto, em diversos casos, foram utilizadas traduções que não se incluem naquelas duas coleções, tendo em conta a qualidade dos estudos introdutórios e/ou das notas finais, ou na ausência de uma melhor opção.

imprescindível para a compreensão dos últimos capítulos do *De Re Strategica*, assim como de várias passagens de outros tratados militares bizantinos relativos a arqueiros; a coletânea de excertos comentados de várias fontes greco-romanas apresentada no livro *Greek and Roman Military Writers: Selected Readings*, obra de referência para quem queira explorar esta e outras temáticas; a *Histoire Du Texte D'Élien Le Tacticien*, de Alphonse Dain, o melhor estudo na área da codicologia que analisa a transmissão e condição dos manuscritos bizantinos; a tese de Catherine Gilliver, intitulada *The Roman Art of War: Theory and Practice, A Study of the Roman Military Writers*, com interpretações bastante interessantes relativas à tratadística romana do mundo tardio; o *Greek and Roman Artillery – Historical Development*, escrito por E. W. Marsden, com informações muito precisas e úteis sobre as máquinas de cerco descritas em tratados antigos de poliorcética; a tese de doutoramento de András Németh, intitulada *Imperial Systematization of the Past – Emperor Constantine VII and His Historical Excerpts*, que nos permite entender os principais preceitos por detrás do enciclopedismo bizantino característico dos sécs. IX a XI; e, por fim, a dissertação de Philip Rance, *Tactics and Tactica in the Sixth Century: Tradition and Originality*, na qual efetua a primeira análise pormenorizada do *De Re Strategica*.

Respetivamente a artigos mais específicos, é importante destacar os que exploram questões formais do manual que Siriano *Magistros* terá escrito, elaborados por vários classicistas e bizantinistas aclamados. É o caso de Alphonse Dain, que, num pequeno trabalho que sintetiza grande parte das suas valiosas conclusões relativas às transmissões manuscritas dos vários escritos militares bizantinos, intitulado “Les stratégestes byzantins”, propõe um modelo de datação mais tradicional. As incongruências desta proposta de datação foram pela primeira vez apontadas por Barry Baldwin, num pequeno artigo com o título “On the Date of the Anonymous ΠΕΡΙ ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΗΣ”, sendo as suas propostas reforçadas por outras ideias de Douglas Lee e Jonathan Shepard, no “A Double Life: Placing the Peri Presbeon”. Por outro lado, a ideia da existência de um manual militar que integrasse os três escritos deste autor seria pela primeira vez apresentada no estudo magistral de Constantin Zuckerman, designado “The Military Compendium of Syrianus Magister”, sendo a sua proposta, mais recentemente, colmatada e completada por Salvatore Cosentino, no “The Syrianos’s «Strategikon»: a 9th century source”. Novos elementos textuais que favorecem esta segunda proposta de datação foram realçados por Philip Rance, no “The Date of the Military Compendium of Syrianus Magister (Formerly the Sixth-Century Anonymus Byzantinus)”, sendo um panorama mais concreto da estrutura deste compêndio conjecturado no “Composition and Structure of Syrianus Magister’s Military Compendium”, da classicista

italiana Eramo Imacollata. Num último reparo à bibliografia, pensamos ser pertinente referenciar a enciclopédia *Philosophers of War: The Evolution of History's Greatest Military Thinkers*, que, em diversos casos, constituiu um primeiro ponto de pesquisa à vida e obra de muitos dos tratadistas militares (especialmente dos greco-romanos) que serão apresentados, assim como os vários livros da coleção *Blackwell Companions to the Ancient World*, providenciais para uma análise consolidada do legado cultural de diversos autores (casos de Júlio César, Flávio Josefo e Tito Lívio).

No que diz respeito à estrutura deste texto, podemos considerar que ele se divide, *grosso modo*, em duas grandes partes: uma primeira secção que se ocupa da apresentação da vida, da(s) obra(s) e do impacto de vários eruditos militares, especialmente os percursores de novas correntes dentro deste género literário; e uma segunda parte em que são explanadas as várias problemáticas associadas à percepção dos diversos aspetos formais do compêndio de Siriano *Magistros* (autor, datação, integridade do manual), sendo, de seguida, dissecadas grande parte das passagens deste tratado, procurando, sempre que possível, estabelecer pontos de ligação com outros escritos antigos e bizantinos.

Deste modo, num breve prelúdio desta dissertação, intitulado “Um legado da cultura clássica – a tratadística militar bizantina” (de teor mais expositivo), procuraremos apresentar as várias disciplinas da literatura militar antiga e medieval. Esta explanação prévia visa estabelecer os princípios e contornos essenciais destes subgéneros literários, de tal forma que a sua compreensão permitirá ao leitor fazer uma apreensão mais consciente e fluida das prosopografias e bibliografias dos vários autores antigos apresentadas, posteriormente.

Ora, a secção do primeiro capítulo denominada “A génese da literatura militar – de Homero a Vegécio” apresenta um conjunto de figuras que revolucionaram o modo de pensar a guerra no mundo antigo. Desta seleção de indivíduos deveremos destacar os seguintes: Eneias ‘o Tático’ (séc. IV a.C.), um dos principais percursores da literatura militar que, nos seus *Comentários de Poliorcética*, estabeleceu os primeiros princípios da guerra defensiva; Tucídides (séc. IV a.C.), primeiro historiador a incorporar passagens de práticas militares que deveriam ser adotadas em contextos posteriores; Asclepiódoto ‘o filósofo’ (séc. I a.C.) que, na sua *Teoria Tática*, é o primeiro a apresentar-nos a nomenclatura altamente estruturada das unidades e subunidades de um corpo armado; Filo de Bizâncio (séc. III a.C.), primeiro mecânico a elaborar escritos em que se exploram princípios de guerra ofensiva e onde dão prescrições sobre como construir máquinas de cerco; Onasandro (séc. I) que, no seu *Stratēgikós*, funda uma nova disciplina relacionada com os comportamentos mais adequados

que o general deveria assumir em diversas circunstâncias; analogamente, Sexto Júlio Frontino (c. 35-103) inaugura uma nova tradição literária, que consistiu em compilar uma série de exemplos que demonstram *ruses de guerre* que deveriam ser aplicados pelo leitor consoante as situações; ou ainda Públio Vegécio Renato (séc. IV ou V), primeiro tratadista a compilar, numa só obra, conceitos dos cinco géneros da literatura militar antiga.

Numa subdivisão posterior deste primeiro capítulo, designada “A escrita de Guerra em Bizâncio – tradições e originalidades”, procuramos aclarar as várias linhas interpretativas que a bizantinística antiga e moderna tem utilizado na análise dos escritos militares mais importantes deste universo cultural. Segue-se uma estrutura expositiva idêntica à do capítulo anterior, onde são apresentados os maiores vultos da tratadística bizantina, dos quais devem ser realçados: o imperador Maurício (582-602), que elaborou o tratado mais emblemático de toda a medievalidade cristã e, decididamente, aquele que mais influenciou os restantes escritos militares bizantinos; o imperador Leão VI (886-912), que produziu a obra mais extensa e completa da história militar de Bizâncio, denotando as preocupações enciclopédicas típicas destes séculos; e Nicéforo II Focas (963-969), a quem são atribuídos três opúsculos, bastante representativos da realidade militar bizantina do séc. X.

A segunda parte desta dissertação começa por explanar alguns pormenores formais relativos ao manual militar no qual o *De Re Strategica* poderia estar integrado (num pequeno capítulo designado “O Compêndio Militar de Siriano *Magistros* – considerações prévias”), nomeadamente questões relativas à autoria, datação e integridade do tratado. Nestas páginas são lembrados trabalhos pioneiros de Lucas Holste (séc. XVII), Karl Müller (séc. XIX), Hermann Köchly e Wilhelm Rüstow (séc. XIX), os primeiros filólogos classicistas a considerarem viável a associação entre os três tratados, assim como a identificação de um único escritor que seria inicialmente conhecido como ‘Anónimo bizantino’. Seguem-se as ponderações relativas à estrutura deste compêndio, que apresentaria, por ordem de preferência do autor, um segmento de guerra terrestre (composto pelo *Sobre Estratégia* e, muito provavelmente, por outros capítulos que não sobreviveram às vicissitudes do tempo), seguido da secção naval (ou *Naumaquia*, que, como procuraremos demonstrar, se encontra extremamente rasurado) e da parte mais original do possível compêndio, que se consubstanciava numa série de preceitos da oratória militar (*Rhetorica Militaris*). Posteriormente, tentámos descortinar as poucas informações biográficas que possuímos do ‘Anónimo Bizantino’ que, devido aos estudos inéditos de Alphonse Dain, começou a ser relacionado com a figura de Siriano *Magistros*. Subsequentemente, colocamos à consideração do leitor os principais elementos textuais dos três tratados (mas sobretudo do *De Re*

Strategica) que suportam algumas das teorias mais recentes respeitantes à cronologia do manual, sendo, por fim, referidas as tradições manuscritas de cada uma destas obras e as suas traduções mais recentes.

Num último momento (denominado “O *De Re Strategica* e as reminiscências da cultura militar clássica”) pretendemos iniciar a análise propriamente dita do *Sobre Estratégia* que, com um intuito meramente estrutural, decidimos dividir em quatro segmentos temáticos: uma introdução (caps. 1-5.), cujos primeiros três capítulos são bastante *sui generis*, denunciando os conhecimentos multifacetados do autor; um segmento dedicado à guerra defensiva, intitulado “Os princípios de defesa do *Sobre Estratégia* (caps. 6-13.)”, onde são abordadas várias prescrições para a construção e guarnição dos postos fronteiriços, para a utilização de sinais de fogo e para a fortificação e proteção das cidades durante cercos; uma terceira secção táctica, designada “Eliano e a secção táctica do *De Re Strategica* (caps. 16-32.)” que, à exceção de um breve capítulo dedicado ao armamento dos soldados, se centra inteiramente nas várias formações e movimentações que uma falange (unidade de excelência das *Disposições Militares dos Gregos* de Eliano, principal fonte de inspiração desta parte do tratado) poderia adotar em função das circunstâncias; a derradeira fração, denominada “Expressões máximas da originalidade do *De Re Strategica* (caps. 33-47.)”, é composta por pequenos textos que abordam assuntos diversos relativos às reflexões que um general deveria tomar antes e durante um combate, à utilização de desertores, espiões e embaixadas para recolherem informação dos inimigos, a instruções sobre o tiro com arco, assim como algumas sugestões de treinos que poderiam melhorar a proficiência dos arqueiros.

É, por fim, importante realçar alguns aspetos formais desta dissertação. Primeiramente, todas as traduções dos títulos das obras, assim como de certos termos em grego antigo, são livres e da nossa responsabilidade, procurando facilitar a leitura da dissertação e uma identificação simplificada das principais fontes utilizadas. Em segundo lugar, salvo indicação contrária, todas as datas apresentadas que não se encontrem devidamente assinaladas correspondem à era de Jesus Cristo (d.C.). Por último, a escolha das abreviaturas das fontes utilizadas ao longo das notas de rodapé não seguiu nenhuma lista previamente estabelecida, tendo-se somente em conta as primeiras letras dos nomes do autor e/ou da obra, assim como algumas comodidades que possam ajudar o leitor a identificar a fonte em causa.

I. – Um legado da cultura clássica - a tratadística militar bizantina

A literatura militar é seguramente um dos aspetos da cultura bizantina que melhor evidencia o forte legado da tratadística greco-romana na Europa mediterrânica oriental da Alta e da Plena Idade Média⁶. A análise deste *corpus* que remonta, pelo menos, ao séc. IV a.C., torna-se imprescindível para uma melhor compreensão da conceção de guerra no mundo antigo e bizantino e para o delinear e entendimento dos géneros literários (*Taktiká*, *Stratēgiká*, *Poliorkētiká*, *Naumachiká*, *Stratēgēmata*) pelos quais esta percepção nos é transmitida⁷. A primeira destas disciplinas (a *Taktiká*) debruça-se sobre os diferentes meios de mobilização do exército e esquematiza a nomenclatura tática (terminologia das unidades, das marchas, dos oficiais, das disposições em campo de batalha), posto que podemos encontrar preceitos desta disciplina em praticamente todos os tratados. O segundo género literário desta tradição é a *Stratēgiká*, que desenvolve os axiomas do general, onde se enumeram as características físico-psicológicas do comandante e algumas regras respeitantes à relação entre o oficial e o exército. Por sua vez, a *Poliorkētiká* estabelece as práticas convencionadas durante um cerco, as armas de cerco mais eficazes e as prevenções necessárias para o bom apetrechamento das fortificações. Seguidamente, a *Naumachiká* trata as várias características da guerra naval que os almirantes deveriam ter em consideração: é o caso da disposição das embarcações e dos marinheiros durante a batalha, mas também dos meios táticos e tecnológicos de ataque e de proteção da tripulação. Por fim, a *Stratēgēmata* pretende enunciar um conjunto de artimanhas e ardis (emboscadas e manobras de dissimulação contra o inimigo) que os exércitos bizantinos deveriam adotar em condições aparentemente desfavoráveis. Estes últimos géneros da literatura militar antiga sofreram uma maior disseminação no mundo bizantino (especialmente no período Médio-Bizantino), o que não impede a existência de alguns tratados greco-romanos que se debruçam sobre estes aspetos da arte bélica.

Deste modo, podemos facilmente atribuir à literatura militar bizantina um conservadorismo terminológico (em alguns nomes de oficiais e de unidades) e temático (menção à guerra com elefantes e carroças, entre outros aspetos), uma vez que parafraseia até determinado ponto a sabedoria escrita dos filósofos militares greco-romanos, as ‘autoridades antigas’, como os bizantinos gostavam de lhes chamar⁸. Claro está que os tratadistas bizantinos pretenderiam grande parte das vezes manter as temáticas literárias da Antiguidade

⁶ COSENTINO, Salvatore – “Writing about War in Byzantium” in *Revista de História das Ideias*, vol. 30, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 83.

⁷ MCGEER, Eric – “Military Texts” in JEFFREYS, Elizabeth *et. al.* (ed.) – *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*, Oxford: Oxford University Press, 2008 (B), p. 907.

⁸ *Vide.* Anexo IV, Tabela 2, a entrada “Autoridades Antigas”.

Clássica. Contudo, esta conservação criava um certo desfasamento entre a teorização e a prática da guerra em Bizâncio (que ia adquirindo outras influências: p. ex., dos povos das estepes, do mundo árabe e da Europa ocidental medievais)⁹. Para além disso, a maioria dos polemógrafos bizantinos não possuía qualquer formação e experiência militar (Nicéforo II Focas constitui uma exceção), sendo na realidade retóricos e filósofos que privilegiavam uma análise teórica da guerra¹⁰. É precisamente o carácter conservador dos textos militares bizantinos que nos obriga a enunciar os momentos mais decisivos da evolução da tratadística greco-romana, assim como as suas obras mais representativas.

I.I. – A génese da literatura militar - de Homero a Vegécio¹¹

As primeiras narrativas respeitantes a eventos bélicos podem ser encontradas em Homero (sobretudo na *Ilíada*¹²) e, posteriormente, em Heródoto¹³ (nas *Histórias*¹⁴). Todavia, ambos os autores não pretendiam doutrinar a guerra, ou teorizar a sua prática, o que por sua vez não impede a existência, nas suas obras, de uma componente axiológica e educativa relativa a esta temática. Assim sendo, os primeiros relatos de guerras que apresentam algum conteúdo relativo ao seu *modus operandi* podem ser encontrados na *Guerra do Peloponeso*, de Tucídides (c. 460-400 a.C.)¹⁵. Apesar de manter um estilo narrativo, o historiador

⁹ Cf. MAURÍCIO, Imperador – *Stratēgikón*, XI. Texto, tradução e notas: DENNIS, George T. – *Maurice's Strategikon: Handbook of Byzantine Military Strategy*, EUA: University of Pennsylvania Press, 1984 [de agora em diante esta fonte será referida pelas abreviaturas “Mauric. Strat.”].

¹⁰ MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (B), p. 907.

¹¹ Para uma melhor leitura deste subcapítulo recomendamos a visualização do Anexo III, Mapas 1, 2, 4 e 5.

¹² Apresenta-nos, essencialmente, informação sobre o armamento utilizado durante a Idade do Bronze: HOMERO – *Ilíada*, X. 254-265. Texto, tradução e notas: LOURENÇO, Frederico – *Homero: Ilíada*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005 [doravante citado por “Hom. Il.”]. Hom. Il., XVIII. 478-482 / XVIII. 609-613.

¹³ Cf. GEORGANAS, Ioannis – “Herodotus” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History's Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE”, California: ABC-CLIO, LLC, 2013, pp. 58-59. / TRITLE, Lawrence – “Warfare in Herodotus” in DEWALD, Carolyn & MARINCOLA, John - *The Cambridge Companion to Herodotus*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 209-223.

¹⁴ Que já nos apresenta aspetos técnicos do sistema militar Persa, Lídio e Cita: HERÓDOTO – *Histórias*, I. 17. Texto, tradução e notas: GODLEY, A. D. – *Herodotus in Four Volumes*, Vol. I: “Books I and II”, Loeb Classical Library, Nº. 117, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1975 [para referência futura desta obra utilizaremos a abreviatura “Hdt.”]. Hdt., IV. 83. / IV. 97-98. / IV. 120. / IV. 122-123. / IV. 125-128. / IV. 200.

¹⁵ Até à elaboração desta obra, as descrições da guerra em Homero constituíam as principais referências da literatura militar: Vide. HERZ, Dietmar – “Thucydides, Son of Oloros, Strategos” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 181-183.

ateniense, em determinados momentos (caso da passagem do ataque tebano a Plateias¹⁶, da série de excertos relativos à forma de combater da infantaria pesada e ligeira¹⁷, ou ainda da descrição da liderança inspirada do general Gilipo¹⁸), identifica certas práticas a serem seguidas. Do ponto de vista historiográfico, esta obra influenciou muitos dos escritores mais eruditos do mundo greco-romano e bizantino, que não se coibiram de lhe tecer comentários e de querer completar a narrativa¹⁹. Na época de Constantino VII Porfirogeneta, os textos de Tucídides foram compilados nas *excerpta Constantiniana* (*excertos Constantinianos*) que, segundo um processo de seleção criterioso, procuravam separar a informação prática da erudita²⁰. Contudo, não obstante estas influências e a existência de reminiscências de aspetos mais práticos da guerra, a *Guerra do Peloponeso* não se apresenta como uma obra técnica (ou seja, como um tratado militar), mas sim como uma narrativa de acontecimentos político-militares.

Assim sendo, o primeiro tratadista greco-romano foi, muito provavelmente, Eneias “o Tático” (c. séc. IV a.C.) que se encontra frequentemente associado à figura de Eneias de Estinfalo, o general da Liga Arcádia que, em 367, contribuiu para a deposição de Êufron, tirano de Sícion²¹. Das bastantes obras que Eneias terá escrito apenas nos chegou uma (presente no manuscrito bizantino *Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4²²*), relativa à guerra de cerco, denominada *Como Sobreviver a um Cerco* (*Commentarius Poliorceticus*)²³. Composto

¹⁶ Que apresenta vários estratagemas utilizados pela população de Plateias de forma a resistir aos invasores: Vide. TUCÍDIDES – *História da Guerra do Peloponeso*, II. III-IV. Texto, tradução e notas: SMITH, Charles Forster – *Thucydides in Four Volumes*, Vol. I: “History of the Peloponnesian War, Books I and II”, Loeb Classical Library, Nº. 108, Cambridge: Harvard University Press, 1991 [de agora em diante esta fonte será referenciada pela abreviatura “Th.”]. Th., II. LXXV-LXXVI.

¹⁷ Vide. Th., III. XCVII. 3. – XCVIII. 3. / IV. XXXII. 3-4. / IV. XXXIII. 2. / IV. XXXIV. / V. LXX-LXXI.

¹⁸ Vide. Th., VII. V-VII.

¹⁹ Um dos casos mais flagrantes é Xenofonte que na sua obra *Hellenica* propõe continuar a narração da *Guerra do Peloponeso* Vide. XENOFONTE – *Hellenica*, I. 1. 1. Texto, tradução e notas: BROWNSON, Carleton L. – *Xenophon – Hellenica*, Vol. I: “Books I-V”, Loeb Classical Library, Nº. 88, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1961 [doravante citada pelas abreviaturas “X. HG.”]. Para mais informações relativas à influência dos escritos de Tucídides em autores posteriores, veja-se: IGLESIAS-ZOIDO, Juan Carlos – *El legado de Tucídides en la cultura occidental – Discursos e historia*, Humanitas Supplementum, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 80-85.

²⁰ Este mesmo processo foi utilizado pelo Basílio parakoimómenos na compilação do códice *Ambrosianus B 119 sup.*, onde se encontra o *Rhetorica Militaris*, atribuído pela bizantinística mais recente a Siriano *Magistros*. Vide. IGLESIAS-ZOIDO, Juan Carlos – *op. cit.*, 2011, pp. 129-131.

²¹ Vide. CAMPBELL, Brian – *Greek and Roman Military Writers: Selected readings*, Nova Iorque: Taylor & Francis Routledge, 2004, p. 149. / MARTÍN GARCÍA, Francisco (intr.) & VELA TEJADA, José (intr.) – *Eneas el Tático – Poliorcética. Polieno – Estratagemas*, Biblioteca Clásica Gredos, Vol. 157, Madrid: Editorial Gredos, 1991, pp. 12-16. / KENDALL, Seth Lyons – “Aineias, called Aeneas Tacticus” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 225-226.

²² Vide. Anexo IV, Tabela 1. Cf. DAIN, Alphonse – “Les stratégistes byzantins” in *Travaux et Mémoires*, Vol. 2, Paris: Éditions E. De Boccard, 1967, p. 383.

²³ ENEIAS – *Comentários de Poliorcética*. Texto, tradução e comentários: HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 [citada futuramente por “Aen. Tact.”].

por 40 capítulos, este tratado pode subdividir-se em 6 partes: a preparação da urbe para um cerco, portanto o recrutamento e disposição da guarnição e o entrincheiramento das diversas áreas cidadinas²⁴; formas de manter a moral e a disciplina, assim como estratégias para evitar traições e revoluções²⁵; manobras para repelir as pilhagens dos sitiados nos arrabaldes da cidade²⁶; como observar as movimentações adversárias, a partir das muralhas, precauções na realização de rituais religiosos e, em casos de traição, nos portões da cidade²⁷; como guardar as muralhas de noite e de dia e como prevenir o contrabando de armas para rebeldes²⁸; e meios de fazer frente ao assalto inimigo às fortificações²⁹. Apesar de o *Comentários de Poliorcética* ter sido o único tratado sobrevivente de Eneias, existem indícios de outras obras que desenvolviam assuntos relacionados com a logística da guerra e com aspetos táticos³⁰. Deste modo, a importância do trabalho de Eneias foi, por vezes, evidenciada em referências posteriores (casos de Eliano ‘o Tático’³¹, de Políbio³² e do escritor e oficial bizantino João ‘o Lídio’³³) e através de adaptações claras dos textos do *Commentarius Poliorceticus*, cujos maiores exemplos podem ser encontrados no trabalho enciclopédico de Júlio Africano: *Κεστοί (Bordados)*³⁴.

Contemporâneo de Eneias, Xenofonte (c. 430 a.C. – c. 354 a.C.) escreveu um conjunto de escritos lacónicos, teorizadores de alguns aspetos da arte bélica e que denunciam a sua própria experiência militar³⁵, mais vocacionada para a cavalaria. Deste modo, não é de estranhar que dois dos seus opúsculos, o *Ἰππορχικός (O Comandante de Cavalaria)* e o *Περὶ*

²⁴ Aen. *Tact.*, I-X. 24.

²⁵ Aen. *Tact.*, X. 25-XIV.

²⁶ Aen. *Tact.*, XV-XVI. 15.

²⁷ Aen. *Tact.*, XVI. 16-XXI.

²⁸ Aen. *Tact.*, XXII-XXXI.

²⁹ Aen. *Tact.*, XXXII-XL. Para a estruturação deste tratado veja-se: HENDERSON, Jeffrey (ed.) - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Harvard: Harvard University Press, 1928, p. 11.

³⁰ Uma síntese destas obras perdidas e suas respetivas temáticas pode ser encontrada em: MARTÍN GARCÍA, Francisco (intr.) & VELA TEJADA, José (intr.) – *op. cit.*, 1991, pp. 19-21.

³¹ Vide. ELIANO, Cláudio – *Disposições Militares dos Gregos*, 1. Texto, tradução e comentários: MATTHEW, Christopher – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012 [para referência futura deste tratado utilizaremos as abreviaturas “Ael. *Tact.*”]. Ael. *Tact.*, 3.

³² Vide. POLÍBIO – *Histórias*, X. 44. Texto, tradução e notas: PATON, W. R. – *Polybius: The Histories in Six Volumes*, Vol. IV: “Books IX-XV”, Loeb Classical Library, N.º. 159, Cambridge: Harvard University Press, Londres, William Heinemann Ltd., 1976 [daqui em diante mencionada pela abreviatura “Plb.”].

³³ Este administrador bizantino legou-nos três obras, sendo a mais importante *As Magistraturas da Constituição Romana (Περὶ ἀρχῶν τῆς Ρωμαίων πολιτείας)*, que revela detalhes da burocracia bizantina, provavelmente no reinado de Justiniano I. Quanto aos problemas de datação veja-se: WALLINGA, Tammo – “The Date of Joannes Lydus’ *De Magistratibus*” in *Revue Internationale des droits de l’antiquité*, Ser. 3, Vol. 39, 1992, pp. 359-380. Para a menção a Eneias, consulte-se: HENDERSON, Jeffrey (ed.) – *op. cit.*, 1928, pp. 204-207.

³⁴ Para uma seleção das passagens de Eneias presentes nesta obra, confira-se: *Idem. Ibidem.*, pp. 207-225

³⁵ Durante a sua juventude, foi cavaleiro ao serviço de Atenas, tendo posteriormente combatido contra os democratas na guerra civil de 404-403 (aquando do governo dos Trinta Tiranos). Após as tréguas desta guerra, serviu o rei Persa Ciro I, como mercenário. Vide. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, pp. 21-22.

Ἰππικῆς (*Sobre a Arte de Cavalaria*), se centrem nesta temática. *O Comandante de cavalaria*, organizado em nove partes, enumera um conjunto de máximas a seguir pelos generais das unidades montadas³⁶ (estabelecendo assim os primeiros preceitos da disciplina da *Stratēgiká*) e as táticas³⁷ e artimanhas³⁸ que por ele deviam ser empregues. Por sua vez, o tratado *Sobre a arte de Cavalaria* foca-se na preparação do soldado montado e do próprio cavalo para a guerra (armamento, treino e tratamento do animal)³⁹. Contudo, as instruções militares fornecidas por Xenofonte não se esgotam nestes dois escritos, visto que, em várias passagens de outras obras da sua autoria, encontramos aspetos relacionados com a guerra. É o caso de uma passagem do Livro XII do *Cynegeticus* (*A Caça*), onde se menciona que a arte da caça é propedêutica para o soldado que pratica a guerra⁴⁰, e de um excerto das *Memorabilia* (*Memórias*), no livro III, que descreve as qualidades que o general deve possuir⁴¹, ou mesmo de vários momentos do *Anabasis* (*Expedição*) de Ciro⁴² que desenvolvem temáticas militares diversas⁴³. Por fim, a *Hellenica* ainda nos explana, através de vários exemplos, as potencialidades dos peltastas (infantaria ligeira) no campo de batalha⁴⁴. É indiscutível a influência destas obras noutros tratadistas greco-romanos (casos de Polieno da Macedónia e de Arriano) e nos teóricos bizantinos do período da dinastia Macedónica, que, herdando indiretamente os conhecimentos militares de Xenofonte (através de uma compilação posterior da obra de Polieno, a *Hypotheseis*⁴⁵), chegam a citá-lo esporadicamente em alguns tratados do

³⁶ Vide. XENOFONTE – *O Comandante de Cavalaria*, V. 1-2. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Harvard: Harvard University Press, 1946 [doravante este tratado será mencionado pelas abreviaturas “X. Eq. Mag.”]. X. Eq. Mag., VI. 1-4. / VIII. 21-22. / IX. 1-2.

³⁷ X. Eq. Mag., I. 5-6. / II. 7-9. / IX. 3-4.

³⁸ X. Eq. Mag., V. 5-6. / V. 9-11.

³⁹ XENOFONTE – *Sobre a Arte de Cavalaria*, VIII. 10-12. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, Nº. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946.

⁴⁰ XENOFONTE – *Tratado de Caça*, XII. 1-4. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, Nº. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946 [de aqui em diante mencionada pelas abreviaturas “X. Cyn.”].

⁴¹ XENOFONTE – *Memorabilia*, III. I. 5-6. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. & TODD, O. J. – *Xenophon - Memorabilia, Oeconomicus, Simposium, Apology*, Loeb Classical Library, Nº. 168, Cambridge: Harvard University Press, 1997 [para menção futura desta fonte utilizaremos as abreviaturas “X. Mem.”].

⁴² Cf. XENOFONTE – *Anabasis*. Texto, tradução e notas: BROWNSON, Carleton L. – *Xenophon in Seven Volumes*, Vol. III, Loeb Classical Library, Nº. 90, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1980 [doravante citado por “X. An.”].

⁴³ À semelhança das suas outras obras, Xenofonte aborda problemáticas da *Stratēgiká*: X. An., II. VI. 1-15. / III. III. 12-16. / III. IV. 47-49. / V. VIII. 12-16. / VI. V. 14-18. Porém, também nos apresenta preceitos táticos: X. An., III. IV. 19-20. / III. V. 8-12. / IV. VIII. 10-12. / VII. III. 37-39.

⁴⁴ Vide. X. HG., III. II. 4. / IV. V. 11-18. / V. III. 5-7.

⁴⁵ Esta compilação encontra-se no primeiro *corpus* do manuscrito *Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4*. Vide. Anexo IV, Tabela 1. Cf. DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, p. 383.

séc. X⁴⁶. A complementaridade, defendida por Xenofonte, dos diferentes tipos de unidades no campo de batalha ainda inspirou as reformas militares do rei Filipe II da Macedónia⁴⁷.

Um século mais tarde, por volta do ano 230 a.C., Filo de Bizâncio, após inúmeras viagens a Rodes e a Alexandria⁴⁸, escreveu uma coleção de nove livros intitulada *Sintaxe Mecânica* (*Μηχανικὴ σύνταξις*)⁴⁹, com trabalhos de tecnologia e de engenharia antigas, nos quais se incluem uma dissertação acerca da construção de artilharia (*Belopoeica*)⁵⁰, outra que desenvolve aspetos técnicos na edificação de fortalezas (*Paraskeuastika*)⁵¹ e um pequeno tratado que desenvolve condutas defensivas e ofensivas durante um cerco (*Poliorkētiká*)⁵². Neste último livro, é-nos apresentado um conjunto de instruções que abordam a construção das fortificações e o posicionamento dos mecanismos de defesa⁵³; dele constam também a preparação do cerco por parte da população sitiada, contramedidas face à neurobalística adversária⁵⁴ e ainda alguns aspetos relacionados com a guerra de cerco ofensiva e com a psicologia de guerra⁵⁵. Por sua vez, a *Belopoeica* fornece-nos os aspetos mais técnicos relacionados com a construção das armas de cerco e com a sua respetiva eficiência⁵⁶; no entanto, também nos apresenta informações sobre o funcionamento e utilização da neurobalística⁵⁷, assim como de outro tipo de armamento⁵⁸. Posteriormente, a importância das

⁴⁶ Como por exemplo no *Sylloge tacticorum*, escrito através do mecenato dos Porfirogenetas, na década de 950, Vide. PÉREZ MARTÍN, Inmaculada – “The Reception of Xenophon in Byzantium: The Macedonian Period” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Vol. 53, Nº. 4, 2013, pp. 839-843.

⁴⁷ Cf. MCCARTHY, Joseph M. – “Xenophon of Athens” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 329-330.

⁴⁸ Onde se encontrou com bastantes discípulos do famoso Ctesíbio de Alexandria cujas inovações na artilharia inspiraram Filo. Vide. SARTON, George – *A History of Science*, Vol. 2: “Hellenistic Science And Culture in the Last Three Centuries B.C.”, Londres: Oxford University Press, 1959, pp. 343-350. / MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 6-8.

⁴⁹ Desta síntese apenas sobreviveram na íntegra os livros IV e V e alguns excertos dos livros VII e VIII, porém as informações destes permitem-nos reconstituir (com margem de erro) a coleção: I - “Introdução”, II - “Alavancas”, III - “Construção de portos”, IV - “Construção de Artilharia”, V - “Princípios e Aparelhos Pneumáticos”, VI - “Brinquedos Mecânicos”, VII - “Preparações para cercos”, VIII - “Guerra de Cerco” e IX - “Estudo Criptográfico”. Vide. RANCE, Philip – “Philo of Byzantium” in BAGNALL R. S. *et. al.* – *The Encyclopedia of Ancient History*, E. Sussex/Malden: Wiley-Blackwell, 2013, p. 5266. Outra reconstituição pode ser encontrada em: GARLAN, Yvon – “Cités, Armées et Stratégie à l’Époque Hellénistique d’Après l’Oeuvre de Philon de Byzance” in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 22, H. 1, 1973, pp. 16-19.

⁵⁰ BIZÂNCIO, Filo de – *Construção de Artilharia*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 105-185 [cit. por “Ph. Bel.”].

⁵¹ Único tratado grego deste género a chegar aos nossos dias: Vide. RANCE, Philip – *op. cit.*, p. 5266.

⁵² BIZÂNCIO, Filo de – *Poliorcética*. Texto, tradução e notas: GARLAN, Yvon – *Recherches De Poliorcétique Grecque*, Paris: Ecole Française d’Athènes, 1974, pp. 279-404 [doravante citado por “Ph. Poliorc.”].

⁵³ Ph. *Poliorc.*, A. 20-21. / A. 32-33. Cf. MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery – Historical Development*, Oxford: Oxford University Press, 1969, pp. 124-125, 130, 133, 143 e 148.

⁵⁴ Ph. *Poliorc.*, B. 1-2. / B. 49-50. / C. 3-5. / C. 32-36. Cf. MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1969, pp. 90 e 113-115.

⁵⁵ Ph. *Poliorc.*, D. 59-60. / D. 71-72. Cf. MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1969, p. 97.

⁵⁶ Ph. *Bel.*, 51. / 56-58.

⁵⁷ Ph. *Bel.*, 76-77. Cf. HACKER, Barton C. – “Greek Catapults and Catapult Technology: Science, Technology, and War in the Ancient World” in *Technology and Culture*, Vol. 9, Nº. 1, 1968, pp. 34-36.

⁵⁸ Ph. *Bel.*, 71.

obras de Filo foi atestada por Vitrúvio⁵⁹ e por Héron⁶⁰, de tal forma que o tecnógrafo se encontra associado a uma longa linha de especialistas em artilharia e em guerra de cerco, que inclui Ateneu ‘o Mecânico’, Héron de Alexandria, Vitrúvio, Apolodoro de Damasco e Bítton de Pérgamo.

Este último esteve ao serviço do rei Átalo I nos finais do séc. III a.C. e nos inícios do séc. II a.C.⁶¹, período no qual escreveu um pequeno texto sobre a *Construção de armas de Cerco e Artilharia* (*Κατασκευαὶ πολεμικῶν ὀργάνων καὶ καταπαλτικῶν*)⁶². Neste tratado, Bítton dá especial ênfase a quatro catapultas de tensão: dois engenhos de arremesso de pedras, um pequeno desenhado em Rodes por Charon de Magnésia⁶³, outro de maior escala inventado em Tessalónica por Isidoro de Abido⁶⁴; e duas máquinas que disparam projéteis em formato de virotões (gênese das balistas romanas), a primeira concebida por Zópiro de Tarento em Mileto⁶⁵, a segunda do mesmo inventor, produzida em Cumas (Itália)⁶⁶. Para além destes engenhos, Bítton ainda nos descreve uma escada mecânica (*Sambuca*) concebida por Dâmis de Cólofon⁶⁷ e uma torre de assalto (*helépolis*) que Posidónio da Macedónia construiu para Alexandre Magno⁶⁸. Embora não mencione máquinas de cerco originais, este tratado constitui um dos raros escritos que descreve catapultas de tensão, o que mostra que este género de engenho ainda teria utilidade c. 240 a.C. (data estimada da produção da obra). Assim, não é de estranhar que outros eruditos em poliorcética tenham utilizado as instruções de Bítton, como Ateneu ‘o Mecânico’, Héron, Vitrúvio e, na I. Média, Pseudo-Héron de Bizâncio⁶⁹.

Entretanto, nos finais do séc. II a.C., Políbio (escritor grego oriundo da Federação da Acaia⁷⁰ e que, numa fase posterior da sua vida, serviu como tutor de Cipião Emiliano

⁵⁹ VITRÚVIO – *Tratado de Arquitetura*, VII. Prf. 14. Texto, tradução e notas: GRANGER, Frank – *Vitruvius: On Architecture in Two Volumes*, Vol. II: “Books VI-X”, Loeb Classical Library, N.º. 280, Londres: William Heinemann, Cambridge: Harvard University Press, 1970 [de agora em diante citado por “Vitr.”].

⁶⁰ HÉRON – *Manual de Artilharia*, 72-73. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 18-19 [citado por “Hero. Bel.”].

⁶¹ Vide. SYVÄNNE, Ilkka – “Biton, Engineer” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 235-236. / MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 5-6.

⁶² BÍTON – *Construção de Armas de Cerco e Artilharia*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 65-103 [cit. por “Bito.”].

⁶³ Bito., 45-48.

⁶⁴ Bito., 48-51.

⁶⁵ Bito., 61-64.

⁶⁶ Bito., 65-67.

⁶⁷ Bito., 57-61.

⁶⁸ Bito., 51-56.

⁶⁹ PSEUDO-HÉRON – *Introdução à Poliorcética*, 1. 10-15. Texto, tradução e notas: SULLIVAN, Denis – *Siegecraft: Two Tenth-Century Instructional Manual By “Heron of Byzantium”*, *Dumbarton Oaks Studies*, N.º. XXXVI, Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 2000 [para referência futura utilizaremos “Hero.”].

⁷⁰ Serviu como comandante da cavalaria (hiparca) desta federação em 170/169 a.C. Vide. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, p. 25.

Africano⁷¹) produziu um *corpus* textual direcionado, entre outras áreas, à teórica militar. Embora se tenham perdido os tratados que versavam táticas militares, conseguimos encontrar alguns elementos teóricos do autor na sua obra principal (*Histórias*), composta por 40 livros, onde nos descreve os conflitos que envolveram Roma e Cartago entre o início da 2ª Guerra Púnica (220 a.C.) e a batalha de Pidna (168 a.C.). Este trabalho, apesar de possuir uma natureza historiográfica, dá-nos algumas pistas de como seria a máquina militar romana (o recrutamento dos soldados⁷², a sua disciplina⁷³, o seu armamento⁷⁴, o seu treino⁷⁵, a construção dos acampamentos⁷⁶ e a comunicação dentro do exército⁷⁷) durante este período. Além disso, ainda nos fornece alguns aspetos militares com um teor mais pragmático, comparando as valências da falange grega com as da legião romana⁷⁸ e enumerando as qualidades requeridas a um general⁷⁹ (mantendo a longa tradição de escritos sobre *Stratēgiká*, que atingiriam o seu pináculo com Onasandro). A receção à obra de Políbio por parte de outros eruditos da Antiguidade Clássica foi, no mínimo, díspar, com elogios e menções (Plutarco⁸⁰, Cícero⁸¹, Lívio⁸² e Plínio ‘o Velho’⁸³), com críticas (Dionísio de Halicarnasso⁸⁴) e

⁷¹ Para mais informações sobre a vida de Políbio, veja-se: BALASCH RECORT, Manuel (intr.) – *Polibio: Historias, Libros I-IV*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 38, Madrid: Editorial Gredos, 1981, pp. 7-21.

⁷² Plb., VI. 19. 5. a 20. 9. / VI. 21. 1-5. Comentários destas passagens podem ser consultados em: WALBANK, F. W. – *A Historical Commentary on Polybius*, 1º Vol., Oxford: Clarendon Press, 1957, pp. 698-701.

⁷³ Plb., VI. 37-38. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1957, pp. 719-721.

⁷⁴ Plb., VI. 22-23. / VI. 25. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1957, pp. 703-706.

⁷⁵ Plb., X. 20. 1-5. Cf. WALBANK, F. W. – *A Historical Commentary on Polybius*, 2º Vol., Oxford: Clarendon Press, 1967, pp. 219-220.

⁷⁶ Plb., VI. 42-43. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1957, pp. 709-723.

⁷⁷ Mesmo que neste tópico se tenha apoiado nas passagens de Eneias relativas a sinais de fogo. Plb. X. 41-47. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1967, pp. 255-261.

⁷⁸ Plb., XVIII. 18-33. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1967, pp. 572-592.

⁷⁹ Plb., IX. 12-20. Cf. WALBANK, F. W. – *op. cit.*, 1967, pp. 138-149.

⁸⁰ PLUTARCO – *Vidas Paralelas: Arato*, 38. 7. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. XI: “Aratus, Artaxerxes, Galba and Otho”, Loeb Classical Library, Nº. 103, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1954. [doravante as *Vidas Paralelas* serão mencionadas pela abreviatura “Plu.”, seguida da abreviatura/sigla do(s) nome(s) do(s) autor(es) e da respetiva biografia]. Plu. *Aem.*, XV. 3. / Plu. *Brut.*, IV. 4. / Plu. *Cat. Ma.*, IX. 2-3. / X. 3. / Plu. *Cleom.*, XXV. 4-5. / XXVII. 5. / Plu. *Pel.*, XVII. 2-3. / Plu. *Phil.*, XVI. 3-4. / XXI. 3. / XXI. 11. / Plu. *TG.*, IV. 3.

⁸¹ CÍCERO – *Sobre os Deveres*, III. 113. Texto, tradução e notas: MILLER, Walter – *Cicero: De Officiis*, Loeb Classical Library, Nº. 30, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1913 [para referência futura desta fonte utilizaremos a abreviatura “Cic. Off.”].

⁸² LÍVIO, Tito – *História de Roma desde a Fundação da Cidade*, XXX. 45. 5. Texto, tradução e comentários: VILLAR VIDAL, José Antonio – *Tito Livio: Historia de Roma Desde Su Fundación, Libros XXVI-XXX*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 177, Madrid: Editorial Gredos, 1993 [de agora em diante, esta obra passará a ser designada pela abreviatura “Liv.”]. Liv., XXXIII. 10. 10. / XXXVI. 19. 11. / XXXIX. 52. 1. / XLV. 44. 19.

⁸³ PLÍNIO “O VELHO” – *História Natural*, III. V. 75. Texto, tradução e notas: RACKHAM, H. – *Pliny: Natural History in Ten Volumes*, Vol. II: “Libri III-VII”, Loeb Classical Library, Nº. 352, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1961 [doravante esta obra será mencionada pelas abreviaturas “Plin.”]. Plin., IV. XII. 77. / IV. XXII. 119. / IV. XXXIII. 121-122. / V. I. 9. / V. IV. 26. / V. VI. 40. / VI. XXXVI. 199. / VI. XXXVIII. 206. / VIII. X. 31. / VIII. XVIII. 47.

⁸⁴ HALICARNASSO, Dionísio de – *Sobre a Composição Literária*, 4. 15. Texto, tradução e notas: GÁLAN VIOQUE, Guillermo & MÁRQUEZ GUERRERO, Miguel Á. – *Dionisio de Halicarnaso: Sobre la Composicion Literaria, Sobre Dinarco*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 287, Madrid: Editorial Gredos, 2001.

com simples omissões (Quintiliano)⁸⁵. Contudo, a tradição da cópia manuscrita das *Historias* só se iniciou no mundo bizantino, o qual compilou integralmente os primeiros cinco livros (devido, provavelmente, à sua popularidade entre os eruditos) e parcialmente as partes 6 a 18 (na *Excerpta Antiqua*). Os restantes livros (à exceção dos 17, 19, 26, 37 e 40) foram conservados a mando do imperador Constantino VII Porfirogeneta, numa coleção que pretendia compilar os excertos mais importantes dos principais historiadores do mundo greco-romano em 56 temáticas, das quais apenas 6 sobreviveram (*Excertos Constantinianos*)⁸⁶.

Se a primeira fase de produção de tratadística militar (propriamente dita) começa e termina no período de Eneias e Xenofonte, um segundo momento de proliferação de obras militares técnicas (que coincide com a fase tardia do período helenístico) pode ser estabelecido a partir do séc. I a.C., com os escritos de Asclepiódoto ‘o Filósofo’⁸⁷. Discípulo de Posidónio de Apameia⁸⁸ (cujo tratado militar não sobreviveu às vicissitudes do tempo)⁸⁹, redigiu uma obra intitulada *Teoria Tática* (*Τέκνη Τακτική*)⁹⁰, composta por doze capítulos, onde desenvolve a terminologia e composição das subunidades das falanges apeadas⁹¹ e montadas⁹²; as suas disposições durante a marcha e no campo de batalha⁹³; o armamento dos soldados que as compunham⁹⁴; a nomenclatura militar e a sua evolução⁹⁵; e a utilização de carros de guerra⁹⁶ e de elefantes⁹⁷ no campo de batalha. Asclepiódoto pretendia assim descrever o exército Selêucida, uma osmose dos modelos militares persa, macedónico e indiano, com ligeiras influências do manípulo romano. Apesar de breve, a informação

HALICARNASSO, Dionísio de – *História Antiga de Roma*, I. 6. 1-2. Texto, tradução e notas em: CARY, Earnest – *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus in Seven Volumes*, Vol. I, Loeb Classical Library, Nº. 319, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1960 [daqui em diante esta obra será referenciada pelas abreviaturas “D.H.”]. D.H., I. 7. 1. / I. 74. 3.

⁸⁵ Vide. MCGING, Brian – *Polybius’ Histories*, Oxford Approaches to Classical Literature, Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 204-209. / GEORGANAS, Ioannis – “Polybius” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 148-149.

⁸⁶ Vide. MCGING, Brian – *op. cit.*, 2010, pp. 209-211. / NÉMETH, András – *Imperial Systematization of the Past – Emperor Constantine VII and His Historical Excerpts*, Universidade Central Europeia: Budapeste, Ph. D. Thesis, 2010, pp. 65-70.

⁸⁷ Este epíteto denota a inexperiência militar do autor que destoa com os autores mais antigos (caso de Xenofonte e Eneias, cuja prática militar se encontra bem patente nos seus tratados).

⁸⁸ SÉNECA – *Questões Naturais*, II. 26. 6. Texto, tradução e notas: HINE, Harry M. – *Lucius Annaeus Seneca: Natural Questions*, The Complete Works of Lucius Annaeus Seneca, Londres: The University of Chicago Press, 2010 [doravante esta fonte será mencionada pela abreviatura “QN.”]. QN., VI. 17. 3.

⁸⁹ Vide. Ael. *Tact.*, 1.

⁹⁰ ASCLEPIÓDOTO – *Teoria Tática*. Texto, tradução e comentário: HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 [para referência futura desta fonte utilizaremos a abreviatura “Ascl. *Tact.*”].

⁹¹ Ascl. *Tact.*, I. 2. / II. 2. / II. 5-6. / II. 8. /II. 10. / VI. 1. / VI. 3.

⁹² Ascl. *Tact.*, I. 3. / VII. 2. / VII. 10-11.

⁹³ Ascl. *Tact.*, III. 1-6. / IV. 1-4. / VI. 1-2. / VII. 1-10. / XI. 1-8.

⁹⁴ Ascl. *Tact.*, V.

⁹⁵ Ascl. *Tact.*, VIII. 1. / IX. 1. / XII. 1-11.

⁹⁶ Ascl. *Tact.*, VIII. 1.

⁹⁷ Ascl. *Tact.*, IX. 1.

presente neste tratado complementa algum do conteúdo perdido em escritos de autores posteriores (como Eliano ou Arriano)⁹⁸. A sua pertinência despertou o interesse do imperador bizantino Constantino VII, que incluiu o *Τέκνη Τακτική* na sua coleção de tratados militares⁹⁹.

Durante este século, ainda nos foram legadas duas obras sublimes que se consubstanciam num conjunto de comentários produzidos por uma das figuras mais emblemáticas dos finais do período helenístico e da República Romana: Júlio César (100-44 a.C.). Oriundo de uma família de patrícios, podemos considerar que a participação ativa de César na política romana se iniciou após o consulado de 59 a.C. e da sua nomeação como governador da Gália Transalpina¹⁰⁰. Esta indignação (do proconsulado) permitiu-lhe lançar uma campanha de dez anos na qual anexou toda a Gália¹⁰¹. Foi durante esta longa campanha que César escreveu, ou terá ditado, os seus comentários da *Guerra da Gália (Bello Gallico)*. Organizados em sete livros, os *Comentarii de Bello Gallico*¹⁰² proporcionam informação preciosa relativa não apenas à máquina militar romana¹⁰³ mas também à de outros povos da Europa Ocidental e Central (esta componente etnográfica é possivelmente um dos elementos mais enriquecedores do texto). Deste modo, são-nos dadas a conhecer algumas das práticas bélicas dos Helvéticos, dos Germanos, dos Gauleses e dos Bretões, entre outros povos¹⁰⁴. A par desta obra, Júlio César, com o início da Guerra Civil (49-46 a.C.) em que participou frente aos pompeianos¹⁰⁵, dá continuidade à narrativa do *Bello Gallico*, mandando redigir a *Guerra*

⁹⁸ Cf. SYVÄNNE, Ilkka – “Asklepiodotos (Asclepiodotus) the Philosopher” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 263-265.

⁹⁹ Cópias desta obra foram reproduzidas em vários manuscritos: no *Laurentianus LV-4*, manuscrito bizantino, do séc. X; em vários manuscritos conservados em França (*Parisinus gr. 2552*, *Parisinus gr. 2435*, *Parisinus gr. 2528*, *Parisinus gr. 2447*); e noutros manuscritos de menor importância (*Valllicellamus Allatianus VII-1*, *Valllicellamus Allatianus VII-2*, *Barberinianus gr. 256* e o *Parisinus Suppl. gr. 1252*). Vide. POZNANSKI, Lucien – *Asclépiodote: Traité de Tactique*, Paris: Les Belles Lettres, 2002, pp. XV-XXVI. / DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 382-385.

¹⁰⁰ Cf. GOLDSWORTHY, Adrian – *Life of a Colossus: Caesar*, EUA: Yale University Press, 2006, pp. 152-181. / BILLOWS, Richard A. – *Julius Caesar: The Colossus of Rome*, Roman Imperial Biographies, EUA: Routledge, 2009, pp. 111-129. / BRANDÃO, José Luís – “A Primazia de César: do ‘1º triunvirato’ aos idos de Março” in Brandão, José Luís & Oliveira, Francisco de (coords.) – *História da Roma Antiga*, Vol. 1: “Das Origens À Morte de César”, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 393-395.

¹⁰¹ GOLDSWORTHY, Adrian – *op. cit.*, 2006, pp. 184-357. / BILLOWS, Richard A. – *op. cit.*, 2009, pp. 130-165. / BRANDÃO, José Luís – *op. cit.*, 2015, pp. 395-401.

¹⁰² CÉSAR, Júlio – *Guerra da Gália*. Texto, tradução e comentário: EDWARDS, H. J. – *Caesar: The Gallic War*, Loeb Classical Library, N.º. 72, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1958 [doravante esta fonte será referida pelas abreviaturas “Cae. Gal.”].

¹⁰³ Com especial incidência na *Stratēgiká* como nos demonstram as seguintes passagens: Cae. Gal., II. 19-21. / VI. 34. / VII. 85-88. Cf. KRAUS, Christina S. – “Bellum Gallicum” in GRIFFIN, Miriam – *A Companion to Julius Caesar*, Chichester: John Wiley & Sons (Blackwell Publishing Ltd), 2009, pp. 165-168. No entanto, existem algumas reminiscências a ardis (Cae. Gal., VIII. 41.) e a táticas de cerco, sendo o mais emblemático o de Alésia (Cae. Gal., VI. 72-73).

¹⁰⁴ Destaquemos as seguintes passagens: Cae. Gal., I. 24-26. / I. 39. / II. 18-27. / V. 8-17. / V. 37. / VII. 80. Cf. KRAUS, Christina S. – *op. cit.*, 2009, pp. 168-171.

¹⁰⁵ GOLDSWORTHY, Adrian – *op. cit.*, 2006, pp. 358-467. / BILLOWS, Richard A. – *op. cit.*, 2009, pp. 205-235. / BRANDÃO, José Luís – *op. cit.*, 2015, pp. 402-415.

*Civil (Bellum Civile)*¹⁰⁶. Este trabalho, apesar de incidir sobre muitos dos aspetos da vida política romana de então, fornece-nos algumas descrições de operações militares deste conflito, dividido em três momentos (equivalentes aos livros da obra)¹⁰⁷: o início da guerra, na Itália¹⁰⁸; a extensão da beligerância para a Gália Transalpina¹⁰⁹, a Hispânia¹¹⁰ e o Norte de África; por fim, é-nos relatada a guerra na Grécia¹¹¹ e a fuga e morte de Pompeu em Alexandria. O valor de ambos os relatos para a evolução da conceptualização da arte bélica antiga foi rapidamente reconhecido pelos seus congéneres (casos de Cícero¹¹² e de Hércio¹¹³) e herdeiros (Suetónio¹¹⁴). Durante a Idade Média, a transmissão dos conhecimentos de César manteve-se dúbia, sendo muitas vezes associada a outros autores antigos¹¹⁵.

A *Poliorkētiká* foi um outro subgénero da teórica militar bastante desenvolvido nas últimas décadas do milénio, assistindo-se à proliferação de alguns trabalhos específicos relativos à edificação de engenhos de cerco (dado que nestes não se incluem, curiosamente, instruções sistematizadas para a construção de artilharia). O primeiro destes escritos corresponde a um pequeno tratado comumente atribuído a Ateneu ‘O Mecânico’, frequentemente associado a um filósofo peripatético da Selêucida, com o mesmo nome¹¹⁶. O *Sobre Máquinas de Cerco (Περὶ Μηχανημάτων)* terá sido elaborado a propósito de uma ocasião especial (possivelmente a campanha de Augusto para subjugar os Cantábricos nas Astúrias, entre 27 e 25 a.C.)¹¹⁷, sendo dedicado ao sobrinho e filho adotivo do recém-

¹⁰⁶ CÉSAR, Júlio – *Guerra Civil*. Texto, tradução e comentário: PESKETT, A. G. – *Caesar: The Civil War*, Loeb Classical Library, N.º. 39, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1928 [para referência futura desta fonte utilizaremos as abreviaturas “Cae. Civ.”].

¹⁰⁷ Cf. RAAFLAUB, Kurt – “Bellum Civile” in GRIFFIN, Miriam – *op. cit.*, 2009, pp. 176-178.

¹⁰⁸ Deste momento do conflito deve-se realçar o cerco de Corfú e de Brundísio: Cae. Civ., I. 15-28.

¹⁰⁹ A passagem pelo sul da Gália Transalpina foi sustida pela resistência de Massília: Cae. Civ., I. 56-58. / II. 1-16.

¹¹⁰ Onde Júlio César convence o exército de Pompeu a render-se sem ter necessidade de recorrer a batalhas convencionais: Cae. Civ., I. 37-55. / I. 59-87.

¹¹¹ O Livro III foca-se mais nas batalhas de Dirráquio (Cae. Civ., III. 41-81.) e de Farsalo (Cae. Civ., III. 88-99.).

¹¹² CÍCERO – *Brutus*, 262. Texto, tradução e notas: Hendrickson, G. L. – *Cicero, Brutus*, Loeb Classical Library, N.º. 342, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1971.

¹¹³ Cae. Gal., VIII. Prf.

¹¹⁴ SUETÓNIO – *As Vidas dos Césares*, LVI. 4. Texto, tradução e notas: ROLFE, J. C. – *Suetonius in Two Volumes*, Vol. I, Loeb Classical Library, N.º. 31, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1915.

¹¹⁵ SUERBAUM, Almut – “The Middle Ages” in GRIFFIN, Miriam – *op. cit.*, 2009, pp. 317-334.

¹¹⁶ Desde do séc. XIX que esta associação é considerada a mais plausível para identificar este tratadista. Ateneu da Selêucida vivia na Cilícia e é-nos mencionado primeiramente por Estrabão: ESTRABÃO – *Geografia*, 14. 5. 4. Texto, tradução e notas: JONES, Horace Leonard – *The Geography of Strabo in Eight Volumes*, Vol. VI: “Books XIII-XIV”, Loeb Classical Library, N.º. 223, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1960.

¹¹⁷ Cf. RANCE, Philip – “Athenaeus Mechanicus” in BAGNALL, R. S. *et. al.* – *op. cit.*, 2013, p. 904.

aclamado imperador: Marco Cláudio Marcelo¹¹⁸. Focando-se essencialmente na construção de aríetes e outras máquinas de cerco¹¹⁹ (mencionando engenhos antigos e respectivos inventores), Ateneu ainda nos refere uma breve síntese da evolução da engenharia militar ao tempo de Alexandre Magno¹²⁰. Para além disso, encontramos no opúsculo a menção a novas armas (estrepes gigantes, tartarugas e alavancas) e aplicações inovadoras da maquinaria antiga¹²¹. Apesar de lacónico, esta obra mostra-nos claras conformidades com algumas passagens do *Tratado de Arquitetura* de Vitrúvio¹²², o que não é de estranhar, visto que a principal fonte de inspiração para ambos os tratados é um manual de engenharia de cerco perdido de Agesístrato, que terá sido encontrado no acervo de Cláudio Marcelo¹²³. No mundo bizantino, o *Περὶ Μηχανημάτων* foi por várias vezes transcrito para manuscritos¹²⁴ que constituiriam partes integrantes da compilação de escritos militares de Constantino VII¹²⁵, formando certamente um importante elemento de análise para alguns dos tratadistas bizantinos que se debruçavam sobre a guerra de cerco¹²⁶.

No que toca à conceptualização da artilharia e engenharia militar romanas deste século, não podemos igualmente negligenciar o *Tratado de Arquitetura (De Architectura)* escrito por Marcus Pólio Vitrúvio (c. 90-20 a.C.)¹²⁷. Ao contrário de Ateneu, do qual não temos qualquer registo que possa evidenciar uma carreira militar pujante, Vitruvius serviu como arquiteto militar e oficial de engenharia de Júlio César e Octaviano Augusto¹²⁸, dedicando-se especialmente à construção de catapultas (escorpiões) e balistas (*ballistae*)¹²⁹. A proficiência deste polemógrafo foi de tal forma apreciada pelos ditos estadistas romanos que

¹¹⁸ Marsden conjectura que tanto Ateneu como Vitruvius (cujas obras apresentam semelhanças evidentes em determinadas passagens) terão sido contratados por Octávia (esposa de Marco Cláudio Marcelo): Vide. MARS DEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, p. 5.

¹¹⁹ Cf. ATENEU – *Sobre Máquinas de Cerco*, 12. 12 a 14. 3. Texto, tradução e comentário: WHITEHEAD, D. & BLYTH, P. H. – *Athenaeus Mechanicus: On Machines translated with introduction and commentary*, Historia Einzelschriften, N.º. 182, Estugarda: Franz Steiner, 2004 [citado por “Ath. Mech.”]. Ath. Mech., 21. 2. a 26. 5.

¹²⁰ Ath. Mech., 9. 4. a 10. 10.

¹²¹ Para uma listagem das inovações de Ateneu (Ath. Mech., 31. 6. a 38. 13.) veja-se: RANCE, Philip. – *op. cit.*, in BAGNALL, R. S. *et. al.* – *op. cit.*, 2013, p. 905. / DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 324-325.

¹²² Os paralelos mais evidentes podem ser encontrados entre as seguintes passagens: Ath. Mech., 9. a 26. / Vitruvius, X. 13-15. Cf. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, p. 191.

¹²³ Ath. Mech., 15. 5. / Vitruvius, X. 13. 8. Para a datação de Agesístrato Vide. MARS DEN – *op. cit.*, 1969, p. 206.

¹²⁴ O Parisinus suppl. gr. 607, o Parisinus gr. 2442 (integrado no Barberinianus 276), o Scorialensis graecus Y III 11 (281) e o Vaticanus gr. 1164 são alguns dos manuscritos para onde o tratado foi rescrito parcialmente ou na totalidade. Vide. Anexo IV, Tabela 1. Cf. DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 380-389.

¹²⁵ Cf. NÉMETH, András – *op. cit.*, 2010, pp. 155-161.

¹²⁶ Chegando mesmo a ser mencionado nas *Instruções em Poliorcética (Parangelmata Poliorcetica)* de Pseudo-Héron como uma das principais autoridades desta disciplina: Cf. Hero., 1. 10-15.

¹²⁷ SYVÄNNE, Ilkka – “Vitruvius, Marcus Pollio, Architect” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, p. 256. A versão final da obra terá sido concluída pelo ano 26 a.C., no entanto esta data está longe de ser consensual: Cf. BALDWIN, Barry – “The Date, Identity, and Career of Vitruvius” in *Latomus*, Société d’Études Latines de Bruxelles, Fascículo 2, 1990, pp. 425-434.

¹²⁸ A quem esta obra é dedicada: Vitruvius, I. *Prf.*

¹²⁹ Vide. MARS DEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, pp. 3-4.

estes depressa lhe concederam uma pensão pelos serviços prestados, estendida por um período vitalício, sob recomendação de Octávia (que se tornaria a principal patrocinadora desta obra)¹³⁰. Deste modo, não é de estranhar que o arquiteto romano incluísse no seu tratado, composto por 10 Livros, preceitos relativos à construção de engenhos de cerco (catapultas de torsão, balistas, aríetes e tartarugas¹³¹) e fortificações¹³². No entanto, o conhecimento militar transmitido por Vitruvius neste tratado (dedicado sobretudo à edificação de estruturas civis) esgota-se nestas questões técnicas de poliorcética referidas. Apesar da especificidade do seu conteúdo, são vários os exemplos de transmissão manuscrita do *De Architectura* durante o período medieval (especialmente em Itália e na França)¹³³, não existindo porém nenhum registo que nos denuncie a existência de uma tradição manuscrita do tratado em Bizâncio.

Deste período tão conturbado dos finais da República Romana resta-nos referir a obra monumental de Diodoro Sículo (90-27 a.C.), cujo objetivo era compilar a informação cronográfica de todo o mundo conhecido, dos primeiros registos escritos até ao final da *Guerra Civil* de César, em 54 a.C. Este polemógrafo oriundo de *Agirum*¹³⁴, na Sicília (ilha com tradição historiográfica) terá passado boa parte da sua vida em Roma (accedendo a muitos dos opúsculos que lhe permitiram concluir o escrito)¹³⁵ e no Egito, onde assistiu às atrocidades cometidas nos reinados dos últimos faraós ptolemaicos e à consequente e sistémica ingerência romana¹³⁶. Estes incidentes moldaram os conteúdos literários de Diodoro, que na sua *Biblioteca Histórica* (*Βιβλιοθήκη*), organizada em 40 livros¹³⁷, dá uma atenção especial à cronografia político-militar da Grécia Antiga (focando-se na presença helenística na Sicília). Do ponto de vista da teórica militar, o autor fornece prescrições

¹³⁰ À semelhança do que já havia sucedido com o *Περὶ Μηχανημάτων* de Ateneu: *Vide. Idem. Ibidem.*, p. 5. *Cf.* nota de rodapé nº. 118.

¹³¹ *Vitr.*, X. 10-15.

¹³² *Vitr.*, I. 5.

¹³³ O que desmitifica a ideia antiga de que a obra se manteve ignota até ao primeiro quartel do séc. XV. *Vide. KRINSKY, Carol Herselle* – “Seventy-eight Vitruvius Manuscripts” in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 30, 1967, pp. 36-70.

¹³⁴ Atual Agira: SÍCULO, Diodoro – *Biblioteca Histórica*, I. 4. 4. Texto, tradução e notas: OLDFATHER, C. H. – *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes*, Vol. I: “Books I – II.34”, Loeb Classical Library, Nº. 279, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1968 [doravante citado por “D.S.”].

¹³⁵ Tecendo comentários elogiosos sobre a cidade no início da *Bibliothékē*: D.S., I.4.3. No entanto, a visão do escritor relativamente à República (assolada pelas guerras civis) mantém-se dúbia: SACKS, Kenneth S. – *Diodorus Siculus and the First Century*, Nova Jersey: Princeton University Press, 1990, pp. 117-159.

¹³⁶ *Cf. MUNTZ, Charles E.* – *Diodorus Siculus and the World of the Late Roman Republic*, Oxford: Oxford University Press, 2017, pp. 3-5 e 217-221.

¹³⁷ Porém destes apenas os respetivos aos anos 480-323 a.C. (livros 11 a 17) é que sobreviveram integralmente. *Cf. BUCKLEY, Terry* – *Aspects of Greek History, 750-323 BC: A Source-Based Approach*, Nova Iorque: Routledge (Taylor & Francis Group), 2005, p. 4.

relativas à guerra de cerco¹³⁸, a batalhas com a participação de elefantes de guerra¹³⁹ e à utilização de artilharia naval¹⁴⁰. Para além destes exemplos, Diodoro ainda nos descreve proficuamente a composição do exército de Alexandre Magno e das batalhas da campanha na Pérsia¹⁴¹. Baseando-se, possivelmente, nos escritos de Posidónio respeitantes à guerra de escravos na Sicília¹⁴², Diodoro foi muito lembrado por outros eruditos clássicos (caso de Plínio “o Velho”¹⁴³) e no mundo cultural bizantino: é mencionado por Fócio na sua obra enciclopédica intitulada *Biblioteca*¹⁴⁴, assim como na compilação de obras de historiografia greco-romana de Constantino VII, já citada anteriormente¹⁴⁵.

Marco da historiografia militar da viragem de milénio, Tito Lívio (c. 59 a.C. – 17)¹⁴⁶ elaborou uma narrativa denominada *História de Roma Desde a sua Fundação (Ab Urbe Condita)*, cujas descrições da máquina militar romana (das origens da cidade até Augusto) são cruciais para o seu entendimento. Patrocinado pelo Estado romano durante o principado¹⁴⁷ (chegando a educar o neto adotivo do imperador), este historiador latino, oriundo da cidade de Patavium (Pádua), não foi indiferente aos conflitos civis que assolaram o período terminal da República¹⁴⁸. Iniciando a sua exposição com comentários relativos ao nascimento do exército romano durante a monarquia¹⁴⁹, o autor depressa desenvolve aspetos relacionados com a tática manipular e a *Triplex Acies*¹⁵⁰ durante os conflitos mais importantes com os povos

¹³⁸ Como por exemplo a invenção da catapulta (D.S., XIV. 42. 1. / XIV. 43. 3. / XIV. 50. 4.), ou os começos da poliorcética grega (D.S., XVI. 74. 2-5.). São vários os cercos relatados na *Βιβλιοθήκη* (D.S., XX. 91. 1-8.), entre os quais o autor destaca o cerco a Siracusa durante a 2ª Guerra Púnica (D.S., XXVI. 18.).

¹³⁹ D.S., II. 16. 8-9. / XVIII. 71. 2-6. Realce-se a batalha de *Paraetacene* (317 a.C.): D.S., XIX. 27-31.

¹⁴⁰ D.S., XX. 49-51.

¹⁴¹ D.S., XVII.

¹⁴² Apesar de encontrarmos outras obras (parte delas perdidas) que poderão ter influenciado a de Diodoro: BUCKLEY, Terry – *op. cit.*, 2005, p. 5.

¹⁴³ Que menciona Diodoro na sua lista de compiladores: Plin., *Prf.* 25.

¹⁴⁴ Cf. FÓCIO – *Biblioteca*, 70. Texto, tradução e notas: HENRY, René – *Photius Bibliothèque*, Tomo I, Collection Byzantine de l'Association Guillaume Budé, Paris: Les Belles Lettres, 1959 [para referência futura desta fonte utilizaremos a abreviatura “Phot.”].

¹⁴⁵ NÉMETH, András – *op. cit.*, 2010, p. 3.

¹⁴⁶ Para mais informações relativas à datação incerta do nascimento e óbito de Tito Lívio veja-se: LEVICK, Barbara – “Historical Context of the *Ab Urbe Condita*” in MINEO, Bernard – *A Companion to Livy*, Blackwell Companions to the Ancient World, Chichester: John Wiley & Sons, 2015, pp. 25-29.

¹⁴⁷ Apesar de ter apoiado Pompeu, Tito Lívio construiu um relacionamento cordial com o primeiro imperador romano: TÁCITO – *Anais*, 4. 34. 3. Texto, tradução e notas: WOODMAN, A. J. – *Tacitus: The Annals*, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004 [de agora em diante citada por “*Tac. Ann.*”].

¹⁴⁸ De tal forma que o autor exalta as virtudes dos primeiros romanos que serviram de base às conquistas empreendidas nos primeiros séculos da República. Vide. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, p. 108. As guerras civis terão impedido o autor de se deslocar a Roma com o intuito de aprender Grego: RAWSON, Elizabeth – *Intellectual Life in the Late Roman Republic*, Londres: Gerald Duckworth & Co., 1985, p. 35.

¹⁴⁹ Nestas passagens, Tito Lívio trata a criação de um salário para os soldados romanos (Liv., IV. 59-60. / V. 7.) e o surgimento dos acampamentos de inverno (os *hibernacula*: Liv., V. 2.).

¹⁵⁰ Ou seja, da organização dos legionários em três linhas de combate (*hastati, principes e triarii*), organizadas em manípulos, assim como do respetivo armamento: Liv., VIII. 8.

itálicos¹⁵¹. Todavia, a temática principal da *Ab Urbe Condita* é a transformação de Roma na nova potência do Mediterrâneo, uma consequência direta da Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.)¹⁵². Das restantes configurações específicas do exército romano presentes na narrativa, Tito Lívio realça a criação dos *velites* (infantaria ligeira)¹⁵³ e a introdução das *coortes* (amalgama de três manípulos)¹⁵⁴ considerada por muitos historiadores modernos um anacronismo do polemógrafo. A conservação de apenas 35 Livros dos 142 originais indicia-nos o obscurecimento desta obra nos centros copistas da Europa medieval, pelo menos até aos inícios do séc. XIV¹⁵⁵.

Se a obra de Tito Lívio se foca nas características do exército romano republicano, decisivas para o seu sucesso, os escritos de Flávio Josefo (c. 37-100) sobre a primeira guerra judaica-romana (66-73)¹⁵⁶, compilados na *Guerra Judaica* (obra composta por 7 Livros, escrita inicialmente em aramaico e posteriormente em grego), centram-se na máquina militar imperial. A vida deste sacerdote judeu latinizado (pertencente à aristocracia política de Jerusalém)¹⁵⁷ pode ser dividida em dois momentos: uma primeira fase, que vai desde o seu nascimento até à queda de Jerusalém (70), que o obriga a migrar para Roma sob a tutela de Tito (filho do imperador Vespasiano); e um segundo momento em que Josefo se torna cliente do imperador, participando na diáspora judaica do último quartel deste século¹⁵⁸. A duplicidade cultural do autor (inerente à sua devoção pela religião judaica e ao respeito que adquiriu pela cultura romana) torna-se evidente nas informações respeitantes à estrutura e organização do exército romano inseridas na *Guerra Judaica*¹⁵⁹ (Livro 3), que passam pela descrição do treino¹⁶⁰ e disciplina¹⁶¹ das legiões romanas, pelas ordens de marcha¹⁶² e pelos

¹⁵¹ Destaquemos as Guerras Latinas (Liv., VIII. 1-14.) e os conflitos contra os Samnitas (Liv., VIII. 30-40.)

¹⁵² Atente-se à descrição pormenorizada das batalhas da campanha de Aníbal em Itália: Ticino (Liv., XXI. 39-46.), Trébia (Liv., XXI. 47-56.), Lago Trasimeno (Liv., XXII. 1-8.) e Canas (Liv., XXII. 40-61.).

¹⁵³ Liv., XXVI. 4. 4-10.

¹⁵⁴ Liv., XXV. 39. 1. / XXVII. 18. 10. / XXVIII. 13. 8. / XXVIII. 14. 17. / XXVIII. 23. 8. / XXVIII. 25. 15. / XXVIII. 33. 12.

¹⁵⁵ Cf. MARÉCHAUX, Pierre – “The Transmission of Livy from the End of the Roman Empire to the Beginning of the Seventeenth Century: Distortion or Discovery, a Story of Corruption” in MINEO, Bernard – *op. cit.*, 2015, pp. 439-441.

¹⁵⁶ Apesar de não ser conivente com a revolta, Flávio Josefo torna-se comandante da Galileia, dirigindo as operações de defesa no cerco de Jotapata (67).

¹⁵⁷ Cf. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, p. 36.

¹⁵⁸ Vide. RAJAK, Tessa – *Josephus: The Historian and His Society*, Londres: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 2003, p. 11.

¹⁵⁹ O autor adota, em muitos momentos, um discurso pró romano, servindo os interesses propagandísticos do seu mecenas (o imperador Vespasiano).

¹⁶⁰ JOSEFO, Flávio – *Guerra Judaica*, III. 71-76 e 85-88. Texto, tradução e notas: THACKERAY, H. St. J. – *Josephus in Nine Volumes*, Vol. II: “The Jewish War, Books I-III”, Loeb Classical Library, N.º. 203, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1956 [doravante citada por “Fla.”].

¹⁶¹ Fla., III. 102-109.

¹⁶² Fla., III. 115-126.

acampamentos militares deste período¹⁶³. Deste modo, o núcleo duro desta obra pretendia realçar a importância de uma preparação cautelosa e atempada da guerra¹⁶⁴, um elemento paradigmático de Roma. Largamente divulgada e copiada durante a Idade Média¹⁶⁵, esta narrativa, a par de outras do mesmo autor¹⁶⁶, era conhecida pelos eruditos e pelos copistas bizantinos, que a inseriram nas *excerpta Constantiniana*¹⁶⁷.

Esta continuidade multiseular na produção de narrativas político-militares foi reforçada por outros escritores de tratados com um teor mais técnico e que se inspiraram em eruditos já anteriormente mencionados. É o caso de Héron de Alexandria (c. 10 – 85), grande especialista em Matemática, Física, Mecânica e Pneumática que, face à natureza dos seus escritos (propedêuticos para o estudo destas ciências neste período), terá ensinado no Museu de Alexandria¹⁶⁸, uma instituição patroneada pelos Ptolemeus. Deste modo, não é de estranhar que este erudito tenha produzido um tão vasto leque de escritos¹⁶⁹, dos quais nos interessa aludir a um tratado sobre a *Construção de Máquinas de Cerco (Belopoeica)*¹⁷⁰, escrito em termos muito mais generalistas que os seus congéneres¹⁷¹. A pertinência desta obra passa por ser a primeira a descrever, detalhadamente, a construção de um engenho de não-torsão que disparava setas (o *gastrophetes*)¹⁷² e por sintetizar os preceitos de construção da artilharia por torsão antiga¹⁷³ comparando-os a modelos mais recentes¹⁷⁴. Héron ainda escreveu um manual *Sobre Catapultas (Cheirombalistra)* que nos descreve um engenho de torsão de disparo de setas¹⁷⁵ bastante eficaz, que foi utilizado posteriormente na Guerra Dácia de Trajano (101-

¹⁶³ Fla., III. 76-84.

¹⁶⁴ Fla., III. 98-101.

¹⁶⁵ São vários os códices em que encontramos cópias parciais ou integrais da *Guerra Judaica*, estando os mais importantes conservados em Itália (Vaticano, Veneza, Florença e Milão) e em Paris: Cf. LEONI, Tommaso – “The Text of the Josephan Corpus: Principal Greek Manuscripts, Ancient Latin Translations, and the Indirect Tradition” in CHAPMAN, Honora Howell & RODGERS, Zuleika (eds.) – *A Companion to Josephus*, Blackwell Companions to the Ancient World, Chichester: John Wiley & Sons, 2016, pp. 307-310.

¹⁶⁶ Caso da *Antiguidades dos Judeus* referida por Fócio na sua *Biblioteca*: Phot. 76.

¹⁶⁷ NÉMETH, András – *op. cit.*, 2010, p. 3.

¹⁶⁸ Poderá mesmo ter sido diretor desta visto ser o último membro do Museu do qual existem registos: Cf. PAPADOPOULOS, Evangelos – “Heron of Alexandria (c. 10-85 AD)” in CECCARELLI, Marco (ed.) - *Distinguished Figures in Mechanism and Machine Science: Their Contributions and Legacies*, Parte 1, Holanda: Springer, 2007, p. 219.

¹⁶⁹ Para uma lista completa dos tratados deste autor, veja-se: *Idem. Ibidem*, pp. 220-221.

¹⁷⁰ Segundo Marsden, esta obra seria uma reedição dos *Comentários (Υπομνήματα)* perdidos de Ctesíbio, matemático e engenheiro alexandrino do séc. III a.C. O facto de se tratar de uma readaptação poderá explicar a cumplicidade da informação deste tratado com o de Filo de Bizâncio, que se inspira no mesmo autor. *Vide*. MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, pp. 1-2.

¹⁷¹ MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1969, p. 3.

¹⁷² Hero. *Bel.*, 75-81. Cf. MARSDEN, E. W. - *op. cit.*, 1969, pp. 5-6.

¹⁷³ Hero. *Bel.*, 81-83. Cf. MARSDEN, E. W. - *op. cit.*, 1969, pp. 16-18.

¹⁷⁴ Hero. *Bel.*, 91-104.

¹⁷⁵ Nesta máquina, as molas (feitas a partir de cabelo ou tendões) eram esticadas em dois cilindros de metal distintos. Cf. PAPADOPOULOS, Evangelos – “Heron of Alexandria (c. 10-85 AD)” in CECCARELLI, Marco

106). Esta máquina era composta pelos seguintes componentes: duas placas de encaixe¹⁷⁶, um mecanismo de tiro¹⁷⁷, uma armação¹⁷⁸, cilindros de bronze¹⁷⁹, barras para encaixar nos cilindros¹⁸⁰, um arco pequeno¹⁸¹, uma escada exígua¹⁸² e duas componentes em formato de cone¹⁸³. Só no século XX é que inúmeros académicos conseguiram decifrar os enigmas atinentes à transmissão manuscrita destes e de outros tratados de artilharia gregos¹⁸⁴, uma vez que a informação legada por Héron terá chegado ao mundo bizantino, sendo o especialista mencionado no tratado do séc. X sobre Poliorcética¹⁸⁵.

A *Stratēgiká* foi outro género da tratadística militar greco-romana bastante explorado na segunda metade do séc. I, devido sobretudo ao trabalho de Onasandro, filósofo grego (presumivelmente sem experiência militar) que, além do tratado que escreveu, terá elaborado um comentário perdido à *República* de Platão¹⁸⁶. Também com traços da filosofia platónica, o *General* (*Στρατηγικός*), escrito na década de 50, foi dedicado a Quinto Verânio¹⁸⁷, o governador romano da Bretanha (entre 57/8-58/9) que efetuou operações militares no território correspondente ao atual País de Gales¹⁸⁸. Longe de se esgotar nas faculdades que devem ser consideradas na escolha de um general¹⁸⁹, este tratado, composto por 42 capítulos, ainda aborda as seguintes temáticas: ponderações propedêuticas para a guerra¹⁹⁰; marchas, treinos e acampamentos¹⁹¹; precauções nas vésperas de batalha¹⁹²; instruções a serem aplicadas durante o combate¹⁹³; saberes empregues no rescaldo do conflito e em tempo de

(ed.) - *Distinguished Figures in Mechanism and Machine Science: Their Contributions and Legacies*, Parte 1, Holanda: Springer, 2007, pp. 233-234.

¹⁷⁶ HÉRON – *Sobre Catapultas*, 123. a 125. 3. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971 [citada pelas abreviaturas “Hero. Cheir.”].

¹⁷⁷ Hero. Cheir., 125. 4. a 128. 2.

¹⁷⁸ Hero. Cheir., 128. 3. a 129. 4.

¹⁷⁹ Hero. Cheir., 129. 5-11.

¹⁸⁰ Hero. Cheir., 130. 1-2.

¹⁸¹ Hero. Cheir., 130. 3-7.

¹⁸² Hero. Cheir., 130. 8. a 132. 7.

¹⁸³ Hero. Cheir., 133. 1. a 134. 2.

¹⁸⁴ As obras de Héron constam de dois manuscritos parisienses (*Codex Parisinus Graeca 607* e *Codex Parisinus 2435*), de um sedado no Vaticano (*Codex Vaticanus 1164*) e ainda do *Fragmenta Vindobonensia 120*.

¹⁸⁵ Hero., 3. 30.

¹⁸⁶ Informação contida no léxico enciclopédico bizantino do séc. X de Sudas.

¹⁸⁷ SMITH, C. J. – “Onasander on how to be a general” in AUSTIN, M. & HARRIES, J. & SMITH, C. J. (eds.) – *Modus Operandi. Essays in Honour of Geoffrey Rickman*, Londres: Institute of Classical Studies, pp. 151-158. Cf. ONASANDRO – *O General*, *prf.* 1. Texto, tradução e notas: HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, N.º. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 [para referência futura deste tratado utilizaremos a abreviatura “Ona”].

¹⁸⁸ Para mais informações sobre a carreira deste governador, *vide*: Tac. *Ann.*, 2. 56. 4. / 3. 19. 1. / 12. 5. 1. / 14. 29. 1.

¹⁸⁹ Onos., I-II. / XIII. / XXXII. / XXXIX. 1. / XLII. 2. / XLII. 5. / XLII. 10.

¹⁹⁰ Onos., III-V.

¹⁹¹ Marchas: Onos., VI-VII. Treinos: Onos., X. 1. Acampamentos: Onos., VIII. a X. 8.

¹⁹² Onos., X. 2-10. / XI. 1-2. / XII. / XIV.

¹⁹³ Onos., XV-XXXIII.

paz¹⁹⁴; poliorcética¹⁹⁵. Apesar de possuir instruções generalistas (e provavelmente devido a esta característica), o *General* tornou-se bastante popular durante os últimos séculos da Antiguidade¹⁹⁶ e no mundo bizantino, onde chegamos a encontrar várias referências ao autor noutros escritos do mesmo género¹⁹⁷, assim como em trabalhos de outra natureza¹⁹⁸. A influência deste tratado em Bizâncio também pode ser atestada pelos inúmeros manuscritos (dos sécs. X e XI) que o reproduzem, tendo em atenção que a qualidade e a fiabilidade das cópias variam consoante a tradição manuscrita¹⁹⁹.

Um último vulto da tratadística militar greco-romana deste século pode ser reconhecido em Sexto Júlio Frontino (c. 35-103), um patrício romano possivelmente educado em Alexandria²⁰⁰ e que desempenhou diversos cargos políticos (pretor urbano²⁰¹, cônsul, governador da Bretanha²⁰²) antes do principado de Nerva (96-98). Pouco mais se sabe da vida deste oficial para além dos contatos que teve com outros eruditos da época (caso de Eliano²⁰³) durante a sua estadia em Roma, onde serviu como *curator aquarum* (em 97) e como cônsul pela segunda (com Nerva) e terceira vez (com Trajano). Da grande obra parcialmente perdida deste compositor sobre *Assuntos Militares* (*De re militari*), escrita por volta do ano 78, apenas sobreviveu um apêndice²⁰⁴, que viria a ser intitulado *Estratagemas* (*Stratēgēmata*), constituído por mais de 500 ardis e artimanhas (dos quais apenas 12 são contemporâneos a

¹⁹⁴ Onos., XXXIV-XXXVIII.

¹⁹⁵ Onos., XXXIX. 2. a XLII. 9.

¹⁹⁶ Sendo fácil encontrar paralelismos entre os escritos de Onasandro e os de tratadistas romanos posteriores (caso de Frontino e do Vegécio): Cf. SYVÄNNE, Ilkka – “Onasander (Onasandros, Onesandros, Onosandros), Philosopher” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 144-145.

¹⁹⁷ Caso do *Tática* de Leão VI, o Sábio (866-912): LEÃO VI, imperador – *Tática*, 14. 98. 675-679. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *The Taktika of Leo VI: Text, Translation, and Commentary*, Dumbarton Oaks Texts, N.º. 12, Washington: Harvard University Press, 2010 [doravante citado “Leo. *Tactica*.”].

¹⁹⁸ Por exemplo o *De magistratibus* de João ‘o Lídio’. Vide. HENDERSON, Jeffrey (ed.) – *op. cit.*, 1928, p. 345. Cf. nota de rodapé n.º. 33.

¹⁹⁹ No entanto podemos encontrar cópias do tratado nas três tradições principais: O *Florentinus Lv. 4* e respetivos descendentes; um segundo grupo composto pelo *Parisinus 2442*, o *Vaticanus Graecus 1104* e o *Neapolitanus III C 26*; e o *Ambrosianus 139*. Vide. Anexo IV, Tabela 1. Cf. DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 327-329.

²⁰⁰ SHADER, Charles R. – “Frontinus, Sextus Julius” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, pp. 51-52.

²⁰¹ TÁCITO – *Histórias*, IV. XXXIX. Texto, tradução e notas: MOORE, Clifford H. – *Tacitus in Four Volumes*, Vol. II: “Histories, Books IV-V, Annals, Books I-III”, Loeb Classical Library, N.º. 249, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1962.

²⁰² TÁCITO – *Agricola*, 17. Texto, tradução e notas: HUTTON, M. & PETERSON, W. - *Tacitus: Agricola, Germania, Dialogus*, Loeb Classical Library, N.º. 35, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914. / FRONTINO – *Estratagemas*, IV. III. 14. Texto, tradução e notas: BENNETT, Charles E. – *Frontinus: The Stratagems and the Aqueducts of Rome*, The Loeb Classical Library, N.º. 174, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1925 [de agora em diante citado pelas abreviaturas “Fron. *Str.*”].

²⁰³ Que nos menciona um encontro que teve com o Frontino, já no reinado de Trajano: Ael. *Tact. prf.*

²⁰⁴ Escrito provavelmente entre os anos 84 e 96, período em que Frontino se afastou do cenário político e usufruiu dos terrenos que possuía em Fórmias (Lácio).

Frontino²⁰⁵) que deveriam ser aplicados em contexto de guerra. Entre outros aspetos, este tratado aborda (através de *anécdotas*) questões relativas à importância dos estratagemas no planeamento militar²⁰⁶ e em táticas e estratégias bem planeadas²⁰⁷. Ainda fornece ao general romano instruções sobre o que fazer em diversas situações adversas, cuja aplicação é vital²⁰⁸, dando-nos exemplos de vários comandantes que se destacaram pela sua disciplina e liderança²⁰⁹, qualidades que deveriam ser adotadas por todo e qualquer líder militar. Trata-se, portanto, de uma coletânea de excertos de outras fontes aos quais Frontino queria imprimir uma dimensão prática e pedagógica. Os *Estratagemas* transformaram-se numa das principais influências da tratadística clássica no mundo medieval ocidental, sendo a obra mais traduzida e estudada depois da *Epitoma* de Vegécio²¹⁰.

A linha de tratadistas greco-romanos dedicados ao género do *Stratēgēmata* estende-se no séc. II, com os *Estratagemas* (o nome e extensão original desta obra ainda são alvo de debate²¹¹) de Polieno. Este escritor e jurista²¹² macedónico, com possível cidadania romana (integrando a classe dos *equites*), manteve uma forte ligação ao poder imperial, o que nos é atestado pelo facto do autor dedicar a sua obra aos co-imperadores Lúcio Vero (161-169) e Marco Aurélio (161-180)²¹³, possivelmente aquando da guerra pártica (162-165). Pouco mais se sabe da sua vida, visto que as únicas informações que possuímos provêm do seu próprio escrito e do léxico enciclopédico bizantino de *Sudas*²¹⁴. Os *Estratagemas* (*Stratēgēmata*) de Polieno são organizados tematicamente em 8 Livros: os primeiros três abordam ardis de generais da história grega; o quarto debruça-se sobre a história da Macedónia; o conteúdo do Livro 5 é dedicado a exemplos sicilianos; o sexto enumera inúmeras artimanhas de povos diversos; o seguinte descreve a astúcia bárbara; já o último Livro, está dividido em duas

²⁰⁵ Algo único visto que o *Stratēgēmata* de Polieno (único termo de comparação) não oferece nenhum exemplo contemporâneo do autor. Fron. *Str.*, I. I. 8. / I. III. 10. / II. I. 17. / II. III. 23. / II. IX. 5. / II. XI. 7. / IV. I. 21. / IV. I. 28. / IV. II. 3. / IV. III. 14. / IV. VI. 4. / IV. VII. 2.

²⁰⁶ Fron. *Str.*, I. I. 8. / I. II. 1.

²⁰⁷ Fron. *Str.*, I. III. 3. / I. IV. 9a. / I. VIII. 9. / II. I. 15-17. / II. II. 4-5. / II. III. 15. / II. IV. 6. / II. III. 15. / II. IV. 6. / II. VI. 3. / II. IX. 5. / II. X. 1. / III. I. 2. / III. 2. 1. / III. VI. 3.

²⁰⁸ Fron. *Str.*, I. V. 22. / III. XVI. 2.

²⁰⁹ Fron. *Str.*, I. IX. 4. / I. X. 2. / I. XI. 6. / IV. I. 1. / IV. I. 3. / IV. I. 17. / IV. I. 21. / IV. I. 26. / IV. I. 37. / IV. VI. 3.

²¹⁰ Vide. CONTAMINE, Philippe – *La Guerra nel Medioevo*, Bolonha: Società editrice il Mulino, tradução italiana de Tukei Capra, 1986, pp. 291-292.

²¹¹ As intenções de Polieno seriam escrever um manual militar, do qual os *Estratagemas* seriam parte integrante: SCHETTINO, Maria Teresa – *Introduzione a Polieno*, Pisa: Edizioni ETS, 1998, pp. 35-38. / MARTÍN GARCÍA, Francisco (intr.) & VELA TEJADA, José (intr.) – *op. cit.*, 1991, p. 148.

²¹² POLIENO – *Estratagemas*, II. *prf.* / VIII. *prf.* Texto, tradução e notas: MARTÍN GARCÍA, Francisco & VELA TEJADA, José – *Eneas el Táctico: Poliorcética, Polieno: Estratagemas*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 157, 1991 [para referência futura desta fonte utilizaremos a abreviatura “Polyaen.”].

²¹³ Polyaen., I. *prf.* 1. / II. *prf.* / III. *prf.* / IV. *prf.* / V. *prf.* / VI. *prf.* / VII. *prf.* / VIII. *prf.*

²¹⁴ Que menciona esta obra pelo menos 4 vezes: Cf. SCHETTINO, Maria Teresa – *op. cit.*, 1998, pp. 25-27.

secções (uma sobre romanos ilustres e a segunda relativa a mulheres latinas cuja perícia fora engratecida por Polieno). Na conceção do polemógrafo, a aplicação das estratégias²¹⁵ deveria ser diversificada, sendo frequentemente adicionados aspetos de outros géneros e subgéneros da tratadística (p. ex., cercos²¹⁶, treino²¹⁷ e táticas²¹⁸ de um exército, ou casos de generais cujas qualidades eram requeridas em diversas situações²¹⁹). Contrastando com o desconhecimento absoluto desta obra no Ocidente europeu durante a transição da Antiguidade para a Medievalidade, em Bizâncio os *Estratagemas* de Polieno mantiveram-se bastante populares, de tal forma que foram produzidas pelos centros de cópia imperiais pelo menos cinco adaptações do texto original (uma do séc. VI²²⁰ e quatro do séc. X). A popularidade da obra no mundo bizantino foi de tal ordem que o imperador Constantino VII teria na sua biblioteca uma cópia deste tratado (e outra das obras de Siriano *Magistros*), recomendando-a ao seu filho Romano (futuro Romano II, 959-963) como leitura basilar para o entendimento da ciência e da prática militares²²¹.

A disciplina da Poliorcética também foi bastante desenvolvida na abertura de século, verificando-se a proliferação de novas obras que, bebendo em parte no conteúdo de tratados anteriores, vão apresentar adaptações inovadoras de engenhos antigos, assim como descrições respeitantes à arquitetura militar romana da época. Falamos sobretudo de Apolodoro de Damasco (séc. II), um engenheiro com uma carreira brilhante, fruto das oportunidades que se lhe abriram durante as campanhas ambiciosas de Trajano (98-117)²²². O percurso deste escritor iniciou-se com a construção de uma ponte sob o Danúbio (durante as Guerras Dácias, na qual participou como chefe engenheiro)²²³, que depressa o deixou famoso e o levou à

²¹⁵ São vários os exemplos descritos por Polieno em que o general consegue enganar o inimigo: Polyæn., I. 47. 1. / II. 3. 9. / II. 3. 13. / IV. 9. 5. / V. 2. 9. / V. 22. 4. / V. 44. 2.

²¹⁶ Polyæn., I. 37. / IV. 2. 18. / IV. 7. 8. / IV. 18 (17). 1. / V. 19. / VI. 3. / VI. 17. / VII. 13.

²¹⁷ Polyæn., IV. 2. 10.

²¹⁸ Polyæn., IV. 1. 2.

²¹⁹ Polyæn., II. 3. 4. / III. *prf.* / III. 9. 2-63. / IV. 3. 8. / IV. 3. 23. / V. *prf.* / VI. 4. 1. / VII. *prf.* / VIII. 16. 3. / VIII. 23. 17. / VIII. 23. 23-33.

²²⁰ A mais popular, a *Hypothéseis* (*Υποθέσεις*), produzida no tempo de Justiniano, reuniu 58 capítulos da obra original: Cf. DAIN, Alphonse – “Les cinq adaptations byzantines des «Stratagèmes» de Polyen” in *Revue des Études Anciennes*, tomo 33, N.º. 4, 1931, p. 334.

²²¹ CONSTANTINO VII, imperador – *Discursos Militares*, texto C. 196-204. Texto, tradução e notas: HALDON, John – *Constantine Porphyrogenitus, Three Treatises on Imperial Military Expeditions*, Corpus Fontium Historiae Byzantinae, Vol. XXVIII, Viena: Academia austríaca de Ciência, 1990 & MCGEER, Eric – “Two Military Orations of Constantine VII” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 111-135 [citada por “Const.”].

²²² SYVÄNNE, Ilkka – “Apollodoros (Apollodoros), Architect”, in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, p. 232.

²²³ Apolodoro terá escrito sobre esta obra de engenharia, num texto que infelizmente se perdeu: CÁSSIO, Dião – *História de Roma*, LXVIII. 13. Texto, tradução e comentário: CARY, Earnest – *Dio's Roman History in Nine Volumes*, Vol. VIII, Loeb Classical Library, N.º. 176, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1925 [de agora em diante, esta fonte será mencionada pela abreviatura “D.C.”].

edificação de outras obras públicas sob o patrocínio do imperador (caso do *forum* e da coluna de Trajano, tendo ainda feito a esquematização do Panteão²²⁴). No entanto, devido a fricções²²⁵ com o sobrinho de Trajano, o futuro imperador Adriano (117-138), Apolodoro acabaria por ser exilado e, depois, executado, factos que a historiografia mais recente tem vindo a contestar²²⁶. Consequentemente, o legado literário profícuo deste escritor cingiu-se, no que a tratadística militar diz respeito, à *Poliorcética*, obra que enumera os métodos de edificação (muitas das vezes improvisáveis) de vários engenhos de cerco ligeiros, considerando que grande parte destes poderia ser construída durante uma campanha com relativa facilidade, utilizando os materiais encontrados *in loco*²²⁷. Assim sendo, este manual consubstancia-se numa listagem de um conjunto de engenhos de guerra ofensiva (especialmente eficazes contra fortificações em relevos elevados), cujos desenhos de construção²²⁸ foram requeridos por um imperador não identificado (muito provavelmente Trajano²²⁹). A estrutura do tratado pode ser exposta da seguinte forma: um primeiro momento em que são descritos dispositivos que protejam os sitiados durante a aproximação à muralha e os ajudem a destruí-la²³⁰; seguem-se instruções de como incendiar o recinto amuralhado do inimigo e sobre como construir tartarugas que suportem aríetes²³¹; métodos para a edificação de torres de assalto²³²; e a construção e utilização de escadas de assalto²³³. Apesar de algumas das máquinas apresentadas por Apolodoro terem sido utilizadas nas guerras da Dácia e nas guerras Párticas de Septímio Severo (193-211), a sua aplicabilidade manteve-se discutível durante a Antiguidade Tardia e no período médio-bizantino²³⁴. A inclusão de partes do tratado na *Introdução à Poliorcética* de Pseudo-Héron e n' *As Magistraturas da Constituição Romana*

²²⁴ D.C., LXIX, 4. 1. Cf. BLYTH, P. H. – “Apollodorus of Damascus and the Polioretica” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol. 33, Nº. 2, 1992, p. 127.

²²⁵ D.C., LXIX. 4. 1-5.

²²⁶ RANCE, Philip – “Apollodoros of Damascus” in BAGNALL, R. S. *et. al.* – *op. cit.*, 2013, p. 549.

²²⁷ Criticando tratados de engenharia militar mais antigos (por idealizarem máquinas de cerco cuja construção era bastante condicionada), este tratado é considerado por alguns historiadores a melhor representação do empreendedorismo da carpintaria romana imperial. Cf. BLYTH, P. H. – *op. cit.*, 1992, p. 128.

²²⁸ DAMASCO, Apolodoro de – *Poliorcética*, 137. 1. a 138. 17. Texto, tradução e notas: WHITEHEAD, D. – *Apollodorus Mechanicus: siege matters (Πολιορκητικά)*, Historia Einzelschriften 216, Estugarda: Franz Steiner, 2010 [para referência futura a este tratado utilizaremos a abreviatura “Apollod. *Poliorc.*”].

²²⁹ Pseudo-Héron menciona Adriano nas *Instruções de Poliorcética*: Hero., 1. 10.

²³⁰ Caso de uma trincheira, de defletores triangulares de projéteis, de proteções manuais, de instruções para a proteção de sapadores, instrumentos manuais para perfurar a muralha, entre outros. Cf. Apollod. *Poliorc.* 138. 17. a 146. 2.

²³¹ Apollod. *Poliorc.* 152. 7. a 156. 1.

²³² Esta torre teria cinco apêndices: uma ponte levadiça, um aríete duplo, um objeto para empurrar os inimigos das ameias, uma plataforma inferior que ajudava a equilibrar a máquina em terreno irregular e tubos que expeliam material inflamável. Apollod. *Poliorc.* 164. 5. a 167. 9.

²³³ Apollod. *Poliorc.* 175. 2. a 177. 3.

²³⁴ SYVÄNNE, Ilkka – *op. cit.*, in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, p. 233.

de João ‘o Lídio’²³⁵ demonstra que o conteúdo de Apolodoro era, no mínimo, pertinente. No entanto, Siriano *Magistros*, no *Sobre Estratégia (Περὶ Στρατηγίας)* tece comentários depreciativos quanto a algum do material de Apolodoro²³⁶.

Outro opúsculo que poderá evidenciar a relevância do género da Poliorcética na tratadística destes dois primeiros séculos da nossa era é o *Sobre as Fortificações de um Acampamento (De munitionibus castrorum)*²³⁷. A problemática respetiva à autoria desta obra mantém-se em aberto, pelo que a teoria mais verosímil²³⁸ atribui o tratado a Higinio *Gromaticus*, escritor latino que, durante o reinado de Trajano, elaborou vários manuscritos sobre agrimensura (*De Limitibus* e do *De Condicionibus Agrorum*)²³⁹. Todavia, a identificação de pelo menos três escritores com este nome, entre os sécs. I e III, assim como as particularidades do estilo linguístico deste escrito em comparação com as das restantes obras supramencionadas, levam a querer que se trate de outro erudito²⁴⁰. Não obstante as poucas informações que possuímos do contexto em que o *De munitionibus castrorum* foi escrito, sabemos que se trata de um dos tratados militares romanos mais originais, abordando aspetos de arquitetura militar²⁴¹ que só haviam sido desenvolvidos anteriormente por Políbio²⁴². Para além dos tópicos respeitantes à edificação das estruturas de campo defensivas, são vários os contributos deixados pelo autor referentes à estrutura (hipotética²⁴³) do exército romano²⁴⁴, assim como sobre o local ideal para a construção e proteção do acampamento²⁴⁵. A originalidade do tratado não impediu o seu relativo desconhecimento durante a Idade Média, tendo sido apenas copiado uma vez para um manuscrito do séc. VI (o *Arcerianus*) que, sendo vítima de vários retoques por eruditos medievais²⁴⁶, conservaria o texto até aos inícios da Modernidade.

²³⁵ Vide. RANCE, Philip – *op. cit.*, in BAGNALL, R. S. *et. al.* – *op. cit.*, 2013, p. 550.

²³⁶ SIRIANO, *Magistros – Sobre Estratégia*, 19. 22-55. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985 [doravante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “*Sir. Strat.*”].

²³⁷ Note-se que o título dado ao tratado provém de um manuscrito do séc. XVI, visto ter-se perdido a parte inicial do manuscrito original. Cf. LENOIR, M. Maurice – *Pseudo-Hygin: Des Fortifications Du Camp*, Paris: Les Belles Lettres, 1979, p. VIII.

²³⁸ Que se baseia na informação do *Arcerianus*, manuscrito do séc. VI: CAMPBELL, Duncan B. – “A Camp in search of a Campaign: The reality of Hyginus' Roman army” in *Ancient Warfare magazine*, Vol. III: 3, p. 46.

²³⁹ Vide. CAMPBELL, Brian – *op. cit.*, 2004, p. 200.

²⁴⁰ Cf. LENOIR, M. Maurice – *op. cit.*, 1979, pp. VII-VIII e 111-133.

²⁴¹ PSEUDO-HIGINIO – *Sobre as Fortificações de um Acampamento*, 12-14 / 49-50 / 57-58. Texto, tradução e notas: LENOIR, M. Maurice – *Pseudo-Hygin: Des Fortifications Du Camp*, Paris: Les Belles Lettres, 1979 [de agora em diante esta obra passará a ser mencionada pela abreviatura “Hyg.”].

²⁴² *Ibid.*, VI. 22-23.

²⁴³ GILLIVER, Catherine M. – *The Roman Art of War: Theory and Practice, A Study of the Roman Military Writers*, Londres, Ph. D. Thesis, 1993, pp. 37-38.

²⁴⁴ Hyg., 1-5. / 16. / 24. / 26-28.

²⁴⁵ Hyg., 56-57. Sobre a sua proteção veja-se: Hyg., 48. / 51-53.

²⁴⁶ LENOIR, M. Maurice – *op. cit.*, 1979, pp. XIX-XX.

Para além destes tratados mais específicos (de Polieno, de Apolodoro e do Pseudo-Higino), podemos encontrar, no segundo século da nossa era, estudos mais abrangentes sobre a arte da guerra no mundo romano, especialmente os produzidos por Arriano e Eliano ‘o Tático’ (séc. II). Este último (face aos poucos dados biográficos de que dispomos sobre ele) foi frequentemente confundido pela historiografia mais antiga com outro Cláudio Eliano (c. 175-235), autor de um tratado sobre animais (*De Natura Animalum* ou *Περὶ Ζώων Ἰδιότητος*) e de um compêndio de máximas, pequenas biografias e outros aspetos considerados interessantes (a *Varia Historia* ou *Ποικίλη Ἱστορία*). No caso do tratadista militar Eliano ‘o Tático’²⁴⁷, sabemos que presenciou os eventos entre os principados de Nerva (96-98) e de Adriano, imperador a quem dedica a sua obra, apesar de a ter começado a escrever no reinado de Trajano²⁴⁸. Pouco mais é possível descortinar da vida deste escritor, para além de que não possuiria qualquer experiência militar, tendo ganho um especial interesse pela matéria quando entrou em contato com Frontino, em Fórmias (Lácio), enquanto servia o imperador Trajano²⁴⁹. O produto final deste trabalho, as *Disposições Militares dos Gregos* (*Περὶ Στρατηγικῶν Τάξεων Ἑλληνικῶν*), organizado em 53 capítulos, aproxima-se muito do conteúdo do *Teoria Tática* de Asclepiódoto²⁵⁰, focando-se igualmente na análise das táticas do exército de Alexandre Magno e dos Estados sucessores, sobretudo do império Selêucida. Deste modo, muitas das temáticas abordadas por este polemógrafo são semelhantes ao seu homólogo do séc. I a.C.: começa por enumerar as nove partes distintas de um exército (hoplitas²⁵¹, peltastas²⁵², outra infantaria ligeira, lanceiros, dardeiros e arqueiros montados, cavalaria pesada²⁵³, carroças e elefantes²⁵⁴), passando depois para uma descrição de formações táticas²⁵⁵ e dos oficiais das respetivas unidades e subunidades²⁵⁶. A originalidade de Eliano encontra-se, sobretudo, nas passagens em que exorta o estudo da ciência militar e nos faz um pequeno apanhado de outros autores (Cíneas, Pirro e o seu filho Alexandre, Pausânias, Evângelo, Políbio, Eupólemo, Ifícrates, Posidónio e Bión) cujas obras, na maior

²⁴⁷ O epíteto ‘o Tático’ começou a ser empregue para evitar este género de confusões entre os dois escritores.

²⁴⁸ *Ael. Tact.*, *prf.*

²⁴⁹ DAIN, Alphonse – *Histoire Du Texte D’Élien Le Tacticien – Des Origines a la Fin Du Moyen Age*, Paris: Société D’Édition «Les Belles Lettres», 1946, pp. 18-19. Cf. nota 204.

²⁵⁰ Porém, Eliano não cita Asclepiódoto como um dos autores por ele utilizados, o que leva a querer que os dois polemógrafos terão tido a mesma fonte de inspiração: um tratado perdido de Posidónio de Apameia. *Vide*. MATTHEW, Christopher (ed.) – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012, pp. XIII-XIV.

²⁵¹ *Ael. Tact.*, 2. / 27. / 48.

²⁵² *Ael. Tact.*, 2. / 48.

²⁵³ *Ael. Tact.*, 17-21. / 37. / 39. / 43-45. / 47.

²⁵⁴ *Ael. Tact.*, 1-2. / 22.

²⁵⁵ *Ael. Tact.*, 29. / 38-48.

²⁵⁶ *Ael. Tact.*, 3. / 5-7. / 9-10. / 13-14. / 16. / 18-19. / 21-22. / 26-28. / 36. / 38-43. / 45. / 48. / 51.

parte dos casos, se perderam²⁵⁷. Apesar de não existirem informações concretas respetivas ao conhecimento que os eruditos do Baixo-império tinham de Eliano, podemos inferir que as *Disposições Militares dos Gregos* rapidamente se transformaram numa obra de referência²⁵⁸. Este tratado foi amplamente transcrito por diversos copistas bizantinos, que o integraram nos códices manuscritos dos sécs. X e XI²⁵⁹, sendo certo que o imperador Leão VI, conhecendo também as obras de Arriano, optou por captar (praticamente na íntegra) o texto de Eliano, referindo-o por diversas vezes²⁶⁰.

Quanto a Lúcio Flávio Arriano Xenofonte²⁶¹ (c. 86 – c. 160) sabemos que nasceu, provavelmente, em Nicomedia (atual Izmit), tendo assistido às famosas aulas de Epiteto de Nicópolis (filósofo estoico)²⁶², em Epiro. Relativamente à sua experiência militar, sabe-se que serviu a sétima legião nas Guerras Dácias de Trajano, podendo ter participado também nas Guerras Párticas (114-117) do mesmo imperador²⁶³. No entanto, só durante o principado de Adriano é que se verificaria uma ascensão na carreira político-militar deste polemógrafo que, mantendo uma amizade forte com este imperador, depressa foi nomeado para diversos cargos: legado de uma legião no Danúbio, governador da província da Bética em Hispânia (c. 125) e da Capadócia (entre 130/131 e 137/138)²⁶⁴. Ora, seria durante a sua estadia na Anatólia que Arriano, aquando de uma invasão de Alanos Sármatas que repulsou²⁶⁵, escreveria o seu primeiro tratado militar denominado *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos (Ektaxis kata Alanon)*²⁶⁶, um texto sucinto que descreve as características da marcha²⁶⁷ e formação²⁶⁸ romanas desta expedição. Um segundo opúsculo, com conteúdos militares mais generalistas, foi escrito por Arriano nos últimos anos em que se encontrava a governar a Capadócia (em

²⁵⁷ Ael. *Tact.*, 1. / 3.

²⁵⁸ Basta verificarmos as semelhanças desta obra com o *Ars Tactica* de Arriano, de que falaremos mais à frente.

²⁵⁹ Podemos encontrar transcrições deste manual, em quatro opúsculos: o *Laurentianus graecus 55.4* (coleção de 405 fólios do séc. X), o *Parisinus graecus 2442*, o *Vaticanus graecus 1164*, *Neapolitanus III-C-26 (284)*. Cf. DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 183-202 e 223-240.

²⁶⁰ Leo. *Tactica.*, 6. 25. 160-165. / 7. 67. 468-471. / 7. 68. 477-480.

²⁶¹ É o próprio autor que se autointitula Xenofonte, em memória do tratadista do séc. IV a.C. (uma das suas maiores fontes de inspiração): ARRIANO – *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos*, 10. Texto, tradução e comentário: GILLIVER, C. M. – *The Roman Art of War*, Gloucestershire: Tempus Publishing, 1999 [doravante esta obra será referenciada pelas abreviaturas “Arr. Alan.”].

²⁶² Arriano chegaria a escrever *O manual de Epiteto (Epicteti Enchiridion)*, da qual apenas alguns fragmentos sobreviveram. Esta obra é mencionada na *Biblioteca* de Fócio: Phot. 58.

²⁶³ SYVÄNNE, Ilkka – “Arrian, Governor of Cappadocia, Lucius Flavius Arrianus (Arrianos) Xenophon” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, p. 260.

²⁶⁴ Para mais informações sobre a brilhante carreira militar deste *novus homo* de Nicomedia veja-se: HYLAND, Ann – *Training the Roman Cavalry: From Arrian's Ars Tactica*, Londres: Grange Books, 1993, pp. 3-10.

²⁶⁵ Convidados pelo rei da Ibéria Farasmanes I, cujas relações com Roma se haviam deteriorado: D.C., LXIX. 15.

²⁶⁶ Arriano ter-se-á inspirado no *Περὶ Ἱππικῆς (Sobre a Arte de Cavalaria)* de Xenofonte: HYLAND, Ann – *op. cit.* 1993, p. 5.

²⁶⁷ Arr. *Alan.*, 1-11.

²⁶⁸ Arr. *Alan.*, 11-31.

136 e/ou 137, já após a campanha contra os Alanos). Trata-se da *Ciência Tática* (*Ars Tactica*), obra composta pelo menos por 44 capítulos, sendo a maior parte destes (à semelhança do que Héron já havia feito para a artilharia na *Belopoeica*) uma síntese dos conteúdos já presentes noutros tratados militares helenísticos²⁶⁹ (que o autor considera serem demasiado eruditos para o entendimento do público²⁷⁰), mesclada com características do exército romano do seu tempo. Os restantes capítulos²⁷¹ traçam os exercícios da cavalaria romana, evidenciando a capacidade que o exército tinha em copiar e utilizar as manobras de outros povos (Gauleses, Ibéricos, Arménios, Partas, Alanos e Getas)²⁷² que consideravam úteis²⁷³. Para além destes enfoques, o *Ars Tactica* apresenta-nos criteriosas descrições dos seguintes tópicos: armamento de infantaria e de cavalaria²⁷⁴; aplicação da sinalética e outro género de ordens no campo de batalha²⁷⁵; e a importância de formações táticas ordeiras e eficazes²⁷⁶. Porém, ambas as obras não caracterizam por inteiro a vertente militar da carreira literária deste governador romano, visto que conseguimos encontrar bastantes preceitos da *Stratēgiká* na sua narrativa sobre a grande campanha de Alexandre Magno contra o império Persa (334-328 a.C.), que exalta as qualidades e valências deste general, decisivas para o sucesso da expedição²⁷⁷. A influência dos textos de Arriano no mundo bizantino torna-se evidente se analisarmos as inúmeras passagens recicladas em tratados do séc. X (caso dos escritos do imperador Leão VI²⁷⁸ e de Nicéforo Ouranos). Por sua vez, o *Táctica* de Urbício (tratado da transição do séc. V para o VI) é considerado por muitos uma *epitoma* da primeira secção do *Ars Tactica*²⁷⁹.

²⁶⁹ ARRIANO – *Ciência Tática*. Tradução parcial e comentários: HYLAND, Ann – *Training the Roman Cavalry: From Arrian's Ars Tactica*, Londres: Grange Books, 1993 [doravante este tratado será mencionado pelas abreviaturas “Arr. Tact.”]. Esta interpretação que o escritor faz de outras obras antigas corresponde a uma primeira parte do tratado (Arr. Tact., 1. a 32. 2.). A proximidade aos conteúdos do *Teoria Tática* de Asclepiódoto levou alguns autores a considerarem esta obra de Arriano (assim como a de Eliano) como meras recensões: STADTER, Philip A. – “The Ars Tactica of Arrian: Tradition and Originality” in *Classical Philology*, Vol. 73, Nº. 2, 1978, pp. 117-118.

²⁷⁰ Arr. Tact., 1. 2.

²⁷¹ Arr. Tact., 32. 3. a 44. 3.

²⁷² São várias as passagens que mencionam práticas militares de povos estrangeiros: Arr. Tact., 4. 3-4. / 4. 7-8. / 16. 6-7. / 33. 1-2. / 35. 1-3. / 37. 4. / 40. 1-12. / 44. 1-2.

²⁷³ A estrutura bipartida deste tratado levou alguns historiadores a ponderarem a agregação de dois documentos distintos: uma coletânea de formações táticas e outros escritos helénicos com um relatório militar que Arriano terá enviado a Adriano após a campanha. Vide. WHEELER, Everett L. – “The Occasion of Arrian's Tactica” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Vol. 19, Nº. 4, 1978, pp. 353-354.

²⁷⁴ Arr. Tact., 3. 1-4. / 4. 1-2. / 4. 5-6. / 4. 9. / 36. 9. / 40. 4. / 40. 8. / 41. 2. / 42. 1. / 43. 1-2.

²⁷⁵ Arr. Tact., 27. / 32.

²⁷⁶ Arr. Tact., 5. 2-3. / 11.

²⁷⁷ ARRIANO – *Expedição*, I. 1. 8-10. Texto, tradução e notas: ROBSON, E. Iliff – *Arrian in Two Volumes*, Vol. I: “Anabasis Alexandri, Books I-IV”, Loeb Classical Library, Nº. 236, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1967 [para referência futura desta fonte utilizaremos as abreviaturas “Arr. An.”]. Arr. An., I. 2. 4-5. / IV. 4. 4-5. / V. 23. 7. / VI. 13. 4. / VI. 26. 1-3.

²⁷⁸ Leo.Tactica., 7. 67. 468-470.

²⁷⁹ Cf. SYVÄNNE, Ilkka, *op. cit.*, in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *op. cit.*, 2013, p. 263.

Se os primeiros dois séculos imperiais se caracterizaram pelo incremento da produção de escritos militares historiográficos e técnicos, o período do Baixo Império (c. 284-476) distingue-se pelo progressivo abrandamento literário da teórica bélica (pelo menos a que nos é conhecida), sendo raros os escritos que desenvolvam aspetos das disciplinas da tratadística militar. Um dos poucos exemplos paradigmáticos de uma obra que desenvolve este género literário são as *Histórias (Res Gestae)* de Amiano Marcelino (c. 330-395), um soldado e historiador romano que terá nascido na província imperial da Síria (mais especificamente em Antioquia²⁸⁰). Oriundo de uma família militar, o autor terá passado grande parte da vida a servir na guarda pretoriana, entre 354 e 363, onde terá ganho inspiração e experiência para escrever a maior parte das passagens da sua obra²⁸¹. Pouco depois de ter ingressado no exército, Amiano (a mando do imperador Constante II, 337-361) integrou o núcleo de oficiais mais próximos do mestre de cavalaria (*magister equitum*) Ursicino²⁸², acompanhando-o em várias campanhas na Gália²⁸³ e, mais marcantes para o escritor, na Pérsia²⁸⁴. As *Histórias*, das quais apenas sobreviveram 18 livros²⁸⁵ (bastante corrompidos), traduzem-se numa descrição dos eventos político-militares entre o principado de Nerva e a morte do imperador Valente na batalha de Adrianopla (374)²⁸⁶. Embora incompleta, esta obra descreve em pormenor o exército romano deste período, destacando-se os tópicos relacionados com o incremento progressivo de tropas federadas (*foederati*)²⁸⁷, com a logística militar (pagamento dos soldados e importância do saque²⁸⁸) e com o tratamento dos feridos depois de uma batalha²⁸⁹.

²⁸⁰ OVERTOOM, Nikolaus Leo – “Ammianus (ca. 330-395 ce)” in KELLY, Douglas *et. al.* – *Conflict in Greece and Rome: The Definitive Political, Social, and Military Encyclopedia*, Califórnia: ABC-CLIO., 2016, p. 697.

²⁸¹ Será este ingresso no exército romano que terá dado ao escritor uma maior sensibilidade e capacidade de interpretação dos eventos político-militares da sua época, que o auxiliaram a escrever a narrativa. Cf. TROMBLEY, Frank – “Ammianus Marcellinus and fourth-century warfare” in DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – *The Late Roman World and its Historian: interpreting Ammianus Marcellinus*, Routledge Classical Monographs, Londres: Routledge, pp. 16-26.

²⁸² Um dos principais comandantes de Constante II mantinha o seu quartel-general em Nísibis: MARCELINO, Amiano – *Histórias*, XIV. 9. 1-2. Texto, tradução e notas: ROLFE, John C. – *Ammianus Marcellinus in Three Volumes*, Vol. I: “Books 14-19”, Loeb Classical Library, N.º. 300, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1935 [doravante citada pelas abreviaturas “Amm. Marc.”].

²⁸³ Região na qual lutou contra o usurpador Cláudio Silvano: Amm. Marc., XV. 5.

²⁸⁴ Nomeadamente a conquista de Amida (na Turquia) pelos Persas Sassânidas, em 359: Amm. Marc., XX. 2. 2-5.

²⁸⁵ Todavia, os 13 livros que narrariam os eventos entre Nerva e as guerras civis dos filhos de Constantino, perderam-se: KELSO, Ian Alfred Ovens – *Ammianus Marcellinus and Procopius of Caesarea: The Eastern Campaigns of Julian and Justinian, 4th and 6th Centuries AD*, Halifax, Ph. D. Thesis, 1998, p. 5.

²⁸⁶ O autor, com esta obra, pretendia continuar a narrativa que Tácito havia iniciado na sua *História*.

²⁸⁷ Amm. Marc., XVII. 13. 3.

²⁸⁸ Amm. Marc., XVII. 1. 5-7. / XX. 4. 17-18.

²⁸⁹ Amm. Marc., XIX. 2. 15.

Ainda de realçar são as passagens com elementos de Poliorcética²⁹⁰ e com preceitos táticos a serem adotados pela legião para combater elefantes²⁹¹. A tradição manuscrita das *Res Gestae* não é complexa, existindo 16 manuscritos, dos quais 14 são cópias quinhentistas dos restantes dois opúsculos medievais: o *Codex Hersfeldensis*, o mais antigo de todos; e o *Codex Fuldensis* (*Vaticanus Latinus 1873*), do séc. IX ou X, que nos transmite o texto original da forma mais completa possível, acreditando-se ter sido transcrito do anterior²⁹².

A narrativa político-militar de Amiano Marcelino foi acompanhada, neste século, por um outro escrito, de índole mais técnica, que enumera e descreve a construção de um conjunto de engenhos de cerco e armamento, pertinentes para o entendimento da máquina militar romana do período do Dominato (285-565). Trata-se do *Sobre Assuntos Militares* (*De Rebus Bellicis*), tratado escrito, provavelmente, durante os principados de Valentiniano I e Valente (364-378)²⁹³, cujo autor se mantém por identificar. Os poucos dados de que dispomos da vida deste indivíduo, retirados diretamente do tratado, leva-nos a crer que seria um privado²⁹⁴ pagão²⁹⁵ integrado na sociedade romana, possivelmente proprietário de terrenos que menciona nesta obra²⁹⁶ e que terá escrito apenas para saciar o seu ócio²⁹⁷. O facto de optar por elaborar o seu tratado em latim poder-nos-á induzir que o escritor anónimo não dominaria a língua grega, tese que, no entanto, não pode ser confirmada, visto que este era douto em alguns tratados militares de origem grega (de Xenofonte, Filo de Bizâncio), podendo bem tê-los lido na língua original²⁹⁸. O sentimento de que o império romano se encontra numa situação crítica que despoletou a necessidade de reformas profundas é uma constante em todo o texto, de tal forma que o autor sente a necessidade de introduzir instruções económicas²⁹⁹, procurando não as dissociar das militares. Assim sendo, apenas 13 dos 21 capítulos do tratado nos relatam

²⁹⁰ Dos quais destacaremos a descrição que o escritor faz sobre a construção de ónagros (Amm. Marc., XXXIII. 4. 4-7.) e sobre o cerco de Amida (Amm. Marc., XXXIII. 19. 2-8.). Amiano Marcelino ainda relata a construção de uma balista (Amm. Marc., XXXIII. 4. 1-3.): MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, pp. 237-240.

²⁹¹ Amm. Marc., XXV. 6. 1-4.

²⁹² DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – “Introduction” in DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – *op. cit.*, 1999, p. 7.

²⁹³ Apesar de alguns historiadores modernos contestarem uma datação mais tardia, o intervalo cronológico que vai entre a morte de Constantino e a batalha de Adrianopla apresenta-se como o período mais viável e aceitável: LASSANDRO, Domenico – “Note sul De Rebus Bellicis” in SORDI, Marta (ed.) - *Il Pensiero sulla Guerra nel Mondo Antico*, Milão: Vita e Pensiero, 2001, pp. 243-244.

²⁹⁴ ANÓNIMO (A) – *Sobre Assuntos Militares*, *prf.* 4 Texto, tradução e comentários: GIARDINA, Andrea – *Anonimo, Le Cose Della Guerra*, Scrittori Greci e Latini, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1989 [de agora em diante este tratado será referenciado pelas abreviaturas “Anon. Reb. Bel.”].

²⁹⁵ Anon. Reb. Bel., 2. 1.

²⁹⁶ Anon. Reb. Bel., *Prf.* 9. / 20. 2.

²⁹⁷ Anon. Reb. Bel., *Prf.* 16.

²⁹⁸ SÁNCHEZ-OSTIZ, Álvaro – *Anónimo Sobre Assuntos Militares*, Pamplona: EUNSA, 2004, pp. 15-16.

²⁹⁹ Anon. Reb. Bel., 1-5. / 20-21.

com exatidão a construção e utilização de *ballistae*³⁰⁰, de prumos³⁰¹, de um engenho que facilite o acesso à muralha (*tichodifri*)³⁰², de escudos³⁰³, de outro género de proteções³⁰⁴, de carros de guerra³⁰⁵ e de liburnas³⁰⁶. Não negligenciando referências ocasionais a outros tópicos militares (como é o caso da construção de fortalezas e do aparato bélico³⁰⁷), o *De Rebus Bellicis* constitui, a par de outros tratados com um estilo semelhante (a *Poliorcética* de Apolodoro), uma listagem de materiais fundamentais para a guerra, à qual foram originalmente anexadas algumas instruções de cariz militar e, sobretudo, económico. Deste modo, o forte valor pedagógico do tratado poderá explicar a sua razoável transmissão manuscrita na Europa Ocidental durante o séc. XV, sobretudo devido a uma série de cópias do manuscrito arquétipo germânico do séc. IX ou X (o *Codex Spirensis*)³⁰⁸.

A tratadística militar greco-romana deste período teria ainda um último grande vulto na figura de Públio Vegécio Renato (séc. IV ou inícios de V), um alto funcionário cristão do imperador (como o próprio nome indica³⁰⁹), que desempenhou, possivelmente, o cargo de ‘conde do sagrado estábulo’ (alto dignatário que se apresentava, no séc. V, como *vir inlustris*³¹⁰). O certo é que o autor era um erudito viajado, criador de equídeos, como atesta no tratado sobre medicina de cavalos (*Mulomedicina*), que nos legou conhecimentos diversos sobre o mundo bárbaro e, mais particularmente, sobre os cavalos dos Hunos³¹¹. Portanto, era um oficial prestigiado que não teria grande experiência militar, tendo os conhecimentos que adquiriu sobre este assunto sido fruto da sua carreira como burocrata, com o consequente acesso à documentação imperial e a textos militares anteriores³¹². A falta de contacto direto com a máquina militar romana do seu tempo poderá justificar o facto de os conteúdos que o autor apresenta na sua grande obra sobre teórica militar (o *Compêndio da Arte Militar*, ou

³⁰⁰ Anon. *Reb. Bel.*, 7. / 18. Sobre estas balistas veja-se: MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, pp. 240-246.

³⁰¹ Anon. *Reb. Bel.*, 10-11.

³⁰² Anon. *Reb. Bel.*, 8.

³⁰³ Anon. *Reb. Bel.*, 9.

³⁰⁴ Anon. *Reb. Bel.*, 15.

³⁰⁵ Anon. *Reb. Bel.*, 12-14.

³⁰⁶ Anon. *Reb. Bel.*, 17.

³⁰⁷ Anon. *Reb. Bel.*, 19-20.

³⁰⁸ LASSANDRO, Domenico – *op. cit.*, in SORDI, Marta (ed.) – *op. cit.*, 2001, pp. 250-251.

³⁰⁹ O gentílico “Flavius” foi imposto por Constantino I após a sua vitória sobre Licínio (em 324), estando associado aos altos funcionários do império. Contudo o nome havia caído em desuso na região de Constantinopla. Cf. MILNER, N. P. – *Vegetius: Epitome of Military Science*, Liverpool: Liverpool University Press, 2001, p. xxxii. Por sua vez, o nome “Renatus” é um antropónimo cristão. Cf. MONTEIRO, J. G. & BRAGA, J. E. – *Vegécio: Compêndio de Arte Militar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 88-89.

³¹⁰ Título criado em 372, atribuído aos mais altos escalões da burocracia imperial. Vide. *Idem, Ibidem*, p. 89.

³¹¹ MILNER, N. P. – *op. cit.*, 2001, p. xxxiv.

³¹² Inumerados por Vegécio, as principais influências do autor foram Catão ‘o Velho’ e Frontino: VEGÉCIO, Públio Flávio – *Compêndio da Arte Militar*, I. VIII. / II. III. Texto, tradução e notas: MONTEIRO, João Gouveia & BRAGA, José Eduardo – *Vegécio: Compêndio de Arte Militar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009 [para referência futura desta obra utilizaremos a abreviatura “Veg.”].

Epitoma Rei Militaris)³¹³, serem característicos de modelos militares romanos distintos. Do ponto de vista da organização, o tratado encontra-se estruturado em quatro Livros, divididos tematicamente da seguinte forma: o primeiro aborda questões respetivas à *Taktiká*, sobretudo o recrutamento³¹⁴ e o treino³¹⁵ dos antigos soldados romanos; o Livro II trata a antiga legião romana³¹⁶ (a sua formação e estrutura³¹⁷, ordem de batalha³¹⁸ e a sua administração³¹⁹); o Livro III começa por abordar assuntos diversos relativos ao bom funcionamento de um exército em campanha³²⁰, seguindo depois para estratégias e táticas anteriores à batalha³²¹ e durante o conflito³²²; no Livro IV, o autor debruça-se sobre questões respeitantes à guerra de cerco (construção de fortificações³²³, preparações para um assédio³²⁴ e estratégias ofensivas e defensivas a adotar³²⁵) e à naumaquia (preceitos da disciplina³²⁶, construção de embarcações³²⁷, navegação³²⁸ e outros assuntos mais específicos³²⁹). A enorme popularidade que esta obra teria no mundo medieval ocidental³³⁰ (sendo copiada para mais de 200 manuscritos) contrastou com o aparente apagamento de uma tradição manuscrita do tratado em Bizâncio, visto que o último opúsculo produzido na Europa Oriental no qual podemos encontrar uma cópia da *Epitoma Rei Militaris* é do ano 450, da autoria de Flávio Eutrópio³³¹. A transmissão manuscrita no Ocidente foi propiciada, numa primeira fase, pelo mundo clerical, tendo, numa fase posterior, influenciado várias obras medievais consideradas laicas: o *Policraticus* de João de Salisbúria (1120-1180), as *Siete Partidas* de Alfonso X (1252-

³¹³ Relativamente à datação deste tratado, podemos fixar o *terminus a quo* no ano da morte de Graciano (em 383) e o *terminus ante* em data anterior a 450, ano em que um editor do texto (Flávio Eutrópio) assinou uma *subscriptio* com detalhes do sítio e do ano consular.

³¹⁴ Veg., I. I-VII.

³¹⁵ Veg., I. VIII-XXVIII.

³¹⁶ O autor começa por explicar as diferenças entre a legião e as tropas auxiliares, assim como as principais causas para a organização em legiões se ter alterado progressivamente: Veg. II., I-III.

³¹⁷ Veg. II., IV-XIV.

³¹⁸ Veg. II., XV-XVIII.

³¹⁹ Veg. II., XIX-XXX.

³²⁰ Tamanho ideal de um exército, como atravessar um rio, como montar um acampamento, entre outros: Veg., III. I-VIII.

³²¹ Veg., III. IX-XIII.

³²² Veg., III. XIV-XXVI.

³²³ Veg., IV. I-VI.

³²⁴ Veg., IV. VII-XI.

³²⁵ Veg., IV. XII-XXX.

³²⁶ Veg., IV. XXXI-XXXIII.

³²⁷ Veg., XXXIV-XXXVII.

³²⁸ Veg., XXXVIII-XLIII.

³²⁹ Veg., XLIV-XLVI.

³³⁰ CONTAMINE, Philippe – *op. cit.*, 1986, pp. 289-291.

³³¹ Cf. MONTEIRO, João Gouveia & BRAGA, José Eduardo – *op. cit.*, 2009, p. 110.

1284), o *De regimine principum* de Gil de Roma (1247-1316), as Ordenanças militares de Carlos “o Temerário” (c. 1470), entre outros ícones da cultura medieval³³².

I.II. – A escrita da guerra em Bizâncio – tradições e originalidades³³³

Entre tratados militares, excertos, adaptações de escritos teóricos antigos e outros ensaios literários que abordam assuntos bélicos, podemos concluir que o mundo cultural bizantino trouxe contributos frutíferos para o desenvolvimento da teórica militar. Cultivando uma enorme admiração e proveito pela tratadística e pela cultura militar greco-romanas, os eruditos bizantinos procuraram conservar alguns dos conteúdos e preceitos que consideravam mais importantes, incorporando-os e adaptando-os às necessidades do seu tempo. Será precisamente esta estreita relação com a sabedoria clássica que terá seduzido a escola de bizantinistas que se debruçam sobre este género de obras a enveredar por uma análise mais filológica³³⁴, centrando-se na identificação dos manuscritos e na transmissão dos textos militares, assim como noutras evidências lexicais que possam ser utilizadas para o estudo do grego medieval³³⁵. Este género de estudos (que identificou mais de 260 manuscritos distintos) prevaleceu até à segunda metade da década de 1980, momento em que começam a surgir traduções editadas de alguns tratados bizantinos, cujo enfoque era inseri-los numa determinada perspetiva histórica. Gilbert Dagron³³⁶, seguindo esta linha de pensamento, propôs três critérios cruciais para reconhecer o nível de historicidade entre os diversos tratados: a atenção que deve ser dada às alterações no equipamento e na tecnologia militar (armas, materiais e engenhos); as referências e descrições a povos estrangeiros (nomeadamente inimigos) que distingam táticas, equipamentos, costumes, religião, estruturas sociais e qualquer outro género de características que possam evidenciar um período cronológico concreto; finalmente, as relações entre o exército e a sociedade (recursos humanos, estruturas administrativas, legais e políticas, emergência de uma elite militar, entre

³³² ALLMAND, Christopher – *The De Re Militari of Vegetius: The Reception, Transmission and Legacy of a Roman Text in the Middle Ages*, Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 83-147.

³³³ Para uma leitura mais agradável deste subcapítulo sugerimos a visualização do Anexo III, Mapas 3 e 6.

³³⁴ Deste género de trabalhos devemos destacar as obras do filólogo francês Alphonse Dain, complementadas, mais recentemente, pelos trabalhos exímios do historiador Philip Rance. Veja-se sobretudo: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 317-392 / RANCE, Philip – *Tactics and Tactics in the Sixth Century: Tradition and Originality*, University of St Andrews, St Andrews: Martinmas Term, Ph. D. Thesis, 1993.

³³⁵ MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (B), p. 908.

³³⁶ DAGRON, Gilbert & MIHĂESCU, Haralambie – *Le traité sur la guérilla (De velitatione) de l'empereur Nicéphore Phocas (963-969)*, Paris: CNRS, 1986.

outros aspetos). As conclusões a que estes dois modelos de análise chegaram permitem-nos deduzir que a originalidade da tratadística militar bizantina parte, sobretudo, da acomodação de elementos dos escritos antigos já mencionados às realidades medievais, propiciando como que uma osmose entre os pensamentos estratégicos do Ocidente e do Oriente³³⁷!

Uma primeira fase de registos de literatura militar em Bizâncio pode ser estabelecida entre os inícios do séc. VI e os finais do séc. VII, sendo inaugurada por dois tratados lacónicos de Urbício. Este patrono eclesiástico, com forte ligação à Igreja de Teótoco em Constantinopla³³⁸, teria influência na corte de Anastácio I (491-518), sendo recompensado com o título honorário de ex-cônsul. Porém, o autor não passaria de um oficial jovem, embora seja frequentemente identificado com um homónimo seu contemporâneo que obteve o título de camareiro do palácio (mais concretamente *praepositus sacri cubiculi*)³³⁹. O certo é que Urbício não teria qualquer experiência militar (algo a que se refere nos seus escritos³⁴⁰), apesar de, segundo evidências posteriores, algo dúbias, ter vindo a ocupar o cargo de ‘mestre dos dois exércitos do Oriente’ (*magister utriusque militiae per Orientem*)³⁴¹. O primeiro tratado que o escritor terá elaborado, por volta de 505, foi uma *Tática (Tacticon)*, composta por onze capítulos que sumariam a primeira parte do *Ars Tactica* de Arriano, não se tratando portanto de um escrito original. Dedicada a Anastácio, esta obra foi considerada por muitos filólogos como um mero *onomastikón*, posto que as intenções do autor recaíam em reproduzir um tratado clássico, representativo de uma época ilustre³⁴². Por sua vez, a *Invenção (Ἐπιτήδευμα)*, tratado com propósitos mais originais, pretendia atualizar os sistemas de defesa romanos descritos pelos tácticos antigos, através da introdução e aplicação de uma espécie de cavalos de frisas (*Καρόνες*)³⁴³, bastante eficazes, segundo o autor, contra a cavalaria bárbara. Conquanto sucintas, ambas as obras representam uma clara tentativa de restaurar os preceitos tácticos respeitantes à infantaria, num período de transição de paradigmas militares em que a cavalaria ia, progressivamente, adquirindo uma maior predominância face à infantaria. A sua pertinência levou mesmo a que fossem copiadas para outros manuscritos

³³⁷ KAEGI, Walter Emil, *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy*, Brookline: Hellenic College Press, 1983, pp. 10-11.

³³⁸ RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 7.

³³⁹ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 85.

³⁴⁰ URBÍCIO – *Invenção*, 2. / 15. Texto, tradução e notas: GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – “Urbicius’ Epitēdeuma: An Edition, Translation and Commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, vol. 98, 2005 [doravante esta fonte será mencionada pela abreviatura “Urb. Epit.”].

³⁴¹ Porém a ocupação deste cargo por Urbício mantém-se duvidosa: GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – “Urbicius’ Epitēdeuma: An Edition, Translation and Commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, vol. 98, 2005, p. 41.

³⁴² RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 8-9.

³⁴³ Urb. Epit., 4-6. / 9-15.

bizantinos: O *Tacticon* foi inserido no *Codex Ambrosianus gr 139 (B-119-sup.)*, do séc. X, sendo precedido por três poemas (com datações distintas)³⁴⁴; a *Ἐπιτήδευμα* foi transcrita para três opúsculos do séc. XI: o *Neapolitanus gr. 284 (III C 26)*, o *Vaticanus gr. 1164* e o *Barberinianus gr. 276 (II 97)*³⁴⁵.

Seguindo as pegadas dos narradores político-militares clássicos, Procópio de Cesareia (500-554), escreveu uma narrativa monumental sobre as guerras conduzidas no principado de Justiniano I (527-565), que nos fornece várias informações sobre o *modus operandi* do exército bizantino do seu tempo. Os dados biográficos que possuímos deste historiador são escassos, sabendo apenas que era oriundo de uma família aristocrata cristã da cidade palestina de Cesareia³⁴⁶ (como nos atesta uma das suas obras³⁴⁷) e que terá ganho rapidamente proeminência dentro da corte em Constantinopla. Procópio encontra-se várias vezes associado pela bizantinística moderna a um patrício bizantino seu homônimo³⁴⁸ que se tornou perfeito do palácio imperial. Contudo, a vulgaridade do nome no mundo bizantino não nos permite chegar a conclusões definitivas acerca desta associação³⁴⁹. Relativamente à experiência militar deste historiador, e não querendo negligenciar outros aspetos importantes da sua vida multifacetada, sabemos que foi nomeado *assessor* do general Belisário³⁵⁰, em 527, acompanhando-o nas suas campanhas contra os Persas, entre 527 e 531 e, posteriormente (após presenciar os eventos da revolta *Nika* de 532, em Constantinopla³⁵¹), na expedição ao Norte de África (iniciada em 533) e na primeira fase das Guerras Góticas, em Itália³⁵². Com a retirada provisória de todos títulos a Belisário, após a sua campanha na Pérsia (em 541-542), Procópio terá passado o resto dos seus dias em Constantinopla³⁵³, num período marcado pelo afastamento gradual entre o autor e o imperador. Ora a participação direta do escritor em

³⁴⁴ RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 7-8.

³⁴⁵ GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – *op. cit.*, 2005, pp. 44-46 e 52-53.

³⁴⁶ Esta cidade helénica (com uma forte componente cristã e judaica) era famosa pela sua livreria, funcionando como um dos centros culturais mais importantes do séc. IV. Procópio teve, com certeza, acesso a este legado cultural: CAMERON, Averil – *Procopius and the Sixth Century*, Londres: Routledge, 2005, pp. 4-5.

³⁴⁷ PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Pérsica*, I, 1. 1. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. I: “History of Wars, Books I and II”, Loeb Classical Library, N.º. 48, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914 [para referência futura a esta obra utilizaremos “Procop. Pers.”].

³⁴⁸ Este aristocrata bizantino é por várias vezes mencionado em fontes posteriores, nas quais se inclui o manuscrito de *Sudas* que o descreve como *ilustris*.

³⁴⁹ WHATELY, Conor – *Battles and Generals: Combat, Culture and Didacticism in Procopius’ Wars*, Boston: Brill, 2016, pp. 40-41.

³⁵⁰ Procop. Pers., I. 12. 24.

³⁵¹ Procop. Pers., I. 24. 1-58.

³⁵² PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Gótica*, V. 11. 3. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vols. III: “History of Wars, Books V and VI”, Loeb Classical Library, N.º. 107, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons., 1919 [doravante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “Procop. Goth.”]. Procop. Goth. VI. 23. 23-28. / VI. 29. 32.

³⁵³ WHATELY, Conor – *op. cit.*, Boston: Brill, 2016, p. 65.

grande parte das campanhas que descreveria marcou, decisivamente, o estilo literário das *Histórias das Guerras* (Ἰπὲρ τῶν πολέμων λόγοι), visto que esta obra, composta por 8 Livros, terá sido elaborada a partir das notas que o historiador foi escrevendo durante as campanhas³⁵⁴. Face à natureza deste escrito, não é de estranhar que encontremos numerosas passagens úteis à análise do pensamento militar bizantino de meados do séc. VI. São frequentes as descrições de batalhas campais³⁵⁵ e de cercos³⁵⁶ entre os Romanos do oriente e os seus adversários, assim como menções a estratégias empregues pelo exército bizantino³⁵⁷, às linhas de batalha utilizadas por Belisário nos conflitos contra os Persas³⁵⁸, às qualidades que o definiam como um bom general³⁵⁹ e a uma série de outras referências respeitantes à poliorcética³⁶⁰ e à naumaquia³⁶¹. Procópio possuiria também conhecimentos de arquitetura militar mais específicos, como muito bem nos demonstra no Livro II (entre outros) d’*Os Edifícios* (Περὶ Κτισμάτων), onde nos descreve os métodos de construção e preservação aplicados a um conjunto de fortalezas na fronteira com a Pérsia³⁶² (e noutros locais), assim como a uma série de cidades da província bizantina da Síria (zona mais debilitada pela guerra bizantino-sassânida), nomeadamente na margem direita do rio Eufrates³⁶³. Certamente um dos cronistas mais importantes da Antiguidade Tardia bizantina e de toda a história do império, Procópio foi por várias vezes aclamado em períodos posteriores, verificando-se uma forte utilização das suas obras no período médio-bizantino³⁶⁴.

³⁵⁴ Fruto das observações que Procópio fez *in loco* e de fontes orais: CAMERON, Averil – *op. cit.*, 2005, p. 136.

³⁵⁵ PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Vândala*, III. 6. 10-27. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. II: “History of the Wars, Books III and IV”, Loeb Classical Library, N° 81, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1916 [futuramente esta obra será mencionada da seguinte forma “Procop. *Vand.*”] Procop. *Pers.*, I. 4. 1-14. / I. 13. 1-8. / I. 13. 9. a 14. 55. / I. 15. 9-17. / I. 18. 1-56. / II. 3. 15-27. / II. 18. 1-26. / II. 25. 5-35. / II. 29. 8-14. / Procop. *Vand.* III. 18. 1. a 19. 33. / IV. 3. 1. a 4. 25. / IV. 11. 1-56. / IV. 12. 1-28. / IV. 17. 1-35. / IV. 19. 5-32. / Procop. *Goth.* VIII. 8. 1-39. / VIII. 23. 1-42. / VIII. 29. 1. a 32. 22. / VIII. 35. 20-38.

³⁵⁶ Procop. *Pers.*, I. 21. 1-28. / II. 5. 8-33. / II. 6. 1. a 9. 18. / II. 12. 6-34. / II. 20. 1-16. / II. 25. 5-35. / Procop. *Vand.* IV. 1. 1-12. / IV. 4. 26-31. / IV. 6. 1-4. / IV. 15. 1-49. / IV. 19. 5-32. / Procop. *Goth.* V. 8. 1. a 10. 48. / V. 18. 1. a VI. 10. 20. / VI. 23. 1. a 27. 34. / VI. 28. 1. a 29. 41. / VIII. 11. 11. a 12. 30. / VIII. 13. 1. a 14. 44. / VIII. 23. 1-42.

³⁵⁷ Procop. *Pers.*, I. 14. 33. / I. 15. 10. / II. 30. 40.

³⁵⁸ Procop. *Pers.*, I. 13. 19-24. / 14. 39. / II. 18. 1.

³⁵⁹ Procop. *Vand.*, III. 1. 2. / III. 3. 14. / III. 3. 24. / III. 9. 25. / IV. 3. 9. / IV. 3. 20.

³⁶⁰ Procop. *Pers.*, I. 10. 3. / I. 21. 14-18. Vide. MARSDEN, E. W. – *op. cit.*, 1971, pp. 246-248.

³⁶¹ Procop. *Vand.*, IV. 15-27.

³⁶² Caso de Dara: PROCÓPIO – *Os Edifícios*, II. i. 4. a iii. 28. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Seven Volumes*, Vol. VII: “Buildings, General Index to Procopius”, Loeb Classical Library, N° 343, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1971 [de agora em diante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “Procop. *Aed.*”]. Assim como Teodosiópolis (Procop. *Aed.*, II. v. 1.), Constantina (Procop. *Aed.*, II. v. 2-11.) e Sura (Procop. *Aed.*, II. ix. 1-9.).

³⁶³ E.g. Hierápolis (Procop. *Aed.*, II. ix. 12-17.), Antioquia (Procop. *Aed.*, II. x. 2-25.), entre outras.

³⁶⁴ Encontramos passagens das *Histórias das Guerras* nos *excerpta Constantiniana*: NÉMETH, András – *op. cit.*, 2010, p. 3. Fócio também recomenda ao irmão a leitura desta obra inserida na sua *Biblioteca*: Phot. 63.

Quanto à produção de literatura militar teórica em Bizâncio durante a segunda metade do séc. VI, sabemos que atinge o seu auge no principado de Maurício (582-602), imperador que nos lega um dos tratados militares mais emblemáticos de toda a medievalidade cristã e, certamente, o mais representativo da cultura bizantina no que à literatura militar diz respeito: o *Stratēgikón*, composto entre 592 e 610³⁶⁵. A autoria deste tratado ainda se encontra aberta a debate: para além da proposta mais consensual de que a obra terá sido escrita pelo imperador (ou pelo menos a mando deste)³⁶⁶, existe uma associação ao *magister militum* Urbício que, como já foi referido, escreveu um *Tacticon* nos inícios do séc. VI³⁶⁷; outra proposta (defendida especialmente por Eugene Darko) defende que o tratado terá sido escrito já no principado de Heráclio (610-641)³⁶⁸; por fim, a autoria do *Stratēgikón* ainda foi associada a Filípico (cunhado de Maurício) que, possuindo experiência militar³⁶⁹, o poderia muito bem ter produzido. Não obstante ao peso destas teorias, a bizantinística atual tem vindo a aceitar Maurício como o verdadeiro protagonista deste tratado, suportando-se na enorme experiência militar que este possuiria mesmo antes de se tornar imperador³⁷⁰, assim como nas reformas que cultivou dentro do exército bizantino durante o seu principado³⁷¹. Tematicamente, o *Stratēgikón* é um tratado bastante generalista, e os 12 Livros que o compõem descrevem, de forma mais ou menos detalhada, as várias vertentes da guerra e do exército bizantinos, assim como de outros povos (Persas, Francos, Lombardos, Ávaros, Eslavos, Antes e outros povos oriundos das Estepes)³⁷². Ao contrário do *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio, que se centra na descrição de exércitos maioritariamente apeados, este tratado bizantino, num primeiro momento (Livros I a III), desenvolve pormenorizadamente aspetos respetivos à

³⁶⁵ Cf. COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 85.

³⁶⁶ Que se apoia sobretudo no título dado ao tratado pela cópia do *Codex Ambrosianus 139*: “Μαυρικίου τακτικά τοῦ ἐπὶ τοῦ βασιλέως Μαυρικίου γεγονότος” (um Maurício que “viveu no reinado do imperador Maurício”).

³⁶⁷ Teoria que se suporta, sobretudo, no título dado à cópia do tratado presente no *Codex Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4*: “Ὀὐρβικίου τακτικά - στρατηγικά”, ou seja “a *Taktiká/Stratēgikón* de Urbício”.

³⁶⁸ O historiador estabelece quatro pontos que poderão corroborar esta datação: a referência no tratado a um ataque supressa a Heracleia é coeva deste principado; existem semelhanças linguísticas entre a obra e um relatório que Heráclio enviou para Constantinopla sobre a campanha de 628; existe igualmente uma referência a um grito de guerra no Livro XII do *Stratēgikón* (Mauric. *Strat.*, XII. B. 16.) que está associado ao principado de Heráclio; por último, Eugene Darko estabelece uma ligação entre um conjunto de passagens poéticas de Jorge de Pisídia (poeta da corte do imperador) e certas passagens do *Stratēgikón*, o que indicaria a autoria de Heráclio. Contudo, estes pontos são largamente debatidos por Philip Rance: RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 37-40.

³⁶⁹ SIMOCATA, Teófilo – *História*, III. 12. 7. Texto, tradução e comentários: WHITBY, Michael & WHITBY, Mary – *The History of Theophylact Simocatta*, Oxford: Oxford University Press, 1986 [doravante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “Theoph. Sim.”].

³⁷⁰ Theoph. Sim. III. 15. 10. a 18. 3. Chegou mesmo a acumular os cargos do seu cunhado (conde e *excubitor*) quando este se tornou imperador. Vide. WHITBY, Michael – *The Emperor Maurice and His Historian: Theophylact Simocatta on Persian and Balkan Warfare*, Oxford: Clarendon Press, 1988, pp. 15-16.

³⁷¹ Que passou pela estandardização dos títulos militares (muitos deles referidos no *Stratēgikón*): Cf. HALDON, John – *Warfare, State and Society in the Byzantine World, 565-1204*, Londres: UCL Press, 2003, pp. 108-109.

³⁷² Mauric. *Strat.*, XI.

cavalaria bizantina: sua organização³⁷³, armamento³⁷⁴, treino³⁷⁵, ordens de marcha e disposições táticas³⁷⁶, unidades e subunidades³⁷⁷, crimes e punições³⁷⁸, entre outros aspetos³⁷⁹. Os restantes Livros, à exceção do último, tratam assuntos mais abrangentes, mas diferenciados, que esmiuçam vários aspetos das disciplinas da literatura militar (sobretudo em *Stratēgēmata*³⁸⁰, *Taktiká*³⁸¹, *Stratēgiká*³⁸² e *Poliorkētiká*³⁸³). A última parte deste tratado (dividida em quatro momentos), que muitos consideram ser um acrescento posterior³⁸⁴, após enumerar um conjunto de formações abrangentes a todas as componentes do exército (ou seja cavalaria e tropas apeadas)³⁸⁵, caracteriza vários aspetos relativos à infantaria bizantina³⁸⁶, terminando com um diagrama de um acampamento fortificado³⁸⁷ e com uma dissertação relativa à importância da caça na preparação dos soldados para a guerra (um *Cynegeticus*³⁸⁸). Outra característica do tratado que importará aqui realçar é a manutenção do Latim como língua predominante dentro da nomenclatura do oficialato do exército (aliás, o meio militar manter-se-á um dos principais fatores de latinização da cultura romano-bizantina), sendo os termos *stratēgós* (general) e *hypostratēgós* (tenente-general) exceções que, no entanto, mostram a lenta mas firme emergência de termos gregos na linguagem militar bizantina³⁸⁹. Acima de tudo, o *Stratēgikón* configura o primeiro grande tratado do mundo medieval, visto ser representativo de um novo modelo militar, bastante diferenciado do exército romano clássico (apesar de ainda ir beber muito à sabedoria antiga), que se centra na otimização da força e da coesão das cargas de cavalaria em detrimento da utilização clássica da infantaria

³⁷³ Mauric. *Strat.*, I. 3-5. / II. 14. / III. 12-16.

³⁷⁴ Mauric. *Strat.*, I. 2. / II. 8. / II. 10.

³⁷⁵ Mauric. *Strat.*, I. 1. / III. 5.

³⁷⁶ Mauric. *Strat.*, I. 9. / II. 1-2. / II. 6-7. / II. 13. / II. 16. / III. 1-4. / III. 6-11.

³⁷⁷ Mauric. *Strat.*, II. 3-4. / II. 9. / II. 15. / II. 19.

³⁷⁸ Mauric. *Strat.*, I. 6-8.

³⁷⁹ Mauric. *Strat.*, II. 5. / II. 11-12. / II. 17-18. / II. 20.

³⁸⁰ E.g. Instruções para a aplicação de emboscadas (Mauric. *Strat.*, IV.) e ataques supressa (Mauric. *Strat.*, IX.).

³⁸¹ E.g. Utilização e preparação de Trens de Apoio (Mauric. *Strat.*, V.), treinos e preparação para a adoção de outros dispositivos táticos (Mauric. *Strat.*, VI.)

³⁸² Sobretudo pontos que o general deve ter em consideração antes, durante e depois de uma batalha (Mauric. *Strat.*, VII.), assim como uma enumeração de axiomas que o *stratēgós* deveria seguir (Mauric. *Strat.*, VIII.)

³⁸³ Mauric. *Strat.*, X.

³⁸⁴ Philip Rance: RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 86-89.

³⁸⁵ Caso da ordem de combate mista (Mauric. *Strat.*, XII. A. 1-2.), lateral (Mauric. *Strat.*, XII. A. 5.), em coluna (Mauric. *Strat.*, XII. A. 6.) e convexa (Mauric. *Strat.*, XII. A. 7.)

³⁸⁶ Armamento (Mauric. *Strat.*, XII. B. 1. / B. 4-6.), treino (Mauric. *Strat.*, XII. B. 2-3. / B. 14-16. / B. 24.), organização (Mauric. *Strat.*, XII. B. 7-9.), infrações e penas (Mauric. *Strat.*, XII. B. 10.), formações (Mauric. *Strat.*, XII. B. 11-13. / B. 17.), trem de apoio (Mauric. *Strat.*, XII. B. 18.), marchas e travessias mais complexas (Mauric. *Strat.*, XII. B. 19-21.), montar acampamentos (Mauric. *Strat.*, XII. B. 21.) e instruções aos generais (Mauric. *Strat.*, XII. B. 23.).

³⁸⁷ Mauric. *Strat.*, XII. C.

³⁸⁸ Mauric. *Strat.*, XII. D.

³⁸⁹ LUTTWAK, Edward N. – *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*, EUA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009, p. 267.

como fator decisivo no campo de batalha. Ora, será precisamente esta característica que poderá explicar a popularidade deste tratado no mundo bizantino, sendo por várias vezes copiado durante o renascimento cultural dos sécs. IX a XI³⁹⁰ e incorporado noutros tratados posteriores (sendo o *Taktiká* de Leão VI o exemplo mais paradigmático).

Numa primeira análise, o séc. VII foi marcado por um abrandamento da produção de literatura militar bizantina, fruto das guerras sistémicas com os Persas e da emergência e célere expansão árabe, que terão contribuído para o gradual empobrecimento da corte imperial, o meio principal de produção e divulgação deste género de obras. O próprio valor informativo do *Stratēgikón* terá contribuído para que neste período apenas fossem produzidas paráfrases, excertos e atualizações deste tratado, sendo o mais popular (sobretudo por acrescentar alguns elementos originais) o *De militari scientia*. A perda dos dois primeiros fólhos deste pequeno tratado sobre vários tópicos militares³⁹¹ não nos permite estabelecer ao certo qual seria a sua denominação³⁹² e o seu autor, de tal forma que as poucas informações que possuímos relativamente à datação deste escrito partem de elementos linguísticos e excertos introduzidos pelo escritor³⁹³. Deste modo, a menção aos Sarracenos (*Σαρακηνοί*) e aos Persas Sassânidas no capítulo 16 desta obra (que reproduz o Livro XI do *Stratēgikón*), incluindo-os num grupo de inimigos do império cujas máquinas e práticas militares deveriam ser estudadas, permite-nos concluir que a data de produção deste tratado se situa entre as décadas de 630 e 640 (período de desagregação do Império Persa e da emergência dos Árabes no Médio Oriente)³⁹⁴. Estruturado em 18 capítulos com informações bastante díspares e sem conexão direta entre si³⁹⁵, o *De Militaria Scientia* mantém-se um tratado obscuro, com informações bastante derivativas (especialmente do *Stratēgikón*) e cheio de passagens

³⁹⁰ Integrando, no todo ou em parte, os manuscritos respeitantes à literatura militar: o *Mediceo-Laurentianus graecus* 55, 4 (da segunda metade do séc. X); o *Ambrosianus graecus* (B 119 sup.), produzido por volta de 959; o *Neapolitanus* gr. 284 (III C 26), o *Parisinus* gr. 2442 e o *Vaticanus* gr. 1164, todos de meados do séc. XI.

³⁹¹ Que se encontra logo a seguir à cópia do *Stratēgikón* do *Mediceo-Laurentianus graecus* 55, 4.

³⁹² O título atual que lhe é atribuído representa uma estilização de Alphonse Dain: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, p. 346.

³⁹³ LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, p. 304.

³⁹⁴ RANCE, Philip – “The De Militari Scientia or Müller Fragment as a philological resource. Latin in the East Roman army and two new loanwords in Greek: palmarium and *recala” in *Glotta. Zeitschrift für griechische und lateinische Sprache*, 2010, pp. 72-74.

³⁹⁵ Os primeiros quatro capítulos descrevem-nos: o armamento e organização interna de um *bandon* de cavalaria (cap. 1) e o treino (cap. 2), as manobras (cap. 3) e as formações de cavalaria (cap. 4) organizada num *tágma*. Entre os caps. 5º e 12º são dadas uma série de instruções militares a várias secções do exército, caso dos batedores, guardas dos flancos e da retaguarda (cap. 5), dos batedores da divisão central do exército (cap. 6), dos *dekarças* (cap. 7), dos recrutas (cap. 8), dos comandantes dos *tágmata* (cap. 9), das merarquias dos flancos (cap. 10), da merarquia central (cap. 11) e dos comandantes da retaguarda (cap. 12.). Por fim, os restantes capítulos debruçam-se sobre a travessia de terrenos difíceis (cap. 13), a seleção de batedores (cap. 14), sobre instruções a dar ao general no dia de batalha (cap. 15), sobre emboscadas (cap. 16), sobre questões relativas à defesa do território durante a invasão de um inimigo (cap. 17) e sobre a marcha de infantaria em terrenos adversos ou em rios (cap. 18). Cf. RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 42-43.

vernaculares³⁹⁶ que nos levam a querer que o autor deste tratado não pretenderia, pelo menos originalmente, publicá-lo.

O segundo *boom* da literatura militar escrita em Bizâncio, que ocorreu entre os finais do séc. IX e o termo do séc. XI, acompanhou, *grosso modo*, o renascimento cultural protagonizado pelos Macedónicos, inaugurado³⁹⁷ pelo secundogénito do fundador desta dinastia, o imperador Leão VI (886-912). Coroado co-imperador em 869, ainda durante o principado do seu pai, Basílio I (867-886), Leão VI é caracterizado pela literatura antiga como um dos elementos mais representativos da elite burocrata de Constantinopla da 2ª metade do séc. IX, tendo bastantes querelas com o Senado por defender os interesses dos artesãos e dos comerciantes³⁹⁸. O certo é que, após ascender ao trono púrpura, o imperador, sentindo a necessidade de assegurar a sua autoridade na capital³⁹⁹, não terá participado diretamente em nenhuma batalha⁴⁰⁰, o que, porém, não conteve os seus interesses pelos assuntos militares. Ávido leitor dos relatórios dos seus generais e de outros escritos antigos, Leão VI escreveu pelo menos dois textos que se debruçam sobre aspetos da teórica militar: o *Problemata*⁴⁰¹, composição, inspirada no *Stratēgikón*, na qual o imperador formula um conjunto de perguntas e respostas relativas a vários aspetos da arte bélica⁴⁰²; e o *Tática (Taktiká)*, compilação de várias passagens de tratados greco-romanos e bizantinos⁴⁰³, à qual Leão VI acrescenta características do exército bizantino seu contemporâneo (sobretudo no que toca ao combate contra os Árabes e à guerra naval⁴⁰⁴). Esta última obra, composta por 20 Constituições⁴⁰⁵,

³⁹⁶ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 86.

³⁹⁷ Contudo, discute-se se este segundo período de produção literária não terá começado com os tratados de Siriano *Magistros*, escritos, segundo muitos bizantinistas, na segunda metade do séc. IX. A análise destas obras (especialmente do *Sobre Estratégia*) é o principal enfoque desta dissertação, de tal forma que se optou por ignorá-las neste capítulo.

³⁹⁸ No entanto, esta visão do imperador como protetor do comércio em Constantinopla é considerada ultrapassada por muitos historiadores: HALDON, John – *A Critical Commentary on the Taktika of Leo VI*, *Dumbarton Oaks Studies*, Vol. XLIV, Washington D. C.: Sheridan Books, 2014, p. 9.

³⁹⁹ Sobretudo frente ao patriarcado: TOUGHER, Shaun – *The Reign of Leo VI (886-912)*, *Politics & People*, Leiden: Brill, 1997, p. 36.

⁴⁰⁰ Esta inatividade do imperador, acentuada pela cronística sua contemporânea, serviu como justificação para os inúmeros insucessos militares do seu principado, sendo acusado de ter provocado uma guerra contra os Búlgaros de Simeão, de ter desviado soldados bizantinos desta guerra e de ter permitido que piratas árabes saqueassem Tessalónica (em 904). Todavia, esta visão negativa tem vindo a ser contestada pela historiografia mais recente: TOUGHER, Shaun – *op. cit.*, 1997, pp. 164-167.

⁴⁰¹ Atribuído a este imperador pelo manuscrito *Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4*, sabemos que o terá produzido antes do *Tática*. Cf. HALDON, John – *op. cit.*, 2014, p. 15.

⁴⁰² COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 88.

⁴⁰³ Sobretudo do *General de Onasandro*, das *Disposições Militares dos Gregos* de Eliano e do próprio *Stratēgikón* de Maurício: DENNIS, George – *The Taktika of Leo VI: Text, Translation, and Commentary*, *Dumbarton Oaks*, Washington: Harvard University Press, 2010, p. x. Contudo, John Haldon nos comentários que faz a esta tradução, demonstrou que as influências utilizadas por Leão VI nesta obra são muito mais extensas: HALDON, John – *op. cit.*, 2014, pp. 39-55.

⁴⁰⁴ Relativamente ao combate contra os Sarracenos (cujas informações terá obtido a partir dos relatórios dos seus oficiais): Leo. *Tactica.*, 11. 21. / 17. 65. / 18. 22-24. / 18. 40. / 18. 103-135. / 19. 16. / 19. 77. / Ep. 71. Para além

aborda tópicos tradicionais das diferentes disciplinas da literatura militar, procurando interligá-las sistemicamente com o conceito de “guerra sagrada” contra o Islão (o que nos indica que o imperador era conhecedor dos vários martirológios que favoreciam o antagonismo entre as duas religiões)⁴⁰⁶. Deste modo, a própria estrutura da obra é concretizada tendo em vista os critérios pessoais do imperador: um próêmio semelhante às *prooemia* tripartidas da legislação imperial (compostas por *invocatio*, *intitulatio* e *inscriptio*⁴⁰⁷); uma listagem de alguns princípios táticos⁴⁰⁸; uma enumeração de qualidades requeridas a um general⁴⁰⁹; passagens onde é destacada a importância de um planeamento atempado⁴¹⁰; seguidas por uma constituição relativa às divisões do exército e à nomeação de oficiais⁴¹¹; descrição de algum armamento mais comum⁴¹²; de preceitos gerais para o treino de cavalaria e infantaria⁴¹³; de crimes e punições militares⁴¹⁴; ordens de marcha⁴¹⁵; caracterização dos trens de apoio⁴¹⁶ e dos acampamentos⁴¹⁷; preceitos de poliorcética⁴¹⁸ e de naumaquia; descrições de emboscadas⁴¹⁹; e constituição de uma etnografia militar⁴²⁰. O tratado finaliza com uma compilação (a mais extensa de todas) de ditos sucintos, oriundos de outras obras (de Maurício, Polieno e Onasandro), que sumarizam e reforçam ideias que o

de Varrão, de Vegécio e, possivelmente, de Siriano *Magistros*, Leão VI é o primeiro tratadista a dedicar uma das suas Constituições à guerra naval: Leo. *Tactica.*, 19.

⁴⁰⁵ No fundo, o que o imperador procurava era regulamentar a guerra sob a autoridade imperial divina, de forma que o *Tática* pode ser considerado um texto legal, não oficial: LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, p. 305.

⁴⁰⁶ Contudo, o *Rhetorica Militaris* de Siriano *Magistros* será o primeiro tratado a estabelecer um inimigo religioso: HALDON, John – *op. cit.*, 2014, pp. 33-34.

⁴⁰⁷ No *Tática* é invocada a Santíssima Trindade, seguida da referência aos títulos e nome do imperador. Visto não ser apropriado o imperador dedicar a obra a si mesmo, a *inscriptio* é omissa: Leo. *Tactica.*, *prf.* 1.

⁴⁰⁸ Que enumera uma série de pequenas definições sobre táticas: Leo. *Tactica.*, 1.

⁴⁰⁹ Nomeadamente verbetes retirados de Onasandro e do *Rhetorica Militaris* de Siriano *Magistros*: Leo. *Tactica.*, 2.

⁴¹⁰ Inspirada no *Stratēgikón* de Maurício e no *General* de Onasandro: Leo. *Tactica.*, 3. Podemos voltar a encontrar aspetos desta natureza nas Constituições 12 a 14 e na Constituição 16, que referem máximas que o general deve ter em conta antes e durante e após o combate.

⁴¹¹ Constituição com conteúdo original (pelo menos para o *corpus* de literatura clássica e bizantina nosso conhecido), que apenas bebe na nomenclatura utilizada na obra de Maurício: Leo. *Tactica.*, 4.

⁴¹² Apesar de estas duas partes possuírem elementos do tratado de Eliano e do Maurício, a fonte principal ainda não foi identificada: Leo. *Tactica.*, 5-6.

⁴¹³ Inspiradas nos tratados de Maurício, Eliano, Onasandro e, possivelmente, de Siriano *Magistros*: Leo. *Tactica.*, 7.

⁴¹⁴ Retirados de passagens do primeiro Livro do *Stratēgikón*: Leo. *Tactica.*, 8.

⁴¹⁵ Com elementos do Onasandro e do imperador Maurício: Leo. *Tactica.*, 9.

⁴¹⁶ Baseado no Livro 5 do *Stratēgikón*: Leo. *Tactica.*, 10.

⁴¹⁷ Também descritos no Onasandro e reproduzidos na parte C. do último Livro do *Stratēgikón*: Leo. *Tactica.*, 11.

⁴¹⁸ Esta Constituição pode ter constituído, conjuntamente com a 17 e a 19, um tratado independente: Leo. *Tactica.*, 15.

⁴¹⁹ Igualmente baseada em passagens dos tratados de Onasandro e de Maurício: Leo. *Tactica.*, 17.

⁴²⁰ Semelhante à do Livro XI do *Stratēgikón*, acrescenta os Saracenos e atualiza a informação de alguns povos dos Balcãs: Leo. *Tactica.*, 18.

polemógrafo concebeu ou copiou noutras partes do texto⁴²¹. O peso expressivo dos conhecimentos militares de Leão VI na tratadística e cultura bizantina posterior é atestado pelos 88 manuscritos que transcrevem integralmente ou parcialmente as suas obras⁴²², assim como por inúmeras passagens de escritos do século X que vão buscar ao *Taktiká* a sua fonte de inspiração⁴²³.

A tradição militar escrita da corte imperial continuaria com o filho de Leão VI, o já referido Constantino VII Porfirogeneta (913-959), promotor exímio da cultura enciclopedista em Bizâncio, fruto do seu interesse pela cultura helenística⁴²⁴, pelos hábitos da Corte do Império Romano do Oriente e pelas tradições culturais dos povos estrangeiros. Homem erudito, com interesses diversos, ter-se-á igualmente dedicado a aspetos de cariz militar, elaborando três pequenos discursos, possíveis componentes de um tratado de maior dimensão que o imperador terá escrito⁴²⁵ com instruções e informações que qualquer imperador deveria levar consigo durante uma expedição militar. O primeiro destes opúsculos consiste numa pequena lista de *Áplēkta* (ἄπληκτα), isto é, de bases militares⁴²⁶ da Anatólia, seguida por instruções sumárias que estabeleciam qual destes pontos fortificados é que deveriam receber os *thémata* (exércitos provinciais), os *tágmata* (exércitos campais) do *doméstikos* (oficial) das *Scholai* (unidades de elite) e o próprio imperador⁴²⁷. Algo confuso, este texto retira informações de várias fontes (entre 838 e 878/879), chegando mesmo a ter referências a reinados posteriores⁴²⁸, o que nos leva a querer que o escrito original sofreu acrescentos e cortes. Uma outra oração, intitulada *O que deve ser observado quando o imperador decide ir numa expedição*, pode ser dividido em duas secções: uma primeira que, seguindo como exemplo Constantino I, trata os preparativos do imperador antes de ingressar na expedição⁴²⁹; a última aborda procedimentos adotados, neste caso por Júlio César, já durante a campanha⁴³⁰. Baseando-se em *exempla*, Constantino VII, pretendia compilar alguns preceitos já reunidos

⁴²¹ Leo. *Tactica.*, 20.

⁴²² Sendo os mais importantes os códices: *Mediceo-Laurentianus graecus*, 55, 4; *Vindobonensis phil. Graecus* 275; *Vaticanus graecus* 1164; e o *Barberinianus graecus* II 97 (276).

⁴²³ Caso do *Taktiká* de Nicéforo Ouranos (c. 950-1011) cujos primeiros 55 capítulos copiam as informações do tratado de Leão VI: MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008 (A), p. 80.

⁴²⁴ TOYNBEE, Arnold – *Constantine Porphyrogenitus and His World*, Londres: Oxford University Press, 1973, pp. 577-580.

⁴²⁵ HALDON, John – *Constantine Porphyrogenitus, Three Treatises on Imperial Military Expeditions*, *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, Vol. XXVIII, Viena: Academia austríaca de Ciência, 1990, pp. 35 e 40-44.

⁴²⁶ Estas bases militares situavam-se na *Malagina*, em *Dorylaeum*, *Kaborkin*, Coloneia, Cesareia e *Dazimo*: *Const.*, Texto A. 3-5.

⁴²⁷ *Const.*, Texto A. 6-14.

⁴²⁸ E.g. a menção de um *stratēgos* da Seleuceia, sugere o reinado de Romano I *Lecapeno* (920-944): HALDON, John – *op. cit.*, 1990, p. 62.

⁴²⁹ Que também passam por assegurar a estabilidade em Constantinopla: *Const.*, Texto B. 3-79.

⁴³⁰ *Const.*, Texto B. 80-150.

no *Taktiká* de Leão VI, no entanto, mantêm-se discutível se esta terá sido a fonte principal para a elaboração deste discurso⁴³¹. De longe o maior discurso militar deste imperador, o *Coisas que devem ser observadas quando o Grande Imperador dos Romanos vai em Campanha*, assemelha-se, tematicamente, ao opúsculo anterior, descrevendo detalhadamente a organização de expedições imperiais (sobretudo do tratamento de animais de carga⁴³²), desta feita contemporâneas de Constantino VII⁴³³, e uma pequena advertência ao seu filho Romano que enfatiza a importância deste género de tratados⁴³⁴. Deste imperador ainda são conhecidas mais duas arengas militares⁴³⁵ que retratam, com bastante exatidão, os vários mecanismos que o Porfirogeneta utilizava para exortar o ardor militar dos soldados, assim como as mudanças da política militar bizantina da década de 950. A primeira oração⁴³⁶ pode dividir-se nas seguintes partes: exaltação das recentes vitórias bizantinas; incentivo aos soldados para lutarem mais veementemente contra os inimigos de Deus; descredibilização da propaganda de Sayf al-Dawla⁴³⁷ que obtivera uma série de vitórias nesta década; menção à intenção do imperador de ir ter com os soldados mais dignos para os honrar; requerimento aos oficiais militares para entregarem relatórios precisos com os oficiais e soldados que mereciam ser galardoados. Ainda nosso conhecido é um relatório (em formato de oração) que o imperador envia aos *stratēgoí* do Oriente⁴³⁸, cujos pontos centrais são os seguintes: uma introdução em que Constantino VII manifesta o seu desejo de inspirar os soldados; a indigitação de oficiais competentes; a descrição da alegria do Porfirogeneta por o seu exército estar pronto para combater; a nomeação de alguns sucessos momentâneos; a prontidão do imperador em levar o seu filho para uma campanha (algo capaz de aumentar a moral dos soldados); o exaltar da presteza dos soldados bizantinos em mostrar o seu valor aos contingentes estrangeiros presentes no exército; o encorajamento que Constantino VII faz ao espírito de camaradagem; e, por fim, o amor do governante pelos seus soldados. Todos estes discursos têm um valor

⁴³¹ HALDON, John – *op. cit.*, 1990, pp. 46-47.

⁴³² Const., Texto C. 67-311.

⁴³³ Este tratado, inspirando-se largamente em Onasandro, pretenderia emendar um antigo tratado de Leão *Katakylas* (inícios do séc. X). HALDON, John – *op. cit.*, 1990, p. 54.

⁴³⁴ Const., Texto C. 607-617.

⁴³⁵ Preservadas no *Códex Ambrosianus B 119 sup.*, estas exortações estão agrupadas numa pequena antologia de discursos militares que incluem o *Rhetorica Militaris* e ditos de Xenofonte, Flávio Josefo e Herodiano (funcionário romano do séc. II, que escreveu uma *História*): MCGEER, Eric – “Two Military Orations of Constantine VII” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 112-113.

⁴³⁶ Const., Texto D. 1-5.

⁴³⁷ Os conflitos entre os Bizantinos e os Hamdânidas atingiram o seu auge em meados do séc. X: NISA, João Rafael Gorgulho – *A Arte Militar Bizantina: O Tratado De Velitatione Bellica (séc. X)*, Dissertação de Mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016, pp. 28-37

⁴³⁸ Const., Texto E. 1-8.

histórico especial pois, apesar de assentarem em modelos linguísticos e temáticos há muito estabelecidos, constituem exemplos raros da retórica e da propaganda militar imperiais⁴³⁹.

Ainda podemos datar (com alguma incerteza⁴⁴⁰) do principado de Constantino VII a produção de um compêndio de preceitos táticos e de estratagemas, a maioria já reproduzidos em tratados anteriores, cuja autoria se mantém por identificar (apesar de Alphonse Dain⁴⁴¹ o ter associado a Leão VI, a historiografia recente tem descartado essa hipótese⁴⁴²). A *Compilação Tática (Sylloge Tacticorum)*, estruturada em 102 capítulos, pode ser decomposta em duas partes: uma primeira secção (capítulos 1 a 56) que, baseando-se em escritos antigos (Onasandro, Eliano e Leão VI), aborda questões relativas à *Stratēgiká*, ao armamento dos soldados bizantinos, a formações táticas, a acampamentos e à guerra de cerco; um segundo momento (capítulos 57 a 102), retirado dos escritos de Júlio Africano⁴⁴³ e Polieno, enumera dispositivos e estratagemas utilizados por comandantes da Antiguidade Clássica⁴⁴⁴. A este conteúdo copiado foram introduzidas algumas informações representativas da prática da guerra em Bizâncio no séc. X (caso da formação em quadrado da infantaria⁴⁴⁵ e da referência a algum armamento⁴⁴⁶), o que nos permite deduzir que o polemógrafo teria experiência militar. Ainda que possua elementos linguísticos e conteúdos interessantes, o facto de o tratado mostrar indícios de estar incompleto⁴⁴⁷ e de ainda não ter sido alvo de uma análise exhaustiva⁴⁴⁸ não nos permite desenvolver mais pormenorizadamente estas e outras questões.

Em paralelo a estes manuais com tópicos mais generalistas, surgiu nas últimas duas décadas da primeira metade deste século⁴⁴⁹ uma obra de poliorcética, respeitante a um “Héron de Bizâncio”⁴⁵⁰, ou simplesmente ‘Anónimo Bizantino’, que trouxe novas aplicações e

⁴³⁹ MCGEER, Eric – *op. cit.* in NESBITT, John W. (ed.) – *op. cit.*, 2003, pp. 134-135.

⁴⁴⁰ MCGEER, Eric – “Infantry versus Cavalry: The Byzantine Response”, in *Revue des études byzantines*, tomo 46, 1988, pp. 136-137.

⁴⁴¹ DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 357-358.

⁴⁴² LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, p. 312.

⁴⁴³ Que elaborou um *Apparatus Bellicus* nas *Κεστοί*, obra enciclopédica de finais do séc. I.

⁴⁴⁴ MCGEER, Eric – “Sylloge Tacticorum” in KAZHDAN, Alexander P. (ed.) *The Oxford Dictionary of Byzantium*, Vol. III, Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 1980.

⁴⁴⁵ Reproduzida no *Praecepta Militaris*, tratado bizantino da segunda metade do séc. X, atribuído tradicionalmente ao imperador Nicéforo II Focas (963-969): MCGEER, Eric – *op. cit.*, 1988, pp. 137-140.

⁴⁴⁶ Caso de túnicas feitas de algodão ou seda que permitam um maior conforto durante o combate, ou de uma lança espessa (*menavlion*) bastante eficaz contra cavalaria pesada: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (A), pp. 185-186 / HALDON, John – *op. cit.*, 1990, p. 218.

⁴⁴⁷ O título e índice do único manuscrito que nos chegou (o *Laurentianus LXXV-6*) atribuem o tratado a Leão VI, tendo este códice sido vítima de acrescentos posteriores.

⁴⁴⁸ Não tivemos acesso à tradução mais recente (de Junho deste ano) do Centro de Estudos Bizantinos e Otomanos de Birmingham, intitulada: *A Tenth-Century Byzantine Military Manual: The Sylloge Tacticorum*.

⁴⁴⁹ SULLIVAN, Denis – *Siegecraft: Two Tenth-Century Instructional Manual by “Heron of Byzantium”*, *Dumbarton Oaks Studies*, vol. XXXVI, Washington D.C.: Harvard University, 2000, pp. 3-4.

⁴⁵⁰ Nome dado por reedições (dos sécs. XIV e XV) do manuscrito original (o *Vaticanus graecus 1605*), que o apelidam de Héron terceiro (*tertius*) pois já conhecem os tratados de Héron de Alexandria e de Héron segundo

acrescentos concretos à sabedoria recuperada de alguns tratados greco-romanos antigos (nomeadamente os de Filo, Bítton, Héron, Ateneu e Apolodoro⁴⁵¹). Sobre o autor pouco conseguimos descortinar, para além de que este não teria conhecimentos aprofundados de engenharia, não só por considerar de difícil compreensão os conceitos por detrás dos esquemas dos engenhos de cerco antigos⁴⁵², mas também por grande parte das invenções por ele descritas se basearem em esquematizações já anteriormente apresentadas. Deste modo, uma das preocupações principais do escritor era que as máquinas que descreve fossem compreendidas e construídas por qualquer pessoa e que estes engenhos pudessem vir a ser úteis em cercos às cidades árabes⁴⁵³. É precisamente este desfazamento entre a literatura altamente especializada e textos mais vernaculares que o autor pretende combater nas suas *Instruções de Poliorcética (Parangelmata Poliorcetica)*, organizadas em 58 pontos, que se focam em operações ofensivas (um fruto do tempo em que escreve). Entre a enunciação e descrição dos esquemas das máquinas a serem utilizadas⁴⁵⁴ (atestadas noutras fontes⁴⁵⁵), o tratado recomenda precaução aos comandantes militares, que antes de cercarem uma cidade inimiga deveriam efetuar uma análise detalhada do seu local e condições⁴⁵⁶. De especial interesse é a inclusão de algumas informações a engenhos contemporâneos: caso de uma escada com rodas e uma pequena ponte suspensa⁴⁵⁷; e de uma máquina que protegia os sapadores, também com uma ponte pendurada⁴⁵⁸ e um instrumento manual (*στρεπτόν*) que expelia fogo grego⁴⁵⁹. Esta redação terá sido conservada no *Vaticanus graecus 1605*⁴⁶⁰, manuscrito do séc. XI com ilustrações sublimes, a par de outra obra do Pseudo-Héron sobre medições (*Geodesia*).

Se o *Parangelmata Poliorcetica* trata aspetos de guerra de cerco ofensiva, o *Como Resistir a um Cerco (De Obsidione Toleranda)* consubstancia-se num manual de instruções para qualquer comandante bizantino que se encontrasse dentro de uma cidade cercada. Desconhece-se ao certo a identidade do autor que escreveu este tratado, presumivelmente,

(*secundos*), sobre matemática. DAIN, Alphonse – “Trois manuscrits d’Héron de Byzance. Poliorcétique et Géodésie”, in *L’antiquité classique*, tomo 2, fasc. 1, 1933, pp. 3-4.

⁴⁵¹ Muitos destes são nomeados no início da obra, como anteriormente foi mencionado: Hero., 1.

⁴⁵² LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, p. 313.

⁴⁵³ Hero., 58.

⁴⁵⁴ Uma listagem é feita em: Hero., 2.

⁴⁵⁵ NISA, João Rafael Gorgulho – “A Poliorcética e o Poder Naval Bizantinos” in MONTEIRO, João Gouveia (dir.) – *op. cit.*, 2017, pp. 440-441.

⁴⁵⁶ Hero., 4-5.

⁴⁵⁷ Hero., 46.

⁴⁵⁸ Hero., 47.

⁴⁵⁹ Hero., 49.

⁴⁶⁰ Que terá servido de inspiração para aos restantes 10 manuscritos que preservam este tratado. DAIN, Alphonse – “Trois manuscrits d’Héron de Byzance. Poliorcétique et Géodésie”, in *L’antiquité classique*, tomo 2, fasc. 1, 1933, pp. 12-19.

inspirado num escrito perdido (o *Antipoliorceticum*)⁴⁶¹ e/ou no cerco árabe a Tessalónica (904)⁴⁶²; apenas sabemos que também terá redigido um pequeno manual que descreve diversos sinais de fogo⁴⁶³. Relativamente à datação já possuímos algumas informações mais concretas, sabendo-se que o *De Obsidione Toleranda* foi copiado para o *Vaticanus graecus 1164* e para o *Barberinianus 276*⁴⁶⁴, manuscritos de finais do séc. X ou inícios do séc. XI, o que nos permite concluir que o tratado não poderá ter sido escrito depois destas datas⁴⁶⁵. Por sua vez, a referência a uma recente invenção bizantina (*χειροσί φωνον*) também descrita no *Taktiká* de Leão VI⁴⁶⁶, a menção ao cerco árabe de Tessalónica⁴⁶⁷ e a utilização do termo *λαῖσα*, que se refere a uma *testudo*⁴⁶⁸, apontam ainda para a primeira metade do séc. X. Este tratado, decomposto em 101 capítulos (dos quais apenas se conhecem 57) pode ser organizado da seguinte forma: medidas tomadas pelo comandante sitiado, respeitantes à potencialização das vitualhas disponíveis dentro do recinto amuralhado e a outras formas engenhosas de o general adquirir mais alimentos⁴⁶⁹; parte de seguida para questões relacionadas com a fortificação, sobretudo a reparação e entrincheiramento desta⁴⁷⁰; também considera aspetos do foro tático, ou seja, a organização e armamento dos soldados e das patrulhas⁴⁷¹; ainda enumera algumas preparações a serem realizadas na iminência de um ataque inimigo⁴⁷²; finalmente relata alguns exemplos históricos (retirados de Arriano, Polieno e Flávio Josefo)⁴⁷³. Seguindo uma tradição que se inicia com o *Commentarius Poliorceticus* de Eneias, o *De Obsidione Toleranda* traduz-se num dos exemplos menos estudados de recuperação e adaptação da sabedoria antiga; se é certo que a maioria das táticas e estratégias que enumera já provêm de outros escritos, a verdade é que estes continuavam a ser aplicados à realidade militar do período médio bizantino.

A expansão territorial bizantina da segunda metade do séc. X foi acompanhada por um recrudescimento da escrita de tratados, associado, geralmente, aos próprios imperadores

⁴⁶¹ DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, p. 356.

⁴⁶² LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, pp. 316-317.

⁴⁶³ ANÓNIMO (B) – *Como Resistir a um Cerco*, 61. 9-10. Texto, tradução e comentários: SULLIVAN, Denis – “A Byzantine Instructional Manual on Siege Defense: The *De Obsidione Toleranda*” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003 [citado por “*Obs. Tol.*”].

⁴⁶⁴ Ao qual as traduções mais recentes acrescentaram os fólhos perdidos do *Scorialensis Y-III-11*.

⁴⁶⁵ SULLIVAN, Denis – “A Byzantine Instructional Manual on Siege Defense: The *De Obsidione Toleranda*” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, p. 139.

⁴⁶⁶ *Obs. Tol.*, 64. 8. / *Leo. Tactica.*, 19. 64.

⁴⁶⁷ *Obs. Tol.*, 78. 9-10.

⁴⁶⁸ *Obs. Tol.*, 50. 6. / 57. 3. / 74. 18.

⁴⁶⁹ *Obs. Tol.*, 45. 1. a 50. 28.

⁴⁷⁰ *Obs. Tol.*, 50. 29. a 53. 10.

⁴⁷¹ *Obs. Tol.*, 53. 11. a 57. 11.

⁴⁷² *Obs. Tol.*, 57. 12. a 61. 16.

⁴⁷³ *Obs. Tol.*, 62. a 101.

(muitos deles, oriundos do mundo militar, participaram ativamente em diversas campanhas). É o caso de Nicéforo II Focas (963-969), primeiro imperador bizantino da dinastia dos Macedônicos pertencente a uma família aristocrática proeminente que liderou a conquista de Creta (960-961)⁴⁷⁴ e a expansão na Cilícia (961-962)⁴⁷⁵, tendo ascendido ao trono em 963, depois de exilar José Bringas, regente dos filhos de Romano II (959-963). Durante o seu principado, ainda participou numa série de campanhas contra os Hamdânidas⁴⁷⁶, incitando um conjunto de reformas do exército bizantino⁴⁷⁷, registadas no *Instruções de Guerra (Praecepta Militaria)*⁴⁷⁸, um pequeno tratado militar produzido por volta do ano 965⁴⁷⁹ e cuja autoria lhe é usualmente atribuída. Embora sucinto, este escrito enumera e caracteriza um conjunto de princípios relacionados com o recrutamento, treino, armamento, unidades e disposições táticas da infantaria⁴⁸⁰ e da cavalaria⁴⁸¹ bizantinas; também descreve os procedimentos necessários (escolha do local, organização dos soldados e oficiais) para o estabelecimento de um acampamento⁴⁸²; e realça, por meio de um capítulo pequeno, a utilização de espiões durante a expedição⁴⁸³. Se à primeira vista esta obra pode ser considerada inteiramente original, fruto do seu propósito prático e de ter sido provavelmente redigida durante uma campanha, a presença constante de terminologia específica típica de outros escritos mais antigos (*ψιλοι*⁴⁸⁴, *τετράπλευρος*⁴⁸⁵, *προκουρσάτορες*⁴⁸⁶ e *ὑπερκερασται*⁴⁸⁷), assim como de algumas ideias recicladas de outros tratados⁴⁸⁸, desacreditam esta hipótese⁴⁸⁹. Outra obra também associada a

⁴⁷⁴ KALDELLIS, Anthony – *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A. D. to the First Crusade*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2017, pp. 35-38.

⁴⁷⁵ NISA, João Rafael Gorgulho – *op. cit.*, pp. 35-37.

⁴⁷⁶ Nomeadamente o fim da tomada da Cilícia (965), a conquista de Chipre (964) e de Antioquia (967-969): KALDELLIS, Anthony – *op. cit.*, 2017, pp. 46-49 e 61-62.

⁴⁷⁷ HALDON, John – *op. cit.*, 1990, p. 222.

⁴⁷⁸ Preservado num único códice de 557 fólios que se encontra hoje no Museu Histórico Estatal de Moscovo.

⁴⁷⁹ Escrito talvez durante uma expedição contra os Árabes, pois o tratado contém descrições dos hábitos militares dos exércitos inimigos: FOCAS, Nicéforo II – *Instruções de Guerra*, II. 10. Texto, tradução e comentários: MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008 (A) [doravante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “Foc. Prae.”].

⁴⁸⁰ Foc. Prae., I-II.

⁴⁸¹ Foc. Prae., III-IV.

⁴⁸² Foc. Prae., V.

⁴⁸³ Foc. Prae., VI.

⁴⁸⁴ Arqueiros: Foc. Prae., I. 2. / I. 4. / I. 7-8. / II. 4. / II. 17. / IV. 3. / V. 3.

⁴⁸⁵ Formação em quadrado: Foc. Prae., I. 5. / I. 12-13. / II. 10. / II. 14. / II. 17. / III. 11.

⁴⁸⁶ Batedores montados: Foc. Prae., II. 3. / II. 6-8. / IV. 2. / IV. 10. / IV. 12. / II. 14.

⁴⁸⁷ Arqueiros a cavalo situados no flanco direito que flanqueavam a ala esquerda do inimigo: Foc. Prae., IV. 3. / IV. 8. / IV. 12-14.

⁴⁸⁸ Por exemplo, a ideia de que as unidades mais pequenas de infantaria e cavalaria devem agrupar soldados (preferencialmente da mesma nacionalidade) que se deêm bem (Foc. Prae., I. 2. / III. 10. / IV. 1.) aparece pela primeira vez no capítulo 24 do *General* de Onasandro.

⁴⁸⁹ Para a lista completa de tratados que o influenciam, veja-se: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (A), pp. 181-188.

Nicéforo II Focas, talvez escrita por um oficial do imperador⁴⁹⁰ e que possui uma temática mais específica, é a *Guerrilha (De Velitatione Bellica)*⁴⁹¹, um manual que nos apresenta um conjunto de estratégias que possibilitam combater um exército inimigo bem organizado e treinado, fugindo aos convencionais combates campais. Os 25 capítulos deste trabalho abordam assuntos diversos que passam pela importância da construção de postos de vigia⁴⁹², da utilização de espiões⁴⁹³, de emboscadas⁴⁹⁴, do aprovisionamento de bom armamento e de um treino adequado⁴⁹⁵, entre outros aspetos. Parte da pertinência deste escrito passa por dividir os vários géneros de ataques que os inimigos bizantinos poderiam efetuar: um raide mais simples, desenvolvido por cavaleiros que atuam durante a noite⁴⁹⁶; um raide complexo onde a infantaria protege o trem de apoio e monta o acampamento aguardando a chegada da cavalaria com o saque⁴⁹⁷; noutras situações em que fosse aplicado este segundo tipo de ataque, as tropas apeadas situadas no acampamento podiam avançar diariamente até alcançarem a cavalaria, impedindo assim a quebra de comunicação entre os dois grupos e aprovisionando a vanguarda montada⁴⁹⁸; para além destas expedições com uma envergadura mais reduzida, podemos acrescentar as grandes ofensivas anuais que, reunindo um grande número de efetivos, devastavam regiões inteiras⁴⁹⁹. Apesar das incertezas ligadas à autoria dúbia desta obra, conseguimos encontrar vários elementos em comum com o *Praecepta Militaria*: referências aos hábitos do inimigo, apelos à ajuda divina, terminologia mais técnica e instruções semelhantes⁵⁰⁰. Por fim, Nicéforo II Focas ainda terá delineado e projetado a elaboração de um tratado, escrito após o seu assassinato⁵⁰¹, por um autor desconhecido⁵⁰²,

⁴⁹⁰ A dedicatória feita no início do tratado (inexistente no *Praecepta*) e a coloquialidade do texto levam-nos a crer que o redator deste opúsculo seria alguém do oficialato bizantino. Contudo, Gilbert Dagron, apoiando-se em referências (a “autores antigos” e “livros históricos”) também presentes noutros tratados de Nicéforo, acredita que o *De Velitatione Bellica* seja da autoria deste imperador: Cf. NISA, João Rafael Gorgulho – *op. cit.*, p. 59.

⁴⁹¹ São inúmeras as cópias medievais deste tratado que, todavia, provêm apenas destes três manuscritos: o *Codex Vaticanus graecus 1164*, o *Scorialensis graecus 281 (Y-III-11)* e o *Barberinianus graecus II 97 (276)*. Cf. DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985, pp. 140-141.

⁴⁹² FOCAS, Nicéforo II – *Guerrilha*, 1-2. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985 [citada por “Foc. Vel.”].

⁴⁹³ Foc. Vel., 2. / 7.

⁴⁹⁴ Foc. Vel., 4. / 11-13. / 17.

⁴⁹⁵ Foc. Vel., 19.

⁴⁹⁶ Foc. Vel., 6.

⁴⁹⁷ Foc. Vel., 10.

⁴⁹⁸ Foc. Vel., 9.

⁴⁹⁹ Foc. Vel., 13.

⁵⁰⁰ MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (A), pp. 174-178.

⁵⁰¹ Podemos estabelecer o *terminus a quo* em 970, data da criação do *tema* dos *Athanatoi* (referido no tratado); o ênfase dado às guerras contra os Búlgaros remete para os conflitos entre Basílio II e o czar Samuel (c.986-1014): MCGEER, Eric – “De Re Militari” in KAZHDAN, Alexander P. (ed.) – *op. cit.*, Vol. I, 1991, pp. 612-613.

intitulado *Organização de uma Campanha (De Re Militari)*⁵⁰³. Composto por 32 capítulos, este manual dedica-se à descrição de aspetos táticos e organizativos do exército bizantino que atuava nas fronteiras ocidentais do império (possivelmente nas montanhas búlgaras⁵⁰⁴), nomeadamente: como construir um acampamento⁵⁰⁵, a travessia de terrenos adversos em território inimigo⁵⁰⁶, a guerra de cerco⁵⁰⁷ e o treino dos soldados⁵⁰⁸. Sobretudo, é realçada a importância da presença do imperador (que, segundo o autor, é competente mas ainda tem bastante a aprender) no decurso das campanhas, devendo a sua tenda e a dos seus oficiais situar-se no centro do acampamento e do comando de operações⁵⁰⁹.

Por fim, ainda importa referir um último tratado elaborado por Nicéforo Ouranos (c. 950-1011), um dos generais mais proeminentes do principado de Basílio II (976-1025), cuja carreira foi marcada não só pela sua atuação militar, mas também pela influência política e cultural que teve na corte imperial. As primeiras fontes que o referem inserem-no nas negociações de 982, entre Basílio II e o emir buída Adud al-Dawla⁵¹⁰, sendo para este fim enviado para Bagdade onde permaneceu até os últimos dias de 986, regressando à capital bizantina em 987. Ora seria na década seguinte, mais especificamente, em 996/997, que Nicéforo adquiria uma das honras militares mais importantes do seu tempo (o título de *doméstikos* das *scholai* do Ocidente), após derrotar um exército búlgaro liderado pelo czar Samuel (997-1014) na batalha do rio Spercheios (em 997)⁵¹¹. Conquanto, o expoente máximo da carreira deste general foi a sua nomeação como governador do Norte da Síria (com sede em Antioquia), consequência direta de uma campanha que realizou na região com Basílio II⁵¹², nos últimos meses de 999, tendo ocupado este cargo até 1011, ano em que terá morrido⁵¹³. Seria de esperar que um comandante com um percurso militar tão expressivo elaborasse uma obra sobre aspetos táticos, operacionais e logísticos; no entanto, a sua *Tática*

⁵⁰² Alguns historiadores propõem Nicéforo Ouranos como o verdadeiro redator deste texto, mas a falta de dados não viabiliza uma resposta concreta, podendo bem ter sido um oficial próximo de Nicéforo II Focas. George Dennis parece inclinar-se para Basílio II (976-1025). Cf. DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, pp. 242-243.

⁵⁰³ As transcrições deste manual encontram-se imediatamente a seguir às cópias do *De Velitatione Bellica*.

⁵⁰⁴ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 90.

⁵⁰⁵ FOCAS, Nicéforo II – *Organização de uma Campanha*, 1-6. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985 [para referência futura deste tratado utilizaremos “Foc. Mil.”].

⁵⁰⁶ Foc. Mil., 9-20.

⁵⁰⁷ Foc. Mil., 21-27. Cf. LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, pp. 359-361.

⁵⁰⁸ Foc. Mil., 28. e 30.

⁵⁰⁹ Foc. Mil., 1. 107-127. Cf. LUTTWAK, Edward N. – *op. cit.*, 2009, pp. 355-356.

⁵¹⁰ KALDELLIS, Anthony – *op. cit.*, 2017, p. 92.

⁵¹¹ O governante búlgaro chegara a assassinar o *doux* de Tessalónica, ameaçando todo o interior da Grécia central (especialmente a região da Ftíótida): MCGEER, Eric – “Tradition and Reality in the Taktika of Nikephoros Ouranos” in *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 45, 1991, pp. 130-131.

⁵¹² KALDELLIS, Anthony – *op. cit.*, 2017, pp. 108-109.

⁵¹³ Mas as últimas informações que temos deste general datam de 1007: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 1991, p. 131.

(*Taktiká*)⁵¹⁴ constitui uma compilação de escritos antigos⁵¹⁵, revelando uma maior influência dos conhecimentos culturais deste escritor, que elaborou igualmente obras de poesia, de hagiografia e de epistolografia. Muito provavelmente elaborado durante a sua estadia em Antioquia (c. 1000), este enorme compêndio, organizado em 178 capítulos, representa o último escrito bizantino inspirado no renascimento cultural macedônio, quebrando uma tradição que remonta aos tratados gregos dos finais do séc. IV a.C. Na sua íntegra o *Tática* pode ser separado em quatro grandes secções: a primeira reúne paráfrases do *Taktiká* de Leão VI⁵¹⁶; a segunda atualiza os conteúdos do *Praecepta Militaris*⁵¹⁷; as outras duas partes ressuscitam passagens de escritos anteriores⁵¹⁸. Os trechos relativos à obra de Nicéforo II Focas têm especial interesse hermenêutico, não só por tratarem com alguma exatidão vários aspetos da guerra em Bizâncio neste período, mas também porque Ouranos introduz nestes capítulos novos elementos, resultantes da sua experiência militar no Norte da Síria⁵¹⁹.

Chegados aqui, parece-nos pertinente tecer alguns comentários conclusivos respeitantes à cultura militar escrita em Bizâncio, que, encontrando-se repleta de elementos de continuidade e de rutura, se mostra muito mais enriquecedora do que estas páginas podem sugerir⁵²⁰. Trata-se, acima de tudo, de um fenómeno literário riquíssimo, particular no mundo cristão, fruto do espírito de antiquário e da erudição de muitos dos indivíduos ligados ao poder civil (casos de Urbício, Leão VI, Constantino VII) e/ou à realidade militar bizantina (Maurício, Nicéforo II Focas). Ora, esta conservação da sabedoria das “autoridades antigas” era sobretudo pragmática, consubstanciando-se na necessidade que as elites bizantinas tinham em justificar a guerra (que não se tratava de uma condição natural e instintiva do ser humano),

⁵¹⁴ Encontrado em três manuscritos tardo medievais: o *Constantinopolitanus graecus 36* (do séc. XIV, em Istambul), o *Monacensis graecus 452* (conservado em Munique) e o *Oxonienis Barocianus 131* (em Oxford).

⁵¹⁵ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, p. 90.

⁵¹⁶ OURANOS, Nicéforo – *Tática*, 1-55. Texto, tradução e notas: MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008 & JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006 [cit. por “Our. Tact.”].

⁵¹⁷ Our. Tact., 56-65.

⁵¹⁸ Our. Tact., 66-178.

⁵¹⁹ Nomeadamente num capítulo sobre raides (Our. Tact., 63.), táticas para combater a partir de um acampamento ou durante a marcha (Our. Tact., 64.) e guerra de cerco (Our. Tact., 65.): MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008, pp. 80-81.

⁵²⁰ Apesar de nos termos centrado nos escritos que melhor manifestam a simbiose entre períodos de maior expansão territorial (como o verificado na segunda metade do séc. VI e nos finais do séc. X) e o aumento da produção de literatura militar, é necessário ressaltar outras obras deste género com igual importância: caso de uma naumaquia comissionada pelo Basílio Parakoimōmenos (c. 925-985) e escrita por um autor anónimo; da História do cronista Leão ‘o Diácono’ (c. 950), que narra a expansão militar bizantina do séc. X; de um *Stratēgikón* (c. 1075-1078) associado a um membro da família dos Kekaumēnos; ou ainda da *Alexiáda* escrita por Ana Comnena, que narra os eventos político-militares do principado do seu pai, Aleixo I Comneno (1081-1118).

mas também em conservar o *status quo* social e político⁵²¹. De tal forma que na apreciação dos polemógrafos bizantinos (que seguem de perto as perceções dos eruditos antigos), uma postura belicosa não se consubstanciava em atos de bravura e de força física, mas sim no emprego de uma atitude ponderativa capaz de responder eficazmente às circunstâncias adversas que fossem surgindo. Neste sentido, o *De Re Strategica* representa um dos melhores exemplos de um escrito militar bizantino que adota um discurso defensivo, típico do período médio-bizantino, sem, no entanto deixar de incorporar diversos aspetos da escrita da guerra clássica. É precisamente o escrutínio da enorme proximidade entre os conteúdos deste tratado e alguns dos opúsculos greco-romanos que nos obriga a analisá-lo o mais promenorizadamente possível. Só deste modo é que é verdadeiramente possível completar a análise da evolução da literatura greco-romana e bizantina que pretendemos apresentar nestas breves passagens.

⁵²¹ Relativamente aos motivos que terão levado a que este fenómeno se manifestasse exclusivamente no mundo bizantino (mas também no árabe), assim como às necessidades dos seus principais promotores: COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2009, pp. 90-99.

II. – O Compêndio Militar de Siriano *Magistros* - considerações prévias

Lucas Holste, filólogo e humanista alemão do séc. XVII⁵²², após analisar a coleção de códices bizantinos⁵²³ que fora recolhendo ao longo dos anos (especialmente o *Laurentianus Lv. 4* e o *Barberinianus graecus 59*), foi o primeiro a considerar a possibilidade de associação de dois pequenos escritos militares, o *Sobre Estratégia* (*Περὶ στρατηγικῆς* ou *De Re Strategica*) e o *Retórica Militar* (*Δημηγορίαι προτρεπτικαί* ou *Rhetorica Militaris*), a um mesmo autor⁵²⁴. Mal esperava o erudito que a sua presunção viria a ser tão bem aceite por outros peritos conceituados, como é o caso do classicista alemão Friedrich Gottlob Haase (1808-1867), que inseriu ambas as obras⁵²⁵ no seu compêndio de tratados militares (o *Omnes libri Graeci Latini, qui sunt de universa arte militari usque ad séc. XV scripti*). Todavia, só com a primeira edição de ambos os tratados⁵²⁶, protagonizada por Hermann Köchly (1815-1876) e Wilhelm Rüstow (1821-1878), é que a proposta de Holste foi verdadeiramente considerada, e os recentemente denominados *Περὶ στρατηγικῆς* e *Rhetorica Militaris* passaram a ser atribuídos a um ‘Anónimo Bizantino’ que tantos rios de tinta faria correr. Também foi associado a este redator desconhecido, algumas décadas mais tarde, um manual de táticas navais (retirado do *Ambrosianus B 119 sup.*), que Karl Konrad Müller (1854-1903), outro filólogo alemão, designaria por *De proelio navali*⁵²⁷. A proposta do classicista de que a *Guerra Naval* (atual *Naumaquia*) integraria um compêndio mais alargado de táticas militares associado igualmente aos outros dois tratados ganhou rapidamente adeptos (cf. Max Jähn, Rudolfo Vári e Friedrich Lammert)⁵²⁸.

Seguramente um assunto controverso, a associação feita por estes eruditos de que os três tratados pertenceriam a um compêndio elaborado por um único escritor continuou a ser alvo de inúmeras reflexões de classicistas (Barry Baldwin e Immacolata Eramo) e bizantinistas aclamados (Constantin Zuckerman, Salvatore Cosentino e Philip Rance). Visto que o posicionamento dos três escritos nos códices bizantinos já referidos não contribui para a

⁵²² Não conseguiu emprego na sua terra natal, sendo obrigado a viajar um pouco por toda a Europa, acabando por se fixar em Roma, perto do Vaticano, onde teve acesso a grande parte destes manuscritos: DAIN, Alphonse – “Luc Holste et la «Collection Romaine» des Tacticiens grecs” in *Revue des Études Anciennes*. Tome 71, N°. 3-4, 1969, pp. 340-341.

⁵²³ Uma descrição completa destes códices pode ser encontrada em: *Idem, Ibidem*, pp. 342-353.

⁵²⁴ ERAMO, Immacolata – “Composition and Structure of Syrianus Magister’s Military Compendium” in *Classica et Christiana*, N°. 7, 1, 2012, pp. 97-98.

⁵²⁵ Apesar de ambas terem sido organizadas em tomos diferentes.

⁵²⁶ O *De Re Strategica* em 1855, na coleção *Griechische Kriegsschriftsteller* (*Des Byzantiner Anonymus Kriegswissenschaft*). O *Rhetorica Militaris* em 1856, no *Index Lectionum in Literarum Universitate Turicensi*.

⁵²⁷ Numa obra intitulada *Eine griechische Schrift über Seekrieg*, publicada em 1882.

⁵²⁸ ZUCKERMAN, Constantin – “The Military Compendium of Syrianus Magister” in *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik*, N°. 40, 1990, p. 211.

definição deste compêndio⁵²⁹, a historiografia mais recente tem procurado justificar a sua coesão através de características linguísticas e do conteúdo comuns a pelo menos dois dos três escritos. Deste modo, são várias as referências internas análogas ao *Rhetorica Militaris* e ao *De Re Strategica*: a breve introdução que o autor faz no *Sobre Estratégia* relativa aos diversos aspetos da política (*πολιτεία*) possui semelhanças com o tratamento feito no início da *Retórica Militar* sobre discursos protrépticos⁵³⁰; a ideia de que aqueles que combatem devem, em primeiro lugar, proteger o seu território (*τὰ οἰκεῖα*) e prepará-lo contra eventuais investidas e contra-ataques dos inimigos é defendida, frequentemente, em ambos os tratados⁵³¹; além disso, é preferencialmente adotada, nos dois escritos, uma atitude ofensiva⁵³²; no *Sobre Estratégia*, quando o autor menciona desertores mutilados que aparecem no exército bizantino (dos quais se deve desconfiar), está a antecipar passagens do *Retórica Militar* respetivas aos Persas que cortam os seus próprios corpos e a Zópiro, desertor bastante famoso⁵³³; por outro lado, ainda é possível encontrar várias características do estilo linguístico comuns nas duas obras⁵³⁴. Por sua vez, no *Sobre Estratégia* o ‘Anónimo Bizantino’ menciona, a determinado ponto⁵³⁵, que é sua intenção escrever, *a posteriori*, passagens relativas à guerra naval, no entanto, a omissão a este assunto no resto do tratado leva-nos a crer que o escritor se estivesse a referir à *Naumaquia*⁵³⁶. Desta feita, é-nos fácil estabelecer um conjunto de elementos comuns entre ambos os tratados (até porque a conceção que o autor possui de tática naval é fortemente marcada pela sua noção de falange⁵³⁷), que vão das afinidades estilísticas⁵³⁸ ao

⁵²⁹ No *Laurentianus Lv. 4*, o *De Re Strategica* encontra-se na secção dedicada aos tratados bizantinos (antes da polemografia da Antiguidade) enquanto o *Rhetorica Militaris* é associado à enciclopédia de Júlio Africano e a uma paráfrase anónima d’*O manual de Epiteto* (portanto num grupo com temáticas bastante diversas). Por sua vez, o *Ambrosianus B. 119 sup.* pouco nos pode ajudar, visto não conter integralmente os trabalhos do ‘Anónimo Bizantino’ (possui a parte final do *Rhetorica Militaris*, os capítulos 15 a 33 do *De Re Strategica* e a parte nossa conhecida da *Naumaquia*): ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, pp. 103-105.

⁵³⁰ *Sir. Strat.*, 1-3. / SIRIANO, *Magistros – Retórica Militar*, 1. Texto, tradução e comentários: ERAMO, Immacolata – Siriano: *Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010 [doravante citada por “*Sir. Ret.*”]. Veja-se também: ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, p. 210. / ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, p. 105.

⁵³¹ *Sir. Strat.*, 5. / *Sir. Ret.*, 14. 5. / 36. 2. / 42. 1.

⁵³² *Sir. Strat.*, 42. / *Sir. Ret.*, 37. 4. Um possível indicador de que ambos os tratados terão sido redigidos entre os sécs. IX e X, aquando da expansão bizantina.

⁵³³ *Sir. Strat.*, 41. / *Sir. Ret.*, 47. 2. O exemplo dado no capítulo 41 do *De Re Strategica*, respetivo aos 300 Persas que se disfarçaram de escravos para entrar na cidade inimiga, também pode ser encontrado no *Retórica Militar* (*Sir. Ret.*, 45. 8.). Sobre as fontes utilizadas nestas passagens, *vide*: ERAMO, Immacolata – “Omero e i Maccabei: nella biblioteca di Siriano Μάγιστρος” in *Annali Della Facoltà di Lettere e Filosofia*, vol. 51, 2008, pp. 142-143.

⁵³⁴ Para uma listagem das características linguísticas comuns *vide*: ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, p. 106.

⁵³⁵ *Sir. Strat.*, 14.

⁵³⁶ Os tratadistas clássicos faziam amiúde este género de promessas: *Aen. Tact.*, XL. 8. / *Ascl. Tact.*, I. 1. / *Ael. Tact.*, 2. / *Arr. Tact.*, 2. 1.

⁵³⁷ ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, p. 212.

⁵³⁸ ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, p. 106. / COSENTINO, Salvatore – “The Syrianos’s «Strategikon» a 9th century source?” in *Byzantinistica: Rivista di Studi Bizantini e Slavi*, Ano II, Espoleto: Centro Italiano Di Studi Sull’Alto Medioevo, 2000, p. 258. / ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, pp. 213-215.

próprio conteúdo: caso da referência sobre a importância da utilização de batedores que sejam inteligentes, com boa visão e audição (também presentes no *De Re Strategica*⁵³⁹); das semelhanças no início das descrições da disposição da armada e da infantaria⁵⁴⁰ (contudo os diferentes contextos e desenvolvimentos de ambas as passagens evidenciam tipos de fontes díspares⁵⁴¹); dos estratagemas utilizados para combater inimigos mais numerosos, os quais passavam por escolher locais apertados para a batalha, que não permitissem ao inimigo explorar a sua vantagem⁵⁴²; das descrições dos guardas montados (*φύλακες*), que se devem antecipar à falange, e dos batedores de mar⁵⁴³; ou das táticas de guerrilha que o autor diz serem utilizadas por Belisário, correspondentes a uma das manobras empregues para desorientar a armada inimiga⁵⁴⁴. Conseguimos até descortinar na *Naumaquia* reminiscências de passagens presentes no *De Re Strategica*⁵⁴⁵.

É igualmente possível estabelecer alguns pontos de contacto entre o escrito dedicado à guerra marítima e o direcionado para a oratória militar: por exemplo, a parte terminal da *Naumaquia* fornece-nos instruções sobre o que o general deve fazer no final de uma batalha que recordam certas passagens do *Retórica Militar* relativas à forma como o comandante deve dirigir-se aos seus soldados após uma derrota⁵⁴⁶; é identicamente dado um enfoque especial à necessidade de punir os desertores⁵⁴⁷; encontramos, de igual modo, a valorização da escolha dos terrenos para a batalha, que deveriam ficar perto de território amistoso de forma a não propiciar deserções⁵⁴⁸; a *Guerra Naval* ainda exorta o general a efetuar um discurso cativante aos seus soldados após analisar as forças do inimigo⁵⁴⁹. Por fim, todos os tratados realçam a pouca importância que deve dar-se à inferioridade numérica e de armas⁵⁵⁰, algo bastante evidenciado noutros escritos militares da Antiguidade Clássica.

Apesar de nunca se repetirem linguisticamente, conseguimos extrapolar uma íntima ligação entre estes três tratados, consequência provável da intenção de compor um manual

⁵³⁹ Sir. *Strat.*, 20. / SIRIANO, Magistros – *Guerra Naval*, 6. 4. Texto, tradução e notas: JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006 [de agora em diante esta fonte será mencionada pelas abreviaturas “Sir. *Nau.*”]. Claro está que outros autores já se tinham debruçado neste assunto: X. *Eq. Mag.*, IV. 6. / Onos., VI. 7. / Mauric. *Strat.*, II. 11.

⁵⁴⁰ Sir. *Strat.*, 20. / Sir. *Nau.*, 9. 1-5. Vide ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, p. 213.

⁵⁴¹ A passagem do *De Re Strategica*, tratando estratégias para evitar ataques supressa, deve ter sido inspirada em Onasandro (Onos., VI. 1.) e/ou Asclepiódoto (Ascl. *Tact.*, X. 22.). Por outro lado, o princípio para assegurar a vitória (*εὐταξία*) descrito neste excerto da *Naumaquia* recorda-nos os textos de Xenofonte (X. *An.*, III. II. 38.).

⁵⁴² Sir. *Strat.*, 33. / Sir. *Nau.*, 9. 12. Cf. COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 254-255.

⁵⁴³ Sir. *Strat.*, 30. / Sir. *Nau.*, 6. 4. Cf. ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, p. 213.

⁵⁴⁴ Sir. *Strat.*, 33. / Sir. *Nau.*, 9. 25. Cf. ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, pp. 108-109.

⁵⁴⁵ Sir. *Strat.*, 16. / Sir. *Nau.*, 9. 4. Cf. COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 255-256.

⁵⁴⁶ Sir. *Nau.*, 10. 2. / Sir. *Ret.*, 56. 4-6.

⁵⁴⁷ Sir. *Nau.*, 9. 16-18. / Sir. *Ret.*, 8. 3. / 50. 1.

⁵⁴⁸ Sir. *Nau.*, 9. 42-44. / Sir. *Ret.*, 39. 6-7.

⁵⁴⁹ Sir. *Nau.*, 9. 15-20.

⁵⁵⁰ Sir. *Strat.*, 33. / Sir. *Nau.*, 9. 10. / 9. 13. / Sir. *Ret.*, 44. 9-10.

mais amplo e que incluísse todas as disciplinas da tratadística militar. Ora, a estrutura de tal compêndio constitui, até determinado ponto, um enigma do qual apenas conseguimos alguns vislumbres retirados de passagens que o autor racionaliza nos seus escritos. Deste modo, o tema geral da obra é a ciência política (*πολιτική ἐπιστήμη*) definida na primeira parte perdida do compêndio⁵⁵¹, posteriormente dividida na arte do Estado (*πολιτική*) e nos direitos e papel dos cidadãos (*πολιτεία*), ambos explicados parcialmente nos capítulos iniciais do *De Re Strategica*⁵⁵². De seguida, após um breve sumário desta primeira parte, o autor propõe falar das aptidões requeridas para a guerra (*στρατηγική*), parte integrante de toda a ciência do governo (*ὄλη πολιτική*)⁵⁵³. Por sua vez, estas competências eram fundamentais para o general conseguir defender a pátria (*φυλακτικόν τῶν οἰκείων*) e ameaçar os territórios do inimigo (*ἀπειλητικόν τῶν ὑπεναντίων*)⁵⁵⁴, sendo certo que estas duas componentes vão estruturar a maior parte do *Sobre Estratégia*, que se debruça sobre a guerra terrestre (*πεζομαχία*). O uso de guardas e postos de vigia, a utilização de sinais de fogo e a construção e proteção de fortalezas e cidades configuram, na consideração do escritor, aspetos fundamentais para proteger o território⁵⁵⁵.

A segunda parte, definida pelo escritor como tática (*τακτική*), pode ser repartida em três secções: a organização dos soldados; o seu equipamento; e as manobras táticas, transmissão de ordens e preparação do acampamento⁵⁵⁶. Por fim, a última parte do tratado inicia-se com uma breve descrição de considerações que o general deve ter nos momentos que precedem o combate (no qual se incluem as várias formações adotadas no campo de batalha, consoante as circunstâncias), proseguindo para a discussão de um conjunto de temáticas diversas⁵⁵⁷. Nos capítulos terminais (nossos conhecidos) do escrito, que estranhamente não nos são previamente anunciados pelo autor, são esquematizados os três princípios da neurobalística (disparar de forma certa, rápido e com força), seguidos de instruções técnicas para o aperfeiçoamento do tiro dos arqueiros⁵⁵⁸. Esta pequena secção (*περὶ τοξείας*) tem sido alvo de muitas conjecturas que partem desde logo da sua duvidosa associação ao compêndio, conquanto, como muito bem nos mostraram Köchly e Rüstow, a estrutura e o

⁵⁵¹ Esta definição encontrava-se num fólio desaparecido do *Laurentianus Lv. 4*: ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, p. 110.

⁵⁵² *Sir. Strat.*, 1-3.

⁵⁵³ *Sir. Strat.*, 4.

⁵⁵⁴ *Sir. Strat.*, 5.

⁵⁵⁵ *Sir. Strat.*, 6-13.

⁵⁵⁶ Sobre a definição desta ciência: *Sir. Strat.*, 14. As três secções correspondem aos seguintes capítulos: *Sir. Strat.*, 15. / 16-17. / 18-32.

⁵⁵⁷ *Sir. Strat.*, 33-43.

⁵⁵⁸ *Sir. Strat.*, 44-47.

estilo da escrita são semelhantes aos das restantes partes do tratado, pelo que estes últimos capítulos deveriam integrar o manual mais amplo⁵⁵⁹. Para além disso, se o ‘Anónimo Bizantino’ tivesse cumprido a estrutura que anunciou durante o tratado, a *περὶ τοξείας* não seria, provavelmente, a última parte do tratado, mas sim uma parte relacionada com guerra de cerco ou com a guerra naval, como nos fora anunciando durante o seu discurso⁵⁶⁰. A *naumaquia* (*Ναυμαχία*), incluindo-se na guerra ofensiva, possui uma estrutura semelhante à vertente ofensiva da *πεζομαχία* do *De Re Strategica*, podendo ser repartida em quatro aspetos: a tripulação⁵⁶¹; o equipamento da frota⁵⁶²; os movimentos das embarcações⁵⁶³; e a administração da guerra naval⁵⁶⁴. Finalmente, o *Rhetorica Militaris*, deixando de lado os aspetos práticos (*πρακτικόν*) e tratando a componente verbal (*λογικός*) da *πολιτική*⁵⁶⁵, mistura a estrutura do discurso com paréneses militares relativas à virtude de todos os soldados, à lealdade, a vigílias (*ἀγρυπνία*), à exortação de valores morais e religiosos, à defesa do território, a reminiscências a sucessos antigos, à aspiração à glória e à esperança da recompensa⁵⁶⁶. É difícil fixar um final definitivo para um compêndio com temáticas tão diversificadas, pois se os últimos capítulos do *Retórica Militar* podem servir como *terminus* para o fim do *λογικός*, o mesmo se pode dizer da parte final da *Naumaquia*, que proporciona uma conclusão apropriada da secção dedicada à guerra ofensiva.

Não restando dúvidas da existência de um possível compêndio produzido por um só autor, parece-nos agora pertinente elaborarmos algumas considerações sobre a identidade deste erudito. Os primeiros avanços devem-se a Alphonse Dain⁵⁶⁷ que, durante um estudo exaustivo que efetuou ao *Taktiká* de Nicéforo Ouranos, leu na *inscriptio* de um fólio do *códice Ambrosianus B. 119 sup.* que a *Naumaquia* pertenceria a um Siriano *Magistros* (NAYMAXIAI ΣΥΡΙΑΝΟΥ ΜΑΓΙΣΤΡΟΥ⁵⁶⁸). Segundo o classicista francês, este indivíduo

⁵⁵⁹ Estes classicistas chegam a advogar que a inclusão desta última secção é um dos sinais de que este tratado terá sido escrito no séc. VI, período em que era dedicada uma enorme importância aos arqueiros, algo que pode ser facilmente atestado no *Stratēgikón* de Maurício: Vide. Anexo IV, Tabela 2, a entrada “Arqueiros”.

⁵⁶⁰ Sir. *Strat.*, 11. / 13-14. Cf. ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, p. 112-113.

⁵⁶¹ Que corresponde aos primeiros 3 capítulos perdidos deste tratado e do 4º capítulo.

⁵⁶² Sir. *Nau.*, 5-8.

⁵⁶³ Sir. *Nau.*, 9. 1-7.

⁵⁶⁴ Sir. *Nau.*, 9. 8-44. / 10.

⁵⁶⁵ Sir. *Ret.*, 1. 1.

⁵⁶⁶ Vide. ERAMO, Immacolata – *Siriano: Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010, pp. 11-23.

⁵⁶⁷ Que contudo, não os considera partes integrantes de um manual mais extenso: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 342-344.

⁵⁶⁸ S. Cosentino afirma que a leitura que Dain fez está parcialmente errada, propondo: “NAYMAXIKA ΠΑΡΑ ΤΟΥ ΣΥΡΙΑΝΟΥ ΜΑΓΙΣΤΡΟΥ”. Cf. COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, p. 247 (n. 21). CARILE, Antonio & COSENTINO, Salvatore - *Storia della Marineria Bizantina*, Bolonha: Lo Scarabeo, 2004, pp. 275-288.

podia ser identificado com um dos dois autores (o segundo era Polieno, como já foi dito) que Constantino VII recomendou num dos seus discursos dirigidos ao seu filho Romano para quando este participasse em campanhas militares⁵⁶⁹. É difícil acreditar que o imperador, ao incluir os trabalhos deste escritor numa das suas orações, associando-os a uma das obras mais populares da literatura militar em Bizâncio (os *Estratagemas* de Polieno), apenas se estivesse a referir ao manual dedicado à guerra naval, sendo mais plausível a menção a um compêndio mais amplo que abordasse os diversos aspetos da guerra bizantina⁵⁷⁰. Deste modo, considerando que de facto o autor destes três tratados se chamava Siriano (Συρτιάνος), é-nos impossível, com os dados de que dispomos, identificar ao certo a sua identidade, visto ser um nome relativamente comum entre as classes bizantinas cultas da Antiguidade Tardia⁵⁷¹ e dado não possuímos nenhuma referência a um indivíduo com este nome nas fontes do séc. VII ao séc. X⁵⁷². Por outro lado, o apelativo de *magistros* (μάγιστρος) ao qual se encontra frequentemente associado, apenas nos permite conjecturar que o autor deveria ser um oficial influente da máquina burocrática imperial, possivelmente detendo o título de chefe do *aparatus* administrativo bizantino (μάγιστρος τῶν ὀφφικίων). Deste modo, tratar-se-ia de um oficial que se ocupava da segurança do imperador e do cerimonial da corte⁵⁷³. Este alto cargo era, nos sécs. V e VI, frequentemente referenciado apenas pelo termo de *magistros*, e a separação das suas jurisdições entre os sécs. VII e VIII terá levado a uma generalização do título⁵⁷⁴, o que pode muito bem explicar o epíteto de Siriano no código *Ambrosianus B. 119 sup.*. De facto, o autor não possuiria experiência militar (algo que ele próprio explicita⁵⁷⁵), sendo os vastos conhecimentos que obteve nesta matéria muito possivelmente fruto do acesso que terá tido à documentação administrativa, assim como a tratados anteriores (portanto tratar-se-ia de um “estratego de robe”⁵⁷⁶). Não é de estranhar que o escritor considerasse a ciência bélica como uma herança civilizacional (intimamente ligada à política e à cultura), que devia ser refletida historicamente, ao invés de apenas ser praticada⁵⁷⁷.

⁵⁶⁹ Const., texto C. 196-204. Cf. Nota de rodapé n.º 434.

⁵⁷⁰ ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2012, pp. 101-102.

⁵⁷¹ Só nos sécs. IV-V identificámos quatro eruditos com este nome: um médico de Cirene, um gramático sedado na capital do império e dois grandes filósofos atenienses. Cf. ERAMO, Immacolata – “Ρωμαῖοι e Ἄραβεσ α battaglia? Nota al De Re Strategica di Siriano Μάγιστρος” in *Invigilata Lucernis*, N.º. 31, 2009, p. 96 (n. 4).

⁵⁷² Sendo referido nas margens de pelo menos cinco manuscritos de uma recensão feita às Constituições de Leão VI, com datas posteriores: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 150-151.

⁵⁷³ ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2009, p. 104 (n. 43).

⁵⁷⁴ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 275-277.

⁵⁷⁵ *Sir. Strat.*, 4.

⁵⁷⁶ ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, pp. 215-216. No entanto, Siriano possuiria certa experiência militar, como veremos por algumas passagens do *De Re Strategica*. Cf. RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 80.

⁵⁷⁷ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 279-280.

As informações dúbias que possuímos sobre a vida deste indivíduo não nos permitem avançar com dados concretos de uma possível datação para os três tratados; os primeiros classicistas que abordaram este assunto prenderam-se nos sistémicos anacronismos lexicais e de conteúdo que o autor comete ao longo dos seus trabalhos. Contudo, a tendência arcaizante da polemografia bizantina (especialmente dos escritos dos sécs. IX e X), assim como a propensão atemporal da maioria dos tratados, não nos permitem esboçar conclusões definitivas quanto à cronologia do compêndio de Siriano⁵⁷⁸, uma questão que se manteve problemática e que só começou a ser esmiuçada nas últimas décadas do século passado. Se a teoria mais tradicional (defendida por Müller⁵⁷⁹, Köchly & Rüstow⁵⁸⁰, Dennis⁵⁸¹, assim como por um conjunto de outros autores mais recentes⁵⁸²) aponta para uma data anterior ao séc. VII, as propostas mais recentes (estabelecidas por Constantin Zuckerman, Douglas Lee e Jonathan Shepard, Barry Baldwin, Salvatore Cosentino, Philip Rance, Immacolata Eramo e John Haldon⁵⁸³) situam os tratados no renascimento cultural bizantino de viragem do milénio. Na verdade, os fundamentos da hipótese que aponta para uma cronologia na Antiguidade Tardia, sintetizados por George Dennis na introdução que faz à sua tradução do *De Re Strategica*, têm, recentemente, vindo a ser criticados por apresentarem ideias inconclusivas.

É o caso do primeiro ponto descrito pelo jesuíta (já apontado por Köchly e Rüstow), que diz respeito ao papel proeminente dos arqueiros na parte final do tratado, similar à sua importância no exército bizantino dos tempos de Justiniano I (527-565), período no qual, segundo Dennis, a obra terá sido escrita⁵⁸⁴. Porém, a importância concebida ao treino e eficácia dos soldados com arco subsistiu no exército bizantino durante vários séculos após este principado⁵⁸⁵. A existência deste género de soldados nos corpos armados imperiais é considerada uma exigência crucial noutros tratados bizantinos e em narrativas político-

⁵⁷⁸ ERAMO, Immacolata – “Sul Compendio Militare Di Siriano Magister” in BRIZZI, Giovanni & POMA, Gabriella (dir.) - *Rivista Storica Dell’Antichità*, ano XLI, Bolonha: Pàtron Editore, 2011, p. 202.

⁵⁷⁹ Que propôs uma data anterior ao séc. VII, fruto das preferências de Siriano em utilizar fontes e elementos linguísticos gregos (Sir. *Nau.*, 9. 6. / 9. 25. / 10. 1. / Sir. *Ret.*, 14. 7. / Sir. *Strat.*, 12. / 15. / 29. / 31-32. / 41.).

⁵⁸⁰ Apoiando-se nas referências que o autor do tratado faz ao triunfo de Belisário (Sir. *Strat.*, 3), a uma das táticas que este general adotou (Sir. *Strat.*, 33.) e a um *basileús* que é associado a Justiniano I (Sir. *Strat.*, 6.).

⁵⁸¹ Segue as linhas gerais da proposta de Köchly e Rüstow: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985, pp. 2-4.

⁵⁸² DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 342-344. / CAMERON, Alan – *Circus Factions: Blues and Greens at Rome and Byzantium*, Oxford: Clarendon Press, 1976, p. 80 (n. 7).

⁵⁸³ ZUCKERMAN, C. – *op. cit.*, 1990, pp. 223-224. / LEE, Douglas & SHEPARD, Jonathan – “A Double Life: Placing the Peri Presbeon” in *Byzantinoslavica*, Tomo LII, 1991, pp. 25-30. / BALDWIN, Barry. – “On the Date of the Anonymous ΠΕΡΙ ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΗΣ” in *Byzantinische Zeitschrift*, Vol. 81, 1988, pp. 290-293. / COSENTINO, S. – *op. cit.*, 2000, pp. 262-275. / RANCE, Philip – “The Date of the Military Compendium of Syrianus Magister (Formerly the Sixth-Century Anonymus Byzantinus)” in *Byzantinische Zeitschrift*, Vol. 100, 2, 2008, pp. 701-737. / ERAMO, I. – *op. cit.*, 2011, pp. 202-204 / HALDON, J. – *op. cit.*, 2014, p. 39.

⁵⁸⁴ DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 3.

⁵⁸⁵ HALDON, John – *op. cit.*, 2003, pp. 216-217.

militares posteriores⁵⁸⁶. Além disso, como já acima foi referido, estes capítulos relativos ao treino e preparação dos arqueiros (*περὶ τοξείας*) constituiu um acrescento posterior ao corpo de texto, sendo a data da sua redação difícil de determinar⁵⁸⁷: a certo momento do capítulo 44, o autor parece descrever-nos o “tiro mongol”, evidenciando que estas passagens terão sido escritas após o advento dos Hunos na década de 370⁵⁸⁸. A inexistência de mais referências à utilização de arqueiros nas restantes secções do texto (salvo o extrato de manobras a utilizar contra a cavalaria inimiga, que dependem exclusivamente da neurobalística⁵⁸⁹) é mais um indicador de que os últimos capítulos do *De Re Strategica* constituem um acrescento posterior (do *Laurentianus Lv. 4.*), não significativo para o estabelecimento da cronologia do texto original. Outra alusão usada por Dennis para justificar a sua proposta de datação parte da passagem do *Sobre Estratégia*⁵⁹⁰ em que é referido que o imperador comanditário é adepto do emprego de manobras diplomáticas que incitem conflitos entre os inimigos de Bizâncio. Apesar de ser considerado por muitos como Justiniano⁵⁹¹, as práticas deste César anónimo (idênticas ao *Divide et Impera* dos governantes romanos) podem muito bem ser associadas a outros imperadores bizantinos, como Justino II (565-578), Heráclio ou Constantino VII⁵⁹². Por sua vez, a falta de honoríficos nesta referência, assim como o tempo verbal (que evidencia uma ação bélica já completada) articulados com a palavra *Basileús*, são ambos atípicos do principado de Justiniano I. Não obstante, esta ideia está presente em várias fontes contemporâneas deste imperador, sendo as *História das Guerras* de Procópio o caso mais flagrante⁵⁹³, o que, contudo, não pesa nesta teoria, visto serem comuns as reminiscências a esta obra na tratadística bizantina do tempo dos Macedónicos⁵⁹⁴.

Uma terceira passagem do *De Re Strategica* foi utilizada para justificar esta datação tão precoce: trata-se da contratação de autores, músicos e condutores de carros para as celebrações dos triunfos bizantinos após uma vitória, durante as quais os inimigos feitos

⁵⁸⁶ Caso do *Stratēgikón* de Maurício (*Mauric. Strat.*, I. 1.), do *Taktiká* de Leão VI (*Leo. Tactica.*, 6. 5.) ou o *Tática* de Nicéforo Ouranos (*Our. Tact.*, 5.). No entanto, também são frequentes as referências à utilização de arqueiros na *História das Guerras* de Procópio: *Procop. Pers.*, I. 1. 8-15.

⁵⁸⁷ AMATUCCIO, Giovanni – *Peri Toxeias. L’arco da guerra nel mondo bizantino e tardo antico*, Bolonha: Planetario, 1996, pp. 67-80.

⁵⁸⁸ RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, pp. 705 (n. 13) e 708-709 (n. 24).

⁵⁸⁹ *Sir. Strat.*, 36.

⁵⁹⁰ *Sir. Strat.*, 6.

⁵⁹¹ DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 3. / BURY, John Bagnell – *History of the Later Roman Empire: From the Death of Theodosius I to the Death of Justinian*, Vol. II., Nova Iorque: Dover Publications, 1958, p. 292 (n. 1).

⁵⁹² BALDWIN, Barry – *op. cit.*, 1988, p. 290.

⁵⁹³ *Procop. Goth.*, VIII. 18-19.

⁵⁹⁴ Caso do *Taktiká* de Leão VI que se terá inspirado nesta fonte: *Leo. Tactica.*, 5. 33. / 14. 253-269. / 15. 161-174. / 15. 256-285. / 15. 273. / 18. 517-522.

prisioneiros desfilavam pelo Hipódromo⁵⁹⁵. Mais uma vez, a descrição deste desfile militar foi, frequentemente⁵⁹⁶, relacionada com as paradas vitoriosas de Belisário na capital, nomeadamente a realizada em 534 (no seguimento da conquista do Norte de Africa), que, segundo Procópio, fora a primeira num espaço de 600 anos a ser dedicada a um cidadão e não ao imperador⁵⁹⁷. Todavia, em nenhuma parte da sua descrição o autor afirma que este triunfo possuía características únicas, de tal forma que a sua conveniente particularização por alguma da historiografia anteriormente referida é errónea, não podendo ser associada à passagem de Siriano. Inclusive, a realização de triunfos em Constantinopla constitui uma tradição militar que subsistiu muito para além do período de Justiniano, surgindo amiúde no aparato bélico de vários imperadores bizantinos, entre os sécs. VII e XI⁵⁹⁸.

Um último ponto apresentado por Dennis diz respeito a uma das táticas de guerrilha descritas no tratado⁵⁹⁹, atribuídas a Belisário, que, na iminência de enfrentar um adversário mais poderoso, praticava uma política de “terra-queimada”. Existe uma *nuance* verbal (δ' $\acute{\epsilon}\pi\omicron\iota\epsilon\iota$ ou $\delta\grave{\epsilon}$ $\pi\omicron\iota\epsilon\iota$) deste excerto nos manuscritos⁶⁰⁰, indiferente para o jesuíta americano, mas determinante para Baldwin pois, caso o verbo estivesse realmente no presente, ajudar-nos-ia a estabelecer a datação do *De Re Strategica*⁶⁰¹. Porém, o termo de comparação que pode ser feito entre estes *exempla* e as restantes referências que o autor faz a comandantes históricos⁶⁰² não nos permite chegar a conclusões determinantes, sendo preferencialmente utilizado o presente historiográfico (sem quaisquer suposições cronológicas⁶⁰³). Independentemente deste subterfúgio, a justificação de Dennis assenta na interpretação que faz de que o autor terá presenciado ou ouvido falar dos estratagemas que referiu. Na verdade, a fama póstuma do general bizantino⁶⁰⁴, o facto de Siriano ser, como já vimos, um “stratège en chambre” (não obstante alguma experiência militar que tenha adquirido empiricamente) e a popularidade das narrativas do séc. VI em períodos posteriores inviabilizam esta proposta mais tradicionalista.

⁵⁹⁵ Sir. *Strat.*, 3.

⁵⁹⁶ Caso de Alan Cameron, que afirma com toda a certeza que esta passagem só poderá ser uma referência ao triunfo de Belisário: CAMERON, Alan – *op. cit.*, 1976, p. 81 (n. 5). Apesar de concomitante com a ideia, Dennis apresenta as suas reservas relativas à viabilidade da proposta: DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 3.

⁵⁹⁷ Procop. *Pers.*, II. 9. 1-16.

⁵⁹⁸ MCCORMICK, M. – *Eternal Victory. Triumphal rulership in late antiquity, Byzantium, and the early medieval West*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986, pp. 131-230.

⁵⁹⁹ Supracitadas: *vide* nota de rodapé n.º 544.

⁶⁰⁰ Köchly e Rüstow optam por indicar um contexto coevo ($\delta\grave{\epsilon}$ $\pi\omicron\iota\epsilon\iota$); já Dennis escolhe o pretérito (δ' $\acute{\epsilon}\pi\omicron\iota\epsilon\iota$).

⁶⁰¹ O autor dá preferência ao imperfeito, pois os restantes tempos verbais do tratado encontram-se no pretérito perfeito: BALDWIN, Barry – *op. cit.*, 1988, p. 290.

⁶⁰² Casos de Ciro (Sir. *Strat.*, 19.) e de Aníbal (Sir. *Strat.*, 18.). Atente-se no desfazamento cronológico entre o comandante bizantino e os restantes generais com contextos tão antigos (das guerras medo-pérsicas e púnicas), o que realça a especificidade desta referência: LEE, Douglas & SHEPARD, Jonathan – *op. cit.*, 1991, pp. 27-28.

⁶⁰³ COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, p. 263.

⁶⁰⁴ Algo discutível: RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 710 (n. 29).

Mais recentemente, outros elementos textuais do *Sobre Estratégia* têm vindo a ser destacados para descredibilizar esta datação mais antiga e dar um maior enfoque à relação que o tratado terá tido com os inícios do renascimento cultural bizantino dos finais do séc. IX. Uma primeira pista, virtualmente a de maior peso para descredibilizar a teoria tradicional, pode ser encontrada nas passagens da obra em que o autor descreve emboscadas usadas pelos Romanos e Árabes seus contemporâneos, assim como por muitas outras nações⁶⁰⁵. Os primeiros historiadores a considerarem estas passagens associaram os “árabes” aos Gâssanidas⁶⁰⁶ (tribos cristãs que se fixaram no Sul da Síria, tornando-se um dos principais aliados bizantinos da região), aproveitando a ambiguidade de Siriano, que não especifica se este povo era aliado, inimigo ou neutral. Esta ideia prendia-se com a interpretação que defendia que os Persas Sassânidas eram os inimigos referidos pelo escritor, no entanto nenhum dado concreto nos permite estabelecer esta ligação, até porque as onze referências feitas aos persas constituem alusões históricas⁶⁰⁷. Do mesmo modo, os arcaísmos relativos aos Sassânidas (“Medos”, “Partas”, “Babilónios”) são recorrentes na literatura bizantina, apesar de se poder dizer o mesmo dos Árabes e dos Turcos que foram frequentemente estilizados como “Persas” no período médio bizantino⁶⁰⁸. Assim sendo, esta referência continua a proporcionar resultados inconclusivos visto não ser impossível que os “árabes” de Siriano sejam os Gâssanidas e/ou os Lâcmidas praticantes deste género de manobras irregulares⁶⁰⁹. No entanto, é altamente improvável que um tratadista do séc. VI especificasse as valências bélicas destes povos face ao papel altamente secundarizado que tinham na guerra e, conseqüentemente, na literatura militar bizantina⁶¹⁰. Acrescente-se que a existência de uma secção sobre guerra marítima no compêndio evidencia uma data posterior ao desaparecimento dos Persas (cujos conflitos com Bizâncio eram terrestres) e à emergência do poderio naval árabe (c. 649)⁶¹¹.

⁶⁰⁵ Sir. *Strat.*, 40.

⁶⁰⁶ DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 121 (n. 1). / ZUCKERMAN, Constantin – *op. cit.*, 1990, p. 216.

⁶⁰⁷ Batalha do rio Granico (Sir. *Strat.*, 19.), referência a Ciro ‘o Grande’ (Sir. *Strat.*, 19.), batalha de Maratona (Sir. *Strat.*, 33.), menção a Cambises e Amásis (Sir. *Strat.*, 43.), à conquista macedónica da Ásia (Sir. *Ret.*, 44. 9.), à ascensão de Zópiro (Sir. *Ret.*, 47. 2-3.), a Ciro e *Arbaces* (Sir. *Ret.*, 56. 5-6.), ao rei persa e à horda Cita (Sir. *Ret.*, 39. 6.), ao patriotismo persa (Sir. *Ret.*, 47. 3.) e à batalha de Artemísio (Sir. *Nau.*, 1. 4.). A única alusão ambígua refere 300 Persas que se disfarçaram de escravos (Sir. *Strat.*, 41.), já referida.

⁶⁰⁸ Vide. RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 712 (n. 34).

⁶⁰⁹ Procop. *Pers.*, I. 17. 32-33. / 17. 40-48. / II. 19. 12-13.

⁶¹⁰ WHITBY, Michael – “Greek Historical Writing after Procopius: Variety and Vitality” in CAMERON, Averil & CONRAD, Lawrence I. – *The Byzantine and Early Islamic Near East*, Vol. I: “Problems in the Literary Source Material”, Princeton: The Darwin Press, 1992, pp. 74-80.

⁶¹¹ São vários os argumentos apresentados que negam a referência a árabes pré-islâmicos: COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 270-273. / ERAMO, *op. cit.*, 2009, pp. 97-104 [entre outras obras já citadas].

A ocorrência do nome “catafractário” (*καταφράκτοι*) numa descrição à cavalaria no *De Re Strategica*⁶¹², destacada a primeira vez por Douglas Lee e Jonathan Shepard⁶¹³, também nos fornece pistas para uma cronologia mais tardia, visto não ser empregue por nenhuma obra militar do séc. VI (a ausência no *Stratēgikón* de Maurício e nas *Histórias das Guerras* de Procópio é muito significativa⁶¹⁴). Ao invés, este termo é largamente utilizado na literatura militar macedónica, referindo-se à cavalaria pesada equipada com lanças que protagonizava as cargas montadas⁶¹⁵. Claro está que o escritor do *Sobre Estratégia* poderia estar a utilizar este nome dando-lhe um sentido mais lato, procurando apenas distinguir noções mais genéricas de cavalaria pesada (portanto os *καταφράκτοι*) e ligeira (a que é apelidada de *κουφοτέροι*), porquanto a tática que está a descrever⁶¹⁶ baseia-se em funções convencionais da cavalaria romana do séc. II⁶¹⁷. Outra temática que nos poderá remeter para a Antiguidade Clássica é a menção que o autor faz aos habituais quatro ramos da tática (infantaria, cavalaria, carros de guerra e elefantes)⁶¹⁸, procurando seguir uma tradição que se iniciou no tratado perdido de Posidónio de Apameia (fonte principal de Asclepiódoto, Arriano e Eliano). Porém, Siriano evita falar dos últimos dois ramos pois considera-os obsoletos, algo que Baldwin utilizou para defender uma datação posterior ao séc. VI, período no qual, segundo ele, ainda eram utilizados elefantes de guerra (nomeadamente nos conflitos entre os Bizantinos e os Persas)⁶¹⁹. Philip Rance considera esta tese falaciosa em dois aspetos: em primeiro lugar, a temática do *De Re Strategica* centra-se apenas em táticas de combate e, apesar de os exércitos dos Persas Sassânidas incluírem frequentemente elefantes de guerra, estes eram raramente utilizados em contexto de batalha⁶²⁰; para além disso, as características dos trabalhos de Siriano prendem-se mais com a réplica das convenções de cada género da literatura militar do

⁶¹² Sir. *Strat.*, 35.

⁶¹³ LEE, Douglas & SHEPARD, Jonathan – *op. cit.*, 1991, pp. 28-29.

⁶¹⁴ A única exceção na literatura do séc. VI é uma passagem do *De Magistratibus* de João ‘o Lídio’.

⁶¹⁵ Sobre a utilização dos *καταφράκτοι* na literatura do séc. X, veja-se: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 1988, pp. 140-141 e 144-145.

⁶¹⁶ Extremamente semelhante à descrita no manual de Maurício (Mauric. *Strat.*, XII. A. 7.) e na *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos* de Arriano (Arr. *Alan.*, 27-30).

⁶¹⁷ Aliás, esta nomenclatura chegara a ser utilizada pela tratadística clássica deste período: Ael. *Tact.*, 2. / Arr. *Tact.*, 2. 11. / 4. 1. / 19. 4.

⁶¹⁸ Sir. *Strat.*, 14.

⁶¹⁹ BALDWIN, Barry – *op. cit.*, 1988, pp. 292-293. Esta ideia foi aceite por LEE, Douglas & SHEPARD, Jonathan – *op. cit.*, 1991, p. 39 / COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 265 e 268.

⁶²⁰ Como o historiador muito bem aponta, não existe nenhuma referência a elefantes no capítulo do *Stratēgikón* dedicado aos Persas (Mauric. *Strat.*, XI. 1.). Além disso, entre a invasão da Pérsia liderada por Juliano (em 363) e a vitória de Heráclio (628), só existe uma menção à participação de elefantes no campo de batalha (em Ganzak, em 591), que não terá tido nenhum papel decisivo: RANCE, Philip – “Elephants in Warfare in Late Antiquity” in *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, Vol. 43, 3-4, 2003, pp. 376-377.

que propriamente com a interpretação da realidade militar sua contemporânea⁶²¹. Desta forma, a referência não terá qualquer valor para a definição da cronologia, pois apresenta-se como uma preservação de um *topos* literário não representativo da guerra bizantina do seu tempo⁶²².

Os capítulos do *Sobre Estratégia* com instruções sobre a organização e construção de um acampamento⁶²³ também nos fornecem pistas interessantes para a cronologia do tratado, pois é-nos descrito um procedimento atípico no século de Justiniano, mas bastante praticado nos sécs. X e XI. Trata-se da instrução que o autor dá aos soldados para, quando estiverem a construir o acampamento, enterrarem as suas lanças e escudos na terra de forma a construírem uma paliçada improvisada que envolva o local da edificação⁶²⁴. O objetivo desta prática, mais do que o mero propósito de organizar o equipamento do exército num momento em que não se encontrava em movimento⁶²⁵, prendia-se com a constituição de um perímetro defensivo precoce, capaz de fazer frente a ataques de surpresa. Contrastando com a falta de referências a esta conduta nas fontes da Antiguidade Antiga e Tardia, a tratadística militar bizantina do período macedónico⁶²⁶ encontra-se repleta de referências a esta estratégia, denominada ‘barreira de escudos’ (*σκοπτόρωμα*⁶²⁷). Por sua vez, na descrição do equipamento da infantaria do *De Re Strategica*, o tratadista alerta para a necessidade de os soldados localizados na primeira fileira levarem mais armamento de forma a contrariar a sua posição mais vulnerável (uma prática comum no exército romano tardio e no bizantino)⁶²⁸. Nesta recomendação, Siriano avisa que o diâmetro dos seus escudos não deveria ter menos do que sete *spithamai*⁶²⁹, para que quando estivessem juntos conseguissem proteger o exército dos mísseis inimigos. Com uma dimensão assombrosa (semelhante à dada pelo autor no capítulo sobre emboscadas⁶³⁰), o seu formato mantém-se problemático: apesar de a nomenclatura o indicar, uma configuração circular numa proteção destas dimensões traria muitas dificuldades na carga e no manuseamento; é, portanto, mais plausível o escritor estar a referir-se a

⁶²¹ Nesta passagem, o erudito segue *ipsis verbis* as *Disposições Militares dos Gregos* de Eliano (Ael. *Tact.*, 2.), que apresenta a mesma estrutura quadripartida do exército. A única diferença resulta da enumeração dos termos técnicos relacionados com os elefantes e os carros de guerra (Ael. *Tact.*, 22-23.), que este autor também considera ultrapassados (pretendendo apenas completar o manual).

⁶²² RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 719.

⁶²³ Sir. *Strat.*, 26-29.

⁶²⁴ Sir. *Strat.*, 28.

⁶²⁵ Até porque Siriano descreve-nos os preceitos segundo os quais deve ocorrer essa organização: Sir. *Strat.*, 27.

⁶²⁶ Sobretudo o *Praecepta Militaria* atribuído a Nicéforo II Focas (Foc. *Prae.*, V. 3. e 5.) e o *Taktiká* de Nicéforo Ouranos (Our. *Tact.*, 62. 3-5.).

⁶²⁷ Nome oriundo do termo latino *scutum* (escudo), sendo mais um indicador de que o meio militar é um dos principais catalisadores da latinização em Bizâncio. A *σκοπτόρωμα* ainda foi identificada noutros documentos mais obscuros: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (A), pp. 350-351.

⁶²⁸ Sir. *Strat.*, 16.

⁶²⁹ O equivalente a um metro e meio de diâmetro: DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 53 e 57 (n. 1). Contudo, segundo Rance a largura do escudo seria de 1,638 metros: RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 723.

⁶³⁰ Sir. *Strat.*, 39.

adargas⁶³¹. O próprio intervalo entre cada soldado numa formação cerrada (*πύκνωσις*), como nos é referida no tratado do imperador Maurício, só permitiria a utilização deste último género de escudo, contudo, todas as outras formações descritas no *Stratēgikón* seriam impraticáveis com este armamento⁶³². Por outro lado, é usual a tratadística do séc. X mencionar armamento de infantaria com medidas bastante diversificadas⁶³³, nunca atingindo, porém, proporções tão exageradas. A maior aproximação que possuímos às medidas descritas por Siriano encontra-se no *Praecepta Militaria* de Nicéforo II Focas, que recomenda que as formações cerradas de infantaria possuam escudos com, pelo menos, seis *spithamai*, ou até mais⁶³⁴. Assim sendo, esta conexão entre o escudo de Siriano e as descrições dos tratados da viragem do milénio, juntamente com a inexistência de evidências que apontem para a utilização desta proteção na Antiguidade Tardia, sugerem uma datação mais avançada.

Uma última recomendação feita pelo redator do *Sobre Estratégia* poderá servir de reforço a esta ideia. Referimo-nos à descrição do armamento da cavalaria (que deveria proteger a cabeça, o pescoço e o peito) e, mais especificamente, ao ponto em que Siriano propõe que os cascos dos cavalos também precisam de proteção (ferrolhos de ferro), de forma a não se aleijarem nos estrepes (*τριβόλοι*) e noutros instrumentos que o inimigo fixava no solo⁶³⁵. Num excerto posterior relativo a ataques noturnos ao acampamento do inimigo⁶³⁶, o autor alerta para a necessidade de a infantaria ter proteções de ferro abaixo das canelas e na base do pé, caso o adversário tenha espalhado estrepes ou estacas afiadas⁶³⁷. A omissão de ferrolhos de ferro nos restantes tratados militares bizantinos não significa a sua inexistência nos sécs. X e XI, como muito bem demonstra a *Vida de São Filareto*, ‘o Jovem’, que nos descreve a última campanha bizantina na Sicília contra os árabes (1038-1040). Durante esta expedição, mais especificamente na batalha de Troina (1040), o líder islâmico, ‘Abdallāh al-Mu’izz, apesar de ter rodeado o seu acampamento de estrepes, não se apercebeu que os cavalos bizantinos traziam consigo os referidos ferrolhos de ferro⁶³⁸. Todavia, é igualmente

⁶³¹ Mauric. *Strat.*, XII. B. 16.

⁶³² Caso da muralha de escudos que Maurício designa de *fulcum* (Mauric. *Strat.*, XII. B. 16.), também descrito no *Taktiká* de Leão VI (Leo. *Tactica.*, 7. 66.).

⁶³³ Para além de reproduzir com exatidão uma parte do equipamento descrito no *Stratēgikón*, Leão VI ainda refere escudos com uma dimensão estandardizada (*σκούτάρια*) e com uma maior envergadura (*θυρεοί*): Leo. *Tactica.*, 5. 2. Por outro lado, o *Sylloge Tacticorum* diz que a infantaria pesada deveria possuir escudos que se aproximassem dos seis *spithamai* (pouco menos do que o tamanho médio do soldado), ou então proteções redondas que tivessem três *spithamai* e meio: RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 727 (n.79).

⁶³⁴ Foc. *Prae.*, I. 3.

⁶³⁵ Sir. *Strat.*, 17.

⁶³⁶ Sir. *Strat.*, 39.

⁶³⁷ Armamento semelhante pode ser encontrado num *exemplum* dos *Estratagemas* de Polieno (Polyaen., I. 39. 2). É igualmente descrito no tratado de Maurício (Mauric. *Strat.*, XII. B. 18. / XII. B. 22. / XII. C.).

⁶³⁸ RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 730-731.

possível que este género de armadilhas fosse empregue durante a Antiguidade Tardia, na guerra contra os Persas Sassânidas⁶³⁹, o que só por si retira muito do peso que esta passagem de Siriano poderia ter para a datação dos respetivos trabalhos.

As conclusões retiradas destes excertos podem ser suportadas por duas evidências oriundas da codicologia que partem, desde logo, das próprias características das cópias dos três tratados nos manuscritos do período médio bizantino. Destes, o *codex Ambrosianus graecus 139 (B 119 sup.)*⁶⁴⁰, produzido nos finais do séc. X, é o único a copiar todos os trabalhos de Siriano, cuja disposição no manuscrito os reparte pelas várias temáticas apresentadas⁶⁴¹: o *De Re Strategica* foi colocado nas primeiras páginas do opúsculo que junta extratos da *Taktiká* (6^r-17^v); o *Rhetorica Militaris* situa-se a meio do texto (135^r-140^v), estando associado a excertos com *exempla* (caso das passagens de Polieno); e a *Naumaquia* (333^r-338^v) está, é óbvio, na pequena secção relativa à guerra marítima. Uma das características mais distintivas do *Ambrosianus graecus 139* é a proliferação de paráfrases dos tratados militares que copia para o grego do período médio, sendo o *Taktiká* de Leão VI⁶⁴² e as obras do nosso autor as únicas exceções. Deste modo, a intenção do copista poderia ser atualizar a nomenclatura técnica considerada arcaica de forma a os leitores entenderem melhor as ideias lá contidas. Esta necessidade de atualizar o conteúdo parece não ter sido aplicável ao *Taktiká* de Leão VI devido, provavelmente, à proximidade cronológica deste tratado com o manuscrito. O mesmo poderá justificar a ausência deste género de correções nos três tratados que, apesar de reproduzirem termos militares antigos, teriam sido escritos muito recentemente. Por fim, atente-se na ausência de erros dos copistas em todos os manuscritos com excertos de tratados, algo de insólito e que só poderá ser explicado se admitirmos uma datação tardia⁶⁴³. Assim, é muito improvável, mas não impossível, que um texto do séc. VI, durante a sua longa tradição manuscrita, tenha sido transcrito por copistas competentes e incapazes de adulterar o texto original com gralhas e erros.

⁶³⁹ São várias as fontes que recomendam ataques noturnos de modo a evitar este género de estratégias: Mauric. *Strat.*, XI. 2. / Procop. *Pers.*, I. 15. 1-8. / II. 30. 22 e 34-46.

⁶⁴⁰ Possivelmente preparado com materiais da biblioteca de Constantino VII Porfirogeneta, por volta de 959, a mando de Basílio *Parakoimomeno*, de forma a conseguir comandar a expedição a Creta que se iria realizar no ano seguinte: MAZZUCCHI, Carlo Maria – “Dagli Anni di Basilio Parakimomenos (Cod. Ambr. B 119 sup.)” in *Aevum*, Ano 52, Fasc. 2, 1978, pp. 267-282 e 292-310. / COSENTINO, Salvatore – *op. cit.*, 2000, pp. 243-246.

⁶⁴¹ O mesmo acontece com o *Stratēgikōn* de Maurício (espalhado pelos fólhos 114-124, 96-103, 18-91, 331-332) e com o *Strategicus* de Onasandro (1^r-5a^v, 104^r-113^r).

⁶⁴² Porém, esta obra sofreu alterações no vocabulário e na sintaxe: RANCE, P. – *op. cit.*, 2008, pp. 734-735.

⁶⁴³ Até porque os restantes tratados antigos (de Eneias, Asclepiódoto, Arriano, Onasandro, Eliano e Maurício) que acompanham os de Siriano nos manuscritos do séc. X e XI, foram alvo de inúmeras alterações: RANCE, Philip – *op. cit.*, 2008, p. 737.

Como acabámos de ver, os manuscritos que contêm cópias do *Sobre Estratégia*, *Guerra Naval* e *Retórica Militar* têm particularidades extremamente interessantes que não só nos podem dar pistas para a datação dos escritos como também nos ajudam a compreender as diversas interpretações que os eruditos e os copistas bizantinos faziam dos tratados militares mais antigos. Portanto, não deixa de ser proveitoso apresentar celeremente as diferentes tradições manuscritas destes três escritos que, *grosso modo*, acompanham os mesmos padrões das cópias medievais bizantinas dos textos militares de Eliano e Maurício. Além do *Ambrosianus graecus 139*, cuja importância para a preservação dos textos já foi referida, podemos considerar três outras tradições de cópia manuscrita que vigoraram durante o renascimento cultural bizantino⁶⁴⁴: a “autêntica”, protagonizada pelo *codex Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4*; a “interpolada”, composta por três manuscritos intimamente relacionados – o *codex Vaticanus graecus 1164*, o *codex Neapolitanus graecus 284 (III-C-26)* e o *codex Scorialensis graecus 281 (Y-III-ll)*; e o *Parisinus graecus 2442*, no qual os textos de Leão VI são baseados.

Copiado a mando do imperador Constantino VII, o *Mediceo-Laurentianus graecus 55, 4* constitui uma das compilações de textos de estrategos gregos mais importantes de toda a história bizantina, contendo: excertos do imperador (1-2), o *Stratēgikón* de Maurício (3-67), o *De militaria scientia* (68-75), uma paráfrase de Polieno (76^v), o *De Re Strategica*⁶⁴⁵ (104^r-130^v), o *Rhetorica Militaris* (218^r-232^v), uma série de escritos da Antiguidade Clássica⁶⁴⁶ e uma coleção de escritos militares de Leão VI e Nicéforo II Focas⁶⁴⁷. Dos 392 fólios que compunham originalmente o *Vaticanus gr. 1164* (c. 1020), apenas restam 281⁶⁴⁸, que possuem excertos dos seguintes autores (entre outros): Onasandro (1), Maurício (28), Urbício (92^v-94) e do *De Re Strategica* (173-173^v e 175^v-176^v). Por sua vez, o *codex Neapolitanus graecus 284 (III-C-26)* e o *codex Scorialensis graecus 281 (Y-III-ll)*, representativos da tradição que Dain denomina “interpolada”, são considerados dois pergaminhos de um mesmo livro (descendente de outro códice mais antigo⁶⁴⁹). No *Neapolitanus* (de meados do séc. XI) encontramos o Onasandro (1-20), o *Stratēgikón* de Maurício (20^v-99^v) e o *Epitedeuma* de Urbício (99^v). O outro velino (da primeira metade do séc. XI) deste livro, composto por 308

⁶⁴⁴ Definidas por Alphonse Dain: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 181-240.

⁶⁴⁵ Atente-se que a página inicial (por conseguinte, o título e a introdução do autor) assim como o último capítulo perderam-se: DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 5.

⁶⁴⁶ Asclepiódoto (132^r), Eliano (143^r), Eneias (159^v), Arriano (182^r) e Onasandro (198^r): DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 184-188.

⁶⁴⁷ Este manuscrito, composto por três secções contem transcrições da maior parte dos tratados mencionados na dissertação: ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2010, pp. 24-25.

⁶⁴⁸ DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 224-227.

⁶⁴⁹ DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, pp. 386-387.

folhas, possui vários tratados dos táticos bizantinos tardios (Leão VI e Nicéforo II Focas), uma secção direcionada à poliorcética e um texto incompleto do *Sobre Estratégia* (101^v-111^v)⁶⁵⁰. A terceira família de manuscritos encabeçada pelo *codex Parisinus graecus 2442* iniciou-se no *scriptorium* de Ephrem de Constantinopla pela mesma altura em que fora produzido o *Vaticanus gr. 1164* (c. 1020). O *Parisinus* constituía uma parte, integrante de um manuscrito de maiores dimensões que também incluía o *codex Barberinianus graecus II 97* (276), no qual se encontra um texto incompleto do *Sobre Estratégia* de Siriano (81^v-91^v)⁶⁵¹, a par da maior parte dos capítulos do tratado do Maurício (1-61^v) e da *Epitedeuma* (62^r-62^v). No período tardo-medieval e moderno, conseguimos encontrar muitos outros manuscritos com cópias dos tratados de Siriano que, porém, se baseiam nos códices supracitados⁶⁵².

A fechar, importa referir algumas das traduções modernas que consideramos serem mais expressivas do enorme investimento feito pela historiografia bizantina durante as últimas décadas nestes três tratados⁶⁵³. Relativamente ao *Sobre Estratégia*, destaque-se a tradução mais recente do *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, elaborada por George Dennis na obra intitulada *The Three Byzantine Military Treatises*, que, apesar de dissociar as informações dos restantes tratados, continua a ser a mais completa. Por sua vez, dos inúmeros tratamentos feitos aos textos da *Guerra Naval*, devemos destacar as seguintes: a tradução de John Pryor e Elizabeth Jeffreys inserida como apêndice no livro *The Age of the ΔΡΟΜΩΝ*; e a versão mais recente (acompanhada de um pequeno comentário crítico) feita por Salvatore Cosentino no estudo *Storia della Marineria Bizantina*. No que toca ao *Retórica Militar*, realçamos a análise e tradução pormenorizada, realizada por Immacolata Eramo, na obra denominada *Siriano: Discorsi di Guerra*, que constitui, segundo as informações que temos, o primeiro tratamento completo deste tratado feito pela historiografia moderna.

⁶⁵⁰ GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – *op. cit.*, 2005, p. 45.

⁶⁵¹ DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp. 227-232.

⁶⁵² Do *Sobre Estratégia*: o *Vossianus gr. 34* (séc. XVI) e o *Sinaiticus gr. 1889*. Do *Retórica Militar*: o *Bernensis 97* (séc. XVI) e o *Parisinus gr. 2446* (séc. XVII). Do *Sobre Estratégia* e do *Retórica Militar*: o *Parisinus gr. 2522* (1ª metade do séc. XVI) e o *Barberinianus gr. 59* (séc. XVII). Dos três tratados (todos do séc. XVI): o *Ambrosianus gr. C 265 inf. (905)* e o *Marcianus gr. 976.1*. Cf. ERAMO, Immacolata – *op. cit.*, 2010, pp. 25-34. / DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, pp. 6-7.

⁶⁵³ Para uma lista completa de todas as traduções: *Vide*. Anexo I

III. – O *De Re Strategica* e as reminiscências da cultura militar clássica

Sem precedentes na tratadística militar bizantina, as passagens dos três primeiros capítulos do *Sobre Estratégia* constituem uma introdução absolutamente única neste género literário. Para além disso, é impossível descortinar os objetivos principais do autor (possivelmente enunciados no início, perdido, da obra) em elaborar esta primeira parte, relacionada com as várias divisões do Estado (*πολιτική*) e com as funções dos oficiais na sociedade (*πολιτεία*). Através de definições sucintas⁶⁵⁴ das classes de cidadãos (apenas nos chegaram as respeitantes ao serviço clerical⁶⁵⁵, ao estrato mercantil, aos ociosos⁶⁵⁶ e à classe teatral), dos diversos grupos e vertentes da sociedade⁶⁵⁷ e dos seus oficiais⁶⁵⁸, o escritor descreve-nos, de forma algo artificial, o Estado Romano na sua época tardia⁶⁵⁹. Com preocupações meramente instrutivas, esta listagem dos diversos elementos da *πολιτική* não se encontra desprovida de algumas referências ao mundo militar: por exemplo, Siriano afirma que o sistema financeiro foi criado para a construção de muralhas e barcos e que as assembleias deliberativas são particularmente necessárias em tempo de guerra⁶⁶⁰; do mesmo modo, a classe teatral contribuiria para a propaganda militar, sendo contratada para celebrar triunfos no Hipódromo⁶⁶¹. Assim sendo, face à originalidade da inserção destes excertos numa obra dedicada à guerra⁶⁶², torna-se complicado definirmos as fontes principais que o tratadística terá utilizado, embora saibamos que se terá inspirado nalguns versos de Homero⁶⁶³, possivelmente em diálogos (caso do *Περὶ Πολιτικῆς Ἐπιστημῆς*, com autoria

⁶⁵⁴ De certo modo, seguem os mesmos moldes das definições do início do *Taktiká* de Leão VI: Leo. *Tactica.*, 1.

⁶⁵⁵ Que, sendo algo sagrado também não deveria ser classificado como uma profissão pois vai, na consideração de Siriano, muito para além das nossas capacidade naturais: Sir. *Strat.*, 1. 5-10.

⁶⁵⁶ O autor também apresenta reservas quanto a considerá-los um grupo social, visto não se encontrarem ligados a nenhuma forma de atividade: Sir. *Strat.*, 1. 14-25.

⁶⁵⁷ As ordens sagradas foram criadas para adorar a Deus (Sir. *Strat.*, 2. 3-5.); as instituições legais servem para trazer justiça à sociedade (Sir. *Strat.*, 2. 6-13.); as assembleias têm fins proveitosos, pois o que é pensado por várias pessoas é melhor executado (Sir. *Strat.*, 2. 14-17); o sistema financeiro trata de assuntos de ordem pública que surjam ocasionalmente (Sir. *Strat.*, 2. 18-21); os técnicos fiscalizam os projetos (Sir. *Strat.*, 2. 22-24.); o comércio e os grossistas providenciam os materiais e satisfazem as necessidades (Sir. *Strat.*, 2. 25-33.); e a classe servil tem que desempenhar os serviços que lhes são exigidos (Sir. *Strat.*, 2. 33-36.)

⁶⁵⁸ Os padres devem conhecer as leis de Deus (Sir. *Strat.*, 3. 9-13.); os conselheiros precisam de pensar de forma clara (Sir. *Strat.*, 3. 18-29.); os juizes necessitam de um bom temperamento (Sir. *Strat.*, 3. 30-37.); os fiscais têm que ser justos e possuir uma alta reputação (Sir. *Strat.*, 3. 38-56.); os inspetores são chamados para controlar as finanças públicas (Sir. *Strat.*, 3. 57-64.); os eruditos têm que se especializar (Sir. *Strat.*, 3. 71-75.); os supervisores do comércio devem ser justos e estar familiarizados com os diferentes tipos de transações (Sir. *Strat.*, 3. 76-80.); e por fim, há os que não são adequados a nenhum tipo de trabalho, devido à idade ou à doença (Sir. *Strat.*, 3. 88-93.).

⁶⁵⁹ RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 56.

⁶⁶⁰ Sir. *Strat.*, 2. 15-16. / 19.

⁶⁶¹ Assim como para celebrações do aniversário do imperador e festividades das cidades (Sir. *Strat.*, 3. 101-107.). Como já vimos, este último ponto foi utilizado para justificar uma data mais antiga.

⁶⁶² Que deixou perplexos vários historiadores: CAMERON, Alan – *op. cit.*, 1976, p. 80.

⁶⁶³ Sir. *Strat.*, 3. 23-26. e Hom. *Il.*, II. 24. / IV. 323.

anónima) e em tratados sociopolíticos do séc. VI bizantino (o *Ékthesis* de Agapeto Diácono, o *De Magistratibus* de João ‘o Lídio’⁶⁶⁴) e ainda numa obra perdida mencionada por Fócio⁶⁶⁵.

Passando à frente destas reflexões com um âmbito político, o autor apresenta, num segundo momento da introdução⁶⁶⁶, a temática principal do tratado: as competências necessárias para praticar a guerra (*Στρατηγική*), o que corresponde, segundo Siriano, ao elemento mais importante de toda a ciência governativa (*ὄλη πολιτική*)⁶⁶⁷. De seguida, enuncia a necessidade de explanar os vários preceitos militares descritos posteriormente, assim como as motivações que o levaram a tratar o assunto (que passa pela ameaça dos inimigos que, encontrando-se militarizados, estavam sempre preparados a derramar sangue bizantino⁶⁶⁸). Deste modo, o conceito de *Στρατηγική* englobava os meios de que o general dispunha para defender os seus territórios e derrotar o exército hostil, assim como as qualidades requeridas ao *stratēgós*, fundamentais para a sua perceção de todas as possibilidades de ação durante o confronto com o adversário. Estas qualidades passavam pela estabilidade de espírito do comandante no momento de tomar decisões, pela justeza em julgar os outros e a si mesmo e pela preocupação que deveria ter com o bem comum, o que deveria impedir qualquer género de interesses pessoais que viesse a criar⁶⁶⁹. Esta breve caracterização segue um modelo bastante tradicional, que remonta à tratadística militar antiga (nomeadamente à obra de Onasandro), sendo adaptada frequentemente nos meios culturais bizantinos por diversos estrategos (casos de Maurício, de Leão VI e, aparentemente, de Siriano⁶⁷⁰). O prólogo termina com uma reiteração da definição de estratégia⁶⁷¹, completada com a apresentação de dois princípios que estruturam grande parte do resto da exposição: a defesa (*φυλακτικόν τῶν οἰκείων*) do seu território e pátria; e o ataque (*ἀπειλητικόν τῶν ὑπεναντίων*) como forma de retaliação para com o oponente⁶⁷².

⁶⁶⁴ Para a lista completa de fontes veja-se: RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 57-58.

⁶⁶⁵ Cf. *Phot.* 37.

⁶⁶⁶ Que corresponde a: *Sir. Strat.*, 4-5.

⁶⁶⁷ *Sir. Strat.*, 4. 7-8.

⁶⁶⁸ Esta ideia de que, para desincentivar os inimigos, um general que aspirasse à paz deveria praticar a guerra, presente nesta obra de Siriano (*Sir. Strat.*, 4. 9-14. / 5. 6-10.), já é bastante antiga, encontrando-se em inúmeros tratados militares anteriores ou coevos: *Veg.*, III. *prf.* / *Mauric. Strat.*, VIII. 2. / *Leo. Tactica. prf.* 4. / 2. 30-31. / 20. 90. Conseguimos encontrar a mesma ideia no *Retórica Militar*: *Sir. Ret.*, 3. 3-4. / 4. 1.

⁶⁶⁹ Podemos encontrar qualidades idênticas na descrição dos oficiais feita no capítulo anterior.

⁶⁷⁰ *Onos.*, I-II. / *Mauric. Strat.*, *prf.* / VII. *prf.* / *Leo. Tactica.* 2. O conceito de autossacrifício e da não perseguição de interesses pessoais também pode ser encontrado no *Rhetorica Militaris*: *Sir. Ret.*, 36. 2-11. / 45. 1-2.

⁶⁷¹ *Sir. Strat.*, 5. 2-5. Passagens parecidas podem ser encontradas em: *Ael. Tact.*, 2. / *Leo. Tactica.*, 1.

⁶⁷² *Sir. Strat.*, 5. 6-10.

III.I. – Os princípios de defesa do *Sobre Estratégia* (caps. 6-13)

De ambas as vertentes da estratégia, Siriano destaca o *φυλακτικόν*, trazendo à consideração do leitor uma pequena síntese relativa a alguns métodos preferenciais de defesa (que desenvolverá posteriormente): a colocação de sentinelas nos postos fronteiriços, que através da edificação de posições fortificadas e sinais de fogo conseguissem avistar e dar sinal de um eventual ataque⁶⁷³; a construção de pequenas fortificações e a aplicação de várias armadilhas⁶⁷⁴; o fomentar da discórdia entre os diversos inimigos, através de manobras diplomáticas⁶⁷⁵; o recurso a falsas investidas, de forma a provocar a retirada do adversário⁶⁷⁶; e o negociar da paz⁶⁷⁷. Relativamente aos guardas e aos postos fronteiriços utilizados para defender o território, é necessário ter em conta as qualidades requeridas a estes soldados, assim como as características dos locais onde são construídas estas fortificações. Tema recorrente noutros tratados bizantinos⁶⁷⁸, são diversas as virtudes apontadas aos guardas que, *grosso modo*, são idênticas às já avançadas pelo autor na caracterização dos generais e dos oficiais⁶⁷⁹. Possivelmente mais interessantes são os privilégios que estes guerreiros possuíam em relação aos seus homólogos, que passavam por poderem levar as suas famílias para os locais onde estavam guarnecidos, por adquirirem mais propriedades que o soldado regular e por receberem prémios sempre que avistavam um exército hostil⁶⁸⁰. Por sua vez, os sítios dos postos avançados poderiam corresponder a um descampado envolto por uma floresta ou pântano, apesar de se dar preferência a montes rodeados por um descampado que permitisse aos mavórcios detetar o maior número possível de movimentações dos opositores⁶⁸¹. Uma pequena nota para os sinais de fogo que deveriam ser ateados duas vezes caso não se tivesse a

⁶⁷³ Sir. *Strat.*, 6. 3-5. Sobre sinais de fogo noutras fontes veja-se: Aen. *Tact.*, VI. 7. / VII. 4. / XV. 1. / XVI. 16. / Pib., X. 41-47. / *Obs. Tol.*, 61. 9-10.

⁶⁷⁴ Sir. *Strat.*, 6. 6-10. Caso de trincheiras, estacas de madeira, estrepes e fossos (Sir. *Strat.* 6. 11-13.). Sobre a utilização destas últimas duas armadilhas: Veg., III. 24. 3-4. / Procop. *Goth.*, VII. 24. 15-18. / Mauric. *Strat.*, IV. 3. / Leo. *Tactica.*, 5. 4. / 14. 42. / Foc. *Mil.*, 2. 21.

⁶⁷⁵ Estratégias parecidas podem ser encontradas em: Mauric. *Strat.*, X. 2. / Leo. *Tactica.*, 17. 64. (transcrição, com ligeiras alterações, da anterior). Relembre-se que o imperador não identificado neste ponto foi, por várias vezes, associado a Justiniano, servindo como argumentação para os teóricos de uma cronologia mais antiga.

⁶⁷⁶ Sir. *Strat.*, 6. 20-24. Cf. Leo. *Tactica.* 17. 64-65. / 18. 119. / Foc. *Vel. prf.* 12-45.

⁶⁷⁷ Sir. *Strat.*, 6. 25-29.

⁶⁷⁸ Cf. Onos., X. 10-11. / Leo. *Tactica.* 11. 2. / 11. 8. / 11. 13-14. / 11. 17. / 11. 20. / Foc. *Mil.*, 4. / Foc. *Vel.*, 1. 30-34.

⁶⁷⁹ Sir. *Strat.*, 7. 4-12. Deveriam ser astutos, corajosos e possuir um físico forte e capaz de desempenhar as funções para as quais tinham sido destacados.

⁶⁸⁰ Para além disso, atente-se na recomendação de juntar parentes nas mesmas unidades militares para aumentar o moral e a coesão, um preceito já bastante antigo: Onos., XXIV. / Leo. *Tactica.*, 4. 40. / Foc. *Prae.*, I. 2. 10-13. / III. 10. 73-80. / Foc. *Mil.*, 2. 4-12.

⁶⁸¹ Sir. *Strat.*, 7. 13-19. Duas instruções adicionais são dadas: a primeira relaciona-se com os cavalos utilizados em caso de fuga, que deveriam ser castrados e rápidos (Sir. *Strat.*, 7. 20-22.); e a segunda alerta para os fugitivos que poderiam ser inimigos disfarçados (Sir. *Strat.*, 7. 23-28.).

certeza da movimentação que acabara de ser avistada; por outro lado caso fosse certo que se tratava de uma invasão, os faróis teriam de ser acesos pelo menos três ou quatro vezes⁶⁸².

No capítulo seguinte⁶⁸³, são enumeradas as funções dos fortes (*φρούρια*): permitiam observar a aproximação de uma hoste invasora, acolher refugiados de guerra, prender fugitivos que se encontrassem do ‘nosso’ lado e, ainda, facilitar a organização de raides. Os locais destas fortificações, à semelhança dos postos de vigia, deviam ser próximos da fronteira, o mais perto possível da suposta rota que o oponente poderia adotar, de forma à invasão não passar despercebida. Siriano desenvolve pouco a organização e a hierarquia das guarnições destas fortalezas, sendo apenas mencionada a existência de um oficial de comando com total responsabilidade sobre o local, algumas restrições aos soldados (que não podiam fazer-se acompanhar pelas famílias, de forma a não comprometer a segurança do forte) e a substituição regular destes homens por outros⁶⁸⁴. Ainda é recomendado que a segurança da fortaleza não fosse assegurada por guarnições que possuíssem guerreiros previamente capturados pelo inimigo, que tivessem familiares ou amigos aprisionados, ou que fossem acusados ou apanhados a cometer algum crime⁶⁸⁵. Por outro lado, muitos destes preceitos também se aplicavam à construção de uma cidade, cujo local, segundo o erudito, deveria possuir um solo adequado para a edificação de uma muralha e providenciar os víveres necessários para a sobrevivência da população e os materiais precisos para a construção dos seus edifícios⁶⁸⁶. Acrescente-se as potenciais valências defensivas que uma localização poderia conferir à urbe, que passavam pelo aproveitamento de rios e das suas fozes⁶⁸⁷, dos istmos e de ravinas⁶⁸⁸.

Logo depois, no capítulo 12, são dadas diversas recomendações sobre como é que deveriam ser edificadas as muralhas, sendo feitas pela primeira vez referências exemplificativas a armas de cerco e a possíveis métodos de defesa, o que ilustra esta estreita

⁶⁸² Sir. *Strat.*, 8. Sobre este assunto para além das fontes supramencionadas, recomenda-se a leitura de: PATTENDEN, Philip – “The Byzantine Early Warning System” in *Byzantion*, Vol. 53, Nº. 1, 1983, pp. 258-299.

⁶⁸³ Sir. *Strat.*, 9. Consulte-se igualmente: Mauric. *Strat.*, X. 4. / Leo. *Tactica.*, 15. 56-64.

⁶⁸⁴ Sir. *Strat.*, 9. 21-33. Outras recomendações são dadas em: Leo. *Tactica.*, 15. 59-60. Contudo, no tratado de Leão VI, parte-se do pressuposto de que a fortaleza/cidade ainda se encontra em construção. Note-se que a descrição apresentada no *De Re Strategica* é parecida com a de outros tratados militares do séc. IX e X, o que reforça a ideia de atribuir uma datação mais tardia ao escrito. Cf. HALDON, John – *op. cit.*, 2003, pp. 307-308.

⁶⁸⁵ Para além disso, e como é natural, a fortificação deveria ser devidamente aprovisionada de vitualhas e de água, para resistir a cercos prolongados (Sir. *Strat.*, 9. 37-39.). Relativamente a este assunto, consultem-se as seguintes passagens: Mauric. *Strat.*, X. 1. / Leo. *Tactica.*, 15. 7. / *Obs. Tol.*, 46. / *Foc. Mil.*, 21. 3-17. / *Our. Tact.*, 65. 1. / 65. 3. / 65. 7-10.

⁶⁸⁶ Sir. *Strat.*, 10. Vejam-se as fontes mencionadas na nota anterior.

⁶⁸⁷ No entanto, caso se optasse por um sítio próximo do mar, não convinha construir muralhas muito próximas da costa, visto serem demasiado vulneráveis aos ataques e às máquinas de cerco dos inimigos (Sir. *Strat.*, 11. 10-24.).

⁶⁸⁸ Se não houvesse possibilidade de edificar a urbe num local com estas características, então seria preferível escolher um terreno que ficasse afastado da fronteira para evitar ataques de surpresa (Sir. *Strat.*, 11. 33-38.).

relação entre as duas vertentes da poliorcética. Siriano realça a importância do esquema do recinto amuralhado, dentro do qual os torreões deveriam constituir um hexágono com um interior cilíndrico que se estenderia até ao telhado em formato de abóbada⁶⁸⁹, de maneira a providenciar uma base na qual os soldados pudessem lutar⁶⁹⁰. Por sua vez, era importante que todas as construções que tivessem uma altura superior a quatro metros fossem construídas com pedras muito grandes (e com a mesma espessura), proporcionando uma estrutura sólida, capaz de resistir aos aríetes e às atividades dos sapadores⁶⁹¹ (para combater este género de ataques subterrâneos, era igualmente exequível entrincheirar-se o perímetro à volta do recinto amuralhado⁶⁹²). Deste modo, o autor deixa claro que o seu propósito não passava só por providenciar instruções sobre a construção de cidades, mas também sobre como defendê-las e prepará-las para resistirem aos engenhos de cerco dos sitiadores⁶⁹³.

São ainda descritas diferentes estratégias e mecanismos para evitar que o inimigo destruísse os dispositivos de defesa e entrasse na cidade. Primeiramente, face à proteção que abrigava os sapadores e às irregularidades das suas escavações, os cidadãos deveriam escavar um fosso paralelo às muralhas (com seis metros de distância) com a mesma profundidade que as fundações do recinto, para que nenhuma operação deste género passasse despercebida⁶⁹⁴. Por seu turno, a terra extraída deveria ser atirada para a frente da vala, pelo que o monte criado ajudaria a proteger os escavadores dos projéteis e das investidas dos opositores. Na possibilidade de os adversários conseguirem passar incólumes e derrubarem parte da muralha, os pedreiros deveriam, o mais rapidamente possível, edificar uma segunda muralha, com a forma de um triângulo⁶⁹⁵. São-nos prontamente dadas contramedidas que pudessem fazer frente a esta proteção dos sapadores (que também podia ser utilizada para abrigar um aríete),

⁶⁸⁹ Aliás, as três ilustrações que nos chegaram do tratado tratam assuntos relativos ao desenho e à defesa destas estruturas defensivas (o que nos pode até evidenciar que, de facto, o autor teria preparado uma secção só dedicada a esta disciplina): DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 136.

⁶⁹⁰ Cf. Ph. *Poliorc.*, A. 17-18.

⁶⁹¹ Sir. *Strat.*, 12. 25-30 / 12. 40-42. / 13. 3-42. Apesar da curiosa secundarização deste género de operações no *Taktiká* de Leão VI (Leo. *Tactica.*, 15. 28.), são várias as fontes do séc. X que as referem: *Obs. Tol.*, 75-78. / *Hero.*, 13-15. / *Our. Tact.*, 65. 20-24.

⁶⁹² Sir. *Strat.*, 2. 37-46. Vide. Anexo IV, Tabela 2, a entrada “Entrincheiramento”.

⁶⁹³ Deste modo, o capítulo 13 deste tratado junta-se a muitos outros excertos e escritos do renascimento cultural bizantino sobre guerra de cerco defensiva, dos quais importa destacar (pela sua proximidade com as passagens de Siriano e do *Taktiká* de Leão VI): Mauric. *Strat.*, X. / *Obs. Tol.* (todo o tratado) / *Foc. Mil.*, 21. / *Our. Tact.*, 65. Podendo igualmente considerar-se uma série de tratados antigos, ficamo-nos pelos seguintes excertos: *Aen. Tact.*, XXII-XXXI. / *Veg.*, IV. I-XIII. / XVIII-XXX.

⁶⁹⁴ De seguida, poder-se-ia inundar o túnel ou sufocar os sapadores com fumo: Sir. *Strat.*, 13. 21-42. Veja-se: *Aen. Tact.*, XXXVII. 1-5.

⁶⁹⁵ Conforme está na esquematização: DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 136. A construção de muralhas internas também pode ser encontrada em: *Aen. Tact.*, XXXII. 12.

designada pelo erudito de “tartaruga”⁶⁹⁶: o método mais antigo consistia em incendiar a máquina, derramando-lhe do topo das muralhas água a ferver ou piche derretido; uma segunda forma de inutilizar o aparelho inimigo passava por pendurar, no topo das ameias, esteiras feitas de cabelo, de lã ou de linho (utilizando cavilhas) suficientemente grandes para que conseguissem tocar no solo, de modo a que, durante a noite, fosse exequível escavar um fosso (cujos detritos deveriam ser encostados à muralha) sem o adversário se aperceber disso⁶⁹⁷; caso a intensidade do ataque fosse de tal ordem que tornasse impossível cavar a vala, então devia, pelo menos, atirar-se terra para a frente da “tartaruga”, de forma a atrasá-la; ou então queimava-se a máquina, arremessando material incendiário⁶⁹⁸. No que se refere a aríetes, o tratadista recomenda os mesmos mecanismos, acrescentando uma outra solução, que consistia em projetar uma pedra gigante contra o engenho⁶⁹⁹. Por seu turno, os projéteis da artilharia poderiam ser amortecidos com redes de cordas (com a espessura de um dedo), que deveriam ser colocadas nas áreas que estivessem a ser danificadas⁷⁰⁰.

Com um pensamento tipicamente defensivo (que aliás poderá explicar a prioridade dada ao *φυλακτικόν* no tratado), Siriano apresenta-nos pormenorizadamente vários mecanismos para defender o território, que passavam pela construção de uma rede de comunicação e fortificações autossuficientes, capazes de bloquear as eventuais investidas do adversário. A sabedoria prática demonstrada nestas temáticas tem vindo a intrigar alguns dos historiadores modernos (nomeadamente Oliver Spaulding e V. Kučma⁷⁰¹), que chegaram a conjecturar a possibilidade de o autor poder ter exercido funções como “engenheiro” militar, enquanto outros (como Friedrich Lammert ou Alphonse Dain⁷⁰²) realçaram as relações próximas destas passagens com a restante literatura militar que se centra na *Poliorkētiká*. De facto, por diversas vezes, o escritor menciona a sua gratidão para com os escritores (ou ‘autoridades’, como lhes costuma chamar) antigos (infelizmente, não especificados), cujas obras terão representado fontes de inspiração para a elaboração destes capítulos: refere-os aquando da descrição de sinais de fogo e da possibilidade de os guardas que os ateavam

⁶⁹⁶ Com origens obscuras, noutros tratados é referido um aparelho parecido (*ἐμβόλους*): Mauric. *Strat.*, X. 3. 13. / Hero., 10. 2-3. / Leo. *Tactica.*, 15. 42. Mais informações podem ser encontradas em: Veg., IV. 20. / Hero., 2. 2. / 7-11. / 13.

⁶⁹⁷ Sir. *Strat.*, 72-91. Apesar de advogar ser uma descoberta sua, podemos encontrar propostas semelhantes já nestes tratados: Aen. *Tact.*, XXXII. 3. / Mauric. *Strat.*, X. 3.

⁶⁹⁸ Sir. *Strat.*, 13. 72-114. Podemos equiparar estas e outras estratégias às descrições de outros tratados: Veg., IV. 6. / Mauric. *Strat.*, X. 3. / Leo. *Tactica.*, 15. 43. / Hero., 39. 30-35.

⁶⁹⁹ Sir. *Strat.*, 13. 121-135. Mecanismo consignado em: Aen. *Tact.*, XXXII. 5-6.

⁷⁰⁰ Sir. *Strat.*, 13. 115-120. Este género de amortecedores também é mencionado em: Aen. *Tact.*, XXXII. 9. / Ph. *Poliorc.*, C. 3-4 / Mauric. *Strat.*, X. 3. / Hero., 12. 21.

⁷⁰¹ DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, pp. 2-3. / RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 58.

⁷⁰² DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, p. 343. / HENDERSON, Jeffrey (ed.) – *op. cit.*, 1928, p. 13.

transmitirem não só a aproximação do inimigo como também a sua força⁷⁰³; e, novamente, quando fala da necessidade de não construir o recinto amuralhado demasiado próximo da costa, para este não ficar vulnerável aos ataques dos sapadores feitos a partir das embarcações⁷⁰⁴; uma alusão semelhante pode ainda ser encontrada na descrição às “tartarugas”⁷⁰⁵; por fim, o próprio apontamento sobre o método utilizado pelos seus predecessores para travar as proteções destas operações subterrâneas evidencia que o erudito terá, realmente, lido outros tratados da Antiguidade Tardia⁷⁰⁶. Por conseguinte, os conhecimentos expressos pelo autor nestas temáticas denotam um certo equilíbrio entre a sua própria erudição (lendo vários tratados antigos) e algumas informações que poderá ter recebido através da interpretação de documentos seus contemporâneos e, quem sabe, por via de costumes militares tradicionais, transmitidos de geração em geração.

III.II. – Eliano e a secção tática do *De Re Strategica* (caps. 16-32)

Na secção seguinte, dedicada a aspetos de natureza tática (*Τακτική*), o escritor, inspirando-se largamente em vários excertos da literatura clássica e sua contemporânea, começa por nos apresentar breves definições de alguns dos conceitos estruturais desta disciplina. No seu entendimento, a *Τακτική* era uma ciência que permitia aos generais controlarem e mobilizarem um corpo armado⁷⁰⁷, podendo repartir-se em quatro divisões distintas, mas interdependentes: a disposição dos soldados no exército e a sua preparação para o combate; a distribuição do equipamento e do armamento, de acordo com as necessidades e funções de cada unidade e militar; as movimentações de uma hoste, adequadas a cada ocasião;

⁷⁰³ Sir. *Strat.*, 8. 16. Possivelmente, Siriano estaria a referir-se a Eneias ‘o Tático’ e ao seu tratado perdido intitulado *Preparações Militares* (*Παρασκευαστική Βιβλός*) que abordaria esta temática: Aen. *Tact.*, VII. 4.

⁷⁰⁴ Sir. *Strat.*, 11. 13. Neste caso, possuímos uma referência um pouco mais direta, visto que o autor especifica que extraiu esta advertência de manuais de guerra de cerco. Acreditou-se que a referência feita por Siriano fosse dirigida à *Poliorcética* de Apolodoro de Damasco (de longe a obra mais popular do género na Antiguidade Tardia), todavia, face à fragmentação deste texto e à inexistência de uma referência a operações marítimas de sapa, esta influência não pode ser comprovada.

⁷⁰⁵ Sir. *Strat.*, 13. 61-62. Onde é consignada a existência de uma secção mais alargada de *poliorcética* (*πολιορκητικά*) que, segundo Köchly, constituiria um capítulo(s) distinto(s) neste tratado (o que poderá justificar a forma abrupta com que é rematada esta temática).

⁷⁰⁶ Sir. *Strat.*, 13. 63. Esta estratégia foi possivelmente retirada dos escritos de Eneias: RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 58.

⁷⁰⁷ Similar a: Leo. *Tactica.*, 1. 1-2. É interessante anotar que Siriano é o único tratadista bizantino a classificar esta temática como uma ciência (*ἐπιστήμη*), uma ideia retirada, certamente, das *Disposições Militares dos Gregos* de Eliano: Ael. *Tact.*, 3. Veja-se também: Arr. *Tact.*, 5.

e a gestão da guerra, dos recursos humanos e dos materiais⁷⁰⁸. De seguida, são-nos apresentados os diferentes tipos de guerra (terrestre ou *πεζομαχία*, e naval ou *ναυμαχία*⁷⁰⁹) que o tratadista alvitra explorar, devendo-se esta categorização prévia às distinções do *modus operandi* dos dois géneros bélicos⁷¹⁰. Por sua vez, podemos identificar quatro meios pelos quais o Homem praticou a *πεζομαχία* (a pé, montado em cavalos, em carros de guerra ou em elefantes), apesar de os últimos dois serem considerados obsoletos e, portanto, não merecerem reflexões mais desenvolvidas nos capítulos subsequentes⁷¹¹. Numa última enumeração que, segundo Siriano, ajudaria o leitor a compreender alguns dos assuntos explanados mais à frente, o texto apresenta-nos as diversas componentes de um exército em movimento: as forças armadas que efetivamente participavam no combate; os grupos técnicos (pedreiros, metalúrgicos e carpinteiros), fundamentais em operações de cerco e noutro género de trabalhos especializados; por último, os serviços que providenciavam as vitualhas (e tratavam de outro género de problemas logísticos) necessárias para a sobrevivência de toda a hoste⁷¹².

Figura central nesta parte do tratado, a falange podia assumir diversas formas (circular, em losango, romboide ou em cunha) que, no entanto, foram progressivamente olvidadas, sendo certo que a maioria dos generais contemporâneos do escritor não possuía qualquer conhecimento prático nesta área⁷¹³. Deste modo, era sentida a necessidade de traçar, num primeiro momento, as características e elementos desta unidade militar há muito enumerados pelas ‘autoridades antigas’ e que a comparavam a um corpo vivo: a primeira fileira (também denominada ‘cabeça’, ‘testa’, ‘olho’, ‘boca’ ou ‘articulação’), que se encontrava virada para o inimigo; a retaguarda (ou ‘cauda’); e os flancos (analogia aos lados do corpo humano que podiam ter o mesmo nome); o ponto a meio da primeira fileira, que bifurcava toda a hoste, era denominada centro (ou ‘umbigo’); por fim, os dois lados do centro

⁷⁰⁸ Sir. *Strat.*, 14. 3-9. Cf.: Leo. *Tactica.*, Ep. 58. São repetidas, de certa forma, estas ideias em: Sir. *Ret.*, 41. 1-4.

⁷⁰⁹ Como já sabemos, o segmento relacionado com a naumaquia seria desvinculado do compêndio original pelos copistas bizantinos do séc. X, que compartimentavam os excertos dos tratados segundo os temas que mais lhes interessavam.

⁷¹⁰ Sir. *Strat.* 14., 10-17. São vários os paralelos que conseguimos encontrar na tratadística antiga a este tipo de divisão: Ascl. *Tact.*, I. 1. / Arr. *Tact.*, II. 1. Contudo, o escritor ter-se-á inspirado em Eliano, que também se propõe falar da guerra naval *a posteriori*: Ael. *Tact.*, 3.

⁷¹¹ Sir. *Strat.*, 14. 18-26. Como mostrámos anteriormente, a perceção de que a utilização de carroças e paquidermes na guerra se encontra ultrapassada já remonta à literatura militar de viragem do milénio, nomeadamente: Ascl. *Tact.*, I. 3. / Ael. *Tact.*, 2. / Arr. *Tact.*, 2-4.

⁷¹² A importância dos mercadores e de outros géneros de comerciantes para o abastecimento de um exército em movimento é várias vezes realçada noutros tratados: Onos., VI. 14. / Mauric. *Strat.*, I. 2. (apesar de omiti-los) / Leo. *Tactica.*, 6. 19. / 11. 6-7. HALDON, John – *op. cit.*, 2003, pp. 143-148.

⁷¹³ Todavia, testemunhos semelhantes podem ser encontrados em obras tão antigas como a *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio (Veg., I. XX. / I. XXI. / I. XXVIII. / II. III.), o que nos leva a crer que esta afirmação constitui um *topos* literário conservado no *De Re Strategica* (Sir. *Strat.*, 15. 6-7.), assim como noutros tratados bizantinos: Mauric. *Strat.*, *prf.* / Leo. *Tactica.*, *prf.* 3. / 4. 58. Relativamente às características da falange, veja-se: Anexo III, Esquemas 1-2.

eram designados corno direito e corno esquerdo, respetivamente⁷¹⁴. Todos os soldados, no momento da batalha, deveriam dispor-se dentro de uma destas componentes de forma ordeira e simétrica, de modo a estabelecerem colunas (*λόχοι*) que começassem na ‘cabeça’ do exército e terminassem na retaguarda⁷¹⁵, assim como fileiras oblíquas que atravessassem horizontalmente todo o corpo armado, denominadas ‘cangas’ (símile aos jugos de madeira colocados nos pescoços dos bois, na agricultura e transportes). Assim, o autor via a falange apeada como um quadrado perfeito, composto pelo mesmo número de colunas e fileiras que, por sua vez, teriam uma quantidade idêntica de mavórcios⁷¹⁶ com uma distância igual entre si⁷¹⁷. Outra característica deste género de unidades era a sua alta hierarquização⁷¹⁸, o que facilitava a execução de ordens mas obrigava à nomeação de um grande número de oficiais (como a prática lacónica ditava), dos quais destacamos os líderes de esquadrão (ou ilarcas), que comandavam a sua própria coluna mantendo uma distância adequada entre os guerreiros que a compunham. Era frequente a literatura militar exaltar estes oficiais que, entre outras qualidades, deveriam ser afoitos e possuir um físico adequado, visto levarem consigo armamento extremamente pesado para melhor resistirem às cargas dos oponentes⁷¹⁹. Da mesma forma, os guardas da retaguarda e dos flancos, assim como os soldados logo após os ilarcas, teriam de reter valências semelhantes, de maneira a conseguirem fazer frente a

⁷¹⁴ Sir. *Strat.*, 15. 21-31. Este género de comparações relacionadas com a anatomia humana foram retiradas de: Ascl. *Tact.*, II. 7. / Ael. *Tact.*, 7. / Arr. *Tact.*, 8-9.

⁷¹⁵ Sir. *Strat.*, 15. 37-40. Cf. Ascl. *Tact.*, II. 1. / Ael. *Tact.*, 4. / Arr. *Tact.*, 5-6. Por sua vez, os homens armados que estavam à frente dos restantes na coluna eram designados *protostates* (*πρωτοστάται*) e os que se encontravam atrás *epistastes* (*ἐπιστάται*). Deste modo, dependendo da posição em que o guerreiro se encontrasse, teria de chamar os seus colegas consoante o seu lugar na coluna (Sir. *Strat.*, 15. 55-61.).

⁷¹⁶ Sir. *Strat.*, 15. 46-48. Este princípio, também retirado das fontes clássicas, permitiria que a falange apeada (que poderia chegar a ter, segundo Eliano, 16. 384 homens) fosse divisível até a um só soldado: Ascl. *Tact.*, II. 7. / Arr. *Tact.*, 9. / 14. / Ael. *Tact.*, 8. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 8. / Leo. *Tactica.*, 4. 58-59. / 4. 67-69. Contudo, são vários os exemplos na Antiguidade Clássica de batalhas, registadas nas fontes, em que figuram linhas de batalha irregulares: X. *HG.*, II. IV. 11. / III. II. 16. / IV. II. 18. / VI. II. 21. / VI. IV. 12. / Th., IV. XCIII-XCIV. / V. LXVIII / VI. LXVII. / Arr. *An.*, VII. 23. 3-4.

⁷¹⁷ Sir. *Strat.*, 15. 49-54. Mais detalhes podem ser encontrados em: Ascl. *Tact.*, IV. / Ael. *Tact.*, 11. / Arr. *Tact.*, 12.

⁷¹⁸ Sir. *Strat.*, 15. 62-76. São identificadas pelo menos dez unidades distintas: cada coluna equivalia a um esquadrão (com um comandante de esquadrão); dois esquadrões transformavam-se num esquadrão duplo (líder de esquadrão duplo); quatro esquadrões equivaliam a uma tetarquia (tetarca); o dobro deste número era uma taxiarquia (taxiarco); o dobro de uma taxiarquia era um sintagma (sintagmatarca); dois sintagmas transformavam-se numa pentacosiarquia (pentacosiarco); duas pentacosiarquias compunham uma quiliarquia (quiliarca); duas quiliarquias faziam uma merarquia (merarca); e, finalmente, duas merarquias formavam uma falangarquia (falangarca). Esta nomenclatura não constitui uma invenção de Siriano, sendo anteriormente aplicada (com ligeiras alterações) em diversas ocasiões: Ascl. *Tact.*, II. 8-10. / Ael. *Tact.*, 9-10. / Arr. *Tact.*, 10.

⁷¹⁹ Sir. *Strat.*, 15. 86-100. O estranho silêncio aos ilarcas no *Tática* de Leão VI poderá significar que a indignação deste género de oficiais terá caído em desuso, ou simplesmente que estes representariam um elemento de um paradigma militar anacrónico, reproduzido pelos eruditos bizantinos com um propósito meramente informativo. Não obstante, conseguimos encontrar menções a estes comandantes nos seguintes tratados: Arr. *Tact.*, 6. 5. / 12. / Ael. *Tact.*, 5. / 13. / Mauric. *Strat.*, I. 5.

adversidades inesperadas capazes de colocar em risco a integridade de toda a unidade⁷²⁰. Por seu turno, a falange (como denomina o tratadista) da cavalaria, com uma hierarquia semelhante à anterior, deveria constituir uma unidade solta e descongestionada, conquanto sólida o suficiente para carregar eficazmente sobre as linhas de batalha adversárias⁷²¹.

No que toca ao armamento dos soldados que compunham a falange apeada, recomendava-se que os ilarcas possuíssem escudos com sete *spithamai* de diâmetro⁷²², para que os guerreiros se conseguissem esconder e proteger dos projéteis dos inimigos, sendo recomendado que estas proteções tivessem, prendido por uma argola de ferro, um espigão (com cerca de 8 cm⁷²³), letal a curta distância⁷²⁴. Curiosamente, Siriano mostra uma maior preocupação com a capacidade e resistência física dos combatentes, quando atenta na necessidade de estes se protegerem com capacetes, com couraças e com proteções para as canelas que não fossem demasiado pesadas⁷²⁵. Relativamente ao equipamento ofensivo, cada indivíduo que figurasse na segunda, na terceira ou na quarta fileira deveria levar consigo uma lança cujo comprimento dependia da sua própria capacidade para a carregar e da distância entre cada guerreiro no momento de compactar a formação (entre dois a três metros)⁷²⁶. Por sua vez, os soldados da vanguarda manejavam lanças mais proeminentes, apesar de, em alguns corpos armados, esta regra se poder também aplicar aos guerreiros da segunda fileira e aos guardas da retaguarda e dos flancos, de forma a garantir a coesão da unidade⁷²⁷. Caso não houvesse a possibilidade de preparar o armamento para todos os indivíduos, então este seria distribuído primeiramente pelas zonas mais vulneráveis da formação e pela primeira linha de combate. Por último, o armamento da cavalaria deveria ser semelhante ao da infantaria, sendo

⁷²⁰ Sir. *Strat.*, 15. 98-117. Sobre os guardas da retaguarda *vide.*: Mauric. *Strat.*, I. 4. / Foc. *Vel.*, 16. 17. / Foc. *Mil.*, 31.

⁷²¹ Sir. *Strat.*, 17. 20-27. Realce-se a natureza sintética deste capítulo, quando comparado com o dedicado à falange apeada; isto deve-se, em parte, ao facto de o escritor optar por não utilizar consistentemente a informação presente na obra de Eliano, que chega a especificar a posição das forças montadas em relação à falange apeada (algo que Siriano não menciona): Ascl. *Tact.*, VII. / Ael. *Tact.*, 18-21. / Arr. *Tact.*, 16-18.

⁷²² Como já vimos, trata-se de um exagero do autor, visto que escudos com um metro e meio de largura não teriam qualquer utilidade prática numa batalha face ao seu peso.

⁷²³ DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 57 (n. 2).

⁷²⁴ Sir. *Strat.*, 16. 3-13. Escudos com designações parecidas (mas com uma dimensão menor) são descritos em: Onos., XX. 1. / Arr. *Tact.*, 11. 5-6. / Leo. *Tactica.*, 6. 21. / Foc. *Prae.*, I. 3.

⁷²⁵ Sir. *Strat.*, 16. 14-30. Ainda recomenda que este armamento deveria ser vestido por cima de um vestuário que tivesse pelo menos um dedo de espessura, de forma a não criar fricção na pele e a dificultar a penetração das setas no corpo.

⁷²⁶ Sir. *Strat.*, 16. 31-39. O erudito descreve-nos alguns dos preceitos da falange macedónica, uma formação táctica bastante bem conhecida no mundo bizantino, como muito bem demonstra o *Taktiká* Leão VI (Leo. *Tactica.*, 5. 2. / 6. 32.), tendo bebido nas seguintes passagens: Ael. *Tact.*, 14. / Polyæn., II. 29. 2.

⁷²⁷ Sir. *Strat.*, 16. 40-53. Nas considerações do escritor, não havia necessidade de equipar os soldados do centro da formação com lanças, visto que estes combateriam, muito provavelmente, corpo a corpo.

certo que os cavalos também teriam de ser protegidos com uma proteção de ferro nos cascos, para prevenir os estrepes e outro género de armadilhas que o inimigo pudesse utilizar⁷²⁸.

Apresentados os elementos principais desta unidade tática e o armamento dos seus mavórcios, resta-nos referir e desenvolver os diferentes tipos de movimentos que um corpo armado com estas características conseguia efetuar. A primeira destas manobras expostas no texto é a marcha regular, que possuía, segundo o autor, uma dupla configuração: a marcha em linha que, como o nome sugere, implicava posicionar as falanges em pontos paralelos; e a marcha em formato de coluna, em que estas unidades se dispunham numa carreira⁷²⁹. Por conseguinte, o tipo de marcha utilizada encontrava-se dependente da natureza dos territórios (descampados, planaltos, precipícios e terrenos florestados) pelos quais o corpo armado passava: caso se tratasse de um descampado, a falange deveria dispor-se em linha, a menos que este terreno estivesse rodeado de montes⁷³⁰; em desfiladeiros e precipícios (ou em qualquer outro tipo de terreno estreito), o corpo armado deveria organizar-se em uma ou duas colunas, sendo necessário enviar previamente batedores para evitar ataques de surpresa ou emboscadas⁷³¹; por outro lado, em zonas florestadas, os ramos inferiores das árvores teriam de ser queimados ou cortados (de forma a que os arqueiros disparassem setas de fogo sem correrem o risco de incendiarem o local)⁷³²; em situações em que fosse preciso transitar em terrenos rochosos, era necessário derreter as rochas com o vinagre e a madeira que se encontrasse na região⁷³³. Relativamente à travessia de cursos de água, Siriano recomenda a utilização de embarcações (ao invés de jangadas⁷³⁴) menos perecíveis e com espaço suficiente para transportarem algumas carroças e animais de carga, podendo os recursos utilizados para

⁷²⁸ Sir. *Strat.*, 17. 12-19. Já anteriormente referido, este aspeto poderá ser utilizado para justificar uma cronologia mais avançada para o compêndio.

⁷²⁹ Sir. *Strat.*, 18. 7-17. Denote-se que neste capítulo (e nos dois seguintes), Siriano interrompe a linha teórica de Eliano (que não desenvolve exaustivamente preceitos relativos à marcha de uma falange), utilizando outras fontes: Onos., VI. 1-4. / Mauric. *Strat.*, IX. 3. / XII. A. 6. / XII. B. 19-20. / Leo. *Tactica.*, 9. 39. / 9. 52. / 9. 61.

⁷³⁰ Sir. *Strat.*, 18. 18-30. Se este tipo de terreno estiver situado em território inimigo, então devem ser enviados destacamentos a estes montes de forma aos adversários não terem a possibilidade de cercar a coluna de marcha. O mesmo se aplica a outros terrenos mais inóspitos: Onos., VI. 7-8. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 20.

⁷³¹ Sir. *Strat.*, 18. 31-38. Cf. Onos., VII. / Mauric. *Strat.*, VII. B. 17. / IX. 4. / XII. B. 20. / Leo. *Tactica.*, 7. 15. / 9. 27-28. / 9. 36. / 9. 44-46. / 9. 56. / 9. 65. / 9. 72.

⁷³² Sir. *Strat.*, 18. 39-46. Cf. Mauric. *Strat.*, XII. B. 20. / Leo. *Tactica.*, 9. 9. / 9. 38. / 9. 70-71. / 9. 73.

⁷³³ Sir. *Strat.*, 18. 47-56. É dado o exemplo de Aníbal, que teve de fundir as rochas deixadas pelos Romanos para lhe bloquearem a passagem: Liv., XXI. 37.

⁷³⁴ Sir. *Strat.*, 19. 12-55. Referindo-se muito provavelmente à ponte suspensa que Apolodoro terá construído no Danúbio (durante a guerra de Trajano na Dácia), a qual acabou por ser inundada pelas cheias do rio (Procop. *Aed.*, IV. vi. 11-15.), o autor dá preferência às embarcações, não só por serem mais resistentes, mas também por poderem ser construídas em qualquer local. Para além disso, caso o rio fosse estreito, era provável que, durante a construção, os indivíduos ficassem vulneráveis aos projéteis dos oponentes. Sobre construção de pontes na tratadística bizantina, veja-se: Mauric. *Strat.*, IX. 1. / XII. B. 21. / Leo. *Tactica.*, 17. 7-9.

construir estes navios ser reutilizados após a passagem do leito do rio⁷³⁵. Por sua vez, riachos com vaus suaves e que não tivessem qualquer género de obstáculo seriam transitáveis, mesmo que para isso fosse necessário combater contra os inimigos que se situassem na outra margem (com esse fim, o escritor propõe que se atravessasse à noite de forma a apanhar o adversário desprevenido)⁷³⁶, ou que houvesse necessidade de cavar pequenas valas semicirculares que desviassem parte da água do leito, ou então que fosse preciso construir rampas sobre as margens íngremes da ribeira⁷³⁷.

Uma última adenda precisa ainda de ser feita relativamente às passagens do *De Re Strategica* dedicadas às precauções que os comandantes tinham de ter durante a marcha, contra emboscadas ou outro género de ataques de surpresa, de forma a não se confrontarem com situações inesperadas⁷³⁸. Deste modo, a primeira contramedida que deveria ser adotada passava por colocar os líderes na primeira fileira, nos flancos e/ou na retaguarda da unidade, de tal forma que podemos classificar as falanges como tendo uma, duas, três ou quatro frentes (consoante estiverem distribuídos estes oficiais). Igualmente, é-nos atentada a importância de colocar e de selecionar criteriosamente para os flancos batedores que fossem astutos, observadores atentos e, sobretudo, que possuíssem conhecimentos sobre o país onde estavam, precavendo-se caso fossem encontrados pelos oponentes e tivessem que fugir⁷³⁹.

Outro género de movimentações (mais complexas que a marcha regular) que este tipo de unidade tática poderia executar consistia em mudar a sua direção, ou seja, em alterar o posicionamento de todos os homens armados da falange numa ou mais frentes que se encontrassem ameaçadas pelas investidas iminentes dos opositores⁷⁴⁰. Este procedimento poderia ser efetuado de várias maneiras: uma primeira forma consistia em movimentar um soldado de cada vez, e enquanto este se deslocava (*κλίσις*), os restantes permaneciam imóveis; a locomoção da falange de uma direção para outra também poderia ser feita por fileira

⁷³⁵ Sir. *Strat.*, 19. 56-65. Relativamente aos problemas que os animais de carga e os cavalos poderiam colocar na travessia de rios, veja-se: Arr. *An.*, V. 8-15.

⁷³⁶ Sir. *Strat.*, 19. 71-79. São vários os exemplos nas fontes clássicas de generais que optaram por combater o inimigo que se encontrava na outra margem do leito do rio: X. *An.*, IV. III. / Arr. *An.*, I. 14-15. Por outro lado, alguns tratados militares contêm informações semelhantes: Polyaen., I. 29. 1. / III. 9. 61. / Mauric. *Strat.*, IX. 1. / XII. B. 21. / Leo. *Tactica.*, 17. 7-9.

⁷³⁷ Sir. *Strat.*, 19. 89-100. Cf. Veg., III. VII.

⁷³⁸ Sir. *Strat.*, 20. 3-14. No início deste capítulo, é-nos apresentado um *topos* literário também presente em: Cic. *Off.*, I. 23. / Polyaen., III. 9. 17 / Mauric. *Strat.*, VIII. 1. (26). / 2. (36). / Leo. *Tactica.*, 20. 27. / 20. 97.

⁷³⁹ Sir. *Strat.*, 20. 15-44. Apesar de nos parecer que estas passagens são, *grosso modo*, originais (retiradas dos conhecimentos empíricos do autor ou de outro género de fontes), podemos apontar algumas semelhanças com o *Stratēgikón* de Maurício: Mauric. *Strat.*, IX. 1. Relativamente aos batedores e espíões num corpo armado, veja-se: Arr. *Alan.*, 1. / Veg., III. VI. / Leo. *Tactica.*, 17. 77. / Foc. *Vel.* 2. 23-31 (apresenta o mesmo género de qualidades para estes oficiais).

⁷⁴⁰ Sir. *Strat.*, 21. Siriano, a partir destas passagens, volta a readaptar algumas das informações contidas no tratado de Eliano e dos seus antecessores. Ascl. *Tact.*, X. 2-12. / Ael. *Tact.*, 24. / Arr. *Tact.*, 21.

(normalmente começando pela primeira linha da unidade) ou coluna, naquilo que podemos designar de contramarcha (*ἐξελιγμός*); por último, a unidade também se podia mover como um todo (*ἐπιστροφή*)⁷⁴¹, seguindo os mesmo princípios da movimentação por indivíduo. A deslocação por indivíduo era executada com um tal rigor que, quando o último guerreiro terminava a sua deslocação, nenhum dos flancos permanecia no mesmo sector. Desta forma, se a viragem fosse no sentido das lanças dos homens armados, a ala direita transformava-se na nova frente da falange, a retaguarda no novo lado direito, o flanco esquerdo na retaguarda e a antiga frente passava a representar a ala esquerda; do mesmo modo, se a mudança fosse feita na direcção dos escudos dos mavórcios, então o lado esquerdo da unidade passava a constituir a vanguarda, a retaguarda metamorfoseava-se no novo flanco esquerdo, a ala direita na retaguarda e a frente na ala esquerda⁷⁴². Assim, ao todo, existiam oito mudanças de direcção numa falange (quatro na direcção da lança e as restantes no sentido do escudo), que, no entanto, poderiam assumir contornos mais complexos: por exemplo, caso o soldado se deslocasse duas vezes no mesmo sentido, então encontrar-se-ia na posição inversa à qual se encontrava originalmente (*μεταβολή*)⁷⁴³; este movimento poderia ser executado três vezes (*περιστροφή*)⁷⁴⁴; ou quatro vezes, representando um regresso à posição original do guerreiro (*ἀποκατάστασις*)⁷⁴⁵; por outro lado, também era frequente inverter-se a *μεταβολή*, ou seja o guerreiro regressar à posição inicial após deslocar-se uma vez para a esquerda ou direita (*κλίσεως ἀναποδισμός*)⁷⁴⁶. Por seu turno, a contramarcha (*ἐξελιγμός*) consistia na deslocação da primeira fileira ou de uma das colunas dos flancos para uma posição pré-estabelecida, seguida pelos restantes elementos da falange. As ‘autoridades antigas’⁷⁴⁷ ainda subdividiam este tipo de movimentos em três casos específicos: a primeira, chamada Macedónica (por ter, supostamente, sido utilizada por Filipe ‘o Grande’), consistia em inverter o sentido da unidade e colocá-la à frente da sua antiga posição, de tal maneira que a vanguarda estivesse a olhar para a localização da antiga retaguarda; a segunda forma, associada aos Lacónios, ocorria quando a falange era colocada atrás do seu local inicial, de maneira a que o último soldado da

⁷⁴¹ Sir. *Strat.*, 21. 14-21. A nomenclatura aplicada é retirada, mais uma vez, dos seguintes tratados: Ascl. *Tact.*, X. 1./ Ael. *Tact.*, 23. / Arr. *Tact.*, 20.

⁷⁴² Sir. *Strat.*, 22. 1-14. Realce-se a incoerência nestas passagens no que toca às direcções da lança (que segundo o autor é utilizada na mão direita) e do escudo (à esquerda) do soldado, que não correspondem às movimentações descritas acima.

⁷⁴³ Portanto, um guerreiro que se encontrasse na vanguarda após esta movimentação acabaria na retaguarda e vice-versa (o mesmo aplicava-se aos flancos direito e esquerdo). *Vide.* Anexo III, Esquema 3.

⁷⁴⁴ Cf. Anexo III, Esquema 4.

⁷⁴⁵ Cf. Anexo III, Esquema 5.

⁷⁴⁶ Sir. *Strat.*, 22. 15-30. Os tratados antigos também nos apresentam este género de movimentações mais complexas: Cf. Ascl. *Tact.*, X. 2-12. / Ael. *Tact.*, 24. / Arr. *Tact.*, 21.

⁷⁴⁷ Sir. *Strat.*, 24. 3-11. O erudito estar-se-á a referir, certamente, aos autores dos seguintes excertos: Ascl. *Tact.*, X. 13. / Ael. *Tact.*, 26. / Arr. *Tact.*, 23-24.

fileira em movimento se colocasse de costas para os guardas da retaguarda das restantes colunas que ainda não tinham invertido o sentido; por fim, para executar a contramarcha Córica (também denominada Cretense ou Persa), a unidade permanecia no local, enquanto os líderes das colunas ocupavam a posição dos guardas da retaguarda e vice-versa⁷⁴⁸. Por conseguinte, a contramarcha Macedónica era executada por uma coluna quando um dos seus oficiais (*πρωτοστάτης*) que se encontrava na margem da unidade iniciava a marcha (seguido dos restantes soldados da linha) e posicionava-se à frente do líder da coluna oposta, sendo este procedimento continuado pelas restantes colunas⁷⁴⁹. Caso se iniciasse pela primeira fileira, então seriam todos os *πρωτοστάτης* a avançar, colocando-se voltados para o resto da falange numa linha paralela; de seguida, as restantes fileiras adotavam um percurso semelhante e posicionavam-se atrás desta primeira linha (de forma a que os soldados do flanco direito se mantivessem na mesma ala após a movimentação)⁷⁵⁰. As deslocações da contramarcha Lacónica, caso fossem feitas a partir das colunas da unidade, começavam com um dos guardas da retaguarda (*ούραγός*) que estivesse situado num dos cantos, seguido pelos restantes guerreiros (até ao *πρωτοστάτης* dessa coluna), que se deslocariam de forma a ficarem virados de costas para a coluna inversa⁷⁵¹. Se fosse executada por fileira, então todos os *ούραγός* avançavam formando uma nova linha e, logo a seguir, os restantes guerreiros viravam costas à posição onde se encontravam anteriormente⁷⁵². Em último lugar é-nos descrita a contramarcha Córica, que era realizada por colunas quando o *ούραγός* do flanco direito escoltava os restantes soldados da extremidade da ala por trás dos restantes guardas da retaguarda, enquanto o *πρωτοστάτης* e os seus soldados do lado esquerdo se movimentavam pela frente da falange, tendo ambas as colunas trocado a posição onde se encontravam (o mesmo processo deveria ser repetido para os restantes elementos da unidade)⁷⁵³. Por sua vez, este tipo de contramarcha também podia ser empreendido por fileiras: a composta pelos oficiais da

⁷⁴⁸ Sir. *Strat.*, 24. 11-22. Apesar de ser referido esporadicamente na tratadística militar bizantina (Mauric. *Strat.*, III. 15. / Leo. *Tactica.*, 7. 69. / 12. 74.), este tipo de operações já não seria empregue com frequência, pelo menos com o mesmo formato com que nos foi descrito na literatura antiga. O próprio acesso que os tratadistas dos sécs. X e XI tiveram a estas fontes terá sido condicionado. Cf. HALDON, John – *op. cit.*, 2014, p. 214. / DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1946, pp 145-147.

⁷⁴⁹ Cf. Anexo III, Esquema 6.

⁷⁵⁰ Sir. *Strat.*, 24. 23-36. Este género de contramarcha incutiria no imigo a sensação errada de que o seu adversário estaria a fugir: Ascl. *Tact.*, X. 13. / Ael. *Tact.*, 27. / Arr. *Tact.*, 22-23.

⁷⁵¹ Ou seja, caso a movimentação se iniciasse pelo flanco esquerdo, o último homem da primeira coluna ficaria voltado de costas para o guarda da retaguarda da coluna mais à direita. Vide. Anexo III, Esquema 7.

⁷⁵² Sir. *Strat.*, 24. 37-48. Esta manobra tinha o efeito contrário à contramarcha Macedónica, pois os mavórcios, ao executarem-na, pareciam estar a avançar contra os inimigos que estivessem a atacar a retaguarda. Cf. Ascl. *Tact.*, X. 14. / Ael. *Tact.*, 27. / Arr. *Tact.*, 22-23. / Leo. *Tactica.*, 7. 69. Além disso, este género de movimentação tinha uma variação, visto poder ser iniciada pelos ilarcas e concluída pelos guardas da retaguarda: Sir. *Strat.*, 24. 49-57.

⁷⁵³ Cf. Anexo III, Esquema 8.

coluna, deslocando-se paralelamente ao flanco direito, colocar-se-ia na retaguarda, e os *οὐραγός*, transitando pela ala esquerda, ocupariam a antiga vanguarda (este método deveria ser aplicado às restantes fileiras)⁷⁵⁴. Enfim, os mesmos procedimentos dos movimentos de um soldado (supramencionados) poderiam ser adotados pela falange, que giraria sobre si própria (*ἐπιστροφή*) de maneira a que o corpo armado conseguisse responder eficazmente às adversidades que o rodeavam, especialmente em situações de emergência, que exigissem alterações de direção com pouco espaço⁷⁵⁵. Deste modo, eram vários os movimentos que esta unidade podia adotar: caso se tratasse de duas deslocções consecutivas (*περισπασμός*), na qual a vanguarda passasse a ser a retaguarda (e o flanco direito constituísse o lado esquerdo); de três movimentações para o mesmo lado (*ἐκπερισπασμός*); de quatro, que implicava um regresso à direção original (*ἐπικατάσταςις*); ou de uma inversão da deslocção da falange, que regressava à sua orientação inicial (*ἀναστροφή*)⁷⁵⁶.

Para além destas manobras, que não pressupunham alterações na configuração de uma falange, o autor ainda nos descreve um conjunto de formações que poderiam ser adotadas pelos generais consoante as exigências das circunstâncias. A primeira consistia em mudar o formato da unidade (por exemplo de um quadrado para um retângulo) como forma de combater eficazmente as falanges inimigas; para cada disposição que os oponentes pudessem adotar no campo de batalha, existia uma contra formação adequada⁷⁵⁷. Deste modo, caso a unidade adversária dispusesse uma frente longa, então deveríamos fazer o mesmo, a não ser que a força do ‘nosso’ exército fosse significativamente mais pequena em relação à deles e que o alongamento dos flancos pudesse colocar a coesão da falange em risco⁷⁵⁸. Para além disso, se o inimigo avançasse em pequenas unidades distintas, então a falange deveria dividir-se em duas partes semelhantes (de forma a não ser flanqueada), sendo utilizada a estratégia inversa na situação contrária, ou seja, se o oponente atacasse num único aglomerado, então as falanges deveriam ser unificadas numa só.

Por sua vez, a este género de movimentos está associado um conjunto de conceitos que precisam de ser explicitados, para o melhor entendimento de como é que um comandante

⁷⁵⁴ Sir. *Strat.*, 24. 58-70. Esta manobra é considerada um intermédio entre as outras duas, visto ocupar o solo no qual a falange estava situada antes de executar a contramarcha: Ascl. *Tact.*, X. 15. / Ael. *Tact.*, 27. / Arr. *Tact.*, 22-23.

⁷⁵⁵ Sir. *Strat.*, 23. 3-10. Deste modo, também existem oito mudanças de orientação para a falange, pelo que cada metade corresponde à direção do escudo ou lança.

⁷⁵⁶ Sir. *Strat.*, 23. 11-20. Cf. Ascl. *Tact.*, X. / XII. 1-8. / Ael. *Tact.*, 24. / 31. / Arr. *Tact.*, 21.

⁷⁵⁷ Sir. *Strat.*, 25. 3-5. Este tipo de manobras passavam por juntar diversas colunas ou fileiras numa só, como veremos mais à frente. Cf. Ascl. *Tact.*, X. 17-20. / Ael. *Tact.*, 28. / Arr. *Tact.*, 25.

⁷⁵⁸ Sir. *Strat.*, 25. 8-18. Visto que uma falange demasiado estendida podia ficar com poucas fileiras, sendo portanto mais fácil ao adversário romper sobre elas. Cf. Veg., III. XX.

deveria gerir o que ia sucedendo no campo de batalha. Uma falange podia ser caracterizada como ‘reta’ (*φάλαγξ ὀρθία*) quando adquirisse uma maior profundidade em detrimento da largura, devendo ser utilizada durante a marcha, mas não numa batalha, visto que a profundidade chegava a ser de tal ordem que os soldados que se encontrassem na retaguarda não conseguiriam apoiar a frente de combate⁷⁵⁹. Diversamente, a unidade poderia ser designada oblíqua (*φάλαγξ λοξή*) quando um dos flancos avançava para enfrentar o oponente em combate, enquanto a ala oposta permanecia numa distância menor que a profundidade do outro lado (que constituiu uma nova falange). Este tipo de unidade deveria ser aplicado quando o general pretendesse quebrar a formação cerrada do inimigo; uma das contramedidas que poderiam ser aplicadas contra este género de falange consistia em não atacar o flanco que ficara para trás, centrando-se na ala mais avançada⁷⁶⁰. O comandante também poderia optar por mandar progredir ambos os flancos (*προσταζίς*), de forma a que estes se encontrassem numa posição mais avançada do que a vanguarda da unidade, uma manobra especialmente útil quando não fosse necessário atacar os oponentes com todas as forças, ou quando fosse preciso arremeter os oficiais das colunas adversárias⁷⁶¹. Este tipo de movimentação também deveria incluir tropas ligeiras (particularmente fundibulários) que impedissem que a cavalaria inimiga carregasse eficazmente contra os flancos avançados⁷⁶². Deste modo, a colocação deste género de soldados (nomeadamente arqueiros ou dardeiros⁷⁶³) nas fileiras da falange (*ἐνταξίς*) teria um objetivo semelhante, visto que os guerreiros montados não conseguiriam proteger os seus cavalos dos projéteis arrojados⁷⁶⁴. Além disso, este tipo de guerreiros também podia ser situado atrás dos guardas da retaguarda (*ἐπίταξίς*), nos momentos em que a própria formação

⁷⁵⁹ Sir. *Strat.*, 31. 12-14. / 32. 2-4. Apesar do Siriano não entrar em detalhes, sabemos pelas fontes antigas que este género de formação poderia ser feito de várias formas. Cf. Ascl. *Tact.*, XII. 7. / Ael. *Tact.*, 29. / 35. / Arr. *Tact.*, 26.

⁷⁶⁰ Sir. *Strat.*, 31. 14-16. / 32. 6-16. Deveriam ser selecionados oficiais (ou outros guerreiros competentes) que se deslocassem para o flanco da unidade para que quando a ala avançada do inimigo batesse em retirada fosse mantida a coesão da falange (deste modo, a frente da unidade embateria com a vanguarda adversária, sucedendo o mesmo no caso dos flancos de ambos os exércitos). Cf. Ael. *Tact.*, 29. / Arr. *Tact.*, 26. A batalha de Leuctra (371 a.C.) que opôs os Tebanos de Epaminondas (mais os seus aliados) aos Espartanos é um exemplo paradigmático da eficácia deste género de disposição táctica, algo que nos é atestado nas seguintes fontes: X. *HG.*, VI. IV. 15. / Plu. *Pel.*, XXIII. / D.S., XV. 55. 2. / Polyæn., II. 1. 13.

⁷⁶¹ Sir. *Strat.*, 31. 16-18. / 32. 17-24. Uma das vantagens imediatas desta manobra era a facilidade com que os restantes elementos da falange, especialmente a vanguarda, conseguiam adiantar-se no terreno, visto que os oficiais da unidade inimiga estariam ocupados a combater as tropas que estivessem mais avançadas. Cf. Anexo III, Esquema 9.

⁷⁶² Sir. *Strat.*, 32. 24-30. Para este fim, deveriam ser criados vários espaços vazios entre os mavórcios da falange, de forma a estas tropas ligeiras conseguirem recuar e combater dentro desta formação. A *Disposições Militares dos Gregos* de Eliano chega a definir este movimento como a colocação deste tipo de soldados que arremessavam projéteis à frente da vanguarda da falange, transformando-se estes nos novos ilarcas desta unidade. Cf. Ael. *Tact.*, 17. / 30. / Arr. *Tact.*, 15. / 26.

⁷⁶³ Sir. *Strat.*, 31. 18-20. O autor recomenda que não fossem incluídos fundibulários dentro da formação.

⁷⁶⁴ Sir. *Strat.*, 32. 31-33. Para além disso, esta inclusão ainda permitira alongar a profundidade da falange. Cf. Onos., XIX. / Ascl. *Tact.*, VI. 3. / Ael. *Tact.*, 16. / 30. / Arr. *Tact.*, 14. / 26. Vide. Anexo III, Esquema 10.

tivesse uma profundidade diminuta, sendo portanto viável a estes soldados ligeiros apoiar as tropas da dianteira⁷⁶⁵; ou nos flancos da unidade (*ὕπoταξις*), onde os fundibulários eram especialmente eficazes, caso o inimigo tivesse posicionado a cavalaria nas alas⁷⁶⁶. De forma a conceber uma maior coesão a uma unidade cujas fileiras não se encontravam equidistantes (ocorrência frequente, especialmente devido ao ímpeto de alguns dos soldados, que poderiam tomar a iniciativa), seria igualmente possível fazer progredir os guerreiros das fileiras mais recuadas para preencher estes vazios (*παρεμβολή*)⁷⁶⁷. Esta manobra era especialmente eficaz durante uma *προσταξίς*, ou seja um prolongamento avançado dos flancos, visto permitir duplicar os quantitativos da metade superior da falange (tornando-a mais densa), ou mesmo aumentar o espaço por ela ocupado⁷⁶⁸. Tendo em vista este último propósito, ainda podia ser duplicada a largura de uma unidade (*διπλασιασμός*), através da deslocação de uma fileira inteira para os espaços entre os mavórcios da linha seguinte, ou então para um dos lados dessa linha mais avançada (os mesmos processos eram aplicáveis à profundidade da falange, que devia ser aumentada a partir da deslocação das colunas)⁷⁶⁹. Por outro lado, se a intenção de um general fosse a de flanquear o oponente, então deveria prolongar uma (*ὕπερκέρασις*) ou ambas (*ὕπερφαλάγγησις*) as alas da vanguarda da unidade para além do(s) flanco(s) da falange adversária (este método era particularmente eficiente, caso o exército do comandante fosse mais numeroso do que o do inimigo)⁷⁷⁰. Em caso de emboscada, a unidade deveria formar um quadrado (*πλινθίον*), no qual cada lado deveria possuir o mesmo número de soldados, de forma a combater eficientemente os adversários⁷⁷¹; se não existissem condições para os soldados se disporem dessas formas, então deveria ser adotado um dispositivo oblongo (*πλαίσιον*), com lados irregulares, nos quais todos os soldados se virassem para direções diferentes⁷⁷². Em ambas as situações, as tropas ligeiras deveriam ficar posicionadas ao lado

⁷⁶⁵ Sir. *Strat.*, 31. 20-21. / 32. 33-35. Cf. Onos., XVII. (realça os perigos) / Ael. *Tact.*, 30. / Arr. *Tact.*, 26. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 12. / Leo. *Tactica.*, 4. 61. / 14. 59-60. Vide. Anexo III, Esquema 11.

⁷⁶⁶ Sir. *Strat.*, 31. 21-22. / 32. 35-38. Estas tropas colocar-se-iam um pouco à frente ou atrás da vanguarda da falange, de forma a constituírem uma frente tripla: Ael. *Tact.*, 30. / Arr. *Tact.*, 26. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 12. / Leo. *Tactica.*, 4. 61. Cf. Anexo III, Esquema 12.

⁷⁶⁷ Vide. Anexo III, Esquema 13.

⁷⁶⁸ Sir. *Strat.* 31. 23-25. / 32. 38-41. Cf. Ael. *Tact.* 30. / Arr. *Tact.* 26.

⁷⁶⁹ Sir. *Strat.* 31. 26-33. Processos idênticos são mencionados em: Ascl. *Tact.*, X. 17-20. / Ael. *Tact.* 28. / Arr. *Tact.* 25.

⁷⁷⁰ Sir. *Strat.* 31. 33-38 / 32. 42-54. Siriano ainda nos fornece informações relativas aos mecanismos de defesa contra este género de manobras: caso a falange que estivesse a flanquear fosse composta por infantaria, então a oposição deveria ser feita com as tropas apeadas colocadas nos flancos da unidade; por sua vez, se o ataque fosse composto por uma força de cavalaria, deveriam ser colocadas estrepes no chão e disparadas setas e dardos. Cf. Ael. *Tact.* 49 / Arr. *Tact.* 29.

⁷⁷¹ Sir. *Strat.* 31. 39-42. / 32. 55-65. Deste modo, esta formação seria simétrica, visto que ambas as metades teriam os mesmos quantitativos: Ael. *Tact.* 41

⁷⁷² Sir. *Strat.* 31. 42-48. / 32. 55-65. Portanto, esta formação poderia corresponder a uma falange dupla, tripla ou quádrupla. Cf. Ael. *Tact.* 29 / 44 / Arr. *Tact.* 16.

dos flancos de cada falange e, numa ocasião de emergência, poderiam mesmo recuar para dentro dos espaços vazios (com formato quadrado ou retangular).

Outros três conceitos são apresentados de seguida pelo tratadista: uma falange de duas frentes (*ἀντίστομος*), ou seja, uma unidade que tivesse os oficiais das colunas no topo da vanguarda e da dianteira⁷⁷³; os ilarcas também se podiam colocar em ambos os flancos (*ἀνφίστομος*)⁷⁷⁴; e por último, designava-se de *ἐτερόστομος* quando os líderes se posicionavam em dois flancos unificados⁷⁷⁵. Estas três manobras eram especialmente adequadas ao combate contra falanges quadradas ou retangulares, tanto no momento de interrupção da marcha, como durante a própria peleja. Por fim, a falange dupla poderia ser de dois tipos: unificada, caso as duas formações se unissem (na frente ou na retaguarda) para quebrar a formação adversária; ou dividida, se as duas se alinhassem numa das alas, mas permanecessem diferenciadas, bastante proficientes em ataques conjuntos ao flanco ou frente inimiga⁷⁷⁶.

Além das questões acima abordadas, falta mencionar dois pontos com especial interesse, inseridos na secção tática do *De Re Strategica*: o planeamento, construção e fortificação de um acampamento; e as características dos funcionários de um comandante. Antes de nos debruçarmos sobre o local dos arraiais militares, é necessário colocarmos à consideração do leitor as reflexões de Siriano sobre os oficiais de aquartelamento (*μῆνσορες*)⁷⁷⁷ que exploravam o terreno na testa do exército, de forma a encontrar os locais ideais para montar os acampamentos. Os indivíduos que integravam estes contingentes deveriam conhecer o tipo de forragem adequado para os cavalos, saber como testar a salubridade da água e, acima de tudo, ter a perceção das capacidades e das dimensões do espaço onde projetavam que iria ser edificado o acampamento⁷⁷⁸. Estes grupos deveriam ser

⁷⁷³ Sir. *Strat.* 31. 49-50. / 32. 66-71. Assim, esta falange tinha duas frentes. Cf. Ael. *Tact.* 37-39 / 47 / Arr. *Tact.* 29. / Mauric. *Strat.* XII. B. 15-16. / XII. B. 24. Vide. Anexo III, Esquema 14.

⁷⁷⁴ Sir. *Strat.* 31. 50-51. / 32. 66-71. À semelhança da anterior, a vanguarda da unidade orientava-se para ambos os flancos. Cf. Ael. *Tact.* 38. Vide. Anexo III, Esquema 15.

⁷⁷⁵ Sir. *Strat.* 31. 51-52. / 32. 66-71. Cf. Ael. *Tact.* 42.

⁷⁷⁶ Sir. *Strat.*, 31. 53-63. / 32. 66-78. Esta configuração poderia assumir o formato de uma cunha normal (*ἀνφίστομος*), com os ilarcas num dos flancos e os guardas na retaguarda no outro, ou então, de uma cunha oca (*ἀντίστομος*), com os oficiais das colunas no centro e os *οὐραγοί* em ambos os flancos da formação. Ambas as disposições eram eficazes a quebrar a formação adversária através de ataques combinados. Cf. Ael. *Tact.*, 37-39. / 47. / Arr. *Tact.*, 29. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 15-16. / XII. B. 24.

⁷⁷⁷ Sir. *Strat.*, 26. 3-6. Encontramos este género de soldados noutros tratados militares da Antiguidade Tardia: Veg., II. VII. (*metatores*) / Mauric. *Strat.*, I. 3. / II. 12. Contudo, apesar de aparecer diversas vezes no *Táktika* de Leão VI (Leo. *Tactica.*, 4. 24. / 9. 7. / 12. 43. / 20. 174.), este termo havia caído em desuso no mundo bizantino; no séc. X, estes oficiais eram chamados *minsoratores*: Leo. *Tactica.*, 4. 24-25. / 9. 7. / 12. 43. / 17. 49. / 20. 174. / Foc. *Vel.*, 13. 20-22. / Foc. *Mil.*, 1. 41-50. / 6. 8-14. / Foc. *Prae.*, V. 2. / Our. *Tact.*, 62. 2. Cf. HALDON, John – *op. cit.*, 2003, pp. 156-157.

⁷⁷⁸ Sir. *Strat.*, 26. 6-16. Um pormenor interessante parte das indicações que o escritor dá relativamente à medição do terreno. Esta deveria ser feita, não por cordas, mas por disparos de setas. Relativamente ao reconhecimento de abastecimentos, veja-se: Veg., III. VIII. / Mauric. *Strat.*, I. 9. / Leo. *Tactica.*, 9. 8. Sobre a medição e os cuidados

acompanhados por uma fileira de cada *tágma*, que precisava de levar um estandarte de forma a identificar o sítio designado para a sua unidade no acampamento, após este ser definido pelo esquadrão de aquartelamento. Tendo em vista uma melhor mobilidade, e no caso de serem perseguidos pelos inimigos, os esquadrões deveriam ir montados, e se estivessem em território hostil não poderiam adiantar-se demasiado às falanges do seu exército, de forma a não serem alvo de alguma investida⁷⁷⁹. No momento de montar o acampamento, um primeiro aspeto que deve ser tido em consideração é a necessidade de os soldados de uma coluna comerem e dormirem juntos, numa ou em duas tendas, desenvolvendo assim um espírito de camaradagem entre si, o que aumentaria a coesão de toda a unidade militar na qual se integravam⁷⁸⁰.

A organização do material e das vitualhas dentro de cada tenda deveria ser feita da seguinte maneira: as rações eram colocadas no meio; as lanças eram espetadas no chão, junto aos pés dos soldados (quando estes estavam a dormir); os escudos inclinavam-se na lança com o lado côncavo virado para os guerreiros (para serem fáceis de agarrar); o resto do armamento deveria ser colocado à esquerda do local onde o mavórcio iria dormir⁷⁸¹. Cada tenda deveria ter sistematicamente um sentinela de vigia, como forma de prevenir furtos e, acima de tudo, para acelerar o acordar e a preparação dos guerreiros que estavam dentro das barracas portáteis⁷⁸². Relativamente ao posicionamento dos diferentes tipos de soldados dentro do acampamento, sabemos que as tendas da infantaria deveriam ficar próximas da muralha (garantindo a sua segurança), enquanto a cavalaria teria que montar os seus alojamentos no centro do arraial, tendo em vista a proteção dos cavalos (que ficavam menos vulneráveis aos projéteis que os impugnadores pudessem lançar)⁷⁸³. Durante a construção do acampamento e a montagem das tendas, deveria ser deixado algum espaço para dois caminhos largos que se intersectassem no meio do aquartelamento (de maneira a permitir um melhor trânsito entre os guerreiros) e também para uma outra rua que permitisse ao general fiscalizar as fortificações e

a ter com o terreno para o acampamento, veja-se: Onos., VIII / Veg., III. VIII. / Mauric. *Strat.*, I. 9. / VII. B. 17. / Leo. *Tactica.*, 9. 3. / 9. 7. / 9. 43. / 11. 1. / Foc. *Mil.*, 1. 41-50. / 6. 8-14. / Foc. *Prae.*, V. 2. / V. 5.

⁷⁷⁹ Sir. *Strat.*, 26. 17-27. Baseando-nos nos nossos conhecimentos sobre este assunto, estes excertos parecem-nos inteiramente originais.

⁷⁸⁰ Sir. *Strat.*, 27. 3-10. A mesma ideia é repetida noutros escritos militares: Mauric. *Strat.*, I. 2. / IX. 5. / XII. B. 12. / Foc. *Mil.*, 2.

⁷⁸¹ Sir. *Strat.*, 27. 11-22. O autor também nos apresenta a forma mais célere e eficiente de vestir o equipamento: começavam pelos pés e pernas, depois o peitoral, de seguida a proteção para a cabeça, pegariam na espada, no arco e na aljava e, finalmente, colocariam as proteções dos ombros. Cf. Our. *Tact.*, 62. 3.

⁷⁸² Sir. *Strat.*, 27. 23-26. Cf. Onos., X. (4) / Mauric. *Strat.*, XII. B. 12. (apesar de não especificar se existiria um sentinela por tenda) / Veg., III. VIII. / Foc. *Mil.*, 3.

⁷⁸³ Sir. *Strat.*, 28. 4-10. Esta preocupação também é demonstrada por outros tratadistas bizantinos: Mauric. *Strat.*, XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 16.

os homens que as protegiam⁷⁸⁴. Em cada quarta parte do acampamento (formada pela interseção dos caminhos principais) teriam de ser abertas estradas com a mesma orientação que as principais, devendo estender-se até às muralhas (mas não passar por elas, como forma de precaução relativamente aos espiões⁷⁸⁵). Era igualmente importante formar uma cerca com o equipamento (lanças e escudos) dos guerreiros cujas tendas se encontrassem nas bordas da área do aquartelamento; estes deveriam ser sempre responsáveis por efetuarem tais fortificações improvisadas e pela sua guarda (de forma a ganharem experiência)⁷⁸⁶. Logo depois de terem sido montadas as tendas e de os trabalhadores terem descansado um pouco, era necessário começar a entrincheirar o perímetro do acampamento com uma vala que tivesse aproximadamente um metro e meio⁷⁸⁷ de largura e outro tanto de profundidade⁷⁸⁸. Deste modo, a trincheira e o outeiro teriam um formato quadrangular ou retangular, permitindo que todos os soldados conseguissem atacar o inimigo de forma simultânea (algo que não era possível se o acampamento assumisse uma configuração circular)⁷⁸⁹.

A importância da preparação dos soldados e vigias para ataques noturnos inesperados é outro aspeto bastante realçado pelo tratadista neste capítulo. Assim sendo, os portões do aquartelamento deveriam ser fechados durante a noite, de forma ao oponente não se sentir tentado a atacá-los por constituírem pontos defensivos mais desprotegidos (uma solução eficiente passava por colocar dez sentinelas nas estradas principais, para apanharem qualquer adversário que, mesmo com os portões fechados, conseguisse entrar)⁷⁹⁰. Como forma de dificultar a entrada dos adversários no perímetro do acampamento, deveriam ser colocados estrepes à frente do fosso (numa faixa que tivesse 12,5 m de largura) e, numa posição mais adiantada, poderiam ainda ser enterradas estacas com cordas e sinos, que dariam sinais

⁷⁸⁴ Sir. *Strat.*, 28. 11-17. A necessidade de construir estes caminhos largos é igualmente acentuada por: Mauric. *Strat.*, XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 14-15. / Foc. *Prae.*, V. 4. / Foc. *Mil.*, 1. 128-157 (especifica as medidas destas estradas).

⁷⁸⁵ Sir. *Strat.*, 28. 20-23. / 34-44. O autor acentua por várias vezes a necessidade de colocar poucas saídas no acampamento, de forma a evitar a penetração de espiões. Sobre este assunto, veja-se: Mauric. *Strat.*, XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 20. / Foc. *Prae.*, VI. 2.

⁷⁸⁶ Sir. *Strat.*, 28. 24-33. Esta estratégia (*skoutaroma*), não estando mencionada nos tratados da Antiguidade Tardia, poderá datar somente do período médio bizantino (sendo mais um ponto a favor de uma datação posterior deste tratado): Leo. *Tactica.*, 11. 8. / Foc. *Prae.*, V. 3. / V. 5. / Our. *Tact.*, 62. 3-5.

⁷⁸⁷ Vide. DENNIS, George – *op. cit.*, 1985, p. 91 (n. 1).

⁷⁸⁸ Sir. *Strat.*, 29. 3-7. Por sua vez, a terra deveria ser atirada para o local entre o fosso e a paliçada, de modo a fazer um morro que deveria ter pouco menos de um metro de altura. Cf. Onos., VIII. / Veg., I. XXI-XXII. / Mauric. *Strat.*, VII. B. 13. / XII. B. 22. / Foc. *Mil.*, 1. 88-106.

⁷⁸⁹ Sir. *Strat.*, 29. 7-13. Os mesmos (e outros) formatos são aconselhados noutros escritos, consoante as condicionantes impostas pelo próprio terreno: Veg., I. XXIII. / III. VIII. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 25. / Foc. *Mil.*, 1. 16-29. (com instruções semelhantes às de Siriano).

⁷⁹⁰ Sir. *Strat.*, 29. 18-24. Sobre a importância destes vigilantes: Onos., X. 4 / Mauric. *Strat.*, IX. 5. / XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 8. / Foc. *Vel.*, 15. / Foc. *Prae.*, V. 7. São vários os exemplos em que uma vigilância noturna pouco eficaz ditou a derrota do exército bizantino: MCGEER, Eric – *op. cit.*, 2008 (A), pp. 354-359. Os combates noturnos voltarão a ser desenvolvidos pelo autor, no capítulo 39.

sonoros caso o oponente se aproximasse⁷⁹¹. Outra contramedida consistia na construção de postos de vigia fora do quartelamento, que deveriam ser ocupados por colunas das falanges, nas quais os seus guerreiros vigiariam os arrabaldes e, em caso de ataque, constituiriam uma primeira linha de defesa⁷⁹². Uma última solução para dissuadir ataques protagonizados pelo exército inimigo passava por mandar avançar estrondosamente pela vizinhança, durante o dia, alguns indivíduos de diversos esquadrões. Se, à noite, antes de os portões fecharem, estes mavórcios regressassem ao quartelamento de forma silenciosa e despercebida, o inimigo hesitaria antes de atacar, receando que estes soldados, estando, supostamente além do perímetro do acampamento, os pudessem assaltar pela retaguarda⁷⁹³.

Um último tópico é explorado por Siriano nesta secção do tratado, relacionado com as características dos funcionários do general, assim como com os diferentes tipos de ordens e sinalética, frequentes num corpo armado. Em cada unidade deveriam ser selecionados quatro indivíduos para, caso o comandante se encontrasse impossibilitado, transmitirem as ordens (destes, dois dariam os comandos por voz, um utilizaria a trombeta e o último comunicaria através de sinais). Por sua vez, estas ordens poderiam ser de duas categorias: particulares, caso se cingissem a um número restringido de soldados, geralmente dadas por um oficial específico⁷⁹⁴; e comandos gerais, aclamados pelo arauto do exército⁷⁹⁵. Contudo, é provável que as ordens destes locutores não fossem audíveis durante o combate devido aos inúmeros barulhos, sendo para isso necessário um outro tipo de oficial, encarregado de indicar os comandos através de sinais silenciosos⁷⁹⁶. Por sua vez, caso existisse, durante o combate, um nevoeiro muito denso ou fosse levantado demasiado pó (e os sinais não pudessem ser vistos

⁷⁹¹ Sir. *Strat.*, 29. 25-32. A utilização de estrepes era vulgar no mundo bizantino (*vide* as notas de rodapé 635, 637, 674, 728 e 770), assim como o enterro de estacas na região à volta das tendas: Mauric. *Strat.*, XII. C. 1. / Leo. *Tactica.*, 11. 8. / Foc. *Mil.*, 1. 88.

⁷⁹² Sir. *Strat.*, 29. 33-42. Estes postos possuiriam um fosso e os restantes dispositivos de defesa acima descritos. Por outro lado, estes vigilantes não deveriam ficar acordados toda a noite (sendo feitas patrulhas de dois homens de cada vez). Sobre isto, *vide*: Onos., X. (4). / Polyæn., I. 40. 7. / Mauric. *Strat.*, IX. 5. / XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 14. 30. / 20. 145.

⁷⁹³ Sir. *Strat.*, 29. 43-50. Segundo a pesquisa efetuada (e tendo em conta as informações contidas nos escritos militares que sobreviveram às vicissitudes do tempo), este estratagema parece-nos original, o que nos pode indicar que o autor possuía alguma experiência de vida dentro de acampamentos militares bizantinos.

⁷⁹⁴ Sir. *Strat.*, 30. 3-13. A única menção encontrada a este género de oficiais encontra-se em: Mauric. *Strat.*, XII. B. 11.

⁷⁹⁵ Sir. *Strat.*, 30. 3-13. Este último oficial era bastante importante para a organização e disciplina das unidades do corpo armado, sendo um dos únicos intermediários diretos entre o comandante e os esquadrões: Mauric. *Strat.*, I. 5. / II. 19. / III. 5. / VII. B. 16-17. / XII. B. 7. / XII. B. 11. / XII. B. 14. / XII. B. 17. / XII. B. 19. / XII. B. 24. / XII. D. / Leo. *Tactica.*, 4. 18. / 4. 52. / 12. 56-57. / 12. 85. / 14. 59.

⁷⁹⁶ Sir. *Strat.*, 30. 14-17. A sinalética era frequentemente aplicada durante o combate (e noutras situações) para movimentar as tropas, tal como os seguintes excertos podem confirmar: Veg., III. V. / Mauric. *Strat.*, III. 5. / III. 13-14. / VII. B. 10. / XII. B. 14. / XII. B. 24. / Leo. *Tactica.*, 7. 18. / 7. 49-50. / 12. 88. / 14. 14. / 15. 59.

pelos soldados), as ordens deveriam ser dadas através de uma trombeta que, apesar de mais imprecisa do que os gritos do arauto, se fazia ouvir por todo o exército⁷⁹⁷.

Como se foi verificando ao longo destas passagens relativas a preceitos táticos e a outros assuntos menores, Siriano apoia-se extensamente em escritos militares de duas tradições antigas: a primeira, iniciada com o tratado perdido de Posidônio de Apameia, cujos conteúdos terão inspirado Asclepiódoto e, posteriormente, Arriano e Eliano (e, muito possivelmente, Urbício); a segunda, de uma linha de filósofos militares (sobretudo Maurício e Leão VI) que se basearam em alguns dos preceitos do *General* de Onasandro, introduzindo-lhes conteúdos originais. Relativamente à primeira tradição é complicado estabelecer as relações concretas que o *De Re Strategica* teria com cada um destes tratados, visto que o conservadorismo deste género literário tornou as informações e, especialmente, a nomenclatura de todos estes escritos bastante idênticas⁷⁹⁸. Deste modo, os vários historiadores/classicistas que se debruçaram sobre esta problemática não conseguiram estruturar uma analogia conclusiva entre os vários escritos: Köchly e Rüstow foram os primeiros a apontar alguns dos paralelismos existentes entre o escrito de Siriano e o *Tática Teórica* de Eliano, uma questão retomada, mais recentemente, por Constantin Zuckerman e por Philip Rance⁷⁹⁹; por sua vez, Spaulding afirma que estas passagens teriam sido inspiradas na obra de Asclepiódoto e do próprio Vegécio⁸⁰⁰; já A. Dain assumiu uma posição mais ambígua quanto à influência destes escritos⁸⁰¹. Por outro lado, as semelhanças entre alguns excertos desta secção (relativos à passagem de rios, aos esquadrões de aquartelamento, à construção e protecção do acampamento e a alguns dos funcionários do general) e os textos de

⁷⁹⁷ Sir. *Strat.*, 30. 17-28. Por várias vezes referidos, os corneteiros e trombeteiros eram essenciais para transmitir as ordens do general em situações caóticas (onde os próprios soldados já se encontravam desorganizados e “a olhar cada um para o seu lado”). Cf. Onos., XLI. / Veg., III. VI. (no acampamento) / Mauric. *Strat.*, II. 17. / III. 3. / XII. B. 11. / XII. B. 22. (no acampamento) / Leo. *Tactica.*, 11. 19. / 12. 53. / 12. 83. / 15. 20. / 17. 20. / 19. 45. Porém, é interessante verificar o desdém com que, por exemplo, o imperador Maurício fala deste género de instrumentos de som.

⁷⁹⁸ Deste modo, é difícil determinar, na maioria das passagens, se Siriano terá retirado a informação de apenas uma das três obras (Asclepiódoto, Eliano, Arriano). Vide. RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 65.

⁷⁹⁹ A utilização das definições de Eliano em alguns dos excertos desta secção tática do *De Re Strategica* é sistemática (Sobretudo: Sir. *Strat.*, 31-32. retirados de Ael. *Tact.*, 30-31. / 36-38.), apesar de Siriano não se coibir de alterar a ordem de alguns conceitos fixada no *Tática Teórica* e de interpolar capítulos claramente inspirados na tradição de Onasandro. Cf. ZUCKERMAN, *op. cit.*, 1990, pp. 217-219. Philip Rance aponta as afinidades linguísticas e fraseológicas de ambos os tratados, crendo que, de facto, Siriano ter-se-á inspirado no texto de Eliano: RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 73-79.

⁸⁰⁰ *Idem, Ibidem.*, pp. 65-66.

⁸⁰¹ Afirmando que o escritor se terá inspirado em pelo menos um dos três: DAIN, A. – *op. cit.*, 1967, p. 343.

Onasandro e, por conseguinte, de Maurício e de Leão VI, ainda constituem uma área de investigação praticamente virgem, que necessita de ser mais explorada⁸⁰².

III.III. – Expressões máximas da originalidade do *De Re Strategica* (caps. 33-47)

Longe de seguir um fio temático contínuo, a última parte do *Sobre Estratégia* (designada por Rance como a secção ‘epitomada’⁸⁰³) aborda aspetos diversos da guerra terrestre, relacionados com o campo de batalha, com um conjunto de diretivas e precauções que deveriam ser acatadas no momento da campanha e com o papel desempenhado pelos arqueiros do corpo armado durante o conflito. No primeiro capítulo desta parte do tratado, Siriano começa por recomendar ao leitor que, enquanto se preparava para o combate, deveria procurar conhecer as forças do inimigo, através de espiões, de desertores e de estratagemas vários (por exemplo, com o envio de uma embaixada)⁸⁰⁴. Só depois de possuir informações concretas sobre o exército adversário é que o general deveria decidir se tomava a iniciativa de combater, ou se era mais apropriado recuar e esperar por uma situação mais vantajosa. Por sua vez, a sua ponderação teria que se basear nos seguintes critérios: em primeiro lugar, tinham que ser considerados os quantitativos de ambos os exércitos⁸⁰⁵; em segundo lugar, deveria avaliar-se a qualidade dos soldados, ou seja, se eram corajosos e se possuíam aptidões físicas e marciais; por fim, também era preciso analisar o seu armamento e moral⁸⁰⁶. Deste modo, se o exército do comandante apresentasse uma condição mais favorável, então o general deveria tomar uma atitude ofensiva, tendo todavia atenção a possíveis ataques de surpresa, ou a outro tipo de problemas que o oponente lhe poderia causar (visto que, segundo o autor, as forças mais numerosas poderiam ser derrotadas por um exército menor⁸⁰⁷). Por outro lado, caso o

⁸⁰² Relativamente a estas pareências, recordemos os comentários de John Haldon ao *Taktiká* de Leão VI (obra na qual são feitas algumas dessas comparações), a tese de doutoramento de Philip Rance e um conjunto de artigos já supracitados que se debruçam sobre a datação do tratado e a identificação do seu autor.

⁸⁰³ Cf. RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, pp. 79-81.

⁸⁰⁴ Sir. *Strat.*, 33. 3-5. A utilização deste género de artimanhas, assim como de espiões e desertores, serão mais à frente explorados pelo autor (nomeadamente nos caps. 41-43.).

⁸⁰⁵ Sir. *Strat.*, 33. 6-8. São vários os tratados militares que recomendam cuidados com o tamanho e com as movimentações da hoste inimiga e que incitam à realização de estimativas antes do conflito: Arr. *Alan.*, 1. / Veg., III. VI. / Mauric. *Strat.*, IX. 5. / Leo. *Tactica.*, 17. 73-81. / Foc. *Vel.*, 2. 20-31.

⁸⁰⁶ Sir. *Strat.*, 33. 6-12. Estas instruções já se encontram (mais ou menos desenvolvidas) noutros escritos militares antigos, bizantinos ou romanos: Onos., XXX. / Veg., III. IX. / Mauric. *Strat.*, VII. A. 3. / Leo. *Tactica.*, 13. 3.

⁸⁰⁷ Sir. *Strat.*, 33. 12-15. As reticências que o autor coloca quanto ao avanço do exército poderão demonstrar a sua preferência por táticas defensivas. Contudo, encontramos excertos bastante idênticos em: Mauric. *Strat.*, VII.

corpo armado do líder militar fosse mais exíguo, era preferível evitar a batalha, a menos que a sua pátria estivesse ameaçada e que o facto de não combater trouxesse grandes perigos aos seus concidadãos⁸⁰⁸. Nestas situações, não podiam ser adotadas medidas drásticas e incautas, de tal forma que caso a batalha fosse diurna, dever-se-ia optar por posicionar o exército num local estreito que protegesse os flancos e/ou a retaguarda⁸⁰⁹. Em contrapartida, durante a noite, o comandante podia efetuar ataques noturnos, especialmente nos momentos de descanso do adversário⁸¹⁰. Em cenários mais invulgares, em que as forças de ambos os lados eram equivalentes, o chefe militar não deveria combater até o opositor ter perdido alguma vantagem, sendo várias as circunstâncias que poderiam ser aproveitadas: por exemplo, se o oponente tivesse terminado uma marcha longa e estivesse fatigado, então o comandante devia atacar⁸¹¹; o mesmo se procederia se estiverem a montar o acampamento⁸¹²; outra forma consistia em desgastar psicologicamente o adversário durante a noite com gritos e com barulho; todavia, o melhor momento, segundo o filósofo militar, seria quando o corpo armado se encontrasse dividido à procura de provisões, pois as várias unidades, seguindo itinerários diferentes, estariam mais vulneráveis⁸¹³.

Com efeito, na circunstância de se desenrolar efetivamente um combate entre as tropas do general e o inimigo, eram várias as formações que poderiam ser adotadas, dependendo dos condicionalismos do terreno e, sobretudo, da disposição que os oponentes apresentassem. Destarte, se os adversários se organizassem numa falange com quantitativos semelhantes aos do exército do general, então os soldados também se deveriam dispor numa única unidade (aplicava-se o mesmo princípio a formações mais complexas)⁸¹⁴. Por sua vez, se o corpo

A. *prf.* / Leo. *Tactica.*, 14. 31. Nestas passagens, é-nos apresentado o exemplo da batalha de Maratona, em que (segundo o escritor) 4 000 atenienses derrotaram 200 000 Persas: Hdt., VI. 110-117.

⁸⁰⁸ Sir. *Strat.*, 33. 16-17. / 42-47. Se realmente a situação fosse crítica e o general fosse obrigado a enfrentar um corpo armado em combate, então deveria investir apenas no crepúsculo, para que quando perdesse a batalha pudesse debandar sem ser perseguido pelo inimigo (que não iria no seu encalço por causa da escuridão).

⁸⁰⁹ Sir. *Strat.*, 33. 20-23. A utilização de desfiladeiros para batalhas e emboscadas era recorrente, segundo a informação que dispomos de outra literatura militar, apesar de por vezes ser desaconselhável: Veg., III. XXVI. / Mauric. *Strat.*, VIII. 2. (20-21). / Leo. *Tactica.*, 18. 128. / 20. 64. / Foc. *Vel.*, 3-6. / 11. / 17. / 20-23.

⁸¹⁰ Sir. *Strat.*, 33. 23-24. As investidas e batalhas noturnas serão desenvolvidas pelo tratadista no capítulo 39 do *De Re Strategica*.

⁸¹¹ Sir. *Strat.*, 33. 27-28. Cf. Mauric. *Strat.*, IX. 1. / Leo. *Tactica.*, 17. 5. / 17. 18. / 17. 60. / Foc. *Vel.*, 3. 45-58.

⁸¹² Sir. *Strat.*, 33. 28-30. A vulnerabilidade dos soldados enquanto montavam os aquartelamentos era um problema que merecia muita atenção por parte dos generais: Veg. III. VIII. / Mauric. *Strat.* XII. B. 22. / Leo. *Tactica.* 17. 50.

⁸¹³ Sir. *Strat.*, 33. 33-41. Segundo o texto, Belisário destruíra as provisões da área por onde o exército iria passar, de modo a obrigá-los a dividirem as suas unidades que se tornavam um alvo fácil para o comandante bizantino. Sobre estes ataques: Mauric. *Strat.*, VII. A. *prf.* / X. 2. / Leo. *Tactica.*, 12. 106.

⁸¹⁴ Sir. *Strat.*, 34. 3-10; no caso de duas, de três ou mesmo de quatro falanges. Apesar de ser pensado para formações mistas (ou seja, de infantaria e cavalaria), o *Stratēgikón* de Maurício dá-nos algumas informações que poderão ser aplicáveis em determinados casos descritos por Siriano: Mauric. *Strat.*, XII. A. 1-7. Relativamente às formações mais complexas, compostas apenas por infantaria, veja-se: Mauric. *Strat.*, XII. B. 11. / XII. B. 19-20.

armado bizantino fosse superior ao do inimigo, então poder-se-ia prolongar a largura da unidade, de forma a que os soldados da retaguarda tivessem uma maior proficiência no campo de batalha e a que um flanqueamento simples ou duplo fosse facilitado⁸¹⁵. Em contextos desta natureza, o comandante também poderia dispor as tropas numa falange dupla, capaz de envolver unidades pouco numerosas; contudo, atente-se para os perigos de cercar completamente o adversário, visto que o desespero dos mavórcios poderia incrementar a sua bravura⁸¹⁶. Uma última recomendação descrita neste capítulo passava por colocar os guerreiros numa única unidade, de forma a minimizar os danos de emboscadas e de situações em que os oponentes atacavam a partir de diversas direções (neste caso, os oficiais da coluna deveriam ser posicionados nos locais que estavam a ser visados)⁸¹⁷. Contrariamente, se os adversários fizessem convergir o seu ataque numa direção apenas, o general deveria colocar a falange apeada no centro do exército e a cavalaria nos flancos (de forma a mais facilmente perseguirem os soldados em fuga e regressarem à sua posição original)⁸¹⁸. Em diversas ocasiões, vários chefes militares optaram por posicionar as tropas montadas no centro da formação, conquanto, não só este local nevrálgico é desadequado para executar cargas, como se pode tornar inacessível no decorrer da batalha, especialmente se as diversas unidades dos oponentes concentrarem as suas acometidas num único ponto⁸¹⁹. Desta maneira, se os cavaleiros ligeiros se situassem nos flancos, conseguiriam acosar os soldados em fuga, devendo ser seguidos de perto pela infantaria e pela cavalaria pesada, que constituíam um refúgio providencial caso as tropas montadas ligeiras fossem contra-atacadas e tivessem que recuar⁸²⁰. Por seu turno, o posicionamento da infantaria ligeira (dardeiros, arqueiros, fundibulários, entre outros) oscilava consoante a circunstância: se a falange possuísse uma profundidade alongada, então este género de mavórcios deveria situar-se nos flancos (de forma a não acertarem nos guerreiros do seu próprio exército)⁸²¹; quando a formação apeada era caracterizada pela sua ampla largura, os soldados lançadores de projéteis poderiam

⁸¹⁵ Sir. *Strat.*, 34. 10-14. Sobre as medidas tomadas pelas hostes bizantinas contra os flanqueamentos (neste caso de cavalaria): Mauric. *Strat.*, III. 5. / Leo. *Tactica.*, 7. 34.

⁸¹⁶ Sir. *Strat.*, 34. 15-23. Relativamente às falanges duplas e à sua utilidade no campo de batalha na guerra bizantina veja-se: Mauric. *Strat.*, XII. B. 20. / Leo. *Tactica.*, 7. 57-59. / 7. 61. / 9. 65. / 14. 76. Para os métodos pelos quais era possível duplicar a falange, veja-se a nota 776.

⁸¹⁷ Sir. *Strat.*, 34. 18-21. Cf. Onos., XXI. Para formações mistas: Mauric. *Strat.*, XII. A. 7.

⁸¹⁸ Sir. *Strat.*, 35. 4-8. Sobre a posição da cavalaria na falange, consulte-se: Ascl. *Tact.*, VII. 1. / Ael. *Tact.*, 20. / Arr. *Tact.*, 18. / Mauric. *Strat.*, XII. A. 1-7. / Leo. *Tactica.*, 14. 61.

⁸¹⁹ Sir. *Strat.*, 35. 8-20. O convergir de tantos mavórcios propiciaria uma maior confusão e o levantamento de mais poeira, dificultando a visibilidade da cavalaria. O recurso a tais obstáculos visuais era comum na literatura militar: Fron. *Str.*, II. II. 7. / Polyæn., IV. 6. 13. / VIII. 23. 12. / Veg., III. XIV. / Mauric. *Strat.*, VIII. 2. (39) / Leo. *Tactica.*, 20. 108.

⁸²⁰ Sir. *Strat.*, 35. 19-23. Na parte do compêndio dedicada à oratória militar, o autor também nos apresenta uma ideia semelhante: Sir. *Ret.*, 41. 3-4. Cf. Mauric. *Strat.*, XII. B. 13. / Leo. *Tactica.*, 14. 62.

⁸²¹ Sir. *Strat.*, 35. 24-29. Quanto ao posicionamento das tropas ligeiras nos flancos (ὑπὸ τὰ ἄξια), veja-se a nota 766.

localizar-se na retaguarda, sendo certo que a sua atividade causaria grandes baixas às primeiras linhas do inimigo⁸²². Ora a utilização de equipamento ligeiro não se cingia a este género de soldados, visto que os guerreiros das falanges também deveriam possuir um arco para utilizarem contra cargas de cavalaria (o autor recomendava que os soldados das duas primeiras fileiras disparassem contra os cascos dos cavalos e que os restantes praticassem um tiro com um maior ângulo). Por sua vez, para impedir o avanço da infantaria inimiga (que observava o avanço das nossas unidades a pé) era preciso colocar alguns dos cavaleiros à frente das falanges, causando no adversário a impressão de que o general pretendia investir contra estas tropas montadas⁸²³. Se o estratagema funcionasse, a infantaria pesada voltava a pousar as lanças e pegava nos arcos, acertando facilmente nos oponentes que, entretanto, se tinham colocado em situação precária⁸²⁴.

Inversamente, se o exército do general não conseguisse sustentar a carga do inimigo e tivesse que recuar, então era recomendada a fuga para um terreno elevado, de forma a dificultar a perseguição dos oponentes (se estes insistissem e comesçassem a escalar o relevo, deveriam ser arremessados fundíbulos e outros projéteis)⁸²⁵. Caso não fosse possível recuar para um terreno com estas características, então seria imprescindível organizar o corpo armado em duas ou três falanges (todas com a mesma orientação) que deveriam ficar alinhadas com uma distância entre si equivalente à largura das suas frentes. Nestes intervalos deveriam ser colocadas duas ou três fileiras que, mantendo-se numa linha reta, criariam a impressão no inimigo de que toda a hoste estava organizada numa única falange contínua (esta ilusão ótica era mais eficaz se as dianteiras estivessem num terreno mais elevado do que a retaguarda). Com a aproximação do adversário, as unidades teriam que avançar de forma a que as fileiras isoladas ficassem alinhadas com a retaguarda, de tal maneira que os soldados inimigos que avançassem sobre os intervalos apenas encontrariam um vazio, sendo facilmente apanhados no fogo cruzado. Ciente da controvérsia que uma alteração desta natureza das linhas de combate poderia causar na disciplina e no moral dos soldados destas divisões, o

⁸²² Sir. *Strat.*, 35. 29-34. Sobre a colocação deste tipo de soldados na retaguarda (*ἐπίταξις*) consulte-se a nota 765. A importância destes guerreiros ainda é acentuada em: Veg., II. XVII. / III. XVII.

⁸²³ Sir. *Strat.*, 36. 3-16; estes regressariam depois à posição original. Apesar da utilização de arcos e projéteis pela infantaria pesada se encontrar bem documentada na tratadística bizantina (veja-se a nota seguinte), não são feitas menções a este tipo de ataques simulados.

⁸²⁴ Sir. *Strat.*, 36. 16-20. Repare-se no lapso do autor, que na 1.ª parte do capítulo mencionara que só os soldados das duas primeiras fileiras é que deveriam disparar contra os cascos dos cavalos, mas diz agora que as três linhas iniciais da unidade devem efetuar uma tal operação. Cf. Mauric. *Strat.*, XII. A. 7. / XII. B. 16. / Leo. *Tactica.*, 7. 55.

⁸²⁵ Sir. *Strat.*, 37. 3-12. O processo deveria ser repetido diariamente até o exército conseguir fugir. Esta estratégia recorda alguns comentários dos tratados militares bizantinos sobre fugas dissimuladas: Mauric. *Strat.*, IV. 3. / 14. 39-41. / 15. 5. / 18. 37. / 19. 54-56. / 20. 24. / Foc. *Prae.*, 2. 3-5. / 2. 7.

autor realça a necessidade de ser efetuado um aviso prévio a todos os guerreiros, para que este género de manobras não quebrasse a coesão do grupo e pudesse ser executado eficazmente⁸²⁶. Duas últimas prevenções teriam de ser tomadas pelo comandante, quando a batalha se tornava iminente⁸²⁷: a deslocação de pequenos contingentes montados (compostos por cavaleiros notabilizados pela sua coragem e experiência militar) para esconderijos a três ou quatro quilómetros da retaguarda das falanges, para que, no caso de derrota, os soldados (especialmente os apeados) conseguissem escapar com o mínimo dano possível à perseguição dos adversários vitoriosos⁸²⁸; e a distribuição de estrepes pelos guerreiros da retaguarda, que os atiraria no momento da fuga para os locais por onde passariam os seus perseguidores⁸²⁹.

Após estas breves descrições dos tipos de formações mais adequados para determinados contextos do conflito, são-nos explanados alguns postulados que teriam de ser seguidos pelos comandantes que tivessem a oportunidade de executar ataques noturnos ao oponente, ou que tivessem de se defender deste género de assaltos. O tratadista começa por expressar a sua indignação perante os lapsos que a população, no geral, cometia ao considerar este género de ataques simplistas, não exigindo qualquer tipo de preparação prévia. Ora, sabemos pelo *De Re Strategica* (assim como por outros tratados militares)⁸³⁰ que estas operações deveriam ser cuidadosamente organizadas, devendo ser apenas executadas por soldados que se voluntariassem e que fizessem um juramento ao seu general: os guerreiros afirmavam a sua disponibilidade para enfrentar a morte, caso a situação o exigisse; o comandante comprometia-se a entregar as recompensas devidas se o assalto fosse realizado com sucesso (caso os soldados morressem, estes prémios deveriam ser entregues aos seus herdeiros)⁸³¹. Estes soldados deveriam ainda ter experiência neste tipo de operações, sendo

⁸²⁶ Sir. *Strat.*, 37. 13-43. Não deixa de ser curioso verificar que Vegécio não considera prudente alterar as fileiras dos soldados desta maneira após o início da batalha (Veg., III. XIX.). Claro está que se tratava de uma situação especial, em que o próprio exército já se encontrava em fuga e procurava soluções (algo desesperada) para resistir ao ímpeto do inimigo.

⁸²⁷ É interessante notar que, ao contrário de outros tratadistas militares, que exploram algumas diretrizes que deveriam ser seguidas pelo general em momentos vitoriosos (Onos., XXXVI. (1). / Veg., III. XXV. / Mauric. *Strat.*, VII. B. 11. / VIII. 1. 32. / Leo. *Tactica.*, 14. 21-23. / 16. 2. / 16. 13-14.), o autor apenas dedica um capítulo a aspetos que o general deveria ter em consideração após uma derrota, negligenciando a primeira temática. Sobre este segundo tópico veja-se: Th., VII. LX. 5. / LXI. 2-3. / LXVI. 3. / Onos., XXXVI. (1-2). / Mauric. *Strat.*, VII. B. 11. / Leo. *Tactica.*, 14. 15.

⁸²⁸ Sir. *Strat.*, 38. 4-21. É realçada a importância destes destacamentos não serem demasiado numerosos (não participando diretamente no combate, só estariam a retirar força ao exército). Para além disso, caso a fuga fosse realizada num descampando, estes cavaleiros nem precisariam de combater, colocando-se somente à vista dos perseguidores, que teriam tendência para abrandar com a chegada de reforços. Este género de tática foi descrita por outros pensadores militares: Mauric. *Strat.*, IV. 1-2. / Leo. *Tactica.*, 14. 37-38.

⁸²⁹ Sir. *Strat.*, 38. 21-27. A importância destes instrumentos, nesta e noutras ocasiões, foi por várias vezes explicitada pela literatura militar: Cf. nota de rodapé 791.

⁸³⁰ Sir. *Strat.*, 39. 3-5. Cf. Mauric. *Strat.*, IX. 1-2. / Leo. *Tactica.*, 17. 10-25. / Foc. *Vel.*, 20. 80-86. / 24.

⁸³¹ Sir. *Strat.*, 39. 5-12. Sobre juramentos na guerra bizantina (entre adversários ou compatriotas) veja-se: Mauric. *Strat.*, VIII. 1. (37). / IX. 1. / XI. 3. / Leo. *Tactica.*, 14. 17. / 18. 40. / 18. 42. / 18. 45. / 20. 39.

conhedores da localização do acampamento inimigo (e das zonas dentro deste onde estavam estacionadas a infantaria e cavalaria) e dos seus melhores acessos⁸³². Uma terceira adenda é feita em relação aos condicionalismos e vantagens que o clima poderia causar nestes ataques: se a lua fosse visível, então deveria adiar-se o assalto, visto que a sua luz poderia denunciar os ‘nossos’ mavórcios (contudo, as estrelas visíveis de um céu aberto eram essenciais para apurar o sentido de orientação do destacamento)⁸³³; por outro lado, se o firmamento estivesse enublado, tinham que ser selecionados indivíduos que dominassem as estradas e locais da região, pelo que estes, para uma melhor visibilidade, levariam uma lanterna no topo das suas lanças⁸³⁴. O resto do armamento destes guerreiros consistia num escudo que cobria praticamente todo o corpo e em proteções de ferro nos pés (e especialmente na sola, por causa dos estrepes e das estacas⁸³⁵) e junto às canelas. Era também recomendado enviar destacamentos atrás destas unidades, para aumentar o moral dos soldados que executariam este assalto e incutir-lhes o medo da punição em caso de fuga⁸³⁶. Por sua vez, alguns contingentes deveriam aproximar-se do aquartelamento inimigo tocando trombetas e outros sons que dessem a impressão de que todo o corpo armado se aproximava, podendo também alguns guerreiros disfarçados gritar por socorro na linguagem dos adversários, de forma a confundi-los e a separar as suas forças⁸³⁷.

Outra estratégia distinta desenvolvida por Siriano correspondia à realização de emboscadas, uma prática frequente entre os Árabes e os Romanos (seus contemporâneos⁸³⁸),

Relativamente às recompensas aos soldados, consulte-se: Aen. *Tact.*, X. 15. / Onos., XXXIV. / Sir. *Ret.*, 45. 5-6. / Mauric. *Strat.*, II. 9. / VIII. 2. / X. 4. / XII. D. / Leo. *Tactica.*, 12. 20. / 16. 2-5. / 20. 192. / Const., Texto C. 501-511 / 536-547.

⁸³² Sir. *Strat.*, 39. 13-18. Este tipo de batedores são recorrentemente mencionados noutros escritos militares: Mauric. *Strat.*, IX. 5. / Leo. *Tactica.*, 17. 56. / 17. 76-88. / Foc. *Vel.*, 2.

⁸³³ Sir. *Strat.*, 39. 19-24. Eram vários os contextos em que os soldados olhavam para o céu, buscando orientação Cf. Onos., XXXIX. 1-3. / Plb., IX. 14. 5. a 18. 7. / Mauric. *Strat.*, IX. 2. / Leo. *Tactica.*, 15. 36. / 17. 16. / 19. 2. / Sir. *Nau.*, 5. 1-3.

⁸³⁴ Sir. *Strat.*, 39. 24-30. Apesar de Siriano apresentar uma descrição destes ataques parecida à encontrada no *Taktiká* de Leão VI e no *Stratēgikón* de Maurício, a menção a estas lanternas (cobertas de couro preto e branco em quatro lados) parece-nos original dentro do *corpus* da polemografia antiga e bizantina que sobreviveu. São raras as referências encontradas a fachos, e dizem respeito aos guardas-noturnos dos acampamentos: Polyaen., I. 40. 3. / Leo. *Tactica.*, 20. 145.

⁸³⁵ Sir. *Strat.*, 39. 30-33. Sobre a importância destas proteções nestes soldados *vide* o capítulo 16 deste tratado, assim como: Mauric. *Strat.*, IX. 2. / Leo. *Tactica.*, 17. 14-15. / Foc. *Vel.*, 4 (apesar de passar um pouco ao lado desta questão).

⁸³⁶ Sir. *Strat.*, 39. 33-35. Cf. Mauric. *Strat.*, IX. 2. / Leo. *Tactica.*, 17. 21.

⁸³⁷ Sir. *Strat.*, 39. 36-46. Estratégias semelhantes são indicadas em: Mauric. *Strat.*, IX. 2. / Leo. *Tactica.*, 17. 20. Nas últimas linhas deste excerto, o tratadista volta a atentar na necessidade de se deixar uma rota de fuga aos adversários, para que estes, no desespero de estarem cercados, não lutassem ainda mais ferozmente; esta era uma prática relativamente comum nas descrições de este género de fontes: Polyaen., II. 1. 4. / Leo. *Tactica.*, 17. 19. / Foc. *Vel.*, 24.

⁸³⁸ Sir. *Strat.*, 40. 3-9. Como já foi dito, esta passagem tem gerado muita controvérsia entre a bizantinística moderna, e alguns autores (incluindo Dennis) têm vindo a aproveitá-la para justificar uma datação para o compêndio na Antiguidade Tardia. *Vide* nota 606.

cuja eficácia não era potencializada, visto ser raro o corpo armado inimigo que, ao ver um pequeno destacamento de soldados a provocá-lo, o perseguisse sem suspeitar da proximidade de unidades adversárias de maior envergadura. Por estas razões, os contingentes que realizassem este género de artimanhas deveriam dar a impressão de se encontrarem naquela posição por acaso, de forma a conseguirem enganar os inimigos, que se sentiriam tentados a atacar⁸³⁹. As unidades prontas para emboscarem os mavórcios iludidos teriam que se situar em esconderijos com uma proximidade que permitisse aos guerreiros responderem rapidamente às cargas da cavalaria adversária, sem com isso comprometerem a fuga dos seus congéneres⁸⁴⁰. Para tornar a simulação de fuga mais plausível, os guerreiros do general deveriam abandonar parte do seu equipamento, nomeadamente as bainhas das espadas (com um chapeamento de lata que se assemelhava à cor da prata) e os alforjes, de modo a atrair os inimigos imprudentes que, acreditando no pânico artificial do adversário, avançariam desorganizadamente⁸⁴¹. Contrariamente, se os oponentes preparassem uma emboscada sobre a qual o chefe militar obtivesse informações (a partir de desertores ou espões), então deveria ser enviada uma unidade que, no momento do assalto, pudesse realizar uma contraemboscada⁸⁴²; caso não tivesse conhecimento desta operação, o líder deveria conter as suas tropas, impedindo-as de perseguir os adversários em fuga ou mantendo a ordem durante a perseguição⁸⁴³.

Deste modo, era frequente e recomendável os exércitos e as cidades bizantinas acolherem desertores, que constituíam fontes de informação imprescindíveis para o reconhecimento do terreno e do inimigo, assim como para a identificação de emboscadas e de outras operações desta natureza⁸⁴⁴. Contudo, estes fugitivos precisavam de ser observados

⁸³⁹ Sir. *Strat.*, 40. 10-13. Por exemplo, esta unidade deveria apresentar-se numa formação irregular, causando a impressão de que não estaria disposta a combater. Cf. Mauric. *Strat.*, IV. 5. / Leo. *Tactica.*, 14. 53-57. / Foc. *Vel.*, 17. 42-60. (recomendava-se que não se atacassem os perseguidores que também possuísem formações irregulares e baixos quantitativos).

⁸⁴⁰ Sir. *Strat.*, 40. 13-18. O autor frisa a necessidade de não colocar estes destacamentos demasiado perto dos adversários, para que, no momento da zaragata, os soldados bizantinos não combatassem contra um corpo armado muito concentrado. Outros escritos bizantinos, para além deste aspeto, destacam a importância da coordenação de movimentos entre os contingentes: Mauric. *Strat.*, III. 16. / IV. 4. / Leo. *Tactica.*, 14. 49-52. / Foc. *Vel.*, 17. 18-41. / 84-104.

⁸⁴¹ Sir. *Strat.*, 40. 19-28. Muitos dos oponentes ficariam para trás a recolher os bens que se encontravam no solo, sendo frequente o aparecimento de conflitos entre os mavórcios inimigos pela obtenção e divisão destes materiais. Este género de situações era ideal para os destacamentos do comandante atacarem os perseguidores.

⁸⁴² Sir. *Strat.*, 40. 29-33. Acerca do reconhecimento deste tipo de operações, veja-se: Onos., X. 15. / Veg., III. VI. / Mauric. *Strat.*, IX. 3. / Leo. *Tactica.*, 17. 32.

⁸⁴³ Sir. *Strat.*, 40. 33-38. Era igualmente recomendado enviar um destacamento que pudesse apoiar a força que seguia no encalço dos oponentes. Estas e outras recomendações podem ser encontradas nas seguintes passagens: Onos., XI. / Leo. *Tactica.*, 14. 37-39.

⁸⁴⁴ Sir. *Strat.*, 41. 3-5. O tratamento recomendado pela literatura militar para estes indivíduos varia consoante os excertos: Onos., XIV. (2). / Polyæn., II. 1. 6. / Mauric. *Strat.*, VIII. 1. (42). / Leo. *Tactica.*, 13. 5. / 14. 25. / 17. 32.

sistematicamente; para esse fim, era necessário colocar os mais destacados dentro das cidades (a menos que fossem alvo de alguma suspeita de andarem a recolher informação) e afastar das urbes os desertores de condição inferior (mesmo que tivessem sido mutilados pelos seus compatriotas)⁸⁴⁵. O autor ainda alerta para os perigos de receber tributos que incluíssem escravos, visto que estes, após entrarem na cidade, poderiam muito bem ajudar o inimigo a capturá-la⁸⁴⁶. À semelhança dos desertores, a função dos espões também passava por providenciar inculcas acerca do inimigo, que pudessem trazer qualquer género de vantagem ao comandante ou, por sua vez, permitissem evitar contratempos e ataques de surpresa indesejáveis⁸⁴⁷. Deste modo, se o general tivesse conhecimento de antemão dos preparativos dos seus oponentes para uma invasão contra o seu território, então teria tempo de assegurar a segurança das cidades e das zonas rurais e, posteriormente, poderia recrutar e preparar o seu exército, estudar as possíveis rotas de invasão e identificar os locais mais propícios para a realização de emboscadas ou de combates campais⁸⁴⁸. Caso o oponente se estivesse a preparar para atacar outros povos vizinhos, o general poderia aproveitar a situação para executar raides nos territórios fronteiriços⁸⁴⁹, especialmente se não fosse o único a valer-se desta situação⁸⁵⁰.

Após esta breve clarificação da importância dos espões para o reconhecimento do território e das atividades dos inimigos, é-nos indicado o *modus operandi* deste género de especialistas. Antes de partirem numa missão, cada um deveria falar confidencialmente com um associado próximo, estabelecendo para o efeito um local público (por exemplo um mercado onde se reuniam muitos estrangeiros) onde as suas ações passariam, mais facilmente, despercebidas⁸⁵¹. Estes profissionais (inteligentes, conhecedores dos costumes e da língua

⁸⁴⁵ Sir. *Strat.*, 41. 5-11. Sobre estes falsos desertores, veja-se: X. *Eq. Mag.*, IV. 7-8. / Polyæn., II. 1. 3. / Mauric. *Strat.*, VII. 1. (11 e 42). / Leo. *Tactica.*, 17. 13. / 17. 32. / 20. 15. / 20. 44.

⁸⁴⁶ Sir. *Strat.*, 41. 12-15. O exemplo dos 300 Persas contido nesta passagem (cujas origens não conseguiram ser identificadas por George Dennis) também se encontra no *Rhetorica Militaris*: Vide nota 533.

⁸⁴⁷ Sir. *Strat.*, 42. 3-8. Com nomenclaturas diferentes noutros tratados bizantinos, estes indivíduos eram fundamentais para a segurança do próprio corpo armado. Cf. Leo. *Tactica.*, 4. 26. / 17. 80. / 18. 132. / Foc. *Vel.*, 6. 12. / 10. 101. / 14. 82-84. / Foc. *Mil.*, 18. 22-33.

⁸⁴⁸ Sir. *Strat.*, 42. 5-14. Relativamente ao cuidado de enviar frequentemente espões para tomar conhecimento das movimentações do inimigo, veja-se: Mauric. *Strat.*, VII. A. 3. / Leo. *Tactica.*, 13. 3.

⁸⁴⁹ Sir. *Strat.*, 42. 14-17. A perspectiva de vir a adquirir riquezas gerava, nestas e noutras ocasiões (de guerra religiosa, por exemplo), muitos voluntários militares, sendo certo que a distribuição justa do botim tornava-se um dos principais incentivos para os soldados Cf. Onos., XXXIV. / Leo. *Tactica.*, 16. 2-5. / 18. 126. / Sir. *Ret.*, 45. 5-6.

⁸⁵⁰ Sir. *Strat.*, 42. 17-19. No entanto, o escritor recomenda ao general que não se envolvesse em situações de guerra civil, visto que os vários contendores juntavam-se frequentemente para derrotar o exército invasor.

⁸⁵¹ Sir. *Strat.*, 42. 20-28. A deteção de espões era, para os tratadistas militares, uma questão premente, de tal modo que o aproveitamento do cosmopolitismo dos mercados para as suas atividades constitui, na tratadística militar bizantina, uma ideia sem precedentes: CHRISTIDES, Vassilios – “Military Intelligence in Arabo-Byzantine Naval Warfare” in *Tó εμπόλεμο Βυζάντιο*, Atenas: Institute for Byzantine Studies, 1997, pp. 270-271. Sobre a identificação de espões Cf. Polyæn., III. 13. 1. / V. 28. 2. / Veg., III. XXVI. / Mauric. *Strat.*, XII. B. 22. / Leo. *Tactica.*, 11. 20. / 17. 89-91. / 20. 216. / Foc. *Prae.*, VI. 1.

estrangeira e viajantes experientes) não deveriam possuir a mesma nacionalidade do inimigo que andavam a espiar, razão pela qual os seus familiares tinham de viver dentro do império bizantino para que o agente não se sentisse tentado a virar-se contra os seus compatriotas. O autor ainda acrescenta que quando os espões chegavam ao território hostil, não podiam ter contacto com os prisioneiros de guerra bizantinos (para não levantarem suspeitas ou poderem ser reconhecidos), mantendo preferencialmente contacto com pessoas simples e desligadas dos grandes centros de poder⁸⁵². A espionagem também poderia ser desenvolvida através de embaixadas que, na perspectiva de Siriano, deveriam ser recebidas honrosamente, tendo todavia de ser tomadas precauções para com os seus emissários, que poderiam procurar informação junto das populações locais⁸⁵³. Caso os embaixadores fossem oriundos de países distantes sem fronteira com o império, então, por todos os meios, deveriam ser mostradas todas as coisas boas de Bizâncio (o mesmo poderia fazer-se com as nações vizinhas, mas fracas); por outro lado, no caso de os mensageiros pertencerem a um Estado rico e pujante, não era recomendável realçar a riqueza e as mulheres do império, sendo mais pertinente mostrar os ‘nossos’ exércitos e muralhas⁸⁵⁴. Deste modo, os embaixadores, para causarem uma boa impressão, tinham de ser selecionados pela sua religiosidade, integridade e inteligência, e deveriam ser bravos o suficiente para se disporem a arriscar as suas vidas e teriam que aceitar ansiosamente as missões a que estavam destinados⁸⁵⁵. Acima de tudo, estes mensageiros tinham de ser empreendedores, tirando partido de todas as oportunidades mas não colocando demasiada pressão sobre os seus hóspedes, a não ser que tivessem sido encarregados de o fazer⁸⁵⁶. Em suma, estes emissários teriam de ser testados antes de

⁸⁵² Sir. *Strat.*, 42. 29-41. Qualidades semelhantes atribuídas aos espões podem ser encontradas em: Mauric. *Strat.*, IX. 5.

⁸⁵³ Sir. *Strat.*, 43. 3-9. Algumas passagens do tratado de Eneias evidenciam a forma digna com que estas embaixadas deveriam ser tratadas: Aen. *Tact.*, X. 11-12.

⁸⁵⁴ Sir. *Strat.*, 43. 9-13. Eram vários os aproveitamentos associados a estes emissários, sendo recomendado o máximo de prudência possível quando o general os recebia: Polyae., IV. 6. 2. / Mauric. *Strat.*, VIII. 1. (33). / IX. 1. / Leo. *Tactica.*, 17. 5. / 20. 33. / 20. 219.

⁸⁵⁵ Sir. *Strat.*, 43. 14-29. Siriano utiliza de seguida dois *exempla*. O primeiro relativo à embaixada de Marco Atílio Régulo a Roma, para tentar estabelecer a paz entre a República e Cartago, tendo jurado regressar a África se os Romanos não aceitassem a paz. Ora, foi o próprio Régulo que convenceu os Romanos a não aceitarem um acordo que, segundo ele, era desvantajoso, algo que não o impediu, no entanto, de regressar a Cartago, onde foi torturado (Cic. *Off.*, III. 99)... De seguida, é evocado um exemplo contrário ao da integridade de Régulo: trata-se de um físico egípcio famoso que, numa embaixada ao rei persa, conseguiu enfurecê-lo de tal forma que este decidiu atacar e conquistar o Egipto (Hdt., III. 1.). Desta forma, os mensageiros deveriam ser graciosos, nobres e generosos, falando com o máximo de respeito possível aos seus compatriotas e inimigos.

⁸⁵⁶ Sir. *Strat.*, 43. 30-42. Nestas linhas, o autor dá mais um exemplo (sem especificar personagens) de um embaixador que foi enviado com presentes numa missão diplomática a um Estado vizinho e amigo. Quando foi recebido, apercebeu-se de que esta nação apoiava um inimigo do seu país, de tal forma que decidiu já não oferecer os presentes, exprimindo apenas a sua amizade para com os governantes. Segundo o autor, esta atitude é repreensível, visto que a oferta de, pelo menos, uma parte dos presentes poderia ter diminuído a hostilidade camuflada entre as duas nações.

seguirem numa missão, sendo para isso apresentada uma lista de tópicos com várias situações hipotéticas que os futuros embaixadores tinham de considerar e resolver.

Como já vimos, o *De Re Strategica* termina abruptamente com quatro pequenos capítulos (*περὶ τοξείας*) dedicados aos princípios do tiro com arco (a pontaria, a força e a velocidade), assim como a algumas indicações para o treino dos soldados que desejassem ficar exímios na utilização desta arma⁸⁵⁷. A sua eficácia realçar-se-ia quando os guerreiros se posicionassem para se oporem aos inimigos, mas também em momentos de fuga ou de perseguição. Deste modo, estes mavórcios poderiam disparar contra alvos imóveis ou em movimento, enquanto eles próprios permaneciam no mesmo local, ou, por sua vez, logriam deslocar-se disparando setas a oponentes que se encontravam estacionados ou em movimento. Claro está que as características e qualidades do tiro dependeriam da circunstância em que se encontrasse o militar e o alvo: por exemplo, o disparo era mais preciso quando os guerreiros se encontravam numa só posição a combater contra inimigos que estivessem imóveis; era menos exato se os mavórcios se movimentassem, enquanto combatiam com um alvo parado; contudo, o maior grau de imprecisão ocorria quando os arqueiros (*hirtos* ou em *cinesia*) arremessavam as suas setas contra um oponente em movimento⁸⁵⁸. Relativamente aos arqueiros montados, aconselhava-se que, num contexto de fuga ou de perseguição, disparassem em direções opostas, ou seja que o perseguidor arremessasse as suas setas contra os soldados que se encontravam em debandada e que estes guerreiros disparassem contra aqueles que os apossavam. Por sua vez, a infantaria, tanto na perseguição como na fuga, deveria disparar obliquamente, apesar de geralmente estes soldados falharem o tiro lateral quando o alvo se encontrava em movimento pelos flancos⁸⁵⁹. Seguidamente, o autor indica várias formas de retesar o arco, começando por explicar o tiro “mediterrânico” (utilizado frequentemente no mundo ocidental), em que os arqueiros puxavam a corda com os três dedos do meio da mão⁸⁶⁰, e o tiro mongol (também designado por “oriental” ou “romano”), que consistia em esticar a corda do arco com o indicador e o polegar (pressionando um dos dedos

⁸⁵⁷ Sir. *Strat.*, 44. 3-4. A introdução feita a esta temática denota influências de tratados militares árabes que apresentavam estes três preceitos para o tiro com arco (aos quais se juntava a autodefesa): LATHAM, J. D. & PATERSON, R. N. – *Saracen Archery: An English Version and Exposition of a Mameluke Work on Archery* (ca. A.D. 1368), Londres: The Holland Press, 1970, p. 5.

⁸⁵⁸ Sir. *Strat.*, 44. 4-10. Certamente que a eficácia destes soldados também dependeria do seu treino, que, no período médio bizantino, aparenta ter sido várias vezes negligenciado: Leo. *Tactica.*, 6. 5-6. / 11. 41.

⁸⁵⁹ Sir. *Strat.*, 44. 11-17. Sobre o tiro destes soldados montados e apeados na tratadística antiga e bizantina, veja-se: Arr. *Tact.*, 4. 5. / Mauric. *Strat.*, I. 1. / XII. B. 3. / Leo. *Tactica.*, 7. 3-4.

⁸⁶⁰ Sir. *Strat.*, 44. 18-19. Esta maneira de esticar a corda do arco era bem utilizada pelos arqueiros apeados, conferindo um tiro mais preciso, mas menos potente. Cf. CASCARINO, Giuseppe - *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*, São Marino: Il Chierchio, 2013, pp. 15-16.

com o outro)⁸⁶¹. A aprendizagem destes e de outros tipos de disparo poderia constituir uma vantagem determinante, visto que, quando cansassem os dedos que utilizavam para retesar a corda, poderiam alternar a manobra sem interromper a cadência do disparo⁸⁶². Para além disso, a corda poderia ser repuxada para a zona atrás da orelha (o que tornava o tiro mais potente), do pescoço (menos forte) ou do peito (o que era menos recomendável)⁸⁶³. O tipo de disparo a que o autor dá preferência é, claramente o tiro mediterrânico, que obrigava a cavalaria e a infantaria a dispararem de lado, sendo deste modo mais eficazes contra os escudos dos adversários do que se optassem pelo disparo dito “romano”⁸⁶⁴.

Ora, para os guerreiros ficarem proficientes neste género de manobras, é descrito um conjunto de práticas a serem adotadas durante o treino, que variavam consoante as valências que precisavam de ser potencializadas. Deste modo, caso o general sentisse a necessidade de aumentar a precisão do tiro dos seus soldados, deveria aumentar progressivamente a dificuldade do alvo durante os exercícios, começando por lhe diminuir a largura, em seguida a altura, e, por fim, conferia-lhe um formato redondo⁸⁶⁵. Estes alvos (sólidos ou ocos) poderiam ter buracos de diferentes dimensões (os maiores começariam a disparar dos maiores para os menores), sendo certo que os exercícios mais avançados exigiriam o tiro contra objetos em movimento (bolas ou outros materiais que pudessem ser puxados por cordas), ou então contra animais⁸⁶⁶. Por sua vez, se o propósito do treino fosse aumentar a potência do disparo, então o comandante teria de distribuir arcos que dificultassem o retesar das suas cordas, ou então arcos longos que exigissem que a corda fosse puxada mais atrás⁸⁶⁷. A melhor forma de incentivar os recrutas a adestrarem-se neste género de armas passava por incutir o espírito de

⁸⁶¹ Sir. *Strat.*, 44. 19-21. Que permitia uma cadência de tiro mais elevada e potente (face a uma menor interferência com a corda no momento de lançar a seta). Cf. AMATUCCIO, Giovanni – *op. cit.*, 1996, pp. 74-75.

⁸⁶² Sir. *Strat.*, 44. 21-23. Cf. BIVAR, A. – “Cavalry Equipment and Tactics on the Euphrates River” in *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 26, 1972, p. 285.

⁸⁶³ Sir. *Strat.*, 44. 24-30. Nestas últimas linhas, Siriano refere as Amazonas que, não possuindo a força necessária para puxar a corda o mais para trás possível, disparavam com a mão localizada no peito, sendo obrigadas a queimar um dos seios: D.S., II. 45. 3. Considerando este género de situações, vários escritores recomendam a utilização de proteções: Veg., I. XX. / Mauric. *Strat.*, I. 2. / Leo. *Tactica.*, 6. 2. / 6. 13. / 6. 22.

⁸⁶⁴ Sir. *Strat.*, 44. 31-36. Este corolário (que servia para os combates convencionais e para os momentos de fuga ou de perseguição) só poderia ser quebrado se o objetivo dos guerreiros fosse acertar nos cascos dos cavalos inimigos. É curioso verificar que esta predileção contrasta com o enfoque que outras obras concedem às restantes manobras de tiro: Procop. *Pers.*, I. 18. 30. / Mauric. *Strat.*, I. 1. / XII. B. 3.

⁸⁶⁵ Sir. *Strat.*, 45. 3-9. A primeira mudança gradual na largura permitia ao principiante criar uma margem de erro horizontal pela qual se pode orientar. Por sua vez, a diminuição da altura já pressupõe alguma experiência adquirida: Cf. AMATUCCIO, Giovanni – *op. cit.*, 1996, p. 77.

⁸⁶⁶ Sir. *Strat.*, 45. 10-18. Recordamos que a caça poderia cumprir funções propedêuticas para a guerra, como muito bem nos atestam as seguintes passagens: X. *Cyn.*, XII. 1-4. / Mauric. *Strat.*, XII. D.

⁸⁶⁷ Sir. *Strat.*, 46. 3-5. Assim sendo, o peso destas armas seria muito maior do que o dos arcos de madeira descritos por Vegécio: Veg., I. XV.

competição durante os treinos⁸⁶⁸, algo que deveria ser feito através da construção de um disco balístico que indicaria a força de cada tiro. De forma a funcionar rigorosamente, este aparelho deveria possuir uma haste (bem assente numa base) com um disco de madeira preso na horizontal, que teria desenhado mais de 360 raios. No centro desta circunferência deveria ser colocada uma cavilha circular, na qual se colocaria (não de forma muito rígida ou solta) uma placa de madeira redonda (com pelo menos meio metro de diâmetro) que representaria o alvo. Após estar preparada a máquina, os guerreiros poderiam disparar, com pontas de setas que não estivessem afiadas, contra a placa de madeira, fazendo-a rodar sob a cavilha, de forma às linhas do disco indicarem a força do disparo⁸⁶⁹. Para aumentar a cadência dos tiros dos recrutas, o chefe militar deveria selecionar um mavórcio que fosse proficiente nesta área, e este, após ser executada uma sinalética pré-estabelecida, teria que disparar uma salva de flechas contínua, de forma a demonstrar o exercício aos seus companheiros. De seguida, os outros participantes deveriam disparar contra o mesmo alvo com setas identificadas, para que quando tivesse terminado a atividade (através de outro sinal previamente acordado), pudessem ser contadas as flechas, de modo a determinar quais tinham sido os indivíduos com as cadências mais rápidas⁸⁷⁰. Outro método de treino, especialmente eficaz no desenvolvimento do tiro em movimento, consistia em mandar um soldado competente nesta matéria disparar as suas setas enquanto se movia numa linha reta; quando parasse, deveriam ser recolhidas as setas e posicionados marcadores nestes locais, que constituiriam uma primeira linha. A uma distância aproximada de 56 metros desta direção eram estabelecidos outros marcos, sobre os quais os recrutas teriam de disparar as suas setas em movimento, tendo como ponto de referência os primeiros marcadores colocados no chão⁸⁷¹.

Como uma leitura breve destes últimos parágrafos pode demonstrar, a última secção do *De Re Strategica* demonstra a capacidade do autor para interpolar vários aspetos da arte bélica bizantina e antiga com considerações de natureza sociopolíticas, criando um texto cujo conteúdo é verdadeiramente polimático. Se esta característica contribui, em parte, para uma leitura mais atenta do leitor, também despoleta uma série de problemas hermenêuticos que se verificam, sobretudo, em questões relacionadas com as influências de outros escritos militares

⁸⁶⁸ Sir. *Strat.*, 46. 5-6. Poderemos conjecturar que uma das melhores formas de fomentar a competitividade entre os soldados passaria pela realização de batalhas simuladas, cujas descrições são frequentes na literatura militar: Onos., X. 4-5. / Mauric. *Strat.*, III. 5. / VI. / XII. B. 2-3. / XII. B. 14. / XII. B. 17. / Leo. *Tactica.*, 7. 3. / Foc. *Prae.*, I. 10. / IV. 10.

⁸⁶⁹ Sir. *Strat.*, 46. 7-21. Um esquema deste aparelho pode ser encontrado em: AMATUCCIO, Giovanni – *op. cit.*, 1996, p. 79.

⁸⁷⁰ Sir. *Strat.*, 47. 3-15. Nestas passagens, é mais uma vez acentuado o espírito de competição entre os guerreiros, que deveria vigorar neste género de exercícios: *Vide* nota 868.

⁸⁷¹ Sir. *Strat.*, 47. 16-27. Note-se que esta era a distância máxima que um tiro com precisão poderia alcançar.

e com a inserção destes capítulos numa linha de tradição literária mais antiga. Exemplo máximo deste tipo de problemas são os excertos dedicados ao treino dos arqueiros (cujos precedentes na tratadística antiga e bizantina são desconhecidos ou mesmo inexistentes⁸⁷²), que poderiam, face ao seu conteúdo aparentemente original, representar um pequeno texto militar isolado que o autor decidiu incorporar no compêndio⁸⁷³. Para além disso, o próprio crescimento da tendência de Siriano no sentido de justificar as ideias que enuncia através de *exempla* poderá indicar uma maior variedade de fontes que terá consultado para elaborar estas passagens, o que por sua vez explicaria a escassez de referências diretas entre estes excertos e os outros tratados militares antigos e bizantinos.

⁸⁷² Alphonse Dain procurou, sem grande sucesso, associar estes últimos capítulos a um tratado militar perdido, anterior ao séc. VI, intitulado “de bonne facture”: DAIN, Alphonse – *op. cit.*, 1967, p. 338.

⁸⁷³ Até o seu posicionamento atual dentro do tratado é discutível, visto ser mais lógico (como sugeriu Köchly) estes capítulos situarem-se logo após o armamento (Sir. *Strat.* 16.): RANCE, Philip – *op. cit.*, 1993, p. 79.

Conclusão

Como verificámos ao longo desta dissertação, se as disciplinas da literatura militar (*Taktiká*, *Stratēgiká*, *Poliorkētiká*, *Naumachiká*, *Stratēgēmata*) têm contornos concretos e facilmente delineáveis, a sua incorporação em diversos tratados militares antigos e bizantinos pode, por vezes, tornar-se algo ambígua. Por sua vez, o conservadorismo terminológico em muitas das passagens da tratadística militar bizantina (o *De Re Stratategica* é um bom exemplo disso) criavam um desfasamento entre a teoria desenvolvida por estes eruditos e a realidade militar bizantinas. Não obstante estas características, é igualmente possível encontrarmos uma série de excertos bastante exemplificativos do *modus operandi* da guerra bizantina coeva, sendo certo que esses elementos textuais consubstanciam-se em pontos de análise imprescindíveis para a delimitação de marcos cronológicos mais específicos para cada um dos tratados.

Relativamente à seleção dos tratadistas militares neste período cronológico tão extenso, procurámos sobretudo tentar estabelecer as principais linhas de tradição dos escritos militares antigos que, de forma geral, influenciariam e determinariam a produção literária em Bizâncio. Deste modo, à *Poliorkētiká* defensiva inaugurada por Eneias ‘o Tático’, poderemos acrescentar o *Sobre as Fortificações de um Acampamento* e o *De Obsidione Toleranda*, assim como um conjunto de capítulos menores que figuram em tratados mais abrangentes (dos quais destacaremos os caps. 9-13 do *Sobre Estratégia*). Por outro lado, a guerra de cerco ofensiva, nas suas várias vertentes (construção de artilharia, estratégias para atacar uma cidade), foi o tema central de um maior número de tratados, sendo iniciada com a *Poliorcética* e a *Construção de Artilharia* de Filo de Bizâncio (claro está que não excluimos a possibilidade da existência de outros tratados mais antigos perdidos), expandindo-se ao longo dos séculos com outros trabalhos sublimes de Bítion de Pérgamo, Héron de Alexandria, Ateneu ‘o Mecânico’, Vitruvius (de forma um pouco mais subsidiária) e de Pseudo-Héron de Bizâncio.

Outra vertente da cultura escrita dedicada à guerra terrestre que merece ser aqui destacada é a *Taktiká* que, incidindo sobre as várias formações e disposições que um corpo armado pode adotar num campo de batalha, teve na figura de Asclepiódoto (ou, se quisermos, de Posidónio de Apameia) o seu primeiro precursor. Este género literário é, muito possivelmente, aquele em que melhor se revela um determinado conservadorismo terminológico; os tratadistas do período imperial romano que se dedicaram a estes aspetos (Eliano e Arriano), assim como alguns filósofos de guerra bizantinos (mais uma vez importa destacar Siriano e a sua secção tática, mas também poderemos falar, até um determinado

ponto, de vários capítulos do *Stratēgikón* de Maurício e do *Taktiká* de Leão VI) limitam-se a introduzir ligeiras alterações aos conceitos originais. Claro está que isto não implica uma falta de originalidade, visto podermos defender que a própria seleção e adaptação que Siriano *Magistros* efetua destas definições consiste, só por si, num possível acrescento inédito à tratadística militar bizantina (omitindo os aspetos que consideraria obsoletos e acrescentando a informação julgada necessária).

Verdadeiramente inovadora dentro deste campo literário, a *Stratēgiká* debruça-se sobre os axiomas que o general deveria adotar em determinadas circunstâncias, constituindo um dos principais pontos de interesse do *Sobre Estratégia* na secção batizada por Philip Rance como “epitomada”. Fundada por Onasandro com o seu *Stratēgikós*, esta disciplina, devido sobretudo à sua natureza multifacetada, foi a predileta de muitos escritores militares do mundo bizantino (caso de Maurício, de Leão VI e de Siriano *Magistros*), marcando insistentemente os contornos dos tratados mais importantes do universo cultural medieval e, diga-se de passagem, moderno. Deste modo, tanto o *Stratēgikón* como a *Taktiká* incorporam grande parte dos preceitos militares dos escritos de Onasandro (que, partindo da perspetiva do general, tocam em aspetos táticos e da poliorcética, assim como apresentam vários estratagemas a serem aplicados em situações idealizadas).

Outro campo do saber militar antigo desenvolvido inicialmente por Frontino e por Polieno (que escreveram duas obras homónimas, intituladas *Estratagemas*), explora, normalmente através de *exempla* e de *anécdotas*, várias *ruses de guerre* que poderiam e deveriam ser aplicadas em diversas ocasiões. Ora, os trabalhos destes dois autores foram, sem dúvida nenhuma, bastante populares, tanto no mundo ocidental (caso dos *Estratagemas* de Frontino, que, contudo, ficaram frequentemente na sombra da *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio) como em Bizâncio, onde os *Estratagemas* de Polieno foram, recorrentemente, copiados e ajustados aos interesses de cada contexto (relembremos a adaptação mais famosa deste trabalho, denominada *Hypotheseis*). Deste modo, é possível identificar um conjunto de excertos dos vários escritos bizantinos que tenha bebido na sabedoria deste autor, sem que, porém não introduzissem novos contornos a esta disciplina, como muito bem nos demonstra o *De Velitatione Bellica*, atribuído a Nicéforo II Focas.

A estes escritos mais teóricos precisa de ser acrescentada uma série de obras narrativas que, pela sua riqueza e pertinência, marcaram fortemente o modo como o homem medieval e, mais concretamente, o bizantino percecionava a guerra. Referimo-nos a Tucídides (por ser o precursor deste género de narrativas que introduzem conceitos bélicos teóricos), Diodoro Sículo, Júlio César, Tito Lívio, Procópio de Cesareia e muitos outros que, face às

limitações que tivemos no acesso a algumas destas fontes, não puderam figurar na primeira parte desta dissertação. Assim sendo, são vários os excertos de obras de escritores bizantinos que, influenciados pelo grande movimento enciclopedista que marcou largamente o renascimento cultural dos sécs. IX a XI, incorporaram exemplos deste género de obras, utilizando-os para corroborar as suas ideias e, sobretudo, para conferir aos seus trabalhos uma certa legitimação (recorrendo a esses autores antigos como a verdadeiras *auctoritas*).

Um último apontamento para a *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio que, apesar de em certos momentos seguir alguns modelos já estilizados, introduz vários aspetos inovadores ao campo da ciência militar, sendo o primeiro a tentar conciliar as cinco disciplinas numa única obra. A influência que este autor teve no mundo ocidental já foi alvo de imensas monografias e estudos, contudo, menos conhecidos são os pontos em comum que podem ser estabelecidos entre esta obra e a tratadística militar bizantina. É certo que os escritos mais emblemáticos da sabedoria bélica do Oriente se apoiaram, frequentemente noutro género de obras (algo que nos é atestado pela inexistência de cópias do tratado de Vegécio nos manuscritos que conservaram a maioria destes opúsculos militares); no entanto, a *Epitoma Rei Militaris* não deixou de determinar, ou pelo menos de influenciar, os contornos de alguns dos excertos de uma parte dos tratados militares bizantinos. Tomemos o exemplo do *De Re Strategica*, em que é possível encontrar alguns paralelos com Vegécio, sobretudo no que toca às formações táticas, a alguns estratagemas utilizados (por exemplo para atravessar um rio), ou à utilização de armadilhas (especialmente estrepes e estacas de madeira), entre outros tópicos.

Passando agora a pormenores mais específicos e relativos aos aspetos formais do tratado de Siriano *Magistros*, consideramos ser importante reter que, apesar das dúvidas respeitantes à datação, autoria, existência e estrutura de um compêndio eclético (que abordasse, de uma forma mais ou menos detalhada, todas as disciplinas da literatura militar), já é possível estabelecer alguns critérios que permitem formular propostas viáveis e bastante prováveis. O esforço que a bizantinística das últimas décadas tem efetuado nesse sentido permite-nos afirmar, com alguma confiança, que os três tratados constituiriam de facto um único manual que, ou nunca chegou a ser completado, ou então, por motivos que nos são quase alheios, foi desintegrado nas suas inúmeras cópias dos séculos X e XI (algo que não deixa de ser possível, visto que estes copistas serviam os seus próprios critérios temáticos). Por sua vez, a comparação de vários elementos textuais destes três escritos (sobretudo do *De Re Strategica*) com outras obras militares do segundo período de produção literária bizantina, tem vindo a comprovar que, de facto, os critérios apontados pela bizantinística mais antiga para justificar a sua inserção no reinado de Justiniano precisam de ser revistos, visto

assentarem em lógicas algo falaciosas e em aspetos que isoladamente poderão não ter qualquer valor. Por sua vez, a ideia de que o autor destes tratados seria um “stratège en chambre” precisa de ser ponderada com cuidado, visto que, como algumas passagens do *Sobre Estratégia* demonstram, Siriano possuiria uma certa experiência militar.

Longe de ser um tratado meramente convencional, o *De Re Strategica* apresenta vários fatores de inovação relativamente ao género clássico dos manuais táticos, os quais passam, desde logo, pela sua introdução *sui generis*, que desenvolve aspetos da sociedade romana tardia. É certo que ele próprio obedece a muitos *topoi* literários pré-estabelecidos por Asclepiódoto e, posteriormente, por Eliano e Arriano; todavia, como já dissemos, a própria seleção e adaptação destas informações não deixa de ser inovadora. Neste aspeto a secção ‘epitomada’ inclui muitos dos momentos mais inspirados do autor, introduzindo ideias completamente inovadoras no que à preparação da batalha e ao tratamento dos principais agentes de informação diz respeito. Contendo um especial interesse, a última parte do tratado, relativa às várias formas de disparo do arco e ao seu treino, constitui uma secção sem antecedentes na literatura militar bizantina e antiga e, acima de tudo, poderá evidenciar uma datação mais tardia face à sua possível inspiração em manuais árabes, cujo acesso se intensificou no período médio bizantino.

Deste modo, esta obra constitui, sem qualquer dúvida, uma fonte de estudo imprescindível para quem queira entender como é que o homem bizantino percecionava a guerra que, mais do que uma manifestação cultural material, pressupunha uma doutrinação escrita, definidora do seu *modus operandi*. É certo que muitos bizantinistas têm vindo a discutir, nos últimos anos, o desfasamento que existiria entre as representações escritas e a prática da guerra medieval no universo bizantino. Parece-nos a nós que a existência desta discrepância se deve, sobretudo, à necessidade dos eruditos militares em incorporar passagens de outros escritos antigos, de forma a enriquecerem o seu texto, tornando-o mais viável e pertinente, mesmo que para isso fosse necessário abdicar de alguma da sua coerência. Ora, esta ideia pode ser, até certo ponto, justificável se compararmos as estruturas e o encadeamento lógico dos manuais mais generalistas (*Stratēgikón, Taktiká, De Re Strategica*) escritos por indivíduos diretamente ligados aos centros do poder imperial ou administrativo (atente-se que, no caso de Siriano, esta relação mantém-se discutível) com os opúsculos de generais bizantinos (casos do *De Velitatione Bellica* ou do *Praecepta Militaris*) que, neste sentido, são mais originais.

Um último apontamento breve para a importância que um trabalho deste género poderá ter, na nossa maneira de ver, para o desenvolvimento da historiografia portuguesa. A

influência que este género de escritos exerceu nos primeiros tratados militares modernos (especialmente italianos) que, por sua vez, marcaram claramente as poucas obras militares portuguesas do séc. XVI, permite-nos estabelecer alguns pontos de contato entre a tratadística greco-romana e a literatura bélica portuguesa dos inícios da Modernidade. Para além disso, este género de trabalhos tem um potencial imenso no âmbito dos Estudos Clássicos, visto que, longe de possuírem somente conteúdos teóricos, incorporam uma miríade de exemplos retirados de obras com um teor mais narrativo (conferindo-lhes uma componente mais prática) que não só enriquecem o texto, como permitem também estabelecer alguns dos contornos da pervivência clássica no mundo medieval. Em suma, pretendemos com esta dissertação demonstrar as vantagens, atrevemo-nos a dizer infindáveis, que um estudo sistemático deste género de manuais antigos e bizantinos poderá acarretar para a historiografia e para os estudos portugueses da história e da cultura clássicas.

Bibliografia

Fontes:

ANÓNIMO (A) – *Sobre Assuntos Militares*. Texto, tradução e comentários: GIARDINA, Andrea – *Anonimo, Le Cose Della Guerra*, Scrittori Greci e Latini, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1989.

ANÓNIMO (B) – *Como Resistir a um Cerco*. Texto, tradução e comentários: SULLIVAN, Denis – “A Byzantine Instructional Manual on Siege Defense: The *De Obsidione Toleranda*” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 139-266.

ARRIANO – *Expedição*. Texto, tradução e notas: ROBSON, E. Iiff – *Arrian in Two Volumes*, Vols. I e II, Loeb Classical Library, Nº. 236 e 269, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1966-67 (reimpressão, 1ª ed. 1929-1933).

ARRIANO – *Ciência Tática*. Tradução parcial e comentários: HYLAND, Ann – *Training the Roman Cavalry: From Arrian’s Ars Tactica*, Londres: Grange Books, 1993, pp. 69-88.

ARRIANO – *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos*. Texto, tradução e comentário: GILLIVER, C. M. – *The Roman Art of War*, Gloucestershire: Tempus Publishing, 1999, pp. 178-180.

ASCLEPIÓDOTO – *Teoria Tática*. Texto, tradução e comentário: HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 (reimpressão, 1ª ed. 1923).

ATENEU – *Sobre Máquinas de Cerco*. Texto, tradução e comentário: WHITEHEAD, D. & BLYTH, P. H. – *Athenaeus Mechanicus: On Machines translated with introduction and commentary*, Historia Einzelschriften, Nº. 182, Estugarda: Franz Steiner, 2004.

BÍTON – *Construção de Armas de Cerco e Artilharia*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 65-103.

BIZÂNCIO, Filo de – *Construção de Artilharia*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 105-185.

BIZÂNCIO, Filo de – *Poliórcética*. Texto, tradução e comentário: GARLAN, Yvon – *Recherches De Poliórétique Grecque*, Paris: Ecole Française d'Athènes, 1974, pp. 279-404.

CÁSSIO, Dião – *História de Roma*. Texto, tradução e comentário: CARY, Earnest – *Dio’s Roman History in Nine Volumes*, Vol. I-IX, Loeb Classical Library, Nº. 32, 37, 53, 66, 82-83, 175-177, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1914-1927.

CÉSAR, Júlio – *Guerra Civil*. Texto, tradução e comentário: PESKETT, A. G. – *Caesar: The Civil War*, Loeb Classical Library, Nº. 39, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1928 (reimpressão, 1ª ed. 1914).

CÉSAR, Júlio – *Guerra da Gália*. Texto, tradução e comentário: EDWARDS, H. J. – *Caesar: The Gallic War*, Loeb Classical Library, Nº. 72, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1958 (reimpressão, 1ª ed. 1917).

CÍCERO – *Sobre os Deveres*. Texto, tradução e notas: MILLER, Walter – *Cicero: De Officiis*, Loeb Classical Library, Nº. 30, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: The Macmillan Co., 1913.

CÍCERO – *Brutus*. Texto, tradução e notas: Hendrickson, G. L. – *Cicero, Brutus*, Loeb Classical Library, Nº. 342, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1971.

CONSTANTINO VII, imperador – *Discursos militares*. Texto, tradução e notas: HALDON, John – *Constantine Porphyrogenitus, Three Treatises on Imperial Military Expeditions*, Corpus Fontium Historiae Byzantinae, Vol. XXVIII, Viena: Academia austríaca de Ciência, 1990 [com os textos A, B e C] & MCGEER, Eric – “Two Military Orations of Constantine VII” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 111-135 [com os textos D e E].

DAMASCO, Apolodoro de – *Poliorcética*. Texto, tradução e notas: WHITEHEAD, D. – *Apollodorus Mechanicus: siege matters (Πολιορκητικά)*, Historia Einzelschriften 216, Estugarda: Franz Steiner, 2010.

ELIANO, Cláudio – *Disposições Militares dos Gregos*. Texto, tradução e comentários: MATTHEW, Christopher – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012.

ENEIAS – *Comentários de Poliorcética*. Texto, tradução e comentários: HENDERSON, Jeffrey - Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 (reimpressão, 1ª ed. 1923).

ESTRABÃO – *Geografia*. Texto, tradução e notas: JONES, Horace Leonard – *The Geography of Strabo in Eight Volumes*, Vol. I-VIII, Loeb Classical Library, Nº. 49, 50, 182, 196, 211, 223, 241, 267, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1917-1932.

FOCAS, Nicéforo II – *Guerrilha*. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.

FOCAS, Nicéforo II – *Organização de uma Campanha*. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.

FOCAS, Nicéforo II – *Instruções de Guerra*. Texto, tradução e comentários: MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008, pp. 12-78 (reedição, 1ª ed. 1995).

FÓCIO – *Biblioteca*. Texto, tradução e notas: HENRY, René – *Photius Bibliothèque*, Tomos I-IX, Collection Byzantine de l'Association Guillaume Budé, Paris: Les Belles Lettres, 1959-1991.

FRONTINO – *Estratagemas*. Texto, tradução e notas: BENNETT, Charles E. – *Frontinus: The Stratagems and the Aqueducts of Rome*, The Loeb Classical Library, Nº. 174, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1925, pp. 3-330.

HALICARNASSO, Dionísio de – *História Antiga de Roma*. Texto, tradução e comentário: CARY, Earnest – *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus in Seven Volumes*, Vol. I-VII, Loeb Classical Library, Nº. 319, 347, 357, 364, 372, 378, 388, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1937-1950.

HALICARNASSO, Dionísio de – *Sobre a Composição Literária*. Texto, tradução e notas: GÁLAN VIOQUE, Guillermo & MÁRQUEZ GUERRERO, Miguel Á. – *Dionisio de Halicarnaso: Sobre la Composicion Literaria, Sobre Dinarco*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 287, Madrid: Editorial Gredos, 2001, pp. 8-130.

HERÓDOTO – *Histórias*. Texto, tradução e notas: GODLEY, A. D. – *Herodotus in Four Volumes*, Vol. I-IV, Loeb Classical Library, Nº. 117-120. Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1920-1925.

HÉRON – *Manual de Artilharia*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 17-60.

HÉRON – *Sobre Catapultas*. Texto, tradução e notas: MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971, pp. 206-233.

HOMERO – *Ilíada*. Texto, tradução e notas: LOURENÇO, Frederico – *Homero: Ilíada*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

JOSEFO, Flávio – *Guerra Judaica*. Texto, tradução e notas: THACKERAY, H. St. J. – *The Jewish War*, Vol. I-III, Loeb Classical Library, Nº. 203, 210, 487, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1927-1928.

LEÃO VI, imperador – *Tática*. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *The Taktika of Leo VI: Text, Translation, and Commentary, Dumbarton Oaks Texts*, Nº. 12, Washington: Harvard University Press, 2010.

LÍVIO, Tito – *História de Roma desde a Fundação da Cidade*. Texto, tradução e comentários: VILLAR VIDAL, José Antonio – *Tito Livio: História de Roma Desde su Fundación*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 144-145, 148, 176-177, 183, 187, 192, Madrid: Editorial Gredos, 1990-2008.

MARCELINO, Amiano – *Histórias*. Texto, tradução e notas: ROLFE, John C. – *Ammianus Marcellinus in Three Volumes*, Vol. I-III, Loeb Classical Library, Nº. 300, 315, 331 Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1939-1950.

MAURÍCIO, Imperador – *Stratēgikón*. Texto, tradução e notas: DENNIS, George T. – *Maurice's Strategikon: Handbook of Bizantine Military Strategy*, EUA: University of Pennsylvania Press, 1984.

ONASANDRO – *O General*. Texto, tradução e notas: HENDERSON, Jeffrey - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Loeb Classical Library, Nº. 156, Harvard: Harvard University Press, Londres: William Heinemann, 1948 (reimpressão, 1ª ed. 1923).

OURANOS, Nicéforo – *Tática*. Texto, tradução e notas: MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon's Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sherdan Books, 2008 [com os capítulos 56-65] & JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006 [com os capítulos 119-123 do tratado].

PLÍNIO “O VELHO” – *História Natural*. Texto, tradução e notas: RACKHAM, H. – *Pliny: Natural History in Ten Volumes*, Vol. I-X, Loeb Classical Library, Nº. 330, 352-353, 370-371, 392-394, 418-419, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1938-1962

PLUTARCO – *Vidas Paralelas: Arato*. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. XI: “Aratus, Artaxerxes, Galba and Otho”, Loeb Classical Library, Nº.

103, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1954 (reimpressão, 1ª ed. 1926).

PLUTARCO – *Vida Paralelas: Pelópidas*. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. V: “Agesilaus and Pompey, Pelopidas and Marcellus”, Loeb Classical Library, Nº. 87, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1955 (reimpressão, 1ª ed. 1917)

PLUTARCO – *Vidas Paralelas: Cleomenes, Filopemén, Tibério Graco*. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. X: “Agis and Cleomenes, And Tiberius and Caius Gracchus Philopoemen and Flamininus”, Loeb Classical Library, Nº. 102, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1959 (reimpressão, 1ª ed. 1921).

PLUTARCO – *Vidas Paralelas: Brutus, Paulo Emílio*. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. VI: “Dion and Brutus, Timoleon and Aemilius Paulus”, Loeb Classical Library, Nº. 98, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1961 (reimpressão, 1ª ed. 1918).

PLUTARCO – *Vidas Paralelas: Catão “o Velho”*. Texto, tradução e notas: PERRIN, Bernadotte – *Plutarch's Lives in Eleven Volumes*, Vol. II: “Themistocles and Camillus, Aristides and Cato Major, Cimon and Lucullus”, Loeb Classical Library, Nº. 47, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1968 (reimpressão, 1ª ed. 1914).

POLÍBIO – *Histórias*. Texto, tradução e notas: PATON, W. R. – *Polybius: The Histories in Six Volumes*, Vol. I-VI, Loeb Classical Library, Nº. 128, 137-138, 159-161, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heineman Ltd., 2010-2012.

POLIENO – *Estratagemas*. Texto, tradução e notas: MARTÍN GARCÍA, Francisco & VELA TEJADA, José – *Eneas el Táctico: Poliorcética, Polieno: Estratagemas*, Biblioteca Clásica Gredos, Nº. 157, 1991, pp. 147-568.

PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Pérsica*. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. I: “History of the Wars, Books I and II”, Loeb Classical Library, Nº 48, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914.

PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Vândala*. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vol. II: “History of the Wars, Books III and IV”, Loeb Classical Library, Nº 81, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1916.

PROCÓPIO – *História das Guerras: Guerra Gótica*. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Six Volumes*, Vols. III-V, Loeb Classical Library, Nº 107, 173 e 217, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons., 1919-1928.

PROCÓPIO – *Os Edifícios*. Texto, tradução e notas: DEWING, H. B. – *Procopius in Seven Volumes*, Vol. VII: “Buildings, General Index to Procopius”, Loeb Classical Library, Nº. 343, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1971 (reimpressão, 1ª ed. 1940).

PSEUDO-HÉRON – *Introdução à Poliorcética*. Texto, tradução e notas: SULLIVAN, Denis – *Siegecraft: Two Tenth-Century Instructional Manual By “Heron of Byzantium”*, *Dumbarton Oaks Studies*, Nº. XXXVI, Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 2000.

PSEUDO-HIGINO – *Sobre as Fortificações de um Acampamento*. Texto, tradução e notas: LENOIR, M. Maurice – *Pseudo-Hygin: Des Fortifications Du Camp*, Paris: Les Belles Lettres, 1979.

SÉNECA – *Questões Naturais*. Texto, tradução e notas: HINE, Harry M. – *Lucius Annaeus Seneca: Natural Questions*, The Complete Works of Lucius Annaeus Seneca, Londres: The University of Chicago Press, 2010.

SÍCULO, Diodoro – *Biblioteca Histórica*. Texto, tradução e notas: OLDFATHER, C. H. – *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes*, Vol. I-XII, Loeb Classical Library, N.º. 279, 303, 340, 375, 377, 384, 389-390, 399, 409, 422-423, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1933-1967.

SIMOCATA, Teófilo – *História*. Texto, tradução e comentários: WHITBY, Michael & WHITBY, Mary – *The History of Theophylact Simocatta*, Oxford: Oxford University Press, 1986.

SIRIANO, *Magistros* – *Sobre Estratégia*. Texto, tradução e notas: DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.

SIRIANO, *Magistros* – *Guerra Naval*. Texto, tradução e notas: JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006.

SIRIANO, *Magistros* – *Retórica Militar*. Texto, tradução e comentários: ERAMO, Immacolata – *Siriano: Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010.

SUETÓNIO – *As Vidas dos Césares*. Texto, tradução e notas: ROLFE, J. C. – *Suetonius in Two Volumes*, Vol. I-II, Loeb Classical Library, N.º. 31-38, Londres: William Heinemann, Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914.

TÁCITO – *Agricola*. Texto, tradução e notas: HUTTON, M. & PETERSON, W. - *Tacitus: Agricola, Germania, Dialogus*, Loeb Classical Library, N.º. 35, Londres: William Heinemann Ltd., Nova Iorque: The Macmillan Co., 1914.

TÁCITO – *Histórias*. Texto, tradução e notas: MOORE, Clifford H. – *Tacitus in Four Volumes*, Vol. II-III, Loeb Classical Library, N.º. 111, 249, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1925-1931.

TÁCITO – *Anais*. Texto, tradução e notas: WOODMAN, A. J. – *Tacitus: The Annals*, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.

TUCÍDIDES – *História da Guerra do Peloponeso*. Texto, tradução e notas: SMITH, Charles Forster – *Thucydides in Four Volumes*, Vol. I-IV, Loeb Classical Library, N.º. 108-110, 169, Cambridge: Harvard University Press, 1919-1923.

URBÍCIO – *Invenção*. Texto, tradução e notas: GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – “Urbicius’ Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, vol. 98, 2005, pp. 35-74.

VEGÉCIO, Públio Flávio – *Compêndio da Arte Militar*. Texto, tradução e notas: MONTEIRO, João Gouveia & BRAGA, José Eduardo – *Vegécio: Compêndio de Arte Militar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VITRÚVIO – *Tratado de Arquitetura*. Texto, tradução e notas: GRANGER, Frank – *Vitruvius: On Architecture in Two Volumes*, Vol. I-II, Loeb Classical Library, N.º. 251, 280, Londres: William Heinemann Ltd., Cambridge: Harvard University Press, 1931-1934.

XENOFONTE – *Hellenica*. Texto, tradução e notas: BROWNSON, Carleton L. – *Xenophon – Hellenica*, Vol. I-II, Loeb Classical Library, N.º. 88-89, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1918-1921.

XENOFONTE – *Sobre a Arte de Cavalaria*. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, N.º. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946 (reimpressão, 1ª ed. 1925).

XENOFONTE – *Tratado de Caça*. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, N.º. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946 (reimpressão, 1ª ed. 1925).

XENOFONTE – *O Comandante de Cavalaria*. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. – *Xenophon - Scripta Minora*, Loeb Classical Library, N.º. 183, Londres: William Heinemann, Harvard: Harvard University Press, 1946 (reimpressão, 1ª ed. 1925).

XENOFONTE – *Memorabilia*. Texto, tradução e notas: MARCHANT, E. C. & TODD, O. J. – *Xenophon - Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*, Loeb Classical Library, N.º 168, Cambridge: Harvard University Press, 1997 (reimpressão, 1ª ed. 1923).

XENOFONTE – *Anabasis*. Texto, tradução e notas: BROWNSON, Carleton L. – *Xenophon in Seven Volumes*, Vol. III, Loeb Classical Library, N.º. 90, Cambridge: Harvard University Press, Londres: William Heinemann Ltd., 1998.

Estudos:

ALLMAND, Christopher – *The De Re Militari of Vegetius: The Reception, Transmission and Legacy of a Roman Text in the Middle Ages*, Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

AMATUCCIO, Giovanni – *Peri Toxeias. L'arco da guerra nel mondo bizantino e tardo antico*, Bolonha: Planetario, 1996.

BALASCH RECORT, Manuel (intr.) – *Políbio: Historias, Libros I-IV*, Biblioteca Clásica Gredos, N.º. 38, Madrid: Editorial Gredos, 1981.

BALDWIN, Barry – “On the Date of the Anonymous ΠΕΡΙ ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΗΣ”, *Byzantinische Zeitschrift*, Vol. 81, 1988, pp. 290-293.

BALDWIN, Barry – “The Date, Identity, and Carrer of Vitruvius” in *Latomus*, Société d'Études Latines de Bruxelles, Fascículo 2, 1990, pp. 425-434.

BEBIANO, Rui – *A Pena de Marte – Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2000, pp. 355-366.

BILLOWS, Richard A. – *Julius Caesar: The Colossus of Rome*, Roman Imperial Biographies, EUA: Routledge, 2009.

- BIVAR, A. – “Cavalry Equipment and Tactics on the Euphrates River” in *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 26, 1972, pp. 271-291.
- BLYTH, P. H. – “Apollodorus of Damascus and the *Polioretica*” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol. 33, Nº. 2, 1992, pp. 127-158.
- BRANDÃO, José Luís – “A Primazia de César: do ‘1º triunvirato’ aos idos de Março” in Brandão, José Luís & Oliveira, Francisco de (coords.) – *História da Roma Antiga*, Vol. 1: “Das Origens À Morte de César”, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 389-428.
- BUCKLEY, Terry – *Aspects of Greek History, 750-323 BC: A Source-Based Approach*, Nova Iorque: Routledge (Taylor & Francis Group), 2005 (reedição, 1ª ed. 1996).
- BURY, John Bagnell – *History of the Later Roman Empire: From the Death of Theodosius I to the Death of Justinian*, Vol. II., Nova Iorque: Dover Publications, 1958. (reedição, 1ª ed. 1923).
- CAMPBELL, Brian – *Greek and Roman Military Writers: Selected Readings*, Nova Iorque: Taylor & Francis Routledge, 2004.
- CAMPBELL, Duncan B. – “A Camp in search of a Campaign: The reality of Hyginus' Roman army” in *Ancient Warfare magazine*, Vol. III: 3, pp. 46-49.
- CAMERON, Alan – *Circus Factions: Blues and Greens at Rome and Byzantium*, Oxford: Clarendon Press, 1976.
- CAMERON, Averil – *Procopius and the Sixth Century*, Londres: Routledge, 2005. (reedição, 1ª ed. 1985)
- CARILE, Antonio & COSENTINO, Salvatore - *Storia della Marineria Bizantina*, Bolonha: Lo Scarabeo, 2004.
- CASCARINO, Giuseppe - *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*, São Marino: Il Cherchio, 2013.
- CHRISTIDES, Vassilios – “Military Intelligence in Arabo-Byzantine Naval Warfare” in *Τό εμπόλεμο Βυζάντιο*, Atenas: Institute for Byzantine Studies, 1997, pp. 269-281.
- CONTAMINE, Philippe – *La Guerra nel Medioevo*, Bolonha: Società editrice il Mulino, tradução italiana de Tukei Capra, 1986, pp. 287-300. (edição original do francês, 1980)
- COSENTINO, Salvatore – “The Syrianos’s «Strategikon» a 9th century source?” in *Byzantinistica: Rivista di Studi Bizantini e Slavi*, Ano II, Espoleto: Centro Italiano Di Studi Sull’Alto Medioevo, 2000, pp. 243-280.
- COSENTINO, Salvatore – “Writing about War in Byzantium” in *Revista de História das Ideias*, vol. 30, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 83-99.
- DAGRON, Gilbert & MIHĂESCU, Haralambie – *Le traité sur la guérilla (De velitatione) de l’empereur Nicéphore Phocas (963-969)*, Paris: CNRS, 1986.
- DAIN, Alphonse – “Les cinq adaptations byzantines des «Stratagèmes» de Polyen” in *Revue des Études Anciennes*, tomo 33, Nº. 4, 1931, pp. 321-345.

- DAIN, Alphonse – “Trois manuscrits d’Héron de Byzance. Poliorcétique et Géodésie, in *L’antiquité classique*, tomo 2, fasc. 1, 1933, pp. 1-36.
- DAIN, Alphonse – *Histoire Du Texte D’Élien Le Tacticien – Des Origines a la Fin Du Moyen Age*, Paris: Société D’Édition «Les Belles Lettres», 1946.
- DAIN, Alphonse – “Les stratégistes byzantins” in *Travaux et Mémoires*, Vol. 2, Paris: Éditions E. De Boccard, 1967, pp. 317-392.
- DAIN, Alphonse – “Luc Holste et la «Collection Romaine» des Tacticiens grecs” in *Revue des Études Anciennes*. Tome 71, N°. 3-4, 1969, pp. 338-353.
- DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985.
- DENNIS, George – *The Taktika of Leo VI: Text, Translation, and Commentary*, Dumbarton Oaks, Washington: Harvard University Press, 2010.
- DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – “Introduction” in DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – *The Late Roman World and its Historian: interpreting Ammianus Marcellinus*, Routledge Classical Monographs, Londres: Routledge, 1999, pp. 1-13.
- ERAMO, Immacolata – “Omero e i Maccabei: nella biblioteca di Siriano *Μάγιστρος*” in *Annali Della Facoltà di Lettere e Filosofia*, vol. 51, 2008.
- ERAMO, Immacolata – “Ρωμαῖοι e Ἄραβες a battaglia? Nota al De Re Strategica di Siriano *Μάγιστρος*” in *Invigilata Lucernis*, N°. 31, 2009, pp. 95-104.
- ERAMO, Immacolata – *Siriano: Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010.
- ERAMO, Immacolata – “Sul Compendio Militare Di Siriano Magister” in BRIZZI, Giovanni & POMA, Gabriella (dir.) - *Rivista Storica Dell’Antichità*, ano XLI, Bolonha: Pàtron Editore, 2011, pp. 201-222.
- ERAMO, Immacolata – “Composition and Structure of Syrianus Magister’s Military Compendium” in *Classica et Christiana*, N°. 7, 1, 2012, pp. 97-116.
- GARLAN, Yvon – “Cités, Armées et Stratégie à l’Époque Hellénistique d’Après l’Oeuvre de Philon de Byzance” in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 22, H. 1, 1973, pp. 16-33.
- GEORGANAS, Ioannis – “Herodotus”, “Polybius” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO, LLC, 2013, pp. 58-59, 148-149.
- GILLIVER, Catherine M. – *The Roman Art of War: Theory and Practice, A Study of the Roman Military Writers*, Londres, Ph. D. Thesis, 1993.
- GOLDSWORTHY, Adrian – *Life of a Colossus: Caesar*, EUA: Yale University Press, 2006.
- GREATEX, Geoffrey & ELTON, H. & BURGESS, R. – “Urbicius’ Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, vol. 98, 2005, pp. 35-74.

- HACKER, Barton C. – “Greek Catapults and Catapult Technology: Science, Technology, and War in the Ancient World” in *Technology and Culture*, Vol. 9, N° 1, 1968.
- HALDON, John – *Constantine Porphyrogenitus, Three Treatises on Imperial Military Expeditions*, Corpus Fontium Historiae Byzantinae, Vol. XXVIII, Viena: Academia austriaca de Ciência, 1990.
- HALDON, John – *Warfare, State and Society in the Byzantine World, 565-1204*, Londres: UCL Press, 2003 (reedição, 1ª ed. 1999)
- HALDON, John – *A Critical Commentary on the Taktika of Leo VI*, Dumbarton Oaks Studies, Vol. XLIV, Washington D. C.: Sheridan Books, 2014.
- HENDERSON, Jeffrey (ed.) - *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Harvard: Harvard University Press, 1928.
- HERZ, Dietmar – “Thucydides, Son of Oloros, Strategos” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO , LLC, 2013, pp. 181-183.
- HYLAND, Ann – *Training the Roman Cavalry: From Arrian’s Ars Tactical*, Londres: Grange Books, 1993.
- IGLESIAS-ZOIDO, Juan Carlos – *El legado de Tucídides en la cultura occidental – Discursos e historia*, Humanitas Supplementum, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 76-133.
- KAEGI, Walter Emil, *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy*, Brookline: Hellenic College Press, 1983.
- KALDELLIS, Anthony – *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A. D. to the First Crusade*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.
- KELSO, Ian Alfred Ovens – *Ammianus Marcellinus and Procopius of Caesarea: The Eastern Campaigns of Julian and Justinian, 4th and 6th Centuries AD*, Halifax, Ph. D. Thesis, 1998.
- KENDALL, Seth Lyons – “Aineias, called Aeneas Tacticus” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO , LLC, 2013, pp. 225-226.
- KRAUS, Christina S. – “Bellum Gallicum” in GRIFFIN, Miriam – *A Companion to Julius Caesar*, Chichester: John Wiley & Sons (Blackwell Publishing Ltd), 2009, pp. 159-174.
- KRINSKY, Carol Herselle – “Seventy-eight Vitruvius Manuscripts” in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 30, 1967, pp. 36-70.
- LASSANDRO, Domenico – “Note sul *De Rebus Bellicis*” in SORDI, Marta (ed.) - *Il Pensiero sulla Guerra nel Mondo Antico*, Milão: Vita e Pensiero, 2001, pp. 243-251.
- LATHAM, J. D. & PATERSON, R. N. – *Saracen Archery: An English Version and Exposition of a Mameluke Work on Archery (ca. A.D. 1368)*, Londres: The Holland Press, 1970.
- LEE, Douglas & SHEPARD, Jonathan – “A Double Life: Placing the Peri Presbeon” in *Byzantinoslavica*, Tomo LII, 1991, pp. 15-39.

LEONI, Tommaso – “The Text of the Josephan Corpus: Principal Greek Manuscripts, Ancient Latin Translations, and the Indirect Tradition” in CHAPMAN, Honora Howell & RODGERS, Zuleika (eds.) – *A Companion to Josephus*, Blackwell Companions to the Ancient World, Chichester: John Wiley & Sons, 2016, pp. 307-321.

LENOIR, M. Maurice – *Pseudo-Hygin: Des Fortifications Du Camp*, Paris: Les Belles Lettres, 1979.

LEVICK, Barbara – “Historical Context of the *Ab Urbe Condita*” in MINEO, Bernard – *A Companion to Livy*, Blackwell Companions to the Ancient World, Chichester: John Wiley & Sons, 2015, pp. 25-29.

LUTTWAK, Edward N. – *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*, EUA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.

MAZZUCCHI, Carlo Maria – “Dagli Anni di Basilio Parakimomenos (Cod. Ambr. B 119 sup.)” in *Aevum*, Ano 52, Fasc. 2, 1978, pp. 267-316.

MARÉCHAU, Pierre – “The Transmission of Livy from the End of the Roman Empire to the Beginning of the Seventeenth Century: Distortion or Discovery, a Story of Corruption” in MINEO, Bernard – *A Companion to Livy*, Blackwell Companions to the Ancient World, Chichester: John Wiley & Sons, 2015, pp. 439-451.

MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery – Historical Development*, Oxford: Oxford University Press, 1969.

MARSDEN, E. W. – *Greek and Roman Artillery: Technical Treatises*, Oxford: Oxford University Press, 1971.

MARTÍN GARCÍA, Francisco (intr.) & VELA TEJADA, José (intr.) – *Eneas el Táctico – Poliorcética. Polieno – Estratagemas*, Biblioteca Clásica Gredos, Vol. 157, Madrid: Editorial Gredos, 1991.

MATTHEW, Christopher (ed.) – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012.

MCCARTHY, Joseph M. – “Xenophon of Athens” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO, LLC, 2013, pp. 329-330.

MCCORMICK, M. – *Eternal Victory. Triumphal rulership in late antiquity, Byzantium, and the early medieval West*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

MCGEER, Eric – “De Re Militari”, “Sylloge Tacticorum” in KAZHDAN, Alexander P. (ed.) *The Oxford Dictionary of Byzantium*, Vols. I e III, Oxford: Oxford University Press, 1991, pp. 612-613 e 1980.

MCGEER, Eric – “Infantry versus Cavalry: The Byzantine Response”, in *Revue des études byzantines*, tomo 46, 1988, pp. 135-145.

MCGEER, Eric – “Tradition and Reality in the Taktika of Nikephoros Ouranos” in *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 45, 1991, pp. 129-140.

- MCGEER, Eric – “Two Military Orations of Constantine VII” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003, pp. 111-135.
- MCGEER, Eric – *Sowing the Dragon’s Teeth: Byzantine Warfare in the Tenth Century*, Washington D.C.: Sheridan Books, 2008 (A) (reedição, 1ª ed. 1995).
- MCGEER, Eric – “Military Texts” in JEFFREYS, Elizabeth *et alii* (ed.) – *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*, Oxford, Oxford University Press, 2008 (B), pp. 907-914.
- MCGING, Brian - *Polybius’ Histories*, Oxford Approaches to Classical Literature, Oxford: Oxford University Press, 2010.
- MILNER, N. P. – *Vegetius: Epitome of Military Science*, Liverpool: Liverpool University Press, 2001 (reimpressão, 1ª ed. 1993).
- MONTEIRO, João Gouveia & BRAGA, José Eduardo - *Vegécio: Compêndio de Arte Militar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- MONTEIRO, João Gouveia (dir.) – *O Sangue de Bizâncio: Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2017.
- MUNTZ, Charles E. – *Diodorus Siculus and the World of the Late Roman Republic*, Oxford: Oxford University Press, 2017.
- NÉMETH, András – *Imperial Systematization of the Past – Emperor Constantine VII and His Historical Excerpts*, Budapeste, Ph. D. Thesis, 2010.
- NISA, João Rafael Gorgulho – *A Arte Militar Bizantina: O Tratado De Velitatione Bellica (séc. X)*, Dissertação de Mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016.
- NISA, João Rafael Gorgulho – “A Poliorcética e o Poder Naval Bizantinos” in MONTEIRO, João Gouveia (dir.) – *O Sangue de Bizâncio: Ascensão e Queda do Império Romano do Oriente*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2017, pp. 423-452.
- OVERTOOM, Nikolaus Leo – “Ammianus (ca. 330-395 ce)” in KELLY, Douglas *et. al.* – *Conflict in Greece and Rome: The Definitive Political, Social, and Military Encyclopedia*, Califórnia: ABC-CLIO., 2016, pp. 697-698.
- PAPADOPOULOS, Evangelos – “Heron of Alexandria (c. 10-85 AD)” in CECCARELLI, Marco (ed.) - *Distinguished Figures in Mechanism and Machine Science: Their Contributions and Legacies*, Parte 1, Holanda: Springer, 2007, pp. 217-245.
- PATTENDEN, Philip – “The Byzantine Early Warning System” in *Byzantion*, Vol. 53, Nº. 1, 1983, pp. 258-299.
- PÉREZ MARTÍN, Inmaculada – “The Reception of Xenophon in Byzantium: The Macedonian Period” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Vol. 53, n.º 4, 2013, pp. 812-855.
- POZNANSKI, Lucien – *Asclépiodote: Traité de Tactique*, Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- RAAFLAUB, Kurt – “Bellum Civile” in GRIFFIN, Miriam – *A Companion to Julius Caesar*, Chichester: John Wiley & Sons (Blackwell Publishing Ltd), 2009, pp. 175-191.

- RAJAK, Tessa – *Josephus: The Historian and His Society*, Londres: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 2003 (reimpressão, 1ª ed. 1983).
- RANCE, Philip – *Tactics and Tactica in the Sixth Century: Tradition and Originality*, University of St Andrews, St Andrews: Martinmas Term, Ph. D. Thesis, 1993.
- RANCE, Philip – “Elephants in Warfare in Late Antiquity” in *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, Vol. 43, 3-4, 2003, pp. 355-384.
- RANCE, Philip – “The Date of the Military Compendium of Syrianus Magister (Formerly the Sixth-Century Anonymus Byzantinus)” in *Byzantinische Zeitschrift*, Vol. 100, 2, 2008, pp. 701-737.
- RANCE, Philip – “The De Militari Scientia or Müller Fragment as a philological resource. Latin in the East Roman army and two new loanwords in Greek: *palmarium* and **recala*” in *Glotta. Zeitschrift für griechische und lateinische Sprache*, 2010, pp. 63-92.
- RANCE, Philip – “Apollodoros of Damascus”, “Athenaeus Mechanicus”, “Philo of Byzantium” in BAGNALL, R. S. *et. al.* – *The Encyclopedia of Ancient History*, E. Sussex/Malden: Blackwell Ltd., 2013, pp. 549-550, 904-905, 5266-5268.
- RAWSON, Elizabeth – *Intellectual Life in the Late Roman Republic*, Londres: Gerald Duckworth & Co., 1985
- SACKS, Kenneth S. – *Diodorus Siculus and the First Century*, Nova Jersey: Princeton University Press, 1990.
- SÁNCHEZ-OSTIZ, Álvaro – *Anónimo Sobre Assuntos Militares*, Pamplona: EUNSA, 2004.
- SARTON, George – *A History of Science*, Vol. 2: “Hellenistic Science And Culture in the Last Three Centuries B.C.”, Londres: Oxford University Press, 1959.
- SCHETTINO, Maria Teresa – *Introduzione a Polieno*, Pisa: Edizioni ETS, 1998.
- SHADER, Charles R. – “Frontinus, Sextus Julius” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO, LLC, 2013, pp. 51-52.
- SMITH, C. J. – “Onasander on how to be a general” in AUSTIN, M. & HARRIES, J. & SMITH, C. J. (eds.) – *Modus Operandi. Essays in Honour of Geoffrey Rickman*, Londres: Institute of Classical Studies, pp. 151-166.
- STADTER, Philip A. – “The Ars Tactica of Arrian: Tradition and Originality” in *Classical Philology*, Vol. 73, Nº. 2, 1978, pp. 117-128.
- SUERBAUM, Almut – “The Middle Ages” in GRIFFIN, Miriam – *A Companion to Julius Caesar*, Chichester: John Wiley & Sons (Blackwell Publishing Ltd), 2009, pp. 317-334.
- SULLIVAN, Denis – *Siegecraft: Two Tenth-Century Instructional Manual by “Heron of Byzantium”*, Dumbarton Oaks Studies, vol. XXXVI, Washington D.C.: Harvard University, 2000.
- SULLIVAN, Denis – “A Byzantine Instructional Manual on Siege Defense: The De Obsidione Toleranda” in NESBITT, John W. (ed.) – *Byzantine Authors: Literary Activities and Preoccupations*, Leiden: Brill, 2003.

SYVÄNNE, Ilkka – “Onasander (Onasandros, Onesandros, Onosandros), Philosopher”, “Apollodorus (Apollodoros), Architect”, “Biton, Engineer”, “Vitruvius, Marcus Pollio, Architect”, “Arrian, Governor of Cappadocia, Lucius Flavius Arrianus (Arrianos) Xenophon”, “Asklepiodotos” in COETZEE, Daniel & EYSTURLID, Lee W. – *Philosophers of War: The Evolution of History’s Greatest Military Thinkers*, Vol. 1: “The Ancient to Premodern World, 3000 BCE-1815 CE, California: ABC-CLIO, LLC, 2013, pp. 144-145, 232-233, 235-236, 256-258, 259-263, 263-265.

TOUGHER, Shaun – *The Reign of Leo VI (886-912), Politics & People*, Leiden: Brill, 1997.

TOYNBEE, Arnold – *Constantine Porphyrogenitus and His World*, Londres: Oxford University Press, 1973.

TRITLE, Lawrence – “Warfare in Herodotus” in DEWALD, Carolyn & Marincola, John - *The Cambridge Companion to Herodotus*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 209-223.

TROMBLEY, Frank – “Ammianus Marcellinus and fourth-century warfare” in DRIJVERS, Jan Willem & HUNT, David – *The Late Roman World and its Historian: interpreting Ammianus Marcellinus*, Routledge Classical Monographs, Londres: Routledge, 1999, pp. 16-26.

WALBANK, F. W. – *A Historical Commentary on Polybius*, Vols. 1 e 2, Oxford: Clarendon Press, 1957-1967.

WALLINGA, Tammo – “The Date of Joannes Lydus’ *De Magistratibus*” in *Revue Internationale des droits de l’antiquité*, Ser. 3, Vol. 39, 1992, pp. 359-380.

WHATELY, Conor – *Battles and Generals: Combat, Culture and Didacticism in Procopius’ Wars*, Boston: Brill, 2016.

WHEELER, Everett L. – “The Occasion of Arrian’s *Tactica*” in *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Vol. 19, N° 4, 1978 pp. 351-365.

WHITBY, Michael – *The Emperor Maurice and His Historian: Theophylact Simocatta on Persian and Balkan Warfare*, Oxford: Clarendon Press, 1988.

WHITBY, Michael – “Greek Historical Writing after Procopius: Variety and Vitality” in CAMERON, Averil & Conrad, Lawrence I. – *The Byzantine and Early Islamic Near East*, Vol. I: “Problems in the Literary Source Material”, Princeton: The Darwin Press, 1992, pp. 27-80.

ZUCKERMAN, Constantin – “The Military Compendium of Syrianus Magister” in *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik*, N° 40, 1990, pp. 206-224.

Anexo I – Lista de Traduções dos Tratados de Siriano *Magistros*

Sobre Estratagemas:

KÖCHLY, H. & RÜSTOW, W. – *Griechische Kriegsschriftsteller*, Leipzig: Engelmann, 1855 [primeira edição, em alemão com notas e comentários].

D'AIGLUN, A. de Rochas – *Traité de fortification, d'attaque et de défense des places par Philon de Byzance*, Paris: Tanera, 1872, pp. 144-166 [tradução francesa dos capítulos 6 a 13 e do cap. 29].

SPAULDING, O. L. Jr. – (sem título), 1935, Washington: Archives of Catholic University of America, 1935 [tradução inglesa, com comentários].

ERCK, Th. H. – *Anonymi Byzantini Περὶ Στρατηγικῆς*, Universidade de Ilinóis, Ph. D. Thesis, 1937 [edição crítica, não consultável].

SCHISSEL VON FLESCHENBERG, O. – *Spätantike Anleitung zum Bogenschieben*, «WS», vol. 59, 1941 [tradução alemã dos capítulos 44 a 47 (*Περὶ τοξείας*), com comentários].

DENNIS, George – *Three Byzantine Military Treatises*, Dumbarton Oaks Papers, Vol. 9, Washington D. C.: Dumbarton Oaks, 1985, pp. 1-135 [tradução inglesa, com comentários e notas].

AMATUCCIO, G. – *Peri Toxeias, L'arco da guerra nel mondo bizantino e tardo-antico*, Bolonha: Planetario, 1996 [tradução italiana, dos capítulos 44 a 47 (*Περὶ τοξείας*), com comentários].

Sobre Retórica Militar:

KÖCHLY, H. - *Anonymi Byzantini Rhetorica Militaris nunc primum edita*, Turici: Zürcheri et Furreri, 1855-1856 [primeira edição].

KÖCHLY, H. & RÜSTOW, W. – *Griechische Kriegsschriftsteller*, Leipzig: Engelmann, 1855, pp. 15-20 [tradução alemã dos capítulos 1 a 3].

ERAMO, Immacolata – *Siriano: Discorsi di guerra*, Bari: Edizioni Dedalo, 2010 [tradução italiana, com notas e comentários].

Sobre Guerra Naval:

MÜLLER, K. K. – *Eine griechische Schrift über Seekrieg*, Würzburg: Stuber, 1882 [primeira edição, com comentários].

CORAZZINI, F. – *Scritto sulla tactica navale di anonimo greco*, Livorno: Vannini, 1883 [tradução italiana].

DAIN, Alphonse – *Naumachia*, Paris: Les Belles Lettres, 1943, pp. 43-45 [edição crítica que se baseou no manuscrito *Ambrosianus B 119 sup.*].

M., Reddé – “Le combat naval d’après Syrianos” in *Mare Nostrum. Les infrastructures, le dispositif et l’histoire de la marine militaire sous l’Empire romain*, Rome: École française de Rome, 1986, pp. 680-684 [tradução francesa das seguintes passagens: 9. 1-7. / 20-41.].

A., D. Lee – “Naval Intelligence in Late Antiquity” in J. Andreau & Virlouvet - *L’information et la mer dans le monde antique*, Rome: école française de Roma, 2002, pp. 105-106 [tradução francesa do capítulo 6.].

COSENTINO, Salvatore – “La guerre navale (Naumachica)” in CARILE, Antonio & COSENTINO, Salvatore - *Storia della Marineria Bizantina*, Bolonha: Lo Scarabeo, 2004 [tradução italiana].

JEFFREYS, Elizabeth M. & PRYOR, John H. – *The Age of Dromon: The Byzantine Navy, ca. 500-1204*, Leiden: Brill, 2006, pp. 455-481 [tradução inglesa bilingue].

Anexo II – Glossário

Anécdotas: Histórias breves normalmente associadas a generais ou governantes famosos, utilizadas frequentemente pelos filósofos militares para exemplificarem ideias, conceitos e/ou valores.

Áplēkta: Bases militares bizantinas da Anatólia, onde eram mantidos os armazéns de abastecimento de vitualhas para as expedições dos exércitos de campanha, aos quais se juntavam (nestas mesmas bases) os exércitos provinciais.

Arauto: Oficial responsável por transmitir as ordens do comandante ao exército, sendo frequentemente mencionado na tratadística militar bizantina.

Arenga Militar: Discurso militar proferido pelos generais antigos e bizantinos com o intuito de exortar os soldados. Podia assumir diversos contornos, sendo que os tópicos utilizados pelo comandante eram extremamente variados. O *Rhetorica Militaris* de Siriano *Magistros* constitui o único tratado antigo e medieval inteiramente dedicado a esta temática.

Atalaias (φρουρία): Postos de vigia comuns do período médio-bizantino; a frequência com que são referidos no *De Re Strategica* é utilizada por muitos bizantinistas atuais para justificar uma datação mais tardia deste tratado (séc. IX/X).

Auctoritas: Autor e/ou obra que representavam, no Mundo Antigo e/ou Medieval, uma autoridade de referência em determinada área do saber. *E.g.* O *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio tornou-se um *auctoritas* no Mundo Medieval Ocidental.

‘Autoridades Antigas’: Termo genérico pelo qual os filósofos militares bizantinos referiam os tratadistas greco-romanos.

Camareiro do palácio (praepositus sacri cubiculi): Oficial do palácio (do período tardo-romano e da Antiguidade Tardia bizantina) com funções semelhantes ao chanceler das cortes medievais.

Cavalos de frisas (κινόνες): Invenção de Urbício que, segundo o autor, seria bastante eficaz contra a cavalaria bárbara. Consistindo numa trave de madeira puxada por dois cavalos, a sua aplicação concreta e eficácia mantem-se duvidosa.

Contramarcha (ἐξελιγμός): Tipo de movimentação efetuada por uma falange que consistia em movimentar uma coluna/fileira de cada vez até toda a unidade inverter a sua orientação. Esta podia ser de três tipos: Contramarcha Macedónica, Contramarcha Lacónica, Contramarcha Córica/Cretense/Persa.

Curator aquarum: Magistrado romano encarregado de fiscalizar e administrar o aprovisionamento hídrico das cidades.

Esquadrão (comandante de esquadrão/Πarco/πρωτοστάτης): Equivalente a uma coluna na unidade táctica que era liderada pelo soldado que se encontrava na sua vanguarda (denominado comandante de esquadrão ou Parco).

Esquadrão duplo (líder de esquadrão duplo): Correspondia a duas colunas paralelas na unidade (lideradas por um líder de esquadrão duplo).

Exempla: Histórias didáticas com um teor exemplificativo, utilizadas pelos filósofos militares para legitimar e corroborar as propostas apresentadas nos seus escritos.

Falangarquia: Unidade com uma maior dimensão descrita no *De Re Strategica*, era composta idealmente por duas merarquias, que eram lideradas por um falangarca.

Falange: Figura central de grande parte dos escritos militares antigos e bizantinos dedicados à *Taktiká*, esta formação militar poderia assumir várias configurações (circular, em losango, romboide, cunha).

Gastrophetes: Engenho de não-torsão que disparava setas, cujos moldes de construção são descritos por Héron de Alexandria na *Construção de Máquinas de Cerco*.

Guardas de Flanco: Soldados colocados nas alas da falange, encarregados de defendê-las contra ataques de surpresa e investidas dos inimigos.

Guardas de Retaguarda (οὐραγός): Tropas que se encontravam numa posição mais recuada da dianteira da unidade, responsáveis pela sua proteção.

Guerra Terrestre (Πεζομαχία): Uma das duas vertentes da componente prática da guerra que, por sua vez, pode ser subdividida em quatro formas (combate a pé, a cavalo, em carros de guerra e em elefantes). Este conceito foi largamente utilizado pelos tratadistas clássicos que se dedicaram à componente da Táctica (Asclepiódoto, Eliano, Arriano), sendo aplicada no mundo bizantino por Siriano *Magistros*.

Helepolis: Torre de assalto que Posidónio da Macedónia construiu para Alexandre ‘o Magno’. Esta arma é descrita por Bítton de Pérgamo, na obra *Construção de Armas de Cerco e Artilharia*.

Hypostratēgós: Segundo em comando no exército bizantino da Antiguidade Tardia, as suas funções são largamente desenvolvidas no *Stratēgikón* do imperador Maurício.

Mestre dos Cavalos (*Magister Equitum*): Cargo político-militar do mundo romano e inícios do mundo bizantino, revitalizado a partir do séc. IV pelo imperador Constantino. Estes oficiais eram responsáveis por comandar os exércitos romanos, apesar do título se encontrar, por vezes, dissociado do mundo militar.

Mestre dos Soldados (*Magister Militum*): Título militar criado pelo imperador Constantino, no séc. IV, atribuído aos oficiais que se encontravam no topo da hierarquia militar. No mundo grego esta nomenclatura seria progressivamente substituída pelo termo *stratēgós/stratēlátēs*.

Merarquia (merarca): Formação constituída por duas quiliarquias, comandada por um merarca.

Naumachiká: Subgénero da tratadística militar que se debruça sobre os diversos aspetos atinentes à guerra naval (disposição das embarcações e dos marinheiros durante a batalha, meios táticos e tecnológicos de ataque e proteção da tripulação).

Oficiais de aquartelamento (*μήνσορες*): Tropas especializadas no reconhecimento do terreno que se encontrava logo após a testa do exército, tendo como objetivo encontrar os locais mais indicados para montar os arraiais militares.

Oficiais das *Scholai* (unidades de elite): Cargo militar bizantino criado no séc. VIII, que se tornou, sobretudo a partir do séc. IX, no comandante máximo dos exércitos de campanha imperiais (caso o imperador não estivesse presente).

Onomastikón: Género de obras que enumeram um conjunto de palavras, que não são organizadas alfabeticamente, do mesmo grupo semântico.

Pentacosiarquia (pentacosiarco): Formada por dois sintagmas, esta unidade militar é dirigida por um pentacosiarco.

Poliorkētiká: Área da escrita militar que explora um conjunto instruções relativas à guerra de cerco ofensiva (construção e utilização de artilharia e outro género de engenhos, práticas a

adotar pelos sitiadores, entre outros aspetos) e defensiva (preparação das infraestruturas defensivas da cidade/fortificação, disposição da guarnição durante o assédio, entre outros exemplos).

Proemia da legislação imperial: Introdução e apresentação tripartida da legislação imperial (*invocatio, intitulatio, inscriptio*), que foi replicada no *Tática* de Leão VI, assim como em alguns manuscritos bizantinos do séc. X e XI.

Quiliarquia (quiliarca): Unidade composta por duas pentacosiarquias, chefiada por um quiliarca.

Tágmata: Regimentos de elite do Império Bizantino que compunham grande parte dos exércitos de campanha imperiais. No séc. IV o *tágma* correspondia a uma unidade militar composta por 200 a 400 soldados de infantaria ou cavalaria.

Taktiká: Subgénero da tratadística militar antiga e bizantina (iniciada com um tratado perdido de Posidónio de Apameia) que aborda aspetos relacionados com a movimentação do corpo armado e com a própria terminologia das unidades, marchas, oficiais e formações a adotar no campo de batalha.

‘Tartaruga’ (ou *testudo*): Proteção artificial utilizada durante os cercos por sapadores e outras tropas de assalto contra os projéteis arremessados pelas guarnições da cidade/fortaleza. Não confundir com a famosa formação adotada frequentemente pela infantaria romana.

Taxiarquia (taxiarco): O correspondente a duas Tetrarquias (oito colunas), era liderada por um taxiarco.

Tetrarquia (tetrarca): Subunidade tática correspondente a quatro colunas da formação, cujo comandante (um dos ilarcas destas colunas) era denominado tetrarca.

Thémata: Milícias bizantinas das regiões administrativas que consistiam na principal fonte de recursos humanos da máquina militar imperial. O seu aparecimento marcou a militarização do território bizantino.

Tichodifri: Máquina de cerco que facilitaria o assalto à muralha, descrita por um autor anónimo romano, no tratado *De Rebus Bellici* (séc. IV).

Topos literário: Moldes literários estandardizados e, geralmente, plurisseculares, recorrentes na tratadística militar (assim como noutros géneros de obras) cujo propósito era apresentar uma ideia, conceito ou valor.

Triplex Acies: Organização dos legionários romanos republicanos em três linhas de combate (os *hastati*, *principes* e *triarii*). As descrições pormenorizadas deste modelo de organização da infantaria apeada podem ser encontradas na *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio.

Tropas federadas (*foederati*): Soldados estrangeiros que ofereciam os seus serviços militares a Roma em troca da oportunidade de se fixarem dentro do *limes* imperial.

Sambuca: Escada de assalto mecânica concebida por Dâmis de Cólofon, cujos métodos de construção são expostos por Bítton de Pérgamo.

Sintagma (sintagmatarca): Unidade por excelência (após a falange) nos opúsculos militares antigos relacionados com a *Taktiká*. Era composta por duas taxiarquias (16 colunas) com um intervalo entre si, comandadas por um sintagmatarca.

Spithamai: Unidade de medição bizantina utilizada frequentemente no *De Re Strategica* e que equivale a 23,4 cm.

Stratēgēmata: Disciplina da cultura escrita militar da Antiguidade e de Bizâncio que se centrava na enunciação de um conjunto de artimanhas e *ruses de guerre* que deveriam ser adotados pelo general consoante as circunstâncias.

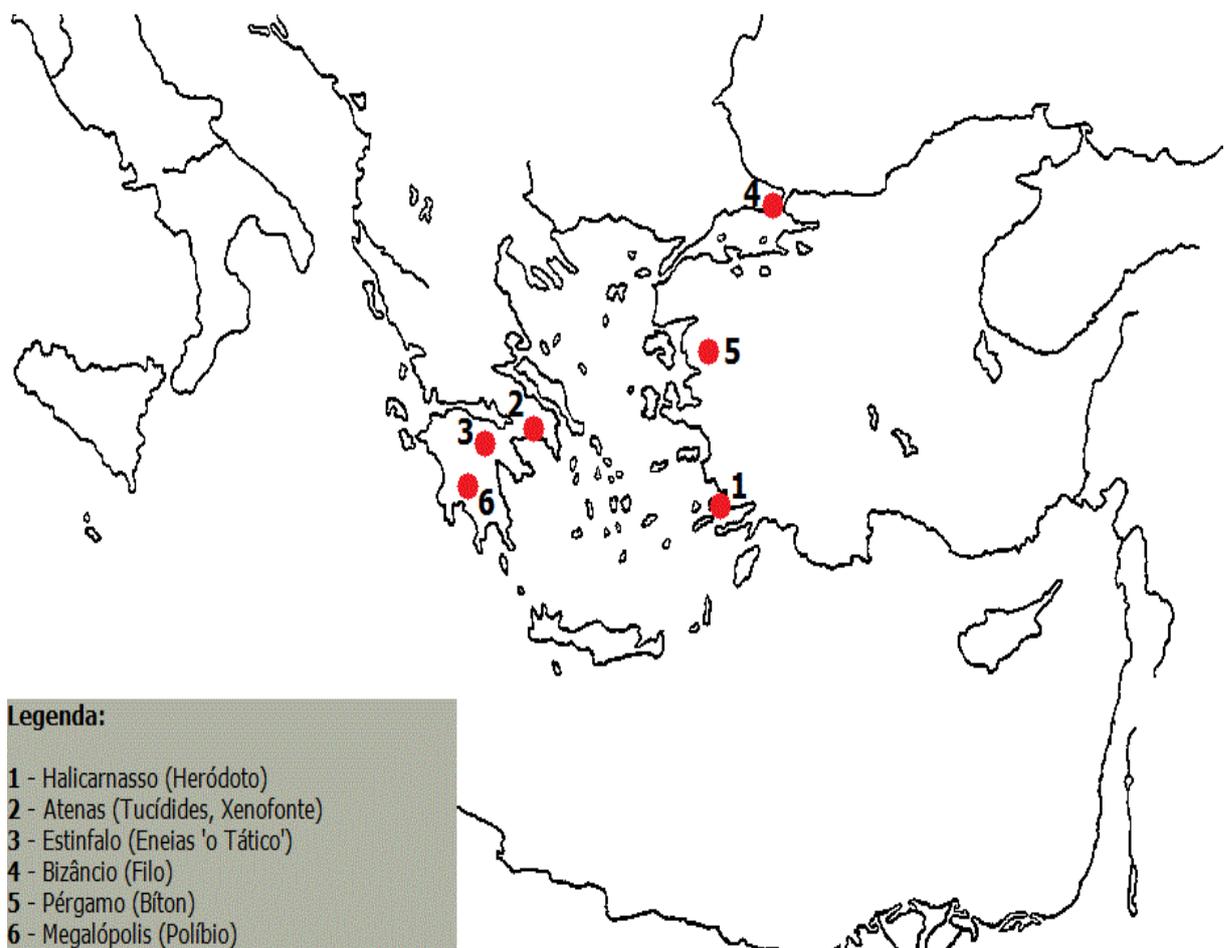
Stratēgiká: Campo da literatura bélica que se focava na enumeração das qualidades requeridas a um general, assim como em algumas regras que pretendiam delinear o relacionamento entre o comandante e o exército.

Stratēgós: General bizantino que, geralmente, correspondia ao comandante máximo de um exército.

Vir inlustris: Título criado em 372, no reinado de Vespasiano, normalmente atribuído à elite burocrática do Império Romano Tardio.

Anexo III – Mapas, Esquemas e Imagens⁸⁷⁴

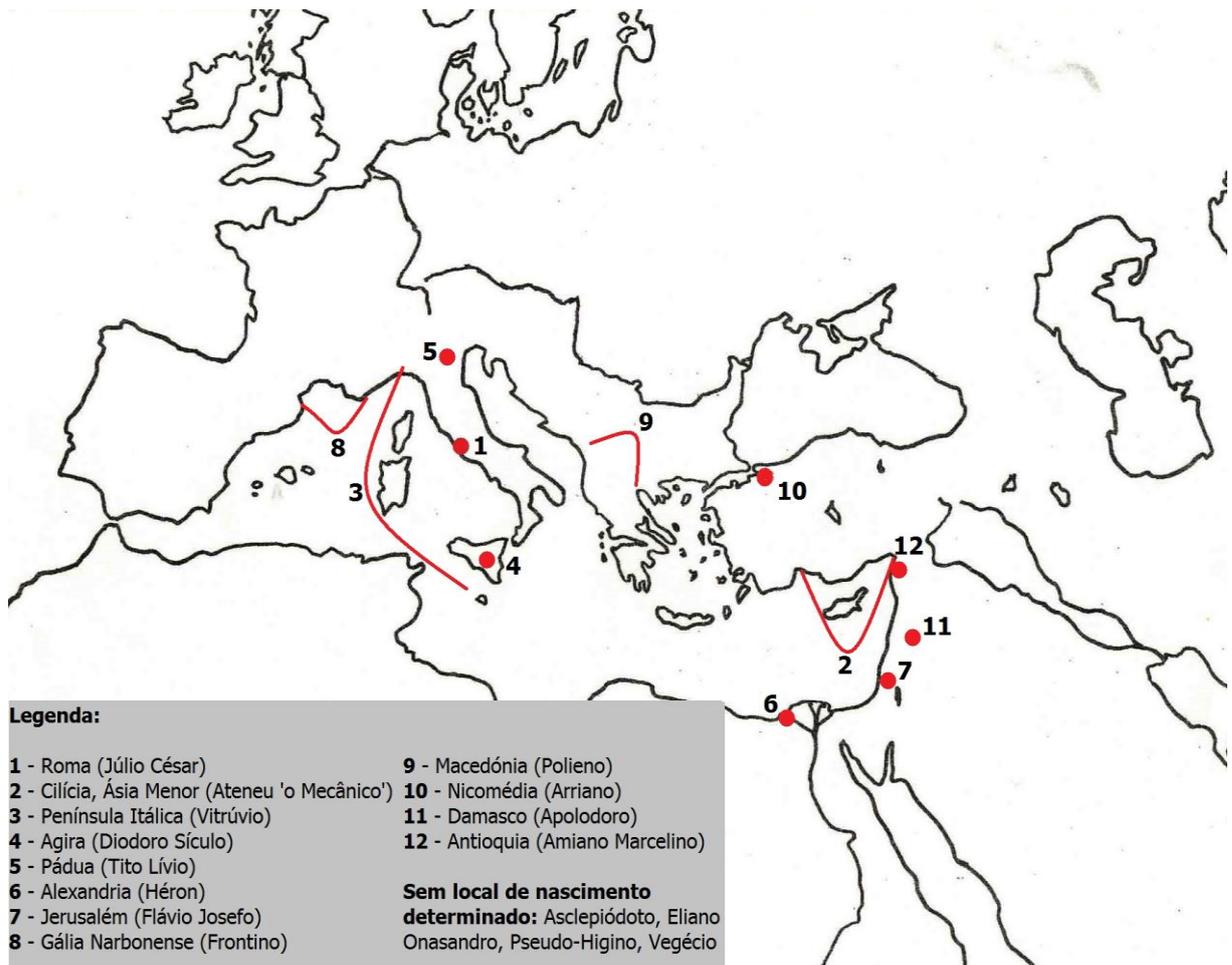
Mapa 1 – Origem dos polemógrafos da 1ª fase de literatura militar clássica



Origens dos polemógrafos da 1ª fase de produção da tratadística antiga (séc. IV) até aos finais do séc. II [versão adaptada do template retirado de: <http://bible.ovu.edu/terry/maps/romanemp.gif>, consultado no dia 11/12/17, às 14h23].

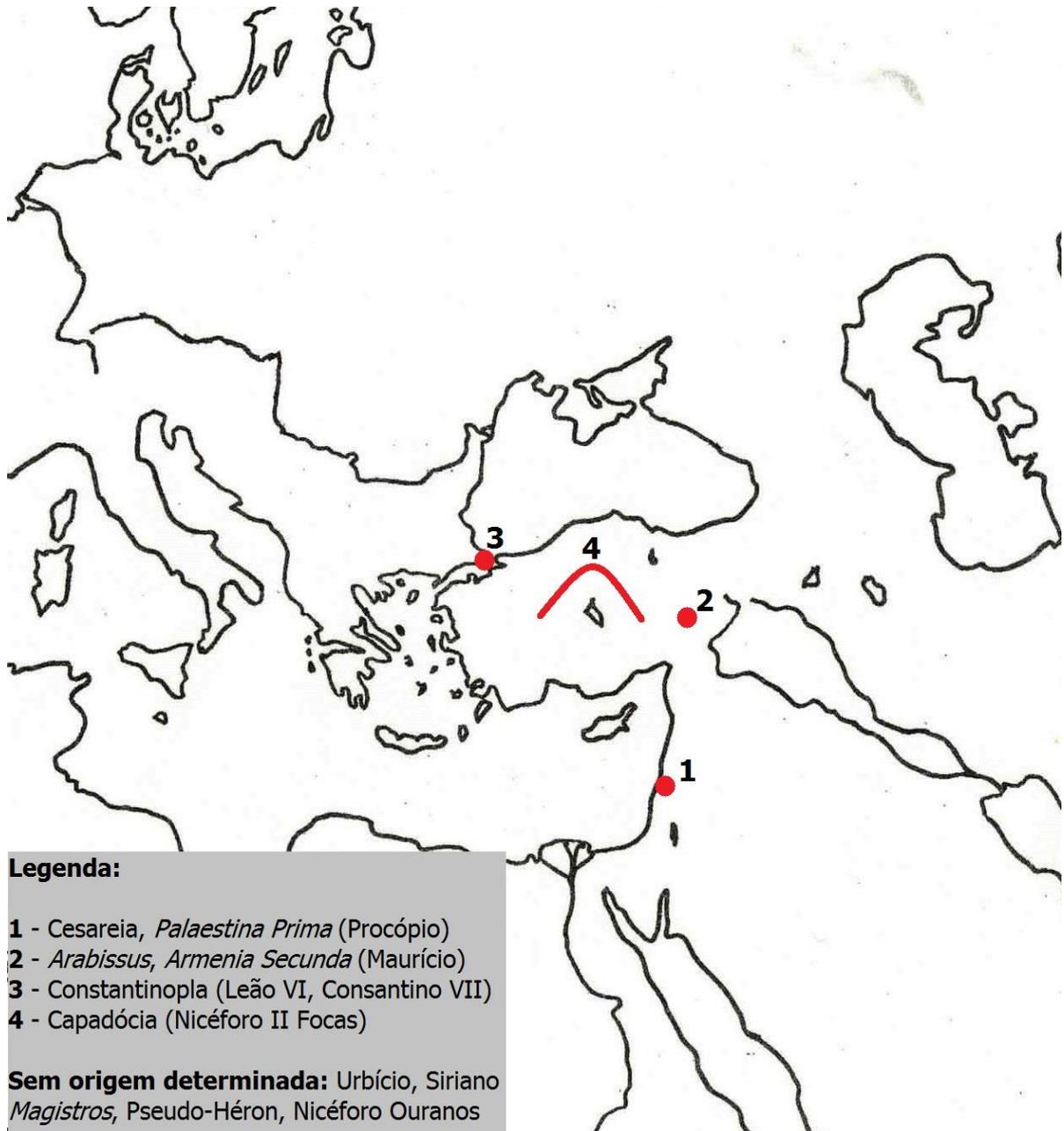
⁸⁷⁴ Mapas adaptados de templates retirados da internet (cujo sítio foi identificado nas legendas destes). Por sua vez os Esquemas são da nossa autoria, partindo das interpretações feitas às ilustrações da obra: MATTHEW, Christopher (ed.) – *The Tactics of Aelian or On the Military Arrangements of the Greeks: A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, Grã-Bretanha: Pen & Sword Books, 2012.

Mapa 2 – Nascimento dos escritores militares da 2ª fase de polemografia clássica



Locais dos nascimentos dos polemógrafos do 2º período de produção de cultura militar escrita clássica (séc. I a.C. a V) [versão adaptada do template retirado de: <https://www.thinglink.com/scene/494960032715112449>, consultado no dia 11/12/17, às 22h18].

Mapa 3 – Origem dos filósofos militares bizantinos



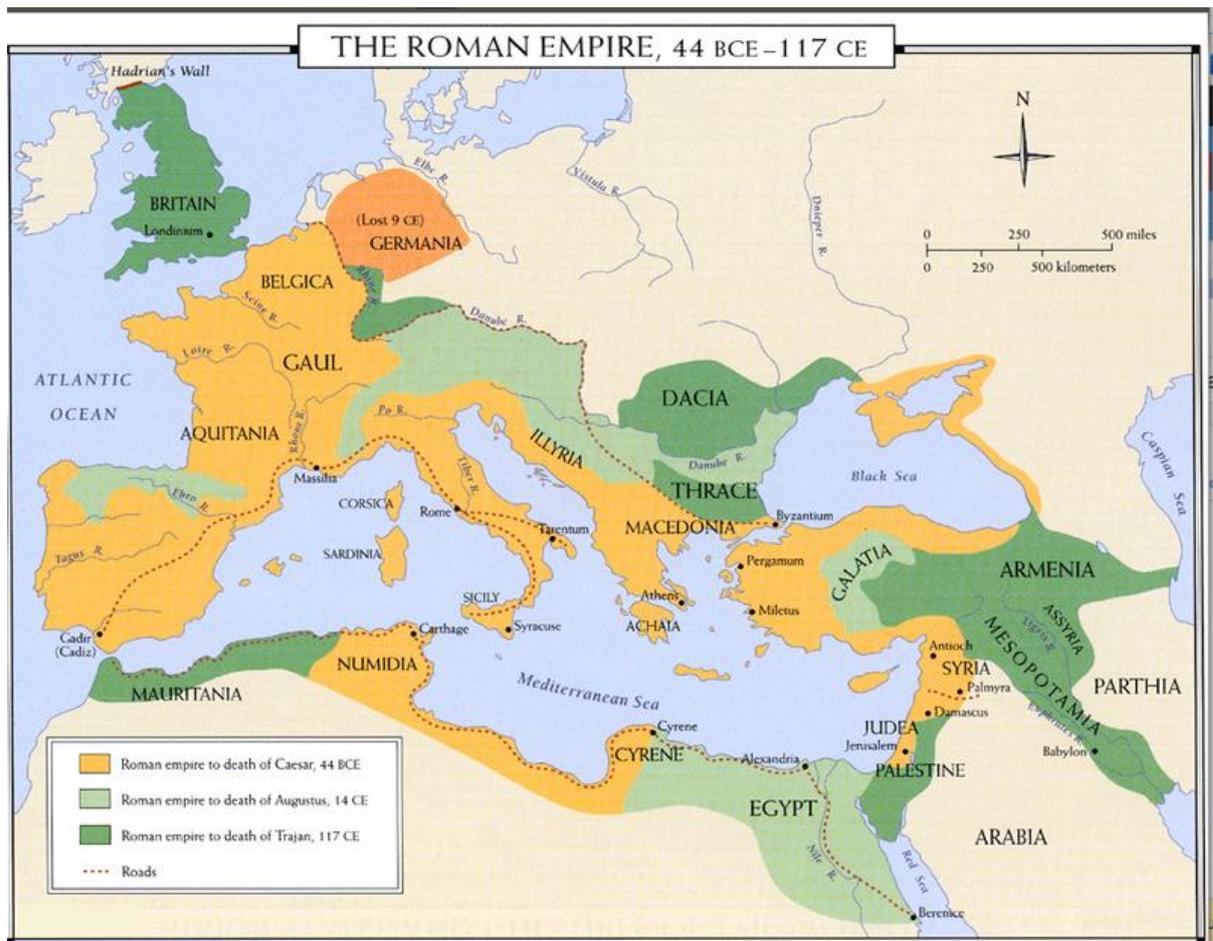
Locais das origens dos filósofos militares bizantinos (sécs. V a X) [versão adaptada e ampliada do template retirado de: <https://www.thinglink.com/scene/494960032715112449>, consultado no dia 13/11/17, às 17h39].

Mapa 4 – Cidades da Grécia Antiga



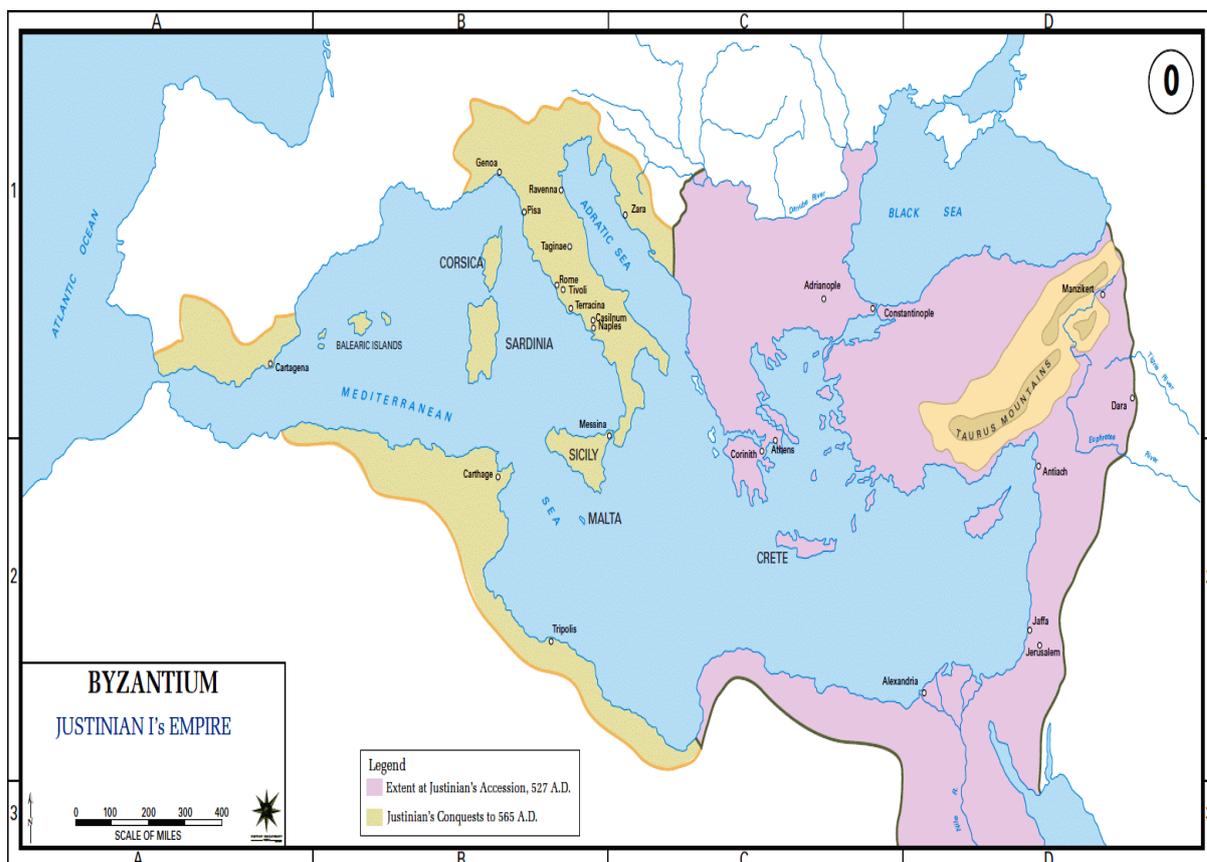
Geografia das cidades gregas mais importantes do período clássico e helénico [versão adaptada e ampliada: http://www.poesialatina.it/_ns/Greek/html/Citta-en.html, consultado no dia 18/11/17, às 23h47].

Mapa 5 – Império Romano durante os sécs. I e II



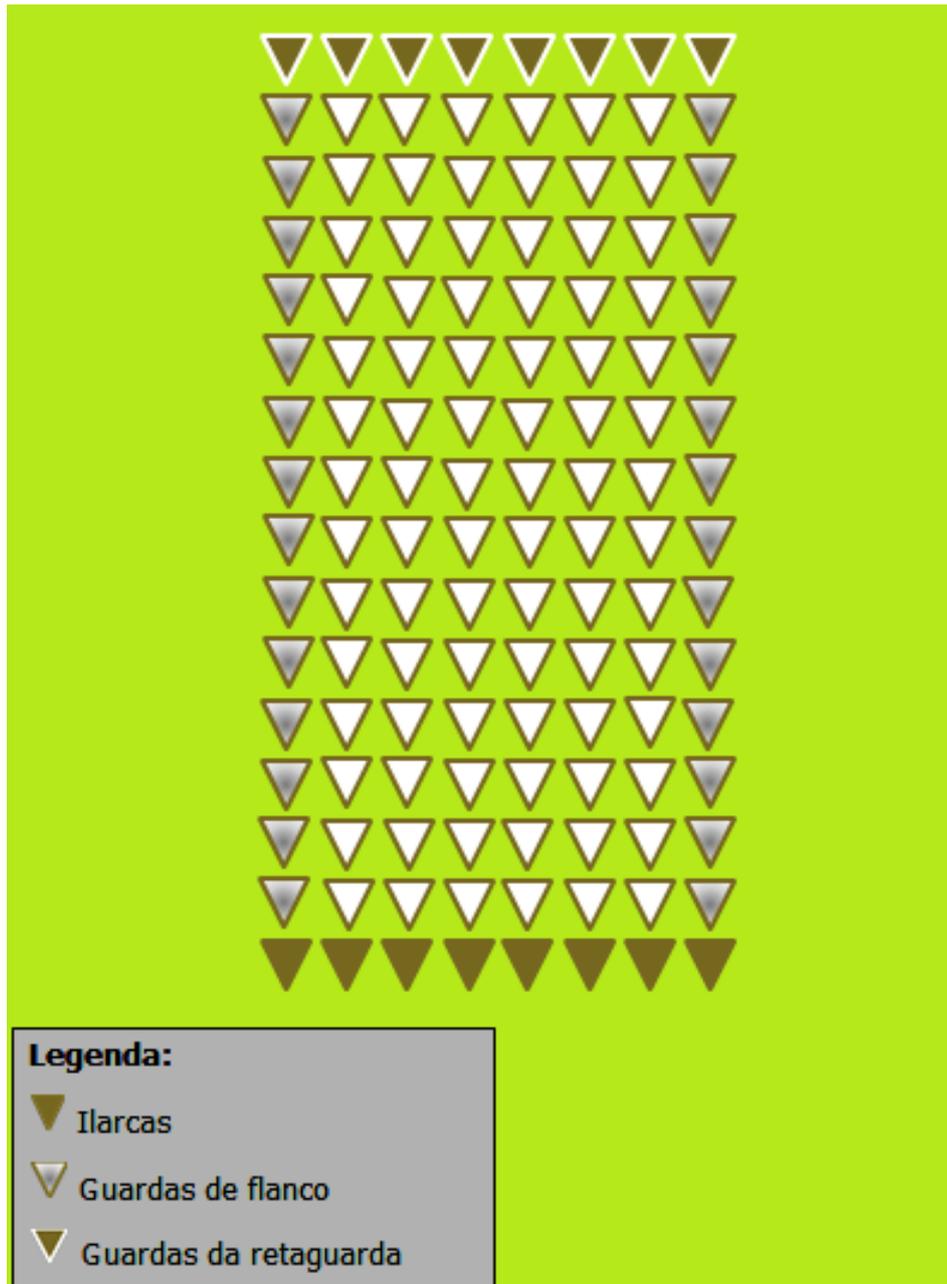
Evolução da geografia de Roma de Júlio César a Trajano [versão adaptada: <https://vanrossenclassicalstudies.wikispaces.com/Roman+Empire+expansion+Map+for+Caesar%2C+Augustus+and+then+Trajan>, consultado no dia 28/11/17, às 22h32].

Mapa 6 – Império Bizantino ao tempo de Justiniano I



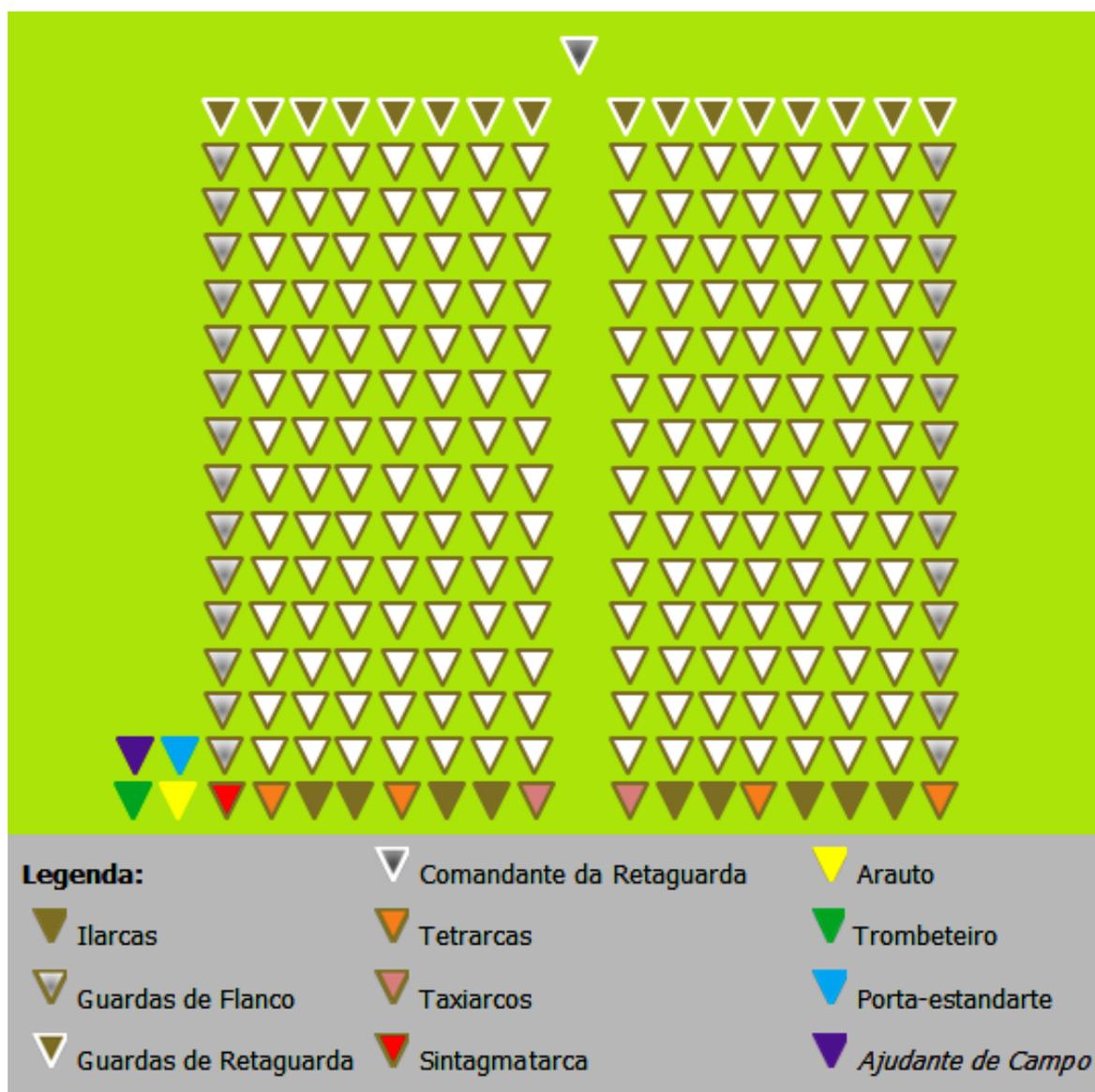
Expansão do território bizantino durante o reinado de Justiniano I [versão adaptada:
https://www.ancient.eu/Byzantine_Empire, consultado no dia 31/11/17, às 16h13].

Esquema 1 – Componentes de uma falange



Elementos de uma falange de acordo com Eliano e Siriano *Magistros*.

Esquema 2 – Composição de um Sintagma



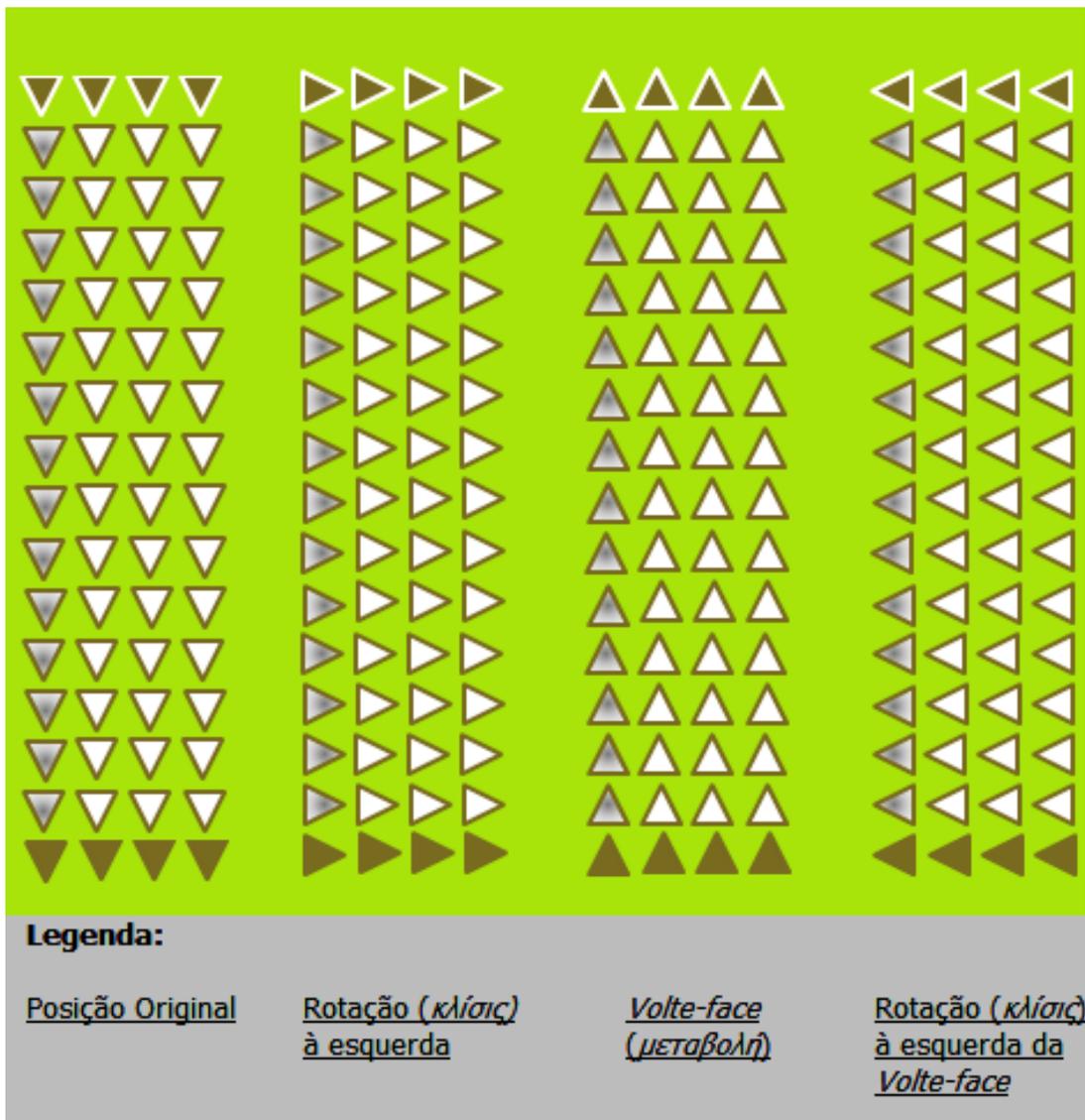
Composição de um Sintagma. Atente-se que os Tetrarcas (comandantes de 4 esquadrões), os Taxiarcos (comandantes de 8 colunas) e o sintagmatarca continuam a exercer as funções de Iarcas na sua respetiva coluna.

Esquema 3 – *Volte-Face* (μεταβολή)



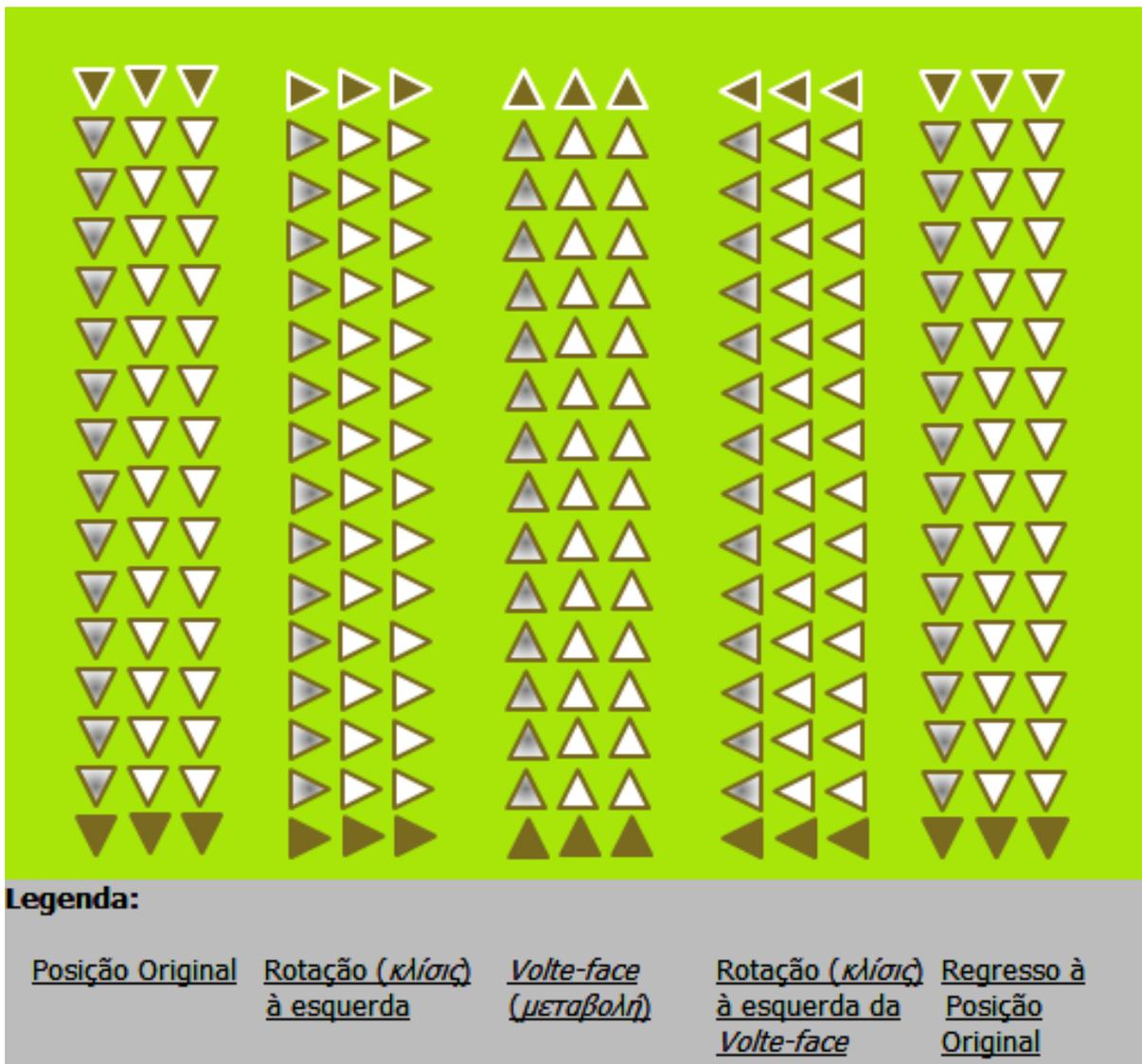
Movimentação *Volte-Face* realizado pelos soldados da falange (movimentando-se um de cada vez).

Esquema 4 – Tripla rotação (περιστροφή)



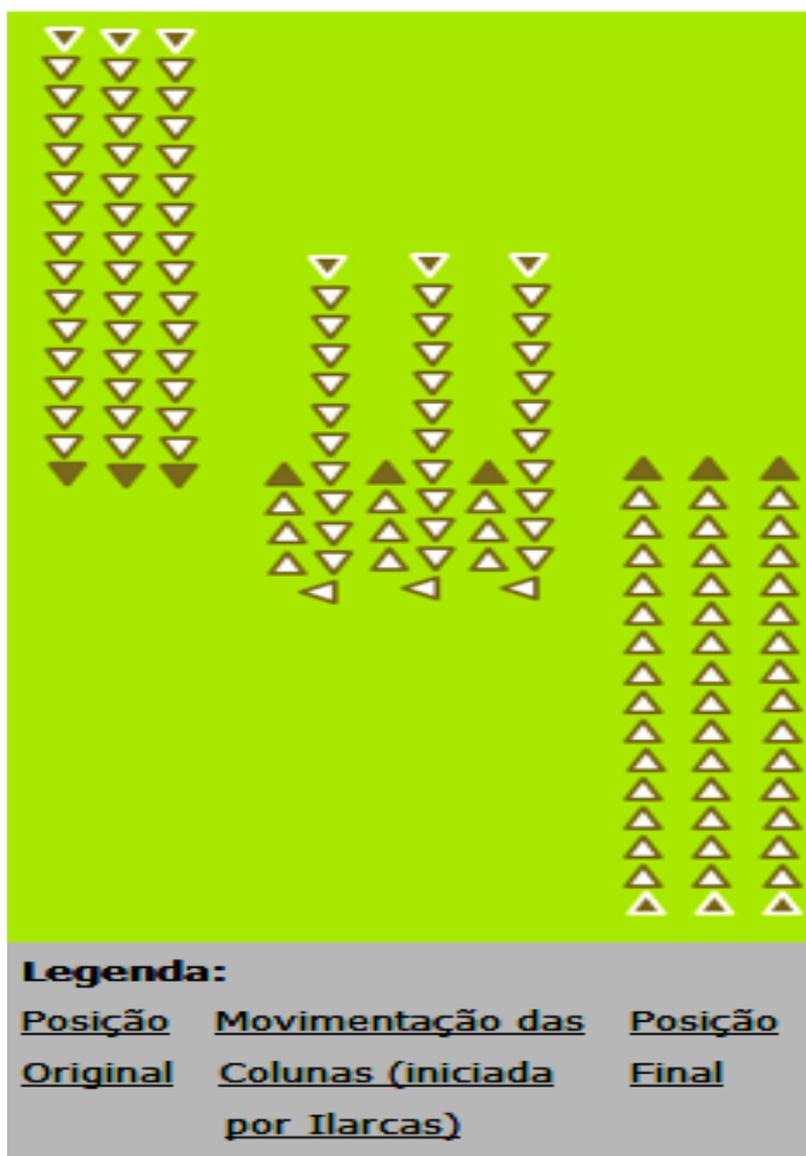
Rotação da *Volte-Face* (περιστροφή) para a direita ou esquerda (exemplo representado no esquema).

Esquema 5 – Regresso à posição original do soldado (rotação quadrupla)



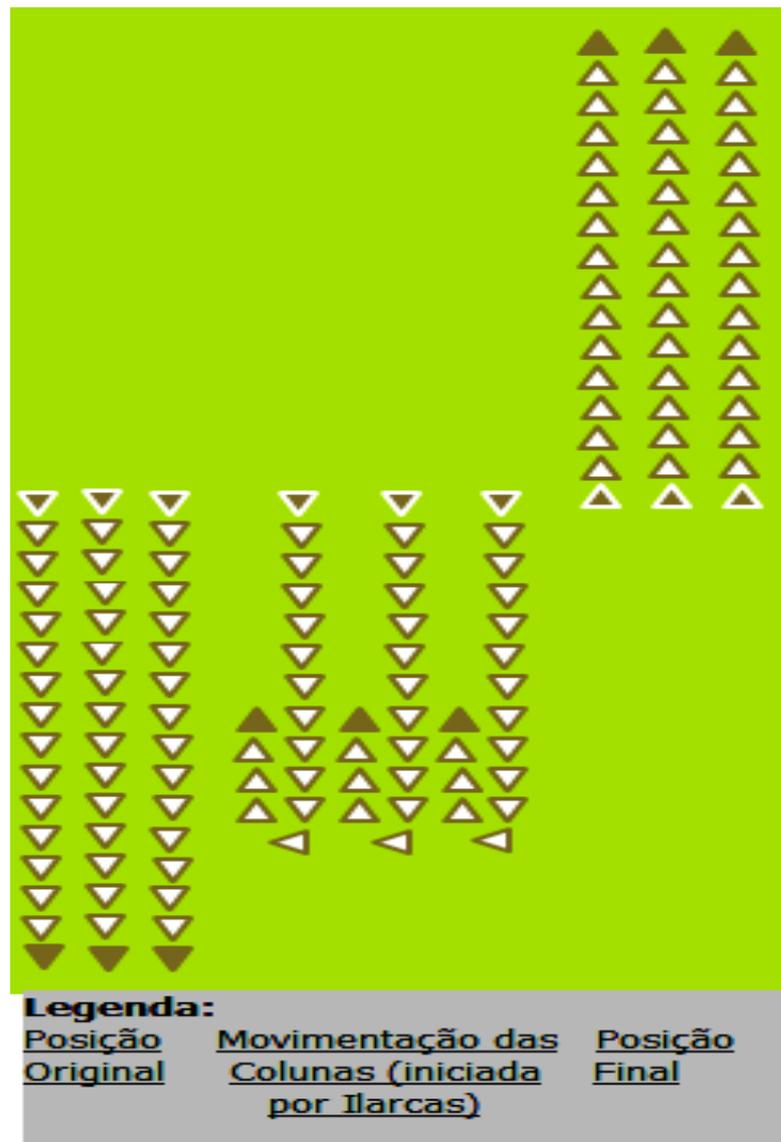
Representação de uma movimentação quadrupla (ἀποκατάστασις), na qual o soldado regressa à posição original.

Esquema 6 – Contramarcha Macedónica (por coluna)



Contramarcha Macedónia efetuada por coluna: a vanguarda vai olhar para a posição da antiga retaguarda.

Esquema 7 – Contramarcha Lacónica (por coluna)



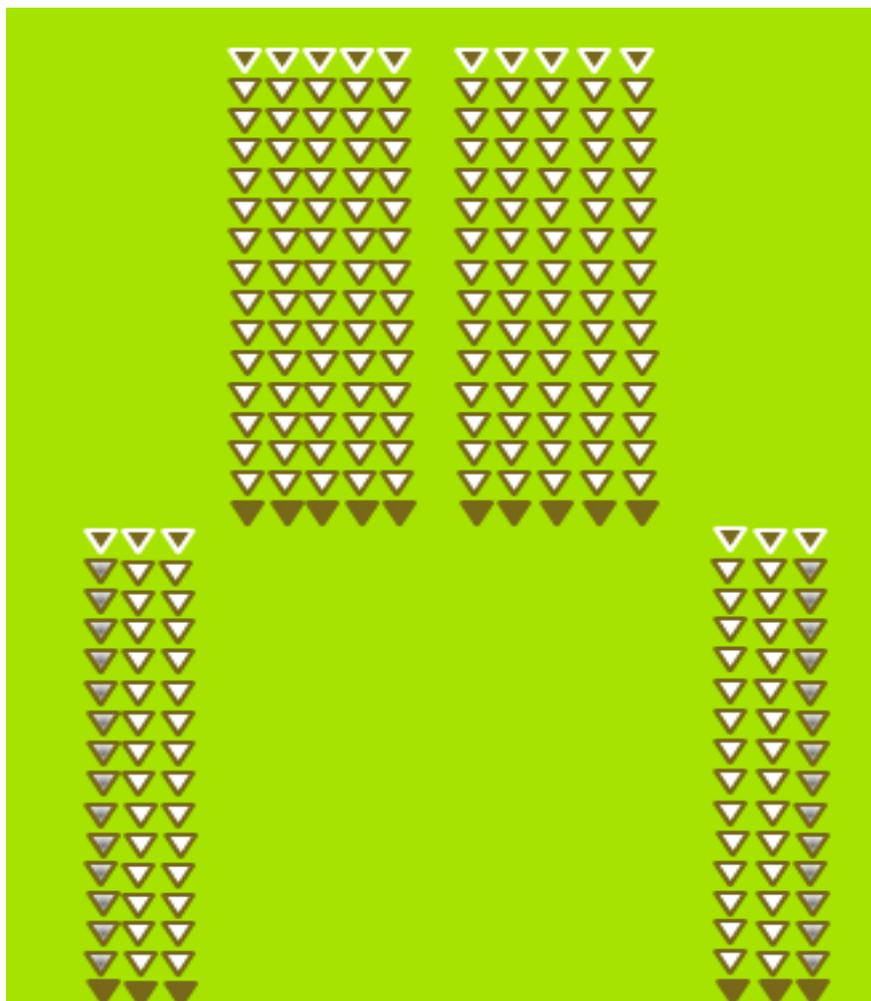
Contramarcha Lacónica executada por coluna: os ilarcas dirigem-se para a zona localizada atrás dos guardas de retaguarda.

Esquema 8 – Contramarcha Córica/Cretense/Persa (por coluna)



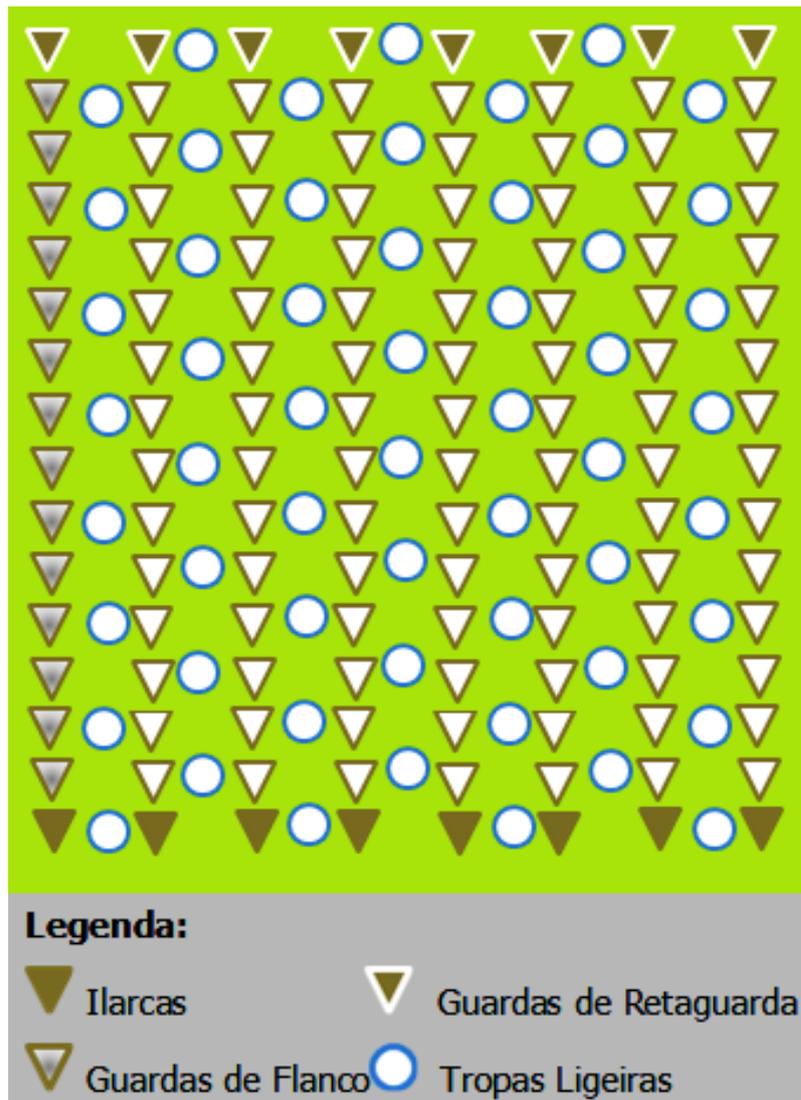
Contramarcha Córica/Cretense/Persa efetuada por coluna: a vanguarda coloca-se na antiga posição da retaguarda (vice-versa).

Esquema 9 – Progressão (*προσταξίς*) de ambos os flancos da falange



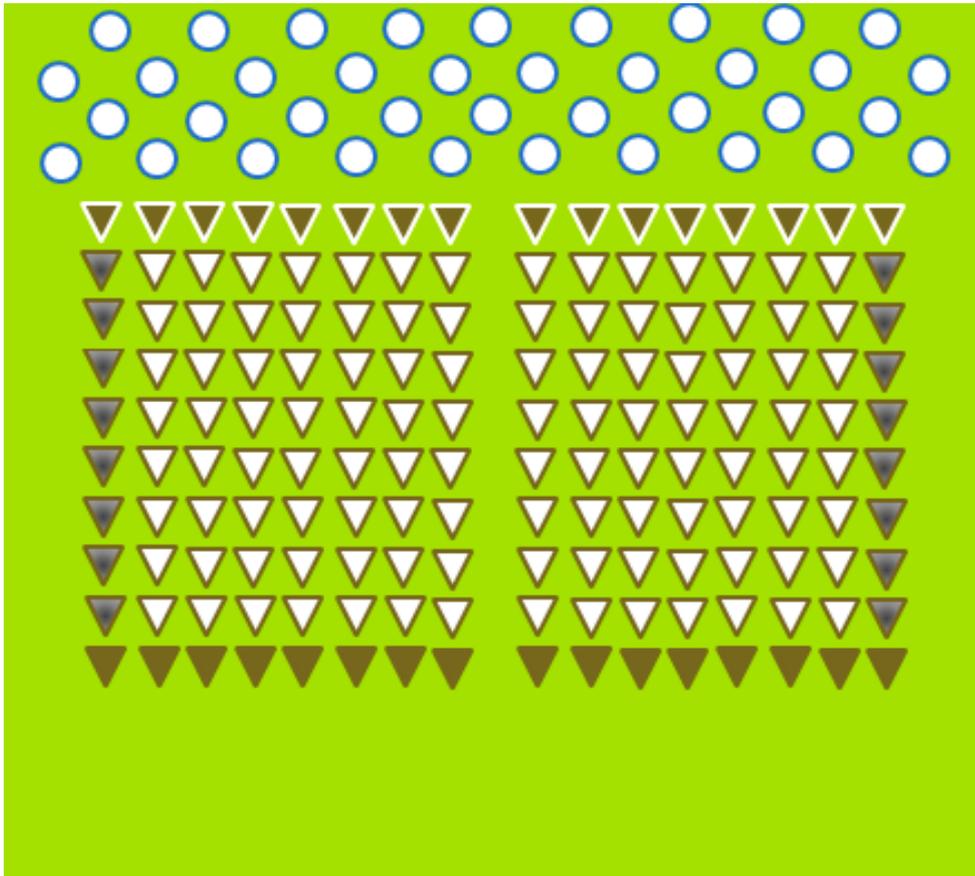
Progressão de ambos os flancos de um syntagma, de tal forma que estes ficam numa posição mais avançada que a vanguarda da unidade.

Esquema 10 – Colocação de infantaria ligeira nos espaços entre as colunas das falanges



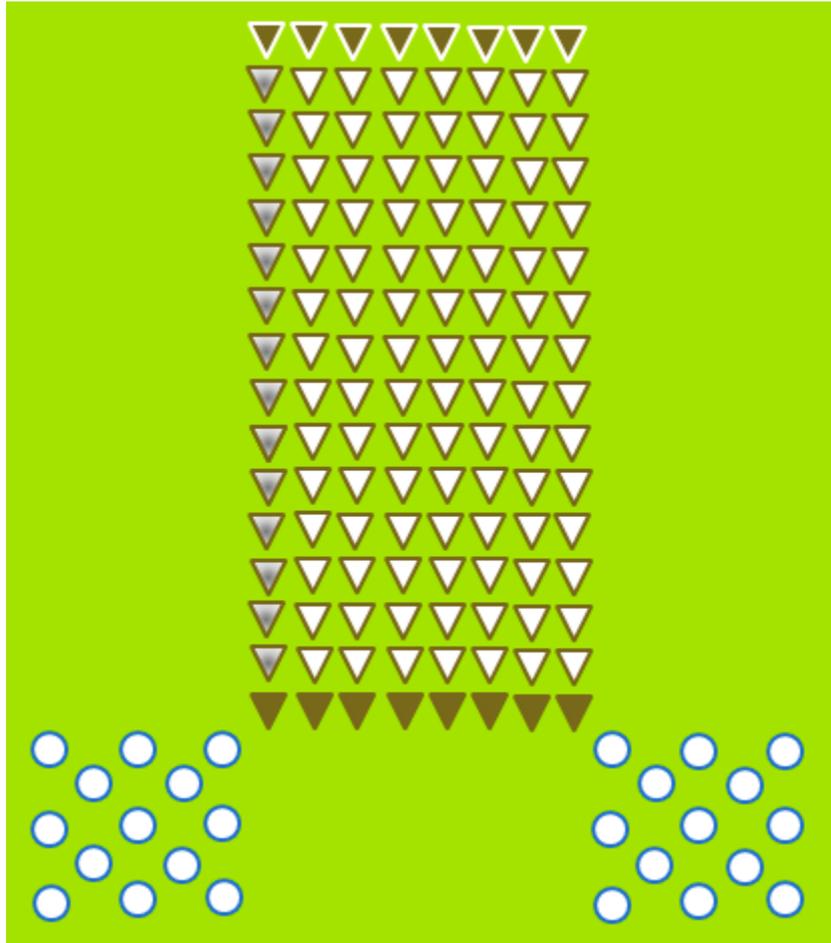
Inserção de tropas ligeiras nos espaços entre as colunas das falanges (*ἐνταξίς*).

Esquema 11 – Introdução de tropas ligeiras na retaguarda da falange



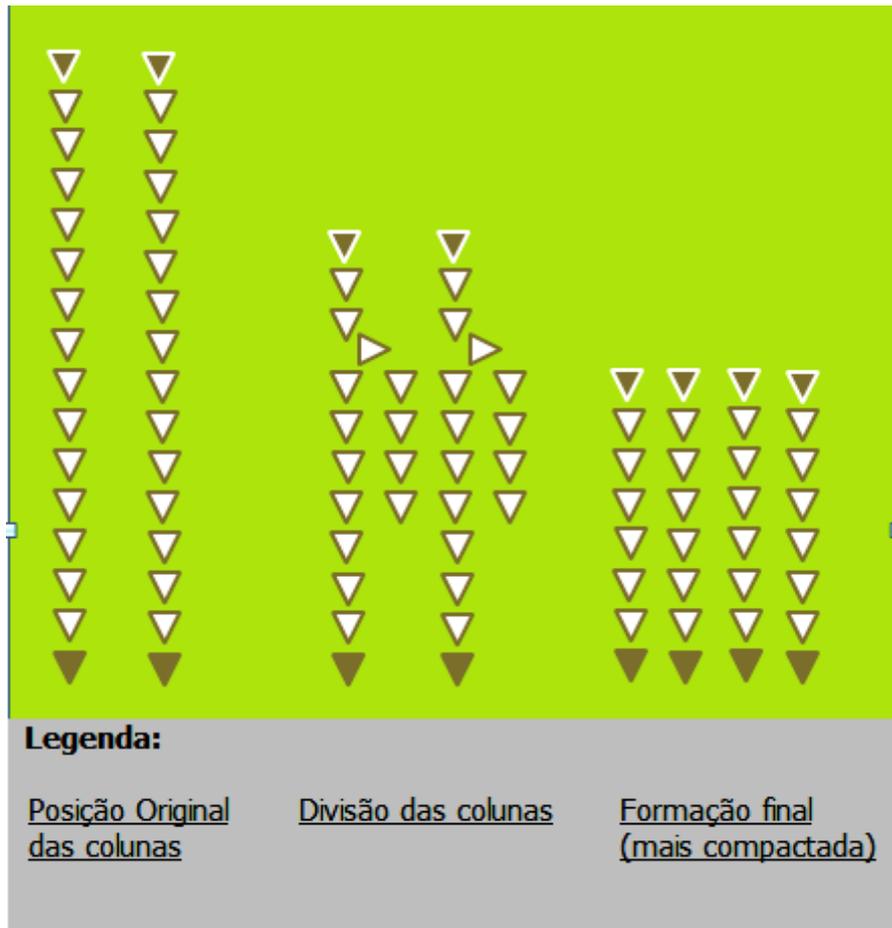
Colocação de tropas ligeiras atrás da retaguarda da unidade, especialmente eficaz quando esta possui uma profundidade diminuta.

Esquema 12 – Apresentação de soldados ligeiros nos flancos das subunidades da falange



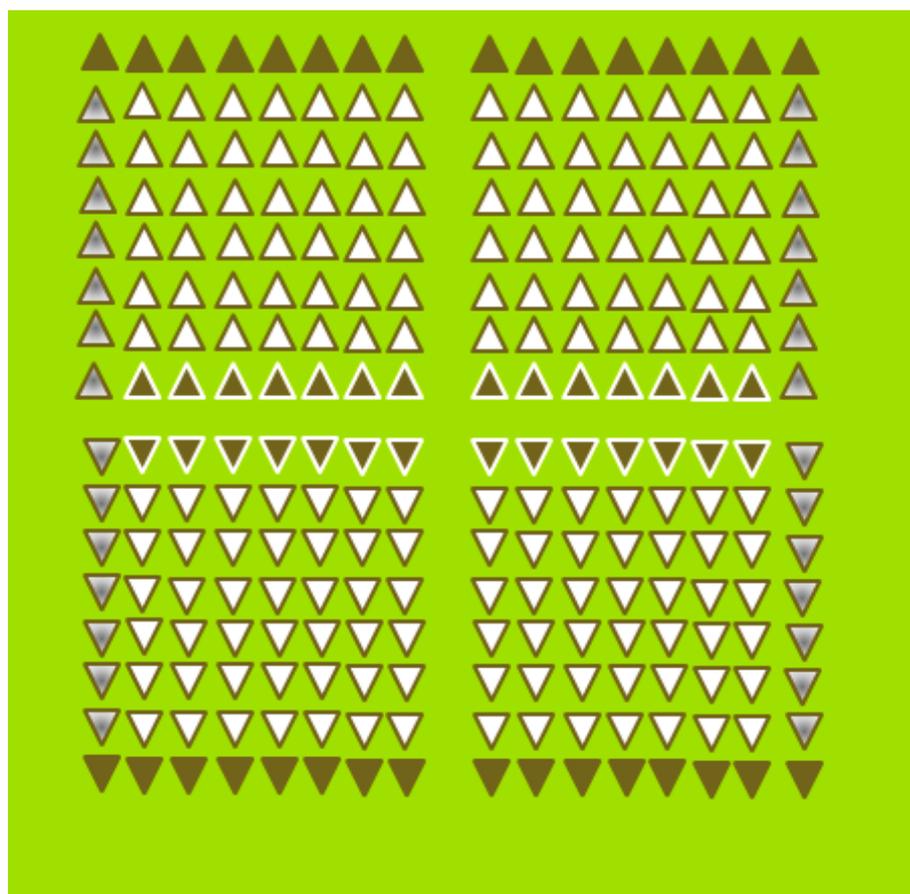
A introdução de infantaria ligeira no avanço dos flancos das subunidades da falange é particularmente eficaz contra os avanços da cavalaria inimiga.

Esquema 13 – Progressão dos guerreiros mais recuados para os espaços vazios entre colunas (παρεμβολή)



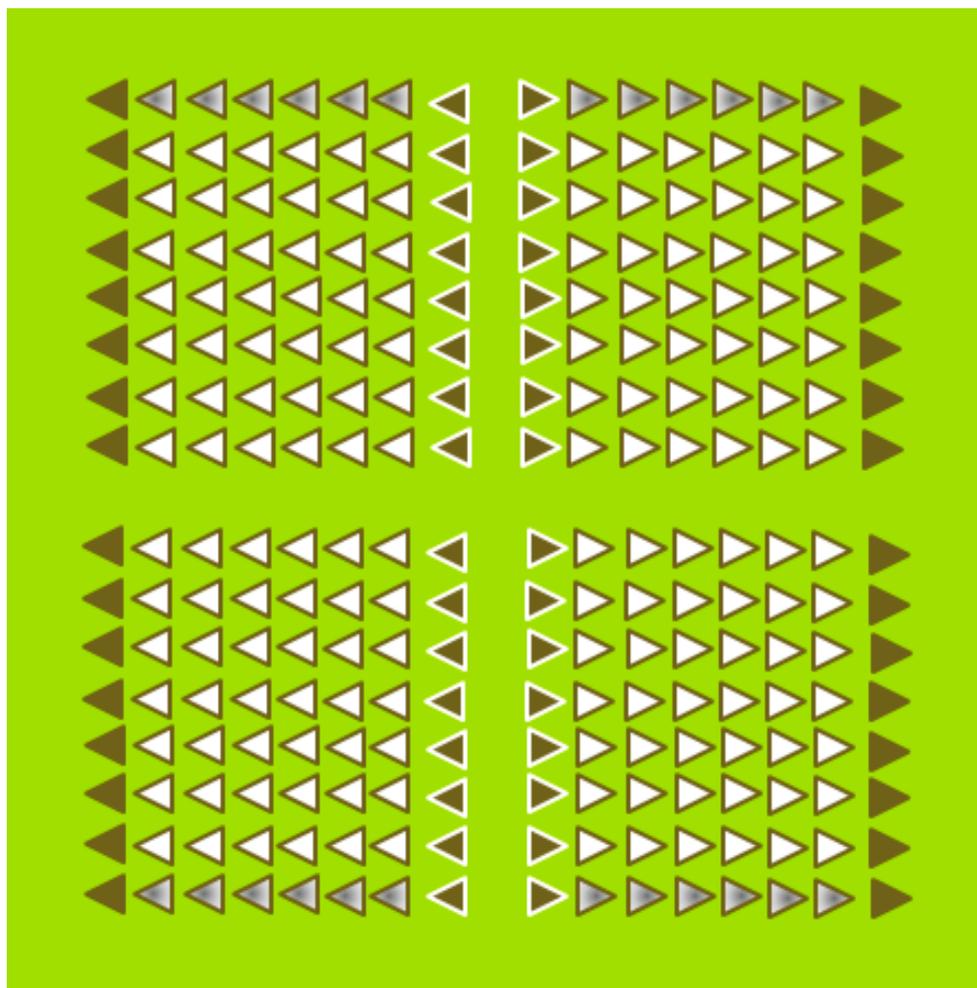
Avanço dos soldados das fileiras mais recuadas para preencher os espaços vazios entre as colunas (παρεμβολή) de modo a criar uma unidade mais compactada.

Esquema 14 - Unidade de duas frentes verticais (αντίστομος)



Unidades com duas frentes, ou seja os ilarcas encontrar-se-iam na vanguarda e dianteira do sintagma.

Esquema 15 - Unidade de duas frentes horizontais (άνφίστομος)



Unidades com duas frentes, que obrigaria à colocação de ilarcas em ambos os flancos.

Anexo IV – Tabelas

Tabela 1 - Tratados greco-romanos e bizantinos distribuídos pelos manuscritos principais⁸⁷⁵

Tratado	Mediceo-Laurentianus LV-4	Ambrosianus graecus 139 (B 119 sup.)	Neapolitanus gr. 284 (III C 26)	Scorialensis graecus Y III 11 (281)	Parisinus gr. 2442	Parisinus suppl. gr. 607	Barberianus gr. 276 (II 97)	Vaticanus gr. 1164	Laurentianus LXXV-6
<i>Comentários de Poliorcética de Eneias</i>	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
<i>Construção de Armas de Cerco e Artilharia de Bítion</i>	✗	✗	✗	✓	✓	✓	✗	✓	✗
<i>Belopoeica de Filo de Bizâncio</i>	✗	✗	✗	✓	✓	✗	✓	✓	✗
<i>Sobre Máquinas de Cerco de Ateneu ‘o Mecânico’</i>	✗	✗	✗	✓	✓	✓	✗	✓	✗
<i>Sobre</i>	✗	✗	✗	✓	✓	✓	✗	✓	✗

⁸⁷⁵ Esta tabela foi elaborada a partir da informação respeitante aos manuscritos que se encontra nas seguintes obras: GREATEX, Geoffrey et alii - “Urbicius Epitedeuma: an edition, translation and commentary” in *Byzantinische Zeitschrift*, n.º 98, Berlin: De Gruyter, 2005, pp. 44-46. / DAIN, Alphonse – “Les stratégistes byzantins” in *Travaux et Mémoires* 2, Paris: Éditions E. De Boccard, 1967, pp. 379-389.

<i>Catapultas de Héron de Alexandria</i>									
<i>Belopoeica de Héron de Alexandria</i>	x	x	x	✓	✓	✓	x	✓	x
<i>Teoria Tática de Asclepiódoto</i>	✓	x	x	x	x	x	x	x	x
<i>O General de Onasandro</i>	✓	✓	✓	x	✓	x	x	✓	x
<i>Teoria Tática de Eliano 'o Tático'</i>	✓	x	✓	x	✓	x	x	✓	x
<i>Ciência Tática de Arriano</i>	✓	x	x	x	x	x	x	x	x
<i>Ordem de Marcha Contra os Alanos de Arriano</i>	✓	x	x	x	x	x	x	x	x
<i>Poliortética de Apolodoro de Damasco</i>	x	x	x	✓	✓	✓	x	✓	x
<i>De constru</i>	x	x	x	✓	x	x	x	✓	x

<i>ctione Helepoleos</i> (anónimo)									
<i>Aparato Bélico de Júlio Africano</i>	✓	✗	✗	✓	✗	✗	✓	✓	✗
<i>Tática de Urbício</i>	✗	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
<i>A Invenção de Urbício</i>	✗	✗	✓	✗	✗	✗	✗	✓	✗
<i>Stratēgikón de Maurício</i>	✓	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✓	✗
<i>De Militaria</i> (anónimo)	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
<i>Sobre Estratégia de Siriano Magistros</i>	✓	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✓	✗
<i>Naumaquia de Siriano Magistros</i>	✗	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
<i>Retórica Militar de Siriano Magistros</i>	✓	✓	✗	✗	✗	✗	✗	✗	✗
<i>Taktiká de Leão</i>	✓	✓	✗	✓	✗	✗	✗	✓	✗

VI									
<i>Compilação Tática</i> (anônimo)	x	x	x	x	x	x	x	x	✓
<i>Como Resistir a um Cerco</i> (anônimo)	x	x	x	x	x	x	✓	✓	x
<i>Guerrilha de Nicéforo II</i>	x	x	x	✓	x	x	x	✓	x
<i>Organização de uma Campanha de Nicéforo II</i>	x	x	x	✓	x	x	x	✓	x

Tabela 2 – Remissões para o *Stratēgikón*, a *Taktiká* e a *De Re Strategica*⁸⁷⁶

<u>Temas</u>	<u><i>Stratēgikón</i></u> <u>(Maurício)</u>	<u><i>Taktiká</i> (Leão VI)</u>	<u><i>De Re Strategica</i></u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Abastecimento [veja-se também “Provisões / Ração”]	Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. I, Cap. 9	Const. 4, Par. 31 / Const. 5, Par. 9 / Const. 6, Par. 19 / Const. 9, Par. 23-24 / Const. 11, Par. 7 / Const. 19, Par. 11 / Const. 19, Par. 13 / Const. 19, Par. 18 / Const. 20, Par. 2 / Const. 20, Par. 63 / Const. 20, Par. 67	Cap. 33, Par. 3
Abrigo	Liv. V, Cap. 4	Const. 20, Par. 194	Cap. 26, Par. 1
Abulfer / Apoulfer (comandante árabe da Síria-Palestina)	Sem Remissão	Const. 11, Par. 21 / Const. 17, Par. 65	Sem Remissão
Acampamento	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 7-9 / Liv. II, Cap. 12 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 12 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. V, Cap. 1-2 / Liv. V, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Intr / Liv. VII, Parte A, Cap. 7 /	Const. 4, Par. 24 / Const. 8, Par. 24 / Const. 9, Par. 7 / Const. 9, Par. 52 / Const. 9, Par. 55 / Const. 9, Par. 74 / Const. 10, Par. 5 / Const. 10, Par. 8 / Const. 10, Par. 12-13 / Const. 11, Par. 1-41 /	Cap. 26, Par. 1-2 / Cap. 27, Par. 1-3 / Cap. 28, Par. 1-4 / Cap. 29, Par. 1-5 / Cap. 39, Par. 2-4

⁸⁷⁶ Para a elaboração desta tabela utilizaram-se as seguintes edições: DENNIS, George (trad.) – *Three Byzantine Military Treatises*, pp. 1-136 / DENNIS, George (trad.) – *Maurice’s Strategikon*, EUA: University of Pennsylvania Press, 1984. / DENNIS, George (trad.) - *The Taktika of Leo VI*. Washington: Dumbarton Oaks, 2014.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. VII, Parte A, Cap. 12-14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9-11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-23 / Liv. XII, Parte C / Liv. XII, Parte D	Const. 12, Par. 43 / Const. 14, Par. 12 / Const. 15, Par. 2-3 / Const. 15, Par. 10 / Const. 15, Par. 23 / Const. 15, Par. 57-58 / Const. 17, Par. 9-17 / Const. 17, Par. 42 / Const. 17, Par. 45-46 / Const. 17, Par. 50-52 / Const. 17, Par. 86 / Const. 18, Par. 25 / Const. 18, Par. 51 / Const. 20, Par. 27 / Const. 20, Par. 34 / Epílogo, Par. 59	
Acampamento de inverno	Liv. I, Cap. 2 / Liv. I, Cap. 7 / Liv. VI, Cap. 1	Const. 6, Par. 1 / Const. 6, Par. 19 / Const. 7, Par. 2 / Const. 8, Par. 14-15 / Const. 11, Par. 4-5 / Const. 11, Par. 41 / Const. 20, Par. 73	Sem Remissão
Acolchoamento	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 8	Sem Remissão
Adaga	Sem Remissão	Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 30	Sem Remissão
Adana (cidade turca)	Sem Remissão	Const. 18, Par. 119 / Const. 18, Par. 132	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Africano	Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Agricultura	Sem Remissão	Const. 20, Par. 209	Cap. 3, Par. 6
Água	Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 17 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. V, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 7 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9-10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23	Const. 9, Par. 8 / Const. 10, Par. 9 / Const. 11, Par. 29 / Const. 11, Par. 31 / Const. 11, Par. 33 / Const. 13, Par. 7 / Const. 13, Par. 11-12 / Const. 14, Par. 83 / Const. 15, Par. 52 / Const. 15, Par. 63-64 / Const. 17, Par. 9 / Const. 19, Par. 70 / Const. 20, Par. 197	Cap. 3, Par. 6 / Cap. 6, Par. 6 / Cap. 9, Par. 5 / Cap. 10, Par. 2 / Cap. 11, Par. 2 / Cap. 13, Par. 2 / Cap. 13, Par. 5 / Cap. 19, Par. 1 / Cap. 19, Par. 3 / Cap. 19, Par. 7-8 / Cap. 20, Par. 1 / Cap. 20, Par. 4 / Cap. 26, Par. 1
Akrobolistai (atiradores montados)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 27-28 / Const. 7, Par. 40	Sem Remissão
Alakation / Alakatia (arma de cerco)	Sem Remissão	Const. 5, Par. 6 / Const. 6, Par. 23 / Const. 14, Par. 74 / Const. 15, Par. 26	Sem Remissão
Alanos	Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Alexandre “o Grande”	Sem Remissão	Const. 6, Par. 30 / Const. 20, Par. 88	Cap. 19, Par. 7
Alforge	Liv. I, Cap. 2 / Liv.	Sem Remissão	Cap. 40, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	VII, Parte A, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17		
Aljava	Liv. I, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 5	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 5 / Const. 6, Par. 22	Cap. 27, Par. 2
Almirante	Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Sem Remissão	Sem Remissão
Amazonas	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 44, Par. 4
Ameias	Liv. X, Cap. 3	Sem Remissão	Cap. 12, Par. 3 / Cap. 13, Par. 6
Amigos	Sem Remissão	Const. 4, Par. 41 / Const. 15, Par. 39 / Const. 18, Par. 79 / Const. 20, Par. 160 / Const. 20, Par. 207	Cap. 3, Par. 4-5
Aníbal	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Cap. 18, Parte A, Par. 5
Animais (Gado)	Liv. I, Cap. 5-6 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. X, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 8, Par. 9 / Const. 9, Par. 19 / Const. 11, Par. 10 / Const. 17, Par. 6 / Const. 18, Par. 106- 107 / Const. 18, Par. 134 / Const. 19, Par. 60	Cap. 8, Par. 2 / Cap. 28, Par. 1 / Cap. 45, Par. 3
Animais (de carga)	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII,	Const. 4, Par. 31 / Const. 4, Par. 38 / Const. 5, Par. 6 /	Cap. 19, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 6, Par. 15 / Const. 6, Par. 24 / Const. 20, Par. 154	
Animais Venenosos (como armas)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 60	Sem Remissão
Antepassados	Sem Remissão	Const. 2, Par. 15-17 / Const. 20, Par. 116	Sem Remissão
Antes (povo)	Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Sem Remissão	Sem Remissão
Antikensores (batedores)	Liv. I, Cap. 3	Const. 4, Par. 25 / Const. 20, Par. 174	Sem Remissão
Apolodoro (de Damasco)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 3
Apóstolos	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 2
Arabia / Árabes	Sem Remissão	Const. 18, Par. 104	Cap. 40, Par. 1
Arato (poeta)	Sem Remissão	Epílogo, Par. 67	Sem Remissão
Arauto / Mensageiro	Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 19 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22 / Liv.	Const. 4, Par. 7 / Const. 4, Par. 18 / Const. 4, Par. 37 / Const. 4, Par. 52 / Const. 7, Par. 16-17 / Const. 12, Par. 37-39 / Const. 12, Par. 56-57 / Const. 12, Par. 85 / Const. 14, Par. 59	Cap. 30, Par. 1-2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D		
Arco	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 5-6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte D	Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 5-6 / Const. 6, Par. 17 / Const. 6, Par. 22-23 / Const. 20, Par. 81	Cap. 19, Par. 4 / Cap. 26, Par. 1 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 31, Par. 2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 44, Par. 2-4 / Cap. 46, Par. 1 / Cap. 47, Par. 1-2
Área Pantanosa	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Sem Remissão	Cap. 7, Par. 2
Ariete	Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3	Const. 15, Par. 27 / Const. 15, Par. 42	Cap. 12, Par. 1 / Cap. 12, Par. 4-5 / Cap. 13, Par. 10

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
<i>Arithmos</i> (unidade militar)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Const. 4, Par. 11 / Const. 4, Par. 56	Sem Remissão
Armada de Kibyrraiotai (Tema bizantino)	Sem Remissão	Const. 18, Par. 132	Sem Remissão
Armada dos Temas	Sem Remissão	Const. 19, Par. 26	Sem Remissão
Armada Imperial	Sem Remissão	Const. 19, Par. 26-27	Sem Remissão
Armadilha	Liv. IV, Cap. 1-5	Const. 14, Par. 26 / Const. 14, Par. 29 / Const. 14, Par. 35-55	Sem Remissão
Armadura (para o corpo)	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 8 / Const. 6, Par. 13 / Const. 6, Par. 18 / Const. 6, Par. 21	Cap. 15, Par. 9 / Cap. 16, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3
Armamento	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. II, Cap. 8 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 /	Const. 1, Par. 7 / Const. 6, Par. 1-35 / Const. 11, Par. 41 / Const. 12, Par. 36 / Const. 12, Par. 94 / Const. 14, Par. 34 / Const. 14, Par. 60 / Const. 14, Par. 86-92 / Const. 14, Par. 98 /	Cap. 7, Par. 4 / Cap. 16, Par. 1-5 / Cap. 17, Par. 1-2 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3 / Cap. 40, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 15, Par. 7 / Const. 18, Par. 109 / Const. 20, Par. 168 / Const. 20, Par. 183 / Const. 20, Par. 188 / Const. 20, Par. 205 / Epílogo, Par. 54 / Epílogo, Par. 55-56 / Epílogo, Par. 66	
Armamento macedónico	Sem Remissão	Const. 6, Par. 30 / Const. 6, Par. 32	Sem Remissão
Armas	Liv. I, Cap. 2 / Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. III, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. X, Cap. 1	Const. 5, Par. 1-13 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 15 / Const. 6, Par. 17 / Const. 6, Par. 21-22 / Const. 6, Par. 27 / Const. 6, Par. 34 / Const. 7, Par. 3-4 / Const. 7, Par. 10 / Const. 8, Par. 11 / Const. 8, Par. 25 / Const. 9, Par. 56 / Const. 9, Par. 62 / Const. 9, Par. 71-73 / Const. 19, Par. 6-7 / Const. 19, Par. 14-16 / Const. 19, Par. 59-67 / Const. 19, Par. 69 / Const. 19, Par. 73 /	Cap. 6, Par. 3 / Cap. 14, Par. 1 / Cap. 16, Par. 2 / Cap. 16, Par. 4 / Cap. 19, Par. 7 / Cap. 43, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		Const. 20, Par. 40 / Const. 20, Par. 113 / Const. 20, Par. 188	
Armas de Arremesso	Sem Remissão	Const. 6, Par. 7 / Const. 6, Par. 31	Sem Remissão
Armeiro	Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Arqueiro-mor	Liv. XII, Parte B, Cap. 9	Sem Remissão	Sem Remissão
Arqueiros	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 4-5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 1-3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-5 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12	Const. 4, Par. 70 / Const. 6, Par. 5-6 / Const. 7, Par. 22 / Const. 7, Par. 41 / Const. 9, Par. 72 / Const. 11, Par. 14 / Const. 11, Par. 41 / Const. 12, Par. 20 / Const. 12, Par. 31 / Const. 12, Par. 40 / Const. 14, Par. 60 / Const. 17, Par. 5 / Const. 18, Par. 33 / Const. 18, Par. 35 / Const. 18, Par. 22-23 / Const. 20, Par. 115	Cap. 44, Par. 1-5 / Cap. 45, Par. 1-3 / Cap. 46, Par. 1-2 / Cap. 47, Par. 1-2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	/ Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20-21 / Liv. XII, Parte D		
Arremesso de Pedras	Liv. X, Cap. 3-4	Const. 5, Par. 6 / Const. 6, Par. 23 / Const. 14, Par. 74 / Const. 15, Par. 26 / Const. 15, Par. 41 / Const. 19, Par. 14-16	Cap. 11, Par. 2 / Cap. 12, Par. 1 / Cap. 12, Par. 3 / Cap. 13, Par. 1 / Cap. 13, Par. 4 / Cap. 13, Par. 9-10 / Cap. 19, Par. 2 / Cap. 35, Par. 2 / Cap. 37, Par. 1
Arriano	Sem Remissão	Const. 7, Par. 67	Sem Remissão
Artilharia de cerco	Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 2
Arzanene (região da Arménia)	Liv. X, Cap. 1	Sem Remissão	Sem Remissão
Assembleias	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 3
Astrologia	Sem Remissão	Epílogo, Par. 61	Sem Remissão
Astronomia	Sem Remissão	Epílogo, Par. 61 / Epílogo, Par. 67	Sem Remissão
Ataque / Cargas / Assalto	Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 4-5 / Liv. III, Cap. 12-15 Liv.	Const. 9, Par. 28-41 / Const. 9, Par. 46 / Const. 9, Par. 48-50 / Const. 9, Par. 59 / Const. 9, Par. 66-69 / Const. 12, Par. 22 / Const. 12, Par. 26 /	Cap. 6, Par. 2 / Cap. 8, Par. 2 / Cap. 11, Par. 2 / Cap. 11, Par. 4 / Cap. 13, Par. 1- 10 / Cap. 17, Par. 3 / Cap. 21, Par. 1 / Cap. 25, Par. 2 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	IV, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 11 / Liv. VII, Parte A, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13-14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv. X, Cap. 1-2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23 / Liv. XII, Parte D	Const. 12, Par. 67 / Const. 12, Par. 73 / Const. 14, Par. 10 / Const. 14, Par. 47-48 / Const. 14, Par. 78 / Const. 20, Par. 102 / Const. 20, Par. 188	Cap. 29, Par. 1-2 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 32, Par. 1 / Cap. 33, Par. 3 / Cap. 34, Par. 2 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 2
Ateniense	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 33, Par. 1
Autocontrolo	Sem Remissão	Const. 3, Par. 7	Cap. 3, Par. 5
Autoridades Antigas (escritores greco-romanos)	Intr. / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII,	Sem Remissão	Cap. 8, Par. 2 / Cap. 15, Par. 3 / Cap. 20, Par. 1 / Cap. 23, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 2 / Cap. 30, Par. 1 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22		Cap. 31, Par. 4
Ávaros	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Baldaquino	Sem Remissão	Const. 10, Par. 11	Sem Remissão
Balista	Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Const. 6, Par. 23 / Const. 14, Par. 74	Sem Remissão
Bálsamo	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 12
Baluarte	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 2-4
Bandeiras	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 14-15 / Liv. VII, Parte A, Cap. 1	Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 16 / Const. 19, Par. 47	Sem Remissão
<i>Bandon</i> (unidade)	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4-5 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 5-8 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. V, Cap. 3-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv.	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	VII, Parte B, Cap. 8-9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1		
Bárbaros	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Barco /Batel	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. XI, Cap. 4	Const. 5, Par. 8	Cap. 19, Par. 1-2 / Cap. 19, Par. 5 / Cap. 19, Par. 6
Basílio I	Sem Remissão	Const. 9, Par. 14 / Const. 18, Par. 95	Sem Remissão
Batalha	Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 10-11 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 17 / Liv. II, Cap. 19-20 / Liv. III, Cap. 2-5 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. IV, Cap. 3-5 / Liv. V, Cap. 1-4 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 2-3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 6-15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 2-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 6 / Liv. VII, Parte B, Cap. 8-	Const. 7, Par. 8 / Const. 10, Par. 9-11 / Const. 12, Par. 9 / Const. 12, Par. 51-72 / Const. 12, Par. 74-83 / Const. 12, Par. 85-89 / Const. 12, Par. 91 / Const. 12, Par. 101 / Const. 12, Par. 103 / Const. 12, Par. 107 / Const. 13, Par. 1-18 / Const. 14, Par. 1-101 / Const. 16, Par. 4-6 / Const. 17, Par. 33 / Const. 18, Par. 27 / Const. 18, Par. 31-32 / Const. 18, Par. 34 / Const. 19, Par. 24 /	Cap. 6, Par. 4 / Cap. 31, Par. 1-6 / Cap. 32, Par. 1-6 / Cap. 33, Par. 1-4 / Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 32, Par. 6 / Cap. 33, Par. 1-4 / Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 1-3 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 42, Par. 1 / Cap. 44, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15-17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23	Const. 19, Par. 35 / Const. 20, Par. 31 / Const. 20, Par. 56 / Const. 20, Par. 64 / Const. 20, Par. 104 / Const. 20, Par. 149 / Const. 20, Par. 189-191 / Epílogo, Par. 47 / Epílogo, Par. 50	
Batedor	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 4 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 8 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 2-3	Const. 9, Par. 61 / Const. 12, Par. 42 / Const. 12, Par. 97 / Const. 13, Par. 3 / Const. 14, Par. 30 / Const. 15, Par. 3 / Const. 15, Par. 56 / Const. 17, Par. 50-51 / Const. 17, Par. 56 / Const. 17, Par. 76-88 / Const. 19, Par. 33 / Const. 19, Par. 82 / Const. 20, Par. 84	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	/ Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte D		
Belisário	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 33, Par. 3
Bem Comum	Sem Remissão	Const. 2, Par. 18 / Const. 20, Par. 140 / Const. 20, Par. 200	Cap. 3, Par. 4 / Cap. 4, Par. 4
Besta (arma)	Liv. XII, Parte B, Cap. 5	Sem Remissão	Sem Remissão
Biscoito (para militar)	Liv. V, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 6, Par. 23 / Const. 10, Par. 12 / Const. 12, Par. 100	Sem Remissão
Bispos	Sem Remissão	Epílogo, Par. 11	Cap. 3, Par. 2
Boi	Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 4, Par. 56 / Const. 11, Par. 37 / Const. 14, Par. 74	Cap. 15, Par. 4
Bombas incendiárias	Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Borla (no cavalo)	Liv. I, Cap. 2	Const. 6, Par. 10	Sem Remissão
Breu	Sem Remissão	Const. 15, Par. 43-44 / Const. 15, Par. 64 / Const. 19, Par. 5 / Const. 19, Par. 67	Cap. 13, Par. 5 / Cap. 19, Par. 5
Brida	Liv. I, Cap. 2	Const. 6, Par. 9	Sem Remissão
Bretões	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Búlgaro	Liv. XII, Parte B,	Const. 11, Par. 22 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 1	Const. 18, Par. 40-42 / Const. 18, Par. 59 / Const. 18, Par. 73	
Cã	Liv. IX, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Cã (dos Ávaros)	Sem Remissão	Const. 17, Par. 12	Sem Remissão
Cabelo	Sem Remissão	Const. 6, Par. 22	Cap. 13, Par. 6
Caça	Liv. I, Cap. 9 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XII, Parte D	Const. 9, Par. 20 / Const. 12, Par. 59 / Const. 12, Par. 107 / Const. 14, Par. 22 / Const. 16, Par. 5	Sem Remissão
Cal (virgem)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 61	Cap. 13, Par. 5
Calábria (Itália)	Sem Remissão	Const. 15, Par. 32 / Const. 17, Par. 65	Sem Remissão
Camelos	Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 18, Par. 106- 107 / Const. 18, Par. 134	Sem Remissão
Camponeses	Liv. I, Cap. 9	Const. 4, Par. 1 / Const. 9, Par. 16-18 / Const. 11, Par. 9 / Const. 20, Par. 209	Cap. 1, Par. 1
Caneleira / Greva	Liv. XII, Parte B, Cap. 1 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16	Const. 6, Par. 4 / Const. 6, Par. 21 / Const. 6, Par. 30	Cap. 16, Par. 2 / Cap. 16, Par. 5
Cânhamo	Sem Remissão	Const. 19, Par. 5 / Const. 19, Par. 65	Cap. 8, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Capa	Liv. I, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 1	Const. 10, Par. 11	Sem Remissão
Capa (por cima da armadura)	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 4 / Const. 6, Par. 22 / Const. 19, Par. 14	Sem Remissão
Capacete / Morrião	Liv. I, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 21 / Const. 6, Par. 30	Cap. 16, Par. 2 / Cap. 16, Par. 5
Capitulação	Liv. I, Cap. 7	Const. 8, Par. 16 / Const. 15, Par. 11-12 / Const. 15, Par. 20-22	Sem Remissão
Carne	Liv. VII, Parte A, Cap. 10	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 14, Par. 4
Carpinteiro	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 6, Par. 23	Cap. 3, Par. 12 / Cap. 14, Par. 4
Carroça	Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7-9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-20 / Liv. XII, Parte B,	Const. 4, Par. 55 / Const. 5, Par. 5-6 / Const. 6, Par. 23-24 / Const. 7, Par. 43 / Const. 9, Par. 53 / Const. 9, Par. 56 / Const. 11, Par. 8 / Const. 11, Par. 13-14 / Const. 11, Par. 34-38 / Const. 14, Par. 62-63 /	Cap. 15, Par. 4 / Cap. 19, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Cap. 22-23	Const. 14, Par. 73-78	
Carros de guerra	Sem Remissão	Const. 1, Par. 27	Cap. 14, Par. 3
Carta / Mensagem	Liv. VIII, Cap. 1	Const. 20, Par. 23 / Const. 20, Par. 29	Cap. 43, Par. 4
Cartaginês	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Cap. 43, Par. 2
Cartulário (título)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 33	Sem Remissão
Casco (do navio)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 2
Castelo (com fosso)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 2
Castelos (de Madeira)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 7	Sem Remissão
Castigo	Liv. I, Cap. 6-8 / Liv. VII, Parte A, Cap. 6 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 10 / Liv. XII, Parte D	Const. 2, Par. 28 / Const. 7, Par. 11 / Const. 8, Par. 1-27 / Const. 13, Par. 6 / Const. 14, Par. 84 / Const. 16, Par. 4 / Const. 17, Par. 53 / Const. 17, Par. 90 / Const. 19, Par. 35 / Const. 19, Par. 79 / Const. 20, Par. 4 / Const. 20, Par. 6 / Const. 20, Par. 18 / Const. 20, Par. 85 / Const. 20, Par. 176	Cap. 39, Par. 3
Castração (dos cavalos)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 7, Par. 3
Catapulta	Liv. X, Cap. 1	Const. 19, Par. 60	Sem Remissão
Cavalaria	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv.	Const. 4, Par. 59 /	Cap. 14, Par. 3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	I, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 1-20 / Liv. III, Cap. 1-3 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 4-5 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Intr. / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 7-8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 10 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17-23 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 62-63 / Const. 6, Par. 1-19 / Const. 6, Par. 25-28 / Const. 7, Par. 4-5 / Const. 7, Par. 7-8 / Const. 7, Par. 13-36 / Const. 7, Par. 40 / Const. 7, Par. 42-44 / Const. 9, Par. 9 / Const. 9, Par. 38 / Const. 9, Par. 45 / Const. 9, Par. 47 / Const. 9, Par. 52 / Const. 9, Par. 55 / Const. 9, Par. 58 / Const. 9, Par. 60-61 / Const. 11, Par. 16 / Const. 11, Par. 29 / Const. 11, Par. 31-32 / Const. 12, Par. 17-19 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 30 / Const. 12, Par. 32 / Const. 14, Par. 56 / Const. 14, Par. 58 / Const. 14, Par. 61-63 / Const. 14, Par. 80-81 / Const. 14, Par. 89 / Const. 15, Par. 37 / Const. 15, Par. 62 /	Cap. 17, Par. 1-4 / Cap. 28, Par. 1-4 / Cap. 32, Par. 2-4 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 39, Par. 2 / Cap. 44, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		Const. 17, Par. 12 / Const. 17, Par. 22-25 / Const. 17, Par. 66 / Const. 17, Par. 70-71 / Const. 18, Par. 26 / Const. 18, Par. 83 / Const. 18, Par. 87 / Const. 20, Par. 142 / Const. 20, Par. 193	
Cavalo	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 17-18 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 5-8 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. V, Cap. 1-4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 7 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9 / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10-12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3-5 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap.	Const. 4, Par. 56 / Const. 5, Par. 3 / Const. 5, Par. 6 / Const. 5, Par. 9 / Const. 6, Par. 8-10 / Const. 10, Par. 4 / Const. 10, Par. 6-9 / Const. 10, Par. 11 / Const. 10, Par. 13 / Const. 12, Par. 39 / Const. 13, Par. 11 / Const. 13, Par. 16-17 / Const. 14, Par. 14 / Const. 17, Par. 52 / Const. 17, Par. 54 / Const. 18, Par. 48-51 / Const. 18, Par. 55 / Const. 18, Par. 60-62 / Const. 18, Par. 72 / Const. 18, Par. 129 / Const. 18, Par. 134 /	Cap. 7, Par. 3 / Cap. 14, Par. 3 / Cap. 17, Par. 1-2 / Cap. 19, Par. 10 / Cap. 26, Par. 1 / Cap. 28, Par. 1 / Cap. 32, Par. 2-3 / Cap. 35, Par. 2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 44, Par. 2 / Cap. 44, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	4 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte D	Const. 19, Par. 11 / Const. 19, Par. 13	
Centurião	Sem Remissão	Const. 19, Par. 8	Sem Remissão
Cereais	Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3
Chalkotouba (greva)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 21	Sem Remissão
Cheiropsella / Manikellia (armadura do antebraço)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 3 / Const. 6, Par. 21	Sem Remissão
Chipre	Sem Remissão	Const. 20, Par. 212	Sem Remissão
Cilícia	Sem Remissão	Const. 17, Par. 65 / Const. 18, Par. 119 / Const. 18, Par. 131-132 / Const. 20, Par. 212	Sem Remissão
Címbalo	Sem Remissão	Const. 18, Par. 106 / Const. 18, Par. 134	Sem Remissão
Cinto	Sem Remissão	Const. 6, Par. 2	Sem Remissão
Cinturão para espada	Liv. I, Cap. 2	Const. 6, Par. 2	Sem Remissão
Cinza	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 13, Par. 5 / Cap. 18, Parte A, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Cipião (general)	Liv. VIII, Cap. 2	Const. 20, Par. 80	Sem Remissão
Ciro	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 8
Cisterna	Liv. X, Cap. 3-4	Const. 15, Par. 63-64	Sem Remissão
Citas	Liv. II, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 2-3 / Liv. V, Cap. 4 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte D	Const. 14, Par. 38 / Const. 17, Par. 38 / Const. 18, Par. 41 / Const. 19, Par. 77	Sem Remissão
Cláudio Eliano	Sem Remissão	Const. 6, Par. 25 / Const. 7, Par. 67-68	Sem Remissão
Clima	Liv. III, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Const. 5, Par. 8 / Const. 7, Par. 35 / Const. 18, Par. 27 / Const. 18, Par. 118-120 / Const. 19, Par. 1 / Const. 19, Par. 30-31 / Const. 20, Par. 108 / Const. 20, Par. 115	Sem Remissão
Cobardia	Intr. / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 3	Prólogo, Par. 5 / Const. 17, Par. 91 / Const. 18, Par. 112 / Const. 19, Par. 20 / Const. 19, Par. 40 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 20, Par. 30 / Const. 20, Par. 78 / Const. 20, Par. 165- 166 / Const. 20, Par. 191	
Cobre	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3
Coluna (dentro da unidade)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. III, Cap. 3 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 4-5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8-9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11-12 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 39 / Const. 4, Par. 58 / Const. 4, Par. 66 / Const. 4, Par. 71-76 / Const. 7, Par. 64 / Const. 12, Par. 94 / Const. 14, Par. 69 / Const. 18, Par. 143- 145	Cap. 15, Par. 4-8 / Cap. 15, Par. 11 / Cap. 16, Par. 4-5 / Cap. 18, Parte A, Par. 3 / Cap. 21, Par. 2 / Cap. 24, Par. 1 / Cap. 24, Par. 3-6 / Cap. 26, Par. 2 / Cap. 27, Par. 1 / Cap. 28, Par. 3 / Cap. 29, Par. 3-4 / Cap. 31, Par. 3 / Cap. 32, Par. 2
Coluna de marcha	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 4	Const. 9, Par. 17 / Const. 9, Par. 29 / Const. 9, Par. 31-33 / Const. 9, Par. 37 / Const. 9, Par. 45-46	Cap. 18, Parte A, Par. 1-2 / Cap. 32, Par. 1
Combate corpo-a- corpo	Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv.	Const. 5, Par. 11 / Const. 6, Par. 27 / Const. 6, Par. 34 /	Cap. 15, Par. 9 / Cap. 16, Par. 4

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1-3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8	Const. 7, Par. 57 / Const. 12, Par. 108 / Const. 14, Par. 99 / Const. 18, Par. 28-29 / Const. 19, Par. 14 / Const. 19, Par. 20 / Const. 19, Par. 37 / Const. 19, Par. 73 / Const. 20, Par. 153	
Comunicações	Sem Remissão	Const. 9, Par. 29 / Const. 9, Par. 69 / Const. 9, Par. 75 / Const. 11, Par. 17-20 / Const. 11, Par. 23 / Const. 12, Par. 53-72 / Const. 12, Par. 74-83 / Const. 12, Par. 86-89 / Const. 12, Par. 91 / Const. 17, Par. 17-20 / Const. 17, Par. 89-90 / Const. 19, Par. 44-48 / Const. 20, Par. 186	Cap. 42, Par. 2
Conde	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 20	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 12 / Const. 4, Par. 34 / Const. 4, Par. 43 / Const. 18, Par. 141	Sem Remissão
Conselheiro	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 4
Conspiração	Liv. I, Cap. 6	Const. 8, Par. 5	Sem Remissão
Contramarcha (não)	Liv. III, Cap. 15	Const. 7, Par. 69 /	Cap. 21, Par. 2 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
específica)		Const. 12, Par. 74	Cap. 24, Par. 1-7
Contramarcha Córica / Cretense / Persa	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 24, Par. 2 / Cap. 24, Par. 6
Contramarcha Lacónica	Sem Remissão	Const. 7, Par. 69	Cap. 15, Par. 8 / Cap. 24, Par. 2 / Cap. 24, Par. 4-5
Contramarcha Macedónica	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 24, Par. 2-3
Convés	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 2
Coragem	Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. X, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4	Prólogo, Par. 5 / Const. 1, Par. 11 / Const. 2, Par. 12 / Const. 4, Par. 1 / Const. 4, Par. 3 / Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 44 / Const. 4, Par. 71 / Const. 7, Par. 36 / Const. 9, Par. 41 / Const. 12, Par. 32 / Const. 14, Par. 99 / Const. 15, Par. 6 / Const. 16, Par. 3-5 / Const. 16, Par. 10 / Const. 18, Par. 20 / Const. 18, Par. 142 / Const. 19, Par. 20-21 / Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 35 /	Cap. 7, Par. 1 / Cap. 15, Par. 9-10 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 36, Par. 2 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 43, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 19, Par. 38 / Const. 19, Par. 80 / Const. 20, Par. 30 / Const. 20, Par. 51-52 / Const. 20, Par. 55 / Const. 20, Par. 57 / Const. 20, Par. 76 / Const. 20, Par. 78 / Const. 20, Par. 191 / Epílogo, Par. 41	
Corda	Liv. X, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Sem Remissão	Cap. 13, Par. 9-10 / Cap. 19, Par. 2 / Cap. 26, Par. 1
Corda (para prender gado)	Liv. I, Cap. 2	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 10	Sem Remissão
Cordilheira do <i>Taurus</i>	Sem Remissão	Const. 18, Par. 128 / Const. 18, Par. 131 / Const. 18, Par. 133	Sem Remissão
Corneta	Liv. III, Cap. 5 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Sem Remissão	Sem Remissão
Corneteiro	Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Sem Remissão	Sem Remissão
Corpo de médicos (no campo de batalha)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII,	Const. 1, Par. 7 / Const. 4, Par. 7 / Const. 12, Par. 37-39 / Const. 12, Par. 96	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 17		
Costumes Helénicos	Liv. I, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Const. 18, Par. 95	Cap. 3, Par. 15
Cota de Malha	Liv. I, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Sem Remissão	Cap. 16, Par. 5
Couraça (armadura)	Liv. I, Cap. 2	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 4 / Const. 6, Par. 30	Cap. 16, Par. 2 / Cap. 16, Par. 5 / Cap. 27, Par. 2
Crianças	Liv. V, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3	Const. 10, Par. 1 / Const. 14, Par. 32 / Const. 20, Par. 72	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 9, Par. 4 / Cap. 42, Par. 3
Crimes	Liv. I, Cap. 6-8 / Liv. VIII, Cap. 1	Sem Remissão	Cap. 43, Par. 2
Cristianismo	Sem Remissão	Const. 18, Par. 16 / Const. 18, Par. 40 / Const. 18, Par. 42 / Const. 18, Par. 59 / Const. 18, 74	Sem Remissão
Curdos	Sem Remissão	Const. 18, Par. 22	Sem Remissão
Danúbio (<i>Ister</i>)	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 18, Par. 40 / Const. 18, Par. 75 /	Cap. 19, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 18, Par. 93	
Dardo	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-5 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 2-6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 6, Par. 7 / Const. 6, Par. 22 / Const. 6, Par. 28 / Const. 9, Par. 71 / Const. 9, Par. 73 / Const. 11, Par. 14	Cap. 16, Par. 4 / Cap. 31, Par. 2 / Cap. 32, Par. 4
Décio (imperador romano)	Liv. IV, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Defensores (guardas de algumas unidade no campo de batalha)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 12 / Liv. VI, Cap. 1-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-2	Const. 4, Par. 23 / Const. 7, Par. 23-24 / Const. 7, Par. 31-32 / Const. 8, Par. 7-10 / Const. 8, Par. 142 / Const. 12, Par. 20 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 61	Sem Remissão
Dekarch (oficial) /	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I,	Const. 4, Par. 2-3 /	Cap. 15, Par. 7-8 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
<i>Dekarchy</i>	Cap. 5-6 / Liv. II, Cap. 6-7 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 14-16 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VII, Parte A, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 14 / Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 37 / Const. 4, Par. 40 / Const. 4, Par. 42 / Const. 4, Par. 71 / Const. 4, Par. 73-74 / Const. 12, Par. 93 / Const. 13, Par. 2 / Const. 18, Par. 142 / Const. 20, Par. 194	Cap. 28, Par. 4 / Cap. 29, Par. 5
Derrota	Liv. III, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 7 / Liv. VII, Parte A, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10-11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. X, Cap.	Const. 13, Par. 7 / Const. 14, Par. 15-20 / Const. 16, Par. 12-14 / Const. 18, Par. 66 / Const. 20, Par. 125	Cap. 33, Par. 4 / Cap. 38, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	3		
Descampado	Liv. VII, Parte B, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11	Sem Remissão	Cap. 7, Par. 2
Deserção	Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VI, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5	Const. 7, Par. 20 / Const. 8, Par. 6-7 / Const. 12, Par. 9 / Const. 13, Par. 5 / Const. 14, Par. 25 / Const. 15, Par. 50 / Const. 17, Par. 32 / Const. 18, Par. 64-65 / Const. 20, Par. 44 / Const. 20, Par. 152	Cap. 6, Par. 4 / Cap. 9, Par. 1 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 40, Par. 4 / Cap. 41, Par. 1-2
Desertores	Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VI, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 2	Const. 17, Par. 32 / Const. 17, Par. 75 / Const. 17, Par. 92 / Const. 20, Par. 15 / Const. 20, Par. 29 / Const. 20, Par. 38	Cap. 6, Par. 4 / Cap. 9, Par. 1 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 40, Par. 4 / Cap. 41, Par. 1-2
Despesas (no exército)	Sem Remissão	Epílogo, Par. 30 / Epílogo, Par. 56 / Epílogo, Par. 64	Sem Remissão
Destacamento (militar)	Liv. III, Cap. 16 / Liv. IV, Cap. 5	Sem Remissão	Cap. 8, Par. 3 / Cap. 13, Par. 6 / Cap. 18,

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
			Parte A, Par. 2 / Cap. 19, Par. 6 / Cap. 19, Par. 10 / Cap. 33, Par. 2-3 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3-4 / Cap. 40, Par. 1-2 / Cap. 40, Par. 4
Deus	Intr. / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 11-12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 2, Par. 18 / Const. 2, Par. 21-24 / Const. 2, Par. 32 / Const. 2, Par. 34 / Const. 12, Par. 57 / Const. 14, Par. 96 / Const. 14, Par. 98 / Const. 14, Par. 101 / Const. 15, Par. 31 / Const. 16, Par. 2 / Const. 16, Par. 15-16 / Const. 18, Par. 19 / Const. 18, Par. 105 / Const. 18, Par. 112 / Const. 18, Par. 127 / Const. 19, Par. 58 / Const. 19, Par. 82 / Const. 20, Par. 47 / Const. 20, Par. 70 / Const. 20, Par. 77 / Const. 20, Par. 149 / Const. 20, Par. 169-	Cap. 2, Par. 1 / Cap. 2, Par. 8 / Cap. 3, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		170 / Const. 20, Par. 221 / Epílogo, Par. 2-17 / Epílogo, Par. 73	
Dever (da guarnição)	Sem Remissão	Const. 8, Par. 4 / Const. 20, Par. 30	Sem Remissão
Dinheiro	Liv. VIII, Cap. 2	Const. 20, Par. 150	Cap. 2, Par. 7 / Cap. 3, Par. 4-5
Disciplina	Intr. / Liv. II, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9	Prólogo, Par. 5 / Prólogo, Par. 8 / Const. 18, Par. 18 / Const. 20, Par. 5 / Const. 20, Par. 55 / Const. 20, Par. 211	Sem Remissão
Discursos	Liv. II, Cap. 19 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VIII, Cap. 2	Const. 2, Par. 1 / Const. 2, Par. 12 / Const. 12, Par. 56-57 / Const. 13, Par. 4 / Const. 14, Par. 101 / Const. 16, Par. 12 / Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 35 / Const. 20, Par. 74 / Const. 20, Par. 110 / Const. 20, Par. 165 / Const. 20, Par. 181 / Const. 20, Par. 217-218 / Epílogo, Par. 40 / Epílogo, Par. 52	Sem Remissão
Divisa	Sem Remissão	Const. 9, Par. 29 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 20, Par. 163	
Divisões do Exército	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 1-4 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 17 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. XI, Cap. 3-4	Const. 4, Par. 1-76 / Const. 9, Par. 4 / Const. 9, Par. 57 / Const. 9, Par. 66 / Const. 9, Par. 69 / Const. 12, Par. 1-37 / Const. 12, Par. 45-47 / Const. 13, Par. 2 / Const. 14, Par. 86-89 / Const. 15, Par. 14-19 / Const. 17, Par. 39-41 / Const. 18, Par. 136-149 / Const. 20, Par. 160 / Epílogo, Par. 48	Cap. 15, Par. 8 / Cap. 34, Par. 1
Doença	Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 9, Par. 6 / Const. 11, Par. 3-4 / Const. 11, Par. 28 / Const. 20, Par. 213	Sem Remissão
Doméstico	Sem Remissão	Const. 4, Par. 32	Sem Remissão
Draconário (porta-estandarte)	Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Drómon	Liv. XI, Cap. 4	Const. 19, Par. 1 / Const. 19, Par. 4-13 / Const. 19, Par. 75-77	Sem Remissão
Droungos (unidade militar)	Liv. II, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. IX, Cap. 3	Const. 4, Par. 3 / Const. 4, Par. 11 / Const. 4, Par. 45 / Const. 4, Par. 47 / Const. 4, Par. 49 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		Const. 7, Par. 32 / Const. 9, Par. 6	
Drungário	Sem Remissão	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 11 / Const. 4, Par. 44 / Const. 9, Par. 11 / Const. 18, Par. 141 / Const. 19, Par. 26-27	Sem Remissão
Duque	Liv. I, Cap. 3-4	Sem Remissão	Sem Remissão
Egipto	Sem Remissão	Const. 18, Par. 104 / Const. 20, Par. 212	Cap. 43, Par. 2
Elefantes	Sem Remissão	Const. 1, Par. 7	Cap. 14, Par. 3
Embaixadas / Embaixadores	Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 1-2	Const. 17, Par. 5 / Const. 20, Par. 33 / Const. 20, Par. 219	Cap. 43, Par. 1-4
Embarcações	Intr. / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Const. 5, Par. 9 / Const. 19, Par. 1 / Const. 19, Par. 3 / Const. 19, Par. 11-13 / Const. 19, Par. 39 / Const. 19, Par. 42-43 / Const. 19, Par. 68 / Const. 19, Par. 70 / Const. 19, Par. 75-77 / Const. 19, Par. 82	Cap. 2, Par. 4 / Cap. 11, Par. 2 / Cap. 14, Par. 2 / Cap. 19, Par. 2 / Cap. 19, Par. 5
Emboscada / Ataque Supresa	Liv. I, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 14-16 /	Const. 7, Par. 27 / Const. 7, Par. 29 / Const. 7, Par. 43 Const. 9, Par. 29 / Const. 9, Par. 38 /	Cap. 15, Par. 10-11 / Cap. 18, Parte A, Par. 3 / Cap. 20, Par. 1-4 / Cap. 40, Par. 1- 4 / Cap. 42, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. IV, Cap. 1-5 / Liv. VI, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 2-3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 14 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 1-5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20-21	Const. 9, Par. 59 / Const. 12, Par. 42 / Const. 12, Par. 77-79 / Const. 12, Par. 104 / Const. 13, Par. 14 / Const. 14, Par. 4-5 / Const. 14, Par. 35-55 / Const. 14, Par. 62 / Const. 17, Par. 1-92 / Const. 18, Par. 36 / Const. 18, Par. 91 / Const. 18, Par. 102 / Const. 18, Par. 128 / Const. 19, Par. 53-56 / Const. 20, Par. 25 / Const. 20, Par. 32 / Const. 20, Par. 139 / Const. 20, Par. 147 / Const. 20, Par. 185	
Enterro / Funeral	Liv. VII, Parte B, Cap. 6 / Liv. VIII, Cap. 1	Const. 14, Par. 31 / Const. 16, Par. 11 / Const. 20, Par. 20 / Const. 20, Par. 72	Sem Remissão
Entrincheiramento	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII,	Const. 11, Par. 1 / Const. 11, Par. 39	Cap. 6, Par. 3 / Cap. 19, Par. 8 / Cap. 29, Par. 1-2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Parte B, Cap. 20-22		
Enxó	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 23 / Const. 19, Par. 5	Sem Remissão
Epistates / Secundus (2º comandante da coluna de uma divisão)	Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 4, Par. 20 / Const. 4, Par. 73 / Const. 7, Par. 57-58	Cap. 15, Par. 6 / Cap. 15, Par. 9
Escada	Liv. X, Cap. 1	Const. 5, Par. 7 / Const. 15, Par. 19-20 / Const. 15, Par. 26-27 / Const. 15, Par. 46	Cap. 12, Par. 1 / Cap. 19, Par. 3
Escavações (na guerra de cerco)	Liv. X, Cap. 3-4	Const. 15, Par. 28	Cap. 12, Par. 4 / Cap. 12, Par. 6-7 / Cap. 13, Par. 1
Escotilha	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 2
Escravatura	Liv. XI, Cap. 4	Const. 18, Par. 93	Sem Remissão
Escravos	Liv. I, Cap. 2	Const. 1, Par. 7	Cap. 41, Par. 2
Escritores / Escrita	Liv. III, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 7, Par. 35 / Const. 12, Par. 80	Cap. 1, Par. 1 / Cap. 4, Par. 2
Escudo	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 1 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III,	Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 3 / Const. 6, Par. 21-22 / Const. 6, Par. 27 /	Cap. 11, Par. 2 / Cap. 13, Par. 6 / Cap. 16, Par. 1 / Cap. 19, Par. 7 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 4 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 3-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 2-5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte D	Const. 6, Par. 30 / Const. 6, Par. 32-33 / Const. 7, Par. 54 / Const. 14, Par. 91 / Const. 20, Par. 183	Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 23, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 4 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 28, Par. 3 / Cap. 32, Par. 3 / Cap. 36, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3 / Cap. 44, Par. 5
Eslavos	Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 18, Par. 75 / Const. 18, Par. 93-101	Sem Remissão
Espada	Liv. I, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1-3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 21 / Const. 6, Par. 28	Cap. 13, Par. 5 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 40, Par. 3
Espatário (soldado com Espata)	Liv. I, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17	Const. 7, Par. 39 / Const. 14, Par. 72	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Espião	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VI, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 26 / Const. 9, Par. 21 / Const. 11, Par. 20 / Const. 17, Par. 68 / Const. 17, Par. 73 / Const. 17, Par. 80 / Const. 17, Par. 89-92 / Const. 18, Par. 132 / Const. 20, Par. 87 / Const. 20, Par. 216	Cap. 28, Par. 2 / Cap. 28, Par. 4 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 40, Par. 4 / Cap. 42, Par. 1-3
Espigão	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 16, Par. 1-2
Espora	Sem Remissão	Const. 6, Par. 4	Sem Remissão
Estaca	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 11, Par. 8 / Const. 14, Par. 40 / Const. 14, Par. 42	Cap. 6, Par. 3 / Cap. 29, Par. 3 / Cap. 39, Par. 3
Estações do Ano	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. IX, Cap. 4 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 18, Par. 27 / Const. 19, Par. 2 / Const. 20, Par. 60 / Epílogo, Par. 61	Cap. 3, Par. 12 / Cap. 7, Par. 1
Estado (<i>Commonwealth</i>)	Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. XI, Intr.	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 4
Estandarte	Liv. I, Cap. 2 / Liv. I, Cap. 4-5 / Liv. I, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 14 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III,	Const. 4, Par. 50-51 / Const. 6, Par. 16 / Const. 8, Par. 23 / Const. 12, Par. 48-49 / Const. 12, Par. 54 / Const. 12, Par. 58 /	Cap. 26, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 1-5 / Liv. III, Cap. 14-15 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 12, Par. 65 / Const. 12, Par. 82 / Const. 12, Par. 86-87 / Const. 12, Par. 88-89 / Const. 12, Par. 97 / Const. 12, Par. 99 / Const. 13, Par. 1 / Const. 14, Par. 45 / Const. 14, Par. 65 / Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 44 / Const. 19, Par. 46-47	
Estrada	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 12 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3-5 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte C	Const. 12, Par. 43 / Const. 17, Par. 30 / Const. 17, Par. 35 / Const. 20, Par. 68 / Const. 20, Par. 174	Cap. 18, Parte A, Par. 4-5 / Cap. 19, Par. 9 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 39, Par. 2-3 / Cap. 40, Par. 4
Estrangeiros	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. XI, Intr. / Liv. XI, Cap. 1-4	Const. 12, Par. 90 / Const. 13, Par. 6 / Const. 18, Par. 1-150	Cap. 42, Par. 2
Estratégia	Intr. / Liv. II, Cap. 1 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 1-15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1-17 /	Prólogo, Par. 3 / Prólogo, Par. 5-6 / Prólogo, Par. 8 / Const. 1, Par. 3 / Const. 4, Par. 58 / Const. 7, Par. 29 / Const. 14, Par. 98 /	Cap. 4, Par. 1-4 / Cap. 5, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. XII, Parte D	Const. 17, Par. 68 / Const. 18, Par. 18 / Const. 20, Par. 80 / Const. 20, Par. 119 / Const. 20, Par. 136 / Const. 20, Par. 153 / Epílogo, Par. 31 / Epílogo, Par. 44 / Epílogo, Par. 69-70 / Epílogo, Par. 72	
Estreitos (marítimos e terrestres)	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 4-5 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 9, Par. 27-28 / Const. 9, Par. 36 / Const. 42-46 / Const. 9, Par. 49 / Const. 9, Par. 51 / Const. 9, Par. 56 / Const. 9, Par. 65 / Const. 9, Par. 70 / Const. 17, Par. 58 / Const. 18, Par. 128 / Const. 20, Par. 64 / Const. 20, Par. 203	Cap. 18, Parte A, Par. 4 / Cap. 19, Par. 4 / Cap. 33, Par. 2
Estrelas	Liv. IX, Cap. 2	Const. 15, Par. 36 / Const. 17, Par. 16 / Const. 19, Par. 2 / Const. 19, Par. 31 / Const. 20, Par. 141 / Epílogo, Par. 67	Cap. 39, Par. 3
Estrepe	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B,	Const. 4, Par. 55 / Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 23 /	Cap. 6, Par. 3 /Cap. 17, Par. 2 / Cap. 29, Par. 3 / Cap. 32, Par.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte C	Const. 11, Par. 8 / Const. 11, Par. 13 / Const. 11, Par. 22 / Const. 11, Par. 24 / Const. 11, Par. 38 / Const. 14, Par. 41 / Const. 14, Par. 46 / Const. 14, Par. 76 / Const. 19, Par. 62 / Const. 19, Par. 65 / Const. 20, Par. 147	4 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3
Estribo	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 9	Const. 6, Par. 10	Sem Remissão
Etíopes	Sem Remissão	Const. 18, Par. 109 / Const. 18, Par. 129	Sem Remissão
Eufrates	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 1
Faca	Sem Remissão	Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 30	Sem Remissão
Falangarca (oficial) / Falangarquia (subunidade)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 7
Falange	Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XII, Parte A, Cap. 2 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 15-16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B,	Const. 6, Par. 34 / Const. 7, Par. 8 / Const. 7, Par. 57-59 / Const. 7, Par. 61 / Const. 9, Par. 65 / Const. 14, Par. 76 / Const. 14, Par. 86	Cap. 15, Par. 1-11 / Cap. 16, Par. 3-5 / Cap. 17, Par. 1-4 / Cap. 18, Intr. / Cap. 18, Parte A, Par. 1-5 / / Cap. 20, Par. 1-4 / Cap. 21, Par. 1-2 / Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 1-3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D		Cap. 24, Par. 6-7 / Cap. 25, Par. 1-2 / Cap. 26, Par. 1-3 / Cap. 27, Par. 1 / Cap. 29, Par. 1 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 31, Par. 1-6 / Cap. 32, Par. 1-6 / Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 2-3 / Cap. 38, Par. 1
Falange Macedónica	Sem Remissão	Const. 6, Par. 34	Cap. 16, Par. 3
Feitos (de armas)	Sem Remissão	Const. 2, Par. 15-16 / Const. 20, Par. 116	Cap. 4, Par. 2
Feridos / Ferimentos	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 6 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 1-2 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 8, Par. 10 / Const. 8, Par. 13-14 / Const. 8, Par. 22-23 / Const. 9, Par. 15 / Const. 9, Par. 28 / Const. 11, Par. 13 / Const. 12, Par. 37 / Const. 12, Par. 39 / Const. 12, Par. 96 / Const. 14, Par. 31 / Const. 20, Par. 103- 104	Cap. 17, Par. 2 / Cap. 26, Par. 1 / Cap. 28, Par. 1 / Cap. 29, Par. 3-4 / Cap. 42, Par. 1
Ferradura	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3	Cap. 17, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Ferro	Liv. I, Cap. 2 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 2, Par. 7 / Cap. 16, Par. 1-2 / Cap. 16, Par. 5 / Cap. 17, Par. 2 / Cap. 39, Par. 3 / Cap. 46, Par. 2
Fileira [veja-se “Fileiras (na Batalha)”]	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 9-10 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. VI, Cap. 1-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 3-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7-11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13-15 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 4-5 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11-12 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B,	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 17 / Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 59-63 / Const. 4, Par. 67 / Const. 4, Par. 69 / Const. 7, Par. 63 / Const. 8, Par. 20-21 / Const. 9, Par. 66 / Const. 12, Par. 1-37 / Const. 12, Par. 45-47 / Const. 12, Par. 85 / Const. 14, Par. 59 / Const. 14, Par. 61 / Const. 14, Par. 65-69 / Const. 14, Par. 72 / Const. 14, Par. 86-89 / Const. 14, Par. 93-96 / Const. 18, Par. 136-149 / Const. 20, Par. 99-102 / Const. 20, Par. 106-107 / Const. 20, Par. 142 / Const. 20, Par. 151 / Const.	Cap. 15, Par. 4-6 / Cap. 15, Par. 9-11 / Cap. 16, Par. 3-5 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 18, Parte A, Par. 2 / Cap. 21, Par. 2 / Cap. 24, Par. 1 / Cap. 24, Par. 3-6 / Cap. 27, Par. 1 / Cap. 31, Par. 2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 2-3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 24 / Liv. XII, Parte D	20, Par. 193 / Epílogo, Par. 51	
Fileira de Apoio	Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. VI, Cap. 4	Sem Remissão	Sem Remissão
Fileiras (na Batalha) [veja-se “Fileira”]	Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 4-6 / Liv. II, Cap. 8-10 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 16-17 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 4-5 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. III, Cap. 10-16 / Liv. IV, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 17 / Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 59-63 / Const. 4, Par. 67 / Const. 4, Par. 69 / Const. 7, Par. 63 / Const. 8, Par. 20-21 / Const. 9, Par. 66 / Const. 12, Par. 1-37 / Const. 12, Par. 45-47 / Const. 12, Par. 85 / Const. 14, Par. 59 / Const. 14, Par. 61 / Const. 14, Par. 65-69 / Const. 14, Par. 72 / Const. 14, Par. 86-89 / Const. 14, Par. 93-96 / Const. 18, Par. 136- 149 / Const. 20, Par. 99-102 / Const. 20, Par. 106-107 / Const. 20, Par. 142 / Const. 20, Par. 151 / Const.	Cap. 15, Par. 4-5 / Cap. 15, Par. 10 / Cap. 32, Par. 2 / Cap. 32, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		20, Par. 193 / Epílogo, Par. 51	
Filhos	Sem Remissão	Const. 20, Par. 214	Sem Remissão
Filipe (rei da Macedónia)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 24, Par. 2
Fineias (sacerdote de Israel)	Sem Remissão	Const. 20, Par. 148	Sem Remissão
Flâmula	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 14	Const.5, Par. 4 / Const. 6, Par. 16 / Const. 18, Par. 107	Sem Remissão
Flâmula (nas lanças)	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17	Const. 6, Par. 2 / Const. 12, Par. 40-41 / Const. 12, Par. 81 / Const. 12, Par. 95	Sem Remissão
Flanco	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 3-5 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. III, Cap. 3-5 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 13-14 / Liv. III, Cap. 16 / Liv. IV, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII,	Const. 4, Par. 27-28 / Const. 7, Par. 25 / Const. 7, Par. 29 / Const. 7, Par. 34 / Const. 12, Par. 21 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 45 / Const. 12, Par. 63-64 / Const. 12, Par. 68-70 / Const. 18, Par. 12-13 / Const. 18, Par. 30 / Const. 18, Par. 136 / Const. 18, Par. 142	Cap. 15, Par. 2-5 / Cap. 15, Par. 11 / Cap. 16, Par. 4-5 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 20, Par. 1-2 / Cap. 20, Par. 4 / Cap. 22, Par. 1 / Cap. 24, Par. 4-6 / Cap. 31, Par. 2 / Cap. 31, Par. 5-6 / Cap. 32, Par. 1 / Cap. 32, Par. 3-6 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 2 / Cap. 37, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 16 / Liv. IX, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 15-18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23 / Liv. XII, Parte D		
Flanqueantes	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 4-5 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. VI, Cap. 4-5 / Liv. XI, Cap. 1	Const. 4, Par. 28 / Const. 7, Par. 25 / Const. 7, Par. 29 / Const. 7, Par. 34 / Const. 12, Par. 21 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 64 / Const. 12, Par. 68-70 / Const. 18, Par. 12-13 / Const. 18, Par. 30 / Const. 18, Par. 136 / Const. 18, Par. 142	Sem Remissão
Floresta	Liv. I, Cap. 9 / Liv. IV, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 14-15 / Liv. IX, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 3-4 /	Const. 9, Par. 44-45 / Const. 9, Par. 61 / Const. 9, Par. 70-71 / Const. 9, Par. 73	Cap. 7, Par. 2 / Cap. 18, Parte A, Par. 2 / Cap. 18, Parte A, Par. 4

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. XII, Parte A, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23		
Fogo	Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3	Const. 9, Par. 39 / Const. 11, Par. 21 / Const. 15, Par. 26 / Const. 15, Par. 43-44 / Const. 15, Par. 57 / Const. 19, Par. 6 / Const. 19, Par. 33 / Const. 19, Par. 51 / Const. 19, Par. 57 / Const. 19, Par. 59 / Const. 19, Par. 63-67 / Const. 20, Par. 21 / Const. 20, Par. 44 / Const. 20, Par. 146 / Const. 20, Par. 161 / Const. 20, Par. 212	Cap. 8, Par. 1-3 / Cap. 13, Par. 1 / Cap. 13, Par. 4-5 / Cap. 18, Parte A, Par. 4-5
Fogo Grego / Greguês	Sem Remissão	Const. 19, Par. 6	Sem Remissão
Foice	Liv. I, Cap. 2	Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 14	Sem Remissão
Força (do soldado e/ou do exército)	Liv. I, Cap. 2 / Liv. I, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 6 / Liv.	Prólogo, Par. 9 / Const. 2, Par. 9 / Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 2 /	Cap. 8, Par. 2 / Cap. 12, Par. 2 / Cap. 15, Par. 4 / Cap. 15, Par. 9-10 / Cap. 16, Par.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 9 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 2-3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte D	Const. 9, Par. 22 / Const. 12, Par. 18 / Const. 17, Par. 31 / Const. 17, Par. 74-75 / Const. 19, Par. 17 / Const. 20, Par. 17 / Const. 20, Par. 98 / Epílogo, Par. 28	2 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 25, Par. 2 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 44, Par. 4
Forças Aliadas	Liv. VII, Parte B, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 2	Const. 20, Par. 62 / Const. 20, Par. 89 / Const. 20, Par. 162 / Const. 20, 212	Sem Remissão
Forças Mistas	Sem Remissão	Const. 10, Par. 17 / Const. 14, Par. 58 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 14, Par. 77 / Const. 14, Par. 85 / Const. 18, Par. 72 / Const. 20, Par. 75 / Const. 20, Par. 193 / Const 20, Par. 206	
Formação (de batalha)	Liv. I, Cap. 7-9 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. III, Cap. 1-16 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 3-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 8 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10-11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2-5 / Liv. XI, Intr. / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 1-24 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 39 / Const. 4, Par. 48 / Const. 4, Par. 59 / Const. 4, Par. 66 / Const. 4, Par. 71-76 / Const. 7, Par. 7-10 / Const. 7, Par. 15-34 / Const. 7, Par. 46-69 / Const. 9, Par. 31 / Const. 9, Par. 62-63 / Const. 9, Par. 67 / Const. 12, Par. 8 / Const. 12, Par. 11 / Const. 12, Par. 21 / Const. 12, Par. 26 / Const. 12, Par. 67-68 / Const. 14, Par. 11 / Const. 14, Par. 20 / Const. 14, Par. 53-56 / Const. 14, Par. 58-96 / Const. 17, Par. 70-74 / Const. 18, Par. 1-150 / Const. 19, Par. 30 / Const. 19, Par. 33-34 /	Cap. 14, Par. 2 / Cap. 15, Par. 1-2 / Cap. 15, Par. 8 / Cap. 15, Par. 10 / Cap. 16, Par. 3 / Cap. 17, Par. 1-4 / Cap. 18, Intr. / Cap. 18, Parte A, Par. 2 / Cap. 20, Par. 2 / Cap. 25, Par. 1-2 / Cap. 28, Par. 4 / Cap. 31, Par. 1-6 / Cap. 32, Par. 1-6 / Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 19, Par. 40 / Const. 19, Par. 49-58 / Const. 19, Par. 78 / Const. 20, Par. 65 / Const. 20, Par. 75 / Const. 20, Par. 99 / Const. 20, Par. 182 / Const. 20, Par. 184 / Const. 20, Par. 193 / Const. 20, Par. 201 / Const. 20, Par. 206 / Epílogo, Par. 48	
Formação Convexa	Liv. XII, Parte A, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Formação em Crescente	Liv. III, Cap. 13-14 / Liv. XII, Parte D	Const. 12, Par. 67 / Const. 19, Par. 50 / Const. 20, Par. 184 / Const. 20, Par. 201	Sem Remissão
Formação em Cunha	Liv. XII, Parte A, Cap. 7	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 1 / Cap. 31, Par. 1 / Cap. 32, Par. 6
Formação Lateral	Liv. XII, Parte A, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Sem Remissão	Sem Remissão
Forragem	Liv. I, Cap. 9 / Liv. V, Cap. 3-4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 /	Const. 9, Par. 8 / Const. 10, Par. 9 / Const. 10, Par. 13-14 / Const. 11, Par. 10-11 / Const. 13, Par. 17 / Const. 14, Par. 14	Cap. 3, Par. 11 / Cap. 6, Par. 6 / Cap. 9, Par. 5 / Cap. 10, Par. 4 / Cap. 14, Par. 4

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4		
Fortes / Fortificação	Liv. V, Cap.4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 10 / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1-4 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte C	Sem Remissão	Cap. 9, Par. 1-5
Fossos / (fossae) [veja-se “Vala”]	Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XII, Parte C	Const. 10, Par. 12 / Const. 11, Par. 2 / Const. 11, Par. 8 / Const. 14, Par. 39	Cap. 12, Par. 6-7 / Cap. 13, Par. 2 / Cap. 13, Par. 3-4 Cap. 13, Par. 6-8 / Cap. 29, Par. 1-4
Foulkon (formação tática)	Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 7, Par. 48 / Const. 7, Par. 54	Sem Remissão
Francos	Liv. XI, Cap. 3	Const. 18, Par. 74 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		Const. 18, Par. 76-92	
Fumo	Liv. VII, Parte B, Cap. 10	Sem Remissão	Cap. 8, Par. 1 / Cap. 8, Par. 3 / Cap. 13, Par. 2
Funda	Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 3-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 22 / Const. 6, Par. 31	Cap. 13, Par. 6 / Cap. 31, Par. 2 / Cap. 32, Par. 3 / Cap. 35, Par. 2 / Cap. 37, Par. 1
Fundíbulo / Fundibulários	Liv. XII, Parte B, Cap. 3-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 7, Par. 41	Cap. 32, Par. 2
Fundos (dinheiro)	Liv. I, Cap. 8	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 9
Gadanha (arma)	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 4	Sem Remissão
Galé / Galeota	Sem Remissão	Const. 19, Par. 10 / Const. 19, Par. 81	Sem Remissão
Gauleses	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
General / Comandante(s)	Intr. / Liv. I, Cap. 2- 5 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 14 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III,	Prólogo, Par. 9 / Const. 1, Par. 8-13 / Const. 2, Par. 1-34 / Const. 4, Par. 4-6 / Const. 4, Par. 8 / Const. 4, Par. 32 /	Cap. 4, Par. 3-4 / Cap. 6, Par. 4 / Cap. 9, Par. 4 / Cap. 11, Par. 4 / Cap. 15, Par. 7 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 19, Par. 3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 5 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. III, Cap. 14-15 / Liv. IV, Cap. 1-3 / Liv. VI, Intr. / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 6 / Liv. VII, Parte A, Cap. 8 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11-12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-24 / Liv. XII, Parte D	Const. 9, Par. 10 / Const. 9, Par. 14-15 / Const. 11, Par. 16 / Const. 12, Par. 52 / Const. 12, Par. 71 / Const. 12, Par. 105 / Const. 14, Par. 2-3 / Const. 14, Par. 23 / Const. 14, Par. 33 / Const. 14, Par. 86 / Const. 14, Par. 99-101 / Const. 15, Par. 2 / Const. 15, Par. 6 / Const. 16, Par. 17 / Const. 17, Par. 26 / Const. 17, Par. 39 / Const. 17, Par. 62 / Const. 18, Par. 140 / Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 35 / Const. 19, Par. 42-43 / Const. 19, Par. 50 / Const. 19, Par. 74 / Const. 19, Par. 82 / Const. 20, Par. 2-7 / Const. 20, Par. 9 / Const. 20, Par. 36 / Const. 20, Par. 47 / Const. 20, Par. 74 / Const. 20, Par. 88 /	Cap. 20, Par. 1-2 / Cap. 28, Par. 2 / Cap. 28, Par. 4 / Cap. 30, Par. 1-2 / Cap. 35, Par. 1 / Cap. 39, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 20, Par. 95 / Const. 20, Par. 97 / Const. 20, Par. 106 / Const. 20, Par. 110-111 / Const. 20, Par. 116-118 / Const. 20, Par. 121 / Const. 20, Par. 131 / Const. 20, Par. 135 / Const. 20, Par. 137 / Const. 20, Par. 148 / Const. 20, Par. 153 / Const. 20, Par. 159 / Const. 20, Par. 165 / Const. 20, Par. 181 / Const. 20, Par. 193 / Const. 20, Par. 209-211 / Const. 20, Par. 213 / Const. 20, Par. 215 / Const. 20, Par. 217-218 / Epílogo, Par. 2-17 / Epílogo, Par. 22 / Epílogo, Par. 29 / Epílogo, Par. 34 / Epílogo, Par. 38-43 / Epílogo, Par. 45 / Epílogo, Par. 49 / Epílogo, Par. 52 / Epílogo, Par. 73	
Germanos	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Godos	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 1	Sem Remissão	Sem Remissão
Grego	Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Gritos de Guerra	Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 9	Const. 12, Par. 55 / Const. 12, Par. 83 / Const. 20, Par. 114 / Const. 20, Par. 188 / Const. 20, Par. 204	Sem Remissão
Guante / Manopla	Liv. I, Cap. 2	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 3 / Const. 6, Par. 21 / Const. 6, Par. 30	Sem Remissão
Guarda	Liv. II, Cap. 15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 4, Par. 35	Cap. 7, Par. 1-4 / Cap. 8, Par. 1 / Cap. 20, Par. 3 / Cap. 20, Par. 3 / Cap. 28, Par. 3
Guarda da Coluna (da unidade)	Liv. I, Cap. 5	Sem Remissão	Sem Remissão
Guarda da Retaguarda	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 4-5 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 4 / Liv.	Const. 4, Par. 30 / Const. 9, Par. 37 / Const. 9, Par. 58 / Const. 12, Par. 22 / Const. 12, Par. 28 / Const. 17, Par. 56 / Epílogo, Par. 45	Cap. 15, Par. 4 / Cap. 15, Par. 6 / Cap. 15, Par. 10-11 / Cap. 16, Par. 4 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 24, Par. 2 / Cap. 24, Par. 4-6 / Cap. 29, Par. 4 / Cap. 31, Par. 2-3 / Cap. 31, Par. 6 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20		Cap. 32, Par. 5
Guarda de Honra	Liv. I, Cap. 9	Sem Remissão	Sem Remissão
Guardas do Flanco	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4-5 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 13 / Liv. VI, Cap. 4-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 27 / Const. 7, Par. 25 / Const. 7, Par. 29 / Const. 7, Par. 34 / Const. 12, Par. 21 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 45 / Const. 12, Par. 63 / Const. 18, Par. 12-13 / Const. 18, Par. 30 / Const. 18, Par. 136 / Const. 18, Par. 142	Cap. 15, Par. 11
Guarnição	Liv. X, Cap. 3-4	Sem Remissão	Cap. 9, Par. 2 / Cap. 9, Par. 4-5 / Cap. 13, Par. 4
Guerra	Liv. III, Cap. 11 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. XI, Intr. / Liv.	Prólogo, Par. 4 / Const. 2, Par. 29-31 / Const. 16, Par. 1-17 / Const. 19, Par. 79 / Const. 20, Par. 18 / Const. 20, Par. 90 / Const. 20, Par. 143 /	Cap. 2, Par. 3 / Cap. 4, Par. 2 / Cap. 5, Par. 1 / Cap. 14, Par. 1-3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 20, Par. 169 / Const. 20, Par. 171 / Const. 20, Par. 191- 192 / Const. 20, Par. 210 / Epílogo, Par. 14 / Epílogo, Par. 16 / Epílogo, Par. 20 / Epílogo, Par. 53-68	
Guerra Naval	Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Const. 1, Par. 7 / Const. 5, Par. 9 / Const. 18, Par. 116 / Const. 18, Par. 131- 133 / Const. 19, Par. 1- 83 / Const. 20, Par. 139 / Const. 20, Par. 196 / Const. 20, Par. 201 / Const. 20, Par. 212 / Epílogo, Par. 45	Cap. 14, Par. 2
Guia de Campo	Sem Remissão	Const. 7, Par. 38-39 / Const. 7, Par. 50 / Const. 14, Par. 59 / Const. 14, Par. 72	Sem Remissão
Hecatontarca (título) [veja-se “Iarca (oficial do exército)”]	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. I, Cap. 5-6 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 13 / Const. 4, Par. 35	Sem Remissão
Heracleia (local de batalha)	Liv. IX, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Heráclio (imperador)	Sem Remissão	Const. 17, Par. 12	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Hérulos	Liv. XII, Parte B, Cap. 4	Sem Remissão	Sem Remissão
Hipódromo	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 15
<i>Hippakontistai</i> (cavalaria ligeira)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 28	Sem Remissão
<i>Hippotoxotai</i> (arqueiros montados)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 28	Sem Remissão
Hispânico	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Homens-de-armas	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Homero	Liv. VII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Hoplitas (<i>skoutatos</i>)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 58-59 / Const. 6, Par. 20-21 / Const. 6, Par. 30 / Const. 6, Par. 33-34 / Const. 14, Par. 86	Sem Remissão
<i>Horns</i> (metade de um <i>Tágma</i>)	Sem Remissão	Const. 14, Par. 86 / Const. 18, Par. 136	Sem Remissão
<i>Horsebreaker</i> (tipo de fosso)	Liv. IV, Cap. 3	Const. 14, Par. 42-43	Sem Remissão
Hospitalidade	Sem Remissão	Const. 18, Par. 96	Sem Remissão
Hunos	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. XI, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
<i>Hypostratēgós</i> (2º em comando)	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 14 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. III,	Const. 4, Par. 8-9 / Const. 4, Par. 45 / Const. 12, Par. 19	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Cap. 7-8 / Liv. III, Cap. 12 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8		
Idade (dos oficiais/generais)	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 7	Const. 2, Par. 9 / Const. 4, Par. 42	Cap. 3, Par. 4 / Cap. 3, Par. 13
Ilarca (oficial do exército)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 1- 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 3	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 7-9 / Cap. 24, Par. 5 / Cap. 28, Par. 4 / Cap. 29, Par. 3-4
Ilírios	Liv. II, Cap. 6 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. VI, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Imperador	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4	Prólogo, Par. 2 / Const. 1, Par. 10 / Const. 4, Par. 8 / Const. 15, Par. 35 / Epílogo, Par. 7	Cap. 3, Par. 15 / Cap. 6, Par. 4
Imposto	Sem Remissão	Const. 4, Par. 1 / Const. 20, Par. 71	Cap. 3, Par. 6-8
Infantaria [veja-se “Infantaria Ligeira” e “Infantaria Pesada”]	Liv. II, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. V, Cap. 1 / Liv. V, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII,	Const. 1, Par. 7 / Const. 4, Par. 68 / Const. 4, Par. 76 / Const. 6, Par. 1-35 / Const. 7, Par. 1-3 / Const. 7, Par. 6-70 /	Cap. 14, Par. 3 / Cap. 16, Par. 5 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 17, Par. 3 / Cap. 28, Par. 1-4 / Cap. 32, Par. 3-4 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2-5 / Liv. X, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 1-24 / Liv. XII, Parte D	Const. 14, Par. 59-96 / Const. 17, Par. 72-74 / Const. 20, Par. 49 / Const. 20, Par. 134 / Const. 20, Par. 142 / Const. 20, Par. 183 / Const. 20, Par. 193 / Const. 20, Par. 205	Cap. 35, Par. 1 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 39, Par. 2 / Cap. 44, Par. 2 / Cap. 44, Par. 5
Infantaria Ligeira [veja-se “Infantaria”]	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-5 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8-9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11-12 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 4, Par. 61 / Const. 6, Par. 20 / Const. 6, Par. 22 / Const. 6, Par. 31 / Const. 7, Par. 3 / Const. 7, Par. 40 / Const. 7, Par. 55 / Const. 9, Par. 56 / Const. 9, Par. 58-65 / Const. 9, Par. 67 / Const. 14, Par. 59-60 / Const. 14, Par. 87 / Const. 17, Par. 40 / Const. 17, Par. 45 / Const. 20, Par. 183	Cap. 31, Par. 2 / Cap. 32, Par. 2-3 / Cap. 32, Par. 5 / Cap. 35, Par. 2
Infantaria Pesada [veja-se “Infantaria”]	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv.	Const. 4, Par. 58-59 / Const. 4, Par. 75 /	Cap. 35, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8-9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11-13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23	Const. 6, Par. 20-21 / Const. 6, Par. 34 / Const. 7, Par. 3 / Const. 7, Par. 40 / Const. 7, Par. 55 / Const. 7, Par. 60 / Const. 9, Par. 56-58 / Const. 9, Par. 67-69 / Const. 14, Par. 59-60 / Const. 14, Par. 69 / Const. 14, Par. 75 / Const. 14, Par. 78 / Const. 14, Par. 86 / Const. 14, Par. 91 / Const. 20, Par. 183	
Inimigo	Intr. / Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. I, Cap. 6 / Liv. I, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4-6 / Liv. II, Cap. 9-11 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 16-18 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 2-5 / Liv. III, Cap. 10-16 / Liv. IV, Cap. 1-4 / Liv. V, Cap. 1 / Liv. V, Cap. 4-5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 2 / Liv.	Prólogo, Par. 9 / Const. 7, Par. 28-29 / Const. 9, Par. 22 / Const. 12, Par. 18 / Const. 12, Par. 104 / Const. 12, Par. 106 / Const. 13, Par. 3 / Const. 13, Par. 5 / Const. 14, Par. 7 / Const. 14, Par. 11 / Const. 14, Par. 17 / Const. 14, Par. 25 / Const. 14, Par. 98 / Const. 17, Par. 31-32 / Const. 17, Par. 69-79 /	Cap. 3, Par. 15 / Cap. 4, Par. 2-3 / Cap. 5, Par. 1 / Cap. 6, Par. 1-2 / Cap. 6, Par. 4 / Cap. 7, Par. 1-2 / Cap. 7, Par. 4 / Cap. 8, Par. 1-3 / Cap. 9, Par. 1-5 / Cap. 10, Par. 2 / Cap. 11, Par. 2 / Cap. 12, Par. 5-7 / Cap. 13, Par. 1-8 / Cap. 15, Par. 1 / Cap. 15, Par. 3-4 / Cap. 15, Par. 10-11 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	VI, Cap. 5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 5-6 / Liv. VII, Parte A, Cap. 10-15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 2-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9-16 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-5 / Liv. X, Cap. 1-4 / Liv. XI, Intr. / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13-14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-24	Const. 17, Par. 85 / Const. 18, Par. 38 / Const. 18, Par. 57-58 / Const. 19, Par. 75-77 / Const. 19, Par. 81 / Const. 20, Par. 12 / Const. 20, Par. 15 / Const. 20, Par. 19-25 / Const. 20, Par. 35 / Const. 20, Par. 39 / Const. 20, Par. 44 / Const. 20, Par. 51 / Const. 20, Par. 53 / Const. 20, Par. 59 / Const. 20, Par. 68 / Const. 20, Par. 98-99 / Const. 20, Par. 105 / Const. 20, Par. 108-109 / Const. 20, Par. 123-124 / Const. 20, Par. 144 / Const. 20, Par. 168 / Const. 20, Par. 177 / Const. 20, Par. 180 / Const. 20, Par. 202 / Epílogo, Par. 19 / Epílogo, Par. 21 / Epílogo, Par. 36 / Epílogo, Par. 46 / Epílogo, Par. 51	Cap. 16, Par. 1-2 / Cap. 16, Par. 4 / Cap. 17, Par. 3 / Cap. 18, Parte A, Par. 1-3 / Cap. 18, Parte A, Par. 5 / Cap. 19, Par. 3-4 / Cap. 19, Par. 6-7 / Cap. 19, Par. 10 / Cap. 20, Par. 1-4 / Cap. 21, Par. 1 / Cap. 25, Par. 2 / Cap. 26, Par. 1 / Cap. 26, Par. 3 / Cap. 27, Par. 3 / Cap. 28, Par. 1 / Cap. 29, Par. 1-5 / Cap. 31, Par. 2-4 / Cap. 32, Par. 1-5 / Cap. 33, Par. 1-4 / Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 35, Par. 1-2 / Cap. 36, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 1-3 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 39, Par. 2-4 / Cap. 40, Par. 1-2 / Cap. 40, Par. 4 / Cap. 41, Par. 1-2 / Cap. 42, Par. 1-3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
			Cap. 43, Par. 3-4 / Cap. 44, Par. 1 / Cap. 44, Par. 5
Inspetor	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 3	Const. 4, Par. 24 / Const. 9, Par. 17 / Const. 12, Par. 43 / Const. 17, Par. 49 / Const. 20, Par. 174	Cap. 3, Par. 8
Inteligência	Liv. II, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. V, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7-9	Const. 2, Par. 1 / Const. 2, Par. 7 / Const. 2, Par. 9 / Const. 17, Par. 78 / Const. 20, Par. 110 / Const. 20, Par. 117 / Const. 20, Par. 121 / Epílogo 49	Cap. 3, Par. 3 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 20, Par. 3 / Cap. 40, Par. 1 / Cap. 42, Par. 3 / Cap. 43, Par. 2
Italiano	Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 4	Sem Remissão	Sem Remissão
Jangada	Liv. XI, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 3-4
Jogos de Cavalaria	Liv. VI, Cap. 1	Sem Remissão	Sem Remissão
John Lydos (administrador bizantino)	Sem Remissão	Epílogo, Par. 67	Sem Remissão
Jugo (de bois)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 4
Juiz	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Jurista	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 2 / Cap. 2, Par. 2
Justiça	Intr.	Const. 20, Par. 58 / Const. 20, Par. 169	Cap. 2, Par. 2 / Cap. 3, Par. 11
Juventude	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 7 / Liv. II, Cap. 17 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17	Const. 2, Par. 9 / Const. 12, Par. 35 / Const. 20, Par. 137	Cap. 17, Par. 2
Kleisoura (cidade)	Sem Remissão	Const. 9, Par. 27	Sem Remissão
Koumbarion (embarcação árabe)	Sem Remissão	Const. 18, Par. 131 / Const. 19, Par. 77	Sem Remissão
Lago	Sem Remissão	Const. 5, Par. 8	Sem Remissão
Lança	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 1 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte B, Cap. 15-17 / Liv. XI, Cap. 1-3 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 3-5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII,	Const. 5, Par. 2 / Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 2-3 / Const. 6, Par. 6 / Const. 6, Par. 21 / Const. 6, Par. 27-28 / Const. 6, Par. 30 / Const. 6, Par. 32-34 / Const. 12, Par. 40-41 / Const. 12, Par. 81 / Const. 12, Par. 95 / Const. 14, Par. 59 / Const. 20, Par. 116	Cap. 16, Par. 3-4 / Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 23, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 4-6 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 28, Par. 3 / Cap. 36, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D		
Lanceiro	Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1	Const. 12, Par. 31 / Const. 18, Par. 26 / Const. 18, Par. 28 / Const. 18, Par. 35	Sem Remissão
Lanternas	Sem Remissão	Const. 20, Par. 145	Cap. 39, Par. 3
Latinos / Latim	Intr. / Liv. I, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Sem Remissão	Sem Remissão
Leão VI (imperador)	Sem Remissão	Prólogo, Par. 6 / Prólogo, Par. 9 / Const. 2, Par. 33	Sem Remissão
Legião	Liv. XII, Parte B, Cap. 8	Sem Remissão	Sem Remissão
Lei	Liv. I, Cap. 6-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 10	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 2 / Cap. 3, Par. 2 / Cap. 3, Par. 5 / Cap. 41, Par. 1
Licença (concedida a militares no estrangeiro)	Liv. I, Cap. 6-7	Const. 8, Par. 4 / Const. 8, Par. 15	Sem Remissão
Líder	Intr. / Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 3	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 3 / Cap. 3, Par. 1 / Cap. 20, Par. 3 / Cap. 31, Par. 6 / Cap. 32, Par. 1 / Cap. 32, Par. 6 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
			Cap. 34, Par. 2
Líder da Coluna (da unidade)	Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 8-9 / Liv. XII, Parte A, Cap.7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 11 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 24, Par. 2-4 / Cap. 24, Par. 6 / Cap. 31, Par. 5 / Cap. 32, Par. 2
Ligúrios	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Língua	Sem Remissão	Const. 4, Par. 52 / Const. 15, Par. 21	Cap. 39, Par. 4 / Cap. 42, Par. 3
Lochos (subunidade militar)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 72	Sem Remissão
Logística	Sem Remissão	Epílogo, Par. 57 / Epílogo, Par. 64 / Epílogo, Par. 66	Sem Remissão
Lombardos	Liv. XI, Cap. 3	Const. 15, Par. 32 / Const. 18, Par. 74 / Const. 18, Par. 76-92	Sem Remissão
Lusius (militar romano)	Liv. IX, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Machadinha (arma)	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 23	Sem Remissão
Machado	Liv. I, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 5, Par. 2 / Const. 5, Par. 4 / Const. 6, Par. 11 / Const. 6, Par. 14 / Const. 6, Par. 21-23 / Const. 6, Par. 28	Cap. 18, Parte A, Par. 4

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Maço	Sem Remissão	Const. 6, Par. 23	Sem Remissão
Madeira	Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 3, Par. 14 / Cap. 8, Par. 1 / Cap. 10, Par. 3 / Cap. 13, Par. 5 / Cap. 19, Par. 5
Manobra (na batalha) [veja-se também “Movimentações na Guerra”]	Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1-2 / Liv. VI, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13-16 / Liv. XII, Parte D	Const. 14, Par. 15 / Const. 20, Par. 201	Cap. 14, Par. 1 / Cap. 15, Par. 8 / Cap. 19, Par. 4 / Cap. 21, Par. 1-2 / Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 23, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 1-7 / Cap. 25, Par. 1-2 / Cap. 31, Par. 1-6 Cap. 32, Par. 1-6 / Cap. 34, Par. 1-2
Manto	Liv. I, Cap. 2 / Liv. V, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15	Const. 6, Par. 13	Sem Remissão
Mar	Liv. VII, Parte A, Intr.	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 6 / Cap. 11, Par. 1 / Cap. 11, Par. 4 / Cap. 14, Par. 2
Mar Euxine (Mar Negro)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 77	Sem Remissão
Maratona (batalha)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 33, Par. 1
Marcha	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 7 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 13 /	Const. 4, Par. 25 / Const. 6, Par. 22 / Const. 7, Par. 19 /	Cap. 18, Intr. / Cap. 18, Parte A, Par. 1-5 / Cap. 19, Par. 9 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. V, Cap. 4-5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 12-13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 1 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-24 / Liv. XII, Parte D	Const. 7, Par. 50-51 / Const. 7, Par. 69 / Const. 9, Par. 1-76 / Const. 10, Par. 15-16 / Const. 11, Par. 38 / Const. 12, Par. 44 / Const. 12, Par. 102 / Const. 14, Par. 71 / Const. 14, Par. 82 / Const. 17, Par. 5 / Const. 17, Par. 17-18 / Const. 17, Par. 38 / Const. 17, Par. 55 / Const. 17, Par. 57-58 / Const. 20, Par. 41 / Const. 20, Par. 173 / Const. 20, Par. 197 / Const. 20, Par. 203	Cap. 20, Par. 1 / Cap. 20, Par. 4 / Cap. 21, Par. 1 / Cap. 24, Par. 1-7 / Cap. 32, Par. 1 / Cap. 32, Par. 6 / Cap. 33, Par. 3 / Cap. 39, Par. 3
Maria (mãe de Jesus)	Intr.	Sem Remissão	Sem Remissão
Martelo	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 5	Sem Remissão
Medicina	Sem Remissão	Epílogo, Par. 63	Sem Remissão
Médico	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 1 / Cap. 43, Par. 2
Medo	Intr. / Liv. I, Cap. 2 /	Const. 3, Par. 16 /	Cap. 3, Par. 5 / Cap.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. II, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 15, Par. 5 / Const. 15, Par. 9 / Const. 15, Par. 15 / Const. 15, Par. 20-21 / Const. 15, Par. 38 / Const. 17, Par. 91 / Const. 18, Par. 112 / Const. 20, Par. 76	4, Par. 4
Menaulon (lança com uma maior dimensão)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 27	Sem Remissão
Merarca (oficial) / Merarquia (subunidade)	Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. II, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 14 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. III, Cap. 5-6 / Liv. VII, Parte A, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Cap. 8 / Liv. VII, Parte A, Cap. 16 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII,	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 9 / Const. 4, Par. 45 / Const. 4, Par. 67 / Const. 17, Par. 39-41 / Const. 18, Par. 140	Cap. 15, Par. 7

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte D		
Mercadores	Sem Remissão	Const. 1, Par. 7 / Const. 6, Par. 19 / Const. 11, Par. 7	Cap. 1, Par. 3
Meros (unidade)	Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. I, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 2-4 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 17-18 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. III, Cap. 5-6 / Liv. III, Cap. 8-14 / Liv. V, Cap. 5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1 / Liv. VI, Cap. 5 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XII, Parte A, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7- 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 10-11 / Const. 4, Par. 45 / Const. 14, Par. 65	Sem Remissão
Mésia (região)	Liv. IV, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Mestre dos exercícios (militares)	Liv. XII, Parte B, Cap. 7-8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 10 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17	Sem Remissão	Sem Remissão
Metalúrgicos	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 6 / Const. 6, Par. 23	Cap. 14, Par. 4
Mísseis / Projéteis	Liv. X, Cap. 3	Const. 6, Par. 28 / Const. 6, Par. 31 / Const. 14, Par. 91 / Const. 15, Par. 51	Cap. 13, Par. 6 / Cap. 16, Par. 1-2 / Cap. 16, Par. 5 / Cap. 19, Par. 2 / Cap. 32, Par. 3
Moço de Estrebaria	Sem Remissão	Const. 10, Par. 1 / Const. 10, Par. 3-5	Sem Remissão
Moderação	Sem Remissão	Const. 20, Par. 92-93 / Const. 20, Par. 211 / Epílogo, Par. 43	Sem Remissão
Moeda	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 7
Moira (unidade) / Moirarch (oficial)	Liv. I, Cap. 2-4 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 14 / Liv. III, Cap. 5-6 / Liv. VI, Cap. 1-3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-2 / Liv. XII,	Const. 4, Par. 11 / Const. 4, Par. 44-45 / Const. 18, Par. 7-9	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 21		
Monge	Sem Remissão	Epílogo, Par. 9-10	Sem Remissão
Monoreme (embarcação)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 10 / Const. 19, Par. 82	Sem Remissão
Monóxila (embarcação)	Sem Remissão	Const. 17, Par. 7	Sem Remissão
Montanhas Tarsos	Sem Remissão	Const. 17, Par. 65 / Const. 18, Par. 119	Sem Remissão
Moral	Liv. VII, Parte A, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 6 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Livro VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX. Cap. 5 / Liv. XII, Parte D	Const. 2, Par. 18 / Const. 14, Par. 14-18 / Const. 14, Par. 31 / Const. 14, Par. 33 / Const. 13, Par. 13 / Const. 18, Par. 23 / Const. 20, Par. 16 / Const. 20, Par. 19-20 / Const. 20, Par. 69	Cap. 32, Par. 2 / Cap. 32, Par. 6 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 39, Par. 3
Motim	Liv. I, Cap. 6	Const. 8, Par. 5	Sem Remissão
Mouro	Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Sem Remissão	Sem Remissão
Movimentações na Guerra [veja-se também “Manobra (na batalha)”]	Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 12 / Liv. III, Cap. 14-15 / Liv. VII, Parte A, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 /	Const. 1, Par. 1	Cap. 7, Par. 2 / Cap. 8, Par. 2 / Cap. 14, Par. 1 / Cap. 15, Par. 3 / Cap. 17, Par. 4 / Cap. 18, Intr. / Cap. 18, Parte A, Par. 1-5 / Cap. 21, Par. 1-2 / Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 25, Par. 1-2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24		
Muhammad	Sem Remissão	Const. 18, Par. 104	Sem Remissão
Mulheres	Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 14, Par. 32 / Const. 18, Par. 98 / Const. 20, Par. 72 / Const. 20, Par. 148	Cap. 7, Par. 1 / Cap. 9, Par. 4 / Cap. 19, Par. 8 / Cap. 42, Par. 3 / Cap. 43, Par. 1
Muralha	Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 4 / Cap. 6, Par. 2 / Cap. 10, Par. 1-2 / Cap. 11, Par. 2 / Cap. 12, Par. 1-7 / Cap. 13, Par. 1-7 / Cap. 13, Par. 9 / Cap. 19, Par. 3 / Cap. 28, Par. 1-2 / Cap. 29, Par. 2 / Cap. 35, Par. 1 / Cap. 43, Par. 1
Nafta	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 7
Não-combatentes	Sem Remissão	Const. 1, Par. 7	Sem Remissão
Nicéforo Focas (imperador)	Sem Remissão	Const. 11, Par. 21 / Const. 15, Par. 32 / Const. 17, Par. 65	Sem Remissão
Noite	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 9-10 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv.	Const. 9, Par. 39-40 / Const. 14, Par. 30 / Const. 15, Par. 4-5 / Const. 15, Par. 15-16 / Const. 15, Par. 25 /	Cap. 3, Par. 4 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 8, Par. 3 / Cap. 13, Par. 7 / Cap. 19, Par. 10 / Cap. 27, Par. 3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 1-4 / Liv. XI, Cap. 1-3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22	Const. 15, Par. 36 / Const. 15, Par. 53 / Const. 15, Par. 59 / Const. 17, Par. 5 / Const. 17, Par. 10-16 / Const. 17, Par. 25 / Const. 17, Par. 29 / Const. 17, Par. 76 / Const. 18, Par. 112 / Const. 20, Par. 7 / Const. 20, Par. 94 / Const. 20, Par. 147	Cap. 28, Par. 1 / Cap. 29, Par. 1-3 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 33, Par. 2-4 / Cap. 37, Par. 1 / Cap. 39, Par. 1-4
<i>Nomisma</i> (moeda)	Liv. I, Cap. 7 / Liv. II, Cap. 9	Const. 8, Par. 15 / Const. 8, Par. 26 / Const. 12, Par. 37	Sem Remissão
Ociosidade	Sem Remissão	Const. 7, Par. 2 / Const. 9, Par. 4 / Const. 11, Par. 5 / Const. 20, Par. 46 / Const. 20, Par. 52 / Const. 20, Par. 61 / Const. 20, Par. 175	Cap. 1, Par. 4
Oficial (civil e/ou militar)	Liv. I, Cap. 2-7 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. IV,	Const. 1, Par. 10 / Const. 2, Par. 8 / Const. 4, Par. 1-76 / Const. 8, Par. 2-3 / Const. 8, Par. 12 / Const. 8, Par. 26 / Const. 10, Par. 10 / Const. 10, Par. 16 /	Cap. 3, Par. 1-15 / Cap. 4, Par. 1 / Cap. 4, Par. 4 / Cap. 9, Par. 4 / Cap. 14, Par. 2 / Cap. 15, Par. 2 / Cap. 15, Par. 8-9 / Cap. 20, Par. 2 / Cap. 30, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 6 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 10-11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20-22 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D	Const. 12, Par. 50-51 / Const. 12, Par. 84 / Const. 17, Par. 39-42 / Const. 18, Par. 146 / Const. 19, Par. 8 / Const. 19, Par. 24-27 / Const. 19, Par. 41-43 / Const. 20, Par. 127-128 / Const. 20, Par. 186 / Const. 20, Par. 208	
Óleo	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 12
Onasandro (tratadista)	Sem Remissão	Const. 14, Par. 98	Sem Remissão
Optimates (fação senatorial romana)	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II,	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 11 / Liv. III, Cap. 7-8		
Oração	Liv. II, Cap. 18	Const. 11, Par. 9 / Const. 14, Par. 1 / Const. 19, Par. 24 / Const. 20, Par. 47 / Const. 20, Par. 77 / Epílogo, Par. 62	Sem Remissão
Orador	Liv. VII, Parte B, Cap. 17	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 1
Ordens / Comando	Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 17 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 12-16 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9-10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte B,	Const. 7, Par. 7 / Const. 7, Par. 17-26 / Const. 7, Par. 46-69 / Const. 8, Par. 8 / Const. 12, Par. 53 / Const. 12, Par. 59 / Const. 12, Par. 66 / Const. 12, Par. 74-76 / Const. 12, Par. 80 / Const. 12, Par. 91 / Const. 17, Par. 90 / Const. 20, Par. 176	Cap. 4, Par. 4 / Cap. 15, Par. 8 / Cap. 30, Par. 1-2 / Cap. 38, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 24 / Liv. XII, Parte D		
Ordens Sagradas	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 1
Ouro	Liv. VIII, Cap. 1	Const. 20, Par. 36	Cap. 2, Par. 7 / Cap. 3, Par. 7
Pá	Liv. VII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 5	Sem Remissão
Pagadores de Impostos (contribuintes)	Liv. I, Cap. 6-7 / Liv. I, Cap. 9	Const. 8, Par. 10 / Const. 8, Par. 13-14 / Const. 19, Par. 18	Sem Remissão
Pagamento	Liv. I, Cap. 2 / Liv. VIII, Cap. 1	Const. 6, Par. 15	Sem Remissão
Palavra-Chave	Liv. VIII, Cap. 2	Const. 17, Par. 90 / Const. 20, Par. 216 / Epílogo, Par. 37	Sem Remissão
Palestina	Sem Remissão	Const. 18, Par. 104 / Const. 18, Par. 126	Sem Remissão
Paleta (do Centurião)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 8	Sem Remissão
Palmata (tipo de pântano)	Sem Remissão	Const. 12, Par. 85	Sem Remissão
Partos	Liv. VIII, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Pátria	Liv. XI, Cap. 1	Const. 18, Par. 16-17 / Const. 18, Par. 19	Sem Remissão
Patrulha	Liv. I, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 16 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 5 / Liv.	Const. 14, Par. 26-30 / Const. 15, Par. 53	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	VII, Parte B, Cap. 9-10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 2-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23		
Paz	Liv. I, Cap. 7 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 2-3	Prólogo, Par. 4 / Const. 2, Par. 30 / Const. 9, Par. 20 / Const. 20, Par. 37 / Const. 20, Par. 90 / Const. 20, Par. 112	Cap. 2, Par. 2 / Cap. 6, Par. 5 / Cap. 42, Par. 1 / Cap. 43, Par. 2
Pecado	Sem Remissão	Prólogo, Par. 4 / Const. 14, Par. 1 / Const. 20, Par. 172	Sem Remissão
Pedra (para construção)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 10, Par. 3 / Cap. 11, Par. 4 / Cap. 12, Par. 4 / Cap. 13, Par. 1
Pegadas	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3	Sem Remissão
Pelta (escudo)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 20 / Const. 6, Par. 32	Sem Remissão
Peltastas	Sem Remissão	Const. 5, Par. 2 / Const. 6, Par. 29 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 6, Par. 32	
Pentacosiarco (oficial) / Pentacosiarquia (subunidade)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 7
Pentarca (oficial do exército) / Pentarquia (subunidade)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5-6 / Liv. III, Cap. 1-2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11	Const. 4, Par. 6	Sem Remissão
Perozes I (rei Persa)	Liv. IV, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Persas	Liv. I, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7	Const. 18, Par. 21 / Const. 18, Par. 37 / Const. 18, Par. 104 / Const. 18, Par. 135	Cap. 19, Par. 7 / Cap. 33, Par. 1 / Cap. 41, Par. 2 / Cap. 43, Par. 2
Pharia (cavalos árabes)	Sem Remissão	Const.18, Par. 129	Sem Remissão
Pilhagem / Raides [veja-se “Saque”]	Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3-4 /	Const. 9, Par. 25 / Const. 9, Par. 45-46 / Const. 9, Par. 48-49 / Const. 11, Par. 21 / Const. 12, Par. 101 /	Cap. 9, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 13, Par. 15 / Const. 16, Par. 4 / Const. 17, Par. 25 / Const. 17, Par. 27 / Const. 17, Par. 33-34 / Const. 17, Par. 36-37 / Const. 17 Par. 39-40 / Const. 17, Par. 42 / Const. 17, Par. 53 / Const. 17, Par. 60 / Const. 17, Par. 65 / Const. 20, Par. 104 / Const. 20, Par. 191 / Epílogo, Par. 46	
Pique	Sem Remissão	Const. 6, Par. 32	Sem Remissão
Pitágoras	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 10
Planeamento (da batalha) [veja-se “Preparação (da Batalha)”]	Liv. II, Cap. 13 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Const. 3, Par. 1-17 / Const. 4, Par. 4 / Const. 12, Par. 3-5 / Const. 13, Par. 9 / Const. 16, Par. 17 / Const. 18, Par. 18 / Const. 19, Par. 41-43 / Const. 19, Par. 71 / Const. 20, Par. 7-8 / Const. 20, Par. 11 / Const. 20, Par. 65-66 / Const. 20, Par. 94 / Const. 20, Par. 126 / Const. 20, Par. 130 /	Cap. 6, Par. 6 / Cap. 9, Par. 1 / Cap. 11, Par. 3-4 / Cap. 28, Par. 1-4 / Cap. 37, Par. 3 / Cap. 39, Par. 1 / Cap. 40, Par. 4 / Cap. 42, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 20, Par. 132-133 / Const. 20, Par. 164 / Const. 20, Par. 178 / Epílogo, Par. 26 / Epílogo, Par. 32-33 / Epílogo, Par. 35	
Plataforma	Liv. X, Cap. 3	Sem Remissão	Cap. 12, Par. 6
Plumas (nos capacetes)	Liv. I, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 4	Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 21	Sem Remissão
Podopsella (grevas)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 4 / Const. 6, Par. 21	Sem Remissão
Poeira	Liv. II, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17	Const. 9, Par. 39 / Const. 20, Par. 108	Cap. 30, Par. 2 / Cap. 35, Par. 1
Polidores de Pedra	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 14, Par. 4
Poliorcética	Liv. II, Cap. 10 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 1-4 / Liv. XI, Cap. 1	Const. 5, Par. 7 / Const. 14, Par. 22 / Const. 15, Par. 1-65 / Const. 17, Par. 67 / Const. 20, Par. 23 / Const. 20, Par. 28 / Const. 20, Par. 34 / Const. 20, Par. 44	Cap. 9, Par. 5 / Cap. 10, Par. 1 / Cap. 11, Par. 2-3 / Cap. 12, Par. 1-7 / Cap. 13, Par. 1-10 / Cap. 14, Par. 4
Ponte	Liv. IX, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Const. 17, Par. 7 / Const. 17, Par. 9	Sem Remissão
Porta-Águia (porta-estandarte)	Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 /	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. XII, Parte B, Cap. 17		
Porta-Capas	Liv. I, Cap. 3 / Liv. III, Cap. 1-2	Sem Remissão	Sem Remissão
Porta-Escudo	Liv. I, Cap. 3	Sem Remissão	Sem Remissão
Porta-Estandarte	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 9 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte A, Cap. 1 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17	Const. 4, Par. 7 / Const. 4, Par. 16 / Const. 4, Par. 37-38 / Const. 4, Par. 51 / Const. 4, Par. 69 / Const. 7, Par. 37 / Const. 14, Par. 68 / Const. 19, Par. 8	Sem Remissão
Porta-Insígnia	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 30, Par. 2
Porta-Lança	Sem Remissão	Const. 6, Par. 27	Sem Remissão
Porto	Sem Remissão	Const. 20, Par. 196	Sem Remissão
Portões	Liv. II, Cap. 18 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. X. Cap.3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 11, Par. 14 / Const. 11, Par. 17 / Const. 11, Par. 40 / Const. 15, Par. 4 / Const. 15, Par. 49 / Const. 20, Par. 28 / Const. 20, Par. 34	Cap. 28, Par. 4 / Cap. 29, Par. 2 / Cap. 29, Par. 5
Posição da Coluna (da unidade)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 14-15 / Const. 4, Par. 35-36 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 4, Par. 48 / Const. 18, Par. 142	
Posto Avançado	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 1 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 29, Par. 4
Posto de Vigia	Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 7, Par. 1-4 / Cap. 8, Par. 1
Povos Circunvizinhos	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 4 / Cap. 42, Par. 1
Prata	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 2, Par. 7 / Cap. 3, Par. 7 / Cap. 40, Par. 3
Prémios	Liv. II, Cap. 9 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XII, Parte D	Const. 2, Par. 12 / Const. 12, Par. 57 / Const. 13, Par. 4 / Const. 14, Par. 56 / Const. 16, Par. 3-5 / Const. 16, Par. 8 / Const. 16, Par. 10 / Const. 17, Par. 92 / Const. 18, Par. 19 / Const. 19, Par. 79 / Const. 20, Par. 191- 192 / Epílogo, Par. 41	Cap. 3, Par. 13 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 39, Par. 1
Prendas / Honras	Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. IX, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 19, Par. 19 / Const. 19, Par. 79 / Const. 19, Par. 82 / Const. 20, Par. 85	Cap. 43, Par. 4

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Preparação (da Batalha) [veja-se “Planeamento (da batalha)”]	Liv. II, Cap. 18	Const. 12, Par. 1-109 / Const. 15, Par. 1-18 / Const. 15, Par. 41-64 / Const. 17, Par. 27 / Const. 17, Par. 38 / Const. 17, Par. 50-52 / Const. 17, Par. 59 / Const. 17, Par. 62-69 / Const. 18, Par. 102 / Const. 19, Par. 2-24 / Const. 19, Par. 35 / Const. 19, Par. 41-43 / Const. 19, 75-77 / Const. 19, Par. 81 / Const. 20, Par. 32 / Const. 20, Par. 122-126 / Epílogo, Par. 22-23	Cap. 34, Par. 1-2 / Cap. 37, Par. 3
Presságios	Sem Remissão	Const. 20, Par. 14 / Const. 20, Par. 156 / Const. 20, Par. 198 / Epílogo, Par. 61	Sem Remissão
Pretor (título)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 33	Sem Remissão
Primeira Fileira (da unidade)	Liv. I, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 3 / Cap. 16, Par. 1 / Cap. 16, Par. 3 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 27, Par. 1
Prisioneiro	Liv. VII, Parte A, Cap. 5 / Liv. VII,	Const. 9, Par. 48 / Const. 9, Par. 50 /	Cap. 3, Par. 15 / Cap. 6, Par. 4 / Cap.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Parte B, Cap. 13 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3-5 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 11, Par. 21 / Const. 13, Par. 5 / Const. 15, Par. 22 / Const. 15, Par. 31-35 / Const. 15, Par. 39 / Const. 16, Par. 8-9 / Const. 17, Par. 31-32 / Const. 17, Par. 43 / Const. 17, Par. 48-49 / Const. 17, Par. 54 / Const. 17, Par. 56 / Const. 17, Par. 75 / Const. 17, Par. 80 / Const. 17, Par. 87 / Const. 17, Par. 89 / Const. 18, Par. 97 / Const. 19, Par. 39 / Const. 20, Par. 22-23 / Const. 20, Par. 38	7, Par. 4 / Cap. 9, Par. 5 / Cap. 42, Par. 3
Profecia	Sem Remissão	Const. 20, Par. 80 / Epílogo, Par. 67	Sem Remissão
Promachoi / Promachos / Proklastai (tropas de assalto)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 5-6 / Liv. III, Cap. 12 / Liv. VI, Cap. 1-4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XII, Parte A,	Const. 4, Par. 22 / Const. 7, Par. 23-24 / Const. 7, Par. 27 / Const. 7, Par. 30-33 / Const. 12, Par. 20 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 33 / Const. 12, Par. 61 / Const. 12, Par. 80 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 1	Const. 18, Par. 7-10 / Const. 18, Par. 142 / Const. 18, Par. 149	
Promarchos (vanguarda de uma unidade)	Liv. II, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 1	Const. 12, Par. 19 / Const. 12, Par. 32	Sem Remissão
Prontidão	Sem Remissão	Const. 5, Par. 12 / Const. 18, Par. 16	Cap. 39, Par. 1
Protonotário (oficial)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 33	Sem Remissão
Protostates / Primus (líder de uma unidade)	Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 4, Par. 19 / Const. 4, Par. 71 / Const. 4, Par. 73-74 / Const. 7, Par. 37 / Const. 18, Par. 143	Cap. 15, Par. 6 / Cap. 15, Par. 9-10 / Cap. 16, Par. 1 / Cap. 16, Par. 4 / Cap. 24, Par. 3 / Cap. 24, Par. 6
Provérbios	Sem Remissão	Const. 2, Par. 32 / Const. 14, Par. 101 / Const. 20, Par. 1-221	Sem Remissão
Provisões / Ração [veja-se também “Abastecimento”]	Liv. I, Cap. 2 / Liv. V, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 7 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9-10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1-2 /	Const. 6, Par. 10 / Const. 6, Par. 23-24 / Const. 7, Par. 12 / Const. 10, Par. 12 / Const. 11, Par. 6 / Const. 11, Par. 10-12 / Const. 11, Par. 33 / Const. 12, Par. 100 / Const. 12, Par. 106 / Const. 13, Par. 7-8 / Const. 13, Par. 11-12 /	Cap. 6, Par. 6 / Cap. 9, Par. 4-5 / Cap. 10, Par. 4 / Cap. 14, Par. 4 / Cap. 27, Par. 2 / Cap. 33, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. IX, Cap. 1-3 / Liv. X, Cap. 1-4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 6 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22	Const. 13, Par. 16-17 / Const. 14, Par. 14 / Const. 15, Par. 13 / Const. 15, Par. 41 / Const. 15, Par. 52-53 / Const. 15, Par. 57 / Const. 16, Par. 10 / Const. 17, Par. 8 / Const. 17, Par. 28 / Const. 17, Par. 34 / Const. 17, Par. 37 / Const. 17, Par. 52 / Const. 17, Par. 54 / Const. 17, Par. 63-64 / Const. 18, Par. 99 / Const. 19, Par. 79 / Const. 20, Par. 191	
Ptolomeu	Sem Remissão	Epílogo, Par. 67	Sem Remissão
Quiliarquia / Quiliarca (oficial)	Liv. I, Cap. 4	Const. 4, Par. 44	Cap. 15, Par. 7
Rampa	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 19, Par. 9
Refugiados	Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 2 / Cap. 8, Par. 2 / Cap. 10, Par. 2 / Cap. 12, Par. 5
Régulo (emissário)	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 43, Par. 2
Rei	Liv. XI, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 43, Par. 2
Relativos	Sem Remissão	Const. 4, Par. 41 / Const. 20, Par. 160	Sem Remissão
Remadores	Sem Remissão	Const. 19, Par. 8	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Reputação	Sem Remissão	Const. 2, Par. 13 / Const. 2, Par. 16 / Const. 20, Par. 84 / Const. 20, Par. 95 / Const. 20, Par. 97 / Const. 20, Par. 111	Cap. 3, Par. 7 / Cap. 43, Par. 2
Retaguarda	Liv. I, Cap. 1 / Liv. I, Cap. 4 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 4-6 / Liv. II, Cap. 9-10 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 4-5 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. III, Cap. 14-16 / Liv. IV, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. IX, Cap. 2-4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11-13 /	Const. 4, Par. 30 / Const. 9, Par. 37 / Const. 9, Par. 58 / Const. 12, Par. 22 / Const. 12, Par. 28 / Const. 17, Par. 56 / Epílogo, Par. 45	Cap. 15, Par. 3 / Cap. 15, Par. 10 / Cap. 20, Par. 4 / Cap. 21, Par. 1 / Cap. 22, Par. 1-2 / Cap. 24, Par. 2 / Cap. 24, Par. 4 / Cap. 24, Par. 6 / Cap. 31, Par. 5-6 / Cap. 32, Par. 1 / Cap. 33, Par. 2 / Cap. 34, Par. 1 / Cap. 35, Par. 2 / Cap. 37, Par. 2 / Cap. 37, Par. 3 / Cap. 38, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Liv. XII, Parte B, Cap. 15-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19-24 / Liv. XII, Parte D		
Retirada	Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 11-12 / Liv. III, Cap. 15 / Liv. IV, Cap. 2-3 / Liv. V, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10-11 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 4 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Const. 12, Par. 9 / Const. 12, Par. 23 / Const. 14, Par. 39-41 / Const. 17, Par. 5 / Const. 17, Par. 7 / Const. 18, Par. 37 / Const. 18, Par. 137 / Const. 19, Par. 54-56 / Const. 19, Par. 78 / Const. 20, Par. 24	Cap. 6, Par. 4 / Cap. 13, Par. 2 / Cap. 38, Par. 1
Reviravolta (na batalha)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 18 / Const. 12, Par. 2 / Const. 17, Par. 9 / Const. 19, Par. 36 / Const. 20, Par. 16	Cap. 23, Par. 2
Revisão (de tropas)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 15 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 8, Par. 26 / Const. 9, Par. 4	
Rio	Liv. I, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22	Const. 5, Par. 8 / Const. 7, Par. 15 / Const. 9, Par. 12-14 / Const. 17, Par. 7 / Const. 17, Par. 9 / Const. 20, Par. 138	Cap. 3, Par. 6 / Cap. 11, Par. 1 / Cap. 11, Par. 4 / Cap. 19, Par. 1-10 / Cap. 38, Par. 1
Romanos	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 3	Prólogo, Par. 3 / Prólogo, Par. 5 / Const. 4, Par. 3 / Const. 6, Par. 2	Cap. 3, Par. 15 / Cap. 18, Parte A, Par. 5 / Cap. 40, Par. 1 / Cap. 43, Par. 2
Roubo	Liv. I, Cap. 6	Sem Remissão	Cap. 1, Par. 4
Roupa	Intr. / Liv. I, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 1	Const. 6, Par. 12-13 / Const. 6, Par. 22 / Const. 6, Par. 31	Cap. 16, Par. 2 / Cap. 16, Par. 5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Rumor	Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XI, Cap. 4	Const. 14, Par. 17 / Const. 14, Par. 97 / Const. 14, Par. 99 / Const. 15, Par. 54 / Const. 15, Par. 57 / Const. 20, Par. 8 / Const. 20, Par. 13-14 / Const. 20, Par. 79	Sem Remissão
Sacerdote	Liv. II, Cap. 18	Const. 3, Par. 12 / Const. 19, Par. 24 / Const. 20, Par. 172 / Epílogo, Par. 62 / Epílogo, Par. 68	Cap. 1, Par. 2
Saliba (dardo)	Sem Remissão	Const. 7, Par. 3	Sem Remissão
Sapador	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 12, Par. 4 / Cap. 12, Par. 6 / Cap. 13, Par. 1-2
Sapato	Liv. XII, Parte B, Cap. 1	Const. 6, Par. 22 / Const. 20, Par. 147	Sem Remissão
Saque [veja-se “Pilhagem”]	Liv. I, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 16 / Liv. IV, Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 14 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 9, Par. 1 / Cap. 42, Par. 1

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Sarracenos	Sem Remissão	Const. 11, Par. 21 / Const. 17, Par. 65 / Const. 18, Par. 103- 135 / Const. 19, Par. 16 / Const. 19, Par. 77 / Epílogo, Par. 71	Sem Remissão
Sedição	Liv. I, Cap. 6	Const. 9, Par. 3 / Const. 20, Par. 18	Sem Remissão
Sela	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 9	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 9-10	Sem Remissão
Sentinela	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 1 / Cap. 7, Par. 1 / Cap. 7, Par. 4 / Cap. 27, Par. 3
Serra	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 5 / Const. 6, Par. 23 / Const. 19, Par. 5	Sem Remissão
Servo	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. 5, Cap. 1-2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9- 10 / Liv. IX, Cap. 5	Const. 4, Par. 31 / Const. 6, Par. 15 / Const. 10, Par. 1 / Const. 10, Par. 3-5 / Const. 11, Par. 10-11 / Const. 14, Par. 12	Sem Remissão
Seta	Liv. I, Cap. 1-2 / Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv.	Const. 5, Par. 2-3 / Const. 6, Par. 2 / Const. 6, Par. 5 / Const. 6, Par. 17 / Const. 6, Par. 22-23 / Const. 15, Par. 26 /	Cap. 11, Par. 2 Cap. 13, Par. 1 / Cap. 13, Par. 3 / Cap. 13, Par. 6 / Cap. 19, Par. 4 / Cap. 28, Par. 1 / Cap. 32, Par. 4 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	XII, Parte B, Cap. 5-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 18, Par. 100 / Const. 18, Par. 129 / Const. 19, Par. 60	Cap. 35, Par. 2 / Cap. 36, Par. 1 / Cap. 44, Par. 3 / Cap. 46, Par. 1-2 / Cap. 47, Par. 1-2
Seta Envenenada	Liv. XI, Cap. 4	Const. 18, Par. 100 / Const. 18, Par. 129	Sem Remissão
Setas de Fogo	Liv. X, Cap. 1	Const. 15, Par. 26	Sem Remissão
Sifão	Sem Remissão	Const. 19, Par. 6 / Const. 19, Par. 51 / Const. 19, Par. 59 / Const. 19, Par. 64	Sem Remissão
Sigilo	Sem Remissão	Const. 3, Par. 7 / Const. 7, Par. 28-29 / Const. 13, Par. 13 / Const. 14, Par. 11 / Const. 19, Par. 71 / Const. 20, Par. 8 / Const. 20, Par. 16 / Const. 20, Par. 133 / Const. 20, Par. 178	Cap. 42, Par. 2
Silêncio	Liv. II, Cap. 17-18 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII,	Const. 7, Par. 17 / Const. 7, Par. 47 / Const. 11, Par. 20 / Const. 12, Par. 53-54 / Const. 14, Par. 70 / Const. 17, Par. 17 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Parte B, Cap. 22	Const. 20, Par. 204	
Símbolos	Liv. I, Cap. 3	Const. 20, Par. 78 / Const. 20, Par. 80	Sem Remissão
Simulação (de movimentos)	Liv. III, Cap. 5	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 4
Simulação (exercício militar)	Liv. I, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 19 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17	Const. 19, Par. 5	Sem Remissão
Sinal	Liv. II, Cap. 18 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 13-14 / Liv. IV, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. X, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24	Const. 7, Par. 18 / Const. 7, Par. 49-50 / Const. 12, Par. 88 / Const. 14, Par. 14 / Const. 15, Par. 59 / Const. 17, Par. 17	Cap. 6, Par. 1 / Cap. 8, Par. 1-3 / Cap. 30, Par. 1-2 / Cap. 38, Par. 1 / Cap. 47, Par. 1
Sintagmatarca	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 7

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
(oficial) / Sintagma (unidade)			
Síria	Sem Remissão	Const. 9, Par. 14 / Const. 18, Par. 104 / Const. 18, Par. 126 / Const. 20, Par. 212	Sem Remissão
Soldado Lacedemónio	Sem Remissão	Const. 20, Par. 40	Sem Remissão
Soldados de Artilharia	Liv. XII, Parte B, Cap. 6	Const. 5, Par. 6 / Const. 6, Par. 23	Sem Remissão
Soldados Defuntos	Liv. I, Cap. 8 / Liv. II, Cap. 16	Const. 14, Par. 31 / Const. 16, Par. 11 / Const. 20, Par. 20 / Const. 20, Par. 72 / Const. 20, Par. 158	Sem Remissão
Sovela	Liv. I, Cap. 2	Const. 5, Par. 3 / Const. 6, Par. 2	Sem Remissão
Stabárosai (estacas afiadas)	Sem Remissão	Const. 11, Par. 8	Sem Remissão
Stratelates (título)	Liv. I, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8	Const. 4, Par. 45 / Const. 4, Par. 67	Sem Remissão
Strator (moço de estrebaria)	Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17	Const. 7, Par. 39 / Const. 14, Par. 72	Sem Remissão
Suborno	Liv. VII, Parte A, Intr.	Const. 20, Par. 83	Sem Remissão
Sulfúrico	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 13, Par. 8
Suplicantes	Sem Remissão	Const. 20, Par. 43 / Const. 20, Par. 70	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
<i>Táγμα</i>	Liv. I, Cap. 2-6 / Liv. I, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 5-6 / Liv. II, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. II, Cap. 13-14 / Liv. II, Cap. 16 / Liv. II, Cap. 19-20 / Liv. III, Cap. 1-5 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 14-15 / Liv. VI, Cap. 1 / Liv. VII, Parte A, Cap. 1-2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 6 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16-17 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8-11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII,	Const. 4, Par. 2-3 / Const. 4, Par. 6-7 / Const. 4, Par. 16 / Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 37 / Const. 4, Par. 39 / Const. 4, Par. 43-44 / Const. 4, Par. 47 / Const. 4, Par. 50-52 / Const. 4, Par. 58 / Const. 4, Par. 64	Cap. 26, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Parte B, Cap. 16-17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 19 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24 / Liv. XII, Parte D		
Talude	Liv. XII, Parte B, Cap. 18	Sem Remissão	Cap. 6, Par. 2-3
Tamanho do Exército	Liv. I, Cap. 4 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 4 / Liv. III, Cap. 2 / Liv. III, Cap. 8 / Liv. III, Cap. 10 / Liv. IV, Cap. 3-5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. XII, Parte A, Cap. 2 / Liv. XII, Parte A, Cap. 7	Const. 4, Par. 35 / Const. 4, Par. 43 / Const. 4, Par. 48 / Const. 4, Par. 50-51 / Const. 4, Par. 63-64 / Const. 9, Par. 3 / Const. 9, Par. 6 / Const. 12, Par. 1-24 / Const. 12, Par. 27 / Const. 12, Par. 29 / Const. 12, Par. 34 / Const. 12, Par. 58 / Const. 14, Par. 6 / Const. 17, Par. 70-75 / Const. 17, Par. 85 / Const. 18, Par. 147- 149 / Const. 20, Par. 96 / Const. 20, Par. 99 / Const. 20, Par. 138 / Const. 20, Par. 154 / Const. 20, Par. 162 /	Cap. 33, Par. 1.

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 20, 193	
Tambor	Sem Remissão	Const. 18, Par. 106 / Const. 18, Par. 134 / Const. 20, Par. 76	Sem Remissão
Tartaruga (Disposição tática)	Sem Remissão	Const. 15, Par. 27 / Const. 15, Par. 43-44	Cap. 13, Par. 1 / Cap. 13, Par. 5-8 / Cap. 13, Par. 10
Táticas	Intr. / Liv. I, Cap. 3 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. VI, Intr. / Liv. VI, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI, Intr. / Liv. XI, Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 1- 24 / Liv. XII, Parte D	Prólogo, Par. 1-11 / Const. 1, Par. 1-7 / Const. 2, Par. 33 / Epílogo, Par. 58	Cap. 14, Par. 1-4 / Cap. 15, Par. 1-2 / Cap. 21, Par. 1-2
Taxiarco (oficial) / Taxiarquia (unidade)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. III, Cap. 7-8	Sem Remissão	Cap. 15, Par. 7
Temas	Sem Remissão	Const. 1, Par. 10 / Const. 1, Par. 12 / Const. 4, Par. 8 / Const. 4, Par. 32-33 / Const. 18, Par. 146	Sem Remissão
Templo	Sem Remissão	Const. 20, Par. 70	Sem Remissão
Tenda	Liv. I, Cap. 2 / Liv.	Const. 4, Par. 32 /	Cap. 27, Par. 1-3 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	V, Cap. 4 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte C	Const. 5, Par. 8 / Const. 10, Par. 11 / Const. 11, Par. 1 / Const. 11, Par. 14-16 / Const. 17, Par. 89	Cap. 28, Par. 1-3 / Cap. 29, Par. 1 / Cap. 29, Par. 5 / Cap. 33, Par. 3
Teodosiópolis (cidade)	Sem Remissão	Const. 18, Par. 134	Sem Remissão
Terreno	Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 5 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. IV, Cap. 1 / Liv. IV, Cap. 3-4 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12-13 / Liv. VII, Parte B, Cap. 15 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 2-5 / Liv. X, Cap. 2 / Liv. XI,	Const. 7, Par. 10 / Const. 7, Par. 15 / Const. 7, Par. 35 / Const. 9, Par. 9 / Const. 14, Par. 4 / Const. 20, Par. 56	Cap. 10, Par. 3 / Cap. 18, Parte A, Par. 1-5

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	Cap. 1-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 5-7 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 14 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16-20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22-23 / Liv. XII, Parte D		
Território hostil	Liv. I, Cap. 9 / Liv. V, Cap. 1 / Liv. VIII, Cap. 1-2 / Liv. IX, Cap. 1 / Liv. IX, Cap. 3-4 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 6-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20	Const. 9, Par. 22-25 / Const. 9, Par. 27 / Const. 9, Par. 42-43 / Const. 9, Par. 50 / Const. 9, Par. 56 / Const. 11, Par. 2-3 / Const. 11, Par. 21 / Const. 17, Par. 8 / Const. 17, Par. 27-56 / Const. 19, Par. 33 / Const. 19, Par. 40 / Const. 20, Par. 45	Cap. 9, Par. 1 / Cap. 18, Parte A, Par. 2 / Cap. 20, Par. 1 / Cap. 26, Par. 3 / Cap. 42, Par. 3
Tetrarca (oficial) / Tetrarquia (unidade)	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 5-6 / Liv. III, Cap. 5	Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 15 / Const. 4, Par. 21	Cap. 15, Par. 7
Tetrareai (máquinas de arremesso de pedras)	Sem Remissão	Const. 15, Par. 26	Cap. 12, Par. 1 / Cap. 13, Par. 4 / Cap. 13, Par. 9-10
Thyreophoroi (infantaria)	Sem Remissão	Const. 6, Par. 27	Sem Remissão
Thyreos (escudo)	Sem Remissão	Const. 5, Par. 2 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
		Const. 6, Par. 21	
Timoneiro	Liv. VII, Parte A, Intr.	Const. 19, Par. 8	Sem Remissão
Torre	Liv. IX, Cap. 1 / Liv. X, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21	Const. 15, Par. 27 / Const. 15, Par. 45 / Const. 17, Par. 7	Cap. 11, Par. 2 / Cap. 12, Par. 2 / Cap. 19, Par. 3-4 / Cap. 29, Par. 4
Tourma (unidade de cavalaria)	Sem Remissão	Const. 4, Par. 3 / Const. 4, Par. 45-47 / Const. 4, Par. 49 / Const. 7, Par. 33 / Const. 7, Par. 39	Sem Remissão
Tourmarchs (líderes dos <i>Tourma</i>)	Sem Remissão	Const. 3, Par. 1 / Const. 4, Par. 6 / Const. 4, Par. 10 / Const. 4, Par. 45-46 / Const. 4, Par. 67 / Const. 9, Par. 11 / Const. 12, Par. 59-60 / Const. 12, Par. 86 / Const. 12, Par. 88 / Const. 14, Par. 72 / Const. 17, Par. 26 / Const. 17, Par. 39 / Const. 18, Par. 140 / Const. 19, Par. 26	Sem Remissão
Trácia	Liv. IV, Cap. 3	Const. 17, Par. 12 / Const. 18, Par. 40	Sem Remissão
Traição / Traidores	Liv. I, Cap. 6 / Liv. VIII, Cap. 1 / Liv.	Const. 15, Par. 17 / Const. 15, Par. 30 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
	XI, Cap. 2	Const. 15, Par. 36-37 / Const. 15, Par. 48 / Const. 20, Par. 35 / Const. 20, Par. 164 / Const. 20, Par. 178	
Trajano	Liv. IX, Cap. 2	Sem Remissão	Sem Remissão
Tréguas	Liv. VIII, Cap. 1-2	Const. 16, Par. 15 / Const. 20, Par. 97 / Epílogo, Par. 25	Sem Remissão
Treino	Intr. / Liv. I, Cap. 1-3 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 10-11 / Liv. III, Cap. 16 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 2 / Liv. XII, Parte B, Cap. 12 / Liv. XII, Parte B, Cap. 14-15 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte D	Prólogo, Par. 5 / Const. 7, Par. 1-70 / Const. 8, Par. 17 / Const. 12, Par. 59-60 / Const. 12, Par. 88 / Const. 14, Par. 56 / Const. 18, Par. 2-5 / Const. 18, Par. 11-14 / Const. 18, Par. 134 / Const. 18, Par. 149 / Const. 19, Par. 29-30 / Const. 20, Par. 48 / Const. 20, Par. 129 / Const. 20, Par. 167 / Const. 20, Par. 175 / Const. 20, Par. 195 / Epílogo, Par. 18	Cap. 45, Par. 1-3 / Cap. 46, Par. 1-2 / Cap. 47, Par. 1-2
Trem de Apoio	Liv. I, Cap. 2-3 / Liv. I, Cap. 5 / Liv. I, Cap. 8-9 / Liv. III, Cap. 7-8 / Liv. IV,	Const. 4, Par. 31 / Const. 4, Par. 38 / Const. 4, Par. 54 / Const. 6, Par. 15 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	Cap. 3 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. V, Cap. 1-5 / Liv. VII, Parte A, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 7 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 1-2 / Liv. XI, Cap. 4 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17-18 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20-23 / Liv. XII, Parte C	Const. 6, Par. 17 / Const. 9, Par. 10 / Const. 9, Par. 37 / Const. 9, Par. 45 / Const. 9, Par. 56 / Const. 9, Par. 58 / Const. 10, Par. 1-17 / Const. 11, Par. 35 / Const. 11, Par. 38 / Const. 12, Par. 102 / Const. 14, Par. 13 / Const. 14, Par. 73 / Const. 17, Par. 47-48 / Const. 17, Par. 51 / Const. 18, Par. 26	
Tribos	Sem Remissão	Const. 18, Par. 51 / Const. 18, Par. 64 / Const. 18, Par. 79 / Const. 18, Par. 122	Sem Remissão
Tribos (do Norte)	Sem Remissão	Const. 14, Par. 38	Sem Remissão
Tribuno (oficial)	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv. I, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Intr. / Liv.	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	XII, Parte B, Cap. 8 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22 / Liv. XII, Parte B, Cap. 24		
Trirremes	Sem Remissão	Const. 19, Par. 1	Sem Remissão
Trisagion (Trindade Sagrada)	Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 11, Par. 19 / Const. 12, Par. 92	Sem Remissão
Triunfo	Sem Remissão	Sem Remissão	Cap. 3, Par. 15
Trombeta	Liv. II, Cap. 17 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. VII, Parte A, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 10 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. IX, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 5, Par. 4 / Const. 7, Par. 50	Cap. 30, Par. 1-2 / Cap. 39, Par. 4
Trombeteiro	Liv. III, Cap. 1 / Liv. XII, Parte B, Cap. 7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 11 / Liv. XII, Parte B, Cap. 21-22	Const. 4, Par. 7 / Const. 4, Par. 52 / Const. 7, Par. 37 / Const. 7, Par. 40 / Const. 9, Par. 75 / Const. 11, Par. 19 / Const. 11, Par. 23 /	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		Const. 12, Par. 53 / Const. 12, Par. 83 / Const. 15, Par. 20 / Const. 17, Par. 20 / Const. 19, Par. 45 / Const. 20, Par. 166	
Tropas Bucelárias	Liv. I, Cap. 2 / Liv. I, Cap. 9	Sem Remissão	Sem Remissão
Tropas de Apoio	Liv. II, Cap. 5 / Liv. IV, Cap. 5 / Liv. VI, Cap. 4	Const. 12, Par. 22 / Const. 12, Par. 28 / Const. 14, Par. 8 / Const. 15, Par. 47	Sem Remissão
Tropas Federadas	Liv. I, Cap. 2 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 6 / Liv. III, Cap. 8	Sem Remissão	Sem Remissão
Tropas para Emboscadas	Liv. II, Cap. 5-6 / Liv. VI, Cap. 4 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5	Const. 4, Par. 29 / Const. 12, Par. 25 / Const. 12, Par. 28 / Const. 12, Par. 33	Sem Remissão
Trovoada	Sem Remissão	Const. 20, Par. 156	Sem Remissão
Tuba	Sem Remissão	Const. 7, Par. 50	Sem Remissão
Túnica	Liv. XII, Parte B, Cap. 1	Const. 6, Par. 22	Sem Remissão
Turcos	Liv. II, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 2	Const. 14, Par. 38 / Const. 18, Par. 38 / Const. 18, Par. 40-41 / Const. 18, Par. 43-73	Sem Remissão
Unidade	Liv. I, Cap. 3-4 / Liv.	Const. 1, Par. 7 /	Cap. 15, Par. 4 /

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
	I, Cap. 8-9 / Liv. II, Cap. 1 / Liv. II, Cap. 6 / Liv. II, Cap. 11 / Liv. II, Cap. 13 / Liv. II, Cap. 15 / Liv. III, Cap. 5 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. III, Cap. 14-15 / Liv. IV, Cap. 2-5 / Liv. V, Cap. 1 / Liv. VI, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Cap. 11 / Liv. VII, Parte B, Cap. 1-2 / Liv. VII, Parte B, Cap. 5 / Liv. VII, Parte B, Cap. 9 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 2-3 / Liv. IX, Cap. 5 / Liv. XI, Cap. 2-4 / Liv. XII, Parte A, Cap. 1-7 / Liv. XII, Parte B, Cap. 8-9 / Liv. XII, Parte B, Cap. 13 / Liv. XII, Parte B, Cap. 17 / Liv. XII, Parte B, Cap. 20-23 / Liv. XII, Parte D	Const. 4, Par. 34 / Const. 4, Par. 60 / Const. 4, Par. 65 / Const. 4, Par. 67	Cap. 15, Par. 7 / Cap. 17, Par. 1 / Cap. 18, Parte A, Par. 1-2 / Cap. 21, Par. 2 / Cap. 23, Par. 1-2 / Cap. 25, Par. 2 / Cap. 26, Par. 2 / Cap. 29, Par. 1 / Cap. 30, Par. 1 / Cap. 31, Par. 4 / Cap. 32, Par. 2 / Cap. 32, Par. 6 / Cap. 33, Par. 3 / Cap. 34, Par. 1 / Cap. 35, Par. 1 / Cap. 37, Par. 2

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> (Maurício)	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> (Siriano Magistros)
Unidade para o Aquartelamento	Liv. I, Cap. 3 / Liv. I, Cap. 9 / Liv. II, Cap. 12 / Liv. VII, Parte B, Cap. 17 / Liv. IX, Cap. 3	Const. 9, Par. 8 / Const. 9, Par. 12	Cap. 26, Par. 1-3 / Cap. 27, Par. 1
Utensílios	Liv. V, Cap. 3	Const. 19, Par. 5	Sem Remissão
Utensílios (para fogueira)	Sem Remissão	Const. 5, Par. 3	Cap. 8, Par. 1
Vala [veja-se “Fossos / (<i>fossae</i>)”]	Liv. IV, Cap. 3 / Liv. VII, Parte B, Cap. 16 / Liv. XII, Parte B, Cap. 22	Const. 14, Par. 42-43	Cap. 6, Par. 3
Vassalo	Sem Remissão	Prólogo, Par. 2 / Const. 11, Par. 9 / Const. 15, Par. 35 / Const. 19, Par. 18	Cap. 3, Par. 3 / Cap. 3, Par. 10
Vela (da embarcação)	Sem Remissão	Const. 19, Par. 5	Sem Remissão
Vento	Liv. II, Cap. 17 / Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. X, Cap. 1 / Liv. XI, Cap. 1 / Liv. XII, Parte D	Const. 2, Par. 24 / Const. 15, Par. 26 / Const. 19, Par. 2 / Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 30 / Const. 20, Par. 108 / Const. 20, Par. 146 / Epílogo, Par. 51	Sem Remissão
Vento Favorável	Sem Remissão	Const. 19, Par. 24 / Const. 19, Par. 31	Sem Remissão
Vexillationes (unidade)	Liv. II, Cap. 6 / Liv. III, Cap. 8	Sem Remissão	Sem Remissão

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
Víbora	Sem Remissão	Const. 19, Par. 60 / Const. 20, Par. 159	Sem Remissão
Vigilância	Sem Remissão	Const. 2, Par. 1 / Const. 2, Par. 4 / Const.14, Par. 30 / Const. 19, Par. 33 / Const. 20, Par. 7 / Const. 20, Par. 37 / Const. 20, Par. 48 / Const. 20, Par. 145	Sem Remissão
Vinagre	Liv. X, Cap. 4	Sem Remissão	Cap. 18, Parte A, Par. 5
Vinho	Liv. VII, Parte A, Cap. 10 / Liv. IX, Cap. 3 / Liv. XI, Cap. 3 / Liv. XII, Parte B, Cap. 23	Const. 14, Par. 83 / Const. 17, Par. 54	Cap. 1, Par. 3 / Cap. 14, Par. 4
Vitória	Liv. II, Cap. 19 / Liv. III, Cap. 11 / Liv. V, Cap. 2 / Liv. VII, Parte A, Intr. / Liv. VII, Parte A, Cap. 4 / Liv. VII, Parte A, Cap. 10 / Liv. VII, Parte A, Cap. 14 / Liv. VII, Parte B, Cap. 12 / Liv. VIII, Cap. 1-2	Const. 12, Par. 55 / Const. 12, Par. 83 / Const. 14, Par. 21-23 / Const. 16, Par. 13-14 / Const. 19, Par. 39 / Const. 20, Par. 42 / Const. 20, Par. 51 / Const. 20, Par. 59 / Const. 20, Par. 79-80 / Const. 20, Par. 86 / Const. 20, Par. 92 / Const. 20, Par. 136- 137 / Const. 20, Par.	Cap. 3, Par. 15 / Cap. 33, Par. 3 / Cap. 40, Par. 3

<u>Temas</u>	<u>Stratēgikón</u> <u>(Maurício)</u>	<u>Taktiká (Leão VI)</u>	<u>De Re Strategica</u> <u>(Siriano</u> <u>Magistros)</u>
		143 / Const. 20, Par. 150 / Const. 20, Par. 199 / Const. 20, Par. 202	
Alimentos envenenados	Liv. VIII, Cap. 2 / Liv. IX, Cap. 3	Const. 17, Par. 54	Sem Remissão

Anexo V - Cronologia político-militar e cultural do Mundo Antigo⁸⁷⁷

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
479 a.C.	Início da Idade Clássica na Grécia Antiga		
479 a.C.	- Começo da reconstrução das muralhas de Atenas (no seguimento da destruição da cidade pelo exército aqueménida de Xerxes I)		
478 a.C.	- Campanhas de cidades gregas aliadas (lideradas por Pausânias) na região do Chipre e Bizâncio. - Conclusão da reconstrução das muralhas de Atenas.	- Início da tirania de Híero I em Siracusa.	
477 a.C.	- Possível data para a fundação da liga de Delos por Atenas ⁸⁷⁸ .	- Data provável da derrota dos romanos em Crémera (contra a cidade etrusca de Veio).	- Começo da competição ditirâmbica, da qual Simónides sairia vitorioso. - Frínico (poeta trágico ateniense) compõe <i>As Fenícias</i> .
476 a.C.	- Tomada de Éion (colónia da Eritreia, localizada na Trácia) pelos Atenienses (liderados por Címon).	- Morte de Anaxilas de Régio (Calábria).	- Conclusão da competição ditirâmbica que Simónides venceu.
475 a.C.	- Provável data da captura da ilha de <i>Esquiro</i> (mar Egeu, perto da ilha Eubeia) por Címon.	- Siracusanos (rei Híero I) derrotam os Etruscos na batalha de Cumas ⁸⁷⁹ .	
474 a.C.	- Tomada de Caristo (cidade localizada na ilha de Eubeia) pela cidade Atenas.		
472 a.C.		- Morte de Téron, tirano dos Acragantinos (Sicília).	- Ésquilo compõe <i>Os Persas</i> .

⁸⁷⁷ O anexo que aqui figura corporiza um trabalho em progresso que pretende conciliar as datações propostas pelas seguintes obras: BICKERMAN, Elias Joseph – *Chronology of the Ancient World*, Londres: Thames & Hudson, 1968, pp. 197-248 / WEES, Hans Van & WHITBY, Michael & SABIN, Philip – *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, vols. I e II, Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 518-532 (vol. I), 460-475 (vol. II).

⁸⁷⁸ Algumas cronologias colocam a criação desta liga no ano anterior (478 a.C.).

⁸⁷⁹ Elias Bickerman atribui uma data um pouco mais tardia para esta batalha (474 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
			- Data provável para o início da construção do templo de Zeus (Olímpia).
471 a.C.	- Ostracismo de Temístocles (em Atenas).	- Promulgação da <i>Lex Publilia Voleronis</i> em Roma (independência política da plebe face aos patrícios).	
470 a.C.	- Creta e Gortina (cidade perto de Heráclio) começam a cunhar as suas próprias moedas.		- Nascimento de Aspásia de Mileto (sofista grega).
469 a.C.	- Os Atenienses conquistam a ilha de Naxos (mar Egeu).		- Data provável do nascimento de Sócrates.
468 a.C.	- Começo da revolta de Naxos ao jugo ateniense.		- Primeira vitória de Sófocles (em Atenas).
467 a.C.	- Reconquista ateniense de Naxos. - Batalha terrestre e anfíbia do rio Eurimedonte entre a Liga de Delos (liderada por Címon) e o exército aqueménida comandado por dois generais do imperador Xerxes I (Titraustes e Ferendates), que culminaria na vitória da coligação grega ⁸⁸⁰ .	- Morte de Híero, tirano de Siracusa.	- Composição dos <i>Sete Contra Tebas</i> de Ésquilo.
465 a.C.	- Derrota ateniense na batalha de Drabesco (provavelmente devido à proficiência dos peltastas autóctones), marco da resistência face à expansão da cidade-Estado grega na região da Trácia. - Argivos (habitantes da cidade de Argos) conquistam Micenas (nordeste do Peloponeso). - Início da revolta e cerco		- Data mais viável para o nascimento de Zenão (filósofo pré-socrático de Élia, Magna Grécia).

⁸⁸⁰ Alguns classicistas colocam esta batalha no ano seguinte (466 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	de Tasos (ilha do mar Egeu).		
464 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início da revolta hilita em Messénia (região do sudoeste do Peloponeso). - Cerco de Itome (na Messénia). - Terramoto em Esparta. 		- <i>Terminus post quem</i> para a composição d'As <i>Suplicantes</i> de Ésquilo.
463 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da revolta e cerco de Tasos que se rende aos atenienses⁸⁸¹. 		- <i>Terminus ante quem</i> para a elaboração d'As <i>Suplicantes</i> de Ésquilo.
462 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Esparta apela ao auxílio ateniense. - Reformas constitucionais de Efialtes de Atenas. - Címon regressa da revolta em Messénia. - Revolta Egípcia ao domínio Persa. - Data provável da aliança de Atenas com Argos e a Tessália⁸⁸². 		
461 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Possível data de construção das longas muralhas de Mégara (a norte do istmo de Corinto). - Ostracismo de Címon (em Atenas). - Assassinato de Efialtes. 		
460 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo das expedições atenienses ao Chipre e ao Egipto de forma a apoiarem as revoltas contra o exército aqueménida. - Captura de Mênfis. 		<ul style="list-style-type: none"> - Data convencional do nascimento de Tucídides⁸⁸⁴. - Nascimento provável de Aristófanes (comediante ateniense).

⁸⁸¹ A rendição desta cidade é por vezes atribuída ao ano 462 a.C.

⁸⁸² Esta aliança poder-se-á ter sucedido no ano seguinte (461 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	- Início da 1ª Guerra do Peloponeso ⁸⁸³ .		- Possível data de nascimento de Demócrito (filósofo de Mileto). - Nascimento convencional de Hipócrates ('pai da medicina') em Cós (ilha do Dodecaneso).
459 a.C. ⁸⁸⁵	- Possível ano da edificação das longas muralhas de Atenas ⁸⁸⁶ . - Batalha de Hália (na península dos Argivos): entre Atenas e Corinto (servindo os interesses de Esparta), culmina no malogro ateniense. - Batalha naval de <i>Cecryphaleia</i> (ilha do Golfo Sarónico) entre os Eginetas e os Coríntios. - Atenas captura Mégara colocando a cidade num confronto direto contra Corinto.	- Início das revoltas na Sicília.	- <i>Terminus post quem</i> para a introdução do pagamento hoplita em Atenas.
458 a.C.	- Batalha de Tânagra (vitória pírrica espartana) e de <i>Oenophyta</i> (vitória de Atenas frente às cidades aliadas da Beócia) e a conquista ateniense da Beócia ⁸⁸⁷ .		- Composição da <i>Oresteia</i> de Ésquilo.
457 a.C.	- Os Zeugitanos (<i>Ζευγῖται</i>), soldados que conseguiam adquirir o armamento hoplita, passam a ter livre		- Ano provável da elaboração de <i>Prometeu Acorrentado</i> de Ésquilo.

⁸⁸⁴ Atente-se que esta data ainda é alvo de inúmeras discussões, fruto do próprio desfasamento cronológico que as diversas fontes apresentam.

⁸⁸³ Esta guerra poderá ter-se iniciado no ano seguinte (459 a.C.)

⁸⁸⁵ Todos os acontecimentos atribuídos a 459 a.C., poderão ser associados ao ano seguinte.

⁸⁸⁶ Apesar de esta edificação poder ser datada em 457 a.C.

⁸⁸⁷ Ambas as batalhas poderão ter ocorrido, segundo algumas fontes, em 458 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>acesso aos arcontados.</p> <p>- Conquista ateniense de Egina (ilha do golfo Sarónico)⁸⁸⁸.</p>		
456 a.C.	<p>- Início dos raides de Atenas (comandados por Tólmides) no Peloponeso, que incendiaram o arsenal dos Lacedemónios e conquistaram Cálcis (cidade coríntia).</p>		<p>- Morte de Ésquilo.</p>
455 a.C.	<p>- Possível termo da revolta Messénica.</p> <p>- Término das Expedições atenienses ao Chipre e ao Egipto de forma a apoiarem as revoltas contra o Império Aqueménida⁸⁸⁹.</p>		<p>- Produção da primeira obra de Eurípides.</p>
454 a.C.	<p>- Conclusão dos raides atenienses (liderados por Tólmides) no Peloponeso.</p> <p>- Intervenção de Atenas (liderada por Mirónides) em Farsalo.</p> <p>- Transferência do tesouro da Liga de Delos para Atenas.</p> <p>- Data provável da expedição de Péricles ao Golfo de Corinto.</p>		
451 a.C. ⁸⁹⁰	<p>- Tréguas de cinco anos entre Esparta e Atenas.</p> <p>- Paz dos Trinta Anos entre Esparta e Argos.</p> <p>- Nova expedição ateniense ao Chipre e ao Egipto.</p>	<p>- <i>Ducetius</i> torna-se líder dos Sículos.</p> <p>- Início dos Decenviratos em Roma.</p> <p>- Publicação da Lei das Doze Tábuas em</p>	

⁸⁸⁸ Esta conquista é, por vezes, associada ao ano de 456 a.C.

⁸⁸⁹ A conclusão desta expedição poderá ter-se sucedido em 455 a.C.

⁸⁹⁰ Os acontecimentos deste ano são por vezes associados ao ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Lei da Cidadania em Atenas. - Morte de Címon (no Chipre). 	Roma.	
450 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Ano provável para a morte de Temístocles. 		<ul style="list-style-type: none"> - Composição d' <i>As Traquírias</i> de Sófocles. - Zenão de Élia começa a trabalhar nos seus <i>Paradoxos</i>. - <i>Terminus ante quem</i> para a introdução do pagamento hoplita em Atenas.
449 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Provável ano da paz de Cálias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Secessão dos plebeus em Roma. - Leis Valérias-Horácias em Roma (favorecendo a plebe). 	
448 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 2ª Guerra Sagrada. - Expedição espartana a Delfos. 		
447 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Criação da liga da Beócia. 		
447 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Coroneia: derrota dos atenienses (comandados por Tólmides) frente a uma coligação de povos Beócias, pondo fim a influência da cidade-estado na região⁸⁹¹. - Cleruquias atenienses são criadas no Quersoneso e noutras regiões. 		<ul style="list-style-type: none"> - Início da construção do Pártenon.
446 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Revoltas dos aliados de Atenas. - Invasão espartana da Ática. - Reconquista ateniense da 		<ul style="list-style-type: none"> - Último poema datável de Píndaro.

⁸⁹¹ Algumas cronologias inserem esta batalha no ano seguinte (446 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Eubeia e recolonização de algumas cidades da região. - Paz de Trinta Anos entre Esparta e Atenas. - Fim da 1ª Guerra do Peloponeso.		
445 a.C.		- A partir desta data os tribunos militares romanos podem adquirir poderes consulares. - <i>Lex Canuleia</i> em Roma (casamento entre plebeus e patrícios).	- Nascimento provável do filósofo Cínico Antístenes (em Atenas). - O filósofo Leucipo de Abdera (Trácia) cria o universo atômico.
444 a.C.	- Fundação da cidade de <i>Copia</i> (Magna Grécia) ⁸⁹² .	- Fundação da cidade de <i>Copia</i> (Magna Grécia).	
443 a.C.	- Ostracismo de Tucídides (filho de <i>Melesias</i>).	- Criação dos censores romanos.	
442 a.C.		- Colônia latina em <i>Ardea</i> (Lácio).	<i>Terminus post quem</i> para a 1ª vitória de Eurípides (com a <i>Antígona</i>).
441 a.C.			- <i>Terminus antes quem</i> para a 1ª vitória de Eurípides (com a <i>Antígona</i>)
440 a.C.	- Revolta de Samos.	- Termo das revoltas na Sicília.	
439 a.C.	- Cerco de Samos e sua rendição.		- Primeiros registos da utilização de engenhos de cerco pelos gregos ⁸⁹³ .
438 a.C.			- Eurípides compõe a <i>Alceste</i> . - Consagração da estátua de Fídias no Pártenon.
437 a.C.	- Fundação de Anfípolis. - Ano provável da		

⁸⁹² A criação desta cidade é por vezes datada em 443 a.C.

⁸⁹³ Eneias faz-nos uma possível menção a um dos engenhos utilizados neste cerco: *Aen. Tact.*, XXXIII. 11. Apesar desta referência que nos é corroborada por Diodoro na passagem que nos descreve o cerco, a construção deste tipo de engenho só nos é novamente referida no cerco de Larissa (399 a.C.), por Xenofonte: *X. HG.*, III. I. 7.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	expedição de Péricles ao Mar Negro.		
436 a.C.			- Nascimento de Isócrates.
435 a.C.	- Início da guerra entre Corinto e Corcira (atual Corfu) sobre Epidamno com a batalha de <i>Leucimme</i> .		
433 a.C.	- Aliança entre Atenas e Corcira. - Batalha de <i>Sybotá</i> (entre Corinto e Corcira). - Renovação dos tratados de Atenas com Régio e <i>Leontini</i> (atual <i>Lentini</i> , Sicília) ⁸⁹⁴ .	- Renovação dos tratados de Atenas com Régio e <i>Leontini</i> (atual <i>Lentini</i> , Sicília).	
432 a.C.	- Início da revolta e cerco de Potideia. - ‘Decreto de Mégara’ passado em Atenas. - Conferências de Esparta ⁸⁹⁵ .		- Criação do calendário de Méton de Atenas.
431 a.C.	- Início da 2ª Guerra do Peloponeso com a designada Guerra Arquidâmia. - Ataque tebano a Plateias. - 1ª invasão peloponésia da Ática.	- Vitória romana sobre os <i>Aequi</i> e os <i>Volscos</i> no monte <i>Álgido</i> (colinas albanas, Itália).	- Data provável em que Tucídides começou a escrever a <i>Guerra do Peloponeso</i> . - Redação da <i>Medeia</i> de Eurípides. - Ano em que Péricles terá proferido o seu famoso <i>Discurso Fúnebre</i> . - O templo de Apolo <i>Medicus</i> é construído em Roma.
430 a.C.	- 2ª invasão peloponésia da Ática.		- Provável nascimento de Xenofonte.

⁸⁹⁴ A renovação destas relações diplomáticas poderá ter-se sucedido no ano seguinte

⁸⁹⁵ Poderão ter-se iniciado em 431 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da peste em Atenas. - Ataque malogrado de Péricles ao Epidauro. - Término do cerco a Potideia⁸⁹⁶. 		<ul style="list-style-type: none"> - Data provável da produção d' <i>Os Heráclidas</i> de Eurípides.
429 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo do cerco de Plateia. - Morte de Péricles. 		<ul style="list-style-type: none"> - Produção do <i>Édipo Rei</i> de Sófocles.
428 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha de Fórmio (general ateniense) na Grécia Ocidental. - Fim da peste em Atenas. - Início da revolta em Mitilene. - Começo da expedição à Grécia Ocidental liderada pelo filho do general Fórmio, <i>Asopius</i>. 		<ul style="list-style-type: none"> - Segundo a <i>Guerra do Peloponeso</i> Tucídides terá sido vítima da peste ateniense. - Eurípides compõe o <i>Hipólito</i>. - Morte de Anaxágoras (filósofo grego). - Nascimento de Platão⁸⁹⁷.
427 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Fim do cerco de Plateias. - Término da revolta em Mitilene. - Conclusão da expedição liderada pelo filho do general Fórmio, <i>Asopius</i>. - Guerra Civil na Corcira. - Derrota de Demóstenes na Etólia. - Embaixada de Górgias (líder de <i>Leontini</i>) a Atenas. - Começo das intervenções 	<ul style="list-style-type: none"> - Embaixada de Górgias (líder de <i>Leontini</i>) a Atenas. - Começo das intervenções atenienses (lideradas por <i>Laches</i>) na Sicília. 	

⁸⁹⁶ Segundo algumas cronologias este cerco poder-se-á ter estendido ao ano seguinte.

⁸⁹⁷ Algumas cronologias apontam o seu nascimento para 427 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>atenienses (lideradas por <i>Laches</i>) na Sicília.</p> <p>- Início da última das três incursões atenienses à Grécia Ocidental, comandada por Demóstenes.</p>		
426 a.C.	<p>- Término da expedição de Demóstenes.</p> <p>- Batalha de <i>Olpa</i> entre os exércitos de Atenas e da Liga Arcanânia contra o corpo armado de Esparta e Ambrácia (perto da Arcanânia).</p>	<p>- Guerra entre Roma e <i>Fidenae</i> (Lácio).</p>	<p>- O <i>Cheimazomenae</i> de Cratino (comediógrafo ateniense) é elaborado.</p>
425 a.C.	<p>- Batalha de <i>Solygea</i>.</p> <p>- Fortificação de Pilos.</p> <p>- Tomada de Esfactéria (ilha na baía de Pilos) pelos atenienses.</p> <p>- Extermínio dos oligarcas corcíreus.</p>	<p>- Congresso na cidade de Gela (Sicília).</p>	<p>- Data provável da redação da <i>Andrômaca</i> de Eurípides.</p> <p>- Aristófanes produz <i>Os Arcânianos</i>.</p> <p>- Primeira representação do <i>Numeniae</i> de Êupolis (comediógrafo ateniense).</p>
424 a.C.	<p>- Atenas captura Citera e <i>Nisaea</i>.</p> <p>- Conquista espartana de <i>Lepreum</i> (ambiguidade quanto à data)</p> <p>- Intervenção de Atenas na Beócia que culmina na batalha de Délio (derrota ateniense frente aos Beócios).</p> <p>- Data da última expedição ateniense (liderada por <i>Laches</i>) à Sicília.</p> <p>- Começo de uma série de campanhas atenienses e espartanas na Grécia</p>	<p>- Data da última expedição ateniense (liderada por <i>Laches</i>) à Sicília.</p>	<p>- Tucídides é eleito um dos dez estrategos atenienses.</p> <p>- Tucídides não consegue levantar o cerco espartano a Anfípolis.</p> <p>- Exílio de Tucídides (durante 20 anos).</p> <p>- Composição d' <i>Os Cavaleiros</i> de Aristófanes.</p> <p>- O <i>Sátiros</i> de Cratino é pela 1ª vez representado.</p>

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	setentrional.		
423 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Armistício de um ano entre Atenas e Esparta. - Os Atenienses capturam <i>Mende</i> (na Calcídica). - Começo do cerco de Cione. - Batalha de <i>Laodocium</i> (no Peloponeso) entre Mantinea e Tégea (cidades da Arcádia)⁸⁹⁸. 		<ul style="list-style-type: none"> - Aristófanes escreve <i>As Nuvens</i>. - A <i>Pytine</i> de Cratino é realizada pela 1ª vez. - Data provável da composição d'<i>As Suplicantes</i> e de <i>Hécuba</i> de Eurípides.
422 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cléon recaptura Torone (Eubeia). - Batalha de Anfípolis (morte de Cléon e Brásidas). - Os Beócios capturam <i>Panactum</i> (forte entre a Ática e a Beócia). 		<ul style="list-style-type: none"> - Aristófanes compõe <i>As Vespas</i>.
421 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Esparta invade a Parrásia (sul da Arcádia). - Conflito entre a ilha Fócida e a Lócride (norte da Beócia). - Fim do cerco de Cione. - Últimas campanhas espartanas e atenienses à Grécia setentrional. - Paz de Nícias e fim da Guerra Arquidâmia. - Aliança entre Esparta e as cidades da Beócia⁸⁹⁹. 	<ul style="list-style-type: none"> - Questorado de Roma é aberto aos plebeus⁹⁰⁰. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração d'<i>A Paz</i> de Aristófanes. - Composição do <i>Kolakes</i> de Êupolis. - Produção do <i>Maricas</i> de Êupolis.
420 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança entre Atenas, Argos, Mantinea e Élis. 		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Autolykos</i> de Êupolis é redigido.

⁸⁹⁸ Segundo alguns autores este confronto poderá ser datado no ano seguinte.

⁸⁹⁹ Que poderá ter sido concluída só no ano 420 a.C.

⁹⁰⁰ A abertura do Questorado é por vezes associada ao ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
			- É introduzido em Atenas o culto a Asclépio.
419 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início do ataque de Argos a Epidauro. - Nícias e Alcibíades tornam-se generais atenienses. 		
418 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª batalha de Mantinea (os Espartanos derrotam os Argolidenses). - Término do assalto de Argos a Epidauro. - Criação de um sistema oligárquico em Argos. - Aliança de 15 anos entre Esparta e Argos. 		
417 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Ostracismo de Hipérbolo (de Atenas). - Renovação da aliança entre Atenas e Argos. - Começo da campanha de saque espartano em Hísias. 		- <i>Electra</i> , tragédia de Eurípides é pela 1ª vez encenada.
416 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da expedição de saque espartano em Hísias. - Atenas pilha Melos (Cíclade). 		
415 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início da expedição ateniense contra Siracusa. - Atenienses saqueiam <i>Hyccara</i> (Sicília). - Alcibíades (general ateniense) foge para Esparta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Início da expedição ateniense contra Siracusa. - Atenienses saqueiam <i>Hyccara</i> (Sicília). 	<ul style="list-style-type: none"> - Eurípides escreve <i>As Troianas</i>. - Data provável para a publicação d'<i>As Histórias</i> de Heródoto.
414 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cerco de Siracusa (pelos atenienses). 	<ul style="list-style-type: none"> - Cerco de Siracusa (pelos atenienses). 	- Aristófanes compõe <i>As Aves</i> .
413 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Desastre ateniense na 	<ul style="list-style-type: none"> - Desastre ateniense na 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Sicília.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Término da expedição ateniense contra Siracusa. - Espartanos capturam e fortificam Deceleia (Ática). - Mercenários saqueiam Micalessos (Beócia). 	<p>Sicília.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Término da expedição ateniense contra Siracusa. 	
412 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Revoltas dos aliados atenienses. - Conversações entre Esparta e o Império Aqueménida⁹⁰¹. - Começo do cerco a Quios. - Espartanos pilham Iasso (Cária)⁹⁰². - 1ª batalha naval de Cnido entre Atenas e Esparta (inconclusiva)⁹⁰³. 		<ul style="list-style-type: none"> - Eurípides escreve a <i>Helena</i> e a <i>Andrómeda</i>.
411 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Término do assédio a Quios. - Revolução dos 400 em Atenas e o governo dos 5000 (instauração de um regime oligárquico na cidade em detrimento da democracia). - O exército e armada de Samos, fiéis à democracia, revoltam-se. - Batalhas navais de Cinossema e Abido. 		<ul style="list-style-type: none"> - Aristófanes elabora a <i>Lisístrata</i> e as <i>Mulheres que celebram as Tesmofórias</i>.
410 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha de Trasilo (general ateniense) na 		

⁹⁰¹ Que poderão data do ano seguinte.

⁹⁰² Algumas cronologias associam esta pilhagem ao ano 411 a.C.

⁹⁰³ Por vezes relacionada com o ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Iónia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vitória de Atenas em Cízico. - A democracia é restaurada em Atenas em toda a sua plenitude. - Os Atenienses recusam as propostas de paz espartanas. 		
409 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo do cerco de Bizâncio. - Fundação da cidade de Rodes. 	- Saque e destruição de Selino (Creta) e Hímera (Sicília) pelos Cartagineses.	- Sófocles escreve o <i>Filoctetes</i> .
408 a.C.	- Atenas recaptura Bizâncio.		- Eurípides compõe o <i>Orestes</i> .
407 a.C.	- Alcibíades regressa a Atenas, tornando-se general desta cidade-Estado.		
406 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Derrota ateniense em Éfeso (Iónia) frente à armada espartana. - Fuga de Alcibíades de Atenas. - Batalha naval de Arginusas (na costa ocidental da atual Turquia) entre Esparta e 8 comandantes atenienses, que culmina na vitória de Atenas. - Julgamento dos generais em Atenas, no rescaldo da batalha de Arginusas. - Atenas recusa as novas propostas de paz espartanas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução do pagamento militar em Roma. - Começo da 2ª expedição militar Cartaginesa à Sicília. - Queda de Ácragas (atual Agrigento). 	- Morte de Eurípides e de Sófocles.
405 a.C.	Lisandro é eleito navarco.	- Término da 2ª campanha cartaginesa	- Aristófanes compõe as <i>Rãs</i> .

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha naval de Egospótamo (entre Esparta e Atenas) e consequente destruição da armada ateniense. - Começo do cerco espartano a Atenas. - Começo da pilhagem espartana em <i>Cedrae</i> e Lâmpsaco. 	<ul style="list-style-type: none"> na Sicília. - Paz entre Siracusa e Cartago. - Dionísio I torna-se tirano de Siracusa. 	
404 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação da pilhagem espartana em <i>Cedrae</i> e Lâmpsaco. - Término do assédio a Atenas e rendição da cidade. - Fim da 2ª Guerra do Peloponeso. - Derrube das longas muralhas de Atenas. - Início do Governo dos Trinta Tiranos em Atenas que despoletou uma Guerra Civil. - Morte de Alcibíades. - Exilados democráticos (atenienses) reconquistam os subúrbios de Atenas e o Pireu. 		<ul style="list-style-type: none"> - Fim do exílio de Tucídides. - <i>Terminus post quem</i> para a escrita do “2º prólogo” da <i>Guerra do Peloponeso</i>. - Participação de Xenofonte na Guerra Civil de Atenas.
403 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Queda do regime dos Trinta Tiranos em Atenas e o fim da Guerra Civil. - Restauração da democracia em Atenas. - Afastamento de Lisandro. 		<ul style="list-style-type: none"> - Participação de Xenofonte na Guerra Civil de Atenas.
402 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da invasão espartana a Elis (ocidente 		

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	do Peloponeso).		
401 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início da Expedição de Ciro ‘o Jovem’ contra Artaxerxes II. - Batalha de Cunaxa, vitória de Artaxerxes II e morte de Ciro ‘o Jovem’. 		<ul style="list-style-type: none"> - Xenofonte serve como mercenário na expedição de Ciro ‘o Jovem’ contra Artaxerxes II - Retirada dos 10 000 mercenários gregos, nos quais se encontrava Xenofonte. - Produção póstuma do <i>Édipo em Colono</i> de Sófocles.
400 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão do ataque espartano a Elis. - Esparta declara guerra a Tissafernes (sátrapa de Artaxerxes II). - Campanha de Timbro (general Lacedemónio) na Ásia Menor. 		
399 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Término da campanha iniciada por Ciro ‘o Jovem’ contra Artaxerxes II. - Regresso dos 10 000 mercenários gregos à Grécia. - Morte de Ágis II (rei de Esparta) e ascensão de Agesilau II. - Óbito de Arquelau I, monarca da Macedónia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo do cerco siracusano (liderado por Dionísio I) a <i>Motia</i> (colónia fenícia na costa oeste da Sicília). 	<ul style="list-style-type: none"> - Regresso dos 10 000 mercenários gregos à Hélade. - Morte de Sócrates. - Andócides (orador ateniense) escreve o <i>Sobre os Mistérios</i>. - Lísias (retórico siracusano) redige o <i>Contra Nicómaco</i>. - Introdução da artilharia de não-torsão e das Quinquerremes.
398 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conspiração de <i>Cinadon</i> (oficial espartano) contra Agesilau II. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dionísio I conquista <i>Motia</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ano provável da morte de Tucídides⁹⁰⁴.

⁹⁰⁴ Trata-se da proposta mais viável, apesar de alguns autores concederem datas mais antigas (400 ou 399 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Invasão espartana (liderada por Dercílida) à Ásia Menor. - Cerco espartano em <i>Atarneu</i> (antiga colónia grega na atual Turquia, fundada durante a Guerra do Peloponeso). 		
397 a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Início da guerra entre Cartago e Siracusa. - Fundação de Lilibeu (Sicília ocidental). 	
396 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início de uma nova investida espartana na Ásia Menor (comandada por Agesilau II). 	<ul style="list-style-type: none"> - Cerco cartaginês a Siracusa. - Roma captura Veio. 	
395 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da Guerra Coríntia. - Batalha de Haliarto: Tebas trava o avanço da expedição espartana (liderada por Lisandro, que morreria em combate). - Agesilau II ataca Sardes e Frígia (oeste central da atual Turquia). 		
394 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Agesilau II regressa à Grécia. - Batalha de Némea/Coroneia, entre os espartanos do rei Agesilau II e uma coligação de Tebanos e Argivos (vitória dos peloponésios). - 2ª batalha de Cnidos (Mar Egeu), na qual a armada espartana é derrotada pelos 		<ul style="list-style-type: none"> - Participação de Xenofonte na batalha de Némea/Coroneia do lado dos espartanos. - Ostracização de Xenofonte em Atenas, ficando este exilado em Escilunte. - Ano mais plausível para o início da escrita do <i>Anabasis (Expedição)</i> de

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Persas e Atenenses (liderados por Cónon), terminando assim a breve hegemonia marítima dos Lacedemónios.</p> <p>- Início da reconstrução das longas muralhas de Atenas.</p>		<p>Ciro, obra elaborada por Xenofonte⁹⁰⁵.</p>
393 a.C.	<p>- Embaixada espartana (de Antálcidas) a Tiribazo (sátrapa do Império Aqueménida).</p>	<p>- Fundação da colónia latina de Circeu (Lácio).</p>	<p>- <i>Terminus post quem</i> para a composição da Parte I da <i>Hellenica</i> de Xenofonte, que completa a narrativa da Guerra do Peloponeso iniciada por Tucídides.</p>
392 a.C.	<p>- 1ª de várias invasões espartanas sucessivas a Argos.</p> <p>- Morte de Cónon.</p> <p>- Congresso de paz em Esparta (rejeitada por Atenas).</p>	<p>- Paz entre Cartago e Siracusa.</p>	<p>- Aristófanes escreve <i>As Mulheres na Assembleia</i>.</p>
391 a.C.	<p>- Conclusão da reedificação das longas muralhas de Atenas.</p>		<p>- Data provável para o início da composição de um <i>Cynegeticus</i>, atribuído por autores posteriores a Xenofonte.</p> <p>- Início da redação da <i>Sobre a Paz Com Esparta</i> de Andócides.</p>
390 a.C.	<p>- Derrota espartana frente aos atenienses (liderados por Ifícrates) em Lequeu.</p> <p>- A armada espartana captura Samos.</p>	<p>- Dionísio I cerca Régio.</p> <p>- Invasão Gálica da Itália.</p> <p>- Batalha de Ália, na qual os romanos não conseguem impedir o avanço dos Gauleses.</p> <p>- Saque de Roma pelos</p>	<p>- <i>Terminus ante quem</i> para a redação do <i>Cynegeticus</i> associado comumente a Xenofonte.</p> <p>- <i>Terminus ante quem</i> para a elaboração da Parte I da <i>Hellenica</i> de Xenofonte.</p> <p>- Conclusão da elaboração da <i>Sobre a Paz com Esparta</i> de Andócides.</p>

⁹⁰⁵ Contudo, é provável que Xenofonte tenha escrito partes deste livro durante a campanha deste rei Persa (de 401-399 a.C.), que se transformou num dos temas centrais do opúsculo.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		gauleses ⁹⁰⁶ .	- Nascimento de Esquines.
389 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Invasão da Acarnânia por Esparta. - Cerco ateniense a Metimna. - Revolta cipriota (apoiada por Atenas) contra o Império Persa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dionísio I cerca <i>Caulonia</i>, vence a batalha de <i>Elleporus</i> (Calábria) contra a liga italiota, capturando a cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Platão começa a sua viagem pela Grécia Ocidental.
388 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Última campanha ofensiva de Esparta contra Argos. 		<ul style="list-style-type: none"> - Fim da viagem de Platão na Grécia Ocidental, regressando a Atenas (da Sicília). - Aristófanes escreve o <i>Pluto</i>. - Górgias (de <i>Leontini</i>) redige a <i>Oração Olímpica</i>.
387 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antálcidas (navarco e diplomata espartano) reduz a frota ateniense nos Dardanelos. - Saque liderado por <i>Teutias</i> (irmão de Agesilau II) na Egina e no Pireu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de quatro tribos rústicas no <i>ager Veiens</i> (tipo de terreno romano). 	
386 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Paz de Antálcidas e término da Guerra Coríntia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo das campanhas romanas que derrotariam os Latinos, os Volscos e os Hérmicos (sudeste do Lácio). 	
385 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cerco espartano em Mantinea. - Início da guerra de Artaxerxes II no Egipto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Término das conquistas romanas no Lácio (contra os Latinos, Volscos e Hérmicos). - Fundação da colónia latina de Sátrico 	<ul style="list-style-type: none"> <i>Terminus post quem</i> para a escrita da parte II da <i>Hellenica</i> de Xenofonte.

⁹⁰⁶ A associação destes eventos ao ano 390 a.C. segue o modelo apresentado por Políbio nas suas *Histórias*. No entanto, vários classicistas apontam uma data mais tardia para estes acontecimentos (387/386 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		(Lácio).	
384 a.C.			- Nascimento de Aristóteles e Demóstenes.
383 a.C.	- Fim da guerra de Artaxerxes II no Egipto.	- Começo da 2ª guerra entre Siracusa (de Dionísio I) e Cartago ⁹⁰⁷ . - Data verossímil para a fundação da colónia latina de Népe/Népete (Lácio).	
382 a.C.	- Início da invasão espartana da Calcídica. - Começo do cerco espartano de Olinto (Calcídica). - Fébidas (general lacedemónio) conquista Cadmeia (cidadela da cidade de Tebas).	- Criação de uma colónia latina em <i>Setia</i> (no antigo território dos Volscos).	
381 a.C.	- Início do assédio espartano a Fliunte (noroeste da Argólide). - Evágoras (rei cipriota) faz a paz com o Império Aqueménida.		
380 a.C.			- <i>Terminus ante quem</i> para a redação da Parte II da <i>Hellenica</i> de Xenofonte. - Isócrates elabora <i>O Panegírico</i> . - Data mais viável para a morte de Aristófanes.
379 a.C.	- Rendição de Olinto e Fliunte a Esparta. - Libertação de Tebas por Pelópidas (comandante tebano).	- Dionísio I captura Crotona (Calábria).	- Morte de Lísias.

⁹⁰⁷ O término desta guerra não é explicitado nas cronologias por nós consultadas.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
378 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Raide de Esfódrias (general espartano) na Ática. - Aliança entre Atenas e Tebas. - Criação da 2ª Liga Ateniense⁹⁰⁸. - Início das campanhas espartanas (lideradas por Agesilau) na Beócia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da Muralha “Serviana” em Roma. 	
376 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Confronto naval em Naxos, entre Atenas e Esparta, que culmina na vitória da cidade da Ática. 		
375 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Tégrimas entre espartanos e tebanos (comandados por Pelópidas), que ganharam o conflito. - Término das campanhas espartanas (lideradas por Agesilau) na Beócia. - Força espartana invade a Fócida. - Timóteo de Mileto (general ateniense) derrota a frota peloponésia na Arcanânia. - <i>Chabrias</i> (comandante ateniense) opera no norte do Egeu. - Início de uma série de campanhas espartanas e atenienses na Corcira. 		
374 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Paz entre Atenas e Esparta. 		

⁹⁰⁸ Contudo a data da fundação desta liga é algo incerta, podendo muito bem ter sido criada no ano seguinte (377 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança entre Atenas e Feras (sudeste da Tessália) governada por Jasão. - Morte de Evágoras. - Expedição liderada por Ifícrates ao Egípto⁹⁰⁹. 		
373 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Os espartanos bloqueiam a Corcira. - Tebas saqueia Plateias e Téspias (Béocia)⁹¹⁰. - Aliança entre Jasão de Feras e Amintas da Macedónia. 		
372 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Últimas expedições espartanas e atenienses na Corcira. 		
371 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Renovação da Paz de Antálcidas. - Vitória decisiva dos Tebanos em Leuctras; liderados pelo general Epaminondas, derrotam o exército espartano invasor. - Os Tebanos, Calcídicos e os autóctones da Eubeia, abandonam a liga naval de Atenas. 		<ul style="list-style-type: none"> - Terá sido após a batalha de Leuctras que Xenofonte escreveu a <i>Memorabilia</i>⁹¹¹.
370 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Assassinato de Jasão. - Criação da Liga Arcádia e aliança com Tebas. 		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus ante quem</i> para a composição do <i>Anabasis</i> de Xenofonte⁹¹². - Data provável da morte

⁹⁰⁹ Algumas cronologias propõem que esta campanha foi realizada um ano depois (em 373 a.C.).

⁹¹⁰ À semelhança da expedição de Ifícrates ao Egípto, este saque poder-se-á ter realizado um ano depois (372 a.C.).

⁹¹¹ Informação baseada numa passagem da obra (*X. Mem.*, III. 5.), que nos descreve a ameaça Tebana para Atenas no suposto rescaldo da batalha.

⁹¹² A citação que o autor faz na parte II da *Hellenica* (produzida antes de 380 a.C.) a uma *Anabasis* de Ciro escrita por um Temistógenes de Siracusa, possível pseudónimo de Xenofonte, levou alguns classicistas a considerarem datações muito mais tardias para a conclusão da redação do *Anabasis*: *X. HG.* III. I. 2.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha espartana na Mantineia (Arcádia). - 1ª Expedição de Epaminondas no Peloponeso. - Fundação de Messene (Messina, sul da Grécia) por Epaminondas. - Construção em Messene das primeiras muralhas edificadas na sua integralidade em pedra. 		<ul style="list-style-type: none"> de Demócrito de Mileto. - Ano convencional de Hipócrates.
369 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 2ª expedição de Epaminondas no Peloponeso. - Ifícrates falha a captura de Anfípolis. - Tessália apela ao auxílio tebano. - Dionísio ajuda Corinto contra Tebas. - Data provável da fundação de Megalópolis (Arcádia). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dionísio I ajuda Corinto contra Tebas. 	
368 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Esparta saqueia <i>Caryae</i>, invade a Parrásia e vence em batalha os Arcádios e os Argivos. - Os <i>Aleuadae</i> (família ancestral) de Larissa (Tessália) pedem auxílio a Alexandre II da Macedónia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ano mais provável do início da 3ª guerra entre Dionísio I e Cartago. 	
367 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Deposição de Eufron, tirano de Sícion, por Eneias de Estinfalo (muitas das 	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança de Atenas com Dionísio I. 	<ul style="list-style-type: none"> - Deposição de Eufron, tirano de Sícion, por Eneias de Estinfalo (muitas

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>vezes associado a Eneias ‘o Tático’).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expedição espartana de saque à Arcádia incólume (designada de a batalha ‘sem lágrimas’). - Aliança de Atenas com Dionísio I de Siracusa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Dionísio I, sucedido por Dionísio II. - Tratado de Paz entre Cartago e Siracusa. - Restauração do consulado romano (de agora em diante um dos cônsules tinha de ser plebeu). - Criação do cargo de <i>Curule aediles</i> em Roma. 	<p>das vezes associado a Eneias ‘o Tático’)⁹¹³.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Platão visita Siracusa. - Aristóteles junta-se à Academia de Platão. - Rogações Licínia-Sêxtias em Roma (introduziram limitações à propriedade privada).
366 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 3ª expedição de Epaminondas no Peloponeso. - O congresso de paz em Tebas fracassa. - Os tebanos recuperam Oropo (na Eubeia). - Aliança entre Atenas e a Arcádia. - Corintos fazem a paz com Tebas. - Início da expedição ateniense (liderada por Timóteo de Mileto) a Sícion que culmina num cerco à cidade de Samos. - Data provável da revolta das satrapias na Pérsia⁹¹⁴. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exílio de Díon (irmão de Dionísio I) de Siracusa. - 1º cônsul plebeu em Roma. - Criação do Prefeito do Pretório (Pretor) em Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Isócrates elabora <i>O Arquidamo</i>.
365 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Término do cerco de Samos pelos atenienses, que estabelecem novas colónias (cleruquias) na 	<ul style="list-style-type: none"> - Dionísio II ajuda Esparta na sua guerra contra Tebas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escrita do tratado militar <i>Περὶ Ἰππικῆς (Sobre a Arte de Cavalaria)</i> de Xenofonte.

⁹¹³ Cf. X. *HG.*, VII. 3. 1.

⁹¹⁴ Esta revolta pode muito bem ter-se iniciado um ano mais tarde (365 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>região.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Começo da guerra entre a Arcádia e Elis. - Dionísio II ajuda Esparta na sua guerra contra Tebas. 		<ul style="list-style-type: none"> - Data provável da morte de Antístenes.
364 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Expedições tebanas no Egeu e na Tessália. - Os tebanos destroem Orcómeno (Beócia). - 1ª batalha de Cinocéfalos entre os tebanos (liderados por Pelópidas que morreria no combate) e os tessálios (comandados por Alexandre de Feras). - Timóteo opera nas Calcídicas. - A armada de Epaminondas conquista Bizâncio a Atenas. 		
363 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da guerra entre a Arcádia e Elis. 		
362 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha de Tebas no Peloponeso. - 2ª batalha de Mantinea na qual ingressaram: uma coligação composta por Tebas, a Liga Arcádia e a Liga Beócia (liderados por Epaminondas, que morreria na batalha) contra uma aliança vitoriosa de Atenas, Esparta, Elis e a Liga Mantinea (comandados por Agesilau II). 		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus post quem</i> para a elaboração da Parte III da <i>Hellenica</i> de Xenofonte, que relata a queda de Esparta como potência regional na batalha de Leuctras (371 a.C.) e o fim da consequente supremacia Tebana na batalha de Mantinea (362 a.C.)⁹¹⁵. - Início provável da composição do opúsculo de Xenofonte <i>Ἰππαρχικός</i>

⁹¹⁵ Este modelo tripartido das datas de composição da *Hellenica* tem sido criticado pela historiografia mais recente visto não existir informação que comprove esta divisão. Assim, atualmente é aceite uma possível junção das duas datas de produção das últimas duas partes da obra que terão sido produzidas após 381 a.C. (visto mencionar-se, no capítulo III, a morte de Pausânias, que ocorreu precisamente neste ano).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	- Início da Paz geral (<i>Koinḗ Eirḗnē</i>) na Grécia (à exceção de Esparta).		(<i>O Comandante de Cavalaria</i>) ⁹¹⁶ .
361 a.C.	- Aliança entre a Confederação Tessálica e Atenas contra Alexandre de Feras. - Agesilau II no Egipto.		- Conclusão plausível para a escrita do <i>Ἰππαρχικός</i> (<i>O Comandante de Cavalaria</i>) de Xenofonte. Platão revisita Siracusa com Espeusipo (seu sobrinho que o sucederia na Academia)
360 a.C.	- Expedição de <i>Chares</i> (general ateniense) à Corcira. - Restabelecimento do domínio Persa na Ásia Menor. - Morte de Agesilau II.		- <i>Terminus post quem</i> da composição do tratado <i>Commentarius Poliorceticus</i> (<i>Como Sobreviver a um Cerco</i>) de Eneias 'o Tático'.
359 a.C.	- Morte de Perdicas e ascensão de Amintas como rei da Macedónia (sob regência de Filipe). - Assassinato de Alexandre de Feras. - Início das reformas militares de Filipe II (como regente) que culminariam na criação da falange macedónica. - <i>Terminus post quem</i> para a invenção da artilharia de torsão no mundo clássico.	- Tarquínia (Lácio) revolta-se contra o jugo romano.	
358 a.C.	- Filipe da Macedónia comanda uma campanha bem-sucedida contra os Peónios e os Ilírios.	- Os Hércnicos são readmitidos na aliança romana. - Renovação do tratado	- Últimas reformas militares de Filipe II (como regente) que poderão ter levado à criação da falange macedónica.

⁹¹⁶ Porém, alguns autores propõem uma data posterior à batalha de Mantinea (362 a.C.), em 357 a.C., enquanto outros propõem um momento mais tardio (365 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	- O mesmo regente faz uma paz formal com Atenas.	entre Romanos e Latinos.	
357 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenas recupera a Eubeia e o Quersoneso. - Início das campanhas de Filipe II no norte da Grécia. - Filipe II captura Anfípolis. - Começo da guerra social entre Atenas e uma coligação composta pelas cidades-estado de Quios, Rodes, Cos e Bizâncio. - Eubulo passa a governar Atenas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Díon regressa a Siracusa. - São criadas as tribos romanas rurais de Pontina e Popília. 	
356 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Novas vitórias de Filipe II contra os Ilírios e os Peónios. - Filipe II captura Potideia, Pidna e toda a região da <i>Edonida</i> (na Trácia). - Fundação de Filipópolis. - Nascimento de Alexandre 'o Magno'. - Batalha naval de Êmbato (perto da Eritreia, na costa da Ásia Menor) entre Atenas (que vê a sua frota a ser destruída) e a coligação de cidades-Estado. - Julgamento de Timóteo e Ifícrates em Atenas, no rescaldo da batalha. Cares (de Atenas) ajuda Artabazo na sua revolta contra o Império Persa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Díon cerca Ortígia (ilha de Siracusa). - 1ª ditador plebeu em Roma. 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
355 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus post quem</i> para a conquista macedónica de Metone (na atual Macedónia central). - Os Fócios capturam Delfos. - A Liga Anfictiónica declara guerra sagrada contra Filomelo da Fócia. - Término da guerra social entre Atenas e uma coligação de Quios, Rodes, Cos e Bizâncio, com a intervenção do império Persa (que obrigaria Atenas a reconhecer a independência a estas cidades-Estado). 		<ul style="list-style-type: none"> - Isócrates escreve o <i>Sobre a Paz</i>. - Demóstenes redige o <i>Contra Leptines</i>.
354 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Néon (na atual Ftiótida) entre os Fócios (comandados por Filomelo que morreria na batalha) e os Beócios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Assassinato de Díon. - Aliança entre Roma e os Samnitas. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus ante quem</i> da composição da Parte III da <i>Hellenica</i> de Xenofonte. - Ano provável da morte de Xenofonte. - Demóstenes produz a obra <i>Sobre os Συμμορία</i> (grupo de cidadãos ricos em Atenas).
353 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus ante quem</i> para a conquista de Metone por Filipe II. - Onomarco da Fócia conquista Orcómeno. - Aliança entre Atenas e <i>Chersobleptes</i> da Trácia. - Vitórias de Onomarco contra Filipe II na Tessália. - Conclusão da campanha de Filipe II no norte da 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Caere</i> (cidade do sul da Etrúria) é derrotada pelos Romanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demóstenes elabora o discurso <i>Para a Liberdade dos Habitantes de Rodes</i>. - <i>Terminus post quem</i> para a oração <i>Para os Megapolitanos</i>, de Demóstenes. - Início da produção do <i>Antídose</i> de Isócrates.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Grécia ⁹¹⁷ . - Morte de Mausolo (sátrapa da Cária) e começo da construção do Mausóleo.		
352 a.C.	- O general ateniense Cares recaptura Sesto. - Onomarco é morto em combate. - Filipe II conquista Feras e Págasas (Magnésia), avançando de seguida para as Termópilas.		- <i>Terminus ante quem</i> para o discurso de Demóstenes, <i>Para os Megapolitanos</i> . - Conclusão da escrita da oração <i>Antídose</i> de Isócrates.
351 a.C. ⁹¹⁸	- Morte de Faílo (3º líder dos Fócios durante a guerra sagrada). - Caridemo (mercenário ao serviço dos atenienses) é enviado para o Helesponto.	- 1º censor plebeu em Roma. - Tarquínia e Faléria (cidade na Etrúria) renovam as tréguas de 40 anos com Roma.	- <i>Terminus post quem</i> para a composição da <i>Primeira Filípica</i> de Demóstenes.
350 a.C.	- Os Tebanos recebem o auxílio de Artaxerxes. - <i>Terminus ante quem</i> para a possível invenção da artilharia de não torção.		- Escrita do <i>Contra Fórmio</i> de Demóstenes.
349 a.C.	- Aliança entre Atenas e Olinto.		- <i>Terminus ante quem</i> para a elaboração da <i>Primeira Filípica</i> de Demóstenes. - Demóstenes produz as <i>Olintíacas</i> .
348 a.C.	- Fócion (general ateniense) intervém na Eubeia, cuja independência é reconhecida por Atenas. - Filipe II ocupa diversas cidades na Calcídica (incluindo Olinto).	- Renovação das relações diplomáticas entre Roma e Cartago.	
347 a.C.		- Dionísio II recupera	- Morte de Platão.

⁹¹⁷ Algumas das cronologias propõem uma data mais antiga para a conclusão desta expedição (354 a.C.).

⁹¹⁸ Atente-se que os eventos inseridos neste ano poderão ser, da mesma forma, associados ao ano anterior.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Siracusa.	
346 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Embaixada ateniense a Filipe II, que despoleta a paz de Filócrates. - Filipe II conquista a Fócida e torna-se membro da Liga Anfictiónica (presidindo os jogos Píticos). - Conclusão da Guerra Sagrada. 		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus ante quem</i> da escrita do tratado <i>Commentarius Poliorceticus</i> de Eneias ‘o tático’. - Demóstenes escreve o <i>Sobre a Paz</i>. - Isócrates elabora o <i>Filípicos</i>.
345 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Siracusa apela a Corinto. - Revolta da cidade fenícia de Sídon da Pérsia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Siracusa apela a Corinto. - Hícetas (filósofo siracusano) entra em conversações com os Cartagineses. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esquines escreve o <i>Contra Timarco</i>
344 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Aquando da sua estadia na Ilíria, Filipe II reorganiza o território da Tessália. 	<ul style="list-style-type: none"> - Timoleonte (militar siciliota) navega para a Sicília e liberta Siracusa das mãos de Dionísio II. - Início de uma nova guerra entre Siracusa e Cartago 	<ul style="list-style-type: none"> - Missão de Demóstenes no Peloponeso. - Demóstenes compõe a <i>Segunda Filípica</i>. - Isócrates escreve a <i>Carta a Filipe</i>.
343 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança de Mégara com Atenas. - Começo das campanhas atenienses no norte da Grécia. - Aristóteles torna-se tutor de Alexandre ‘o Magno’. - Começo da reconquista persa do Egipto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Timoleonte reorganiza Siracusa. - Início da 1ª Guerra Samnita. 	<ul style="list-style-type: none"> - Julgamento e absolvição de Esquines. - Demóstenes e Esquines escrevem dois opúsculos homónimos, intitulados <i>Sobre a Embaixada</i>. - Aristóteles torna-se tutor de Alexandre ‘o Magno’. - <i>Terminus post quem</i> para a escrita da carta de Espeusipo a Filipe II.
342 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Filipe II viaja até a Trácia. - Término da reconquista 	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha malograda de Timoleonte contra Hícetas. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus ante quem</i> para a composição da carta de Espeusipo a Filipe II.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	persa do Egipto.	- Guerra entre Tarento (ajudada por Arquidamo) e os Lucanos (povo samnita que habitava parte da Messápica).	- Nascimento de Menandro e Epicuro ⁹¹⁹ . - Promulgação da <i>Leges Genuciae</i> em Roma (com implicações económicas, políticas e sociais).
341 a.C.	- Formação da Liga da Eubeia.	- Vitória siracusana (de Timoleonte) na batalha de <i>Cremissus</i> contra os Cartagineses. - Conclusão da 1ª Guerra Samnita. - Início da Guerra Latina.	- Missão de Demóstenes em Bizâncio. - Demóstenes escreve o <i>Sobre o Quersoneso</i> e a <i>Terceira Filípica</i> .
340 a.C.	- Filipe II captura Perinto e ataca a Selímbría e Bizâncio. - Atenas declara guerra a Filipe II. - Fim das campanhas atenienses no norte da Grécia	- <i>Devotio</i> (juramente no qual um general romano sacrificaria a sua vida numa batalha) de Décio Mus no campo de batalha (perto de Cápua) ⁹²⁰ .	- Demóstenes elabora a <i>Quarta Filípica</i> .
339 a.C.	- O cerco a Bizâncio é levantado. - Expedição de Filipe II na Trácia. - Início da Guerra Anfisseia (guerra sagrada). - Filipe II ocupa Elateia (Fócida).	- Paz entre Timoleonte e Cartago.	- Isócrates escreve o <i>Panathenaicus</i> . - Xenócrates sucede Espeusipo na Academia de Platão. - Promulgação da <i>Leges Publiliae</i> em Roma (aumento do poder da plebe).
338 a.C.	- Filipe II destrói Anfissa (Fócida). - 1ª batalha de Queroneia (Beócia) entre o exército de Filipe II (no qual se	- Fim da Guerra Latina e consequente dissolução da Liga Latina. - As cidades de	- Morte de Isócrates.

⁹¹⁹ O nascimento deste dramaturgo e filósofo grego é, por vezes, associado ao ano seguinte (341 a.C.).

⁹²⁰ Não se faça confusão com outro político romano homónimo que se sacrificou na batalha de Ásculo (279 a.C.) frente a Pirro.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>encontrava Alexandre) e uma coligação de cidades do centro e sul da Grécia (comandadas por comandantes atenienses e tebanos), que perderia o combate.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação da Liga de Corinto por Filipe I. - As finanças de Atenas passam a ser controladas por Licurgo. - Morte de Arquidamo III (rei de Esparta) em Itália. 	<p>Lanúvio, Arícia, Nomento e Túsculo (todas no Lácio) recebem a cidadania romana completa.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As cidades de <i>Fundi</i>, <i>Fórmias</i>, <i>Cumas</i> e <i>Cápua</i> adquirem o <i>civitas sine suffragio</i> (todos os direitos de cidadania à exceção do voto). - Colónia romana em <i>Antium</i> (Lácio). 	
337 a.C.	- A Liga Coríntia (liderada por Filipe II) declara guerra ao Império Aqueménida.	- 1º pretor plebeu em Roma.	
336 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Assassinato de Filipe II e ascensão de Alexandre ‘o Magno’. - Alexandre ‘o Magno’ é eleito general dos gregos. - Começo da revolta grega contra o jugo macedónico. 		
335 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Viagem de Alexandre à Trácia e à Ilíria. - Saque e destruição de Tebas. - Término da revolta grega contra o domínio macedónico. 		- Aristóteles fixa-se em Atenas.
334 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início da conquista do Império Persa por Alexandre Magno. - Batalha do rio Granico (região de Tróade, península de Biga, Anatólia), na qual Alexandre Magno 	<ul style="list-style-type: none"> - Início da intervenção de Alexandre do Epiro no sul de Itália. - Criação da colónia latina de Cales (Campânia). 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>(liderando o exército macedónico e da Liga de Corinto) derrota as hostes dos sátrapas persas da Ásia Menor.</p> <ul style="list-style-type: none"> - São estabelecidos regimes democráticos na região da Iónia (Jónia). - Captura macedónica de Sardis (ocidente da Anatólia). - Alexandre Magno cerca Mileto, Míndo e Halicarnasso (sudoeste da Anatólia). - Conquista macedónica da Lícia, Panfília e do ocidente da Pisídia (sul da Anatólia). - O exército de Alexandre passa o inverno em Górdio. 		
333 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conquista da Cilícia pelos macedónios. - Batalha de Isso, entre o exército vitorioso de Alexandre ‘o Magno’ e a hoste de Dário III, que debanda no rescaldo do enfrentamento. 	- Ditadura em Roma.	- Nascimento de Zenão, filósofo estoico de origem cretense, que ensinaria filosofia em Atenas.
332 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cerco e conquista de Tiro por Alexandre ‘o Magno’. - Captura dos tesouros de Damasco. - Anexação do Egipto. - Agis III de Esparta ataca o Império Macedónico. 	- São criadas duas novas tribos romanas: Mália/Málea e Scaptia (Lácio).	
331 a.C.	- Fundação da cidade de Alexandria no Egipto.	- Conclusão da intervenção de	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Submissão da região de Cirene (Norte de África). - Reorganização da província da Síria. - Batalha de Gaugamela (em Arbela), reencontro dos exércitos de Alexandre 'o Magno' e de Dário III. Este confronto termina com uma vitória macedónica, que debilitaria, decisivamente, a máquina militar do Império Aqueménida. - Alexandre captura a Babilónia, Susa e Persépolis (os três principais centros de poder do Império Persa). - Tentativa malograda de Agis III assegurar uma aliança com Atenas. - Batalha de Megalópolis entre o exército de Agis III (morto em combate) e uma hoste macedónica (liderada pelo regente Antípatro) que venceria o confronto. - Reorganização da infantaria Macedónica nas Quiliarquias. 	<p>Alexandre do Epiro no sul de Itália.</p>	
330 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Alexandre atinge Ecbátana (atual Irão). - Morte de Dário III. - Execução de Filotas e de Parménion (generais macedónicos). 		<ul style="list-style-type: none"> - Licurgo escreve o <i>Contra Leócrates</i>. - Esquines redige o <i>Contra Ctesifão</i>. - Demóstenes produz o <i>Sobre a Coroa</i>.
329 a.C.	- Na perseguição a Besso,	- Roma conquista	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Alexandre atinge a Bácia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Batalha do rio Jaxartes (atual rio Syr Darya) entre o exército macedónico (de Alexandre ‘o Magno’) e uma hoste de Citas, que perderia o combate. 	<p>Priverno (Lácio), que adquire o <i>civitas sine suffragio</i> romano.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fundação da colónia romana em Tarracina (Lácio). 	
328 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Alexandre conquista a Bácia e a Sogdiana. - Captura de Ciropólis (fronteira norte do Império Aqueménida, no atual Tadjiquistão). - Fim da conquista do Império Persa por Alexandro Magno. - Alexandre assassina Clito (general macedónico). - Possível conspiração contra a vida de Alexandre (‘Conspiração das Páginas’) e execução de Calístenes (historiador pessoal do líder macedónico). 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de uma colónia latina em Fregelas (no antigo território sidicino). 	
327 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Travessia da cordilheira Hindu Kushu e invasão macedónica da Índia. - Cerco da Rocha de Aorno/Héracles. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 2ª Guerra Samnita. 	
326 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Hidaspes (nas margens do rio <i>Jhelum</i>, Paquistão), na qual o exército de Alexandre ‘o Magno’ derrota o corpo armado do rei Poro. - Cerco e destruição de <i>Sagala</i> (na província meridional do Punjab). 	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª utilização do <i>prorogatio imperii</i> (conservação do poder de um cônsul ou pretor por mais de um ano de mandato) em Roma. - Aliança de Roma com os Nucérinos (povo da região do Salerno), os Apúlios (sul de Itália) e 	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª vitória do poeta ateniense Filémon.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Motim no rio <i>Beás</i> (norte da atual Índia). - Viagem de Nearco (navarco no exército de Alexandre) pelo rio <i>Jhelum</i> até à sua foz. - Início da campanha de conquista dos <i>Malli</i> (povo situado no atual Punjab). 	os Neapolitanos (região de Nápoles).	
325 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da conquista dos <i>Malli</i>. - Marcha de Alexandre pelo deserto Gedrósia. - Nearco regressa ao Golfo Pérsico. 		
324 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - O exército de Alexandre e de Nearco reencontram-se e atingem Susa. - Restauração dos exilados Gregos. - Motim dos macedónios em <i>Opis</i> (cidade perto do território da atual Bagdade). - Morte de Heféstio (aristocrata macedónico). - Hárpalos (nobre macedónico), após roubar uma parte considerável dos tesouros de Alexandre, foge para Atenas, onde seria assassinado. - Inclusão de tropas "Bárbaras" no exército macedónico. 	- Ditadura em Roma.	<ul style="list-style-type: none"> - Julgamento e exílio de Demóstenes. - Discursos de Hipérides (orador e política ateniense) e Dinarco (logógrafo ateniense) contra Demóstenes.
323 a.C.	Fim da Idade Clássica na Grécia Antiga e formação do Mundo Helenístico		
323 a.C.	- Alexandre permanece na		- Regresso de Demóstenes

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Babilónia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Morte de Alexandre. - Regência de Perdicas no 'Império' (com o poder na Ásia) - Início da revolta grega contra Antípatro (Guerra Lâmia). - Aliança entre Atenas e a Liga Etólia. - Antípatro é cercado na cidade de Lâmia (Ftiótida). - Começo da revolta grega na Bácia, comandada por Pítón (antigo oficial de Alexandre 'o Magno'). - Morte de Leóstenes (comandante ateniense). 		<p>a Atenas.</p>
322 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 1ª guerra entre os Estados sucessores (<i>diadochi</i>) do Império de Alexandre 'o Magno'. - Perdicas conquista a Capadócia e coloca Êumenes (diádoco de Alexandre) como sátrapa desta região. - Perdicas invade a Pisídia. - Ofela (general de Ptolomeu) conquista a Cirenaica⁹²¹. - Batalha naval de Amorgos (Cíclades) entre a marinha ateniense e a 		<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Aristóteles, Demóstenes e Hipérides.

⁹²¹ Algumas cronologias associam esta conquista ao ano seguinte (321 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>armada macedónica (comandada por Clito ‘o Branco’), que venceria o combate.</p> <p>- Batalha de Cránon entre o exército de Antípatro e Crátero (diádoco) e o corpo armado ateniense, que perderia o enfrentamento.</p> <p>- Término da revolta grega contra Antípatro.</p> <p>- Alterações na constituição ateniense.</p> <p>- Conclusão da revolta grega na Bácia.</p>		
321 a.C.	<p>- Formação da coligação helénica contra Perdicas e Êumenes.</p> <p>- Ataque malogrado de Crátero contra Êumenes no Helesponto.</p> <p>- Perdicas ataca Ptolomeu no Egipto, campanha durante a qual seria assassinado pelos seus soldados.</p> <p>- Antípatro torna-se no novo regente do ‘Império’.</p> <p>- Antígono é nomeado comandante nas campanhas contra Êumenes.</p> <p>- Êumenes e Alcetas (irmão de Perdicas) são derrotados na Ásia Menor.</p>	<p>- Derrota dos Romanos frente aos Samnitas na batalha das Forcas Caudinas (entre a Campânia e Sâmnio).</p>	<p>- 1ª obra de Menandro (dramaturgo ateniense).</p>
320 a.C.	<p>- Conclusão da 1ª guerra entre os Estados sucessores do Império de Alexandre.</p>		
319 a.C.	<p>- Morte de Antípatro e</p>		

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>regência de Poliperconte (antigo general macedônico de Filipe II e Alexandre).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Começo da 2ª guerra entre os Estados sucessores do Império de Alexandre: aliança de Êumenes e Poliperconte contra a coligação de Cassandro (filho de Antípatro), Antígono I e Ptolomeu. - A Síria é anexada por Ptolomeu. - Execução de Demades (político ateniense) por Cassandro. 		
318 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Poliperconte declara a independência das cidades-estado gregas. - Êumenes (que se havia retirado para a Nora, fortaleza entre a Capadócia e a Licaónia) captura a Babilónia. - Execução de Fócion (político e general ateniense). - Início da invasão de Antígono I e Cassandro na Grécia, nas quais várias cidades-estado são cercadas. - Batalha naval no Helesponto entre as embarcações de Nicanor (general de Cassandro) e Antígono I e a armada vitoriosa de Clito (navarco de Poliperconte). 	<ul style="list-style-type: none"> - São criadas duas novas tribos romanas no norte da Campânia: Falerna e <i>Oufentina</i>. 	
317 a.C.	- Assassinato de Nicanor.	- Agátocles ganha o	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Deserção do exército de Eurídice (esposa de Filipe III, rei da Macedónia), que se opunha às forças de Olímpias (mãe de Alexandre) e de Poliperconte. - Demétrio de Falero (porto de Atenas) é colocado no poder de Atenas por Cassandro. - Batalha de <i>Paraetacene</i> (na região do atual Esfahân, no Irão) entre o exército de Antígono I e o corpo armado de Êumenes, com um resultado indecisivo. 	<p>controlo de Siracusa.</p>	
316 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cassandro captura Pidna e mata Olímpias. - Tebas é reconstruída por Cassandro, passando a estar sob o controlo da Macedónia. - Conclusão da campanha de Antígono I e Cassandro contra Poliperconte e Olímpias, na Grécia. - Batalha de <i>Gabiene</i> (Irão) entre a hoste vitoriosa de Antígono I e o exército da facção de Êumenes. - Captura e execução de Êumenes por Antígono I. 		<ul style="list-style-type: none"> - Menandro compõe <i>O Misanthropo</i>.
315 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Término da 2ª guerra entre os Estados sucessores do Império de Alexandre. - Início da guerra entre a coligação de sátrapas 	<ul style="list-style-type: none"> - Os Samnitas vencem os Romanos na batalha de <i>Lautulae</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª vitória de Menandro.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>(Seleuco, Ptolomeu, Cassandro e Lisímaco) e Antígono I que tinha adquirido o domínio total sobre os territórios asiáticos.</p> <p>- Antígono I ocupa a Síria após um cerco bem-sucedido a Tiro.</p> <p>- Fundação da Liga das Ilhas (aliança entre várias ilhas Cícládicas)⁹²².</p>		
314 a.C.	<p>- Antígono I proclama a liberdade das cidades gregas, o que despoleta uma revolta em Argos.</p>	<p>- Vitória romana frente aos Samnitas em Tarracina (acabando com a ameaça samnita no Lácio).</p> <p>- Cápua e Aurunca (Campânia) são controladas pelos romanos.</p> <p>- Criação de uma colónia latina em Lucéria (norte dos Apeninos).</p>	
313 a.C.		<p>- Fundação das colónias latinas de Suessa Aurunca, Pontia e Satícula (Campânia)⁹²³.</p>	
312 a.C.	<p>- Invasão da Nabateia pelo exército de Demétrio (filho de Antígono I), travada na batalha de Gaza, pela hoste de Ptolomeu e de Seleuco.</p> <p>- Seleuco recupera a Babilónia e inicia uma campanha na qual expulsa Antígono I da</p>	<p>- Invasão cartaginesa da Sicília, marcando uma nova guerra entre Cartago e Siracusa.</p> <p>- Censura de Ápio Cláudio Cego.</p> <p>- Início da construção da Via Ápia.</p>	<p>- Zenão passa a habitar em Atenas.</p>

⁹²² Esta criação é por vezes associada ao ano seguinte.

⁹²³ O aparecimento destas colónias pode é por vezes atribuído a 312 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Mesopotâmia e do Irão	- Colônia latina de Interamna (Lácio).	
311 a.C.	- A coligação de sátrapas (exceto Seleuco) faz a paz com Antígono I.	- Derrota do exército siracusano (liderado por Agátocles) na batalha do rio Hímera frente a um corpo armado cartaginês mais numeroso (comandado por Amílcar, neto de Hanão 'o Grande'). - Aumento para o dobro dos exércitos consulares romanos.	
310 a.C.		- Começo da invasão siracusana (liderada por Agátocles) de África. - Avanço da influência romana na Etrúria com a elaboração de tratados com as cidades de Cortona, Perúsia e <i>Arretium</i> (atual Arezzo, na Toscana). - <i>Terminus post quem</i> para a criação dos manípulos romanos de duas centúrias (para combater os Samnitas nas montanhas). - Nomeação de um <i>duoviri navales</i> em Roma (oficial responsável pela administração da armada republicana).	
309 a.C.	- Ofela (general ptolemaico) ataca Cartago a partir de Cirene ⁹²⁴ .	- Ofela ataca Cartago a partir de Cirene. - Ano com um ditador	

⁹²⁴ Esta invasão pode ser datada no ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		em Roma.	
308 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da campanha de Seleuco na Índia. - Magas (general ptolemaico) controla uma revolta em Cirene. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança romana com Tarquínia. 	
307 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Expedições de Cassandro e Demétrio (filho de Antígono) na Grécia. - Demétrio conquista/liberta Atenas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Agátocles é derrotado em África, fugindo para a Sicília. - Término da guerra entre Cartago e Siracusa⁹²⁵. - Revolta dos Hérmicos ao domínio romano. - <i>Terminus ante quem</i> para a criação dos manípulos romanos de duas centúrias. 	
306 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - No rescaldo da batalha terrestre e anfíbia de Sálamis, Antígono e Demétrio conquistam Chipre a Ptolomeu. - Antígono e Demétrio assumem títulos reais. - Invasão malograda de Antígono ao Egipto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os Anagninos (Anágna, Lácio) são conquistados pelos romanos, que lhes conferem o <i>civitas sine suffragio</i>. - 3º tratado entre Roma e Cartago. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação da escola de Epicuro em Atenas. - Os primeiros registos da utilização de catapultas navais ocorrem durante a batalha de Sálamis.
305 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo do cerco fracassado de Demétrio a Rodes. - Ptolomeu, Cassandro, Lisímaco e Seleuco assumem títulos reais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de <i>Torgium</i> entre Agátocles e exilados sicilianos. 	
304 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Término do cerco malogrado de Demétrio a Rodes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Agátocles assume o título de rei de Siracusa. - Os Romanos 	

⁹²⁵ A paz poderá muito ter sido assinada em 306 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<p>conquistam os Équos (nordeste do Lácio).</p> <p>- Conclusão da 2ª Guerra Samnita.</p> <p>- Roma alia-se aos Marsos (Mársica), Pelignos (região de Abruzos), Marrucinos (Marruca, sul do rio Pescara) e os Frentanos (centro da península itálica, entre os Apeninos e o Adriático).</p>	
303 a.C.	<p>- Conclusão da campanha de Seleuco na Índia.</p> <p>- Início da guerra entre Tarento e Roma (casa dos <i>Brutii</i>), com a intervenção de Cleónimo de Esparta e Agátocles de Siracusa.</p>	<p>- Fundação das colónias latinas de <i>Alba Fucens</i> (no monte Velino) e Sora (Lácio).</p> <p>- Arpino recebe a <i>civitas sine suffragio</i> de Roma.</p> <p>- Início da guerra entre Tarento e Roma (casa dos <i>Brutii</i>), na qual interviria Agátocles de Siracusa e Cleónimo de Esparta.</p>	
302 a.C.	<p>- Demétrio estabelece uma nova liga de Corinto⁹²⁶.</p> <p>- Nova coligação dos quatro reis (Ptolomeu, Seleuco, Cassandro, Lisímaco) contra Antígono e Demétrio.</p>	<p>- Criação de uma colónia latina em Carséolos (região de Abruzos)⁹²⁷.</p> <p>- Aliança entre os Romanos e os Vestinos (Itália central).</p>	
301 a.C.	<p>- Batalha de Ipo (Frígia), entre os exércitos vitoriosos de Lisímaco, Seleuco e Cassandro e o corpo armado de Antígono</p>	<p>- Ano com um ditador em Roma.</p>	<p>- Primeiros ensinamentos de Zenão na <i>Stoa Poikile</i> (ágora de Atenas).</p>

⁹²⁶ Que poderá muito bem ter sido criada no ano seguinte.

⁹²⁷ Algumas cronologias associam a fundação desta colónia latina ao ano 298 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>I (o monarca seria morto por um dardo durante o confronto) e do seu filho.</p> <p>- Partição do reino de Antígono I por Seleuco e Lisímaco.</p>		
300 a.C.	- Fundação de Antioquia.	<p>- Promulgação em Roma da <i>Lex Valeria de provocatione</i> (que regulariza o apelo que a plebe poderia fazer aos tribunos) e a <i>Lex Ogulnia</i> (permite aos plebeus ingressarem nos colégios sacerdotais).</p>	
299 a.C.	- Aliança entre Seleuco e Demétrio.	<p>- Criação de duas novas tribos em Roma: a <i>Aniense</i> e a <i>Terentina</i>.</p> <p>- Colónia latina em Nárnia (na atual Úmbria).</p> <p>- Aliança entre Romanos e Picentinos (Piceno, costa norte do Adriático).</p> <p>- Raide gaulês em território romano.</p>	
298 a.C.		- Começo da 3ª Guerra Samnita.	
297 a.C.	- Morte de Cassandro e do seu filho Filipe IV, com a consequente divisão da Macedónia pelos seus filhos mais novos.		
296 a.C.	<p>- Nova coligação contra Demétrio.</p> <p>- Começo das campanhas de Demétrio na Grécia e na Macedónia.</p>	- Fundação das colónias romanas de Minturnas e Sinuessa (Lácio).	
295 a.C.	- Tirania de Lácares em Atenas.	- Derrota dos Samnitas, Gauleses e Umbros na	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Ptolomeu reconquista o Chipre. - Seleuco conquista a Cilícia e Lisímaco a Iónia. 	<ul style="list-style-type: none"> batalha de Sentino (Itália central) frente aos romanos (liderados por Públio Décio Mus e Fábio Máximo Ruliano). - Agátocles ataca Crotona e Hipónio (Calábria)⁹²⁸. 	
294 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio conquista Atenas e torna-se rei da Macedónia após assassinar Alexandre V (filho de Cassandro). 		
293 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Fundação de Demétrias (cidade da Magnésia, perto da atual Volos). 	<ul style="list-style-type: none"> - Término da guerra entre Tarento e Roma. - Data verossímil da promulgação da <i>Lex Maenia</i> (que consolida o poder de veto do Senado). 	
292 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco I Sóter (filho de Seleuco) é indigitado rei das possessões orientais do reino Selêucida pelo seu pai. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falérios (Etrúria) é conquistada pelos Romanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Menandro.
291 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio conquista Tebas. - Guerras de Demétrio na Etólia e no Epiro (contra Pirro). - Conclusão das expedições de Demétrio à Grécia e à Macedónia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Colónia latina em Venúsia (na região da Basilicata). 	
290 a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Termo da 3ª Guerra Samnita. - Roma anexa os Sabinos, atribuindo-lhes o <i>civitas sine suffragio</i>. 	

⁹²⁸ Este ataque poder-se-á ter sucedido no ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<ul style="list-style-type: none"> - Fundação da colónia latina de Adria (na região de Vêneto). - Criação provável da colónia romana de Castro Novo <i>Piceni</i> (Itália Central). 	
289 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio prepara a invasão da Ásia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Agátocles. - Os Mamertinos (mercenários oriundos da Campânia contratados por Agátocles) conquistam Messina (nordeste da Sicília). 	
288 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio é expulso da Macedónia por Ptolomeu, Lisímaco e Pirro. - Partição da Macedónia por Lisímaco e Pirro. 		<ul style="list-style-type: none"> - Estráton de Lâmpsaco sucede Teofrasto na direção da escola peripatética.
287 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Após um cerco fracassado a Atenas, Demétrio foge para a Ásia. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Lex Hortensia</i> (que retira o poder da Senado Romano de vetar as resoluções do Concílio da Plebe). 	
286 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Ptolomeu conquista Tiro, Sídon e os territórios da Liga das Ilhas (dominando, deste modo, o Mediterrâneo Oriental). 		
285 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio rende-se a Seleuco (sendo preso até à sua morte). - Lisímaco expulsa Pirro das terras recentemente conquistadas, tornando-se no único monarca da Macedónia. - Ptolomeu nomeia o seu filho Ptolomeu II Filadelfo rei Egípcio, que governaria 		

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	conjuntamente com o seu pai até a morte deste.		
284 a.C.	- Lisímaco conquista a Peónia (nordeste da Grécia).	- Mânio Cúrio derrota os Sénones. - Criação de uma colónia romana em Sena (Úmbria).	
283 a.C.	- Demétrio morre no cativoiro. - Antígono <i>Gónatas</i> (filho de Demétrio), assume o título real. - Morte de Ptolomeu I e ascensão de Ptolomeu II.	- Vitória dos Romanos (liderados por Públio Dolabela) frente a uma coligação de Boios (tribo celta) e Etruscos na batalha do Lago Vadimão.	
282 a.C.	- Início da campanha de Seleuco contra Lisímaco.	- Roma auxilia os Turinos (povo que se fixou perto do rio Túria) na sua guerra contra os Lucanos.	
281 a.C.	- Seleuco derrota e mata Lisímaco na batalha de <i>Corupedion</i> . - Antígono <i>Gónatas</i> conquista Atenas. - Morte de Seleuco e ascensão de Antíoco I.	- Aliança entre Tarento e Pirro de Epiro contra Roma.	
280 a.C.	- Ptolomeu Cerauno (meio-irmão de Ptolomeu II) torna-se rei da Macedónia. - Recriação da Liga Aqueia. - Início da guerra entre Ptolomeu II (Egipto) e Antíoco I (Selêucida). - Começo da Guerra entre Pirro e Roma. - Pirro derrota os Romanos na batalha de Heracleia	- Início a Guerra entre Pirro e Roma. - Pirro derrota os Romanos na batalha de Heracleia (Magna Grécia).	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	(Magna Grécia).		
279 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Invasão Gaulesa da Macedónia e morte de Ptolemeu Cerauno. - Ataque gaulês na Grécia, repulsado em Delfos. - Tratado entre Antígono Gónatas e Antíoco I. - <i>Terminus post quem</i> para a adoção do escudo em formato oval (<i>thureos</i>) pela liga Aqueia e Beócia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Derrota romana na batalha de Ásculo (Apúlia) frente a Pirro. - <i>Devotio</i> de Públio Décio Mus na mesma batalha⁹²⁹. - Novo tratado entre Cartago e Roma. 	
278 a.C.	- Começo do ataque Gaulês à Ásia Menor.	- Pirro invade a Sicília.	
277 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Anarquia na Macedónia. - Antígono Gónatas derrota os Gauleses na batalha de Lisimaquia (Quersoneso, Trácia). - Os Gauleses espalham o terror pela Ásia Menor. 		
276 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antígono Gónatas é nomeado rei da Macedónia (com o título de Antígono II). - Casamento de Antígono II com Fila (irmã de Antíoco I) 		
275 a.C.	- Data provável para a derrota dos Gauleses na “batalha dos Elefantes” frente a Antíoco I.	<ul style="list-style-type: none"> - Pirro volta a Itália, sendo derrotado perto de Benevento pelo exército romano (comandando pelo cônsul Mânio Dentato). - Término da guerra entre Roma e Pirro (que regressa ao Epiro). 	

⁹²⁹ Não confundir com o Décio Mus (outro político romano) que se sacrificou no campo de batalha, durante uma expedição perto de Cápua (340 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Híero II é indigitado comandante das forças siracusanas.	
274 a.C.	- Início de uma série de expedições de Pirro na Grécia e na Macedónia. - Começo da 1ª Guerra Síria entre Ptolomeu II e Antíoco I. - Antíoco I derrota Ptolomeu II na Síria.		
273 a.C.	- Embaixadores Egípcios são recebidos em Roma.	- Fundação das colónias latinas de Cosa (Toscânia) e Pesto (Campânia). - Embaixadores Egípcios são recebidos em Roma.	
272 a.C.	- Última expedição de Pirro na Grécia e na Macedónia. - Morte de Pirro em Argos.	- O exército romano (comandado por Lúcio Cursor) captura a cidade de Tarento.	- Lívio Andrónico (escritor tarentino) é levado como prisioneiro de guerra para Roma.
271 a.C.	- Conclusão da 1ª Guerra Síria entre Ptolomeu II e Antíoco I. - Parada vitoriosa de Ptolomeu II em Alexandria ⁹³⁰ .		
270 a.C.	- Morte de Arsínoe II (esposa de Ptolomeu II). - <i>Terminus antes quem</i> para a adoção do escudo oval (<i>thureos</i>) pela Liga Aqueia e a Liga Beócia.	- Captura de Régio pelos Romanos.	- Morte de Epicuro. - Composição de um Idílio de Teócrito a elogiar Ptolomeu II.
269 a.C.		- Começo da cunhagem de moedas de prata em Roma.	

⁹³⁰ As celebrações de Ptolomeu II na cidade fundada por Alexandre ‘o Magno’ poderão ter-se iniciado em 270 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Data provável da ascensão de Híeron II ao trono de Siracusa.	
268 a.C.		- Criação das colónias latinas de <i>Arminum</i> (atual Rimini) e Benevento. - Concessão da cidadania completa aos Sabinos.	
267 a.C.	- Início dos conflitos entre uma coligação de cidades-estado gregas (lideradas por Atenas e Esparta) e do Egipto contra Antígono II da Macedónia. - Declaração de guerra de Cremónides (estadista ateniense).		
265 a.C.	- Batalha de Corinto entre o exército macedónico vitorioso de Antígono II da Macedónia e os corpos armados da coligação de cidades-estado gregas (liderados por Areu I, rei de Esparta que morreria no combate).		
264 a.C.		- Fundação de uma colónia latina em Firmo (Piceno). - Aliança romana com os Mamertinos. - Ápio Cláudio é enviado para a Sicília. - Começo da 1ª Guerra Púnica (cujo principal palco de atuação é a Sicília).	
263 a.C.	- Êumenes I sucede Filetero como monarca de Pérgamo.	- Híeron II torna-se aliado dos romanos.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Criação de uma colónia latina em Esérnia (Sâmnio).	
262 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antígono II da Macedónia conquista Atenas. - Morte de Antíoco I e ascensão de Antíoco II⁹³¹. - Paz entre Ptolomeu II e Antígono II da Macedónia. - Data provável da introdução do <i>corvus</i> (ponte para as abordagens) nas embarcações romanas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Roma captura Agrigento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da <i>Atthis</i> de Filócoro (historiador ateniense). - Data provável da morte de Zenão, que é sucedido na escola estoica de Atenas por Cleantes.
261 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da guerra entre a coligação de cidades-estado gregas e Antígono II da Macedónia. 		<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Filócoro.
260 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Início da 2ª Guerra Síria, que envolveu Ptolomeu II e a coligação entre Antíoco II e Antígono II. - <i>Terminus post quem</i> para a secessão da Pártia e da Bactria do Império Selêucida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória naval de Caio Duílio frente à armada cartaginesa, perto de Milas (norte da Sicília). - Batalha naval da ilha Lípara (a norte da Sicília) que opôs parte da armada romana (comandada por Cneu Cornélio Cipião Ásina) e da frota cartaginesa que venceria o confronto. 	
259 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Magas de Cirene. - Antíoco II recupera Éfeso (dos Egípcios). 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo de uma série de ataques romanos à Sardenha e à Córsega. 	
258 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio é nomeado rei justo de Cirene. 		
257 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Terminus antes quem</i> para a secessão da Pártia e da Bactria do Império 	<ul style="list-style-type: none"> - Último ataque romano à Sardenha e à Córsega. 	

⁹³¹ Esta transição do poder no Império Selêucida poderá ter-se sucedido nos primeiros meses do ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Selêucida.	- Vitória da armada romana (comandada por Régulo) na batalha naval de Tíndaris (Sicília), frente à frota cartaginesa (liderada pelo general Amílcar).	
256 a.C.		- Batalha naval do cabo Écnomo entre a frota romana vitoriosa (liderada pelo cônsul Régulo) e a armada cartaginesa (comandada por Amílcar e Hanão). - Régulo desembarca em África, derrota os Cartagineses e passa o inverno em Tunes.	
255 a.C.	- Paz entre Ptolomeu II e Antígono II.	- O exército de Régulo é derrotado (na batalha de Adis, perto de Tunes), obrigando o cônsul a pedir auxílio marítimo para conseguir regressar a Itália. - Vitória naval romana no cabo <i>Hermaeum</i> (a leste de Cartago) frente a uma grande, mas desmoralizada, armada cartaginesa. - Até $\frac{3}{4}$ da frota romana é destruída numa tempestade perto do cabo Paquino (Sicília).	
254 a.C.		- Os Romanos capturam Panormo (cidade cartaginesa da Sicília).	
253 a.C.	- Conclusão da 2ª Guerra	- Parte da armada	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Síria entre Ptolomeu II e a coligação de Antíoco II e Antígono II.	romana volta a ser destruída perto do cabo Palinuro (Campânia).	
252 a.C.	- Antíoco II casa com Berenice II (filha de Ptolomeu II).		
251 a.C.	- O exército da Liga Aqueia (comandada por Arato) captura/liberta Sícion.	- Começo do cerco romano de Lilibeu (Sicília).	
250 a.C.	- Revolta dos Partas na Bactria.	- Vitória romana em Panormo (que permitiu à República manter o controlo desta cidade).	
249 a.C.		- Os Romanos vêm-se obrigados a levantar o cerco a Lilibeu. - Vitória da armada cartaginesa (comandada por Amílcar) em Drépane frente à frota romana (encabeçada por Públio Cláudio Pulcro).	
248 a.C.		- A aliança entre Híeron II e Roma é renovada.	
247 a.C.	- Formação do Império Parta (englobando grande parte do atual Irão).	- Amílcar Barca inicia a ofensiva cartaginesa na Sicília.	
246 a.C.	- Morte de Antíoco II e ascensão de Seleuco II (Selêucida). - Óbito de Ptolomeu II e subida ao trono do Egito de Ptolomeu III. - Começo da 3ª Guerra Síria entre Ptolomeu III e Seleuco II.	- Criação de uma colónia latina em Brundísio (na costa da Apúlia).	- Calímaco (poeta de Cirene) compõe o <i>Coma Berenice</i> (constelação que o poeta associou ao cabelo da esposa de Ptolomeu III).
245 a.C.	- 1º comando oficial de Arato dos exércitos da Liga Aqueia. - Data aproximada da		

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	introdução da falange macedónica na Beócia.		
244 a.C.	- Agis IV torna-se rei de Esparta.	- Reconstrução da armada romana.	
243 a.C.	- A hoste da Liga Aqueia (liderada por Arato) conquista Corinto.		
242 a.C.		- Instituição do <i>praetor peregrinus</i> (encarregado de jurisdicionar os estrangeiros em território romano).	
241 a.C.	<p>- Término da 3ª Guerra Síria entre Ptolomeu III e Seleuco II.</p> <p>- Morte de Êumenes I e ascensão de Átalo I de Pérgamo.</p> <p>- Óbito de Agis IV de Esparta.</p>	<p>- Vitória naval da armada romana (comandada por Lutácio Cátulo) frente à frota cartaginesa (de Hanão) na batalha das ilhas <i>Aegates</i> (perto de Drépane).</p> <p>- Conclusão da 1ª Guerra Púnica: Cartago pede a paz, conseguida após a ocupação romana da Sicília.</p> <p>- Criação de uma colónia latina em Espoleto (Úmbria).</p> <p>- Início da Guerra dos Mercenários em Cartago⁹³².</p>	
240 a.C.			<p>- Por esta data aproximadamente, Bítton de Pérgamo escreveu o seu pequeno texto de <i>Construção de Armas de Cerco e Artilharia</i>⁹³³.</p> <p>- Primeiras peças de Lívio Andrónico.</p>

⁹³² O começo desta guerra é por vezes associado ao ano seguinte.

⁹³³ Parece-nos certo que este tecnógrafo terá escrito nos inícios do reinado de Átalo I de Pérgamo.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
239 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Antígono II <i>Gónatas</i> e subida ao trono da Macedónia de Demétrio II. - Seleuco II é derrotado na batalha de Ancira pelos gauleses da Capadócia que apoiavam o seu irmão Antíoco Híerax. Após a assinatura da paz, Antíoco ganhou todas as províncias da Ásia Menor, desmembrando parte do Império Selêucida. 		
238 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - A Pártia é invadida pelos <i>Parni</i> (povo da região do rio <i>Ochus</i>, atual Darya-i Pandj). - Antíoco Híerax é derrotado pelo rei Átalo, que se autoproclama rei. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação da Sardenha e (posteriormente) da Córsega pelos Romanos. - Conclusão da Guerra dos Mercenários em Cartago⁹³⁴. 	
237 a.C.	Cleomenes III torna-se rei de Esparta.	- Amílcar vai para a Hispânia.	
235 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Cleonas entre o exército de Aristipo (tirano de Argos) e o corpo armado vitorioso de Arato, que pretendia libertar a cidade (agregando-a à Liga Aqueia). - Megalópolis junta-se à Liga Aqueia. 	- Começo das conquistas cartaginesas na Hispânia.	- O templo de Jano é fechado em Roma.
232 a.C.		- Divisão do território gaulês (<i>ager Gallicus</i>) conquistado aos Sénones, elaborada por Caio Flamínio.	
231 a.C.	- Seleuco organiza uma expedição contra os Partas.	- Os embaixadores romanos reúnem-se com Amílcar.	- Crisipo (discípulo de Cleantes) torna-se o diretor da escola estoica em Atenas.

⁹³⁴ Do mesmo modo, o fim da Guerra dos Mercenários em Cartago pode ser inserido no ano de 237 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
230 a.C.		- Morte de Amílcar: Asdrúbal torna-se general na Hispânia ⁹³⁵ .	- Por volta deste ano Filo de Bizâncio terá elaborado a <i>Sintaxe Mecânica</i> ⁹³⁶ .
229 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 1ª Guerra Ilírica. - Corcira, Dirráquio, Issa (na ilha de Vis, atual Croácia) e Apolónia (Ilíria) tornam-se aliados de Roma. - Morte de Demétrio II e ascensão ao trono da Macedónia de Antígono Dóson (Antígono III) - Argos junta-se à Liga Aqueia (que se expande na Etólia). - Atenas recupera a independência. - Antíoco Híerax é derrotado na batalha de <i>Coloe</i> (perto de Pérgamo) pelo exército de Átalo I. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 1ª Guerra Ilírica. - Corcira, Dirráquio, Issa (na ilha de Vis, atual Croácia) e Apolónia (Ilíria) tornam-se aliados de Roma. 	
228 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - A rainha Teuta da Ilíria rende-se aos Romanos. - Demétrio é indigitado governador de Faros (Dalmácia). - Criação de um protetorado romano na costa da Dalmácia. - Início da guerra entre a Liga Aqueia e Esparta. 	<ul style="list-style-type: none"> - A rainha Teuta da Ilíria rende-se aos Romanos. - Criação de um protetorado romano na costa da Dalmácia. - Embaixadores romanos em Atenas e Corinto. 	

⁹³⁵ Atente-se que à morte do general cartaginês e ao início da proeminência do seu filho no exército poderão ser atribuídas datas bastante posteriores (228 a.C., ou mesmo 220 a.C.).

⁹³⁶ No entanto, é preciso ter em conta que os dados que possuímos para enquadrar cronologicamente este autor são bastante incertos, baseando-se, sobretudo na especulação de que Filo terá sido contemporâneo de Ctesíbio de Alexandria (285-222 a.C.).

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Embaixadores romanos em Atenas e Corinto. - Reformas militares em Esparta que permitem a inclusão da falange macedónica⁹³⁷. 		
227 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Revolução em Esparta. - Expedição de Antígono Dóson a Cária. 	<ul style="list-style-type: none"> - 1º ano em que são eleitos quatro pretores anuais em Roma. - A Sardenha e a Córsega são transformadas numa província romana. - A Sicília e a Sardenha passam a ser governadas por um pretor. 	
226 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Cleomenes III desfere uma derrota pesada sobre os Aqueus (comandados por Arato) na batalha de <i>Hecatombaeum</i> (perto de Dime). - Morte de Seleuco II e ascensão de Seleuco III. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tratado do rio Ebro (Península Ibérica) entre Cartago e Roma. 	
225 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Argos e Corinto aliam-se a Cleomenes de Esparta. - Arato negocia com Antígono III da Macedónia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória romana na batalha de Télamon contra os Gauleses que haviam invadido a Itália. 	
224 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Arato torna-se ditador da Liga Aqueia, impondo uma aliança com Antígono III. Antígono III conquista Argos e forma a Liga Helénica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Início das campanhas romanas da Gália Cisalpina. 	
223 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antígono III e Arato destroem Mantineia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Flamínio derrota os <i>Insubri</i> (povo fixado na região da Lombardia). 	

⁹³⁷ A implantação destas reformas na cidade-estado do Peloponeso poderá ter-se iniciado em 227 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Cleomenes arrasa Megalópolis. - Óbito de Seleuco III e subida ao poder de Antíoco III (Selêucida). 		
222 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antígono III derrota Cleomenes na batalha de Selásia (Lacónia). - Antígono III conquista Esparta. - Conclusão da guerra entre a Liga Aqueia e Esparta. - Desfazimento das reformas espartanas e abolição da monarquia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Clastídio entre o exército republicano romano vitorioso (comandado por Marco Marcelo) e os <i>Insubri</i> (que no rescaldo do conflito rendem-se a Roma). - Início da tradição dos <i>spolia opima</i> (espólios de guerra mais importantes retirados ao general inimigo) com o cônsul Marco Marcelo. 	
221 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Antígono III Dóson, sucedido por Filipe V. - Óbito de Ptolomeu III e ascensão de Ptolomeu IV. 		
220 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da Guerra Social entre a aliança da Macedónia e da Liga Aqueia contra a Liga Etólia e Esparta. - Antíoco III contêm a revolta do seu irmão Mólón (na Média). - Início da revolta de Aqueu na Ásia Menor. - Começo da 2ª Guerra Ilírica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 2ª Guerra Ilírica. - Censura de Flamínio em Roma. - Construção da Via Flamínia. 	
219 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Filipe V conquista <i>Ambracus</i> (forte na 	<ul style="list-style-type: none"> - Aníbal cerca e captura Sagunto. 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Arcanânia) e Psófis (Arcádia)⁹³⁸.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Início da 4ª Guerra Síria entre Antíoco III (Selêucida) e Ptolomeu IV (Egipto). - Recaptura da Selêucida Piéria (cidade da Síria fundada por Seleuco I) por Antíoco III. - Morte de Cleomenes de Esparta no Egipto. - Demétrio de Faros foge para a corte de Filipe V. - Rodes declara guerra a Bizâncio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demétrio de Faros foge para a corte de Filipe V. 	
218 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Filipe V captura a cidade de Cefalénia (Grécia Ocidental). - Saque da cidade e santuário de Termos (Etólia), onde se costumava reunir a Liga Etólia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da 2ª Guerra Púnica. - Cipião Africano começa a sua campanha na Hispânia. - Aníbal marcha sobre Itália, após atravessar os Alpes. - Vitória de Aníbal na batalha de Ticino (norte de Itália), frente a um corpo armado romano (comandado por Públio Cornélio Cipião). - Novo sucesso de Aníbal em Trébia (norte de Itália), contra o exército da república (liderado por Tibério 	

⁹³⁸ A captura desta última cidade é por vezes atribuída ao ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Semprônio Longo). - Criação das colónias latinas de Placência (na atual Emília-Romanha) e Cremona (Lombardia).	
217 a.C.	- Filipe V captura Tebas. - Paz de Naupacto que coloca um término na Guerra Social entre a aliança da Macedónia e da Liga Aqueia contra a Liga Etólia e Esparta. - Batalha de Ráfia entre o exército vitorioso de Ptolomeu IV e o corpo armado de Antíoco III. Para este confronto seriam pela 1ª vez mobilizados exércitos egípcios nativos. - Conclusão da 4ª Guerra Síria entre Ptolomeu IV e Antíoco III.	- Vitória naval da armada romana (de Cipião Cornélio Calvo) no rio Ebro, contra um conjunto de quinqueremes cartaginesas (comandadas por Himilcão). - Aníbal transpõe os Apeninos. - Batalha do Lago Trasimeno, na qual o exército de Aníbal derrota o corpo armado romano (comandado por Flamínio, que morreria no confronto). - Fábio Máximo é nomeado ditador em Roma.	- Criação dos <i>Ludi Magni</i> (festival religioso) em Roma.
216 a.C.	- Antíoco III alia-se a Átalo I de forma a fazer frente à revolta de Aqueu na Anatólia. - Rebeliões das populações autóctones no Egito.	- Vitória de Aníbal (e seus generais) na batalha de Canas, frente ao exército romano (comandado por Terêncio Varrão e Lúcio Emílio Paulo, este último morreria no confronto). - Revoltas na Itália central (incluindo Cápua).	
215 a.C.	- Filipe V invade o Peloponeso.	- O exército de Públio e Cneu Cipião derrota Asdrúbal na batalha de	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Aliança de Filipe V com Aníbal. - Aqueu é bloqueado em Sardes. 	<ul style="list-style-type: none"> <i>Dertosa</i> (perto do rio Ebro). - Morte de Híeron II de Siracusa. - Expedição de Aníbal no sul de Itália. - O <i>Tributum</i> romano (imposto para financiar os custos da guerra) é duplicado. - Aliança de Siracusa e Cartago. - Aliança de Filipe V com Aníbal. - Revolta de Sífax no norte de África. - Promulgação da <i>Lex Oppia</i> (conjunto de normas sumptuárias) em Roma. 	
214 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Filipe V ataca Messene. - Marco Levino (político romano) é enviado à Ilíria. 	<ul style="list-style-type: none"> - Marco Levino (político romano) é enviado à Ilíria. - Roma baixa a qualificação das propriedades dos soldados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nascimento de Carnéades (filósofo grego).
213 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Arato (da Liga Aqueia). - Filipe V captura Lisso (na Ilíria). - Conclusão da revolta de Aqueu na Anatólia, com a captura e assassinato deste. 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo do cerco romano (comandado por Cláudio Marcelo) a Siracusa. - Aníbal captura e ocupa Tarento (à exceção da cidadela da cidade)⁹³⁹. 	
212 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Levino negocia uma 	<ul style="list-style-type: none"> - Cartago faz a paz com 	<ul style="list-style-type: none"> - São estabelecidos os <i>Ludi</i>

⁹³⁹ A conquista desta cidade é colocada por algumas cronologias no ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>aliança com a Liga Etólia.</p> <p>- Antíoco III recupera parte da Arménia (a Ársaces III)</p>	<p>Sífax.</p> <p>- Começo do cerco romano a Cápua.</p> <p>- Levino negoceia uma aliança com a Liga Etólia.</p>	<p><i>Apollinares</i> em Roma (jogos anuais em honra a Apolo).</p>
211 a.C.	<p>- Sulpício sucede Levino na Grécia.</p> <p>- Tratado entre Roma e a Liga Etólia.</p> <p>- Começo da 1ª Guerra Macedónica entre a aliança de Filipe V e da Liga Aqueia contra Roma, a Liga Etólia e Esparta.</p>	<p>- Públio e Cneu Cipião são derrotados e mortos na Hispânia.</p> <p>- Marcha de Aníbal em Roma.</p> <p>- Queda de Cápua (o que permitiu aos cavaleiros romanos adotarem equipamento grego)</p> <p>- Os romanos capturam e saqueiam Siracusa.</p> <p>- Sulpício sucede Levino na Grécia.</p> <p>- Tratado entre Roma e a Liga Etólia.</p> <p>- Começo da 1ª Guerra Macedónica entre a aliança de Filipe V e da Liga Aqueia contra Roma, a Liga Etólia e Esparta.</p> <p>- Captura romana de Cápua.</p>	<p>- Morte de Arquimedes.</p>
210 a.C.	<p>- Macânidas de Esparta juntam-se aos Etólios.</p> <p>- Filipe captura Equinos (Arcanânia).</p> <p>- Sulpício conquista a Egina (ilha perto de</p>	<p>- Caio Cláudio Nero assegura a linha do rio Ebro na Hispânia.</p> <p>- Cipião desembarca em Empórias (Hispânia).</p>	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<p>Atenas).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III consolida o poder na Média. 	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª menção à coorte romana (na Hispânia). - Agrigento é reconquistada. - Sulpício conquista a Egina (ilha perto de Atenas). 	
209 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Negociações de paz malsucedidas entre Filipe V e os Etólios. - Reformas da cavalaria e infantaria da Liga Aqueia por Filopémen⁹⁴⁰. - Átalo regressa a Pérgamo. - Campanha de Antíoco III na Partiene (norte do atual Irão). - Ársaces III negocia a paz com Antíoco III. - Nascimento de Ptolomeu V. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cipião Africano captura Nova Cartago. - Roma recaptura Tarento. - Possível data da implementação do gládio hispânico no equipamento romano. 	
208 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III recupera a Bácia. - Início da campanha naval de Átalo I e Sulpício, que contrastam com as vitórias terrestres que Filipe ia adquirindo. - Átalo regressa à Ásia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de <i>Baecula</i> (Hispânia) entre o exército vitorioso de Cipião Africano e uma hoste cartaginesa (liderada por Asdrúbal Barca). - Asdrúbal sai da Hispânia em direção a Itália (passando o Inverno na Gália). - Morte de Marco Marcelo. - Vitória naval de 	

⁹⁴⁰ Algumas cronologias associam estas reformas ao ano de 208 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<p>Levino frente aos cartagineses na costa Africana.</p> <p>- Início da campanha naval de Átalo I e Sulpício.</p>	
207 a.C.	<p>- O exército da Liga Aqueia (comandado por Filopémen) derrota o exército espartano (liderado pelo rei Macânidas) na 3ª batalha de Mantinea.</p> <p>- Filipe V saqueia a Etólia.</p>	<p>- Batalha de Ilipa (na região de Sevilha) entre a hoste de Cipião e o corpo armado cartaginês (de Mago Barca) que seria derrotado⁹⁴¹.</p> <p>- Conquista da <i>Iliturgia</i> (Hispania) por Cipião.</p> <p>- Batalha de Metauro (na região de Marche, em Itália) entre os exércitos consulares vitoriosos (de Cláudio Nero e de Lívio Salinator) e a hoste de Asdrúbal Barca (que morreu no confronto).</p>	- Lívio Andronico compõe um Hino.
206 a.C.	<p>- Antíoco III negocia a paz com Eutidemo da Bactria.</p> <p>- Os Etólios fazem uma paz separada com Filipe V da Macedónia.</p> <p>- Nábis torna-se no novo rei de Esparta.</p>	<p>- Gades (atual Cádiz) rende-se a Cipião.</p> <p>- Fundação da cidade romana de Itálica (no sul da Hispania).</p> <p>- Fim das campanhas de Cipião na Hispania, regressando este a Roma.</p>	
205 a.C.	<p>- Declaração de Filipe V de uma paz preliminar em Fenice (Caónia).</p> <p>- Roma retifica a paz declarada de Filipe V.</p>	<p>- Cipião Africano (agora cônsul) recaptura Locros (Calábria).</p> <p>- Magão Barca atinge a</p>	

⁹⁴¹ Segundo algumas cronologias esta batalha sucedeu-se no ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da 1ª Guerra Macedónica⁹⁴². 	<ul style="list-style-type: none"> Ligúria (norte de Itália). - Declaração de Filipe V de uma paz preliminar em Fenice (Caónia). - Roma retifica a paz declarada de Filipe V. - Conclusão da 1ª Guerra Macedónica. 	
204 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - A ‘Pedra Negra’ de Pessinunte é levada para Roma (a mando de Átalo). - Morte de Ptolomeu IV e ascensão de Ptolomeu V. - Começo da Guerra “Cretense” entre a coligação de Filipe V, a Liga Etólia e um conjunto de cidades cretenses contra Rodes, Pérgamo, Bizâncio, Atenas, Cnosso e outras cidades do Egeu. 	<ul style="list-style-type: none"> - A ‘Pedra Negra’ de Pessinunte é levada para Roma (a mando de Átalo). - Invasão romana do Norte de África (liderada por Cipião). 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Lívio Andronico. - Quinto Énio (dramaturgo oriundo da Magna Grécia) é levado para Roma por Catão ‘o Velho’.
203 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III conquista Amiso (Ocidente da Turquia). - Regência de Agátocles no Egipto. - Embaixada egípcia a Filipe V. - Aliança entre Filipe V e Antíoco III contra Ptolomeu V⁹⁴³. - Começo da 5ª Guerra Síria entre Ptolomeu V e 	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha das ‘Grandes Planícies’ (perto de Útica) entre a hoste de Cipião e o corpo armado de Sífax, que perderia o combate. - Armistício momentâneo entre Cipião e Sífax rapidamente quebrado. - Derrota de Magão na Gália. - Aníbal é chamado de 	

⁹⁴² A retificação romana da paz e o fim da 1ª Guerra Macedónica são por vezes datáveis do ano seguinte.

⁹⁴³ A criação desta aliança é por vezes atribuída ao ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Antíoco III (aliado a Filipe V).	volta ao Norte de África.	
202 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III invade o sul da Síria. - Ofensiva de Filipe V no Egeu: cerco de Abido⁹⁴⁴. - Rodes declara formalmente guerra a Filipe V. - Filipe V invade a Ásia Menor. - Batalha naval de Quios entre a armada de Filipe V e as embarcações triunfantes de Pérgamo, Rodes, Cízico e Bizâncio. - A Liga Etólia pede auxílio a Roma, que o rejeita. 	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de Zama entre os exércitos triunfantes de Cipião Africano e Masinissa (general da Númida) e a hoste de Aníbal. - Novo Armistício entre Roma e Cartago. - Triunfo de Cipião em Roma. - A Liga Etólia pede auxílio a Roma, que o rejeita. 	
201 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III conquista Gaza. - Filipe V é bloqueado em <i>Bargylia</i> (Cária, Turquia). - Átalo e Rodes pedem auxílio a Roma na luta contra Filipe V. - Guerra entre Esparta e os Aqueus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Paz entre Roma e Cartago (que é transformado num Estado cliente) e fim da 2ª Guerra Púnica: - Masinissa torna-se rei da Grande Numídia. - Átalo e Rodes pedem auxílio a Roma na luta contra Filipe V. 	
200 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Batalha de <i>Panium</i> (perto de Baniás, Colinas de Golã) entre o exército de Ptolomeu V (liderado por Escopas da Etólia) e a hoste vitoriosa de Antíoco III. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os <i>Insubri</i> revoltam-se e saqueiam <i>Placentia</i> (Emília-Romanha). - Missão romana na Grécia e no Oriente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ano convencional para o nascimento de Políbio⁹⁴⁵.

⁹⁴⁴ Outras cronologias atribuem a conquista desta cidade para o ano 200 a.C.

⁹⁴⁵ Todavia, algumas obras mais antigas remetem o seu nascimento para o ano 208 a.C. ou 210 a.C.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da 5ª Guerra Síria. - Missão romana na Grécia e no Oriente. - Filipe V ignora o <i>ultimatum</i> romano e regressa à Europa. - Começo da 2ª Guerra Macedónica. - Sulpício Galba desembarca na Ilíria. - Embaixadores romanos visitam Antíoco III. 	<ul style="list-style-type: none"> - Filipe V ignora o <i>ultimatum</i> romano e regressa à Europa. - Começo da 2ª Guerra Macedónica. - Sulpício Galba desembarca na Ilíria. - Embaixadores romanos visitam Antíoco III. 	
199 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Expedição de Sulpício Galba na Macedónia. - Os Etólios juntam-se a Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Expedição de Sulpício Galba na Macedónia. - Os Etólios juntam-se a Roma. 	
198 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Controlo de todo o sul da Síria por Antíoco III - Filipe V captura a Eritreia. - Batalha de Aoo (Albânia) entre o exército vitorioso romano (de Tito Quíncio Flamínio) contra a hoste de Filipe V. - Os Aqueus juntam-se a Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Catão ‘o Velho’ visita a Sardenha. - São aumentados o nº de pretores em Roma para 6. - Filipe V captura a Eritreia. - Batalha de Aoo (Albânia) entre o exército vitorioso romano (de Tito Quíncio Flamínio) contra a hoste de Filipe V. - Os Aqueus juntam-se a Roma. 	
197 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória de Tito Quíncio Flamínio sobre Filipe V na batalha de Cinocéfalos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Marco Cornélio Cetego derrota os <i>Insubri</i>. 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Término da 2ª Guerra Macedónica. - Antíoco dirige-se para a Ásia Menor e ocupa Éfeso (iniciando uma disputa com Smirna e Lâmpsaco). - Ascensão de Êumenes II de Pérgamo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória de Tito Quíncio Flamínio sobre Filipe V na batalha de Cinocéfalos. - Término da 2ª Guerra Macedónica. - “Rebeliões” Hispânicas. 	
196 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Rendição de Filipe V e proclamação da “Independência” das cidades gregas por Flamínio nos jogos Ístmicos. - Antíoco III assegura o controlo da Trácia. - Embaixadores romanos encontram-se com Antíoco III em Lisimaquia. - Consagração de Ptolomeu V como rei em Mênfis. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aníbal inicia reformas democráticas em Cartago. - Smirna e Lâmpsaco apelam ao senado romano. - Os <i>Insubri</i> são derrotados por Marcelo. - Rendição de Filipe V e proclamação da “Independência” das cidades gregas por Flamínio nos jogos Ístmicos. - Embaixadores romanos encontram-se com Antíoco III em Lisimaquia. - Expedição punitiva de Catão na Hispânia⁹⁴⁶. 	
195 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Guerra entre Roma e Esparta (que rapidamente se submete ao jugo romano). - Paz entre Antíoco III e Ptolomeu V. 	<ul style="list-style-type: none"> - A embaixada romana em Cartago obriga Aníbal a exilar-se. - Masinissa começa a realizar raides em território cartaginês. 	<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Eratóstenes (Matemático de Cirene) que é substituído por Aristófanos de Bizâncio na Biblioteca de Alexandria.

⁹⁴⁶ Esta expedição é por vezes associada ao ano seguinte.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Antíoco III volta à Trácia. - Aníbal junta-se a Antíoco III em Éfeso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revogação da <i>Lex Oppia</i> em Roma. - Guerra entre Roma e Esparta (que rapidamente se submete ao jugo romano). 	
194 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Flamínio regressa a Itália após evacuar os soldados romanos que se encontravam na Grécia. - Antíoco III regressa mais uma vez à Trácia reabrindo as negociações com os romanos. - Ptolomeu V casa com Cleópatra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os Lusitanos entram em guerra com Roma. - Criação da colónia latina em Buxento (Magna Grécia). - Flamínio regressa a Itália após evacuar os soldados romanos que se encontravam na Grécia. - Antíoco III regressa mais uma vez à Trácia reabrindo as negociações com os romanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - O Templo de Juno <i>Sospita</i> é dedicado no Fórum Holitório.
193 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Os Etólios passam a apoiar Antíoco III. - Nábis quebra o tratado com Roma e ataca os Aqueus. - Embaixada malograda de Antíoco III a Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Masinissa saqueia território cartaginês. - Embaixada malograda de Antíoco III a Roma. 	
192 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Nábis é derrotado e morto. - Esparta junta-se à Liga Aqueia. - Os Etólios convidam Antíoco III a invadir a Grécia. - Começo da Guerra “Síria” entre Antíoco III e 	<ul style="list-style-type: none"> - Começo da Guerra “Síria” entre Antíoco III e Roma. 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	Roma. - Treino e utilização da primeira cavalaria catafractária (ao serviço de Antíoco III).		
191 a.C.	- Mânio Acílio Glabrião desembarca na Grécia. - Antíoco III é derrotado por Mânio Glabrião na 3ª batalha das Termópilas, fugindo para Éfeso. - Lívio leva a armada romana para a Ásia Menor. - Êumenes e os habitantes de Rodes juntam-se a Roma. - A armada de Antíoco III é derrotada em Córico (Cilícia, Anatólia).	- Roma rejeita a proposta de Cartago em pagar toda a indemnização. - Cipião Nasica derrota os Boios (tribo celta que se tinha instalado na Gália Cisalpina, assim como noutras regiões). - Começo da campanha de Paulo a fim de terminar com as revoltas na Hispânia. - Mânio Acílio Glabrião desembarca na Grécia. - Antíoco III é derrotado por Mânio Glabrião na 3ª batalha das Termópilas, fugindo para Éfeso. - Lívio leva a armada romana para a Ásia Menor. - Êumenes e os habitantes de Rodes juntam-se a Roma. - A armada de Antíoco III é derrotada em Córico (Cilícia, Anatólia).	- Dedicção do templo a Cibele (<i>Magna Mater</i>). - <i>Lex Acilia</i> altera o calendário romano.
190 a.C.	- Conflito naval entre Antíoco e Rodes.	- Os Romanos capturam Foceia,	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		invadem a Ásia e ganham a batalha de Magnésia.	
189 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Derrota dos Etólios - Malogro dos Gálatas na batalha do Monte Olimpo. - Conclusão da Guerra “Síria” entre Antíoco III e Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da campanha punitiva de Paulo na Hispânia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Possível participação de Políbio na campanha romana contra os gauleses na Ásia Menor. - Embaixada (da Liga Aqueia) na qual se encontrava Políbio a Roma.
188 a.C.	- Paz de Apameia.	- Paz de Apameia.	
186 a.C.			<ul style="list-style-type: none"> - Políbio é eleito embaixador numa missão diplomática à Corte de Ptolomeu V Epífanês (205-181 a.C.).
186-183 a.C.	- Prúsias I da Bitínia ataca Eumenes II de Pérgamo.		
184 a.C.	- Batalha naval ganha por Aníbal (ao serviço de Prúsias)		- Políbio é eleito general da Liga Aqueia.
183 a.C.		- Morte de Cipião Africano.	- Políbio leva a urna funerária de Filopémen.
182 a.C.		- Morte de Aníbal.	
181 a.C.			- Nova embaixada de Políbio à Corte egípcia de Ptolomeu V Epífanês.
179-178 a.C.		- Expediência de Graco na Hispânia.	
178 a.C.		- Término das “rebeliões” Hispânicas.	
171 a.C.	- Início da 3ª Guerra Macedónica.	- Início da 3ª Guerra Macedónica.	
170-168 a.C.	- Sexta guerra Síria: Antíoco IV invade o Egípto	- Intervenção romana na sexta guerra Síria (levou ao final do conflito).	
170/169 a.C.			- Políbio é eleito Hiparco da Liga Aqueia.
168 a.C.	- Batalha de Pidna	- Batalha de Pidna	- Políbio (assim como muitos outros Aqueus) é levado para Itália, de forma a ser julgado por ter interferido com a soberania romana na Grécia.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
			- <i>Terminus post quem</i> da redação dos 15 primeiros Livros das <i>Histórias</i> de Políbio ⁹⁴⁷ .
167 a.C.	- Partição da Macedónia - Conclusão da 3ª Guerra Macedónica.	- Partição da Macedónia - Conclusão da 3ª Guerra Macedónica.	- Políbio permanece em Roma, em casa de Emílio Paulo, tutorando os seus dois filhos (dos quais devemos destacar Públio Cipião Emiliano).
166 a.C.	- Antíoco IV faz um triunfo em <i>Daphnae</i> (fortaleza perto da atual Qanṭarah) - Intervenção do mesmo monarca em Jerusalém.		
166/165 a.C.	- Revolta Macabeia na Judeia.		
163 a.C.	- Antíoco IV intercede novamente na Judeia.		
158 a.C.		- Minas de prata macedónicas são reabertas sob o controlo romano.	
154-150 a.C.		- Novas revoltas na Hispânia	
151 a.C.			- Políbio acompanha Cipião Emiliano à Hispânia. - Por volta deste ano Políbio terá regressado à Arcádia.
149 a.C.		- Início da 3ª Guerra Púnica	- Políbio é convidado pelos romanos para ingressar nas conversações diplomáticas que precederam a última Guerra Púnica
149-148 a.C.	- 4ª Guerra Macedónica	- 4ª Guerra Macedónica.	
149-146 a.C.		- Cerco de Cartago.	
147 a.C.		- Batalha de Néferis.	- Participação de Políbio

⁹⁴⁷ Atente-se que as linhas gerais pelas quais é possível datar a composição da obra de Políbio partem somente de evidências literárias internas deste trabalho.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<ul style="list-style-type: none"> - Início da revolta de Viriato na Hispânia. - Começo do cerco de Cartago. 	no assédio a Cartago (tendo, muito possivelmente, dado instruções de cerco a Cipião Emiliano).
146 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Liga Aqueia derrotada por Lúcio Múmio. - Destruição de Corinto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Liga Aqueia derrotada por Lúcio Múmio. - Destruição de Cartago. - Final da 3ª Guerra Púnica. - Destruição de Corinto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Políbio assiste ao saque e destruição da capital cartaginesa. - Políbio regressa à Grécia a tempo de presenciar a destruição de Corinto. - <i>Terminus ante quem</i> da elaboração dos primeiros 15 Livros das <i>Histórias</i> de Políbio. - <i>Terminus post quem</i> a escrita dos restantes Livros das <i>Histórias</i> de Políbio.
143 a.C.		- Começo da revolta de Numância na Hispânia	
139 a.C.		- Conclusão da revolta de Viriato na Hispânia.	
136 a.C.		- Cerco de Palância.	
135 a.C.		- Início da 1ª revolta de escravos na Sicília.	- <i>Terminus post quem</i> para o nascimento de Asclepiódoto, ‘o Tático’.
133 a.C.	- Morte do rei Átalo III de Pérgamo que doa o seu reino a Roma.	<ul style="list-style-type: none"> - Fim da revolta de Numância com o saque à cidade pelo exército de Cipião Emiliano. - Morte do rei Átalo III de Pérgamo que doa o seu reino a Roma. - Tibério Graco propõe a <i>lex agraria</i> que é passada, contudo é posteriormente assassinado. 	- Políbio terá acompanhado Cipião Emiliano no cerco a Numância.
132 a.C.		- Término da 1ª revolta de escravos na Sicília.	
125-123		- Roma conquista a	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
a.C.		Gália Transalpina.	
123-121 a.C.		- Ocupação romana das Baleares	
123 a.C.			- Reformas de Caio Graco. - 'Estado' romano começa a armar e equipar os legionários.
124 a.C.		- Gaio Graco é eleito tribuno.	
121 a.C.		- Gaio Graco e os seus seguidores são mortos.	
118 a.C.			- Data aproximada da morte de Políbio (que caiu do cavalo durante uma viagem de regresso à Grécia).
114 a.C.	- Mitridates IV de Ponto ganha controlo da Crimeia.	- Mitridates IV de Ponto ganha controlo da Crimeia.	
113 a.C.		- Jugurta saqueia a capital da Numídia (Cirta). - Os Cimbros derrotam Gneu Papiro Carbo na Nórca.	
111 a.C.		- Começo da Guerra Jugurtina.	
109-107 a.C.		- Campanhas de Metelo contra Jugurta.	- Última referência à utilização dos <i>velites</i> .
108 a.C.		- Captura de <i>Thala</i> . - Mário é eleito cônsul pela primeira vez.	
107 a.C.		- Mário captura Capsa (na Numídia).	- Mário recruta soldados dos proletários.
106 a.C.		- <i>Bocchus</i> da Mauritânia entrega Jugurta a Sula.	
105 a.C.		- Derrota romana na batalha de Aráusio (no Reno) frente aos Cimbros e Teutões. - Fim da Guerra Jugurtina.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
104-100 a.C.		- 2ª Revolta de escravos na Sicília (em Trífon).	- Mário abole a qualificação das propriedades para os soldados. - Reorganização do exército romano por Mário
102 a.C.		- Mário derrota os Teutões na batalha de <i>Aquae Sextiae</i> .	
101 a.C.		- Mário e Cátulo derrotam os Cimbro em Vercelas.	
100-98 a.C.		- Mário torna-se cônsul pela sexta vez, mas os seus aliados provocam instabilidade em Roma e Mário é obrigado a sair da cidade.	
100 a.C.			- Nascimento de Júlio César.
91-90 a.C.		- Começo da guerra social na república romana.	
90-89 a.C.		- Mário e Sula viram a guerra a favor de Roma.	
88 a.C.		- Últimos rebeldes Samnitas são derrotados. - Sula e Mário disputam pelo poder em Roma. - Sula marcha em Roma e Mário é obrigado a fugir. - Termo da Guerra Social na República romana.	
88 a.C.	- Início da 1ª Guerra Mitridática. - Mitridates controla a Ásia Menor através do massacre	- Início da 1ª Guerra Mitridática. - Mitridates controla a Ásia Menor através do	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
	de todos os romanos lá presentes.	massacre de todos os romanos lá presentes.	
87 a.C.	- Sula cerca as forças do rei do Ponto em Atenas.	- Sula cerca as forças do rei do Ponto em Atenas. - Revolução de Cina em Roma. - Mário regressa à cidade e massacra os apoiantes de Sula.	
86 a.C.	- Sula conquista Atenas e derrota os exércitos bitínios na 2ª batalha de Queroneia e de Orcómeno.	- Sula conquista Atenas e derrota os exércitos bitínios na 2ª batalha de Queroneia e de Orcómeno.	- Caio Mário elege Júlio César (seu sobrinho) <i>flamen dialis</i> .
85 a.C.	- Paz com Mitridates. - Fim da 1ª Guerra Mitridática.	- Paz com Mitridates. Fim da 1ª Guerra Mitridática.	
84 a.C.			- 1º Casamento de Júlio César com Cornélia.
83-82 a.C.	- 2ª Guerra Mitridática.	- 2ª Guerra Mitridática. - Sula (apoiado por Pompeu) regressa a Itália, conquista Roma e institui um reino de terror.	
81-79 a.C.		- Revolta contra Sula liderada por Sertório na Hispânia.	
78 a.C.		- Morte de Sula (na altura ditador em Roma).	
77 a.C.		- Começo das campanhas de Pompeu contra Sertório (inconclusivas).	
76 a.C.		- Fim das campanhas de Pompeu contra Sertório (inconclusivas).	- <i>Terminus ante quem</i> para o nascimento de Asclepiódoto, ‘o Tático’. - <i>Terminus post quem</i> para a escrita do <i>Tática</i> de

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
			Asclepiódoto, ‘o Tático’ ⁹⁴⁸ . - Júlio César é capturado por piratas, sendo posteriormente eleito <i>tribunus militum</i> .
74 a.C.	- Início da invasão de Mitridates à Bitínia.	- Início da invasão de Mitridates à Bitínia.	- Júlio César recruta uma companhia de voluntários em Rodes, protegendo a região de Cária (a ocidente da Ásia Menor) que se encontrava ameaçada por Mitridates.
73 a.C.		- Começo da revolta de escravos no sul da Península Itálica liderada por Espártaco (com um sucesso inicial).	
72 a.C.	- Expulsão definitiva de Mitridates da Bitínia por Lúculo.	- Derrota de Sertório na Hispânia. - Expulsão definitiva de Mitridates da Bitínia por Lúculo.	
71 a.C.		- Crasso suprime a revolta de Espártaco, matando-o em batalha.	
70 a.C.		- Crasso e Pompeu tornam-se cônsules pela primeira vez.	
69 a.C.	-Lúculo derrota o rei Tigranes da Arménia na batalha de Tigranocerta.	-Lúculo derrota o rei Tigranes da Arménia na batalha de Tigranocerta.	
68 a.C.			- Júlio César é enviado para a Hispânia para servir como questor.
67 a.C.	- Pompeu limpa o Mediterrâneo dos ataques piratas.	- Extensão dos poderes de Pompeu (<i>Lex Gabinia</i>). - Pompeu limpa o Mediterrâneo dos	- 2º Casamento de Júlio César com Pompeia (sobrinha de Pompeu). - Júlio César auxilia Pompeu a adquirir as

⁹⁴⁸ Não foi possível estabelecer um limite antes do qual esta obra terá sido escrita.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		ataque piratas.	extensões de poderes (<i>Lex Gabinia</i>).
66 a.C.	- Início das campanhas de Pompeu no Oriente.	- Promulgação da <i>Lex Manilia</i> que concede o comando a Pompeu nas guerras contra Mitridates. - Início das campanhas de Pompeu no Oriente.	- Júlio César apoia Pompeu, ajudando a promulgação da <i>Lex Manilia</i> .
65 a.C.			- Nomeação de Júlio César de Edil.
63 a.C.		- Consulado de Cícero. - Começo da Conspiração Catilinária.	- Júlio César eleito <i>Pontifex Maximus</i> .
62 a.C.	- Término das expedições de Pompeu no Próximo Oriente: criação das províncias da Bitúnia, Cilícia e Síria e coloca no poder vários reis fantoches.	- Término das expedições de Pompeu no Próximo Oriente: criação das províncias da Bitúnia, Cilícia e Síria e coloca no poder vários reis fantoches. - Fim da Conspiração Catilinária.	- Júlio César indigitado pretor. - É expulso temporariamente do Senado.
60 a.C.		- Formação do “primeiro” triunvirato composto por Pompeu, Crasso e César.	- Formação do “primeiro” triunvirato composto por Pompeu, Crasso e César.
59 a.C.			- 1º Consulado de César (com Bíbulo). - Júlio César é nomeado procônsul da Gália Cisalpina e Narbonense, e da região da Ilíria.
58 a.C.		- Início das Guerras Gálicas. - Júlio César derrota a confederação dos Helvéticos na batalha de Bibracte.	- Júlio César derrota a confederação dos Helvéticos na batalha de Bibracte. - Vence igualmente os germanos de Ariovisto no Reno.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Vence igualmente os germanos de Ariovisto no Reno.	
57 a.C.		- Júlio César derrota a confederação dos Belgas (no norte da Gália). - Aniquila também os Nérvios no rio Sambre.	- Júlio César derrota a confederação dos Belgas (no norte da Gália). - Aniquila também os Nérvios no rio Sambre.
56 a.C.		- César vence os <i>Veneti</i> (norte da Gália).	- César vence os <i>Veneti</i> (norte da Gália).
55-54 a.C.		- Massacre dos Teutões pelos exércitos de César. - Travessia do Reno e invasões consecutivas à Britânia. - Revoltas em Roma.	- Massacre dos Teutões pelos exércitos de César. - Travessia do Reno e invasões consecutivas à Britânia.
53 a.C.		- Crasso invade a Pártia e é derrotado na batalha de Carras.	
52 a.C.		- Revolta de Vercingétorix na Gália. - Júlio César conquista Avárico, é repellido em Gergóvia, mas derrota os revoltosos em Alésia.	- Júlio César conquista Avárico, é repellido em Gergóvia, mas derrota os revoltosos em Alésia. - <i>Terminus post quem</i> da composição de, pelo menos, os sete primeiros Livros dos <i>Comentarii de Bello Gallico</i> , de Júlio César.
51 a.C.		- Os Partas invadem a Síria.	- <i>Terminus ante quem</i> da elaboração da primeira parte dos <i>Comentarii de Bello Gallico</i> , de Júlio César.
50 a.C.		- Fim das Guerras Gálicas. - César recusa-se a licenciar os seus soldados e é condenado pelo Senado.	- César recusa-se a licenciar os seus soldados e é condenado pelo Senado.

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
49 a.C.		<p>- Guerra Civil em Roma entre César e Pompeu.</p> <p>- Júlio César atravessa o Rubicão, conquistando a Península Itálica.</p> <p>- Captura de Massília pelo exército de Júlio César.</p> <p>- Derrota dos apoiantes de Pompeu na batalha de Ilerda (Hispania).</p>	<p>- Júlio César atravessa o Rubicão, conquistando a Península Itálica.</p> <p>- Captura de Massília pelo exército de Júlio César.</p> <p>- Derrota dos apoiantes de Pompeu na batalha de Ilerda (Hispania).</p> <p>- Nomeação de César como ditador (<i>Dictator</i>) por onze dias.</p> <p>- <i>Terminus post quem</i> para a redação dos <i>Comentarii Bellum Civile</i>, de Júlio César.</p>
48 a.C.		<p>- César invade a Grécia, sendo, numa fase inicial, repellido em Dirráquio.</p> <p>- Posteriormente derrota Pompeu em Farsalo, perseguindo-o até ao Egipto (onde seria assassinado).</p> <p>- Guerra civil Alexandrina entre Ptolomeu XIII e Cleópatra que com o apoio dos exércitos de Júlio César se torna Faraó.</p>	<p>- César invade a Grécia, sendo, numa fase inicial, repellido em Dirráquio.</p> <p>- Posteriormente derrota Pompeu em Farsalo, perseguindo-o até ao Egipto (onde seria assassinado).</p> <p>- Guerra civil Alexandrina entre Ptolomeu XIII e Cleópatra que com o apoio dos exércitos de Júlio César se torna Faraó.</p> <p>- 2º consulado de César.</p> <p>- 2ª nomeação como ditador (que duraria até 46 a.C.).</p>
47 a.C.		<p>- César derrota Fárnaces na batalha de Zela, pacificando a Síria e Ásia Menor.</p> <p>- César é declarado</p>	<p>- César derrota Fárnaces na batalha de Zela, pacificando a Síria e Ásia Menor.</p> <p>- César é declarado</p>

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Ditador.	Ditador.
46 a.C.		- César derrota os apoiantes de Pompeu em Tapso (no Norte de África).	- César derrota os apoiantes de Pompeu em Tapso (no Norte de África). - 3º consulado de César.
45 a.C.		- Júlio César volta a derrotar os Pompeianos em Munda (Hispania). - Conclusão da Guerra Civil em Roma entre César e Pompeu.	- Júlio César volta a derrotar os Pompeianos em Munda (Hispania). - César torna-se cônsul único em Roma.
44 a.C.		- Após ser nomeado ditador vitalício, Júlio César é assassinado durante os Idos de Março.	- <i>Terminus ante quem</i> para a redação dos <i>Comentarii Bellum Civile</i> , de Júlio César. - Após ser nomeado ditador vitalício, Júlio César é assassinado durante os Idos de Março.
43 a.C.		- Octaviano derrota Marco António em Mutina. - Formação do 2ª Triunvirato constituído por Octaviano, António e Lépido.	
42 a.C.		- António e Octaviano derrotam Brutos e Cássio na batalha de Filipos.	
41-40 a.C.		- Octaviano captura Perúsia (Itália). - Divisão do mundo romano entre Marco António e Octaviano.	
40 a.C.			- Data provável da publicação dos <i>Comentarii Bellum Civile</i> , de Júlio César.
38-36		- Octaviano e Agripa	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
a.C.		derrotam Sexto Pompeu na Sicília, derrotando-o na batalha naval de Náulocos.	
36 a.C.		- Campanha malograda de Marco António na Pártia. - Lépido é afastado do poder por Octaviano.	
34-33 a.C.		- Expedições de Marco António na Arménia.	
32 a.C.		- Conquista da Mauritânia por Roma. - Octaviano declara guerra a Marco António.	
31 a.C.		- Octaviano e Agripa derrotaram Marco António e Cleópatra em <i>Actium</i> .	
28 a.C.		- Octaviano purga o Senado e efetua um <i>census</i> .	
27 a.C.	Fim da República Romana e começo do Principado.		
27 a.C.		- Octaviano é proclamado Augusto (<i>Augustus</i>) e Imperador (<i>Imperator</i>). - Cria uma nova estrutura administrativa, reorganizando as províncias.	- Redução do exército romano para uma força profissional de 28 legiões (mais auxiliares), tendo sido dadas terras a 100 000 veteranos de guerra.
26 a.C.		- Augusto começa a pacificação da Espanha.	
25-24 a.C.		- Roma anexa a Galácia. - A Numídia e a Tarraconense tornam-se províncias. - Campanhas mal	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<p>sucedidas de Élio Galo na Arabia Félix.</p> <p>- As portas do templo de Jano são fechadas marcando a primeira paz em solo romano ao longo dos últimos dois séculos.</p>	
22-20 a.C.		- a Pártia é coagida a devolver os estandartes perdidos na batalha de Carras.	
19 a.C.		- Agripa termina a pacificação da Hispânia.	
16-14 a.C.		<p>- Campanhas de Augusto na Gália.</p> <p>- Agripa estabiliza a parte oriental do império.</p>	
13-12 a.C.		<p>- Agripa e Tibério executam uma campanha no Danúbio.</p> <p>- Tibério torna-se pela primeira vez tribuno.</p>	
12-9 a.C.		- Expedição de Cláudio Druso na Germânia que termina com a morte deste.	
8-7 a.C.		- Tibério subjuga a tribo dos <i>Sugambri</i> na Germânia.	
6 a.C.		- Tibério retira-se para Rodes.	
2 a.C.		- Augusto é proclamado <i>pater patriae</i>	- Formação da Guarda Pretoriana.
D.C.			
2		- Caio César entra em negociações com o rei da Partia.	
4-5		- Tibério e Germânico lideram uma campanha na Germânia.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
6		<ul style="list-style-type: none"> - A Judeia é feita província. - Criação da <i>praefectura vigilum</i> com o propósito de manter a segurança noturna da capital do império. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação do <i>aerarium militare</i> (erário militar), fundo para o pagamento dos serviços dos veteranos de guerra.
6-8		<ul style="list-style-type: none"> - Revolta na Panónia e em Ilírico suprimida gradualmente por Tibério. 	
9		<ul style="list-style-type: none"> - Três legiões comandadas por Varo são massacradas por Armínio na Germânia na batalha de Teutoburgo. 	
10-17		<ul style="list-style-type: none"> - Expedição inconclusiva de Germânico contra Armínio 	
14		<ul style="list-style-type: none"> - Morte de Augusto, sucedido por Tibério. - Revolta das legiões do Reno e do Danúbio pacificada por Germânico e Druso. 	
17		<ul style="list-style-type: none"> - Rebelião de <i>Tacfarinas</i> no Norte de África. 	
17-19		<ul style="list-style-type: none"> - Germânico transforma a Capadócia e Comagene em províncias imperiais. 	
21		<ul style="list-style-type: none"> - Revolta na Gália é controlada. - Construção do acampamento pretoriano. 	
24		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Tacfarinas</i> é derrotado por Dolabela. 	
27		<ul style="list-style-type: none"> - Tibério retira para Capri, deixando Sejano 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		(prefeito da guarda pretoriana) a tiranizar Roma.	
31		- Morte de Sejano.	
37		- Tibério é sucedido por Calígula.	
39-40		- Campanhas inconclusivas de Calígula no Reno e no Canal da Mancha	
41		- Assassínio de Calígula e ascensão de Cláudio.	
42		- Organização da Mauritânia em duas províncias.	
43		- Invasão da Bretanha composta por 4 legiões (a qual Cláudio se juntaria posteriormente).	
47		- A fronteira do império é estabelecida de Trent ao rio Severn.	
51		- Carataco derrotado no País de Gales.	
54		- Cláudio é envenenado e sucedido por Nero.	
58-61		- Expedições bem-sucedidas de Córbulo na Pártia e na Arménia.	
61		- Revolta da Boudica na Bretanha derrotada por Suetónio Paulino.	
64		- Incêndio de Roma e perseguição aos Cristãos.	
66		- Nero coroa Tirídates rei da Arménia. - Revolta contra Floro na Judeia.	
67		- Campanhas de Vespasiano na Judeia que culmina no cerco de Yodfat	
68		- Vespasiano ataca	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		<p>Jerusalém.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Revolta de Vindex na Gália suprimida. - Suicídio de Nero e início do ano dos quatro imperadores. 	
69		<ul style="list-style-type: none"> - Rebelião de Caio Júlio Civil no Reno. - Guerra Civil em todo o Império. 	
70		<ul style="list-style-type: none"> - Caio Júlio Civil derrotado por Petílio. - Tito assalta e captura Jerusalém. - Vespasiano toma o poder em Roma. 	
73		<ul style="list-style-type: none"> - Romanos capturam Massada. 	
78		<ul style="list-style-type: none"> - Agrícola conquista o país de Gales e Brigantina. 	
79		<ul style="list-style-type: none"> - Campanha de Agrícola na Escócia. - Erupção do Vesúvio. - Morte de Vespasiano, sucedido por Tito. 	
80		<ul style="list-style-type: none"> - O Coliseu é completo. 	
81		<ul style="list-style-type: none"> - Tito morre e é sucedido por Domiciano. 	
83		<ul style="list-style-type: none"> - Agrícola derrota a confederação Caledónia (comandada por <i>Calgacus</i>) na batalha do Monte Gráupio - Domiciano ataca os Catos e estabelece uma nova fronteira entre o 	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Reno e o Danúbio.	
85-86		- Os Dácios invadem a Mésia e derrotam o exército romano.	
88		- Os Dácios são derrotados na batalha de Tapas, porém Domiciano estabelece uma paz de compromisso. - Rebelião de Saturnino na Germânia.	
89-96		- Terror em Roma	
92		- Campanhas de Domiciano no Danúbio.	
96		- Domiciano é assassinado e sucedido por Nerva.	
97		- Revolta malograda da guarda pretoriana.	
98		- Nerva morre e é sucedido por Trajano. - Expedições de Trajano no Reno.	- <i>Terminus post quem</i> para a composição das <i>Disposições Militares dos Gregos de Eliano</i> , 'o Tático'.
101-102		- Trajano invade a Dácia e força a rendição de Decébalos.	
105-106		- Os Dácios revoltam-se, contudo Trajano invade-os com 10 legiões e transforma a Dácia numa província.	
106		- Data provável da anexação da Arábia Pétria	
114-116		- Trajano após uma campanha de conquista no oriente, cria novas províncias e captura Ctesifonte.	
115-117		- Revoltas por diversas partes do império	
117		- Morte de Trajano, herdando Adriano o	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		torno imperial.	
118-120		- Adriano põe um fim às políticas expansionistas e recua até a linha do Eufrates.	
121-130		- Construção da muralha de Adriano (entre o rio <i>Tyne</i> e a região de <i>Solway Firth</i>).	
132-135		- Revolta judaica liderada por <i>Bar-Kochba</i> que só teria fim com a expulsão dos Judeus a Judeia (rebatizada de Síria Palestina).	
135			- Possível data em que Arriano defendeu a Capadócia dos Alanos.
138		- Adriano morre e é sucedido por Antonino.	- <i>Terminus ante quem</i> para a redação das <i>Disposições Militares dos Gregos</i> de Eliano, 'o Tático'.
141-143		- Lólio Urbício conquista o sul da Escócia e constrói uma nova fronteira (entre <i>Forth</i> e <i>Clyde</i>).	
145-152		- Supressão de revoltas na Mauritânia.	
155-160		- Período em que os Brigantes se terão revoltado na Britânia.	
157-159		- Revolta na Dácia suprimida, sendo a região dividida em 3 províncias.	
161		- Antonino morre e é sucedido por Marco Aurélio (que partilha o poder com Lúcio Vero).	
162-166		- Pártia invade a Arménia, mas é repelida sendo que os romanos conquistam a	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Selêucia e Ctesifonte. - Revoltas na Britânia e na Germânia.	
167-169		- Marcomanos aliados a outros povos atravessam o Danúbio e cercam Aquileia, sendo expulsos por Marco e Vero.	
169		- Morte de Lúcio Vero.	
170-175		- Expedições vitoriosas de Marco Aurélio contra os Marcomanos, os Quados e os Iáziges no Danúbio.	
175		- Rebelião malograda de Cássio na Síria	
178-180		- Nova campanha no Danúbio comandada por Marco e Cómodo.	
180		- Marco morre e é sucedido por Cómodo.	
181-191		- Instabilidade na Britânia, Germânia e Norte de África suprimida.	
192-193		- Cómodo, Pertinax e Dídio Juliano são assassinados. O comandante da Panónia, Septímio Severo toma o poder.	- Reorganização da guarda pretoriana por Severo.
194		- Início da Guerra Civil em Roma - Severo derrota o seu rival a oriente Níger na batalha de Isso.	
195-196		- Severo captura Bizâncio e derrota os Partas.	
197		- Invasão da Britânia repelida por Vírio Lupo. - Severo derrota Albino	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		em Lyon.	
197-199		- Nova guerra contra os Partas que termina com a destruição de Ctesifonte.	
199-204		- Severo visita o Egípto e o norte de África e apazigua os soldados através de pagamentos e de concessões de casamento.	
208-210		- Campanha de Severo na Escócia.	
211-212		- Severo morre em Iorque. - Caracala mata Geta e torna-se o único imperador. - Fim da Guerra Civil em Roma.	
213-214		- Caracala combate os Alanos no Reno.	
215-216		- Caracala invade a Pártia.	
217		- O imperador é assassinado pelas suas próprias tropas e substituído por Macrino.	
218		- Macrino é morto por Júlia Mesa que favorece o seu neto Heliogábalo.	
222		- Heliogábalo é assassinado e substituído por Severo Alexandre.	
224-227		- Os Partas são derrubados pelos Persas Sassânidas (comandados por <i>Ardashir</i>).	
230-233		- Ardashir invade a Mesopotâmia e luta contra Alexandre.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
234-235		- Alamanos e Marcomanos atravessam o Reno e o Danúbio. Alexandre luta contra eles mas não conseguindo expulsá-los, subornam-os.	
235		- Alexandre é morto pelos seus próprios soldados amotinados, sendo sucedido por Maximino.	
238		- Os Persas atacam a fronteira oriental. - Revoltas contra Maximino e ascensão de Gordiano.	
241		- Morte de <i>Ardashir I</i> , sucedido por <i>Shapur I</i> .	
243/244		- Gordiano é derrotado por <i>Shapur I</i> da Pérsia.	
249/250		- Os Godos saqueiam os Balcãs.	
251		- Morte de Décio durante um combate com os Godos.	
259-273		- Formação de um “império” da Gália, fundado por Póstumo.	
260		- Derrota e captura de Valeriano pelos Persas. - Os Francos invadem a Gália, os Alamanos a Itália. - Revoltas nos Balcãs.	
261-268		- Odénato de Palmira toma controlo das províncias orientais.	
262-267		- Godos invadem a Ásia Menor.	
267	- Godos saqueiam Atenas	- Godos saqueiam Atenas.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Zenóbia sucede a Odénato que entretanto fora assassinado.	
270		- Ascensão de Aureliano	
271		- Os romanos retiram da Dácia. - Reconstrução das muralhas de Roma.	
272		- Aureliano derrota o reino de Palmira.	
273		- Aureliano reconquista a Gália.	
275		- Assassinato de Aureliano e período de instabilidade.	
284		- Ascensão de Diocleciano.	
290-299			- Reorganização da fronteira que separa o poder militar do poder civil dos <i>duces</i> (duques).
290-329			- Criação de uma nova guarda imperial (<i>scholae</i>), sob o comando do <i>magister officiorum</i> .
293		- Início da Tetrarquia: Maximiano como co augusto e Constâncio e Galério com o título de César.	
305		- Abdicação de Diocleciano e Maximiano.	
310-329		- Os exércitos campais (<i>comitatenses</i>) passam a estar sobre o comando de um mestre de infantaria (<i>magister peditum</i>) e um mestre dos cavalos (<i>magister equitum</i>).	
312		- Constantino conquista Roma após a batalha da Ponte Mílvia.	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		- Constantino adota o cristianismo.	
324		- Constantino derrota Licínio e torna-se no único imperador.	
328		- Fundação de Constantinopla.	
330			
331-339			- Criação de prefeituras regionais de pretorianos.
337		- Constantino lança uma campanha contra <i>Shapur</i> I da Pérsia.	- Emergência dos exércitos campais regionais (o 1º aparece em <i>Ilírico</i>)
344		- Batalha inconclusiva de <i>Singara</i> entre os Persas e Constâncio II	
350		- 3º cerco de Nísibis por <i>Shapur</i> . - Usurpação de Magnêncio na Gália. - Morte de Constante I	
353		- Constâncio II derrota Magêncio em Mursa e reunifica o império.	
357		- Juliano derrota os Alamanos em Estrasburgo.	
359		- <i>Shapur</i> captura Amida.	
360		- Tropas em Paria aclamam Juliano de Augusto.	
361		- Juliano marcha a oriente contra Constâncio. - Morte de Constâncio.	
363		- Juliano invade a Pérsia - Joviano entrega território conquistado em troca da paz. - Joviano morre na	

Ano	Grécia Antiga, Império Persa e Mundo Helenístico	Roma e outras Civilizações do Mediterrâneo	Tratadística, reformas militares e marcos culturais
		Mesopotâmia.	
370			- <i>Terminus post quem</i> para a composição do <i>De Rebus Bellicis</i> .
376		- Os Godos atravessam o Danúbio para escapar dos Hunos.	
378		- Os Godos derrotam e matam Valente na batalha de Adrianopla.	
379			- <i>Terminus antes quem</i> para a elaboração do <i>De Rebus Bellicis</i> .
381			- <i>Terminus post quem</i> para a redação do <i>Epitoma Rei Militaris</i> de Vegécio.
382		- Teodósio fixa os Godos nos Balcãs como tropas federadas.	
388		- Teodósio reunifica o império.	
390			- <i>Terminus antes quem</i> para a composição do <i>Epitoma Rei Militaris</i> de Vegécio.
392		- Argobasto proclama Eugénio imperador do Ocidente.	
394		- Teodósio derrota Eugénio e reunifica o império.	
395		- Morte de Teodósio e divisão entre Arcádio e Honório.	
396		- Alarico invade e saqueia a Grécia.	
400		- Gainas (comandante godo que servira Bizâncio) e os seus seguidores godos são expulsos de Constantinopla.	- Compilação do <i>Notitia Dignitatum</i> .